

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Bárbara Maria Brandão Guatimosim

**KAFKA E A BUSCA DE SUSTENTAÇÃO:
um corpo a se escrever**

Belo Horizonte
2018

Bárbara Maria Brandão Guatimosim

**KAFKA E A BUSCA DE SUSTENTAÇÃO:
um corpo a se escrever**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literaturas modernas e contemporâneas

Linha de pesquisa: Literatura e Psicanálise

Orientador: Prof. Dr. Ram Avraham Mandil

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos membros da banca, por aceitarem o convite de participar da defesa: Alberto Pucheu, Elcio Loureiro Cornelsen, Lucia Castello Branco, Susana Kampff Lages; e às queridas suplentes: Lúcia Grossi e Vera Lúcia Casa Nova.

Ao Ram Mandil, por ter me acompanhado ao longo desses anos nessa empreitada do doutorado com interesse e precisão, atento onde não estava minha atenção, com a distância rara de um verdadeiro *Über-ich*.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano, onde me dedico ao trabalho de transmissão da psicanálise. Aos colegas do Aleph- Escola de Psicanálise, Ato – Escola de Psicanálise, Iepsi- Escola de Psicanálise de Belo Horizonte, Círculo psicanalítico de Minas Gerais; enfim, à *comunidade* de analistas que fazem parte da minha formação permanente.

Ao Nestor Vaz, ao Sérgio Becker, amigos da Escola Letra Freudiana, pela interlocução preciosa e permanente; ainda aos inesquecíveis Maria da Penha Simões e Paulo Becker, que recentemente ficaram encantados, deixando muitas saudades.

Aos organizadores do Projeto Franz Kafka da Faculdade de Letras da UFRJ, que com suas Kafkianas – 2017 propiciaram-me a ocasião única de estar entre pesquisadores e interessados em torno da obra de Kafka, arrancando-me, por um momento, da companhia dos livros.

À Cleonice Paes Barreto Mourão, Cleô do coração, sempre presente em todas as letras.

Vivi & Ângelo, pela grandeza do coração que nos cabe, na acolhida generosa dos banquetes de carinho, música, fauna, flora e mesa!

Vanessa & Guilherme, filhos e netos, extensão da família, pelos ótimos encontros e conversas regadas a bons quitutes e boas risadas que mantém nossa alegria em dia!

Gratidão ao meu marido, Inácio, pela família, pela presença constante e ajuda carinhosa, ocupando os lugares dos quais tive de me ausentar na dedicação ao trabalho.

Aos meus filhos queridos, Matheus, Carlos e Júlio, tão diferentes, mas a quem igualmente me dedico nessa “empresa demente que uma casa representa”: “O lugar da própria utopia é a casa criada pela mulher, essa tentativa à qual *ela não resiste*, ou seja, interessar os seus não pela felicidade, mas por sua busca, como se o interesse mesmo da empresa girasse em torno exatamente dessa busca.”¹

E sempre, a meus pais sempre presentes, Sônia e José.

¹ DURAS. A casa. In: *A vida material*, p. 43.

Título: Kafka e a busca de sustentação: um corpo a se escrever.

RESUMO

Nesta tese, pretende-se, seguindo a orientação psicanalítica, e partindo de autores que abordam o corpo na literatura e dos inúmeros registros que nos deixou Franz Kafka, explorar a dimensão corporal que, em sua precariedade e recorrente ameaça de falência, promove em nosso autor uma busca diversa e constante de alguma consistência e segurança, que é uma busca de escrita que acabará forjando não somente um estilo, mas a realidade inverossímil, paradoxal, fragmentada e infinita que foi nomeada “kafkiana”.

Palavras-chave: Kafka. Corpo. Carta/letra. Sexo. Órgão. Voz. Escrita.

Title: Kafka and the search for self-reliance: A body writing itself.

ABSTRACT

This thesis intends, through the lens of psychoanalysis, from the works of authors who approach the body in literature and also from countless writings left by Kafka, to explore the corporal dimension which, in its precariousness and ever-present threat of failure, promotes in Kafka a constant and diverse seeking for consistency and security, which is also a search for a writing that eventually establishes not only a style but the seemingly unreal, paradoxical, fragmented, and infinite reality that has been named "kafkian".

Key-words: Kafka. Body. Letter. Sex. Organ. Voice. Writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Kafka em 1911-1912.....	27
Figura 2 – Foto do passaporte de Kafka (1915-1916)	28
Figura 3 – Kafka entre 5 e 7 anos (acima) e proximadamente com 5 anos (abaixo).....	32
Figura 4 – Kafka escolar aos 14 ou 15 anos.....	33
Figura 5 – Kafka na época da redação d’ <i>O processo</i> (1914)	34
Figura 6 – Capa de <i>Die Verwandlung</i>	39
Figura 7 – Desenhos inspirados no tema da <i>Metamorfose</i>	40
Figura 8 – Capas de <i>La metamorfosis y otros relatos de animales</i> (direita) e <i>Metamorphosis</i> (esquerda)	41
Figura 9 – Ilustração do original <i>The metamorphosis</i> de Peter Kuper	42
Figura 10 – <i>Metamorphosis</i> , Audiobook narrado por Nicky Whichelow, 2016.....	42
Figura 11 – Capa ilustrando a vida do inseto e a morte do homem.....	43
Figura 12 – “ <i>Quando Gregor Samsa si svegliò una mattina da sogni inquieti, si trovò trasformato nel suo letto in un immenso insetto</i> ”	44
Figura 13 – Edição capa dura de <i>Die Verwandlung</i>	45
Figura 14 – Ilustração da <i>Metamorphosis</i> . No centro o inseto Vitruviano	46
Figura 15 – “Gregor Samsa acorda” (“Gregor Sams erwacht”).....	47
Figura 16 – Gregor acorda.....	47
Figura 17 – Capa das primeiras edições d’ <i>A metamorfose</i> (1915/1916). Desenho onde o que vemos é a reação do pai, tal como é descrita no conto, ao ver a transformação operada em Gregor	48
Figura 18 – <i>A Metamorfose</i> , edição em árabe, 2015	49
Figura 19 – Ilustração através das letras e da fonte	50
Figura 20 – Edição turca d’ <i>A metamorfose: Dönüşüm</i> , 2017.....	51
Figura 21 – <i>Metamorphosis</i> , 2014.....	52
Figura 22 – Logotipos da loja de Hermann Kafka	55
Figura 23 – Homem no espelho de pé.....	76
Figura 24 – Uma das fotos mais divulgadas de Kafka (detalhe da foto seguinte)	77
Figura 25 – Kafka com a primeira noiva, Felice Bauer (fotografia do segundo noivado, verão de 1917)	78

Figura 26 – “Que significa: ‘procurar o que comer?’ Lástima, em minha mesa poderia encontrar-se alguma coisa, mas ao invés disso farei o seguinte”: (desenho que acompanha carta a Ottla de 11/12/1918.).....	80
Figura 27 – Capa do livro de ginástica usado por Kafka. (Versão em português).....	88
Figura 28 – Livro de ginástica (versão em inglês) enviado a Felice: ensinando a <i>müllear</i>	89
Figura 29 – Homem sentado com a cabeça baixa.....	94
Figura 30 – Conjunto de alguns desenhos de Kafka.....	97
Figura 31 – a) Assinatura de Franz Kafka que mostra o “gesto enérgico”. b) Trecho do <i>Diário</i> citado de 27/05/1914.....	98
Figura 32 – Trecho da edição francesa que mostra os desenhos inseridos da carta	99
Figura 33 – Escrivadinha de Kafka (<i>Kafkas Schreibtisch</i>)	111
Figura 34 – No Prater vienense (1913): da esquerda para a direita: Franz Kafka, Albert Ehrenstein, Otto Pick, Lise Kaznelson.....	126
Figura 35 – Foto de Kafka em 1910	161
Figura 36 – Louvor a Deus escrito por Blaise Pascal (fac-símile)	173
Figura 37 – Foto de Kafka (detalhe da foto seguinte) que é divulgada muito comumente de forma mutilada, ou fora do contexto.....	249
Figura 38 – Foto original de Kafka com Hansi	250
Figura 39 – Foto de Kafka mutilada e retocada.....	251
Figura 40 – Brasão da cidade de Praga	287

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A BUSCA DE SUSTENTAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE UM CORPO	21
1.1 Kafka diante do espelho	21
1.2 “Nada me falta, exceto eu próprio”	29
1.3 O devir animal	34
1.4 O devir humano	55
1.5 Devir monstro e corcunda	59
1.6 De que espécie é Kafka?	63
1.7 Outros espelhos – Fazer corpo/fazer mundo	73
1.8 A Disciplina de fazer um corpo: tratando o real com o real	79
1.8.1 O vegetarianismo	80
1.8.2 “A primeira tarefa é indiscutível: faz-te soldado”	83
1.8.3 A ginástica – Vale-se do corpo articulado ou vale por articular o corpo?	87
1.8.4 O Campeão de natação que não sabe nadar	90
1.8.5 Fazer-se artesão	94
1.8.6 Um corpo a se escrever: “Sou apenas literatura”. “Eu consisto em escrever”	100
1.8.7 Dos suportes da escrita: de próprio punho e não à máquina	106
1.8.8 Para escrever, uma caverna, uma mesa com tinteiro e penas, lápis, cadernos, cadernetas... e só!	108
1.8.9 A solidão suportada pela noite	112
1.8.10 Fazer corpo com as palavras	115
1.8.11 Kafka e a voz	119
1.8.12 <i>Excrições</i> I – O riso	122
1.8.13 <i>Excrições</i> II – Kafka orador, recitador: a leitura em voz alta (<i>Vorlesung</i>)	127
1.8.14 A voz letrada	131

1.8.15 Kafka amusical?.....	133
1.8.16 Fazer penetrar a voz: a força pulsional de um órgão volátil.....	135
CAPÍTULO 2 – KAFKA, TROVADOR (?).....	139
2.1 Kafka, o epistológrafo.....	139
2.2 O amor pelas cartas – o corpo da carta.....	141
2.3 Kafka vampiro: o “fluxo sanguíneo” (<i>Blutkreis</i>) das cartas no corpo.....	145
2.4 A materialidade das Cartas/Letras: função corpo.....	153
2.5 O corpo das fotografias.....	158
2.6 O mensageiro, o ajudante e o carteiro.....	165
2.7 A carta infinita.....	171
2.8 O corpo de papel: amuletos/a mulher guia.....	173
2.8.1 A mulher-guia.....	176
2.9 As cartas como separação e luto.....	180
2.10 O Amor: fazer corpo com.....	183
2.11 O fracasso do encontro epistolar: “Já não creio nas cartas, até na mais bonita há algo que não convence”.....	187
2.12 O corpo da obra no corpo das cartas de amor.....	201
2.13 Kafka, casamenteiro, santo (e sexuado).....	207
2.13.1 Felice, duas vezes perdida.....	209
2.13.2 Julie: “um casamento por interesse no mais alto sentido”.....	218
2.13.3 Milena: o fogo da paixão.....	223
2.13.4 Dora: um encontro “improvável”.....	232
2.14 O sexual insiste: Kafka, santo e felliniano.....	238
CAPÍTULO 3 – KAFKA E A SAÍDA PELA DOENÇA.....	252
3.1 Cair doente: a ferida aberta.....	254
3.2 O sintoma falante.....	260
3.3 A fuga para a doença e os benefícios.....	262

3.4 A direção do tratamento	270
3.5 A dimensão psicossomática: a morte anunciada.....	276
3.6 Costurando as feridas	286
3.7 “O gérmen da morte”	289
3.8 A ferida do sexo	291
ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS, AMARRAÇÕES E CONSIDERAÇÕES.....	296
a) O corpo na <i>vidaescrita</i>	296
b) Vampiro pai, vampiro filho	297
c) As mulheres, as cartas e o casamento.....	298
d) A sublimação e seus destinos.....	301
e) Lacan com Deleuze: extrair os órgãos das funções.....	306
f) A voz <i>escrita</i> : “criei para minha voz uma paisagem cada vez mais vasta”.....	309
g) O corpo da voz <i>escrita</i> – Devir K no infinito	315
REFERÊNCIAS	317

INTRODUÇÃO

Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz.²

Trabalhando com romances, narrativas e anotações de caráter fragmentário (que Kafka tomou a “responsabilidade” de registrar durante toda sua existência), podemos dizer que toda sua vida escrita foi dedicada a dar tratamento a uma falta de lugar, de corpo, de chão que o oprime, desde o mais íntimo de si. Nesse mundo kafkiano, sem saída e sem esteio, resta-lhe a sempre retomada luta vã de um trabalho de Sísifo³, e não só com as palavras. Nessa construção de um corpo em busca de sustentação, Kafka lança mão de vários recursos que lhe servem de suporte: a alimentação regrada, as disciplinas da natação, ginástica e outros esportes, o amor no apelo de fazer corpo com o outro, e sempre a escrita que era para ele uma *response-ability* – “viajar, ou mesmo viver, sem tirar notas é uma irresponsabilidade”⁴ –, incluindo a valiosa função da correspondência, de maior volume que toda a sua obra de ficção. Como último recurso, veio-lhe a doença, que é abraçada como uma libertação das exigências do corpo e solução final para seus impasses na vida e que, inesperadamente, tem, como uma espécie de efeito colateral, a consequência de abrir-lhe a via do encontro com uma mulher.

Se em toda obra autoral muitas vezes é difícil distinguir entre o valor literário e biográfico da ficção e da autobiografia, em Kafka, isso é praticamente impossível. Como é claro ao longo da leitura dos capítulos, faço uso de seus escritos dando valor literário e testemunhal indistinto e, quando há distinção, é apenas para situar mais objetivamente o leitor na obra como um todo. “É preciso recordar que ele construiu boa parte de sua obra em meio a seus diários (que eram, na verdade, ‘noitários’: textos escritos de noite que continham também muitos sonhos). Sua obra nascia como parte de sua vida.”⁵ Os *Diários* funcionavam ainda como uma espécie de “rascunhão”, acolhendo cartas, esboços e fragmentos de narrativas que, nas primeiras edições, foram censurados por Brod. Em relação à correspondência, alguns, como Deleuze, acreditam que, apesar de as cartas fazerem “inteiramente parte da ‘obra’”, ele não

² CAMUS. O mito de Sísifo PDF, *Le Livros*.

³ Tema que mereceu o clássico ensaio de Camus: A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka (1943). In: o mito de Sísifo PDF, *Le Livros*.

⁴ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem, (Relógio D’Água), p. 610.

⁵ SELIGMANN-SILVA. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee, p. 28.

pensava de jeito nenhum em publicá-las, mas em destruir tudo, inclusive a obra, “como se de cartas se tratasse”.⁶

Mas será que Kafka, leitor de tantos escritos íntimos e autobiográficos, não pensava que sua correspondência poderia um dia ser publicada? Não temos a certeza de Deleuze, talvez por considerar sobremaneira e sempre o inconsciente. Vimos que o desejo de destruir a obra era assaz e declaradamente ambíguo e, se ele destruiu as cartas a ele destinadas, as cartas por ele remetidas foram preservadas em sua quase totalidade. Poderemos ter mesmo talvez, em um futuro próximo, acesso aos manuscritos e cartas perdidos inéditos que Dora ainda guardava quando foram confiscados pela Gestapo na 2ª Grande Guerra e que o “Projeto Kafka” investiga atualmente na Rússia, onde podem ter tido último paradeiro com a queda do 3º Reich.

Podemos esperar por isso, pois, muito recentemente (meados de 2016), um acervo de material manuscrito de Kafka foi definitivamente resgatado. Depois de uma peleja de muitos anos, o Supremo Tribunal de Israel exigiu a entrega à Biblioteca Nacional de Israel dos inúmeros manuscritos de Kafka, que estavam nas mãos das herdeiras de Max Brod (filhas de sua secretária e amante), numa atitude que contrariava a orientação deste mesmo que queria o espólio guardado em uma instituição cultural. Como havia nesse espólio material publicado e não publicado, pode ser que ainda venha à luz algum escrito inédito desse grande escritor “menor” dos séculos XIX e XX e que não se cansa de ser atual. De todo modo, o vasto material a que hoje temos acesso já nos diz que Kafka é inconfundível. Segundo o tradutor Marcelo Backes, Kafka é sempre Kafka, seja na ficção, em todos os seus personagens, em todos os K, nos animais, nos escritos íntimos, tudo é Kafka. Portanto, em tudo que já conhecemos e muito provavelmente no que ainda possa vir a ser conhecido. Nos novos achados de manuscritos inéditos encontraremos, muito provavelmente, mais do mesmo. É também o que pensa Reiner Stach aconselhando uma exploração que permita novas configurações a partir do imenso material que já temos.⁷ Mas entendemos que as repetições são diferenciais e carregam sempre algo novo, quando não é a repetição em si mesma que revela algo pela própria insistência. Além disso, depois de trabalhar com praticamente toda a correspondência amorosa de Kafka, como seria ler as letras destinadas à única mulher com quem Kafka viveu? Não é possível deixar de ter expectativas quanto a esses possíveis novos achados.

⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 44.

⁷ Diz Stach: “They’re always looking for new material, but they forget the masses of material we already have – and we can do so much with it if you put the puzzle pieces together” (Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/dec/05/kafkas-sexual-terrors-were-absolutely-normal-says-biographer>>. Acesso em: 24 fev. 2018).

Nessa investigação, realizada a partir do método psicanalítico, não pretendemos aplicar um saber prévio, nem dissecar a textualidade, ou a subjetividade do nosso autor; ao contrário, a decisão da abordagem pela psicanálise é de ouvir, recortar, investigar e decifrar a partir do que Kafka mesmo aponta em seu caminho, suas questões e seus impasses, construindo de sua vida escrita um saber, a partir de sua experiência, nascido de um debate sem trégua entre a potência vital de um desejo intenso e a vivência de um grande sofrimento. Acompanhá-lo, nesse sentido, é deixar-se ensinar por quem sempre perseguiu o real da verdade, mesmo que este não o beneficiasse, como vimos frequentemente acontecer. E, se podemos avançar analiticamente em alguns pontos, é graças a este ensinamento que nunca se vendeu ou cedeu a soluções confortáveis ou de fácil acordo comum, adequando-se ao já esperado.

Trabalharemos referenciados nas obras mestras de Kafka tanto por aquelas publicadas em vida pelo autor: *Contemplação [Meditação] (Betrachtung -1912)*, *O veredicto [A sentença] (Das Urteil-1913)*, *A metamorfose [A transformação] (Die Verwandlung – 1915)*, *Na colônia penal (In der Strakolonie -1919)* e a coletânea de contos: *Um médico Rural (Ein Landarzt. - 1920)*. Exploraremos também as obras que foram publicadas postumamente: os romances *O processo (Der Prozess)*, *O Castelo (Das Schloss)*, *O desaparecido ou Amerika (Der Verchollene)*. Incluiremos as chamadas *Narrativas do espólio (1914-1924)* reunidas por Carone e editadas em 2008. Trabalharemos ainda os derradeiros contos escritos pelo autor: “O artista da Fome”, “O covil” [A toca – A construção] (“*Der Bau*”), “Josefina a cantora, ou o povo dos ratos” (“*Josefine, die Sängerin oder das Volk der Mäuse*”). Chegou-nos a tempo o conto até então inédito no Brasil e em língua portuguesa, “O grande nadador” (1920), que ganhou a recentíssima tradução de Backes em *Blumfeld, Um solteirão de mais idade e outras histórias (2018)*. E ainda toda a considerada escrita íntima: *Os Diários – Diários de Viagem (Tagebücher) (1910-1923)* e a correspondência completa (*Briefe*): *Carta ao pai (1919)*, *Cartas a Felice (1913-1917)*, *Cartas a Milena (1920-1923)*, *Cartas aos meus amigos (1904-1924)* e, menos trabalhadas, *Lettres à Ottla*, à família, aos editores, e outras missivas.

Das edições usadas: a obra ficcional consagrada ganhou muitas edições e mais de uma tradução em português, tanto no Brasil como em Portugal. Das principais obras editadas no Brasil, sirvo-me, para *O desaparecido ou Amerika*, da tradução de Susana Kampff Lages. Para *A metamorfose* e *O processo*, uso as versões mais recentes de Marcelo Backes, pelas notas que o tradutor acrescenta. Como também consulto, das mesmas obras, as traduções mais antigas de Modesto Carone, indico seu nome na nota quando for o caso da citação deste. Quando posso contar com as traduções de Carone para outros relatos e obras póstumas, são as que privilegio.

Para outros contos de Kafka que não ganharam edições e traduções brasileiras, temos a alternativa das ótimas edições portuguesas em dois volumes da Assírio & Alvim (2012) e uma edição espanhola (Ediciones Cátedra, 2011) que contém *La transformación y otros relatos*, na tradução de Ángeles Camargo e Bernd Kretzschmar, e que porta a curiosidade de trazer o conto *A metamorfose* com outra tradução do seu título.

Dos escritos íntimos, pode-se contar com algum material traduzido em língua portuguesa.

- (1) *A Carta ao pai*: é a missiva que ganhou o maior número de traduções no Brasil e em Portugal. Do espanhol e do inglês, temos as traduções mais antigas, de Osvaldo da Purificação e Torrieri Guimarães. Direto do alemão, no Brasil, temos a de Modesto Carone (1986) e a de Marcelo Backes, baseada nesta. Nas citações uso a de Backes (2004), mais recente, que acrescenta notas e comentários muito esclarecedores. Em Portugal, temos a *Carta ao pai* em uma edição mais antiga pela Relógio D'Água, na tradução de Maria Lin de S. Moniz (2004. 136 p), e uma mais recente, na tradução de João Barrento, direto do alemão, pela Editora Verbo (2011. 88 p).

A *Correspondência* de Kafka, que nesta tese teve um lugar especial, ganhou no Brasil e em Portugal as seguintes edições:

- (2) *Três cartas a Milena Jesenská*: verão de 1920. Álvaro Gonçalves. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. 48p.
- (3) *Cartas a Milena*. Tradução e prefácio de Torrieri Guimarães. São Paulo: Exposição do Livro. 198[?]. 205p. (Coleção Ênio Silveira. Cartas não datadas).
- (4) *Parábolas e fragmentos e Cartas a Milena*. Ilustrações Poty. Tradução e Introdução para *Parábolas e fragmentos* de Geir Campos; tradução e Prefácio para *Cartas a Milena* de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A., 1987. 214p. (Série Universidade de bolso). Torrieri só é mencionado no meio do livro. (Cartas não datadas).
- (5) *Cartas a Milena*. Prefácio de Willy Haas. 1996[?] 166p. (Coleção Ênio Silveira. Cartas não datadas).
- (6) *Cartas a Milena*. Tradução e prefácio de Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000. 205p. (Cartas não datadas).

- (7) *Cartas a Milena*. Tradutor desconhecido. Prefácio de Willy Haas. São Paulo: Nova Época, [s.d.] (entre os anos 1960 e o começo dos anos 1970). 166 p. (Cartas não datadas)
- (8) *Cartas a Milena*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965. 224 p. Ilustrações de Poty. (Cartas não datadas).
- (9) *Cartas a Felice*. 2. ed. Tradução de Robson Soares de Medeiros. Rio de Janeiro: Anima, 1985. v. 1. 168 p. (A tradução abarca praticamente o ano de 1912, ou seja, apenas parte do noivado de cinco anos (1912-1917). Muitas falhas na revisão do português e da tradução.)
- (10) KAFKA, Franz. *Cartas aos meus amigos*. Tradução de Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, [s.d]. (Uma compilação escolhida com tradução a partir da versão inglesa e com muitas falhas na revisão.)
- (11) KAFKA, Franz. *De duas cartas de Kafka à sua Irmã Elli sobre a educação de crianças (1921)*. Tradução de Enrique, Belinda Mandelbaum, Eduardo Brito. *Rev. Psicologia*, São Paulo (USP), v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5642002000200008>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Dos *Diários* no Brasil e em Portugal, temos as seguintes edições:

- (1) KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução de Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 170 p. (Resumido e incompleto).
- (2) KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução de Maria Adélia Silva Melo. Algés, Portugal: Difel, 2002. 376 p. (Tradução em edição ainda incompleta).
- (3) KAFKA, Franz. *Diários de viagem*. Tradução de Marcelo Rouanet. São Paulo: Atalanta, 1998. 160 p. (As anotações não são datadas).
- (4) KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução de Isabel Castro Silva que inclui também os *Diários de viagem*, editado pela Relógio D'Água (2014). (Tradução Integral da Edição crítica alemã – Ficher.) É a última edição em língua portuguesa e acompanha mais fielmente a forma de escrever de Kafka reproduzindo “os doze cadernos in quarto e os dois maços de papéis avulsos de forma sequencial”. 709 p.

Quando houve ainda alguma dúvida na tradução, consultamos a versão em espanhol dos *Diarios*, Emecé, 1953, tradução de J. R. Wilcock, e também, mais recente, a publicação na *web*

dos *Diarios y la Carta al padre* em uma excelente tradução na íntegra, também a partir da edição crítica alemã, acompanhada de notas preciosas com detalhamentos muito importantes para a pesquisa: KAFKA, Franz. *Diarios – Carta al padre* –ePubLibre, 1981. pdf. Tradução de Andrés Sánchez Pascual, 1982.

Diante das falhas e precariedades editoriais que sofre a correspondência de Kafka em Língua Portuguesa que, pelo menos em curto prazo, não estão em vias de ser corrigidas, para todas as traduções de citações das cartas, contamos com a edição cuidadosa e completa de *Cartas a Felice* em espanhol, com a tradução de P. Sorozábal Serrano (em três volumes da Alianza Tres, 1979). Também da Editora Alianza contamos com a edição excelente de *Cartas a Milena* (2016), com tradução, introdução e notas de Carmen Gauger, que traz as *Cartas* datadas como na edição francesa, o que facilita muito a pesquisa. Quando houve dúvida na tradução a partir das edições em espanhol, recorreremos então às excelentes edições de *Lettres à Felice* (1972), com tradução de M. Robert, e *Lettres à Milena* (1988), com tradução de Alexandre Vialatte, ambas da Gallimard. Para citações de outras correspondências, não conseguimos versões em espanhol e em português que substituíssem as seguintes edições:

- (1) KAFKA, Franz. *Correspondance 1902-1924*. Tradução de Marthe Robert. Paris: Gallimard, 1965.
- (2) KAFKA, Franz. *Lettres à Ottilie et à la famille*. Tradução de Marthe Robert. Paris: Gallimard, 1978.
- (3) KAFKA, Franz. *Letters to Friends, Family and Editors*. Tradução de Richard e Clara Winston. New York: Schocken Books, 1977. Edição *e-book* do Kindle. (Essa última compilação traz material inédito que não se encontra nem mesmo nas edições alemãs a que tive acesso.)

Finalmente, para verificação de algumas expressões e palavras usadas por Kafka, contamos durante todo o trabalho de escrita com a obra completa no original alemão que se encontra na *web*, em mais de um endereço, com exceção das *Briefe an Felice Bauer*, por estar incompleta a versão na *web* em pdf. Para verificar esses originais recorreremos a

- (4) *Die Briefe an Felice Bauer und andere Korrespondenz aus der Verlobungszeit* (Fischer Klassik Plus) Edição *e-book* do Kindle.

Como no processo de elaboração utilizamos mais de uma edição/tradução para mencionar ou citar uma mesma obra de Kafka, em todo caso que possa angariar dúvidas,

indicamos nas notas de rodapé, pela editora, qual é a versão citada. Quando são indicadas nas notas as referências bibliográficas em língua estrangeira, a tradução da citação é minha. Quando há mais de uma referência nas notas para uma mesma citação, considera-se utilizada a primeira obra da sequência. Tanto no caso dos *Diários* como das *Cartas*, toda vez que temos as datas, a cifra real do número, faço menção na nota que acompanha a citação, para facilitar o acesso de qualquer um, a partir de qualquer língua, tradução ou edição.

Quanto a Freud e sua *Obra Completa*, apesar de já termos outras traduções e edições mais recentes, preferimos nos referir à mais antiga, da qual conhecemos há muito os defeitos e as qualidades: a Edição Standard Brasileira da Imago, na versão impressa. As novas traduções, com o pretexto de realizarem uma tradução mais fiel, muitas vezes não corrigem os problemas da última e ainda acrescentam outros.

A obra de Lacan que não foi ainda editada encontra-se em publicações para uso interno das instituições de psicanálise em edições informais ou em bibliotecas virtuais no original francês e em outras línguas. Quando foi necessária a menção, citamos as fontes.

O tema de “um corpo a se escrever” em Kafka desenvolveu-se em três capítulos.

Capítulo I: “A busca de sustentação: construção de um corpo”. Acompanhando Kafka na insatisfação com seu corpo, este capítulo é elaborado a partir dessa falência corporal, em certa medida comum à condição humana, pois o corpo sempre nos escapa. Examinam-se as diversas estratégias e recursos que Kafka aciona na busca de suporte e sustentação de um corpo a se escrever. Kafka no espelho do Outro não enxerga um porvir e o recurso é a metamorfose, devir em diversos sentidos. Devir animal, devir humano, uma vida dedicada ao tornar-se, já que carece de ser, o que justifica a importância e a presença constante da operação da metamorfose. Vemos que a curta vida de Kafka é não só dedicada à literatura propriamente dita, mas é uma vida de um corpo que, de diversas maneiras, não cessa de se escrever (surge uma hipótese: É essa escrita seu *sinthoma*?).

Capítulo II: “Kafka Trovador(?)”. Abordamos a função das cartas/fotos na vida/obra de Kafka, e como Kafka tenta enlaçar e fazer corpo com suas eleitas a partir do vínculo epistolar, chegando mesmo a tiranizá-las com sua demanda de reciprocidade. O corpo da carta/foto ganha então um valor inestimável para Kafka, como um objeto que se recorta do corpo do outro, como possibilidade de separação e também de união. Envios e entregas fazem as vezes de um relacionamento, de uma conjugalidade e intimidade que não se efetiva, mas que promove uma

proliferação epistolar desmedida. Mas Kafka não prescinde do contato real, e as cartas, assim, revelam seu lado “diabólico”, constituindo-se mais obstáculo ao alvo que via de acesso ao objeto desejado. No último ano de vida, Kafka descobre a função de luto que podem ter as cartas consolando uma menina da perda de sua boneca. Ao final, destacamos a importância do casamento para Kafka e sua busca desesperada de contrair matrimônio, sempre torturado por desejos sexuais, real pulsional que ele nunca negou, mas que nos chega por alguns biógrafos, muitas vezes escamoteado.

Capítulo III: “Kafka e a saída pela doença”. São levantados os sofrimentos e dificuldades de Kafka por se sentir habitando um corpo que lhe escapa e com o qual não pode contar. Como Kafka escreve tudo o que lhe ocorre, ficamos sabendo como se sente fisicamente frágil e suscetível ao adoecimento. Sofre de hipocondria desde a juventude e, depois de desejar a morte, sem coragem para o suicídio, contrai tuberculose aos 34 anos, ao fim de suas tentativas desesperadas de casar-se. Apesar de bacteriana, a doença levanta uma suspeita psicossomática, já que Kafka se agarra a ela como à “barra da saia de sua mãe”. A doença, que lhe vem como uma sentença, o próprio gérmen da morte, chega também como uma redenção, alívio para o peso dos fracassos do homem que queria e não chegou a ser, além de se aproximar de seu pai por meio de suas feridas. Kafka, até o fim, apela ao pai, e isso nos mostra até onde uma demanda de reconhecimento pode chegar. Parte desse capítulo, surgido na escrita da dissertação *Kafka e a escrita destinada ao pai: de uma Carta à letra*, mas nela não incluído, foi publicada em espanhol, “Kafka y la salida por la enfermedad”, na revista virtual *Nadie Duerma, Mártires del inconsciente – Revista del Foro Analítico del Rio de La plata*,⁸ n. 3, 2014.

Para finalizar, evidentemente sem esgotar todas as consequências que ainda podemos extrair dessa empreitada, trabalhamos o impacto da escrita de Kafka no corpo do leitor e no corpo da cultura. Constatamos como esse quase nada de corpo, um corpo que nasce e cresce sob o medo, a culpa e a vergonha, sob a sombra da condenação e da falência, faz as letras devirem pedras, faz de uma escrita um machado e, em uma última metamorfose, torna-se poder de uma voz *escrita* atravessando os séculos.

Nessa escrita com/sobre Kafka, não podemos deixar de notar, na interlocução com tantos autores e biógrafos, que há modos distintos de biografar, e, outrossim, à diferença de

⁸ Disponível em: <<http://nadeduerma.com.ar/2014/numero/3/m-rtires-del-inconsciente>>.

uma biografia, há a via dos biografemas,⁹ e ainda de diferentes linhagens, mas que muitas vezes se entrecruzam. Explorar princípios, condições, similitudes e fronteiras a partir de diferentes modos de biografemar poderia construir/desconstruir linhagens de escritas à maneira de um atlas biografemático, como fez Aby Warburg nas artes plásticas com o seu *Mnemosyne*. Deleuze, referência constante nesta tese, declara em entrevista a que visava com Guattari, quando escreveram o livro sobre Kafka: “O que me interessava, ou deveria ter me interessado, não era nem a psicanálise ou a psiquiatria, nem a linguística, mas os regimes de signos deste ou daquele autor.”¹⁰ Vemos assim que os biografemas que guiam Deleuze e Guattari são biosignos que eles captam a partir do que lhes afeta e de suas leituras e bagagens filosóficas e/ou literárias. Consideramos que são esses biosignos que os orientam nos capítulos e na escrita do livro sobre a “literatura menor” de Kafka e de outros: “o regime alimentar de Nietzsche, de Proust ou de Kafka é também uma escritura, e eles a compreendem assim; comer-falar, escrever-amar, você jamais apreenderá um fluxo sozinho”.¹¹

Nesse trabalho de reconstrução da construção da vida escrita de Kafka, muitas vezes nos encontramos com Deleuze e Guattari, enquanto rastreávamos por meio do que Barthes chamou biografemas, pela via da escuta psicanalítica. Enveredamos pelas incidências do corpo próprio no gesto de escrita na vida, acentuamos a ação do desejo e as marcas do real pulsional, consideramos as repetições significantes, as declinações dos fracassos e relevamos caracteres e traços singulares de gozo que se transmitem na obra, *corpus* do autor, o grão da voz (“onde uma língua encontra uma voz”¹²).

Por último, e mais uma vez, encontro sem buscar, em Deleuze, uma orientação que me norteou por todo esse tempo e que escrevo com ele:

Meu ideal, quando escrevo sobre um autor, seria não escrever nada que pudesse afetá-lo de tristeza, ou, se ele estiver morto, que o faça chorar em sua tumba: pensar no autor sobre o qual escrevemos. Pensar nele de modo tão forte que ele não possa ser mais um objeto, e tampouco possamos nos identificar com ele. Evitar a dupla ignomínia do erudito e do familiar. Levar a um autor um pouco da alegria, da força, da vida amorosa e política que ele soube dar, inventar. Tantos escritores mortos devem ter chorado pelo que se escreveu sobre eles. Espero que Kafka tenha se alegrado com o livro que fizemos sobre ele, e foi por isso que esse livro não alegrou ninguém.¹³

⁹ Assim como Barthes define seu neologismo: “[...] Se fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amigável e desenvolto biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão!” (BARTHES. *Sade, Fourier, Loyola*, p. 14-15; *A câmara Clara*, p. 51).

¹⁰ DELEUZE; PARNET. *Diálogos*, p. 96.

¹¹ DELEUZE; PARNET. *Diálogos*, p. 99.

¹² BARTHES. O grão da voz. In: *O óbvio e o obtuso*, p. 218.

¹³ DELEUZE; PARNET. *Diálogos*, p. 96.

Tratar esse estranho outro como um sujeito. Kafka, aquele que muitos reduzem a “mundo sem saída”, certamente se alegrou com o Kafka “diabólico” que Deleuze e Guattari nos apresentaram de modo tão feliz. Um Kafka que alcança pelas “proliferações das séries”, por meio das “linhas de fuga” e por tantas vias “menores”, inúmeras saídas. O Kafka na composição de Deleuze não é um autor encarcerado e vitimizado, e nisso também o seguimos, pois o nosso aqui esboçado também não é sem armas e recursos. Ser fiel aos biografemas que sinalizam o desejo e o gozo é um projeto ético e por isso pode também ser gaio, mesmo quando se trata de um sujeito atormentado como Kafka. Acrescento que era muito importante, nessa investida, ser justa, não compreender rápido demais, para estar junto deveras, acompanhando um escritor que não se desvia do real de sua verdade, fazendo disso uma escritura e um saber. É uma alegria quando constatamos que um autor com a diferença que introduz Kafka nos impede reducionismos, o saber definitivo, e nos oferece o inesgotável. Sua complexidade desconcertante não suporta ser reduzida sem que cometamos uma triste traição. Se a complexidade faz com que não possamos encerrá-lo em uma nomenclatura ou classificação, resta-nos então segui-lo na responsabilidade de sua experiência de escrita incessante e infinita.

CAPÍTULO 1 – A BUSCA DE SUSTENTAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE UM CORPO

1.1 Kafka diante do espelho

na infância ele tinha olhado para si próprio através dos olhos do pai e desprezado o que vira.¹⁴

Bonita silhueta de corpo inteiro de Goethe. Impressão imediata de repugnância ao olhar para este corpo humano perfeito, já que é inimaginável ultrapassar esse grau de perfeição, e, no entanto, parece que foi ao acaso que se juntaram as peças do corpo. A postura ereta, os braços soltos, o pescoço esguio, a curva fletida dos joelhos.¹⁵

Eu (*Ich*), projeção de uma superfície corporal para Freud, é, em parte, consciente, pré-consciente, mas também inconsciente. Por isso, apesar de ser uma instância organizadora, protetora, reguladora, de adaptação à realidade, o eu é, ao mesmo tempo, sede de conflitos e pode ser tomado como um objeto de investimento. Portanto, o eu não reina em sua própria casa e sofre pressões provenientes do isso, do supereu e do mundo externo. Em Freud, o corpo nunca se reduz ao biológico, sendo muito complexa a forma como aquele sobressai no mundo da percepção, “O eu consciente é acima de tudo um eu corporal (*körperliches*); não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.”¹⁶ O conceito do eu freudiano depõe a tradicional e suposta soberania da consciência sendo, assim como o Sistema Solar, um golpe na razão antropocêntrica do homem.

Na esteira de Freud, esse descentramento mostrar-se-á ainda mais na denúncia que Lacan faz da síntese artificiosa que constitui o “eu”, pois o eu não é uno, indivíduo, mas dividido. Como lembra Julio Cortázar: “A psicanálise demonstra como a contemplação do corpo cria complexos prematuros”.¹⁷ A instância do eu, íntima do corpo, inicialmente se dá como uma montagem identificatória de capturas imaginárias. Em “O estágio do espelho como formador da função do eu”, Lacan introduz em sua gênese o desconhecimento, a alienação e o engodo a partir da imagem do outro, sede da semelhança e, ao mesmo tempo, da alteridade. Essa imagem antecipa, para a prematuridade do corpo fragmentado, a ilusão necessária e constitutiva do porvir de um corpo articulado, na *gestalt* de uma imagem unificada ou, como diz Lacan, de uma totalidade “ortopédica”. A experiência do espelho evoca a “nova ação

¹⁴ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 199.

¹⁵ KAFKA. *Diários* (Emecé), 05/02/1912, p. 168; *Diários - Diários de viagem* (Relógio D'Água), p. 230.

¹⁶ FREUD. O Ego e o id (1923), p. 40. *Das Ich und das Es*. Disponível em: <<http://www.psychanalyse.lu/Freud/FreudIchEs.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹⁷ CORTÁZAR. *O jogo da amarelinha*, p. 353.

psíquica” que Freud postula como ponte entre o autoerotismo descoordenado inicial do *infans*, para o narcisismo, que faz do Eu-corpo um objeto em si, articulado. Mas, mesmo antes do espelho e ainda sem sair dele, o sujeito nunca se reduz apenas ao imaginário. O Eu-corpo do sujeito é preconcebido, concebido e nascido no banho da linguagem, por meio da qual sofre (ou não) a incidência real do desejo e do gozo dos pais ou substitutos, no mergulho inaugural nas águas do Outro:¹⁸ “Que corpo? Temos vários”, indaga Roland Barthes. “Tenho um corpo digestivo, tenho um corpo nauseante, um terceiro cefalálgico, e assim por diante: sensual, muscular (a mão do escritor), humoral, e sobretudo: emotivo”.¹⁹

De modo semelhante a Barthes, para a psicanálise, com Freud e Lacan, o corpo humano só pode ser plural, e, porque nunca se restringe a um suporte físico e orgânico, sua materialidade, além de real, é ainda simbólica e imaginária, subjetiva, pessoal, social e política. O corpo é construto imagético, que é marcado pelo significante, pelo desejo, e é também espaço de prazer e gozo, fazendo laços e ocupando um lugar no mundo. Mas, para que isso se realize, para que esse Eu-corpo se vivifique e se situe, é preciso que aconteça no sujeito o júbilo dessa antecipação, desse vir a ser. É preciso que possa ver no olhar, espelho do outro, a potência de seu devir, no tempo e lugar em que esse outro que o precede o inclua em seu desejo e o reconheça como sujeito que já é e que ainda será. “O privilégio dessa experiência está em oferecer ao sujeito uma realidade virtual, irrealizada, captada como tal, e a ser conquistada. Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí.”²⁰ Esse acontecimento feliz, encontro da promessa causada pelo desejo do outro com a potência em advir do sujeito começante, parece não acontecer com Kafka ou, pelo menos, sofrer muitos percalços. “tinha medo de espelhos porque eles me revelavam uma fealdade que em minha opinião era inevitável, que, além do mais, podia não ser um reflexo inteiramente fiel, porque, se eu tivesse mesmo aquele aspecto, certamente atrairia muito mais a atenção.”²¹

Vemos que Kafka tenta pela escrita constantemente detalhar o que lhe aconteceu, ou o que *não* aconteceu: deparamo-nos nos *Diários* com inúmeras descrições e reflexões sobre o não funcionamento do corpo. Já em 1911, vemos um longo depoimento a respeito do incômodo que é a extensão de seu corpo, portador de uma fisiologia insuficiente para fazê-lo funcionar:

¹⁸ Usamos em alguns momentos a grafia do Outro com maiúscula, para marcar que não nos referimos apenas ao outro semelhante, mas ao conceito lacaniano de Outro (*Autre*) como campo da alteridade, lugar que vai além do outro.

¹⁹ BARTHES. *Roland Barthes por Roland Barthes*, p. 68.

²⁰ LACAN. *Livro 5 – O seminário: as formações do inconsciente*, p. 234.

²¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 02/01/1912, p. 143.

É certo que o maior obstáculo ao meu progresso é a minha condição física. Não se consegue fazer nada com um corpo destes. Tenho de me acostumar à sua perpétua recusa. [...] O meu corpo é demasiado comprido para sua fraqueza, não tem o mais pequeno bocadinho de gordura para gerar um calor abençoado, para preservar o fogo interior, nenhuma gordura que pudesse alimentar ocasionalmente o espírito para além do que é diariamente necessário sem, no entanto, prejudicar o todo. Como é que o fraco coração, que ultimamente me tem causado problemas tão frequentemente, como será ele capaz de mandar o sangue ao longo de todo o comprimento destas pernas? Até aos joelhos já era trabalho suficiente e a partir dali ele só pode escorrer com uma força senil para as partes mais baixas e frias das minhas pernas. Mas eis que é preciso que ele suba de novo, já se está à espera dele, enquanto se perde lá por baixo. Tudo se rasga com o comprimento do meu corpo. O que então ele pode conseguir, quando talvez nem sequer tivesse força suficiente para aquilo que quero obter mesmo se fosse mais curto e mais compacto.²²

Kafka, ainda na juventude de seus *Diários*, faz-nos ler não menos curiosas e importantes variações do tema de como a educação o prejudicou: “Exteriormente sou um homem como os demais, porque minha educação corporal se manteve perto do ordinário, como ordinário era meu corpo.” Percebe que agrada a algumas mulheres:

Há pouco uma me disse algo muito inteligente: “Ah!, se pudesse vê-lo alguma vez pelado!, sim, há de ser bonito e digno de ser beijado.” Mas ainda que me faltasse aqui o lábio superior, ali a orelha, aqui uma costela, aqui um dedo, ainda que tivesse regiões peladas na cabeça e marcas de varíola na cara, nada disso seria comparável a minha imperfeição interna. [...] Porque, como todos, também eu tenho dentro de mim, de nascença, meu centro de gravidade, que nem a mais absurda educação poderia deslocar. Portanto conservo este excelente centro de gravidade, mas de certo modo não ocorre o mesmo com o corpo correspondente. E um centro de gravidade que não tem com o que obrar, converte-se em chumbo e pesa no corpo como bala de mosquete.²³

Diz-nos ainda que “Esta imperfeição não é congênita e por isso mesmo é mais difícil suportá-la”; imperfeição também sentida como imerecida, pois não se sente culpado por ela.

Entretanto a suporte melhor que outros que recorrem a grandes esforços de imaginação e métodos rebuscados para suportar infelicidades bem menores, [...] e por isso mesmo não tenho a cara negra do desespero, mas branca e rosada. Não seria capaz disso se minha educação tivesse penetrado em mim tão profundamente como ela pretendia.²⁴

Aqui, diferentemente de outras passagens, ele confessa que há um “centro de gravidade”; não nasceu descentrado, ou antes, havia um centro, mas que, não entrando em acordo com o corpo,

²² KAFKA. *Diários* (Difel), 22/11/1911, p. 110.

²³ KAFKA. *Diários* (Emecé), (variante de uma anotação de 19/07/1910), p. 479; *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’água), p. 19-20.

²⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé), (variante de uma anotação de 19/07/1910), p. 479; *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’água), p. 20.

resta inoperante. Essa declaração de inoperância que lemos em 1910 é de alguma maneira reiterada nove anos depois, na *Carta* dedicada ao pai, “meu educador verdadeiro”:

É sobretudo um curioso equívoco tu acreditares que nunca me submeti a tua vontade. “sempre do contra, em tudo” está longe de ser meu princípio de vida diante de ti, conforme acreditas e do que me acusas. Pelo contrário: se eu tivesse obedecido menos, tu por certo estarias muito mais satisfeito comigo. O fato é que tuas medidas educativas acertaram o alvo; não me esquivei a nenhuma investida da tua parte; assim como sou (naturalmente não levando em conta os fundamentos e influências da vida), sou o resultado da tua educação e da minha obediência (*Deiner Erziehung und meiner Folgsamkeit*).²⁵

Na *Carta ao pai*, ao lado de sua finalidade declarada, “tornar a vida e a morte mais fáceis para ambos”, e de outras funções menos explícitas, Kafka faz um levantamento das forças e potências, recursos com os quais ele pôde contar, revelando também suas impotências, as ambições fracassadas, configurando uma espécie de *curriculum vitae et mortis*, do sujeito. Nesse inventário que acompanhamos, a dimensão do corpo ganha um lugar central. Um corpo que não suporta o lugar de único varão entre três irmãs, e também sob o peso da morte de seus dois irmãos mais velhos falecidos ainda pequenos. Mas, além das queixas e lamentos em torno do corpo, nosso escritor bem percebe que seu futuro poderia ter sido muito diferente:

Eu teria precisado de um pouco de estímulo, de um pouco de amabilidade, de um pouco de abertura em meu caminho, mas ao invés disso tu o obstruíste, por certo com a boa intenção de me fazer percorrer um outro caminho. Mas para isso eu não servia. Tu me encorajavas, por exemplo, quando eu batia continência e marchava com desenvoltura, mas eu não era um futuro soldado, ou tu me encorajavas, quando eu podia me alimentar bem e até beber uma cerveja junto, ou quando eu sabia repetir canções que não compreendia ou arremedar teus discursos prediletos; mas nada disso fazia parte do meu futuro.²⁶

Ao contrário, diante do pai acomete Kafka um “sentimento de nulidade” (*Gefühl der Nichtigkeit*).²⁷ Na *Carta ao pai*, Kafka confessa que não só no momento em que a escreve, mas desde a infância, “já estava esmagado pela materialidade” do corpo (*Körperlichkeit*) do pai:

Recordo-me, por exemplo, de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, tu forte grande, possante. Já na cabine eu me sentia miserável e na realidade não apenas diante de ti, mas diante do mundo inteiro, pois para mim tu eras a medida de todas as coisas. Mas quando saíamos da cabine passando pelas pessoas, eu levado pela tua mão, um pequeno esqueleto, inseguro, de pés descalços sobre as pranchas de madeira, com medo da água, incapaz de acompanhar teus movimentos natatórios,²⁸ que com boas intenções, mas para minha profunda vergonha, na realidade, não paravas de me mostrar; nesses momentos eu ficava muito

²⁵ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 36.

²⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 26-27.

²⁷ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 26.

²⁸ *Schwimmbewegungen*, ou “macaquear as braçadas”, na versão de PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 197.

desesperado e todas as minhas experiências ruins em todas as áreas se reuniam, concordantes, umas as outras de maneira grandiosa. Me sentia melhor quando tu algumas vezes te despias primeiro e eu ficava sozinho, podendo adiar a vergonha da aparição pública até o momento em que tu vinhas ver o que estava acontecendo e me tiravas da cabine.²⁹

Em sequência, na *Carta*, vemos Kafka referir-se ao corpo do pai com a mesma fascinação idealizada de quando descreve a figura admirável de Goethe: “Ficava grato porque tu parecias não perceber meus apuros e também sentia orgulho pelo corpo do meu pai. Aliás, essa diferença entre nós persiste ainda hoje de modo semelhante.”³⁰

Foucault comenta em *Vigiar e punir* sobre a importância do corpo, a presença física do soberano para manter a monarquia. Aos olhos do filho, a figura agigantada e monstruosa de Herman Kafka, o olhar absoluto do pai que “regia o mundo”³¹ tem um efeito devastador sobre o pequeno Franz e, ao invés de convidá-lo à identificação e, conseqüentemente à rivalidade esperada no Édipo, submete-o de tal maneira que, nessa apassivação, em vez da esperada alienação constituinte no espelho, temos aqui o perigo de uma alienação mais radical, uma alienação que beira à anulação.

O pai pôde ter efetivamente um certo modo de relação tal que o filho adere a uma posição feminina, mas não é por temor à castração. Todos nós conhecemos aqueles filhos delinquentes ou psicóticos que proliferam à sombra de uma personalidade paterna de caráter excepcional, de um desses monstros sociais que a gente chama de monstros sagrados. São personagens frequentemente muito marcadas por um estilo de irradiação e de sucesso, mas de maneira unilateral, no registro de uma ambição ou de autoritarismo desenfreados, às vezes de um talento, de um gênio. Não é obrigatório que haja gênio, mérito, mediocridade ou maldade. Basta que haja o unilateral e o monstruoso. Não é certamente por acaso se uma subversão psicopática de personalidade se produz especialmente em uma tal situação...³²

Como já foi por demais dito e redito por muitos autores, o mundo de Kafka é um mundo sem saída, mas se vale repeti-lo é porque parece sê-lo em vários sentidos, jogando Kafka em um sem lugar. “Encurralado, o eu-kafkiano busca abrigo dentro de seu corpo. Mas aí também ele encontra um espaço estreito e incômodo, no qual não pode se sentir bem.”³³ Como lemos na *Carta ao pai*: “Era natural que até a coisa mais próxima, o meu próprio corpo, se tornasse incerto para mim; eu cresci, espichando para o alto, mas não tinha ideia de como lidar com isso;

²⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 27-28.

³⁰ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 28.

³¹ “Da tua poltrona, tu regias o mundo.” KAFKA. *Carta ao pai*, p. 28.

³² LACAN. *Livro 3 – O seminário: as psicoses*, p. 232.

³³ SELIGMANN-SILVA. *O último a sair apague a luz*, p. 27.

o peso era demasiado e as costas entortaram; eu mal ousava me mexer ou até mesmo fazer exercícios, e permaneci fraco.”³⁴

Kafka, em si mesmo, sente-se inacabado, mal acabado e ainda em formação. “Medo, repugnância e ódio eram o que aquele saco recalcitrante de nervos tensos, ossos quebradiços, órgãos frágeis e carnes moles haviam despertado nele desde a mais tenra infância”.³⁵ Ele se gesta, confessando em seus *Diários*: “A minha vida é o hesitar antes do nascimento (*Das Zögernvor der Geburt*)”,³⁶ e em uma carta a Brod: “[...] nunca vivi, tenho permanecido barro, não recebi o sopro da vida”.³⁷ Com sua noiva Felice, Kafka não é mais generoso consigo a partir de uma foto que envia a ela que, pela época, deve ser a que segue (1911-1912). A segunda é a foto do passaporte (1916-1917):

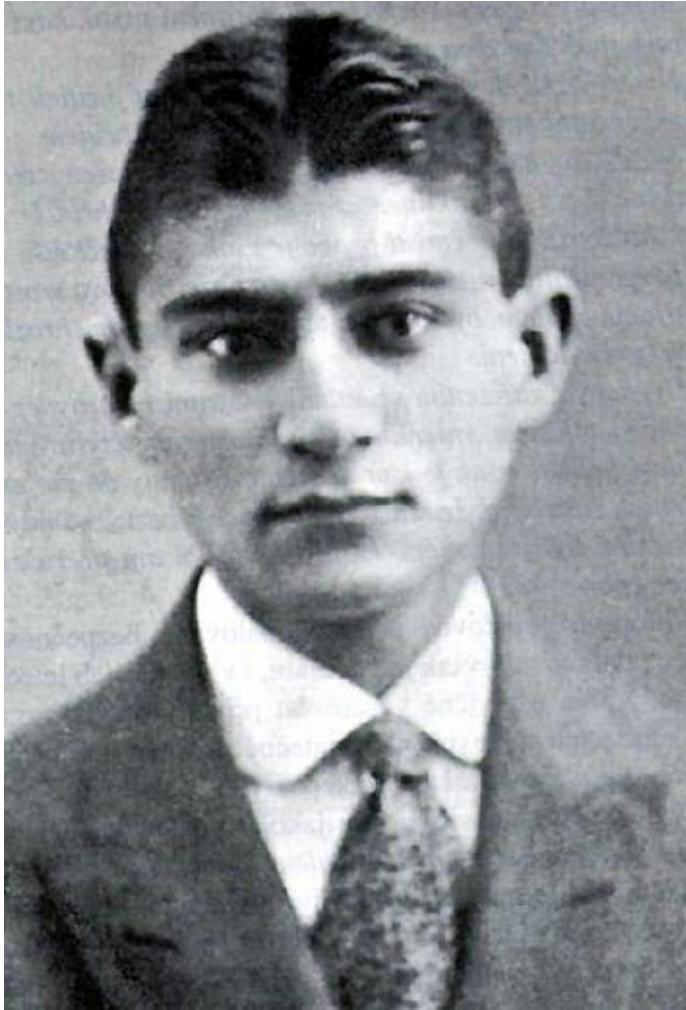
³⁴ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 72.

³⁵ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 197.

³⁶ KAFKA. *Diários* (Difel), 24/01/1922, p. 360. *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’água), p. 553.

³⁷ KAFKA. Carta a Brod, 05/06/1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 153.

Figura 1 – Kafka em 1911-1912



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka 1883-1924*, p. 64.

Mi amor, no lo niegues, te resulto muy raro en la foto. No quieres confesarlo, pero tu carta testimonia en contra tuya. Al menos cuando la lee uno con suspicacia, como yo lo he hecho esta vez, lo confieso. ¿Qué le voy a hacer? Así es como soy, tal como aparezco. La foto es mala, pero está parecida, en la realidad tengo aún peor apariencia. Hace dos años que me la hice, pero mi aspecto juvenil apenas ha cambiado, a no ser porque las noches en vela comienzan a hacer que me salgan ciertas desagradables arrugas. Mi amor, ¿lograrás acostumbrarte a esta foto? ¿Seguirá teniendo este hombre permiso para besarte, o tendrá que firmar sin mandarte besos? Piensa, además, que la fotografía, después de todo, es soportable, mientras que cuando el hombre en persona haga su aparición... Al final le dejarás plantado. Piensa que solo le has visto una vez, esa es la verdad, y bajo luz de gas, y sin haber fijado mucho tu atención en él. Y como apenas sale a la calle durante el día, se le ha puesto ni más ni menos que cara nocturna. ¡Te entiendo tan bien! Pero quizás puedas acostumbrarte tú también a él, amor mío, porque, verás, también yo —el que te escribe cartas y que tan buen trato ha recibido de ti— he tenido que acostumbrarme a él. Sin duda que he exagerado en lo antedicho, tu carta es encantadora como siempre, pero mis humores suben y bajan, y hoy le ha tocado al malo estar arriba. Perdónanos a los dos, al que escribe y al que aparece en la foto, y deja que en virtud de nuestra doble imagen obtengamos una ganancia en besos.³⁸

³⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 05/12/1912, p. 154-155.

Figura 2 – Foto do passaporte de Kafka (1915-1916)



Fonte: STACH. *The decisive years*, p. 383.

O receio de que o homem e o escritor não agradem a Felice aparece muitas vezes nas Cartas à noiva. Diante do silêncio de Felice depois de receber seu primeiro livro publicado *Contemplação [Meditação]*, um “pedaço de mim”, Kafka escreve-lhe desconcertado: “agora sei mais exatamente porque sua carta de ontem deixou-me tão ciumento: você gosta tão pouco do meu livro (*Contemplação*) como então gostou da minha foto.” Nessa Carta, Kafka diz à noiva que sabe o quanto ele é estranho, que é o único a perturbar o acordo dos pais de tirania que governa a família e que mais jovem já pensou em se jogar pela janela. Mas a presença de Felice o salva desse tempo sombrio: “Nunca fui um homem tão seguro como sou agora, graças à certeza de seu amor.”³⁹

³⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 29-30/12/1912, p. 214-216; *Cartas a Felice* (Anima), p. 227-229.

Em carta posterior, enviando fotografias mais recentes dele, mas a seu ver ainda insatisfatórias, reafirma que seus escritos estão mais perto de ser seu melhor retrato: “Por outro lado, a verdade é que você já tem uma foto minha na qual me vê tal como sou ao natural; na vida real sou igual como apareço no livrinho (*Contemplação*), ou ao menos era assim ultimamente. Além do mais, quer queira ou não, sou seu.”⁴⁰

1.2 “Nada me falta, exceto eu próprio”⁴¹

Corpo é a certeza siderada, estilhaçada. Nada de mais próprio, nada de mais estranho [...] O corpo é nossa angústia posta a nu.⁴²

Certamente, e não apenas para Kafka, mas para cada sujeito, a identidade, o corpo, não são dados certos, estáveis e seguros, mas, desde a mais tenra infância, “algo de fictício”,⁴³ no mínimo problemático, que o sujeito deve, ao longo da vida, seguir lidando com ele como algo estranho, apesar de familiar. Entre os escritores, temos vários testemunhos desse estranhamento:

Quando acabo de cortar as unhas ou lavar a cabeça, ou simplesmente agora que, enquanto escrevo, ouço um borbulhar no meu estômago tenho a sensação de que meu corpo ficou atrás de mim (não reincido em dualismo mas faço uma distinção entre eu e minhas unhas) e que o corpo começa a ir mal, que nos falta ou nos sobra.⁴⁴

Não nos identificamos completamente a um corpo; não somos um corpo, mas temos um corpo⁴⁵ — ou como canta Arnaldo Antunes invertendo a posse: “O corpo tem alguém como recheio”.⁴⁶ Um pouco como a construção de uma casa e sua eterna conservação que exige por vezes

⁴⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 3-4/01/1913, p. 255; *Lettres à Felice*, p. 259.

⁴¹ Kafka *apud* BROD. *Franz Kafka*, p. 64.

⁴² NANCY. *Corpus*, p. 7-8.

⁴³ LACAN. *Livro 1 – O Seminário: os escritos Técnicos de Freud*, p. 173.

⁴⁴ CORTÁZAR. *O jogo da amarelinha*, p. 353.

⁴⁵ “O *falasser* adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante” (LACAN. *Livro 23 – O Seminário: o sinthoma*, p. 64). E ainda nesse *Seminário*: “Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo *ter*. Tem-se seu corpo, não se é ele em hipótese nenhuma” (p. 146). “Vocês precisam perceber que o que eu lhes disse sobre as relações do homem com seu corpo até-se inteiramente ao fato de o homem dizer que o corpo, seu corpo, ele o tem” (p. 150). Lacan em uma de suas falas mais tardias insiste nisso ainda: “O homem poderia dizer que ele é um corpo, e seria muito sensato, pois é evidente que o fato de que ele consiste em um corpo é o que há de mais seguro. Emitiu-se algumas dúvidas sobre a existência de um mundo exterior em nome do fato de que, afinal, desse não temos mais que percepções, mas basta fazer um galo [...], ao encontrar algo duro para que seja completamente manifesto que há coisas que resistem, que há coisas que não se deslocam tão facilmente; diferentemente, aquilo sobre o qual o homem insiste é, não que ele é um corpo, mas sim, como se expressa (isso é surpreendente), *que tem um*” (LACAN. *Conferências e Charlas em universidades norte-americanas*, p. 52).

⁴⁶ ANTUNES. *O corpo. Trilha do Balé O corpo. Momento VIII*.

reformas e reparos quando surgem novidades ou avarias que não reconhecemos ou estranhamos. É nessa edificação do corpo como casa própria, que Kafka não parece encontrar terreno seguro, nem para construir, nem para reformar.

A minha capacidade de escrever perde-se. Daí advém o plano das análises autobiográficas. Não se trata de biografia, porém de uma análise e de uma marcação de partes componentes maiores ou menores. Utilizar-me-ia delas para reconstituir-me, tanto quanto aquele cuja residência não é mais estável, que deseja edificar uma sólida ao lado, se possível com o material da antiga. Mau negócio se, precisamente na metade do trabalho, as forças o deixam e então, em lugar de uma casa certamente oscilante porém completa, não tiver senão uma meio demolida e outra semi-edificada, isto é, nada. O que se segue, então, é a demência, na sequência uma dança de cossaco entre as duas residências, no correr da qual o cossaco cava a terra a golpes de tacão até que seu túmulo se forme sob ele.⁴⁷

Daí a importância dos cuidados que minoram esse desconforto que faz Kafka sofrer de um modo que lhe parece incomum.

O poder que o conforto exerce sobre mim, a minha impotência sem ele. Não conheço ninguém em que ambas as coisas sejam tão fortes. Por consequência, tudo que construo é insubstancial, instável; a criada que se esquece de, pela manhã, me trazer a água quente transtorna por completo meu mundo. Ao mesmo tempo, o conforto persegue-me desde sempre e não só me tirou as forças para aguentar outras coisas, mas também a própria força para criar conforto; ele cria-se a si próprio em meu redor, ou eu consigo-o pedindo, chorando, renunciando a coisas mais importantes.⁴⁸

Com esse espírito de buscar conforto em seu próprio corpo, Kafka cuidava muito da aparência e se vangloriava de parecer bem mais jovem do que era. Tentava se “distinguir” (*auszuzeichnen*) e causar boa impressão nos estudos e na indumentária, até porque recobrir-se, revestir-se bem é tentar dar boa forma ao corpo:

Reparava, como era natural e até bastante fácil, que andava particularmente mal vestido e também tinha olho para saber quem se vestia bem, mas o meu pensamento levou anos a descobrir que a causa do meu lamentável aspecto eram minhas roupas. Porque na altura já começava a menosprezar-me, mais por intuições do que na realidade, estava convencido de que era só em mim que as roupas assentavam primeiro rigidamente como uma tábua e depois descaindo em muitas pregas.⁴⁹

Diferentemente dos demais seres vivos, ao tomarmos o corpo como objeto, não temos mais com este uma relação de imanência. Não somos com ele indivisos. Temos um corpo sentido amiúde como altamente insatisfatório, além do fato de sermos constantemente

⁴⁷ KAFKA. *Diários* (Itatiaia), p. 166.

⁴⁸ KAFKA. *Diários* (Difel), 14/02/1922, p. 368-369.

⁴⁹ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 31/12/1911, p. 204.

lembrados por ele da transitoriedade: passagem do tempo e fragilidade da vida ou da certeza da morte. A última casa é o túmulo.

Entretanto, no caso de Kafka, a vergonha, as inibições e as dificuldades que existiam em relação ao corpo, com o tempo, foram dando lugar a uma apreensão mais grave. Comenta Luiz Costa Lima que, “Nas cartas e nos diários do autor, não há queixa ou alusão negativa mais frequente que ao próprio corpo”.⁵⁰ Nos diários, em uma das primeiras anotações, lemos: “A concha do meu ouvido sente-se fresca, áspera, fria, sumarenta como uma folha. Escrevo isso levado, com toda a certeza, pelo desespero que me causa o meu corpo e o futuro deste corpo.”

⁵¹ Kafka perambula pelas ruas e pensa no futuro distante: “Como suportá-lo com este corpo encontrado em um depósito de trastes velhos.” ⁵² Sabendo que Kafka morre pouco antes de fazer 41 anos, não deixa de ser espantoso ler essa sua anotação aos 28 anos: “Se eu chegasse a ter quarenta anos [...]. Mas eu com dificuldade chegarei a ter quarenta anos; a pressão frequente que sinto na metade esquerda da cabeça, por exemplo, depõe contra isso, e eu sinto-a como se fosse uma lepra interna”.⁵³ Quando percebe que não poderá sustentar seu noivado, sentindo o casamento como algo vetado a ele, Kafka tenta de todos os modos dissuadir Felice do casamento. Na carta de 23/05/1913, em que conta a Felice que estava escrevendo ao pai dela confidenciando que não será capaz de tamanha empreitada,⁵⁴ vemos que Kafka se esmera em descrever sua impotência:

De uns dez anos para cá não me sinto muito bem e isso não cessa de se agravar. O sentimento de bem-estar que acompanha a saúde, o bem-estar de um corpo em tudo obediente e capaz de trabalhar sem requerer uma atenção e preocupações constantes, esse bem-estar de onde procedem a alegria constante e sobretudo a espontaneidade da maior parte das pessoas – esse bem-estar me falta. E ele me falta em todas, mas verdadeiramente em todas as manifestações de minha vitalidade. E esse defeito não está, sei lá eu, em que doença particular teria eu tido um dia; pelo contrário, doença explícita e ao ponto de me acamar, talvez tive nenhuma desde as minhas doenças da infância, pelo menos não posso me lembrar de nenhuma desse gênero. Mas então, esse triste estado existe, manifesta-se quase a cada instante; de longe isso parece suportável, em encontros passageiros com amigos pode ser ignorado, na minha família um silêncio mortal (*Todesschweigen*) faz com que a importância disso seja interdita, mas e na vida em comum mais imediata? Assim como esse estado me impede de falar espontaneamente, de comer espontaneamente, de dormir espontaneamente, do mesmo modo ele me priva de toda espontaneidade. Eu não conheço coisa alguma da qual eu não tenha medo desse jeito, e isso por razões fundadas na experiência.⁵⁵

⁵⁰ LIMA. *Os limites da voz*, p. 40.

⁵¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 1910, p. 10.

⁵² KAFKA. *Diários* (Emecé), 24/11/1911, p. 119; *Diários - Diários de viagem* (Relógio D'Água), p. 162.

⁵³ KAFKA. *Diários* (Difel), 09/10/1911, p. 59.

⁵⁴ KAFKA. *Diários* (Difel), 21/08/1913, p. 203-204.

⁵⁵ KAFKA. *Lettres à Felice*, 23/05/1913, p. 443. *Cartas a Felice* (Alianza), p. 382-383.

Conhecendo Felice recentemente, Kafka envia uma outra fotografia da infância em uma carta à namorada. Mesmo não sabendo precisamente qual é a foto, podemos deduzir qual é a imagem, pela legenda que a acompanha na carta:⁵⁶

Ignoro por completo la edad que tengo ahí. En aquel entonces aún me pertenecía por entero, y me parece que esto ha debido de ser muy agradable. Por ser el primogénito me han hecho muchas fotos, y por tanto hay toda una serie de metamorfosis (*große Reihenfolge von Verwandlungen*).⁵⁷ A partir de ahora lo que se ve en cada foto es peor y peor, ya lo verás. En la próxima estoy en plan de mono de mis padres. (*Affe meiner Eltern auf*).⁵⁸

Figura 3 – Kafka entre 5 e 7 anos (acima) e proximadamente com 5 anos (abaixo)



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 20-21.

Mesmo sem certeza absoluta, podemos presumir que é essa foto (com 5 anos) que Walter Benjamin escolhe para comentar, em sua homenagem a uma década da morte de Kafka:

⁵⁶ DUTTLINGER. *Kafka and Photography*, p. 101.

⁵⁷ “Kafka escreveu essa carta enquanto trabalhava na escrita d’A *metamorfose*” (DUTTLINGER. *Kafka and Photography*, p. 106).

⁵⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), p. 134; *Lettres à Felice*, 28/11/1912, p. 158. Na tradução em português encontramos um erro absurdo. Em vez de “Macaco”, que traduz “singe” ou “mono”, respectivamente nas traduções em francês e em espanhol do original alemão *Affe*, em português temos “ídolo” (In: *Cartas a Felice* (Anima), 28/11/1912, p. 127).

Existe uma foto infantil de Kafka. Poucas vezes “a pobre e breve infância”⁵⁹ concretizou-se em imagem tão evocativa. A foto foi tirada num desses ateliês do século XIX, que com seus cortinados e palmeiras, tapeçarias e cavaletes parecia um híbrido ambíguo de câmara de torturas e sala de trono. O menino de cerca de seis anos é representado numa espécie de paisagem de jardim de inverno, vestido com uma roupa de criança muito apertada, quase humilhante, sobrecarregada com rendas. No fundo erguem-se palmeiras imóveis. E, como para tornar esse acolchoado ambiente tropical ainda mais abafado e sufocante, o modelo segura na mão esquerda um chapéu extraordinariamente grande, com largas abas, do tipo usado pelos espanhóis. Seus olhos incommensuravelmente tristes dominam essa paisagem sob medida para eles, e a concha de uma grande orelha escuta tudo o que se diz.⁶⁰

Figura 4 – Kafka escolar aos 14 ou 15 anos.



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 34.

⁵⁹ Referência ao conto de Kafka “Josefina, a cantora”.

⁶⁰ BENJAMIN. Franz Kafka – A propósito do décimo aniversário de sua morte, p. 144. “Although we cannot be sure that Kafka is here commenting on the same image as Benjamin twenty years later, He refers to the same phenomenon: the studio portrait’s erosion of individuality” (DUTTLINGER. *Kafka and Photography*, p. 103).

Figura 5 – Kafka na época da redação d’*O processo* (1914)



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 73.

1.3 O devir animal

Vivo, em raras ocasiões, dentro de uma palavrinha com cujo trema (*Stössel*⁶¹) perco por um momento minha cabeça inútil. A primeira e a última letra são o começo e o fim de minha emoção de peixe [sentimento pisciforme] (*fischartigen Gefühls*.)⁶²

Um ser vivo em estado larvar, que ainda não está pronto para o mundo pode espreitar, na vigília de seu casulo, caminhos de materialização diversos do plano original. A transformação, a metamorfose, tornar-se outro, tornar-se animal, tornar-se “Ele”, a conquista da terceira pessoa, tão significativa em Kafka, pode ser a vicissitude de um corpo temeroso de nascer e se expor. “Tenho também uma grande capacidade de metamorfose

⁶¹ Lança, impele.

⁶² Tradução alternativa de KAMPFF LAGES. Posfácio. In: KAFKA. *O desaparecido ou Amerika*, p. 271; KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’água)*, p. 29; *Diários (Difel)*, 20/08/1911, p. 41.

(*Verwandlungsfähigkeit*)”.⁶³ Em um mundo sem saída, considera-se a saída pela metamorfose: o tornar-se animal rastejante, ínfimo, um corpo/verme em fuga até o desaparecer completo no nada. Mas escapar de quê? Lacan, no que segue, trabalha a saída pelo desumano diante de uma imagem que domina a ponto de impedir o jogo de rivalidade com o outro:

Suponhamos que essa situação comporte precisamente para o sujeito a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico. O que lhe resta? Resta-lhe a imagem a que se reduz a função paterna. É uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas cuja função de modelo, de alienação especular, dá ainda assim ao sujeito um ponto de engajamento e lhe permite apreender-se no plano imaginário. Se a imagem captadora é desmedida, se a personagem em questão se manifesta na ordem da potência, e não na do pacto, é uma relação de rivalidade que aparece, a agressividade, o temor, etc. Na medida em que a relação permanece no plano imaginário, dual e desmedido, ele não tem a significação de exclusão recíproca que o afrontamento especular comporta, mas a outra função que é aquela da captura imaginária. A imagem adquire em si mesma e logo de saída a função sexualizada, sem ter necessidade de nenhum intermediário, de nenhuma identificação com a mãe nem com qualquer que seja. O sujeito adota então essa posição intimidada que observamos no peixe ou no lagarto. A relação imaginária se instaura sozinha, num plano que não tem nada de típico, que é desumanizante, porque não deixa lugar para a relação de exclusão recíproca que permite fundar a imagem do eu na órbita que dá o modelo do outro, mais acabado.⁶⁴

Na *Carta ao pai*, lemos o testemunho dessa desumanização de várias maneiras e, de modo mais literal, temos a que segue:

Com tua antipatia atingiste, de modo ainda mais certo, a minha atividade de escritor e tudo aquilo que se relacionava a ela e não conhecias. Neste ponto eu de fato conseguira me afastar um pouco de ti autonomamente, mesmo que isso lembrasse um tanto o verme que, esmagado por um pisão na parte de trás, se livra com os movimentos da parte dianteira arrastando-se para o lado.⁶⁵

Deleuze e Guattari tratarão o devir animal em Kafka principalmente como um escape: “Para Kafka, a essência animal é a saída, a linha de fuga, ainda que no mesmo lugar ou na jaula. *Uma saída e não a liberdade. Uma linha de fuga viva e não o ataque*”.⁶⁶ Escapar da opressão de outros devires como “permanecer burocrata, inspetor, ou juiz e réu.”⁶⁷ Exercício de algo que toda criança conhece: “não há crianças que não construam ou não experimentem essas linhas de fuga, esses tornar-se-animais.”⁶⁸ Mas, como veremos, algo que Deleuze e Guattari em sequência constatam, essa desterritorialização não é absoluta, nem muito feliz. Além disso, percebemos que a fuga tem uma dupla função, é também um refúgio, não se trata de simples

⁶³ KAFKA. *Diários* (Difel), 30/08/1911, p. 48.

⁶⁴ LACAN. *Livro 3 – O seminário*: as psicoses, p. 233.

⁶⁵ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 68-69.

⁶⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 53, grifos no original.

⁶⁷ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 20.

⁶⁸ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 20.

escapes: “Há uma certa delicadeza de estufa na maneira como me encolho a um sopro de vento; se quiserem, há qualquer coisa de comovente neste movimento, é tudo.”⁶⁹ Muitas vezes, nos *Diários*, lemos: ainda não humano, não nascido, menos ainda que um feto... permanecendo na antessala da vida, “sua vida toda é um nascimento contínuo, um infindável ‘vir ao mundo’”.⁷⁰

E assim, prosseguindo a investigação, vamos percebendo o quanto o tornar-se animal (como tudo) em Kafka é uma operação complexa e sobredeterminada. Em trabalho anterior sobre a *Carta ao pai*,⁷¹ soubemos, por esta, que apelar para os animais fazia parte do repertório de impropérios do pai Hermann. Os amigos de Franz, segundo ele, por extensão, não eram poupados dos xingamentos e das duras críticas paternas:

Pessoas inocentes, ingênuas como, por exemplo, o ator judeu Löwy tinham de pagar por isso. Sem conhecê-lo, tu o comparaste, de um modo terrível, do qual já me esqueci, com insetos daninhos (*Ungeziefer*)⁷² e, como muitas vezes aconteceu em relação a pessoas que me eram caras, tu automaticamente tinhas à mão o provérbio sobre cães e pulgas.⁷³

Kafka, então, responde a isso se transformando no que o insulto maldiz, na estratégia aparentemente paradoxal de, ao consentir com a maldição, safar-se. Como se ele dissesse, tentando talvez arrancar um chiste do humor negro: Quem dorme com cães é um deles. Quem acorda com pulgas é, logo, uma delas.⁷⁴ Com Milena, comentando sua *Carta ao pai* a ela enviada, escreve: “Habitar na casa dos pais é muito ruim, sem dúvida, mas não só habitar: viver, ficar fundido nesse ambiente de bondade, de amor — você não conhece, certamente, a carta que escrevi ao meu pai—, o debater-se da mosca no visgo”.⁷⁵

Kafka responderá aos insultos também, literariamente, animalizando seus protagonistas. Sua escrita íntima, sua correspondência e a obra ficcional são povoadas de bichos: muitos anos antes d’*O Processo* nascer entre as mãos de Kafka fazendo Josef K., ao final do romance, morrer

⁶⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 11/12/1919, p. 346.

⁷⁰ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 26.

⁷¹ GUATIMOSIM. *Kafka e a escrita destinada ao pai: de uma Carta à letra*, p. 143-144.

⁷² “(Por sinal que a palavra-chave *Ungeziefer*, inseto daninho, designação dada por Kafka ao herói de *A metamorfose*, aparece duas vezes na carta, proferida pelo pai)”, parênteses de Carone no posfácio de sua tradução da *Carta ao Pai*, p. 77. “mit *Ungeziefer*” está na *Carta* no plural, mas “remete diretamente ao inseto de *A metamorfose*”, como assinala Backes na nota 17. KAFKA. *Carta ao pai*, p. 31.

⁷³ O provérbio é “Quem dorme com cães acorda com pulgas” (KAFKA. *Carta ao pai*, p. 30-31). Vemos no dia 01/11/1911 anotações sobre comentários do pai referentes ao amigo Löwy que se repetem na *Carta ao pai* (*Diários*, Difel, p. 90).

⁷⁴ Ver sobre isso em ROBERT. *Franz Kafka o la soledad*, p. 31-32. Ainda sobre essa questão, lemos em Adorno: “Como há milhares de anos, Kafka procura a salvação pela incorporação da força do inimigo. [...] O sujeito deve executar aquilo de que padece” (Anotações sobre Kafka. In: *Prismas*, p. 268).

⁷⁵ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 193.

“Como um cão!”,⁷⁶ lemos em uma Carta a Brod: “Meu caminho é ruim [...] e eis aqui uma coisa que consigo enxergar: estou fadado a terminar como um cão. Também eu gostaria de manter isso a distância. Já que é impossível, posso apenas regozijar-me por não sentir pena de mim mesmo e por ter-me tornado, finalmente, egoísta a esse ponto.”⁷⁷ Kafka acentua em suas notas que se arrasta em um submundo: como um verme, como um cão, como um inseto:

Na verdade, e isso pode repetir-se diante de quem quiseres, aqui em baixo estamos muito mal; sim, na verdade, estamos pior do que cachorros, porém no que me diz respeito não há remédio; que eu fique aqui na sarjeta juntando toda a água da chuva, ou com os mesmos lábios beba champanhe sob os candelabros, para mim é a mesma coisa. Além disso, nem sequer posso escolher entre ambas as coisas, realmente não me acontece jamais nada que me possa chamar a atenção; como poderia acontecer-me, sob o palanque de todas essas cerimônias que me são necessárias, que apenas me permitem arrastar-me como uma barata (*ein Ungeziefer*) [verme, inseto].⁷⁸

Vermes, insetos, roedores, cães, chacais e macacos e por vezes objetos (“Odradek”⁷⁹ e as bolinhas de “Blumfeld”⁸⁰) protagonizam as histórias, oportunamente lembrando que uma grande paixão de Kafka eram as fábulas (e Robert Walser o preferido⁸¹) e que em seu nascedouro original, foram usadas para críticas ao poder dominante, ao modo de uma ironia desviada e infantil, na esteira da linha de fuga pensada por Deleuze e Guattari em sua “literatura menor”. Mas, nas fabulações de Kafka, não há uma mensagem moralista; nas parábolas, a própria mensagem se dilui e, por vezes, se desfaz. Os animais tomam o lugar do eu da narrativa de uma maneira muito particular, ao modo de uma “deformação precisa”⁸² e singular, como no caso mais evidente de *A Metamorfose* (*Die Verwandlung*). Mas nesse e em outros casos da ficção, como em “A construção” [O covil, A toca] (*Der Bau*),⁸³ “Josefina, a cantora” (*Josephine, die Sängerin*)⁸⁴ e “investigações de um cão” (*Forschungen eines Hundes*),⁸⁵ diferentemente de uma metamorfose completa, de uma

⁷⁶ “Como um cão! – disse K.” KAFKA. *O processo* (Carone, ed. Globo), p. 211; “Como um cão! – ele disse”. *O processo* (Backes), p. 262.

⁷⁷ Kafka *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 163.

⁷⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/07/1910, p. 15; *Diários - Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 74.

⁷⁹ Do conto “A preocupação do pai de família” (“Die Sorge des Hausvaters”). In: *Um médico rural*, p. 43.

⁸⁰ Narrativa publicada postumamente: “Blumfeld, um solteirão de meia-idade” (“Blumfeld, ein älterer Junggeselle”). In: *Narrativas do espólio*, p. 30.

⁸¹ Walser, que durante a vida autoexilou-se em hospitais psiquiátricos recusando o sucesso e a grandeza. Não corrigia sua escrita miúda e foi criador de personagens insólitos. Segundo Canetti, Walser é inegável precursor de Kafka. Canetti destaca uma frase do fabulista, lema dos poetas: “Só consigo respirar nas regiões inferiores”. Para o crítico e tradutor Marcelo Backes, Walser “ilumina a existência humana pelas beiradas, desvelando o imenso valor das coisas ‘insignificantes’”. BELÉM. O escritor suíço que fez a cabeça de Kafka.

⁸² Na expressão de W. Benjamin, *apud* CARONE. *Lição de Kafka*, p. 38. “Kafka desrealiza o real e realiza o irreal”. O realismo de Franz Kafka. In: CARONE. *Lição de Kafka*, p. 41.

⁸³ *Um artista da fome/A construção*, p. 61.

⁸⁴ KAFKA. Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos. In: *Um artista da fome/A construção*, p. 37.

⁸⁵ KAFKA. *Narrativas do espólio*, p. 146.

“desterritorialização absoluta”⁸⁶ onde o protagonista se beneficiaria da transformação ganhando alienação, pequenez, agilidade física e instintiva, vê-se que o devir animal carrega todo o peso desconjuntado do corpo humano deformado. O animal parasita o humano e o humano parasita o animal, ficando o protagonista, de novo, no limbo, sem saída, encalacrado em sua transformação, como no caso doloroso e atormentado de Gregor, em *A metamorfose*:

meio inconsciente, não sem sentir uma leve vergonha, ele precipitou-se debaixo do canapé, onde logo se sentiu, apesar de suas costas ficarem um pouco apertadas e apesar de não conseguir mais levantar a cabeça, bem confortável, lamentando apenas que o corpo fosse demasiado largo para poder se abrigar por inteiro sob o canapé.⁸⁷

Sem a desenvoltura humana, nem a ligeireza do inseto, Gregor fica literalmente encalacrado também nessa passagem: “Quando, no entanto, enfim se encontrou, feliz, com a cabeça ante a abertura da porta, deu-se conta de que seu corpo era demasiado largo para conseguir passar por ela”.⁸⁸ *A metamorfose*, que não agradou Kafka, ganhou duas edições em 1915/1916. Na segunda edição, Kafka ficou apreensivo quando soube do artista escolhido para fazer o desenho da capa. Era um belo volume que estava sendo preparado, mas na última hora não teve dúvidas em advertir seu editor Kurt Wolf:

Uma vez que Starke é o ilustrador, ocorreu-me que poderia querer desenhar o próprio inseto. Isso não, por favor, isso não. Não pretendo invadir uma área que compete a ele, mas apenas fazer-lhe um apelo em função de meu conhecimento, naturalmente mais íntimo, da história. O inseto como tal não pode ser retratado. Não pode sequer ser mostrado à distância.⁸⁹

Ainda na mesma carta a Wolf, Kafka sugere o que gostaria de ver figurado na capa: “para ilustrar, eu escolheria cenas como as seguintes: os pais e o chefe em frente à porta trancada, ou melhor ainda, os pais e a irmã na sala iluminada, com a porta aberta para o quarto adjacente que fica na escuridão.”⁹⁰

⁸⁶ “*Os devenires* animais são exatamente o contrário: são desterritorializações absolutas, pelo menos em princípio, que se afundam no mundo desértico investido por Kafka.” DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 20.

⁸⁷ KAFKA. *A metamorfose*, p. 46.

⁸⁸ KAFKA. *A metamorfose*, p. 41.

⁸⁹ Kafka em carta a K. Wolf de 25/10/1915, apud PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 331. KAFKA. Carta a K. Wolf de 25/10/1915. In: *Letters to Friends, Family, em Editors*, p. 114. KAFKA. *Correspondance, 1902-1924*, p. 167.

⁹⁰ KAFKA. Carta a K. Wolf de 25/10/1915. In: *Letters to Friends, Family, em Editors*, p. 115. *Correspondance, 1902-1924*, p. 168.

Figura 6 – Capa de *Die Verwandlung*



Fonte: Hamburger Lesehefte Verlag, 2017.

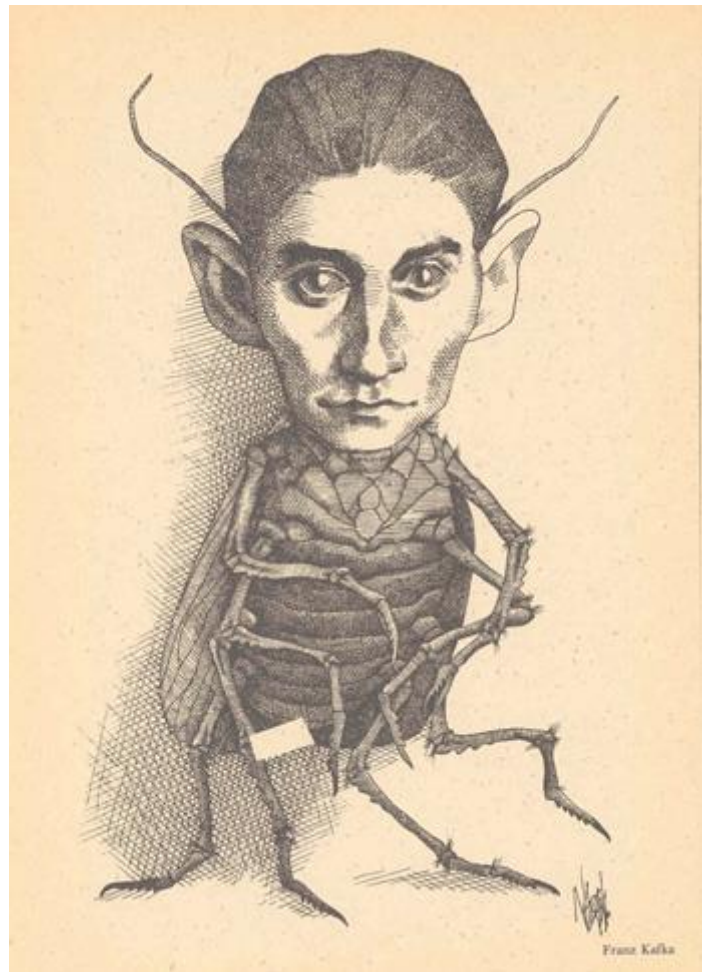
Mais uma vez Kafka é amplamente desobedecido. Apesar de sua advertência de que a ilustração do inseto – que resta também genérico, não nomeado – não poderia aparecer no livro, as imagens desenhadas que são inspiradas pela *Metamorfose* e as que ilustram as capas de grande parte das diversas edições posteriores mostram um sujeito que fica incrustado no inseto, permanecendo humano, cuja subjetividade e corpo resistem à total transformação. A metamorfose fica então a meio caminho e pede que se imagine um homem escaravelho, como realizam muitas ilustrações da obra prima de Kafka. E, apesar de, em certa altura do conto, Gregor deixar de ser tratado como “ele” (*er*) para ser rebaixado a um simples “isso” (*es*), pronome neutro, resta um sujeito em sofrimento em meio à carapaça animal, mas não reconhecido como tal, entre as quatro paredes da incomunicabilidade. “Ou seja: ele se comporta como um homem que ainda existe, mas que não pode ser visto como sendo ele mesmo, e nessa medida é empurrado para o isolamento e a solidão (para acabar na exclusão).”⁹¹ Disso então

⁹¹ CARONE. O parasita da família. In: *Lição de Kafka*, p. 21.

resta Kafka, resta “Ele”, a terceira pessoa tão cara a Kafka, resta o escritor em estado de literatura que conta e escreve a estória: “No fundo minha vida consiste e consistiu sempre em tentativas de escrever, e mais frequentemente em tentativas falhadas. Se eu não escrevesse, eu me sentiria mal e ficaria ao chão como restos dignos de serem varridos (*wert hinausgekehrt zu werden*).”⁹²

Figura 7 – Desenhos inspirados no tema da *Metamorfose*

7a



Fonte: Caricatura do mexicano Rogerio Naranjo.⁹³

⁹² KAFKA. *Lettres à Felice*, 01/11/1912, p. 76; *Cartas a Felice*, p. 38.

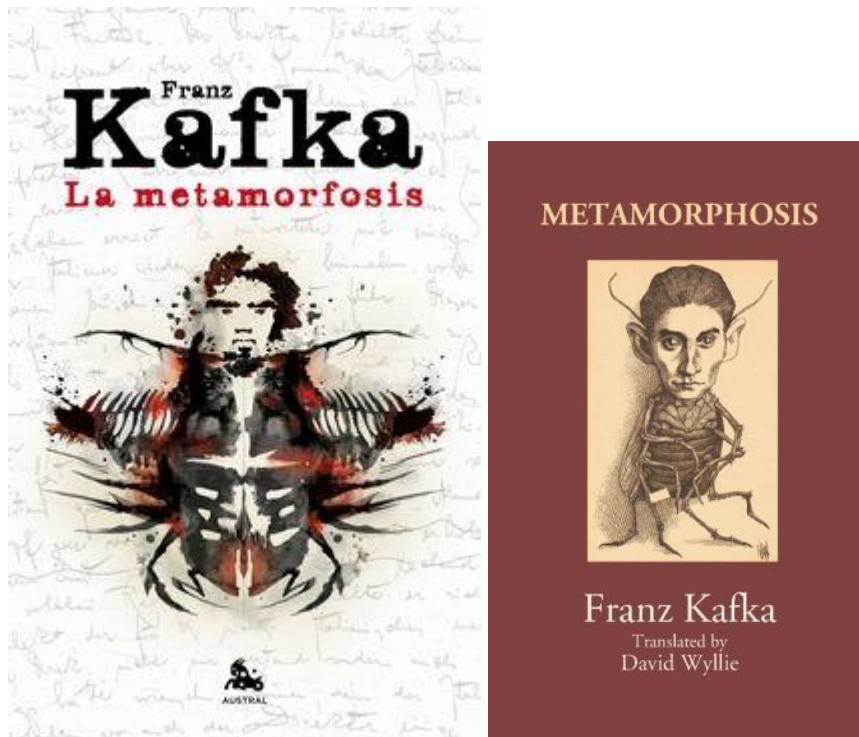
⁹³ Disponível em: <<http://www.larevista.ec/cultura/arte/cien-anos-de-la-metamorfosis>>. Acesso em: nov. 2017.

7b Desenho usado em edição de *La metamorfosis*



Fonte: Editorial Longseller, 2004.

Figura 8 – Capas de *La metamorfosis y otros relatos de animales* (direita) e *Metamorphosis* (esquerda)



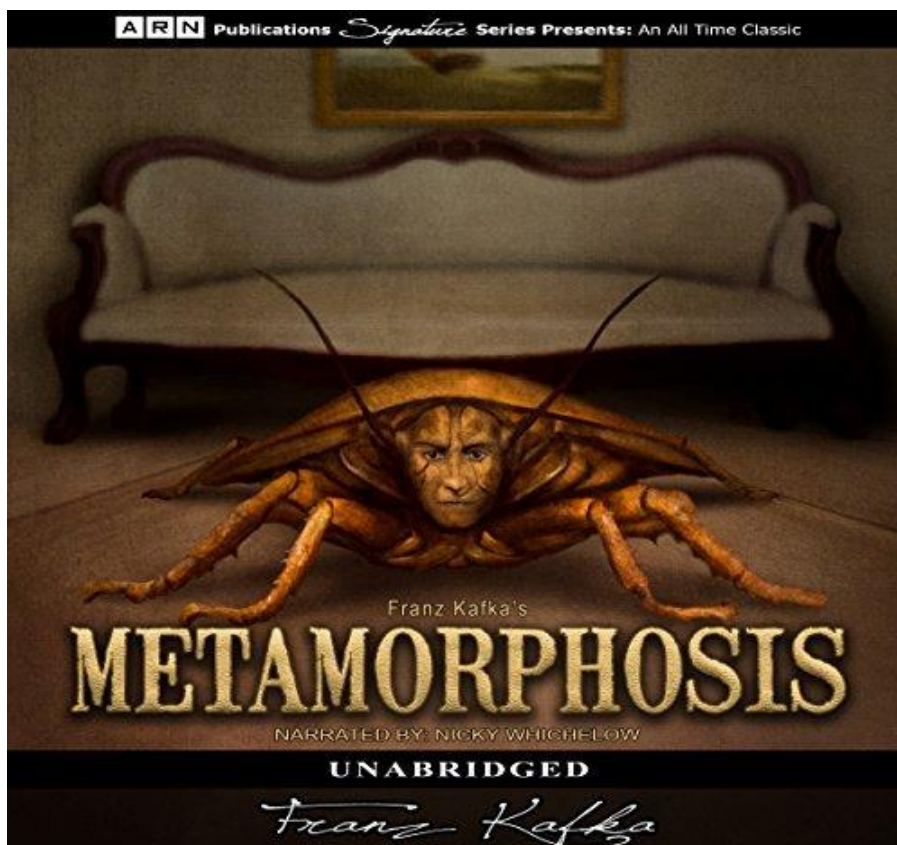
Fontes: KAFKA. *La metamorfosis y otros relatos de animales*: Editorial Espasa, 2012; e KAFKA. *Metamorphosis*. Nova Delhi: Edição Gyan Books. 2011.

Figura 9 – Ilustração do original *The metamorphosis* de Peter Kuper



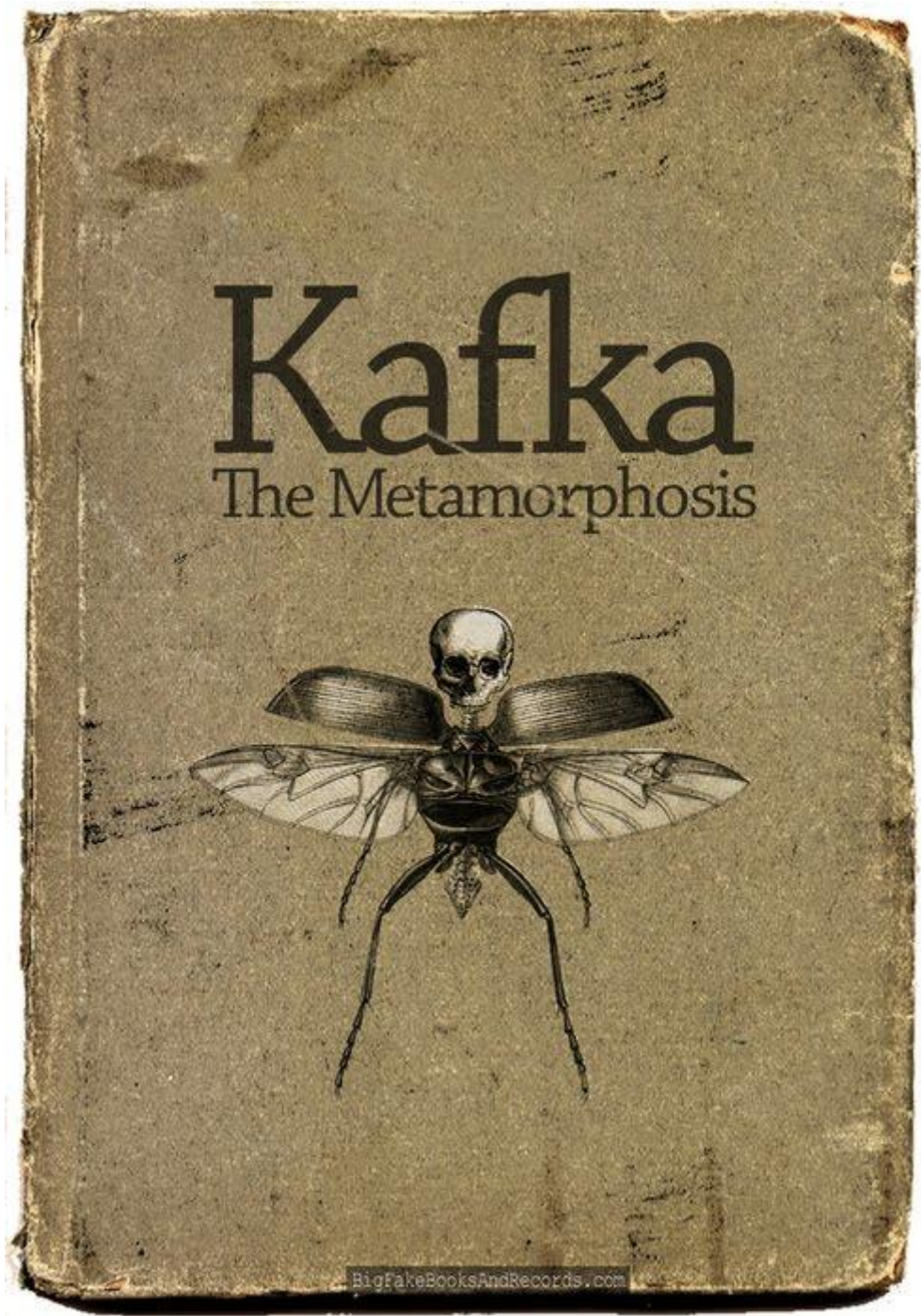
Fonte: *A metamorfose*, editora Conrad, 2010.

Figura 10 – *Metamorphosis*, Audiobook narrado por Nicky Whichelow, 2016



Fonte: ARN Publications, 2016.

Figura 11 – Capa ilustrando a vida do inseto e a morte do homem



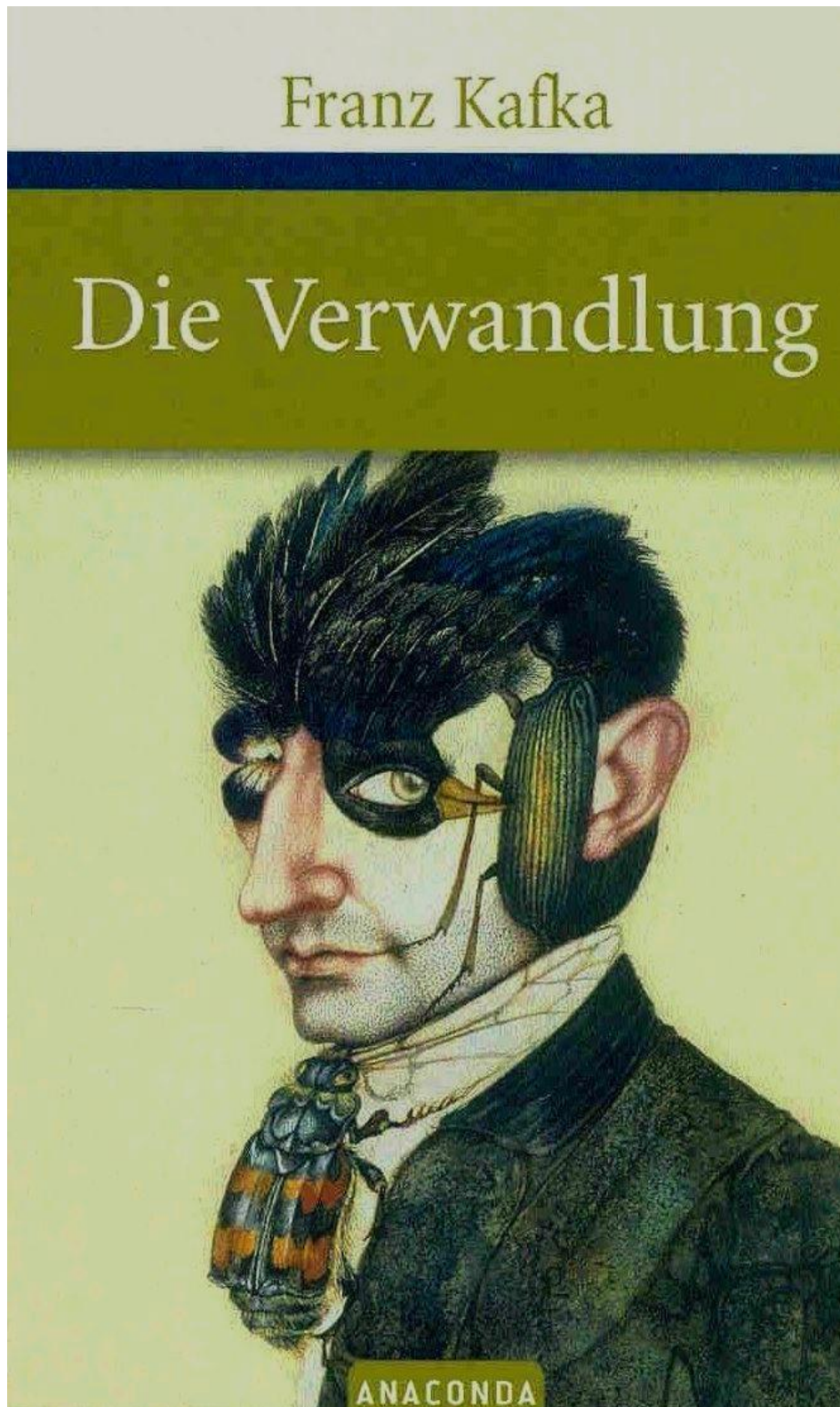
Fonte: Audiobook, Narração Benedict Cumberbatch, 2014.

Figura 12 – “Quando Gregor Samsa si svegliò una mattina da sogni inquieti, si trovò trasformato nel suo letto in un immenso insetto”



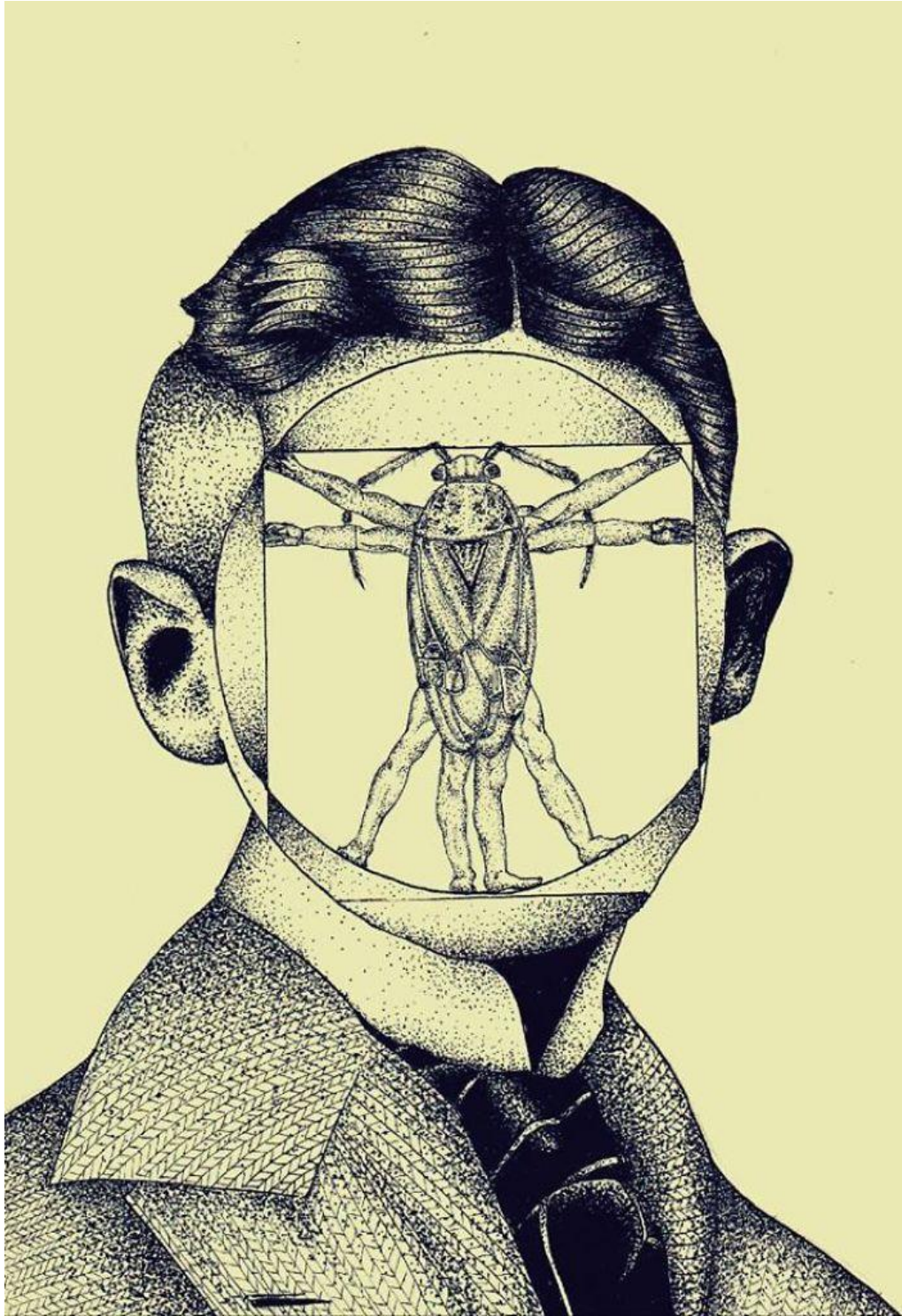
Fonte: *La metamorfosi*. Edizione Garzanti, 2014.

Figura 13 – Edição capa dura de *Die Verwandlung*



Fonte: Anaconda Verlag, 2005.

Figura 14 – Ilustração da *Metamorphosis*. No centro o inseto Vitruviano



Fonte: Disponível em: <<https://www.awesomeinventions.com/authors-and-their-works-illustrations/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

Figura 15 – “Gregor Samsa acorda” (“Gregor Sams erwacht”)



Fonte: Ilustração para *Die Verwandlung* por Constantin Bartning. Berlin, 1977.

Figura 16 – Gregor acorda

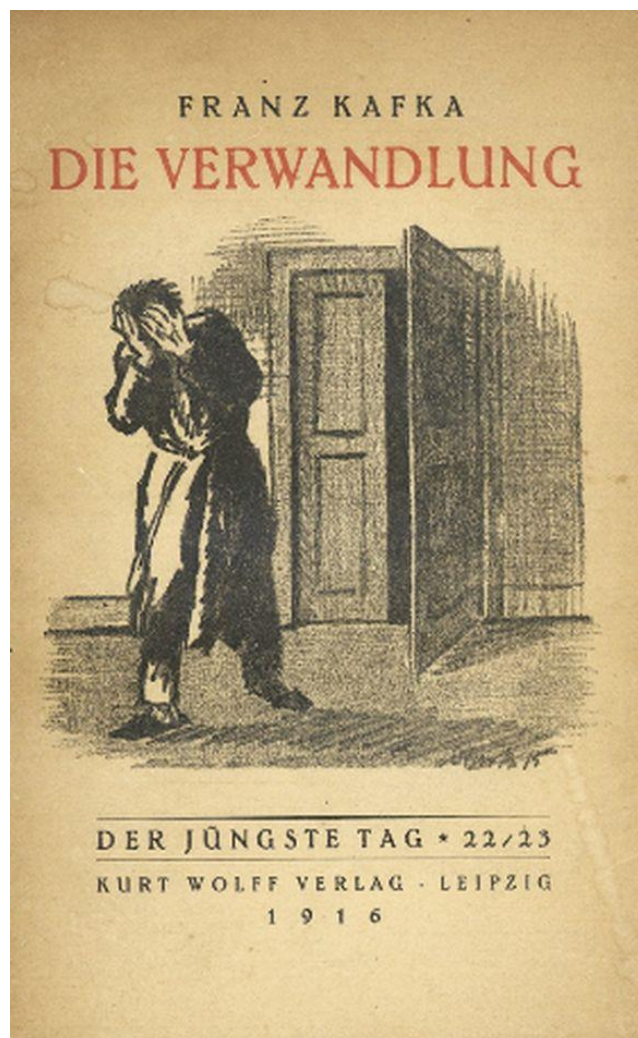


Fonte: KAFKA. *A metamorfose*. L&PM Pocket Mangá, p. 118.

Talvez a intenção de Kafka com essa objeção à imagem, a restrição absoluta a uma ilustração que sugerisse o inseto, fosse para que apenas a literatura fizesse a transformação subjetiva do filho em parasita e do parasita em coisa, mantendo visível na capa apenas uma figura humana torturada que, comparada à narrativa, sugere ser a do pai aterrorizado com o que

havia acabado de ver. “O pai cerrou o punho com expressão hostil, como se quisesse empurrar Gregor de volta ao quarto, depois olhou a sala em volta de si, inseguro; em seguida levou a mão aos olhos, cobrindo-os, e chorou, a ponto de fazer seu peito poderoso sacudir-se num frêmito.”⁹⁵ Volta-nos a confissão da *Carta ao Pai*: “Minha atividade de escritor tratava de ti, nela eu apenas me queixava daquilo que não podia me queixar junto ao teu peito”.⁹⁶ O desenho – sugerido e certamente aprovado por Kafka – que ilustra a edição que Kafka acompanhou d’*A metamorfose* diz-nos o quanto a novela visava atingir o pai. Forçosamente é o que se dá a ver na capa da primeira e/ou segunda edição em livro:

Figura 17 – Capa das primeiras edições d’*A metamorfose* (1915/1916). Desenho onde o que vemos é a reação do pai, tal como é descrita no conto, ao ver a transformação operada em Gregor

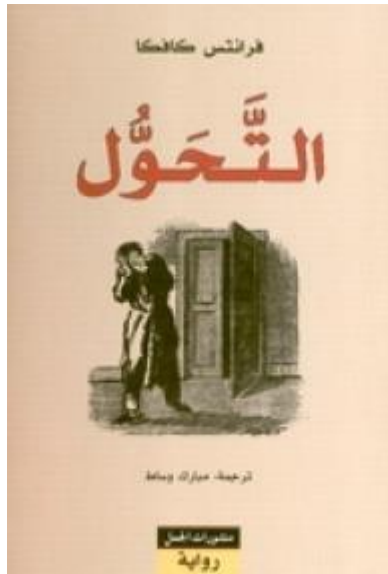


Fonte: Kurt Wolf Verlag – Leipzig, 1916.

⁹⁵ KAFKA. *A metamorfose*, p. 34.

⁹⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 69.

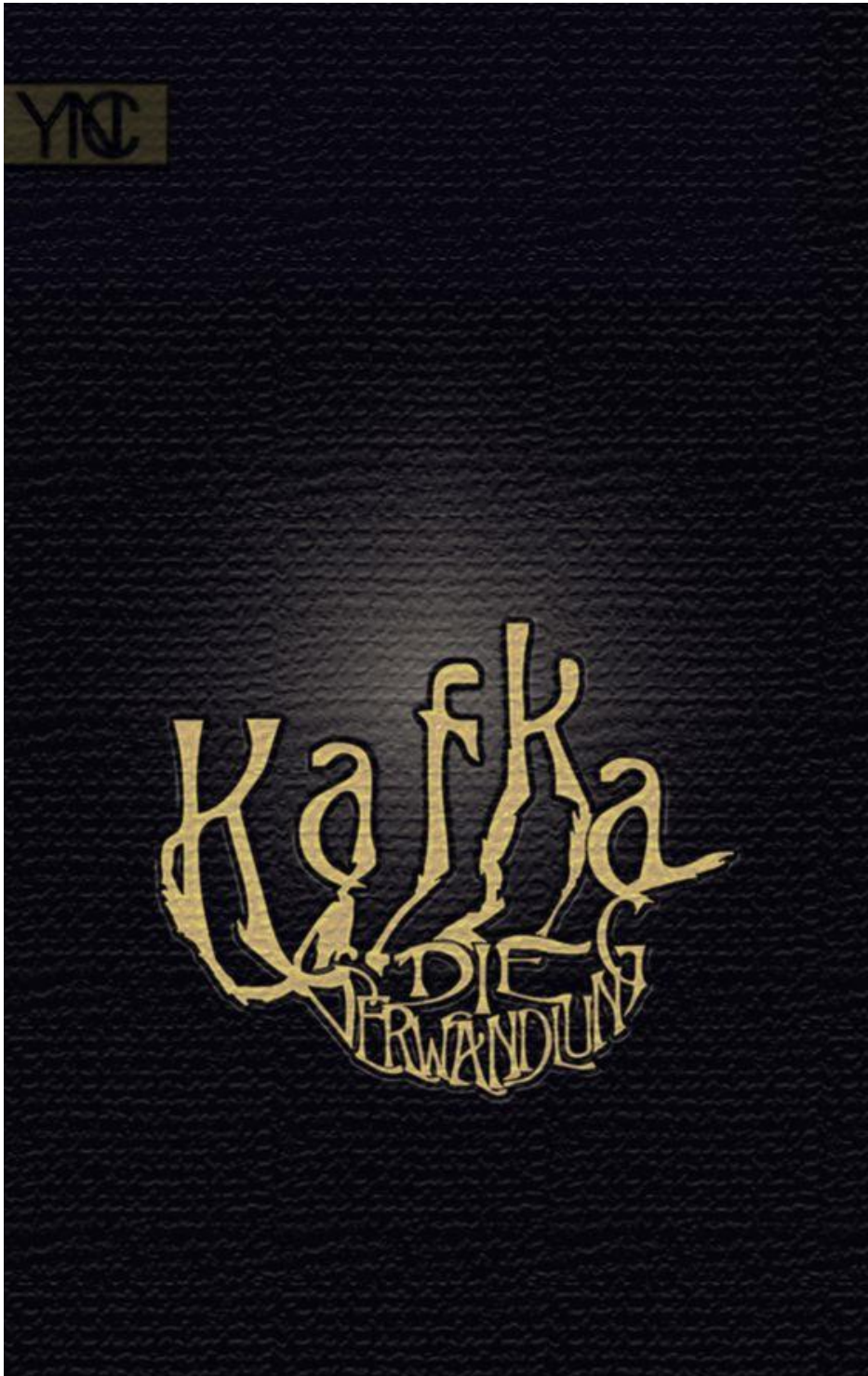
Figura 18 – *A Metamorfose*, edição em árabe, 2015



Fonte: Editora: منشورات الجمل.

Por vezes, na ilustração da obra mestra, algumas edições posteriores chegam perto de uma metamorfose literal, pela via da letra. Na sequência de imagens, apenas as letras desenhando o inseto fazem com que o *design* ilustre o estado de resistência linguageira do ser falante: transformação literária e literal.

Figura 19 – Ilustração através das letras e da fonte



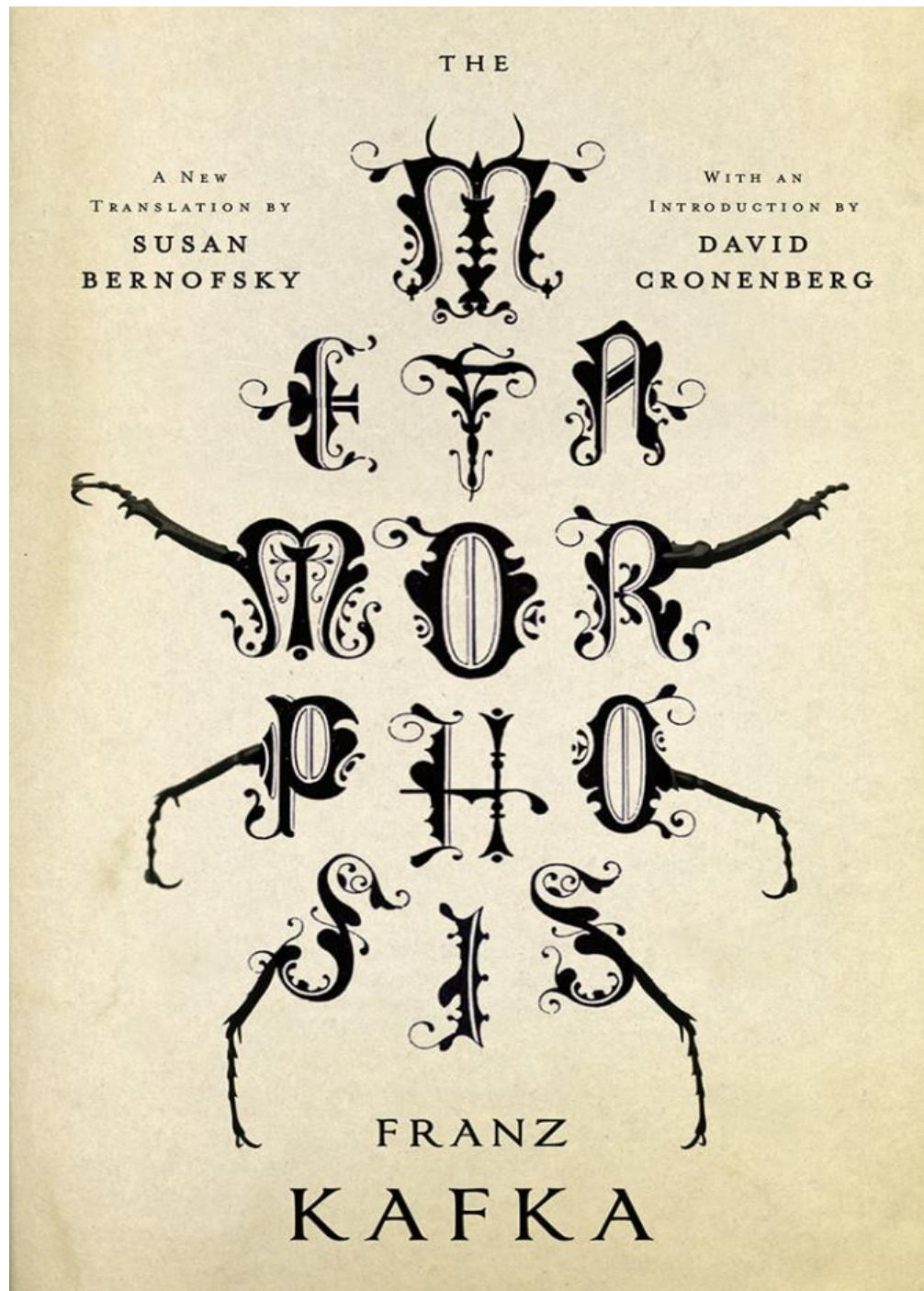
Fonte: Internet.

Figura 20 – Edição turca d'A metamorfose: *Dönüşüm*, 2017



Fonte: Editora Can Yayınları. Almet Cemal (Tradutor).

Figura 21 – *Metamorphosis*, 2014



Fonte: Edition: W.W. Norton Company. “For WW Norton’s new translation of Franz Kafka’s *The Metamorphosis*, book cover designer Jamie Keenan reworked an old Italian typeface to form the shape of the ‘transformation’ itself.”⁹⁷

Também na indefinição entre o humano e o inumano, no limbo, figura tão frequente em Kafka, algumas pequenas histórias se destacam: temos a solidão e tristeza em “Josefina, a cantora ou O povo dos ratos”: o povo vive sob a astúcia prática que exigem as necessidades;

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.creativereview.co.uk/front-to-back-the-metamorphosis/>>.

não conhece a infância, não conhece a felicidade e não gosta de música. “Só Josefina é uma exceção; ela ama a música e sabe também transmiti-la; é a única; com seu passamento a música desaparecerá – quem sabe por quanto tempo – da nossa vida.”⁹⁸ “O caçador Gracchus” (*Der Jäger Gracchus*, que nas traduções aparece com duas grafias) traz, com doce e amarga ironia, a força de um sofrimento infinito, que joga o inocente caçador em uma errância infinita, à qual nem a morte põe fim:

“O caçador Graco” recebeu bem a morte. “Tinha vivido com prazer e morrido com gosto [...] enfiei-me na mortalha como uma jovem no vestido de casamento”,⁹⁹ com alegria entrou na barca que devia transportá-lo para o além, mas, ao invés disso, “tornou-se uma borboleta”¹⁰⁰ e ficou dando voltas para cima e para baixo, à direita e à esquerda, viajando assim “por todos os países da terra”. Porém, isso não o livra do tormento da culpa, do infortúnio de ser esquecido, da solidão do isolamento que lhe impõe o barqueiro. O caçador Graco ficou a meio caminho da metamorfose. Kafka encontra nesses heróis híbridos “formas intermediárias entre ser e não ser.”¹⁰¹

Assistimos ainda uma toupeira desorientada na construção de sua toca sofrendo no corpo ataques de angústia paranoide, em *A construção* (*Der Bau*). Vemos n’ *A construção* (*O covil*) como um abrigo, em vez de apaziguar, pode gerar ainda mais angústia: “Justamente por ser possuidor desta grande obra suscetível é que eu permaneci inerte contra qualquer ataque mais sério. A felicidade da posse me estragou, a vulnerabilidade da construção me tornou vulnerável, os ferimentos dela me doeram como se fossem meus.”¹⁰² Comenta muito apropriadamente Flávia Trocoli que aqui “a voz narrativa ata a propriedade a uma radical expropriação. A obra é tão vulnerável como o corpo.”¹⁰³

Ainda acompanhamos o cão em suas investigações, um animal portador de uma subjetividade complexa e inquiridora. Um cão kafkiano, que faz aparecer, na escrita reduzida e estrita de um conto, grandes temas de Kafka, como a questão das leis, da culpa, do silêncio, do jejum, sob um fundo de solidão como a sequência revela:

Não podia ser medo do sucesso o que os excitava assim; quem era animado por coisas daquela natureza, quem as levava a cabo, não podia ter mais medo – medo do quê? Quem os forçava a fazer o que eles realizavam? E eu não podia mais me conter, particularmente porque eles me pareciam, agora, tão incompreensivelmente

⁹⁸ KAFKA. Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos. In: *Um artista da fome/A construção*, p. 37; Josefina, a cantora ou O povo dos ratos. In: *Os Contos*, 1º v., p. 303.

⁹⁹ KAFKA. O caçador Graco. In: *Narrativas do espólio*, p. 71.

¹⁰⁰ KAFKA. O caçador Graco. In: *Narrativas do espólio*, p. 70.

¹⁰¹ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 27.

¹⁰² KAFKA. *A construção*. In: *Um artista da fome/A construção*, p. 102; KAFKA. *O covil*, p. 51.

¹⁰³ TROCOLI. *Kafka sem abrigo*. In: PUCHEU. *Kafka poeta*, p. 12.

necessitados de ajuda; foi assim que no meio de todo aquele barulho, fiz minhas perguntas em tom alto e inquisitivo. Mas eles – incompreensível! Incompreensível! Cães que não respondem absolutamente ao chamado de cães cometem uma falta de consideração contra os bons costumes, a qual não se perdoa nem ao menor nem ao maior dos cães, em circunstância alguma. Será que por acaso não eram de fato cães? Mas como não poderiam ser cães? Ainda naquele momento eu ouvia, prestando mais atenção, até mesmo exclamações em voz baixa, com as quais eles se animavam mutuamente, chamavam atenção para as dificuldades, advertiam contra erros; via também o último cão, o menor de todos, a quem era dirigida a maioria das exclamações, olhar-me de viés, com frequência, como se ele tivesse muita vontade de me responder, mas se contivesse porque isso não era permitido. Mas por que não o era? Por que não deveria sê-lo, por que o que as nossas leis sempre exigiam incondicionalmente não era admitido desta vez? Meu coração se indignava, quase me esqueci da música. Estes cães aqui infringiam a lei. Por mais que fossem tão grandes mágicos, a lei valia também para eles, eu entendia isso perfeitamente quando ainda era criança. E a partir daí comecei a notar mais coisas. Eles tinham realmente motivo para se calar, pressupondo que silenciavam por sentimento de culpa.¹⁰⁴

Comenta Sérgio Sant’Anna sobre as “Narrativas do Espólio” que, nessa linha do bestiário, tão cara a Kafka,

“Investigações de um Cão” talvez seja um dos contos mais perfeitos do autor e um dos seus mais herméticos, a narrativa na primeira pessoa desse cão que procura inutilmente na ciência respostas para as suas inquietações. E, sendo um dos textos que menos se podem reduzir a significados, é um dos que mais contêm significados possíveis, todos os significados, aliás, e há algo de desolada e demasiadamente humano, tragicômico, nesse cachorro solene, parente em primeiro grau do macaco que se transforma em ser humano em “Um Relatório para uma Academia”.¹⁰⁵

Mas encontramos uma curiosidade literal ligada ao pai. A saída pela metamorfose, o devir animal pode ser uma série inaugurada e sugerida pelo patronímico Kafka.¹⁰⁶ De seu nome próprio segue uma trilha emblemática sugerida pelo próprio Hermann: o pai, filho de carneiro, estabeleceu-se com sucesso em uma firma comercial que levava como logotipo uma gralha (*Kavka* em theco):

¹⁰⁴ KAFKA. Investigações de um cão. In *Narrativas do espólio*, p. 153-154.

¹⁰⁵ SANT’ANNA. O alegorista do absurdo. *Folhaonline*, resenha, 14 set. 2002.

¹⁰⁶ “Kafka é nome frequente entre os judeus oriundos de regiões tchecas e que apareceu quando o imperador José II ordenou que todos os judeus passassem a usufruir do direito de registrar os seus nomes de origem familiar” (BROD. *Franz Kafka*, p. 1).

Figura 22 – Logotipos da loja de Hermann Kafka



Fonte: WAGENBACH. Catálogo da exposição *Franz Kafka 1883-1924*, p. 26-27.

A gralha paterna lhe cai bem e é adotada: “— Sou um pássaro completamente impossível (*ein ganz unmöglicher Vogel*) — disse Kafka. — Sou uma gralha pequena; um “*kavka*”. [...] Uma gralha que sonha desaparecer entre as pedras (*zwischen den Steinen zu verschwinden*).¹⁰⁷

1.4 O devir humano

Nada permite afirmar que o animal tenha consciência separada do corpo como tal, que a sua corporeidade seja para ele um elemento objetivável.¹⁰⁸

O corpo como desejo despedaçado se procurando, e o corpo como ideal de si, se reprojeta do lado do sujeito como corpo despedaçado, enquanto ele vê o outro como corpo perfeito.¹⁰⁹

Em “Um relatório para uma academia”, ao inverso das ficções acima citadas que percorrem a via da desumanização, vemos narrado em primeira pessoa o esforço patético e sarcástico de uma humanização. Um macaco, tendo perdido a liberdade do animal ao ser capturado pela condição humana, busca insistentemente uma saída, tentando inserir-se entre os homens. A liberdade da natureza ou a liberdade da loucura já não está ao alcance. “Se eu fosse um adepto da já referida liberdade, teria com certeza preferido o oceano a essa saída que se me mostrava no turvo olhar daqueles homens.”¹¹⁰ Durante a leitura, o símio ensina-nos que o

¹⁰⁷ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 18.

¹⁰⁸ LACAN. *Livro 1 – O seminário: os escritos técnicos de Freud*, p. 173.

¹⁰⁹ LACAN. *Livro 1 – O seminário: os escritos técnicos de Freud*, p. 174.

¹¹⁰ KAFKA. Um relatório para uma academia. In: *Um médico rural*, p. 67.

tornar-se humano é um processo feito de uma série de mimetismos aprendidos e decorados. O resultado da transformação é um híbrido medíocre dos dois: nem macaco nem homem, mas o que importa de fato é ser uma saída:

Através de um esforço que não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana. Existe uma excelente expressão idiomática alemã: *sich in die Büsche schlagen* [desaparecer misteriosamente, cair fora]; foi o que fiz, caí fora. Eu não tinha outro caminho, sempre supondo que não era possível escolher a liberdade.¹¹¹

Como vimos, nas águas turvas do espelho do Outro, onde deveria encontrar na imagem uma promessa vindoura de um corpo articulado, Franz encontra o corpanzil atlético de Herman Kafka. O ideal absoluto parece expulsar Kafka do jogo identificatório.¹¹² Diferentemente do macaco do conto, bem-sucedido ao imitar humanos estúpidos, não é possível chegar a tamanha perfeição de coordenação e articulação motoras. E Kafka teria confessado ironicamente ao amigo e poeta Gustav Janouch que não saiu da jaula: “Carrego minhas barras sempre comigo.”¹¹³

Mas o símio Kafka percebe que sua “sede de imitação” é um processo intrapessoal que nada tem a ver com o trabalho do bom ator. E aqui ele teoriza sobre a arte da representação a partir de sua própria deficiência, distinguindo o ator que representa a partir do outro, do sujeito que “imita demasiado” ou que se perde, alienando-se no Outro:

A minha tendência para a imitação não tem nada de ator em si, o que essencialmente lhe falta é unidade. Não consigo imitar de maneira alguma toda a gama de características que são grosseiras e extraordinárias [...]. Por outro lado, tenho uma necessidade premente de as imitar em seus pormenores, a maneira como por exemplo certas pessoas manipulam as bengalas, a maneira como põem as mãos, os movimentos dos dedos, e sou capaz de fazer isso sem qualquer esforço. Mas mesmo esta falta de esforço, esta sede de imitação, afasta-me do ator, porque esta falta de esforço reflete-se no fato de que ninguém percebe que eu estou imitando. Só minha própria apreciação, por vezes satisfeita, as mais das vezes relutante, é que mostra meu sucesso.¹¹⁴

É como se a necessidade de imitar o tomasse de tal maneira e tão inteiramente que, quando acontece, é ao preço de se anular:

No entanto muito além dessa imitação externa, se infunde em mim a imitação interior, que é muitas vezes tão poderosa e total que não há em mim espaço para observar e

¹¹¹ KAFKA. Um relatório para uma academia. In: *Um médico rural*, p. 71.

¹¹² A experiência que Kafka nos relata na *Carta ao pai* soa mais ou menos como se, ao nascer, deparássemos com James Brown ou Michael Jackson como imagem a se espelhar, como um outro a advir.

¹¹³ JANOUCH. *Conversas com Kafka*, p. 23.

¹¹⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé), 30/12/1911, p. 149. *Diários* (Difel), p. 149.

comprovar e só a descubro ao me recordar. Mas aqui a imitação é tão completa que substitui meu próprio ser com uma rapidez tão imediata que, mesmo presumindo que ela se pudesse tornar visível, seria insuportável no palco.¹¹⁵

Na verdade este mimetismo que beira a anulação parece às vezes bem mais uma camuflagem a serviço da arte de desaparecer:

Nessas ocasiões o ser estranho deve ser tão perspicuo e invisível em mim como aquilo que um quadro enigmático oculta, pois num quadro enigmático também ninguém encontraria nada que não soubesse estar lá. A respeito dessas metamorfoses (*Verwandlungen*), gostaria de acreditar que o olho se tolda a si mesmo.¹¹⁶

Essa questão do mimetismo e da representação está muito ligada a outra deficiência: a dificuldade em mentir. Com Milena, envergonhado diante de suas próprias cartas, confessa:

Pero, en cualquier caso, mis cartas son verdaderas o al menos van de camino hacia la verdad. ¿Qué haría yo ante tus respuestas si mis cartas mintieran? Fácil respuesta: me volvería loco. Esa veracidad no es, por tanto, un mérito muy grande, y además es poquísimo, yo me limito a comunicar constantemente algo no comunicable, a explicar algo no explicable, a hablar de algo que tengo en la médula y que sólo se puede vivir a través de ella. Quizás no sea en el fondo otra cosa que el miedo del que ya he hablado tantas veces, pero miedo que ya se extiende a todo, miedo de lo más grande y de lo más pequeño, miedo, un miedo feroz a pronunciar una palabra. Por otra parte ese miedo quizás no sea sólo miedo, sino también anhelo de algo superior a todo lo que causa miedo.¹¹⁷

Voltando ao modelo inatingível, para Kafka é impossível alcançar o poder de articulação discursivo e físico do pai. Não é possível chegar nem perto de Herman Kafka, nele só é possível perder-se, de acordo com Slavoj Žižek, como “sombra do pai”. Acrescenta o autor: “o que incomoda Kafka é a presença excessiva do pai: ele está vivo demais, é obscenamente invasivo demais.” Mas essa “demasiedade” do pai é inversamente proporcional à sua autoridade. “O próprio fato de Kafka se incomodar com a vitalidade excessiva do pai já pressupõe o fracasso da autoridade simbólica.”¹¹⁸ O excesso de um expulsa o outro e então, para o filho, resta permanecer à sombra do pai.

Um pouco tonto, cansado de patinar e cair serra abaixo. Mas ainda existem armas, tão raramente empregadas; custa-me tanto chegar até elas porque desconheço as alegrias de seu emprego, não pude aprender quando era pequeno. Não foi só “por culpa do meu pai” que não aprendi a usá-las, mas porque também queria perturbar a “tranquilidade”, o equilíbrio, e por isso não podia permitir que uma nova pessoa

¹¹⁵ KAFKA. *Diários* (Emecé), 30/12/1911, p. 149-150; *Diários* (Difel), p. 149. *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’Água), p. 201-202.

¹¹⁶ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’água), 30/09/1911, p. 33.

¹¹⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 327.

¹¹⁸ ŽIŽEK. *Em defesa das causas perdidas*, p. 101.

nascesse em outra parte, quando eu me esforçava aqui por enterrá-la. É claro que também assim remeto à “culpa”, porque, por que eu queria fugir do mundo? Porque — “ele” não me deixava viver no mundo, no seu mundo.¹¹⁹

Da forma como Kafka avalia a relação, ocorre algo mais grave que uma disputa, resultando em um impedindo a existência do outro. Kafka oferece testemunho em vários momentos na *Carta ao Pai*:

Eu teria sido feliz em ter a ti como amigo, como chefe, como tio, como avô, até mesmo (embora já mais hesitante) como sogro. Mas justamente como pai tu foste demasiado forte para mim, sobretudo porque meus irmãos morreram ainda pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar por inteiro o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais.¹²⁰

Se eu quiser me tornar independente, na relação especial de infelicidade em que me encontro contigo, preciso fazer alguma coisa que não tenha a menor ligação possível com a tua pessoa; o casamento é, sem dúvida o que há de maior, e confere a autonomia mais honrosa, mas também está, ao mesmo tempo, na mais estreita relação contigo. Querer escapar disso tem, portanto, algo de loucura, e cada tentativa é quase punida com ela.

E é justamente essa estreita relação que também me atrai em parte no casamento. Eu imagino para mim o fato de estar à tua altura, essa igualdade que passaria a existir a partir daí e que tu poderias compreender como nenhuma outra; eu a imagino tão bela porque então seria um filho livre, grato, sem culpa, sincero, e tu um pai sem angústias, nada tirânico, compreensivo, satisfeito. Para chegar a esse objetivo, no entanto, tudo o que aconteceu teria de ser desfeito, quer dizer, nós mesmos teríamos de ser apagados.¹²¹

Nessa lógica excludente, que reclama uma “igualdade” de condições, não é permitida a competição, porque a comparação está impedida: ou existe um, ou existe o outro. Sendo o pai *hors concours*, está definida a contenda:

Assim como somos, porém, o casamento está vedado para mim, pelo fato de que ele é precisamente o teu domínio mais próprio. Às vezes imagino o mapa-múndi aberto e tu estendido transversalmente sobre ele. Então tenho a sensação de que para mim entrassem em consideração apenas as regiões que tu não cobres ou que não estão ao seu alcance. De acordo com a imagem que tenho de teu tamanho, essas regiões não são muitas nem muito consoladoras, e o casamento não está entre elas.¹²²

Ainda no espelho, à carência de um pai que o valha, uma lei que prometa um futuro, que admita em um filho o tornar-se homem, corresponde um corpo que se articula precariamente e que se desmancha em fragmentos perante a menor exigência:

¹¹⁹ KAFKA. *Diários* (Emecé), 28/01/1922, p. 393.

¹²⁰ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 22.

¹²¹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 88.

¹²² KAFKA. *Carta ao pai*, p. 88-89.

É mais ou menos como se alguém, antes de dar um simples passeio, não somente tivesse que se lavar, pentear-se, etc. — o que já é bastante cansativo —, porém, além disso, já que constantemente lhe falta todo o necessário para dar o menor passeio, tivesse que costurar a própria roupa, fabricar os seus sapatos, manufaturar o chapéu, talhar para si o bastão, etc.¹²³

Foucault escreve “O corpo utópico” fazendo dançar o corpo entre sua realidade concreta palpável e sua utopia insondável. Kafka não encontra a consistência de seu corpo no espelho, não passa ao ato de tornar-se cadáver e tampouco encontra o corpo no desejo do amor sexual. O corpo em Kafka não está à mão, não se conta com ele, nem pode dele se livrar. Parece ser sempre utópico... Segundo Benjamin, Kafka denuncia isso: “O homem de hoje vive em seu corpo como K. ao pé do castelo: ele desliza fora dele e lhe é hostil.”¹²⁴

Consequentemente seu mundo se deforma, está à parte, é um desvio, um afluente como relata a Milena: “o caminho de minha existência, meu caminho, passava, pois, por fora de seu mundo (dos outros); se essa existência fosse um rio, então um importante braço passava fora de seu mundo.”¹²⁵

1.5 Devir monstro e corcunda

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.¹²⁶

andava com as costas curvadas, os ombros descaídos, as mãos e os braços e ângulos esquisitos.¹²⁷

Mas não é só essa fuga do corpo que acontece em Kafka: “Pode ocorrer que o homem acorde um dia e verifique que se transformou num inseto. O país de exílio – o seu exílio – apoderou-se dele.”¹²⁸ O devir monstro de um pai é expresso claramente em *O veredicto*. O corpo, além de desconjuntado e esquelético, pode tornar-se monstruoso, como ocorre com Gregor Samsa em *A metamorfose*, e também com Raban,¹²⁹ nesse caso convenientemente

¹²³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), 11/1920, p. 190.

¹²⁴ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 151-152.

¹²⁵ KAFKA. *Cartas a Milena*, 09/1920, (Alianza), p. 304.

¹²⁶ KAFKA. *A metamorfose*, p. 13.

¹²⁷ KAFKA. *Diários*, (Difel), 02/01/1912, p. 143.

¹²⁸ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 151-152.

¹²⁹ Assim como Samsa, Raban tem “as mesmas duas vogais de Kafka, o mesmo número de letras, sendo *Rabe* o equivalente alemão de corvo, e Kafka o equivalente tcheco (*Kavka*) de gralha”. PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 163.

transformado em escaravelho, para não ter que ir ao encontro da noiva em “Preparativos para uma boda no campo”.

E, além disso, não poderei eu fazer como fazia em menino nas situações perigosas. Não tenho de ir eu mesmo ao campo uma vez sequer, não é necessário. Envio apenas meu corpo vestido. Se ele vacilar ao sair da porta do meu quarto, o cambalear não mostrará medo, mas apenas a sua vacuidade [nulidade] (*Nichtigkeit*). [...] É que eu, entretanto, eu estou deitado na cama, completamente tapado com uma manta castanha amarelada, exposto ao ar que sopra pela janela um pouco aberta. Deitado como estou na cama, creio que tenho a figura de um grande escaravelho, de um besouro ou uma carouça, acho. (*Gestalt eines großen Käfers, eines Hirschkäfers oder eines Maikäfer*). [...] Pois a grande figura de um escaravelho [besouro] (*Eines Käfers große Gestalt, ja*). Faço como se estivesse em hibernação e aperto as patinhas ao meu corpo pançudo. E murmuro um pequeno número de palavras, que são ordens para meu triste corpo encurvado (*meinen traurigen Körper*) que está estreitamente colado a mim. Breve terei conseguido o que quero; inclina-se, afasta-se lesto e fará tudo perfeitamente enquanto eu descanso.¹³⁰

Além das já mencionadas, há na obra de Kafka outras criaturas monstruosas, menos conhecidas, como: o animal que se mistura às paredes e grades da sinagoga a ponto de ser impossível expulsá-lo; o animal canguru com a cara “quase humanamente achatada pequena e oval”,¹³¹ a toupeira gigante¹³² e outros ainda mais estranhos, como “Odradek”, uma espécie de carretel-criança achatado com riso de farfalhar de folhas secas, as duas bolinhas que, com autonomia, saltam alternadas por trás, acompanhando como um rabo as costas de “Blumfeld”. Benjamin ainda chama a atenção para o fato de que esses personagens se associam por meio de uma longa série de figuras,

com a figura primordial da deformação, o corcunda. Entre as atitudes descritas por Kafka em suas narrativas nenhuma é mais frequente que a do homem cuja cabeça se inclina profundamente sobre seu peito. Ela é provocada pelo cansaço nos membros do tribunal, pelo ruído nos porteiros do hotel, pelo teto excessivamente baixo nos frequentadores das galerias.¹³³

Essa atitude também intriga Deleuze e Guattari: “a cabeça *inclinada* com o queixo enterrado no peito aparece o tempo todo”,¹³⁴ nos diários, nos romances, nos contos, nos cadernos, nas cartas.

¹³⁰ KAFKA. Preparativos para una boda en el campo (1907). In: KAFKA. *Franz Kafka: obras completas* [em pdf], p. 45. Há três versões iniciadas da narrativa. O trecho citado encontra-se apenas em uma delas. Ver KAFKA. *Os contos*, v. 2, p. 25-26.

¹³¹ KAFKA. O animal. In: *Oportunidade para um pequeno desespero*, p. 41.

¹³² Ou “o mestre – escola da aldeia”. In: *Narrativas do espólio*, p. 9.

¹³³ BENJAMIN. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 158.

¹³⁴ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 8.

Kafka tinha muito medo de ratos, mas a figura da toupeira causa-lhe simpatia desde muito cedo. Em carta a Brod de 1904, relata um passeio com seu jovem cão e um encontro com uma toupeira. O cão passa a molestá-la golpeando-a, e a toupeira, no chão duro em que está, sem ter para onde ir, clamando “com a pata estendida (*gestreckten*), deu um grito. Ks, Kss!”. Kafka, que no início se divertia, acabrunha-se e à noite nota, com espanto, que seu “queixo se encravara no peito”.¹³⁵

Vivendo sob a espada da acusação, Josef K., depois do trabalho, ao anoitecer, em estado de esgotamento deitava-se no canapé do escritório e repassava acontecimentos do dia tirando consolo de incidentes mínimos e aí, no semissono, “era como se fosse o único acusado e todas as demais pessoas se confundissem como juristas e funcionários, pelos corredores do prédio de um tribunal; mesmo as mais embotadas tinham baixado o queixo sobre o peito e revirado os lábios, mantendo o olhar fixo da reflexão responsável.”¹³⁶

Nas primeiras páginas *d’O castelo*, K., o agrimensor, dirige-se a um albergue para pernoitar e detém-se quando lhe chama a atenção um retrato do castelão:

- o busto de um homem de cerca de cinquenta nos. Mantinha a cabeça tão afundada sobre o peito que mal se via alguma coisa dos olhos; a testa alta e pesada e o forte nariz adunco pareciam decisivos para essa inclinação. A barba cheia, esmagada no queixo em consequência da postura do crânio, reerguia-se embaixo. A mão esquerda estava espalmada sobre os pelos cerrados, mas não conseguia mais suspender a cabeça.¹³⁷

A cabeça enterrada no peito e que não pode ser mais levantada, Deleuze e Guattari conectam ao bloqueio, à neutralização do desejo. “Trata-se de um beco sem saída.”¹³⁸ É a posição do desejo impedido de emergir, curvado e submetido, que podemos ler como versões do devir corcunda. Ainda com Benjamin, lembramos que, na

Strafkolonie (Colônia penal) os dirigentes se servem de uma antiga máquina que grava letras floreadas nas costas do culpado, aumenta as incisões, acumula os ornamentos, até que suas costas se tornem clarividentes, possam elas próprias decifrar as inscrições, descobrindo assim o nome da culpa desconhecida. São, portanto, as costas que importam. São elas que importam para Kafka, desde muito tempo.¹³⁹

¹³⁵ Kafka, em carta a Brod, *apud* CANETTI. *O outro processo: as cartas à Felice*, p. 99.

¹³⁶ KAFKA. *O processo* (Carone), p. 228.

¹³⁷ KAFKA. *O castelo* (Carone), p. 12.

¹³⁸ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 8.

¹³⁹ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. *In: BENJAMIN. Magia e técnica, arte e política*, p. 158-159.

De acordo com essa precisa observação, acrescentamos o acento sobre as costas feridas e fatalmente atingidas de Gregor Samsa, logo as costas que lhe “pareciam ser bastante duras”¹⁴⁰ em *A metamorfose*. Também nos chama a atenção “o dorso aliviado de seu fardo”, a libertação do peso do cavaleiro Alexandre da Macedônia, alívio nos flancos que conquista Bucéfalo, na condição de “Novo advogado”. Sem saída, depois de tudo, aliviar as costas do sobrepeso seria algum bem-estar? E se afundar nos velhos livros, uma possível solução?

Podemos dizer que Kafka, com essas “figuras do lodo”, revela algo terrível da condição humana: o dito ser humano não é nem animal nativo, nem outra espécie viva civilizada. O espécime humano é um tipo que não é mais instintual e nem chegou à pura razão: Escreve Benjamin, distanciado apenas dez anos da morte de Kafka, que dessas “experiências que emergem do pântano”¹⁴¹ surgem criaturas deformadas, umas impondo seu gozo, outras submetendo seu desejo, e mesmo criaturas híbridas onde ambas as coisas podem acontecer – a deformidade pelo paradoxo – vítima e carrasco. Animal racional: como, depois de Kafka, ouvir esta expressão sem pressentir a monstruosidade? “Diabólico em sua inocência” é a expressão que precede a sentença de morte por afogamento a Georg feita pelo pai em “O veredicto”.¹⁴² A frase “Diabólico na minha inocência” é retomada por Kafka em seus *Diários*, em terrível sofrimento, ao fim do seu primeiro noivado com Felice.¹⁴³

Kafka põe a nu uma deformidade fundamental do Homem. Com Kafka, descobrimos a maldição de estarmos a meio caminho de uma metamorfose sem fim: o humano é um ser monstruoso. De Kafka podemos dizer o que ele teria dito, em *Conversas com Janouch* sobre Picasso:

— Eis alguém que se compraz em deformar — disse eu.
— Não creio — disse Kafka — Ele só acentua as deformidades que ainda não chegaram até nossa consciência. A arte é um espelho que “avança” (*vorausgeht*) como um relógio. Às vezes.¹⁴⁴

Mas em alguns momentos, o devir é outro, e o processo da metamorfose tem seu fim no desaparecimento. É o que lemos em um pequeno texto da primeira publicação de Kafka: “Desejo de tornar-se índio” onde homem e animal, cavaleiro e cavalo se fundem no desaparecimento:

¹⁴⁰ KAFKA. *A metamorfose*, p. 22. (Conto em que a palavra costas *Rücken* aparece 24 vezes.)

¹⁴¹ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 156.

¹⁴² KAFKA. *O veredicto*, p. 24. Escrito de um jato na noite do dia 22-23/09/1912.

¹⁴³ KAFKA. *Diários* (Difel), 05/07/1914, p. 260.

¹⁴⁴ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 174.

Se realmente se fosse um índio, desde logo alerta e, em cima do cavalo na corrida, enviesado no ar, se estremece sempre por um átimo sobre o chão trepidante, até que se largou as esporas, pois não havia esporas, até que se jogou fora as rédeas, pois não havia rédeas, e diante de si mal se viu o campo como pradaria ceifada rente, já sem pescoço de cavalo, nem cabeça de cavalo.¹⁴⁵

A dissolução de si no encontro dos corpos também está presente na experiência do corpo a corpo amoroso (como veremos em 2.14 O sexual insiste: Kafka, santo e felliniano), desaparecimento que parece ser uma versão da liberdade, uma “morte em vida”¹⁴⁶ ... mais uma saída?

1.6 De que espécie é Kafka?

Quando me comporto como um ser humano durante umas horas, como fiz hoje com Max e mais tarde com Baum, fico cheio de orgulho antes de ir para a cama.¹⁴⁷

Para onde quer que se volte, o mundo são – os outros. E ele não pode identificar-se.¹⁴⁸

A sensação de estar no limbo, vagando no deserto, de estar exilado do mundo dos humanos é algo constantemente anotado. Mas também lemos nos *Diários* registros sobre a experiência de não se encontrar entre seres da mesma espécie:

Sentimento de perfeito desamparo (*Das Gefühl der vollständigen Hilflosigkeit*). O que te une a estes corpos solidamente delimitados, que falam, cujos olhos brilham, mais do que a qualquer outra coisa, por exemplo, esta caneta que empunhas? Talvez o fato de seres da espécie deles? Mas tu não és da espécie deles, precisamente por isso fizeste aquela pergunta. Esta sólida delimitação do corpo humano é aterradora.¹⁴⁹

Kafka, mais de uma vez, descreve vivências de extrema estranheza com o fato de se encontrar entre os ruidosos seres humanos. Na anotação abaixo, ele registra o momento em que parece estar entre dois bandos de leões marinhos:

Quando estava deitado no canapé, a conversa em voz alta nos dois quartos contíguos, das mulheres à esquerda, dos homens à direita, deu-me a impressão de serem criaturas

¹⁴⁵ KAFKA. *Contemplação e O foguista*, p. 47. “Caso se fosse índio mesmo assim, logo pronto e sobre o cavalo em disparada, inclinado no ar, sempre estremece brevemente sobre o chão a estremece, até deixar de lado as esporas, pois não existiam esporas, até jogar fora as rédeas, pois não existiam rédeas, e, mal se visse a terra a sua frente como charneca cortada rente, já sem pescoço de cavalo e cabeça de cavalo.” Tradução de Marcelo Backes para este fragmento. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 141.

¹⁴⁶ Uma saída infantil e “cômada”, como confessa a Milena. KAFKA. *Cartas a Milena*, 26/07/1920, p. 175.

¹⁴⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 28/12/1910, p. 25.

¹⁴⁸ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 24.

¹⁴⁹ KAFKA. *Diários* (Relógio D’Água), p. 542. *Diários* (Emecé), 30/10/1921, p. 381-382.

selvagens e rudes que não se podiam acalmar, que não sabiam o que estavam a dizer e falavam apenas para por o ar em movimento, que levantavam as cabeças quando falavam e seguiam com os olhos as palavras ditas.¹⁵⁰

A constituição de um eu passa pelo espelho da família e também pelos reflexos da cultura. Nascido em uma família de judeus ascendentes, poderia ele se valer disso para construir uma identidade. Segundo o próprio Kafka, o judaísmo de Hermann podia ter funcionado como uma referência e orientação para a vida, mas o exercício da prática “religiosa” do pai não convencia o filho. Percebe-se que, também nesse âmbito da tradição judaica, ocorre falha na transmissão paterna:

Salvação igualmente pouca diante de ti eu encontrei no judaísmo. Ali a salvação era em si, sem dúvida cogitável, ou mais que isso, era cogitável que nós, ambos, tivéssemos nos encontrado no judaísmo ou que nós até saíssemos dela unidos por um ponto de partida comum. Mas que judaísmo foi esse que recebi de ti!¹⁵¹

Segundo o biógrafo Ernest Pawel, Kafka tinha nele recrudescido um componente fundamental do judeu ocidental: o desprezo por si mesmo. “O fato de que ele se odiava não por ser judeu, mas por não ser judeu o bastante”,¹⁵² marca uma diferença essencial na condição judaica vivida por Kafka. Ele sofria de culpa, medo e tédio em meio aos ofícios tradicionais exercidos no templo, perturbado somente pelo ridículo de algumas cerimônias das quais teve de participar ou simplesmente presenciar.

Na *Carta ao pai*, há uma amostra, mas bem contundente, de como era sua relação com o judaísmo. Proporcionalmente ao espaço que ocupa na missiva, chega a ser uma extensa crítica, ou mesmo uma longa recriminação rancorosa em relação ao cultivo da cultura judaica pelo pai. Tanto na *Carta ao pai* como em carta a Felice, Kafka nos fala do tédio que o tomava na Sinagoga:

Não me ocorreu ir ao templo. O templo não é algo que se possa aproximar furtivamente. Impossível fazê-lo agora, como tampouco podia fazê-lo na infância; ainda recordo que, quando menino, afogava-me em um terrível tédio e em uma espantosa falta de sentido das horas passadas no templo. Eram estudos preliminares que o inferno organizava com vistas à vida posterior de burocrata (*Gestaltung des spätem Bureaulebens*).¹⁵³

Confessa ainda Kafka o medo de ser chamado para ler a Torá, da prova ridícula do *bar mitzvah*, entre outros rituais risíveis. Tudo isso fazia com que Kafka entendesse que o mais

¹⁵⁰ KAFKA. *Diários* (Difel), 07/01/1912, p. 153.

¹⁵¹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 61-62.

¹⁵² PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 387.

¹⁵³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 16/09/1916, p. 716.

interessante a fazer com esse “material de fé” transmitido era “se livrar dele tão rápido quanto possível [...] livrar-se disso me parecia ser a ação mais piedosa”.¹⁵⁴

eu não entendia como tu, com o nada de judaísmo de que dispunhas, podias me recriminar pelo fato de não me esforçar (mesmo que fosse por piedade, como tu te exprimias) para realizar um nada semelhante ao teu. Até onde posso ver, era realmente um nada, uma brincadeira, nem mesmo isso.¹⁵⁵

Kafka via nos rituais, na companhia do pai na sinagoga, uma conveniência interesseira ligada à ascensão social e de acordo com suas próprias opiniões. Uma fé que se encerrava nele mesmo. “para ser-levado-adiante (*Weiter-überliefert-werden*) ele (o judaísmo) era demasiado pouco diante do filho, e se perdeu até a última gota enquanto tu o passavas adiante”.¹⁵⁶

Essa descrença nos rituais e valores religiosos que via na prática paterna fez de Kafka, durante um bom tempo, um apaixonado crítico e detrator do judaísmo, do sionismo, a declarar em seu *Diário*: “Que tenho eu em comum com os judeus? Quase não tenho nada em comum comigo próprio e devia ficar muito quieto a um canto, satisfeito por poder respirar.”¹⁵⁷

Mas a questão do judaísmo tem um lugar muito especial e contraditório na vida de Kafka e mereceria um estudo à parte. Pawel é contundente em afirmar que

Crescer como judeu na Praga de Kafka não era uma questão de escolha, mas de destino. O que Kafka fez desse destino em diferentes momentos de sua vida, a maneira como o destino coletivo moldou sua visão e conduta individuais, fazem parte da história mais ampla; além disso sua atitude perante o judaísmo passou por mudanças significativas ao longo dos anos.¹⁵⁸

Na *Carta*, Kafka, sob a sua crítica, parece insistentemente indagar: “O que é afinal o judaísmo?”, e vemos que a perplexidade e a ironia com que interroga a questão da tradição cultural e religiosa estão vinculadas à falha no poder de transmissão da herança paterna.

Kafka não deixará de responder a essa pergunta voltando-se ao judaísmo à sua maneira: “No fim das contas era judaísmo de teu judaísmo que se manifestava em mim e com isso também a possibilidade do entabulamento de uma nova relação entre nós.”¹⁵⁹ Entretanto, surpreendentemente para Kafka, isso não o aproxima do pai. Ao contrário, Hermann Kafka mostra antipatia pelo modo com que o filho se aproxima das questões judaicas. “Por meu intermédio, o judaísmo se tornou repulsivo para ti, os escritos judaicos indignos de leitura, pois

¹⁵⁴ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 64.

¹⁵⁵ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 62.

¹⁵⁶ KAFKA *Carta ao pai*, p. 65.

¹⁵⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 08/01/1914, p. 223.

¹⁵⁸ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 54.

¹⁵⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 67-68.

eles ‘te enojavam’.”¹⁶⁰ Conclui Günter Anders que Kafka foi “duplamente pária entre dois grupos de judeus que não podiam ser ‘sua gente’”.¹⁶¹

A maneira de Kafka se aproximar do judaísmo, para o pai mais do que repulsivo, era a partir dos excluídos, por meio do teatro mambembe de judeus pobres, que Kafka frequentava e apoiava. “Fascinava-lhe sobretudo o repertório de mímica e gestos. Essa linguagem por sinais se reflete em seus textos como um importante meio de expressão.”¹⁶² Comenta com Milena a partir das desavenças dela com o pai sobre o marido que era judeu: “entre seu marido e eu não há a menor diferença aos olhos de seu pai; para o europeu temos os dois a mesma cara de negro”.¹⁶³ “Negro”, uma designação pejorativa de “judeu”, será o nome pelo qual Karl se faz registrar, quando admitido no teatro de Oklahama.¹⁶⁴

Em 25/02/1912, quando Kafka discursa “sobre a língua iídiche”, segundo Pawel, escreve uma pequena “obra prima”.¹⁶⁵ Acompanhando um recital do amigo e ator Löwy na Câmara judaica, o convite de Kafka à plateia é atravessar o medo do iídiche deixando-se tomar todo por ele: “Linguagem, melodia hassídica e a própria essência desse ator judeu oriental”.¹⁶⁶ Kafka foi tomado por um imenso entusiasmo ao prepará-lo e ficou muito feliz e orgulhoso com o que conseguiu. Curiosamente, depois de extravasar em seu *Diário* todas as alegrias do que foi para ele um acontecimento, e ainda desejando que fossem duradoras, anota entre parênteses: “(os meus pais não estavam lá)”.¹⁶⁷

Mas, mesmo por muito tempo negado e criticado por Kafka, o judaísmo está mais entranhado nele do que ousa admitir em sua vida e sua escrita. O fato de Kafka ser judeu em Praga na passagem dos séculos XIX-XX foi “um componente tão vital de sua identidade quanto seu rosto ou sua voz.”¹⁶⁸ Comenta Pawel:

Se Kafka não tivesse nascido e crescido como judeu, não teria sido Kafka, exatamente do mesmo modo que Joyce, criado entre os esquimós, não poderia ter escrito o *Ulisses*. Embora esse ponto pareça flagrantemente óbvio, seu significado, com demasiada frequência, tem sido omitido, distorcido ou deliberadamente ignorado.¹⁶⁹

¹⁶⁰ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 68.

¹⁶¹ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 24.

¹⁶² CAMARGO; KRETZCHMAR. Introdução. In: *La transformación y otros relatos*, p. 117-118.

¹⁶³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 04/08/1920, p. 210-211.

¹⁶⁴ KAFKA. *O desaparecido ou Amerika*, p. 258.

¹⁶⁵ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 241.

¹⁶⁶ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 242.

¹⁶⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 25/02/1912, p. 160.

¹⁶⁸ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 54.

¹⁶⁹ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 53-54.

No trecho que segue, da correspondência com Milena, afirma-se fundamentalmente como um judeu ocidental, mas de um tipo extremo:

Tengo una peculiaridad que me distingue considerablemente, no en sustancia pero sí por grados, de todas las personas que conozco. Los dos conocemos cantidad de ejemplares característicos de judíos occidentales, yo, por lo que sé, soy el más occidental de todos; eso significa, expresado con exageración, que no se me ha dado un solo segundo de paz, no he recibido nada, todo tengo que adquirirlo, no sólo el presente y el futuro, sino también el pasado; lo que quizás cada ser humano ha recibido al nacer, eso también he de adquirirlo, éste es quizás el trabajo más duro: si la tierra gira hacia la derecha —no sé si lo hace—, yo tendría que girar hacia la izquierda para recuperar el pasado. Ahora bien, no tengo un mínimo de fuerzas para cumplir todas esas obligaciones, no puedo llevar el mundo sobre los hombros, ahí lo único que soporto apenas es mi abrigo de invierno. Esa falta de fuerzas no es, por lo demás, nada que haya que lamentar forzosamente; ¡qué fuerzas serían suficientes para tales tareas! Todo intento de salir adelante en esto con las propias fuerzas es locura y se paga con la locura. [...]. Por mis propios medios no puedo seguir el camino que quiero seguir, es más: ni siquiera puedo querer seguirlo, sólo puedo quedarme quieto, no puedo querer otra cosa y tampoco quiero otra cosa.¹⁷⁰

Perto do fim de sua vida, e também influenciado por Dora, judia oriental e sua última companheira, Kafka passa a se interessar apaixonadamente pelo judaísmo e pelo hassidismo. Estuda com afinco o hebraico e sonha ainda em mudar-se para a Palestina com Dora, sonho acalentado até o último momento – esse é um voto de mudança que se enuncia, repetidamente, até o fim de sua vida. “Há cada vez mais jovens judeus que voltam para a Palestina. É uma volta para si mesmos, para as suas próprias raízes, para o crescimento.”¹⁷¹ Curiosamente, no primeiro parágrafo da primeira carta dirigida a Felice, aquela que seria sua primeira pretendente, surge em Kafka o sonho de uma viagem com ela para a Palestina. Este anelo será um tema recorrente nas cartas à noiva. A primeira carta a Felice é uma carta de apresentação, mas já busca enlaçar um compromisso:

Senhorita, Eu me apresento novamente, por ser muito provável não ter guardado a menor lembrança de mim: chamo-me Franz Kafka, sou aquele que a cumprimentou pela primeira vez uma tarde na casa do senhor diretor Brod, em Praga, que, em seguida, passou-lhe uma a uma, por cima da mesa, as fotografias de uma viagem ao país de Thalia, com a mesma mão que nesse momento pressiona as teclas, finalmente colheu a sua com a qual você confirmou sua promessa de acompanhá-la em uma viagem à Palestina no próximo ano.¹⁷²

¹⁷⁰ KAFKA *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 325.

¹⁷¹ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 126.

¹⁷² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 20/09/1912, p. 43; *Cartas a Felice* (Anima), p. 11. Nessa versão brasileira, o tradutor confunde as teclas da máquina de escrever usada por Kafka no momento em que escreve a presente missiva com as teclas de um piano, que é introduzido na escrita da carta à revelia de suas próprias associações, no momento em que nosso autor conhece Felice: “e que finalmente segurou, com a mão que se ocupava naquele momento a brincar com as teclas do piano, a mão que você estendeu para confirmar sua promessa...”

Kafka, em seu anseio pela Palestina, parece buscar um lar, estabilidade (*Standfestigkeit*). Como ele mais tarde escreveria nos *Diários*, apesar de ter dito a Janouch que era de “um outro mundo”,¹⁷³ não pedia para existir em “outro planeta [estrela (*Stern*)]”; “[...] bastaria que eu pudesse existir perto de mim, bastaria poder considerar o lugar onde me encontro como outro. (*es würde mir genügen, knapp neben mir zu stehn, es würde mir genügen, den Platz, auf dem ich stehe, als einen andern erfassen zu können.*)”¹⁷⁴

Por isso mesmo, a terra prometida era também mais vasta para Kafka. Podia incluir também a América, o então horizonte sonhado de tantos irmãos exilados. No dia 07/09 de 1920, Kafka vê da rua o interior do salão de festas da prefeitura Judaica em Praga, onde estão alojados mais de cem emigrados judeus russos que esperam pelo visto americano. A sala está cheia como em uma assembleia do povo, fileiras de adormecidos sobre as cadeiras; alguns se esgueiravam cuidadosamente entre elas:

Se ontem à noite me tivessem oferecido ser o que eu quisesse, teria escolhido ser um menininho judeu oriental, em um canto dessa sala, sem sombras de preocupações, enquanto o pai discute no meio do salão com os homens, e a mãe, pesadamente enroupada, mexe nos pacotes de viagem, e a irmã conversa com as jovens e penteia a formosa cabeleira, e dentro de algumas semanas estarão na América. Não obstante, as coisas não são tão simples, houve casos de disenteria, na rua há pessoas que os insultam pelas janelas, até entre os judeus há discussões, dois já se lançaram, um contra o outro, com navalhas. Mas se um é pequeno, observa e julga (*beurteilt*) tudo rapidamente, que pode acontecer-lhe? E havia muitos meninos assim, correndo, subindo nos colchões, arrastando-se por baixo das cadeiras e espreitando o pão que alguém – é uma só nação – lhes cobria com algo; tudo é comestível.¹⁷⁵

Em uma das últimas cartas a Milena, ressurge a miragem da terra prometida:

Tive a intenção de ter ido em outubro à Palestina, até falamos disso; naturalmente não resultou nada na prática, era apenas uma fantasia, como a que pode improvisar uma pessoa convencida de que nunca se erguerá da cama. Se nunca mais me levantarei da cama, por que não viajar pelo menos à Palestina?¹⁷⁶

Conforme salientado por muitos comentaristas e biógrafos, é preciso ainda considerar que Kafka sofria uma espécie de esquarteramento da identidade puxado por três forças culturais bem diferentes: era um judeu ocidental vivendo na cidade tcheca de Praga, falando e escrevendo em alemão. Berços e influências tão diferentes não deixam de constituir um grande desafio na construção de referências e de um eixo identitário.

¹⁷³ JANOUCH. *Conversas com Kafka*, p. 168.

¹⁷⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé), 24/01/1922, p. 391; *Diários* (Relógio D'Água), p. 553.

¹⁷⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 07/10/1920, p. 288-289; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 170.

¹⁷⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), segundo semestre de 11/1923, p. 350. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 203-204.

Anders explicita a estranheza da condição de Kafka em mais de um não pertencimento:

Como judeu, não pertencia de todo ao mundo cristão. Como judeu indiferente – pois a princípio o foi –, não se integrava inteiramente aos judeus. Por falar alemão, não afinava a fundo com os tchecos. Como judeu de língua alemã, não se incorporava por completo aos alemães da Boêmia. Como boêmio, não pertencia integralmente à Áustria. Como funcionário de uma companhia de seguros de trabalhadores, não se enquadrava por completo na burguesia. Como filho de burguês, não se adaptava de vez ao operariado. Mas também não pertencia ao escritório, pois sentia-se escritor. Escritor, porém, também não era, pois sacrificava suas forças pela família. Mas “vivo em minha família mais estranho que um estrangeiro” (carta ao pai de Felice).¹⁷⁷

O alemão para Kafka era sua língua materna, literalmente, já que sua mãe, de um nível social superior, preferia se expressar em alemão, enquanto o pai preferia o tcheco. Mas, como confessa a Milena, nunca viveu entre alemães. Observemos essa anotação daquele que dizia que o alemão, língua em que falava e escrevia, era para ele “um bebê de um estranho arrancado do berço”:¹⁷⁸

A mãe judia não é nenhuma *Mutter*, esta designação torna-se um pouco cômica (não a ela porque vivemos na Alemanha) damos a uma mulher judia o nome de mãe alemã, mas esquecemo-nos da contradição, que por isso penetra mais pesadamente nos sentimentos. *Mutter* é particularmente alemão para os judeus, surge inconscientemente ao lado do brilho cristão e também da frieza cristã, a mulher judia a quem se chamou *Mutter* torna-se conseqüentemente não só cômica como se afasta de nós. *Mama* seria um nome melhor, se não se imaginasse *Mutter* por detrás dele. Creio que só recordações do gueto mantêm a família judaica, porque a palavra *Vater* nem de longe tem o significado do pai judeu.¹⁷⁹

Porém, Kafka, muito sensível ao pseudojudaísmo do pai, extremamente atento ao faz de conta das tradições, tomou distância suficiente do que seria para ele uma herança natural judaica. Em seus *Diários*, Kafka faz uma crítica contundente à peça de Brod “As judias” (*Die Jüdinnen*), acusando-o de alguns equívocos. Um deles é a falta de “Observadores não judeus, antagonistas respeitáveis” para que possam encontrar, reconhecer e valorizar o material judaico. E Kafka explica que, se apelamos para o observador de fora, é porque isso é universal.

Da mesma maneira também nos alegra ver um lagarto fugir apressadamente por baixo de nossos pés, num caminho na Itália; curvamo-nos inúmeras vezes, mas se os virmos nas lojas de animais às centenas, rastejando uns por cima dos outros em grande confusão, guardados em frascos grandes normalmente usados para conservas, não sabemos o que fazer.¹⁸⁰

¹⁷⁷ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 23-24.

¹⁷⁸ Kafka *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 242.

¹⁷⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 24/10/1911, p. 75-76.

¹⁸⁰ KAFKA. *Diários* (Emecé), 26/03/1911, p. 39; *Diários* (Relógio D'Água), p. 100.

Essa crítica de Kafka talvez explique porque não encontramos, nos seus relatos de ficção, uma única vez sequer, a palavra “Judeu”.

Em relação à escolha da língua em Kafka, há algumas hipóteses. Apesar de ter nascido em uma família judaica, e carregar tudo que isso implica, ele não escolheu como sua língua de expressão nem o tcheco, nem o iídiche, línguas mais familiares ou de “gueto”, mas o alemão cartorial, oficial e culto, no qual se formou nas escolas primária e secundária, orientado certamente por sua família em processo de assimilação e ascensão, que esperava das culturas alemã e austro-húngara uma maior mobilidade social. No ano de 1901, entra para a Universidade Alemã de Praga e investe nos estudos de germanística e literatura alemã com nacionalistas alemães. Sionistas, nacionalistas tchecos e judeus tchecos atacavam o germanismo obstinado dos judeus alemães, maior parte da população de língua alemã estabelecida em Praga em meio à grande maioria da população de língua tcheca. O Nome “Franz” de Kafka foi em homenagem ao venerado Imperador Franz Joseph, imperador da Áustria-Hungria. Podemos ainda pensar que Kafka, grande admirador de Goethe, talvez não quisesse jogar pedras apenas em poucos, mas sim apedrejar uma gama maior de leitores.¹⁸¹

Carmem Gauger, tradutora de Kafka para o espanhol, dá seu testemunho sobre a sua experiência, para ela fascinante e nada fácil, de traduzir a prosa “concisa e musical” de Kafka:

Siempre he afirmado que Kafka escribe la prosa alemana más pura, más densa y transparente del siglo XX. Vivía en un entorno de mayoría checa, él se quejaba de su falta de contacto con el pueblo alemán, y de que por eso su lenguaje adolecía de pobreza, de falta de vida. Y hay algo de cierto en ello si se compara por ejemplo con la prosa, visiblemente más compleja, más abundante y elaborada, de otro clásico del siglo XX, de Thomas Mann. Pero justamente ésa es la paradoja para los traductores, que, lamentablemente, carecemos del genio de Kafka: con ese lenguaje frío y burocrático del funcionario, que él conocía tan bien, escribía sobre sus fantasías y sus sueños, sus miedos y obsesiones, y de todo ello, aderezado con su ironía y su humor, surge una prosa milagrosamente atractiva, sobria y densa.¹⁸²

Além disso, podemos nos perguntar: não queria Kafka produzir um distanciamento do humano pela via protocolar da língua e com isso fazer a sua estrangeiridade ganhar uma dimensão universal? Não queria com esta língua fria e sem lirismos destacar pelo contraste a estranheza e a solidão do homem? É a hipótese de Carone e Baumann, respectivamente, à luz das linhas que seguem:

¹⁸¹ “Poderíamos chamá-la (a linguagem de Kafka) de angulosa, mas era por sua tensão interior: cada palavra era uma pedra. Sua dureza vinha de um violento desejo de medida e de exatidão”. JANOUCH. *Conversas com Kafka*, p. 19.

¹⁸² GAUGER. Nota da tradutora. In: *Cartas a Milena* (Alianza), p. 23.

Kafka tinha plena consciência do que havia nela (a língua alemã) de seco e desajeitado, e decidiu aproveitá-la, em vez de criar uma língua própria e postiça – como, entre outros, a do seu amigo Brod.¹⁸³

Kafka, ele mesmo um estranho universal e talvez o mais profundo dos estranhos universais desentranhou e explicitou as características da *estrangeiridade*, esse herói único e verdadeiro, mas múltiplo, de toda sua obra literária. Ser um estranho é ser rejeitado e abjurar do direito de constituir-se, definir-se e construir uma identidade de si mesmo. [...] Ser um estranho quer dizer ser capaz de viver a ambivalência perpétua.
184

A partir desses comentários, acrescento que Kafka, em sua ética de um “original absoluto”,¹⁸⁵ como escreve Janouch, nunca faria qualquer coisa, nunca pagaria qualquer preço para ter uma identidade. Por isso não ousaria dizer como Anders que Kafka faz “o esforço desesperado do não existente (ou seja, daquele que não pertence) para ser aceito pelo mundo”.¹⁸⁶ A isso, Kafka prefere permanecer um estranho no limbo. Ou, como observam Deleuze e Guattari, a respeito do fragmento “O campeão de natação” ou “O grande nadador”: Kafka é aquele que está sempre na experiência de “Estar *em* sua própria língua como um estrangeiro”.¹⁸⁷ Segue um trecho de uma inadaptação que não faz esforços para se adaptar:

Primeiramente sou obrigado a constatar que não estou, aqui, em minha pátria, e, apesar de fazer muito esforço, não consigo compreender uma só palavra do que está sendo dito. A coisa mais óbvia seria acreditar em um engano, mas não há engano, eu bati o recorde, voltei a meu país, meu nome é aquele que os senhores chamam, até esse ponto está tudo certo, mas daí em diante nada mais está certo, eu não estou em meu país, não compreendo e não conheço os senhores. Mas, agora, uma coisa que se contrapõe, mesmo que não de modo exato, à possibilidade de um engano: Não me incomoda muito o fato de eu não compreender os senhores e aos senhores também parece não incomodar muito o fato de não me compreenderem.¹⁸⁸

Outra situação retoma e reitera essa posição indefinida. Na época do Lançamento *d’A metamorfose*, Kafka, em cartão postal a Felice, demanda a ela: “A propósito, poderias tu me dizer quem sou realmente?”. Em seguida, Kafka conta a Felice que, no último número de *Die Neue Rundschau*, no artigo “Fantasia”, de R. Müller, rejeita-se *A metamorfose* com argumentos razoáveis, para dizer depois: “A arte de K. como contista possui algo de profundamente alemão”. Em contrapartida, no artigo de Max Brod em *Nossos Literatos e a Comunidade (Unsere Literaten und die Gemeinschaft)*, lê-se: “Ainda que a palavra ‘judeu’ não apareça jamais em suas obras, elas fazem parte dos documentos mais judeus de nossos tempos”. Diante

¹⁸³ CARONE. Kafka e o processo verbal. In: *Lição de Kafka*, p. 81.

¹⁸⁴ BAUMANN. *Modernidad y ambivalência*, p. 130.

¹⁸⁵ A partir de uma observação do pai de Janouch, colega de Kafka no escritório. JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 190.

¹⁸⁶ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 25.

¹⁸⁷ DELEUZE; GUATTARI. *Franz Kafka: por uma literatura menor*, p. 41.

¹⁸⁸ KAFKA. O grande nadador. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 252-253.

desse contrassenso, como é Kafka quem pergunta, é ele quem responde: “Um caso difícil: sou um ginete de circo montado em dois cavalos? Desgraçadamente não tenho nada de ginete, caio por terra.”¹⁸⁹ Comenta Marthe Robert que esta passagem se escreve como um fragmento ou parábola kafkiana. As duas situações são sem saída, como retas que se infinitizam e produzem o “irrisório e o patético”,¹⁹⁰ no circo mambembe de Kafka.

Sem saída identificatória é também o conto “Um cruzamento”, que traz o drama de um animal de estimação, uma “herança” do narrador, metade gato, metade cordeiro, por vezes com pretensões caninas, por outras com ambições humanas. Surpreende algumas lágrimas nos longos pelos da barba do bicho: “eram minhas, eram dele?”. Um animal híbrido que, como Kafka, “não está à vontade na própria pele.” O animal está, portanto, condenado à solidão, e melhor solução para ele talvez fosse a faca do açougueiro. “mas tenho que recusá-la por ser ele uma herança minha. É necessário, pois, esperar que o alento que o anima desapareça espontaneamente, por mais que me fite com sensatos olhos humanos que incitam um ato de sensatez.”¹⁹¹

Sentindo-se pressionado em sua relação com Milena, Kafka não se recomenda e, como já fizera com Felice, usa de sua fragmentada e complexa identidade para assustá-la e amedrontá-la: “Pergunto-lhe se não sentirá medo porque o homem de quem você fala em suas cartas não existe nem existiu, o de Viena não existiu, o de Gmünd tampouco, mas talvez sim esse último, maldito seja.”¹⁹²

E, não se constringendo em ameaçá-la com sua própria pessoa, o ser “diabólico em sua inocência” legislando em causa própria, se faz novamente presente:

Saber esto es importante porque, si volviéramos a encontrarnos, aparecerá de nuevo el de Viena o hasta el de Gmünd, con toda inocencia, como si nada hubiera ocurrido, mientras que el verdadero, desconocido para todos y para sí mismo, menos existente aún que los otros, pero en sus muestras de poder más real que todos (¿por qué no sube por fin a la superficie y se deja ver?), lanzará amenazas desde abajo y otra vez lo destruirá todo.¹⁹³

Na troca com Milena, não se cansa de desenganá-la: “Ninguém canta com tanta pureza como aqueles que estão no inferno mais profundo; são deles os cantos que tomamos como o canto dos anjos”.¹⁹⁴

¹⁸⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 7/10/1916, p. 829; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 737.

¹⁹⁰ ROBERT. *Franz Kafka o La soledad*, p. 44.

¹⁹¹ KAFKA. Um cruzamento. In: *Narrativas do espólio*, p. 100.

¹⁹² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 302.

¹⁹³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 302-303.

¹⁹⁴ KAFKA. *Lettres a Milena*, 26/08/1920, p. 203; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 257.

1.7 Outros espelhos – Fazer corpo/fazer mundo

“Mas, para continuar vivendo, precisa identificar-se. Na verdade, toda sua vida é uma única e ininterrupta tentativa de identificação – da mesma forma que a de seus heróis.”¹⁹⁵

Sua fragilidade física e carência corpórea faziam Kafka orientar-se na direção dos fortes e belos corpos. Queixando-se a Felice do fato de ela ser econômica em suas linhas dirigidas a ele, declara ao mesmo tempo algo que o impressiona na noiva: “Significa a brevidade de suas cartas que tem dores de cabeça? Não posso crer a menos que leia essa palavra em sua carta, tão grande é a confiança corporal que tenho em você (a outra não é menor), ou significa que está zangada?”¹⁹⁶

Na leitura da *Carta ao pai*, vimos que Kafka, desde garoto, relata ter uma relação no mínimo complicada com seu corpo e sua imagem, claramente expressa e refletida no conflito insolúvel com seu pai. No texto da *Carta*, vemos Kafka tratar-se sob expressões bastante depreciativas: “Um monte de ossos”, “Um pequeno esqueleto”, “Magro, fraco, franzino”. Franz Kafka é um confesso hipocondríaco, sofre de insônia e dores de cabeça frequentes, mas sua preocupação com o corpo parece ir além dos cuidados com a saúde, visando construir um mínimo eu (ego), um centro, suporte articulado, invólucro continente, para lidar simultaneamente com as exigências íntimas e as do mundo, sem o qual a vida parece-lhe esvair-se, insustentável.

Este já se dá por satisfeito por resistir com a sua corporeidade acanhada, mas sólida, por proteger as suas duas refeições, por evitar a influência de terceiros, em suma, por preservar para si tanto quanto pode neste mundo em desintegração. Mas o que ele perde, procura-o com violência, mesmo que as suas posses estejam mudadas, enfraquecidas sim, mesmo que só em aparência possam ser recuperadas (como acontece a maior parte das vezes). A sua natureza é portanto suicida, só tem dentes para a sua carne, e carne só para seus dentes. Pois sem um centro, sem um emprego, um amor, uma família, uma renda, isto é, sem confrontar o mundo com grandiosidade, por tentativas, é claro, sem o deslumbrar com um conjunto considerável e complexo de posses, não se pode salvar de perdas destrutivas. Este celibatário (solteiro), com suas roupas no fio, sua arte de rezar, as suas pernas perseverantes, sua temida casa alugada, a sua natureza por regra fragmentada mas desta vez, após longo tempo, de novo invocada, segura tudo isto com ambos os braços e, quando apanha qualquer bagatela, perde sempre duas de suas coisas. Naturalmente, é aqui que reside a verdade, em que nenhum outro lado se pode mostrar tão pura.¹⁹⁷

¹⁹⁵ ANDERS. *Kafka: pró e contra*, p. 24.

¹⁹⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09/12/1916, p. 765.

¹⁹⁷ KAFKA. *Diários* (Relógio D'Água), 19/07/1910, p. 72; *Diários* (Itatiaia), p. 20; *Diários* (Difel), p. 15.

Apesar de detestar médicos, Kafka buscava mestres de um modo um tanto paradoxal, ou seja, com a notável desconfiança que nutria por autoridades. Assistindo às conferências teosóficas de Rudolf Steiner, recém-chegado em Praga para fundar uma filial da antroposofia, Kafka anota com ironia suas impressões dos “efeitos retóricos” quase hipnóticos sobre a massa dos ouvintes apassivados. “Talvez não seja o maior espiritualista vivo, mas só a ele foi entregue a tarefa de conciliar a teosofia com a ciência. E é também por isso que ele sabe tudo.”¹⁹⁸ No início de seus *Diários*, Kafka conta detalhadamente sua visita ao Dr. Steiner,¹⁹⁹ que escrevera o livro *Como se alcança o conhecimento dos mundos superiores*. Mesmo cético, Kafka preparou cuidadosamente sua apresentação: a vida dupla, o drama da incompatibilidade entre o trabalho no escritório e o labor literário já o acossa e é o tema de sua consulta, que merece ser aqui reproduzida pela forma sucinta com que expressa sua questão, carregando ao final uma demanda clara de orientação:

Sinto que uma parte importante de mim tende para a teosofia, e ao mesmo tempo esta me inspira imenso terror. Quer dizer, temo que me induza a uma nova confusão. Esta confusão radica no seguinte: minha felicidade, minhas capacidades e toda possibilidade de ser útil em algum sentido sempre residiram na literatura. E, nesse campo, certamente experimentei estados (não muitos) que, em minha opinião, se aproximam bastante dos estados de clarividência (*hellseherischen Zuständen*) que o senhor Doutor descreve; nesses estados vivo completamente em cada ideia, mas ao mesmo tempo a preencho, e não só me senti ter chegado no meu próprio limite, mas também no limite do humano em geral. Só me falta, em tais estados, ainda que não de todo, a calma do entusiasmo, provavelmente característica dos clarividentes (*Hellseher*). Deduzo isto do fato de não ter escrito as minhas melhores obras nestes estados. Agora não posso dedicar-me totalmente a este trabalho literário como deveria, e isto por diversos motivos. À parte minhas relações familiares, eu não poderia viver da literatura devido à lenta maturação que minhas obras exigem e seu caráter peculiar; minha saúde e meu caráter também constituem um impedimento para dedicar-me ao que, no melhor dos casos, seria uma vida incerta. Por isso, estou empregado em uma companhia de seguros sociais. Ora, essas duas profissões não podem nunca se conciliar, nem admitem um trato comum. A menor felicidade em uma delas equivale a uma grande desgraça na outra. Se em uma noite escrevo algo bom, no dia seguinte fico em brasas no escritório e não posso fazer nada. Este ir e vir resulta-me cada dia mais nocivo. Exteriormente, cumprio com as minhas obrigações no escritório, mas não com minhas obrigações íntimas, e cada obrigação íntima não cumprida converte-se em uma desgraça duradoura. E agora? Poderei eu agregar a teosofia como terceira orientação, [guia] (*Theosophie als dritte führen*) a essas duas

¹⁹⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 28/03/1911, p. 40; *Diários* (Relógio D’Água), p. 24. Em carta a Felice, lemos: “Não, eu não confio em médicos célebres; acredito apenas neles quando dizem que não sabem nada.” Em PAWEL. *O pesadelo da razão*, lemos: “ele desconfiava de *todas* as figuras de autoridade em geral, apesar de passar a vida à procura daquela a que se pudesse submeter em confiança” (p. 201, grifo no original).

¹⁹⁹ Rudolf Steiner (1861-1925), pensador suíço, foi fundador da Antroposofia, da Pedagogia Waldorf, da agricultura biodinâmica, da medicina antroposófica e da Eurytmia. Seus interesses eram variados: além do ocultismo, interessou-se por agricultura, arquitetura, arte, drama, literatura, matemática, medicina, filosofia, ciência e religião. Steiner ininterruptamente aderiu a uma trajetória de conferencista e escritor, desenvolvendo a Ciência Espiritual Antroposófica, ou Antroposofia. Entre 1902 e 1912, ele foi o líder da Sociedade Teosófica na Alemanha, mas rompeu com esta e fundou a Sociedade Antroposófica. Steiner obteve reconhecimento mundial. Em todos os continentes surgiram centros de atividades antroposóficas como desdobramentos práticos da Ciência Espiritual por ele desenvolvida. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Steiner.)

aspirações inconciliáveis? Não irá ela perturbar ambas e não será por elas perturbada? Poderei eu, que já sou uma pessoa tão infeliz, conduzir as três a um fim? (*die drei zu einem Ende führen können?*). Eu vim, senhor Doutor, porque suspeito que, se o senhor me considerar capaz, tentarei fazê-lo.²⁰⁰

Kafka busca, nessa sessão, mais que um mestre, convoca um espelho Outro, um “Suposto Saber” que mostre um caminho, que projete um futuro no horizonte e que aposte em sua capacidade. Mas, pela falta de sequência, talvez pela falta de uma outra escuta, o pedido caiu no vazio e nunca mais Steiner e sua ciência voltam a ser mencionados por Kafka.

Na falta de horizonte, do suporte simbólico do ideal do eu, proliferam as preocupações com o futuro:

Só pensava nas coisas do presente e na sua condição presente, não devido a uma necessidade de aprofundar as coisas ou por qualquer interesse forte e especial, mas [...] por tristeza e receio, por tristeza porque o presente era tão triste que eu pensava que não era capaz de deixá-lo antes que ele se tornasse felicidade; por receio, porque, como receava a mais leve ação do presente, também me considerava, perante meu aspecto infantil, desprezível, indigno de formar uma opinião responsável e séria do futuro másculo e grande que usualmente me parecia tão impossível que cada passo adiante parecia-me equivocado e o seguinte inatingível.²⁰¹

O espelho do Outro, as funções materna e paterna não se reduzem aos pais biológicos, ou da realidade familiar mais próxima, e outros tantos substitutos podem refletir para o sujeito, mesmo não sendo mais uma criança, outro futuro, uma outra forma de corpo, uma outra ideia de mundo. Pois a primeira visão de mundo é a visão do corpo próprio a partir da imagem do semelhante. Relembrando com Lacan, a constituição do eu em Freud:

comecei acentuando sobre o que Freud chama narcisismo, isto é, o nó fundamental que faz que, para se dar uma imagem do que chama o mundo, o homem o concebe como esta unidade de pura forma que representa para ele o corpo. A superfície do corpo, é daí que o homem tirou a ideia de uma forma privilegiada. Sua primeira apreensão do mundo foi a apreensão de seu semelhante.²⁰²

Comenta Anders que a visão de mundo de Kafka fica contaminada por essa “múltipla condição de *não-pertencer*”, o que faz com que “‘mundo’ signifique o todo daquilo em que ele *não* está, ou seja, o mundo do poder.”²⁰³

Entretanto, ao longo de sua vida, Kafka consegue por vezes vislumbrar uma boa forma de si, mirando-se em espelhos outros, reflexos que o fortalecem como homem. Em 12/12/1913,

²⁰⁰ KAFKA. *Diários* (Emecé), 28/03/1911, p. 42; *Diários* (Difel), p. 39-40; *Diários* (Relógio D’Água), p. 26.

²⁰¹ KAFKA. *Diários* (Emecé), 02/01/1912, p. 153; *Diários* (Difel), p. 143; *Diários* (Relógio D’Água), p. 205.

²⁰² LACAN. Conferencias y charlas en universidades norteamericanas, p. 57.

²⁰³ ANDERS. *Kafka*: pró e contra, p. 24.

lemos nos *Diários* uma anotação rara: “E de manhã levantei-me relativamente fresco.” Em sequência, relata uma experiência ao mirar-se no espelho:

Há instantes olhei-me com atenção no espelho – embora só com luz artificial e com a luz a vir de detrás de mim, de tal maneira que a penugem nas pontas das orelhas estava iluminada – e a minha cara, mesmo depois de exame cerrado, pareceu-me melhor do que eu sei que ela é. Um rosto claro, bem formado, quase finamente modelado. O negro dos cabelos, as sobrancelhas e as pálpebras, saem com vida do resto da massa passiva. O olhar não é de maneira nenhuma estéril, não há vestígios disso, mas também não é infantil, mas antes inacreditavelmente enérgico, mas talvez só porque me estava a observar a mim, porque eu estava a observar-me e queria assustar-me.²⁰⁴

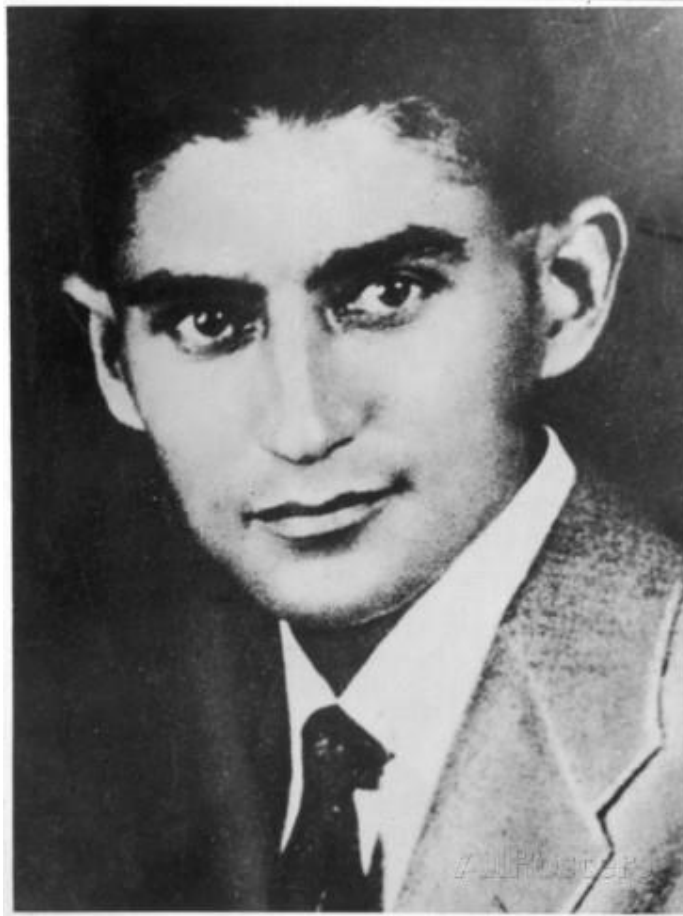
Figura 23 – Homem no espelho de pé



Fonte: Franz Kafka, *Dibujos*, p. 05.

²⁰⁴ KAFKA. *Diários* (Difel), p. 218; *Diários* (Relógio D'Água), p. 376.

Figura 24 – Uma das fotos mais divulgadas de Kafka (detalhe da foto seguinte)



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka 1883-1924*, p. 69.

Uma variação de tradução da citação acima realça a visão da imagem de Kafka no espelho como sendo um “ele”, um duplo: “mas talvez estivesse ele apenas observando enquanto eu precisamente me observava e quisesse me fazer medo.”²⁰⁵

²⁰⁵ Kafka *apud* LIMA. *Limites da voz*, p. 47.

Figura 25 – Kafka com a primeira noiva, Felice Bauer (fotografia do segundo noivado, verão de 1917)



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka 1883-1924*, p. 69.

Essa anotação nos *Diários* parece mais um retrato falado da mais conhecida foto de Kafka, talvez a melhor delas, onde distinguimos, como em nenhuma outra e sem sombra de dúvida, o “olhar incredivelmente enérgico”. Entretanto, contextualizando a foto, que nunca foi comentada por Kafka, sabemos que foi tirada em 1917 e vemos que Kafka contou com a presença física de Felice, já no fim do segundo noivado, para a feliz fotogenia ²⁰⁶. Ainda em meados de 1913, nos *Diários*, lemos:

Antigamente a pessoa que sou na companhia das minhas irmãs era diferente da pessoa que sou na companhia de outras pessoas. Sem medo, poderoso, surpreendente, sensível como só sou quando escrevo. Se pela mediação da minha mulher eu pudesse ser assim em frente de toda a gente!²⁰⁷

Kafka, em sua vida e em suas escritas, como nas fábulas é cercado de “ajudantes” e, entre eles, muitas mulheres, e mulheres fortes, um misto de irmãs, criadas e prostitutas. Deleuze nota isso e recorta d’*O processo* a repreensão do padre a K.: “você procura muito a ajuda dos outros, e sobretudo a das mulheres”,²⁰⁸ por vezes subservientes, outras vezes dominadoras. Desde sua mãe sempre evocada, ele conta com as irmãs no fragmento acima (especialmente Ottla), ainda com suas amigas e, certamente, com suas noivas. Em suas histórias, seus personagens

²⁰⁶ Pergunta G. Rosa no conto “O espelho”, salientando um acontecimento, depois das desventuras de não conseguir se ver: “Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?”; pergunta que o narrador mesmo se apressa em responder: “Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava. Já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria.” In: *Primeiras Estórias*, p. 71, 72.

²⁰⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 21/07/1913, p. 199.

²⁰⁸ DELEUZE; GUATTARI. *Franz Kafka*: por uma literatura menor, p. 94.

masculinos são rodeados também por um elenco de protagonistas femininas: Sra. Grubach, Sta. Bürstner, Elsa, Leni (*O processo*); Frieda, Olga, Amália, Pepi (*O castelo*); a irmã Grete, a dama em peles do quarto de Gregor (*A metamorfose*); Klara, Brunelda, Fanny (*Amerika*); entre outras. Deleuze, que compara Kafka a um vampiro sedento de seiva vital, comenta que, desde seu primeiro encontro com Felice, Kafka/Drácula, vegetariano e anorético, “é atraído por seus braços musculosos, ricos em sangue, assusta-se com seus grandes dentes carnívoros.”²⁰⁹

Prosseguindo com Kafka em sua busca de dar tratamento à falência geral que o acoisa, verificamos ao longo da pesquisa que, como correlato da busca de um esteio que não o traia, Kafka busca também fazer corpo por meio de outras escritas, ou, mais que isso, traçar corporeidades, alguns contornos, relevos e consistências que, nesse momento, pretendemos mapear.

1.8 A Disciplina de fazer um corpo: tratando o real com o real

O pé com que entro na sala transforma-se antes de eu ter tempo de mexer o outro.²¹⁰

Conta-nos Pawel que “a luta pela recuperação da saúde, que acabou por entrar numa escalada de obsessões desesperadas e de doença fatal, começou com tentativas aparentemente racionais da parte dele no sentido de superar queixas relativamente corriqueiras”.²¹¹

Desde 1908, sofria de distúrbios estomacais e, mesmo resistindo aos médicos, submeteu-se a um bombeamento no estômago em 1910. A regularidade intestinal já era um fetiche na época, explorado pela indústria farmacêutica em expansão cada vez maior. Pawel ainda comenta que essa obsessão pela regulação “parece compatível com os sintomas de constipação intestinal que Kafka exibia em outras esferas”.²¹²

²⁰⁹ DELEUZE; GUATTARI. *Franz Kafka: Por uma literatura menor*, p. 45-46. De como Kafka tenta, nas parcerias, nos noivados, fazer corpo com uma mulher, fazer corpo principalmente de modo epistolar, trataremos em outro capítulo, “Kafka Trovador (?)”.

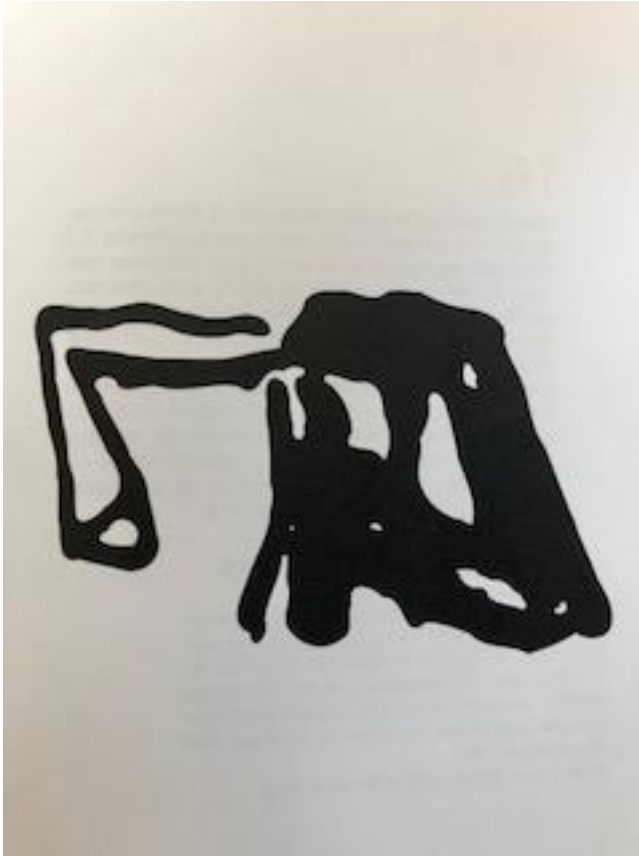
²¹⁰ KAFKA. *Diários* (Difel), 19/07/1910, p. 15.

²¹¹ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202.

²¹² PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202-203.

1.8.1 O vegetarianismo

Figura 26 – “Que significa: ‘procurar o que comer?’ Lástima, em minha mesa poderia encontrar-se alguma coisa, mas ao invés disso farei o seguinte”: (desenho que acompanha carta a Ottla de 11/12/1918.)



Fonte: KAFKA. *Dibujos*, p. 15; KAFKA. *Lettres à Ottla et la famille*, p. 70.

imaginei meu jantar vegetariano, fiquei satisfeito com minha digestão e preocupei-me a pensar se minha vista duraria toda a minha vida²¹³

Em matéria de carne, os vegetarianos só vivem de sua própria carne.²¹⁴

Kafka não apenas não tinha o apetite e a voracidade do pai, filho de um açougueiro, mas ainda tornou-se vegetariano, como um modo de combater os problemas de digestão e dores de cabeça. Em carta a Felice, Brod, em defesa do amigo, esclarece o que lhe parece não ser uma teimosia alimentar:

Após anos de tentativas, Franz enfim encontrou a alimentação que lhe convém, é o regime vegetariano. Durante anos ele sofreu dores de estômago, agora ele está melhor

²¹³ KAFKA. *Diários* (Difel), 27/12/1910, p. 25.

²¹⁴ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 205.

de saúde e bem mais viscoso como nunca, desde que eu o conheço. Mas naturalmente os pais vêm se envolver até nisto, com um amor banal, eles querem nos reconduzir à força à carne e com isso fazer que retornem suas dores.²¹⁵

O vegetarianismo impôs-se à maior parte da vida de Kafka com algumas exceções em circunstâncias excepcionais, como viagens e internações. Apesar de não se vangloriar disso, propalava seus benefícios entre os mais chegados, aos correspondentes que se queixavam da saúde. Em uma carta a Grete Bloch, amiga de Felice, lemos:

E quando não são os maus cuidados os que provocam a deterioração dos dentes, isto se vê provocado, como ocorre em meu caso, pelo consumo de carne na alimentação. Se se senta à mesa, ri e fala (por minha parte ao menos tenho a justificativa de que nem rio nem falo) e, enquanto isso, germens de putrefação e fermentação se originam entre os dentes a partir de minúsculas fibras de carne, não em menor quantidade que os que se originam em um rato morto e aprisionado entre as pedras. Não há nada como a carne quanto à fibrosidade, de forma que somente com grande esforço podem ser desalojadas as partículas, e isso tampouco de modo imediato e total, teríamos que ter para isso dentes de predador, afiados, separados entre si, organizados para lacerar as fibras.²¹⁶

Nessa breve passagem, deparamo-nos com o poder de síntese e impacto narrativo do escritor. À custa de seduzir a correspondente para o vegetarianismo, pinta subitamente um quadro de verdadeiro terror do que acontece entre os dentes de quem come carne. Como lembra Carone, a partir de Adorno em seu texto clássico “Anotações sobre Kafka”, os textos kafkianos, que chama de “protocolos herméticos”, são compostos com a deliberação de encurtar a distância “entre eles e a vítima”. “Isso significa que o leitor, habituado à placidez ilusória de sua poltrona, vive a experiência de quem é atropelado por uma locomotiva”²¹⁷ (mais adiante voltaremos ao impacto causado no corpo pela escrita de Kafka). A dieta que Kafka se impunha consistia de alimentos naturais não industrializados. Também se abstinha de fumo, doces e bebidas alcoólicas.

Faço três refeições por dia, nos intervalos nada como, mas o que se chama nada? Pela manhã compota, biscoitos e leite. Às 2h e 1/2, por amor filial, a mesma coisa que as outras, apenas em conjunto algo menos que as outras, e em particular, menos ainda no que tange à carne e mais verduras. À noite, às 9h e 1/2, no inverno, yogurte, pão, manteiga, nozes de todo tipo, avelãs, castanhas, tâmaras, figos, uvas, amêndoas, passas, bananas, maçãs, peras, laranjas. Todas estas coisas, é claro, as tomo escolhidas, não as joga para dentro de mim como saídas do cone da fortuna. Nenhuma comida seria para mim mais estimulante que esta. Não insista nos 3 bocados a mais, veja, tudo isso é comer para o seu bem, e esses 3 bocados seriam para o meu mal.²¹⁸

²¹⁵ Brod, em carta a Felice de 22/11/1912. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 112; *Cartas a Felice* (Anima), p. 99.

²¹⁶ Kafka, em carta a Grete Bloch, 18/05/1914. In: *Lettres à Felice*, p. 662; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 583.

²¹⁷ CARONE. Kafka e o processo verbal. In: *Lição de Kafka*, p. 80.

²¹⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 21/11/1912, p. 107; *Lettres à Felice*, p. 126.

Chegou a escrever a Felice, que dizia também ter simpatia pelo regime, incentivando-a a se converter à dieta: “Creio de bom grado que nossa cozinha será vegetariana, não é verdade?”²¹⁹ Também odiava os médicos famosos. Diz-nos Pawel que “a desconfiança de Kafka na medicina ortodoxa tinha fundamento [...]. O que mais o exasperava não era a ignorância dos médicos, mas antes sua recusa presunçosa em reconhecê-la.” A arrogância médica não é uma postura que desconhecemos em nossos dias, “mas se justificava ainda menos numa época em que as sangrias eram ainda muito mais comuns do que a recém-introduzida aspirina”.²²⁰ Mas se chegou a consultar um médico para problemas de estômago, seguia por simpatia os princípios da medicina natural e, por isso, para a insônia que o atormentava quase que diariamente, recusava-se a fazer o uso de infusões de Valeriana: “Pois eu não durmo mal porque não tenho Valeriana suficiente no corpo. Há 100 razões para que eu durma mal, mas certamente não é por falta dela.”²²¹

Mas, segundo Pawel, algo mais radical que o regime vegetariano estaria ainda por vir. Nas pesquisas que fazia para buscar algum bem-estar para si, Kafka deparou-se com os textos de Horace Fletcher,

lançador norte-americano de moda alimentar do século XIX, que enfatizava a mastigação cuidadosa como a chave da boa saúde; e o novo adepto de Fletcherismo começou então a empregar diligentemente os princípios do mestre, mastigando cada bocado uma dúzia de vezes ou mais. O efeito sobre a família reunida à mesa do jantar não é difícil de imaginar.²²²

Em carta a Felice, Kafka escreve que o pai “tinha de segurar o jornal diante dos olhos durante meses antes de se acostumar com os modos alimentares do filho”.²²³

Notamos com Deleuze e Guattari, e também com outros autores, que a boca, a língua (mudas ou falantes), os dentes (grandes ou estragados), o jejum ou a fome, sempre com figuras de oposição, percorrem com muita frequência toda a escrita de Kafka. O exemplo mais nítido talvez seja “O artista da fome”: acabando como resto varrido com a palha de sua jaula, morto não só por jejuar, mas “porque o jejum é uma necessidade (*Weil ich hungern muß, ich kann nicht anders*)”, porque lhe falta o apetite, “porque eu nunca encontrei a comida que me agradasse (*weil ich nicht die Speise finden konnte, die mir schmeckt. Hätte ich sie gefunden,*

²¹⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 01/07/1913, p. 475; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 411.

²²⁰ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202.

²²¹ KAFKA. Carta a Grete Bloch, 21/05/1914. In: *Lettres à Felice*, p. 666; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 586.

²²² PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 203.

²²³ Kafka *apud* Backes na nota 37 da *Carta ao pai*, p. 67. “Antes de acostumar-se, meu pai não teve outro remédio que tapar o rosto com o jornal, durante meses inteiros à hora do jantar.” KAFKA, *Cartas a Felice* 07/11/1912 (Alianza), p.77-78; *Cartas a Felice* (Anima), p. 55.

*glaube mir, ich hätte kein Aufsehen gemacht und mich vollgegessen wie du und alle.)”*²²⁴ Conto em que o artista seco dá lugar à jovem pantera esfomeada. E alguns autores, como Backes e Carone, constataam o quanto o destino de sua tuberculose pegou-lhe pela garganta: “O artista esquelético tem sido comparado ao próprio Kafka, que na época que compôs esta narrativa estava com o organismo minado pela tuberculose da laringe e só podia comer com a maior dificuldade.”²²⁵

1.8.2 “A primeira tarefa é indiscutível: faz-te soldado”²²⁶

Tu me encorajavas, por exemplo, quando eu batia continência e marchava com desenvoltura, mas eu não era um futuro soldado.²²⁷

mas se, por exemplo, quiser telefonar-me às 7 da manhã, é só avisar-me por carta, e às 7 estarei na cabine telefônica como um soldado na guarita de sentinela.²²⁸

Nesse exercício para obter consistência, Kafka sempre recorre ao exemplo de Napoleão, aquele que se fez imperador com seu pouco corpo de um metro e meio.

Quando penso nessa anedota: Napoleão conta à mesa da corte de Erfurt: quando eu era apenas tenente do 5º regimento.... (suas altezas reais olham-se perplexas, Napoleão repara nisso e corrige-se), quando ainda tinha a honra de ser apenas tenente...; as artérias do pescoço incham-me de orgulho pelo fato de me sentir como ele e isso penetra-me sutilmente.²²⁹

Quando está à beira de um “ataque de loucura” diante do compromisso com Felice, recorrendo a todos os meios para provar que ele é um mau partido, prestes a terminar o noivado, é Napoleão que lhe vem em socorro em meio a uma noite de insônia e tormento:

No meio da noite e não sabendo o que fazer sobreveio-me um autêntico ataque de loucura, não havia maneira de controlar as ideias, todo se desintegrava, até que em certo momento veio em meu auxílio a imagem de um sombreiro negro de General napoleónico, o qual se colocou encima de minha consciência, mantendo-a violentamente em sua integridade.²³⁰

²²⁴ KAFKA. *O artista da fome seguido de A colônia penal & Outras Histórias* (Tradução de Guilherme Braga), p. 45-46; O artista da fome. In: *Kafka Essencial*, p. 57.

²²⁵ CARONE. *Kafka Essencial*, p. 45.

²²⁶ KAFKA. *Diários* (Difel), 27/08/1916.

²²⁷ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 26.

²²⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 07/05/1913, p. 373; *Lettres à Felice*, p. 432.

²²⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 17/10/1911, p. 68.

²³⁰ KAFKA. *Cartas a Felice*, 06/08/1913, p. 431; *Letters à Felice*, p. 498.

Olhando-se nesse espelho do vigor napoleônico e seguindo esse notável exemplo de ascensão militar que em menor escala é também o de seu pai, outrora servidor do exército, tentou em vão se alistar para lutar na primeira grande guerra. Para esse soldado sem exército, mas em regime militar, é preciso manter o corpo em estado de ocupação, como uma estratégia de guerra, para não perder o assentamento em seu ínfimo território. Durante o sono, a vulnerabilidade é maior, a invasão de sua toca/corpo lhe ameaça. Então, não é difícil entender por que lhe ataca o “sempre alerta” da insônia. Os relatos nos *Diários* sobre as dificuldades e a luta para dormir são frequentes, e o sono é leve para quem está em guarda: “sinto-me repellido pelo sono”; “[...] tenho a sensação de não ter dormido ou de só ter dormido sob uma pele muito fina”; à força dos sonhos que acordam, “durmo ao longo de mim próprio, por assim dizer, enquanto eu próprio luto contra os sonhos [...] Penso naquelas noites em que acordava de um sono profundo e despertava como se estivesse metido numa noz”.²³¹

Eis que Kafka, nesse sono leve que o desperta, busca dormir pesado e leva isso ao pé da letra:

A mesma noite, só que adormeci ainda mais pesadamente, com maior dificuldade. [...] Mas para me tornar o mais pesado possível, o que eu acho que é bom para adormecer, tinha cruzado os braços e posto as mãos nos ombros, de maneira que estava deitado como um soldado carregado.²³²

No tempo de Kafka, os jovens judeus pragueuses viviam em um contexto no qual se estimulava o retorno à terra e à natureza. Além disso, “eles próprios se subscreviam, com graus variáveis de entusiasmo, os princípios românticos do retorno à natureza e da adoração do corpo como parte de sua própria revolta contra a mentalidade pecuniária de seus pais e as ortodoxias supersticiosas de seus avós.”²³³ A cultura ainda no clima do romantismo alemão, a atitude de restrição ao intelectualismo do movimento sionista e também o culto do atletismo pós-napoleônico e pré-nazista faziam com que os trabalhos manuais, o preparo físico e a virilidade fossem valorizados em contraposição à primazia da atividade intelectual. Com o expressionismo no horizonte, não por acaso, Ricardo Piglia considera que essa “metáfora da guerra, a vida militar, o mundo masculino do exército [...] o risco e o heroísmo” não são algo à parte, mas descrevem a relação de Kafka com a literatura:

Melhor seria dizer, a guerra é a metáfora ou a ilusão de um modo de vida que seria a condição para uma linguagem nova, para um uso novo da linguagem. Kafka pensa na

²³¹ KAFKA. *Diários* (Difel), reflexões de 02/10/1911, p. 49-50.

²³² KAFKA. *Diários* (Difel), 03/10/1911, p. 51.

²³³ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 199.

guerra, no assédio, na situação de perigo, em cavar trincheiras, em ataques iminentes. Defende posições, liberta áreas.²³⁴

Auxiliado pelos estudos feitos por Cristoph Stölzl sobre o contexto social onde Kafka viveu e trabalhou, Pawel conta-nos que, em 23/12/1912, podemos ler no *Sebstwehr* – jornal sionista de Praga, que seria posteriormente editado por Felix Weltsch, amigo da Kafka e filósofo – uma incitação conclamando os judeus

a “abandonar nossa ênfase marcante na primazia intelectual... e nosso nervosismo excessivo, herança do gueto... Em nosso próprio benefício e no de nosso povo, precisamos de personalidades harmoniosamente equilibradas. Gastamos uma parcela grande demais de nosso tempo debatendo, e quase não há tempo suficiente para o lazer e a ginástica... O que faz de um homem um homem não é sua boca, nem sua mente, nem tampouco sua moral, mas sim a disciplina... é de masculinidade que precisamos”.²³⁵

Mesmo Kafka, que dizia ser só literatura, reage defendendo-se prontamente, muito provavelmente ao ser questionado por Felice, quando expressou seu desejo de ingressar no exército:

por que você não sabe se representaria para mim a felicidade converter-me em soldado, supondo, certamente, que meu estado de saúde o permita, e eu espero que o permita? Ao final deste mês ou princípios do próximo me apresento à avaliação médica. Deve desejar que eu seja admitido, tal como eu desejo.²³⁶

Kafka não passou no exame médico, mas não deixou de ter a disciplina militar como referência, ao lado do casamento. Falando de si mesmo em terceira pessoa para Felice, uma estratégia literária, mas também um recurso pessoal de tomada de distância, concede a “ele” duas saídas:

Está febril, incapaz de dominar-se, descentrado. Só há dois remédios que podem curá-lo, remédios não no sentido de dar o passado por não acontecido, mas no sentido de que o preservem de outras coisas que lhe possam suceder. Um deles seria F., o outro o serviço militar. Ambos lhe foram negados.²³⁷

Depois do término com Felice, é nítido que a posse conjugal de uma mulher é semelhante, para ele, ao feito vitorioso de uma conquista militar: “Sinto por F. o amor que um

²³⁴ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 42-43.

²³⁵ Soelzl *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 200.

²³⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06/05/1915, p. 645.

²³⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06/08/1915, p. 651-652.

general malsucedido sente pela cidade que ele não pode tomar, mas que ‘ entretanto (*trotzdem*)’ se transformou em algo grande — uma mãe feliz de duas crianças.”²³⁸

Mas, mesmo carregando esse fracasso, nem por isso deixa de continuar se prescrevendo uma vida austera. Por vezes, ao longo da vida, sistemática e voluntariamente se impõe uma vida de caserna que parece prometer uma disciplina boa em si mesma e da qual, dividindo as horas do dia, organizando o sono e atividades físicas e mentais, ele pudesse obter alguma estabilidade. Já doente, confessa a Milena o recurso à disciplina que a tosse “tiranicamente” (*tyrannisch*) interrompe: “Há alguns dias reiniciei minha vida de ‘serviço militar’ (*Kriegsdienst*), ou mais exatamente, de ‘manobras’ (*Manöver*); de tempos em tempos é a melhor para minha higiene, como descobri há alguns anos.”²³⁹

Mas Kafka, que dizia ter “fabulosas capacidades ascéticas inatas”,²⁴⁰ exagerava e tomava a disciplina no sentido de restrições negativas, dietas rígidas, cultivando hábitos que, a seu ver, promoviam um tratamento autônomo na direção da saúde, sem necessidade de médicos e de medicamentos. Distingue Stach: “Asceticismo não é o mesmo que austeridade; é um processo de autorregulação e autoformação baseado em uma utópica noção de se obter um controle completo sobre o corpo, o eu, a vida”.²⁴¹ Kafka certamente buscava compensar a falta de consistência física e psíquica por controle e disciplina, em um corpo social de exército, já que a prática religiosa ritualística não lhe convinha.

Nessa busca de ordem e centramento é importante destacar o trabalho no escritório que lhe consumia seis horas diárias. Kafka tinha em relação ao escritório uma atitude muito ambivalente. Constata-se, em suas anotações e cartas, que o trabalho burocrático que o condenava a uma “vida dupla” – sendo “a loucura provavelmente a única saída”²⁴² e, por isso, ser o alvo de tantas queixas –, tinha, na verdade, mais de um importante papel. Kafka diz que o escritório roubava-lhe, com “documentos miseráveis”, as horas do “trabalho literário”. Entretanto, desmentirá isso anos mais tarde, quando tira três semanas de licença com fins de dedicar-se à literatura e não escreve uma linha sequer.²⁴³ Sente que no escritório cumpre deveres, “sinto-me bastante calmo quando posso ter a certeza de que meu chefe está satisfeito e quando não sinto que a minha condição seja horrível.”²⁴⁴ Mas não os “deveres interiores”, literários, a que deveria estar atendendo. O escritório, na busca de justificativas para a

²³⁸ KAFKA. Carta a Brod de 31/12/1920. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 86-87.

²³⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 26/08/1920, p. 257; *Lettres a Milena*, p. 203.

²⁴⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14/08/1913, p. 439; *Lettres à Felice*, p. 506.

²⁴¹ STACH. *The decisive years*, p. 421-422.

²⁴² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’água), 9/02/1911, p. 23.

²⁴³ KAFKA, *Diários* (Difel), 11/05/1916, p. 319.

²⁴⁴ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’água), 4/10/1911, p. 38.

infelicidade, alia-se ao casamento como sendo um obstáculo ao trabalho do escritor. No item 7, encerrando a lista que faz nos *Diários* dos argumentos pró e contra o casamento, Kafka conclui: “Só, eu talvez pudesse um dia desistir do meu emprego. Casado, isso nunca seria possível.”²⁴⁵ Com Milena, insiste em carta que não pode pedir uma licença e “mentir no trabalho” para ir ter com ela em Viena.²⁴⁶ Mas em outros momentos pode dizer que o escritório desempenha “apenas um papel inocente” naquilo que o exaure e o dilacera, que é verdadeiramente o trabalho de escritor. Depois da relação com Felice, com Julie e do fracasso pessoal com Milena, e de ver-se, em vários aspectos, como uma caricatura do que poderia ter sido, inclusive como escritor, o trabalho no escritório é ressignificado. Já muito doente e com pudores de pedir uma prorrogação de licença remunerada, comenta em carta com a irmã Ottla:

Seria fácil pedir uma licença se eu pudesse dizer a mim mesmo e aos outros que o escritório foi em parte responsável pela doença ou por seu agravamento. Mas deveras a verdade é o contrário; o escritório manteve a doença estacionada. É tão difícil e, no entanto, preciso pedir a licença. Poderei, é claro, incluir um relatório médico; essa parte é muito simples.²⁴⁷

No final da vida, Kafka chegou a estimar o trabalho burocrático do escritório de uma outra maneira – trabalho este que ele nunca negligenciou por ser sua fonte de independência e de alguma autonomia –, contando inclusive com uma aposentadoria, além da ajuda financeira dos familiares, sem a qual não poderia ter saído de Praga com Dora, para sua aventura em Berlim.

1.8.3 A ginástica – Vale-se do corpo articulado ou vale por articular o corpo?

Cremos pensar com nosso cérebro. Eu, penso com meus pés, é somente aí que encontro algo duro; às vezes, penso com os músculos da fronte, quando me choco.²⁴⁸

Entre os hábitos que impunham uma disciplina de caserna, está ainda a ginástica. Kafka dava o maior valor a exercícios que exigiam treino e força físicos. Além de longas caminhadas, também jogava tênis e chegou a praticar equitação. Conta-nos Pawel que, “Desde 1908, ele já se havia convertido a um programa sistemático de condicionamento do corpo, desenvolvido pelo autor dinamarquês Jens Peter Müller”,²⁴⁹ aclamado internacionalmente, que prescrevia banhos

²⁴⁵ KAFKA. *Diários* (Difel), 21/07/1913, p. 199.

²⁴⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 195.

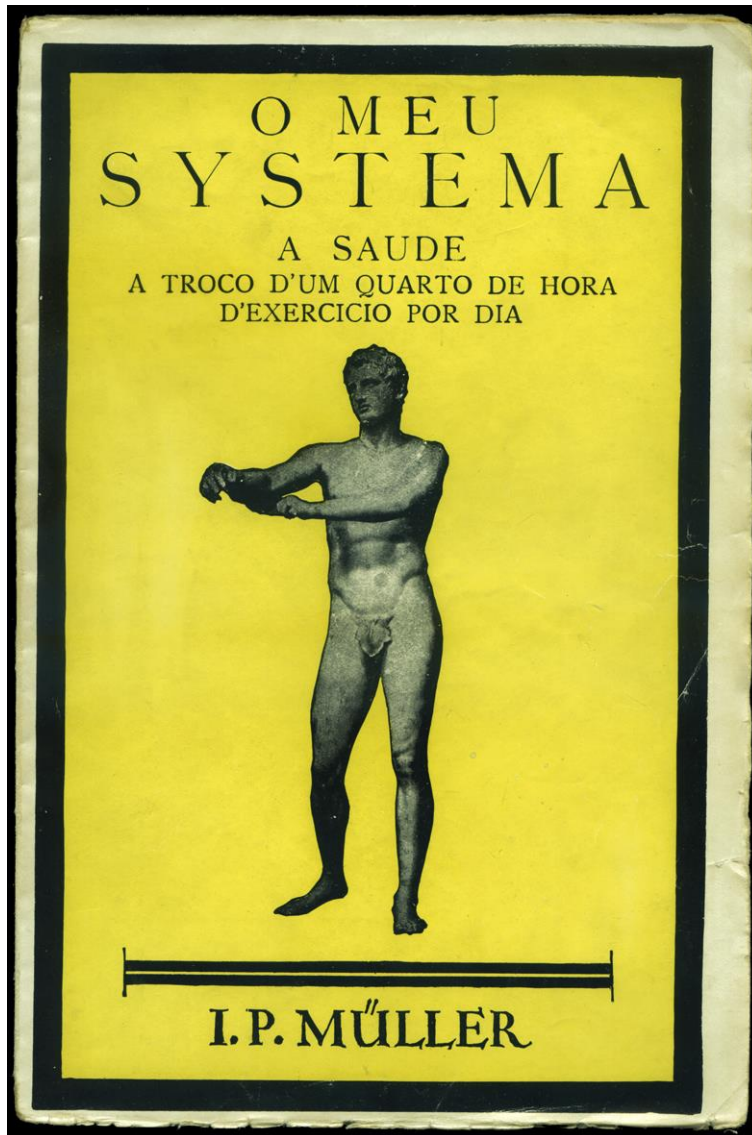
²⁴⁷ KAFKA. Carta de 04/1921. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 114.

²⁴⁸ LACAN. Conferencias y charlas en universidades norteamericanas, p. 65.

²⁴⁹ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202.

frios e 15 minutos de ginástica diária que Kafka praticava à noite, quase nu, junto às janelas abertas, fosse inverno ou verão. Kafka mantinha a brochura *Mein System* (Meu Sistema) de Müller aberta na página das instruções para *mülllear*. Também comenta Pawel que “*Müllern – mülllear – tornou-se um verbo regular em seu vocabulário e uma rotina habitual em sua vida por muitos anos.*”²⁵⁰

Figura 27 – Capa do livro de ginástica usado por Kafka. (Versão em português)



Fonte: Livraria Bertrand, Lisboa, [s.d.].

Quando noivo de Felice, Kafka insiste autoritariamente com ela para exercitar-se pelo método, enviando-lhe o livro de ginástica para mulheres do mesmo autor.

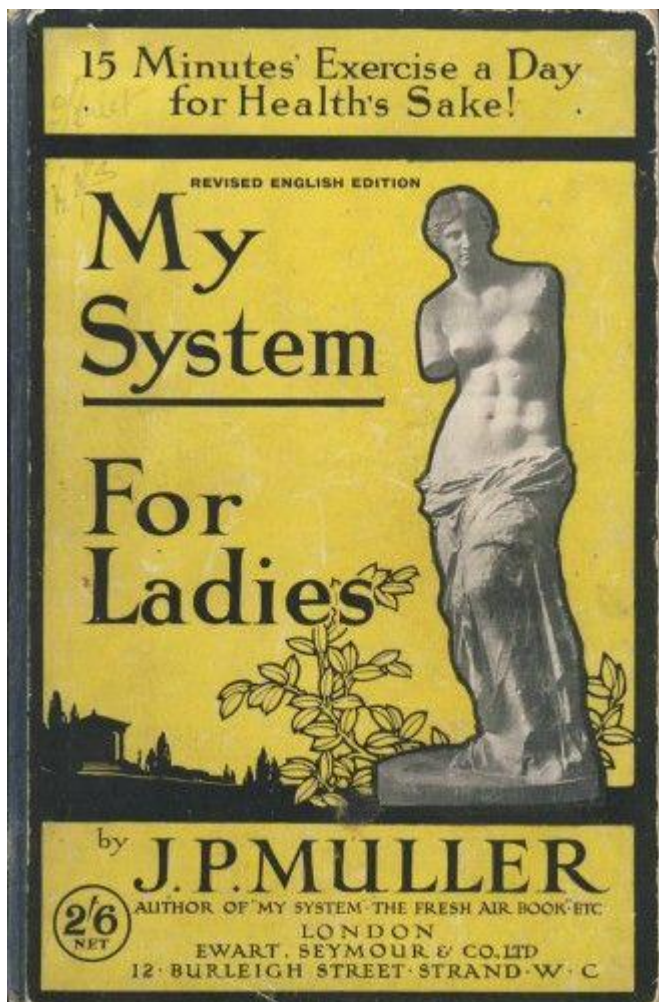
²⁵⁰ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202.

A promessa que lhe arranquei *in bianco*, e pela qual lhe agradeço muito, refere-se ao ‘müllerismo’. Proximamente enviar-lhe-ei o ‘Sistema para mulheres’ e você (pois você prometeu não?) começará a ‘müllear’ a fundo, lenta, prudente, sistemática e diariamente, dando-me notícias continuamente de como anda a coisa, e com isso me proporcionará uma grande alegria.²⁵¹

Kafka prescreve a ela o mesmo “Sistema” e age com Felice como age consigo mesmo. Na carta de 14/08/1913, lemos no final:

Brevemente, por fim: Insisto absolutamente sobre o “müllerismo”, o livro seguirá hoje e se isso a aborrece é porque você não faz bem feito. Esforce-se para fazê-lo o mais cuidadosamente possível (*ou seja, avançando com muita prudência*), e isso não poderá aborrecê-la, até mesmo porque você sentirá imediatamente o efeito.²⁵²

Figura 28 – Livro de ginástica (versão em inglês) enviado a Felice: ensinando a *müllear*



Fonte: Publicado por Ewart, Seymour & Co. Ltd., London, UK, 1911.

²⁵¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 07/08/1913 p. 433.

²⁵² KAFKA. *Lettres à Felice*, 14/08/1913, p. 507; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 440.

Como vimos, Kafka dá diversos testemunhos de que não só intui, mas sabe que lhe falta uma imagem de corpo articulada. Prescreve para si, ao longo da sua vida, várias atividades físicas que certamente não são apenas frutos de modismos ou de um culto ao corpo. Sabemos que são as dimensões do imaginário e do simbólico que enodadas dão consistência ao real do corpo. Sabemos que Kafka era carente tanto da articulação simbólica eficaz quanto de uma imagem corporal investida de desejo. Todavia, Kafka não deixava de buscar saídas, saídas compensatórias, como vimos, saídas muitas vezes literais, para fazer um corpo que lhe respondesse às exigências de seus impulsos e aos apelos do outro e do mundo. Entre as atividades físicas que praticava, há uma que tem um lugar privilegiado, por ter sido nela iniciado por seu pai: a natação.

1.8.4 O Campeão de natação que não sabe nadar

Prezados convidados! Sou dono, há que se admitir, de um recorde mundial, mas se os senhores me perguntassem como foi que o alcancei eu não poderia responder-lhes de modo satisfatório. Na verdade, nem sequer sei nadar. Desde sempre quis aprender, mas não consegui encontrar oportunidade para tanto.²⁵³

Franz frequentava com o pai, à beira do Moldavia, uma escola de natação e remo adotando-os como esporte dileto. Remava o seu próprio barco que mantinha ancorado em frente à sua casa e usava para fazer passeios aos domingos. Às vezes, “deixava-se levar pela correnteza por muitas milhas e então fazia o esforço do caminho de volta rio acima”.²⁵⁴ O esporte era um traçado importante que algumas vezes podia tomar o lugar da escrita, ou se confundir com ela. Como diz Deleuze pensando em Kafka, “Toda escrita comporta um atletismo”²⁵⁵ e, como a escrita, a natação precisa ser uma prática constante nunca de todo aprendida; o esforço de um “campeão de natação que não sabe nadar”. Kafka trata o esporte como uma outra forma de escrita. Em 15 de agosto de 1911, escreve em seus *Diários* depois de alguns meses desde a última anotação:

Todo esse tempo transcorrido sem escrever uma só palavra foi para mim muito importante, porque durante seu transcurso aprendi nas escolas de natação de Praga, Königsaal e Czernoschitz a não me envergonhar do meu corpo. Com que atraso, aos vinte e oito anos, trato de completar minha educação; em uma pista de corridas diriam que saí atrasado.²⁵⁶

²⁵³ KAFKA. O grande nadador. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 252. Em espanhol: <https://porlaverdad3.wordpress.com/tag/el-gran-nadador>.

²⁵⁴ STACH. *The decisive years*, p. 31.

²⁵⁵ DELEUZE. A literatura e a vida. In: *Crítica e Clínica*, p. 12.

²⁵⁶ KAFKA. *Diários* (Emecé) 15/08/1911, p. 42; *Diários* (Relógio D'Água), p. 27-28.

Nadar, para Kafka, não é apenas um esporte, mas parece ser literalmente uma questão de sobrevivência, porque existe uma ameaça permanente de ser tragado por um sorvedouro. A ameaça de afogamento e a figura do afogado são uma constante em seus escritos e participam também da situação “sem saída”: “– O que devem fazer nossos pulmões? – gritei. Gritei: – Se respiram depressa, sufocam com venenos internos; se respiram devagar, sufocam com o ar irrespirável, com coisas ultrajadas. Se tentam descobrir o próprio ritmo, porém, morrem de mera procura.”²⁵⁷

Talvez a tuberculose, na maturidade do nosso autor, possa ter chegado como uma resposta pela via da doença à ferida incurável, resposta que vem como solução final para a pulsão de morte, viva na angústia e tormentos sem fim (tema do 3º cap.). Mas é a “morte por afogamento” que prolifera abundantemente na escrita de Kafka, parecendo ser uma “saída” inicial, ou solução “*dada de saída*”, predestinação que frequenta desde as primeiras às últimas anotações dos *Diários*.

Com muita frequência submerjo-me até o fundo de mim mesmo, e com demasiada intensidade, para poder conformar-me ainda que só pela metade. E apenas permaneço um quarto de hora nessa profundidade, já me enche a boca o mundo venenoso como água na boca do afogado (*Wasser in den Ertrinkenden*).²⁵⁸

Como já está condenado ao afogamento, é um ser perigoso para os que estão vivos:

Nada mais no mundo pode salvá-lo, e por isso sua conduta nos faz pensar no cadáver de um afogado (*Ertrunkenen*) que, impulsionado por uma corrente até à superfície, vai de encontro a um nadador fatigado, põe suas mãos sobre ele e tenta agarrá-lo. O cadáver não volta à vida. Não pode ser salvo, mas pode afundar o nadador.²⁵⁹

É também a imagem do afogamento que acompanha a sensação de estar aprisionado ao escritório: “O fato de estar simplesmente perdido, se não me liberto do escritório é para mim uma verdade de claridade meridiana; só se trata de manter enquanto posso a cabeça erguida para não me afogar (*ertrinke*).”²⁶⁰

A sufocação do afogado, a situação irrespirável, tão presente nos escritos faz contraponto com o lugar privilegiado da natação na vida de Kafka, esporte que, como vimos, une pai e filho e a que Franz dedica um bom espaço na *Carta ao pai*, salientando os invejáveis “movimentos natatórios” do pai. A sentença da “morte por afogamento! (*Tode des Ertrinkens!*)”, é também a condenação inexpugnável que o noivo Georg recebe do pai no conto *O veredicto*. Tanto na *Carta* quanto no conto, lemos a condenação à morte diante do pai. Portanto, nadar, para Kafka, é um movimento que pode prescindir

²⁵⁷ KAFKA. O afogamento do homem gordo. In: *Descrição de uma luta*, p. 62.

²⁵⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/07/1910, p. 16; *Diários* (Relógio D’Água), Segundo caderno, p. 73.

²⁵⁹ KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/07/1910, p. 19; *Diários* 07/11/1910, (Relógio D’Água), p. 79.

²⁶⁰ KAFKA. *Diários* (Emecé), 18/12/1910, p. 23; *Diários* (Relógio D’Água), p. 85.

da água no ato de se manter à tona. Em *Descrição de uma luta*, relato da juventude de Kafka, o herói machucado nada no onirismo de um voo entre as estátuas da praça:

Ocorreram-me então estes versos: saltava pelas ruas como um caminhante bêbado pateando pelo ar. E senti-me leve ao executar, com os braços relaxados, movimentos de natação que me faziam avançar sem dor ou esforço [...] E de repente sabia o nome de todas as estrelas, apesar de nunca os ter aprendido. Nomes incríveis difíceis de fixar, mas eu sabia-os a todos com precisão. Apontei para cima com o indicador e disse o nome de cada uma. – Mas não me alonguei muito porque tinha de continuar nadando se não quisesse afundar-me demasiado. E para que não me pudessem mais tarde dizer que toda a gente é capaz de nadar na calçada e que isso não merece relato, ergui-me de um pulo por sobre toda a região e, nadando, dei a volta a todas as estátuas de santos com que cruzei.²⁶¹

Kafka anota no início dos *Diários* que é preciso, portanto, continuar nadando, continuar em movimento, estar no circuito da corrente do tempo entre passado e futuro.

Este círculo pertence-nos de fato, mas só nos pertence enquanto nos mantivermos nele; se nos afastarmos para o lado, uma vez que seja, por distração, por esquecimento, por susto, por espanto, por cansaço, eis que já o perdemos no espaço; até agora tínhamos tido o nariz metido na corrente do tempo, agora retrocedemos, ex-nadadores, caminhantes atuais, e estamos perdidos. Estamos do lado de fora da lei, ninguém sabe disso, mas todos nos tratam de acordo com isso.²⁶²

Um ano antes do rompimento definitivo com Felice, Kafka escreve a ela e confessa: “Muito frequentemente tenho em meu foro íntimo a mesma sensação física do naufrago jogado pelas ondas, flutuando e abandonado de toda misericórdia.”²⁶³

A metáfora do afogamento também invade suas relações amorosas. Milena, a “salvadora dos afogados”, recebe de Kafka a seguinte declaração: “posso suportar tudo contigo no coração, e se escrevi alguma vez que os dias são horríveis sem suas cartas, não é certo, só são uma carga horrível, o barco tem um enorme e horrível calado, mas navega em suas águas.”²⁶⁴ Na correspondência com Milena, sentindo que vai perdê-la, perder a direção, a guia, queixa-se mais de uma vez de sentir-se “pesado”:

‘pesado’ (*schwer*), sempre essa palavra, é a única que me convém, me entende? É como o “peso” (*Schwere*) de um barco que perdeu o leme e que diz às ondas: ‘para mim sou muito pesado (*schwer*), para vocês, muito leve (*leicht*)’. Mas tampouco é isso exatamente, as comparações não podem expressá-lo.²⁶⁵

²⁶¹ KAFKA. *Descrição de uma luta* – (Versão A – 1907-08). In: *Os contos*, v. 2, p. 69.

²⁶² KAFKA. *Diários* (Difel), 19/07/1910, p. 17.

²⁶³ KAFKA. *Lettres à Felice*, 23/09/1916, p. 811; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 721.

²⁶⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 10/07/1920, p. 148-149.

²⁶⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 20/09/1920, p. 299.

E Kafka, na carta abaixo, deixa claro porque o “grande nadador” não sabe nadar, apesar de saber fazer os movimentos natatórios. Não é esse “saber fazer” que é preciso para lançar-se ao mar.

Como uma pessoa que não pode resistir à tentação de nadar no mar e é abençoado por ser levado para diante — “Agora você é um homem, um grande nadador” — e subitamente, sem nenhuma razão específica ele se ergue e vê apenas o céu e o mar, e nas ondas só vê sua pequena cabeça e então é tomado por um medo horrível e nada mais importa, ele precisa voltar para a praia, mesmo que seus pulmões arrebentem. É assim.²⁶⁶

A esse respeito, comenta Piglia que, na relação da psicanálise com a literatura, há algo que ele entende como “A arte da natação”:

De fato, a psicanálise e a literatura têm muito a ver com a natação. A psicanálise é em certo sentido uma arte da natação, uma arte de manter à tona no mar da linguagem pessoas que estão sempre fazendo força para afundar. E um artista é aquele que nunca sabe se vai poder nadar: pôde nadar antes, mas não sabe se vai poder nadar da próxima vez que entrar na linguagem.²⁶⁷

Em Kafka, essa experiência é vivida literalmente: “Sei nadar como os outros, só que tenho uma memória melhor do que os outros, e não esqueci o não-saber-nadar de outrora. Mas como não o esqueci, o saber-nadar em nada me ajuda, e eu ao fim e ao cabo não sei nadar.”²⁶⁸

Mas Kafka, à custa do esforço de manter-se à tona com seu remo, sua pena em escrita, em plantão permanente sobre o papel, era um escritor que não desistia de nadar e manter-se na superfície. Mas nada parece oferecer um apaziguamento suficiente e duradouro. Até que ponto os exercícios físicos articulam um corpo? “Remo, cavalgo, nado, me estendo ao sol. Por isso as panturrilhas têm um bom aspecto, os músculos não estão mal, a barriga ainda passa, mas o peito está em péssimo estado, e se minha cabeça me afunda entre os ombros...”²⁶⁹

²⁶⁶ KAFKA. Carta a Brod de 13/01/1921. In: KAFKA. *Carta aos meus amigos*, p. 92.

²⁶⁷ PIGLIA. Os sujeitos trágicos (literatura e psicanálise). In: *Formas breves*, p. 55.

²⁶⁸ Kafka *apud* BACKES. Posfácio. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 328.

²⁶⁹ KAFKA. *Diários* (Emecé), noite de 17-18 de maio/1910, p. 12; *Diários* (Relógio D'Água), p. 16.

Figura 29 – Homem sentado com a cabeça baixa



Fonte: KAFKA. *Dibujos*, p. 06.

1.8.5 Fazer-se artesão

Kafka não se cansa de dar corpo ao gesto²⁷⁰

[...] sua mão, que costuma abandonar o lápis por não conseguir escrever, é substituída pela mão que em sonhos apanha o lápis para traçar uma corporeidade.²⁷¹

Kafka parece ter dado muito valor aos trabalhos manuais.²⁷² Chegou também a exercitar-se em marcenaria, recebendo aulas do marceneiro Kornhäuser, mas sua saúde impediu a continuidade. Apesar disso, Kafka declara ao amigo Janouch que adorava o trabalho da oficina: “O cheiro da madeira aplainada, o canto da serra, as batidas de martelo, tudo me encantava. A tarde passava sem que eu percebesse. A noite sempre me surpreendia.”²⁷³

Kafka também trabalhou em agricultura e jardinagem. Segundo conversa com Janouch, sonhava em afastar-se do escritório para trabalhar em uma oficina ou em um jardim. “Sonho partir para a Palestina como trabalhador agrícola ou como artesão.”²⁷⁴ Reiterando o anelo, conta-nos Pawel que Kafka “encontrou toda a esperança que jamais pôde reunir nas povoações agrícolas da Palestina, cujo igualitarismo e dedicação ao trabalho manual, mais se aproximavam de seus próprios ideais.”²⁷⁵

²⁷⁰ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 162.

²⁷¹ GUZMÁN. De olhos abertos. Prefácio. In: KAFKA. *Sonhos*, p. 11.

²⁷² “O trabalho intelectual arranca o homem à comunidade humana. O trabalho manual, ao contrário, nos conduz para os homens.” JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 16-17.

²⁷³ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 16.

²⁷⁴ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 17.

²⁷⁵ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 235.

Em 07/04/1913, começa um trabalho de jardinagem em um bairro de Nusle nos arredores de Praga. Reconhece que o trabalho lhe fez muito bem. Vestido somente de calça e camisa sob a chuva fria, Kafka registra em carta a Felice, deixando claro à noiva que a intenção do labor é terapêutica:

Notas pela minha letra que hoje fiz um trabalho muito pesado e decorre que a pena é-me algo demasiado leve? [...] Ora, na verdade eu não queria aprender nada. O que me propunha principalmente era livrar-me durante algumas horas dos tormentos de que me infrinjo a mim mesmo, e realizar, em contraposição ao fantasmagórico trabalho do escritório, que se me escapa cada vez que quero agarrá-lo — *o verdadeiro inferno está aqui no escritório; do outro já não tenho medo* — um trabalho rude, honesto, silencioso, solitário, são, esforçado. Claro que esta motivação não é lá totalmente honesta, pois os autotortamentos, que não deixo de infligir-me, não os considero supérfluos, mas inclusive altamente necessários, e em relação contigo, meu amor, deveriam atravessar minhas entranhas para tua felicidade. Mas queria livrar-me do tormento durante duas horas, e poder pensar em ti com calma e felicidade e, por último, ganhar talvez um sono melhor para a noite. Mas com tais explicações teria desconcertado a todo o mundo, e provavelmente ninguém teria me aceitado, por isso disse que em um futuro próximo terei um jardim próprio, e que queria aprender algo de jardinagem.²⁷⁶

A intenção de Kafka parece clara: submeter o corpo a um trabalho braçal, perto da terra, no sentido de obter um efeito revigorante, em contraposição com o trabalho infernal e burocrático do escritório. Não obstante, sem alimentar grandes expectativas, lemos pouco depois, em uma carta a Felice:

Não prometo a ti de minha jardinagem efeitos demasiado favoráveis para mim. Contando hoje fazem quatro dias que trabalho. Naturalmente os músculos estão um pouco contraídos, toda a estatura está um pouco mais pesada e um pouco mais ereta, o que fortifica um pouco o amor próprio. Que um corpo privado de dons naturais, que se deixa continuamente atacar e perturbar, no curso de uma vida passada em uma mesa de trabalho e sobre o canapé, toma de repente a pá para atacar e perturbar a si mesmo, isso não pode ser, de todo jeito, desprovido de significação.²⁷⁷

Entretanto, perto de um mês depois, Kafka, chocado, interrompeu seu trabalho ao escutar a história da filha do jardineiro e anota com amarga ironia em seus *Diários*:

Eu que quero curar a minha neurastenia com o trabalho (de jardinagem), sou obrigado a ouvir que o irmão da jovem, chamado Jan, já de fato jardineiro e presumível sucessor do velho Bvorsky, já até dono de um jardim, se envenenou há dois meses, com vinte e oito anos, devido à melancolia.²⁷⁸

²⁷⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, p. 405-406; *Cartas a Felice* (Alianza), 07/04/1913, p. 353.

²⁷⁷ KAFKA. *Lettres à Felice*, 10/04/1913 p. 409; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 356.

²⁷⁸ KAFKA. *Diários* (Difel), 02/05/1913, p. 193-194.

Segundo Pawel, Kafka teria trocado a jardinagem pelo barco, “entretanto remar não fez mais por sua paz de espírito do que a jardinagem, e, no devido tempo, ele sem dúvida teria deparado com a história ou um corpo de algum remador melancólico que tivesse afogado suas mágoas e a si próprio.”²⁷⁹

Mas, entre suas atividades braçais, é talvez o desenho, a rabiscagem (*Durch das Gekritzelt*) que lhe vinha como o artesanato mais próximo da escrita, chamando-os de “hieróglifos pessoais, ilegíveis”. Kafka tinha muito interesse nas artes plásticas. Na parede, conservava uma reprodução do quadro *Camponês arando*, de Hans Thoma, que às vezes olhava enquanto escrevia. Quando estudante, interessou-se por arte japonesa, e sabemos por Janouch que adorava quadros chineses antigos; estava fascinado por Van Gogh, considerava os desenhos de George Grosz excelente literatura e Picasso, um visionário. Em carta, confessou divertidamente a Felice que tivera aulas de desenho acadêmico com uma pintora medíocre e que isso tinha arruinado todo seu talento. Os desenhos eram “traços de uma paixão antiga, profundamente enraizada”. Queria ver e fixar o que via.

Meus personagens não têm verdadeiras proporções espaciais. Não têm horizontes que lhes sejam próprios. A perspectiva dos personagens cujos contornos tento captar ali se encontra na frente do papel, na outra extremidade do lápis, a que não está apontada; ela encontra-se em mim!²⁸⁰

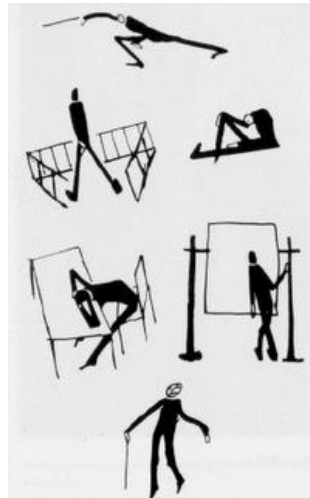
Brod, sempre atento a tudo que seu amigo genial rabiscava, chegou a propor a seus editores, mais de uma vez, que algumas de suas próprias publicações fossem acompanhadas dos desenhos de Kafka. Os projetos não foram aprovados, mas Brod recolheu tudo o que pôde do que Kafka produziu, muitas vezes de folhas arrancadas e papéis esparsos. Recentemente, uma editora tcheca publicou um livro precioso, projeto idealizado por dois holandeses, com todos os 40 desenhos de Kafka que são conhecidos e já publicados. Na arte imagética de nosso autor, os desenhos estão por toda parte. Os *Desenhos*, de grande diversidade estilística e temática, ganharam uma publicação merecida pelo lugar que tiveram na escrita de Kafka. Eles se infiltram nos *Diários*, nas cartas, nas narrativas. Nessa edição, alguns desenhos são acompanhados dos escritos nascidos com eles e outros são acrescidos de anotações julgadas afins pelos idealizadores da publicação. Os desenhos, muitas vezes, formavam-se como imagens mentais antes de serem traçados. Como disse Brod a respeito de Kafka: “Seu pensamento se construía em forma de imagens.”²⁸¹

²⁷⁹ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 289.

²⁸⁰ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 40.

²⁸¹ Brod *apud* BOKHOVE; VAN DORST. Texto da contracapa. In: *Dibujos*.

Figura 30 – Conjunto de alguns desenhos de Kafka



Fonte: KAFKA. *Contos fábulas e aforismos*, p. 17.

Nessa série de homenzinhos, são valorizados principalmente os movimentos, os gestos. Muitos comentaristas consideram seu traçado expressionista, ainda mais que os próprios relatos. Segundo Brod, “o Kafka desenhista foi, ao mesmo tempo, um escrupuloso realista [...] e o criador de um mundo fantástico.”²⁸² Exatamente como são seus textos. Os editores observam que “não só a prosa de Kafka, mas também os desenhos recebem as mais diversas interpretações.”²⁸³ Nessas marionetes negras, suspensas por fios invisíveis, muitos veem variantes da letra K. Provavelmente Kafka concordaria: “(Acho os ‘K’ odiosos [feios], quase me enjoa, no entanto os escrevo, eles devem ser para mim muito característicos)”²⁸⁴ “Ao mesmo tempo nessa anotação escreve o K com um gesto enérgico.”²⁸⁵

²⁸² Brod *apud* BOKHOVE; VAN DORST. *Dibujos*, p. 99.

²⁸³ BOKHOVE; VAN DORST. *Dibujos*, p. 99.

²⁸⁴ KAFKA. *Diários*, 27/05/1914. (Emecé), p. 257; *Diários* (Difel), p. 239; *Diários* (Relógio D’Água), p. 316. Citação completa do parágrafo: “Minha mãe e minha irmã estão em Berlim. Esta noite vou ficar a sós com meu pai. Eu acho que ele receia subir. Devo jogar cartas (*Karten*) com ele? (Acho os ‘K’ feios, quase me enjoa, no entanto os escrevo, eles devem ser para mim muito característicos. *Ich finde die »K« häßlich sie widern mich fast an und ich schreibe sie doch, sie müssen für mich sehr charakteristisch sein.*)” tradução do original alemão por Raquel Pardini.

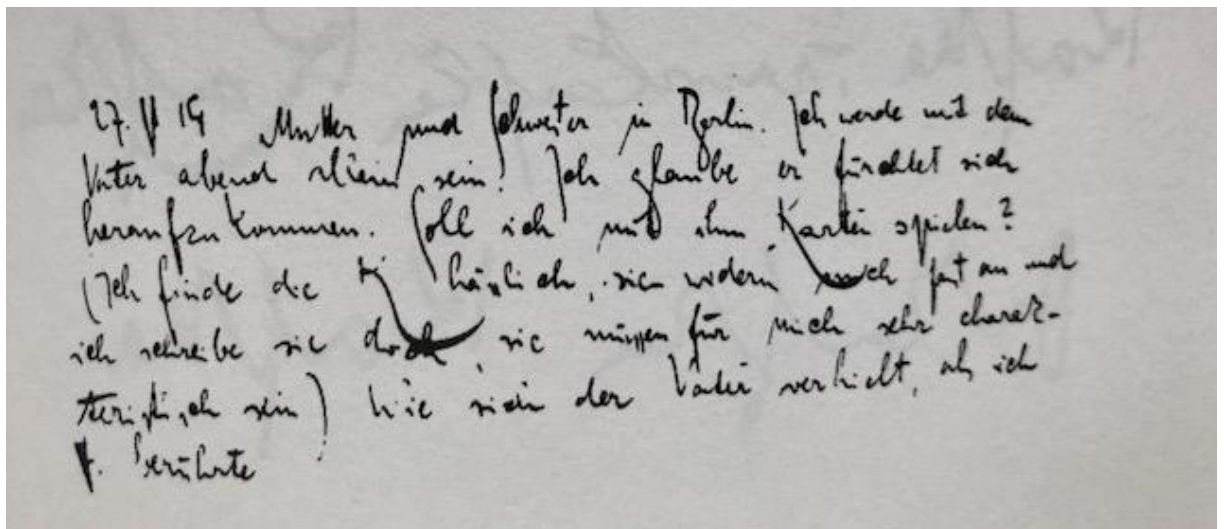
²⁸⁵ BOKHOVE; VAN DORST. *Dibujos*, p.104.

Figura 31 – a) Assinatura de Franz Kafka que mostra o “gesto enérgico”. b) Trecho do *Diário* citado de 27/05/1914.

31a



31b



27. V. 14 Mutter und Schwester in Berlin. Ich werde mit dem Vater abends allein sein! Ich glaube er fürchtet sich heranzukommen. Soll ich mit ihm Karti spielen? (Ich finde die hi hässlich, sie werden mich fat an und ich schreibe sie doch, sie müssen für mich sehr charakteristisch sein) wie mein der Vater verhält, ob ich f. Berichte

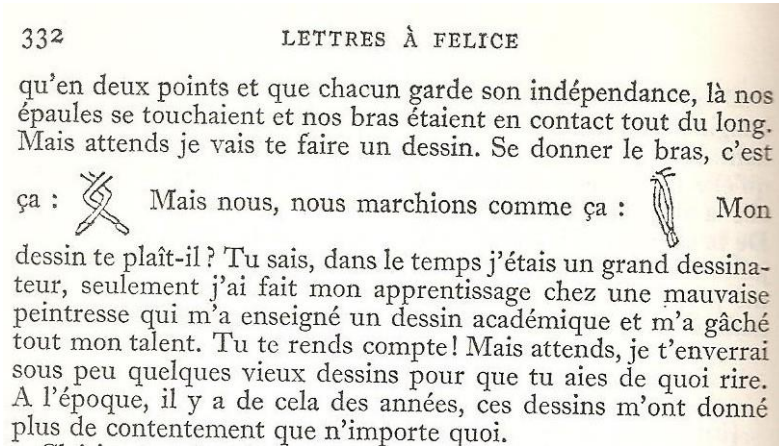
Fonte: KAFKA. *Dibujos*, p. 103-104.

Esboçar uma cartografia, contornar os desejos, traçar corporeidades no papel, foi muitas vezes o que Kafka buscou e conseguiu, em sua dificuldade de chegar à ação. Em carta a Felice, conta-lhe um sonho que teve após ela ter descrito o encontro dos dois em Berlim. No sonho, passeavam, não por Berlim, mas pelas ruas de Praga;

já de início, não íamos de braços dados, mas íamos mais perto um do outro que quando se dá o braço. Deus! que difícil é descrever sobre o papel a invenção que fiz para não ser colhido por seu braço, para não chamar a atenção e no entanto, caminhar muito pertinho de você! [...] Como poderia descrever-lhe o modo de caminhar juntos que tínhamos no sonho? Quando se vai simplesmente de braços dados, estes se tocam somente em dois pontos, e cada qual conserva sua independência; no caso, nossos ombros se tocavam, e os braços iam grudados um contra o outro em toda sua longitude. Espera, vou desenhá-lo para você. Ir de braço dado é isso: (desenho).²⁸⁶

²⁸⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11-12/02/1913, p. 332; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 287-288.

Figura 32 – Trecho da edição francesa que mostra os desenhos inseridos da carta



“Ir de braços dados é isso.... Mas nós, nós caminhávamos assim” (abaixo, os desenhos ampliados):



Esse desenho é um dos poucos em que conhecemos o contexto em que surge. Sabemos o quanto Kafka lutou por Felice e pelo enlace do casamento. Mas o que ele afirmava sobre si servia para o noivado. Assim como ele, o romance com a noiva não passava de literatura.

1.8.6 Um corpo a se escrever: “Sou apenas literatura”. “Eu consisto em escrever”

Sou apenas literatura e não posso e nem quero ser outra coisa.²⁸⁷

Em se tratando de traçar corporeidades, a escritura para Kafka é o principal instrumento e também sua principal arma. No início da maturidade, deixa claro muitas vezes que sofre de um conflito entre a literatura e a vida: entre a literatura, o amor e o trabalho que exercia no escritório. Vendo que Felice prossegue com um otimismo inabalável em relação ao casamento e à vida em comum com Franz, este escreve ao pai da noiva uma carta duramente gestada e escrita, e finalmente enviada, pintando um quadro negro de si mesmo, em um apelo à autoridade no sentido de interditar o enlace. Mas Felice se recusa a entregá-la ao pai:

Usted conoce a su hija, es una muchacha alegre, sana, segura de sí misma, que necesita estar rodeada de personas alegres, sanas, llenas de vida, para poder vivir. A mí me conoce usted solamente por la visita que les hice [...] la totalidad de mi ser se orienta hacia el hecho literario, hasta cumplir treinta años he venido manteniendo rigurosamente dicha orientación; si la abandonara dejaría de vivir. Todo cuanto soy y no soy se deriva de este hecho. Soy taciturno, insociable, hosco, egoísta, hipocondríaco y auténticamente enfermizo. [...] En el seno de mi familia, rodeado de los seres más cariñosos, vivo sintiéndome más ajeno que un extraño. En el curso de los últimos años no habré hablado con mi madre, por término medio, más de veinte palabras diarias, con mi padre apenas si he intercambiado alguna vez otra cosa que no sean palabras de saludo. Con mis hermanas casadas y con mis cuñados no hablo en absoluto, sin por eso estar enfadado con ellos. Carezco del sentido de la convivencia familiar. ¿Podrá vivir su hija junto a un hombre semejante; ella, que, de acuerdo con su naturaleza de muchacha sana, está predestinada a una auténtica felicidad conyugal? ¿Habrán de soportar el llevar una vida monacal al lado de un hombre que, eso sí, la quiere como jamás será capaz de querer a nadie, pero que, obedeciendo a su ineluctable destino, se pasa la mayor parte del tiempo encerrado en su cuarto, o si no se va a dar solitarios paseos por las calles? ¿Habrán de soportar el vivir completamente separada de sus padres y familiares, y privada de casi cualquier otra relación, pues de lo contrario yo, que con gusto cerraría las puertas de mi casa hasta a mi mejor amigo, no podría ni pensar siquiera en la vida común conyugal? ¿Y esto es lo que habría de soportar Felice? ¿Y para qué? ¿Acaso en aras de una literatura a sus ojos —y puede que incluso también a los míos— sumamente cuestionable? ¿En aras de tal cosa habría de vivir sola en una ciudad extraña, en el seno de una unión matrimonial que tal vez fuera más bien amor y amistad que auténtico matrimonio? No he dicho más que una ínfima parte de lo que quería decir. Ante todo: mi intención ha sido no disculpar nada. Entre su hija y yo no habría solución posible, la quiero demasiado y ella se da excesivamente poca cuenta de las cosas, y pretende lo imposible, quizás solo por compasión y por mucho que lo niegue. Ahora somos tres, ¡juzgue usted! Suyo affmo. Dr. F. Kafka²⁸⁸

²⁸⁷ KAFKA. *Diarios* (Emecé), 21/08/1913, p. 219; *Diários* (Relógio D'Água), p. 356.

²⁸⁸ KAFKA. Carta a Carl Bauer, 28/08/2013. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 452-453.

Mais de uma vez, em carta a Felice, procura deixar bem claro à noiva qual é o lugar da literatura em sua vida, um lugar absoluto. Lugar esse que Brod justamente esperava que o matrimônio pudesse relativizar.²⁸⁹ Mas Kafka declara sem pudor seu casamento com a literatura. Isso se dá renunciando a interrupção do primeiro noivado:

Nada de una inclinación por la literatura, fíjate lo que te digo, queridísima Felice, nada de inclinación, sino absolutamente yo mismo. Una inclinación es cosa que puede ser extirpada o suprimida. Pero es que yo consisto en escribir; desde luego a mí también se me puede extirpar o suprimir, pero ¿qué es de mí en tal caso? Tú permanecerás abandonada, y sin embargo vivirás a mi lado. Te sentirás abandonada si yo vivo como tengo necesidad de vivir, y te encontrarás realmente abandonada si no vivo de ese modo. ¡Nada de inclinación, nada de inclinación! Hasta la más pequeña manifestación de mi existir encuentra su razón de ser y gira en torno al escribir. Mi amor, en tu carta me dices que te acostumbrarás a mí, ¡pero en medio de qué sufrimientos, tal vez intolerables! ¿Eres capaz de imaginarte una vida en la que, como ya te he dicho, día tras día, al menos durante el otoño y el invierno, solo estaremos juntos una hora; una vida en la que, como esposa que serás, la soledad te resultará más dura de soportar de lo que, desde tu actual perspectiva de muchacha soltera inmersa en un ambiente habitual y afín, solo lejanamente le es dado representarse a tu imaginación? Ante el convento retrocederías riendo, y sin embargo estás dispuesta a vivir con un hombre cuyos innatos afanes (y solo secundariamente su situación) le obligan a llevar una vida monacal. ¡Calma, Felice, calma!²⁹⁰

Em outra carta, vemos como Kafka insiste com Felice que é “Apenas literatura”. Nesse período, vemos Kafka desesperado. Pensa com horror na boda e nos festejos.

Um grafólogo amador, que Felice conhecera em viagem de férias, faz, a pedido dela, uma análise do caractere gráfico de Kafka a partir de uma de suas cartas; a noiva passou-lhe a análise da caligrafia. Veio-lhe a resposta do noivo: “O homem de sua pensão deve abandonar a grafologia. Não sou absolutamente ‘muito decidido em minha maneira de agir’ [...] também não sou de forma alguma ‘excessivamente sensual’, pelo contrário, sou dotado de uma imensa capacidade inata para o ascetismo, não tenho bom coração [...]”.²⁹¹ E segue Franz criticando a decifração do grafólogo: “Sou econômico, mas certamente não sou muito generoso”, mas é, na sequência, com a maior indignação, que refuta a qualidade de possuir “interesses artísticos” como “o mais falso das falsidades”: “Não tenho nenhum interesse em literatura, mas sou literatura. Não sou e não posso ser outra coisa (*ich bin nichts anderes und kann nichts anderes sein*)”.²⁹²

²⁸⁹ Esse comentário de Brod está citado integralmente no capítulo 3, “A saída pela doença”, no subtítulo “Cair doente: a ferida aberta”.

²⁹⁰ KAFKA, *Cartas a Felice* (Alianza), 24/08/1913, p. 446.

²⁹¹ KAFKA, *Lettres à Felice*, 14/08/1913, p. 506; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 439.

²⁹² KAFKA, *Lettres à Felice*, 14/08/1913, p. 507; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 439.

Nesse momento o que está em jogo é a literatura ou a vida! Kafka trata a vocação de escritor pela via sacrificial, como algo incompatível com o trabalho, o amor e o convívio sociofamiliar. Mas a literatura, para Kafka, era a vida. Amava as letras e ao mesmo tempo o que mais queria era ser um homem comum, casar-se, ter uma família e possivelmente viver da literatura. Thomas Mann, em prefácio para *O Castelo*,²⁹³ conta que, por meio de Brod, soube que Kafka gostava de lembrar uma anedota dos últimos anos de vida de Gustave Flaubert, o esteta que tinha renunciado às “delícias da normalidade” pela literatura. Flaubert, encantado com uma família que fora visitar com sua sobrinha, Mme. Commanville, testemunhou por um tempo a vida de um casal “probo e feliz rodeado de filhos encantadores” e concluiu: “*Ils sont dans le vrai*”!:

Margeando o Sena com madame Commanville, voltava sem cessar àquela amostra de vida natural e honesta, sadia, alegremente comportada que acabara de vislumbrar. ‘*Ils sont dans le vrai*’ – repetiu algumas vezes, e essa expressão plena de autorrenúncia na boca do mestre que se exercitou na renegação mortífera da vida em prol da obra e a tornou obrigação do artista era uma das citações prediletas de Franz Kafka.²⁹⁴

Nesse diálogo com Janouch, temos outro testemunho do quanto Kafka lamentava estar desnecessariamente fora da vida, pela literatura. Pergunta Kafka:

- Conhece o escritor Paul Adler?
- Só conheço seu livro *A flauta mágica*.
- Ele está em Praga. Com a mulher e os filhos.
- O que faz ele?
- Nada. Só segue sua vocação. Com a mulher e os filhos, vai de uma casa amiga para a outra. Livre, como homem e como escritor. Perto dele, sinto sempre remorsos por deixar minha vida se afogar numa existência de burocrata.²⁹⁵

Apesar de ter publicado em vida *Contemplação*, *O veredicto*, *A metamorfose*, *A colônia penal*, *O médico rural* e outros contos, não conseguia ver muito valor em seus “rabiscos (*Gekritzelt*)”.²⁹⁶ As publicações eram fruto da iniciativa dos amigos, a começar por Brod. Ganham boas edições porque amigos “encasquetaram torná-los literatura e porque eu, por meu lado, não tenho força para destruir esses testemunhos de minha solidão.”²⁹⁷

²⁹³ MANN. Em homenagem ao poeta. In: *Travessia Marítima com Dom Quixote: ensaios sobre homens e artistas*, p. 90. Mann considerou o romance *O castelo* “Estranhíssimo e genial”.

²⁹⁴ MANN. Em homenagem ao poeta. In: *Travessia Marítima com Dom Quixote: ensaios sobre homens e artistas*, p. 91.

²⁹⁵ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 17.

²⁹⁶ “Não passam de fantasmas muito pessoais. Não deveriam ser impressos. Deveria ser queimados e destruídos. Não têm significado.” JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 182.

²⁹⁷ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 30.

Como um soldado de plantão que não pode abandonar sua guarda, é escrevendo que vive, ama e se relaciona, o que deixa como consequência, além das obras publicadas e não publicadas em vida, uma extensa correspondência. Quando tudo precisa ser escrito, porque tudo é escrita, a pena em ato, em sua ampla função na existência de Kafka, é a força vital mais elementar. Tinta e sangue em suas veias forjam sua expressão “Sou apenas literatura”²⁹⁸ e dizem o quanto a letra, a escritura, por mais que o decepcionem, realizam – no sentido forte – a vida sentida por ele como a de um feto que aguarda e anseia pela formação e parto, na solidão de seu ninho de papel. Escrever parece-lhe ligado às necessidades mais básicas: “Se não sou capaz de dormir como se deve, como serei capaz de escrever alguma vez como se deve?”²⁹⁹

Quero escapar ao tumulto, não ouvir as vozes em minha volta e em mim, e é por isso que escrevo. Há pessoas que fabricam várias besteiras com uma serra de recortar, para mobiliar o tédio das noites familiares; pois bem, eu colo palavras juntas, frases, parágrafos, para ter uma razão de ficar só, para me isolar de uma convivência que me oprime.

[É cita o mestre Flaubert:]

Flaubert escreveu numa carta que seu romance é um rochedo, ao qual ele se agarra para não afundar nas ondas do mundo que o cerca.³⁰⁰

Depois de uma noite com amigos, anota no *Diário*:

A caminho de casa, depois de dizer boa noite, lamentei a minha falsidade e tive pena pela sua inevitabilidade. Planos para iniciar um diário especial para anotar as minhas relações com Max. O que não fica escrito parece nadar perante os meus olhos e acidentes ópticos determinam a impressão geral.³⁰¹

Em uma de suas primeiras anotações escreve Kafka: “Eu tenho experiência e não estou brincando quando digo que essa experiência é uma espécie de enjojo em terra firme.”³⁰² Comenta Benjamin que Kafka já parte da reflexão de um balanço e “é inesgotável na descrição da natureza oscilante das experiências.”³⁰³ Kafka evidentemente busca um lugar de estabilidade na escrita, para aquilo que fica à deriva, na obsessão da subordinação e do infinito, como sintetiza Jorge L. Borges.³⁰⁴

²⁹⁸ “Não tenho nenhum interesse em literatura, mas sou literatura.” KAFKA. *Lettres à Felice*, 14/08/1913, p. 507.

²⁹⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 13/07/2013, p. 487; *Cartas a Felice* (Alianza), p.421.

³⁰⁰ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 221.

³⁰¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 07/01/1912, p. 153.

³⁰² Kafka *apud* BENJAMIN. Franz Kafka – A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: *Magia e técnica, arte e política*, p. 155.

³⁰³ BENJAMIN. Franz Kafka – A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: *Magia e técnica, arte e política*, p. 155.

³⁰⁴ BORGES. Franz Kafka. A metamorfose. In: *Prólogos com um prólogo dos prólogos*, p. 121.

Escreve Janouch que Kafka queria, “com a obstinação desmedida dos talmudistas fanáticos, a aceção literal e exata dos termos.”³⁰⁵ Se as palavras muitas vezes fogem-lhe como o chão, a terra firme de Kafka continua sendo as palavras.

E, entre as palavras, os nomes próprios são para ele sempre muito importantes e significativos. O nome “Felice”, ligado à “Felicidade” e ao que o cerca, não escapará de ser alvo de seus comentários: “Adeus (*Adieu*), Felice, adeus! Como é que te puseram esse nome? Não voes de mim! Não sei porque isso me ocorreu, talvez pela palavra adeus (*adieu*), que tem tanta capacidade de voo.”³⁰⁶

E explora também o nome Milena, que significa “Amada” ou “Amante” em tcheco:³⁰⁷

Hoy una cosa que tal vez aclare muchas otras, Milena (qué nombre rico y denso, apenas es posible levantarlo de pura plenitud, y no me gustó mucho al principio, me pareció un griego o un romano extraviado en Bohemia, violentado en checo, defraudado en la acentuación, y es, sin embargo, maravillosa en el color y la figura, una mujer que uno lleva en los brazos apartándola del mundo, del fuego, qué sé yo, ella se acurruca en tus brazos, dócil y confiada, sólo el acento que recae sobre la *i* es duro, ¿no se te escapa el nombre de un salto? ¿O no será quizás simplemente el salto de alegría que das tú con tu carga?).³⁰⁸

Vemos que também honra o homenageado imperador Franz Joseph que o nomeou, fazendo derivar sua herança, quando passa adiante, em sua obra, os nomes de “Joseph K” e de “Josefina”, a cantora. Kafka, que se dizia sem nenhum pendor musical, tem um ouvido muito atento e faz música com as palavras; quando está em terreno seguro, pode mesmo brincar com elas:

Y luego habla Milena de apocamiento, me da un golpe en el pecho o me pregunta, lo que en checo viene a ser lo mismo en la dinámica y en el sonido: *jste žid?*[*você é judeu*] ¿No ve cómo en *jste* se retira el puño para acumular fuerza en los músculos? ¿Y luego en *žid* el alegre, el infalible golpe que sale disparado hacia delante? La lengua checa tiene muchas veces esos efectos secundarios para el oído alemán. Por ejemplo, preguntó usted una vez a qué se debe que yo haga depender de una carta mi estancia aquí y respondió en seguida usted misma: *nechápu* [não o entendo]. Una palabra extraña en checo, su lengua además; es tan dura, tan impasible, de mirada tan fría; tan parca y sobre todo tan parecida a un cascanueces; en esa palabra chocan tres veces las mandíbulas una contra otra, o mejor dicho: la primera sílaba intenta atrapar la nuez, no es posible, entonces la segunda sílaba abre por completo la boca, ahora ya entra en ella la nuez, y la tercera sílaba la casca por fin, ¿oye las muelas? Es sobre todo ese definitivo cierre de labios al final lo que prohíbe al otro cualquier réplica, lo que por otra parte es a veces una buena cosa, por ejemplo cuando el otro no para de

³⁰⁵ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 176.

³⁰⁶ Kafka usa a palavra em francês, de uso corrente na língua alemã. KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14/11/1912, p. 91.

³⁰⁷ DESMARQUEST. *Kafka et les jeunes filles*, p. 217.

³⁰⁸ KAFKA *Cartas a Milena* (Alianza), 13/06/1920, p. 85.

charlar como yo ahora. En cuyo caso el charlatán pide perdón diciendo: «Sólo se tiene esta locuacidad cuando uno, por fin, está un poco alegre»³⁰⁹

Com Milena, ele está feliz nesse momento e as palavras que trocam em tcheco são objetos lúdicos. As palavras, os sons das letras e das línguas são seu meio de vida, mas nem sempre são amigas; para Kafka, isso exige um trabalho incansável com o corpo da linguagem, desde a juventude:

Nenhuma palavra, ou quase nenhuma, que eu escrevo conjuga-se com outra, ouço o barulho do ranger de lata das consoantes umas contra as outras, e o acompanhamento cantado das vogais, semelhante ao canto dos negros na feira. As minhas dúvidas envolvem em círculo cada palavra, vejo-as primeiro, antes de ver a palavra, mas quê! Não vejo palavra nenhuma, invento-a. Mas isso ainda não seria o pior, seria preciso poder inventar palavras que fossem capazes de levar o odor de cadáver em outra direção, para que não viesse dar à minha cara e à do leitor.³¹⁰

Em outro momento o labor com as palavras se mostra imprescindível: “As palavras devem ser definidas de maneira fixa e exata, senão poderíamos cair em abismos insuspeitados. Em vez de subir degraus bem talhados, poderíamos nos afundar numa areia e num lodo informes.”³¹¹

Kafka impacientava-se com as metáforas pela ineficácia de seu alcance em abraçar o real. Essa busca da transmissão absoluta por meio da palavra, força os limites da condição simbólica da linguagem. Respondendo a uma carta de Milena, a angústia pede mais uma metamorfose:

Que angústia tenho eu e que pena não se poder entrar inteiro, pleno, com tudo que se é, em cada palavra, de forma que, quando se ataca essa palavra, alguém possa se defender de tudo, ou ser aniquilado de todo. Mas também nisso não há só morte, mas enfermidade (*Krankheiten*).³¹²

Metamorfose que, por sua vez, atinge Kafka se a palavra vem contra ele. Lendo um duro telegrama de Milena, leva um golpe: “É difícil descrever como foi essa primeira leitura, vieram-me muitas coisas juntas. O mais claro foi que você me esbofeteou; começava, acredito, com ‘imediatamente’, esta era a bofetada.”³¹³

As palavras têm poder de atingir o corpo, de fazer a guerra ou o amor, mas a limitação do gozo denuncia a falta da materialidade do corpo, e é Kafka mesmo que se rende à constatação

³⁰⁹ KAFKA *Cartas a Milena* (Alianza), 30/05/1920, p. 53.

³¹⁰ KAFKA. *Diarios* (Emecé), 15/12/1910, p. 21; *Diários* (Relógio D'Água), p. 82.

³¹¹ JANOUCH. *Conversas com Kafka*, p. 176.

³¹² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 26/08/1920, p. 255.

³¹³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 14/09/1920, p. 290.

de que a linguagem não pode tudo. Falando de amor com Milena, não consegue sair da linguagem e nem da voz passiva: “Se um deles diz à amada: ‘Creio que me amas’, isso é algo muito diferente e muito inferior a esta outra afirmação possível: ‘Sou amado por você’. Mas isso não são dois enamorados, são gramáticos (*Grammatiker*)”.³¹⁴

Dessas insatisfações e exigências com a prática languageira, observamos a importância para Kafka dos suportes da escrita: o corpo, a escrivinha, a pena, a letra/carta... e os destinatários.

1.8.7 Dos suportes da escrita: de próprio punho e não à máquina

[...] de todo modo, sempre haverá a ponta dos dedos para escrever.³¹⁵

Tanto a literatura como a psicanálise não podem deixar de considerar como fato comum e necessário o corpo em ato, a pessoa que escreve, sem a qual não existiria o escritor nem o sofredor agitando suas penas, sem a qual não haveria nenhuma carta, nem literatura, nem psicanálise. Pois é ao corpo a escrever que Kafka confia suas linhas. São romances, contos, novelas traçados em cadernos, diários, cartas, todos manuscritos, guiados pela mão.

Kafka, que escreve à caneta ou a lápis, está vivendo o momento tecnológico da passagem da escrita à mão para a escrita à máquina que começou a difundir-se naqueles anos, ligada ao comércio, ao mundo militar e, para Kafka, ao escritório. “Nesse sentido percebe claramente a distância entre escrever de uma ou de outra maneira”.³¹⁶ Omite ao dizer na primeira carta em que se dirige a Felice que “O único inconveniente de escrever à máquina é fazer-me perder o fio de algum modo.”³¹⁷ Na segunda carta, é mais honesto: “Senhorita, perdoe-me por não lhe escrever à máquina, mas tenho muitas coisas a lhe dizer. A máquina está no corredor e esta carta parece-me muito urgente [...] e depois a máquina não escreve tão rápido.”³¹⁸

Realmente, no uso da época, a máquina de escrever separava a escrita artesanal e a edição. E, “para Kafka, não servia para a escrita pessoal, mas para os ditados no escritório. Ele associa a máquina com a burocracia, com os textos legais (regulamentos, informes, editais), com uma escrita despersonalizada e anônima”.³¹⁹ Segundo Piglia, sente-se superficial e vago

³¹⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 20/09/1920, p. 300.

³¹⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 20 de setembro de 1912, p.44; *Cartas a Felice* (Anima), p. 11.

³¹⁶ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 65.

³¹⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 20 de setembro de 1912, p. 44; *Cartas a Felice* (Anima), p. 12.

³¹⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 28 de setembro de 1912, p. 44-45; *Cartas a Felice* (Anima), p. 13.

³¹⁹ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 65.

quando escreve à máquina. “A máquina de escrever não é para escrever, produz uma deriva, perde-se a linha, a continuidade, a mão se distancia do corpo, se mecaniza”. Quem pede corpo, quer também ritmo: “Mais que a clareza da grafia, interessa o ritmo corporal da escrita, muito ligado para Kafka, à respiração, aos órgãos internos, aos ritmos do coração”.³²⁰

Fato é que, na escrita e na leitura artesanal, o real do corpo sobre o papel é praticamente exigido. Mesmo sabendo o quanto Felice está em seu elemento familiar quando redige usando a máquina de escrever, Kafka não deixa de manifestar sua insatisfação: “O fato é que há nos papéis escritos à máquina algo de decepcionante, sente-se tentado a buscar apreender por trás da folha fria algo do vivente.”³²¹

Ao mesmo tempo, sabemos que Kafka não foi indiferente ao fato de que Felice era datilógrafa, copista e, conseqüentemente, leitora. Quando ouviu Felice dizer que gostava de copiar manuscritos, pedindo a Brod que enviasse alguns dos seus escritos para Berlim onde ela morava, Kafka ficou tão assombrado que deu um soco na mesa. Esse gesto não escapa a Piglia, que lhe dá um valor de encontro, de achado. É um gesto decisivo. Ela, Felice, segundo Piglia, nesse momento do murro sobre a mesa, entra para as fantasias do escritor, para o imaginário de Kafka: Uma mulher intermediária, ajudante, empregada, a mulher – copista, a datilógrafa; “uma mulher que viva para copiar seus textos como se fossem próprios”, “alguém capaz de tirá-lo das profundezas da massa de manuscritos”. “Poderíamos dizer que é a mulher perfeita para um escritor como Kafka”; “Kafka, o escritor mais necessitado de um corte entre os manuscritos e cópia que se possa imaginar.”³²²

Lembramos que Milena, que era jornalista, também uma leitora e escritora, foi envolvida no laço amoroso a partir de sua condição de tradutora dos textos de Kafka para o tcheco. Mais uma vez em Kafka fica clara a importância dos ajudantes: os amigos, as copistas, a tradutora, os editores e outros. Fundamentais na história de Kafka são todos aqueles que poderiam ajudá-lo a “passar de escritor a autor, a passar de K. a Kafka, da letra pessoal à palavra pública.”³²³ Por isso não é possível acreditar que Kafka tenha realmente desejado a execução dos testamentos que deixou em dois momentos, no sentido de queimar seus escritos. A primeira versão do testamento não poupa nada da fogueira. A segunda preserva os contos publicados. Ao entregá-los a Brod para a destruição/publicação, Kafka entregava seus escritos ao seu melhor amigo, aquele recolhia seus manuscritos, que sempre encaminhava seus textos para a

³²⁰ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 65.

³²¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 31/08/191, p. 793; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 705.

³²² PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 63.

³²³ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 64.

edição e que não perdia a oportunidade de promover Kafka. Ao entregar seus Diários a Milena (em 1920), expunha e rendia suas anotações mais íntimas para uma mulher que o amava e o admirava como escritor e que surgiu em sua vida oferecendo espontaneamente seu trabalho de tradução. Esses *Diários* foram salvos por Milena, entregues a Brod, e eis que é este uma das maiores referências que temos da vida escrita de Kafka.

1.8.8 Para escrever, uma caverna, uma mesa com tinteiro e penas, lápis, cadernos, cadernetas... e só!

O que você diz sobre isso querida? Não retroceda diante do habitante das cavernas!³²⁴

[...] correta avaliação do trabalho de escrever: uma mesa com tinteiro e penas.³²⁵

Às vezes, a imagem construída por Kafka do escritor é a de um habitante pré-histórico ou um animal hibernado em seu refúgio na floresta. Em carta a Felice, apresenta-se mais como escritor absorvido no absoluto da literatura, absoluto do qual o casamento poderia arrancar-lhe. Em alguns trechos, ouvimos o ritmo de uma prece, marcado pelo bordão da insistente “escrita”.

you me escreveu um dia (*Einmal schriebst Du*) dizendo que gostaria de estar sentada a meu lado enquanto eu escrevia (*ich schreibe*); pense bem, nestas condições eu não poderia escrever (*schreiben*) (mesmo desta maneira já não posso), mas naquelas condições é que eu não poderia escrever (*schreiben*) mesmo. Pois escrever (*schreiben*) significa se abrir desmesuradamente; a mais extrema franqueza, a mais extrema entrega pela qual um ser acredita se perder nas relações com os outros seres e diante dos quais ele recua sempre enquanto estiver em seu juízo perfeito — pois cada um quer viver enquanto for vivo —, esta franqueza e essa entrega estão bem distantes de serem suficientes para a escrita (*Schreiben*). O que passa dessa camada superficial da escrita (*Schreiben*) — quando não há meios de fazer de outro modo e quando as fontes estão secas — não é nada e cai no mesmo instante em que um sentimento mais verdadeiro (*wahreres Gefühl*) vem sacudir esse solo superior. Tudo isso porque jamais se está só o bastante quando se escreve, (*Deshalb kann man nicht genug allein sein, wenn man schreibt*) tudo isso porque quando se escreve não se tem nunca silêncio o bastante ao redor; a noite se faz menos noite ainda. (*deshalb kann es nicht genug still um einen sein, wenn man schreibt, die Nacht ist noch zu wenig Nacht.*) Por isso (*deshalb*) não dispomos de tempo o bastante, pois os caminhos são longos, perdemo-nos facilmente, algumas vezes ficamos com medo (*Angst*) e mesmo sem coerção (*Zwang*) e tentações (*Lockung*) temos vontade (*Lust*) de voltar atrás (uma vontade [*Lust*] que mais tarde sempre se paga muito caro), quanto mais ainda se a boca mais cobiçada inesperadamente lhe dava um beijo! Por diversas vezes acho que a melhor maneira de viver para mim seria me instalar cova com uma tocha e o que fosse necessário para escrever (*Schreibzeug*) no mais fundo de uma caverna (*innersten Raume*), bem isolado. Alguém me levaria as refeições e as deixaria bem longe do meu lugar (*meinem Raum*), atrás da porta mais exterior da caverna [cova](*Keller*). Ir buscar minha refeição já de robe, através de todas as abóbodas (*Kellergewölbe*) seria meu

³²⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14-15/01/1913, p. 245. *Cartas a Felice* (Anima), p. 268.

³²⁵ “*Richtige Bewertung der Schreibarbeit: ein Tisch mit Tintenfaß und Feder*”. Kafka *apud* BOKHOVE; VAN DORST. *Dibujos*, p. 106; KAFKA. *Diários* – Diários de viagem 27/04/1915 (Relógio D’Água), p. 457.

único passeio. Depois eu retornaria à minha mesa, eu comeria vorazmente e retomaria imediatamente minha escrita (*schreiben*). O que eu escreveria (*schreiben*), então! De que profundidades eu não tiraria meus escritos! Sem esforços! (*Ohne Anstrengung!*), pois a concentração extrema não conhece o esforço (*Denn äußerste Konzentration kennt keine Anstrengung*). Exceto talvez se eu não pudesse fazê-lo por muito tempo e se no primeiro fracasso, talvez inevitável mesmo em tais condições, eu fosse forçado a me refugiar num grandioso acesso de loucura.³²⁶

Felice foi talvez quem sofreu mais com esse casamento de Kafka com a escrita e a solidão. Como parecia estar ela decidida pelas núpcias, foi submetida a uma leitura contínua e insistente de cartas nas quais seu noivo firmava sua fidelidade à literatura.

Alguns meses depois dessa carta enviada pelo “habitante das cavernas” (*Kellerbewohner*), em outra missiva de Kafka respondendo a Felice, vemos que ela ainda acredita que uma maior convivência juntos poderia mudar as coisas. Vendo que a opção de Felice pelo casamento continuava inabalável, mais do que desacreditá-la, envia a ela uma carta em que pinta um quadro aterrorizante de suas condições de existência.

Minhas relações com a literatura [escrita] e minhas relações humanas são imutáveis (*Mein Verhältnis zum Schreiben und mein Verhältnis zu den Menschen ist unwandelbar*), são a razão (*begründet*) do meu ser, jamais condições temporárias. Para minha escrita (*meinem Schreiben*) tenho necessidade de viver recluso, não “como um eremita”, isso não seria suficiente, mas como um morto (*Toter*). Escrever nesse sentido é dormir um sono mais profundo, o de estar morto (*Schreiben in diesem Sinne ist ein tieferer Schlaf, also Tod*). E da mesma forma que não se pode arrancar um morto da tumba, também não se pode me arrancar à noite da minha escrivaninha (*Schreibtisch in der Nacht*). Isto não tem nada a ver com as minhas relações diretas com as pessoas. Apenas simplesmente não posso escrever (*schreiben*), e viver conseqüentemente, senão dessa maneira sistemática, contínua [coerente], estrita [rigorosa]. (*systematische, zusammenhängende und strenge*). [...] Eu sempre tive medo das pessoas, não delas mesmas, propriamente falando, mas de sua invasão em minha natureza fraca (*Eindringen in meine schwache Natur*); a entrada (*Betreten*) no meu quarto, até daqueles aos quais eu era mais ligado, sempre me causou horror (*Schrecken*), era mais que o puro símbolo desse temor (*Symbol dieser Furcht*).³²⁷

Na troca de cartas com Milena, o grande tema, e não somente diante das mulheres, é o medo. O medo sentido no corpo:

minha desgraça (*Unglück*) é que considero bons todos os homens — e especialmente, é claro, os que mais estimo —, que os considero bons com o intelecto, com o coração (*für gut halte, mit dem Verstand, mit dem Herzen für gut halte*) [...]; no entanto, de alguma maneira, meu corpo não pode crer que, quando for necessário, sejam realmente bons, meu corpo tem medo (*mein Körper fürchtet sich*) e, em lugar de esperar a prova que realmente redima o mundo nesse sentido, prefere deslizar-se lentamente parede acima.³²⁸

³²⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza) 14 a 15/01/1913, p. 245; *Cartas a Felice* (Anima), p. 267-268; KAFKA. *Lettres à Felice*, p. 281-282.

³²⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26/06/1913, p. 406-407; *Lettres à Felice*, p. 470.

³²⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/08/1920, p. 268-269.

Na correspondência com os amigos, é mais explícito em relação à loucura pela qual se sente ameaçado. Ao confirmar com o amigo Oscar Baum o convite para uma temporada em Georgental, veio-lhe o “desmoronamento” (*Zusammenbruch*) que o faz pensar em desistir da viagem, e novamente a solidão vem ao seu encontro como a única opção. Kafka, condenado a ficar excluído, do lado de fora da casa, não pode também se separar de sua escrivãzinha e de sua solidão e jaz como Gregor Samsa, coartado e constricto a um canto de um quarto que não existe mais na casa:

Isto significará que daqui por diante não poderei sair da Boêmia, ficarei confinado em Praga, depois ao meu quarto, depois à minha cama, depois a uma certa posição na cama, depois a nada. [...] Para dar ênfase à história (*Geschichte*) em termos da minha escrita — mas não sou eu que dou ênfase, a coisa se enfatiza por si mesma — devo acrescentar que o meu medo da viagem, é em parte composto do pensamento que ficarei ausente da minha escrivãzinha pelo menos por alguns dias. E este pensamento ridículo, é realmente o único verdadeiramente legítimo, uma vez que a existência do escritor depende mesmo de sua mesa de trabalho e se quer deixar a loucura de lado, nunca deve se afastar, deve se agarrar a ela com unhas e dentes.³²⁹

³²⁹ KAFKA. Em carta a Brod de 05/07/1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 154.

Figura 33 – Escrivadinha de Kafka (*Kafkas Schreibtisch*)



Fonte: Disponível em: <http://www.franzkafka.de/franzkafka/fundstueck_archiv/fundstueck/1064190>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Ainda na mesma carta a Brod de 1922, vemos que, enquanto o escritor resiste escrevendo, ele testemunha, ao mesmo tempo, o desmoronamento que atinge o eu, a casa o mundo:

Sento-me aqui na postura confortável de um escritor, pronto para toda espécie de coisas boas e preciso cismar preguiçosamente — pois que mais devo fazer senão escrever? — enquanto meu verdadeiro ego [eu], (*mein wirkliches Ich*) este ego [eu] estraçalhado, sem defesa, é espicaçado pelas pinças do diabo, esbordado e quase esmagado em pedaços por um pretexto qualquer — uma pequena viagem a Georgental... A existência de um escritor é um argumento contra a existência da alma, obviamente fugiu do ego [eu] verdadeiro (*wirkliche Ich*), mas não se aperfeiçoou apenas se tornou um escritor. É possível que a separação do ego [eu] possa enfraquecer tanto a alma? Como eu não estava em casa, que direito tenho eu de me alarmar quando a casa subitamente se desmoronou (*zusammenbricht*)? Afinal de contas, eu sei o que precedeu o desmoronamento (*Zusammenbruch*). Eu não emigrei e deixei a casa a todas as forças do diabo?³³⁰

³³⁰ KAFKA. Em carta a Brod de 05/07/1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 153-154. Não poder se afastar da escrevaninha pode soar antigo e romântico ao mesmo tempo. Entretanto, mesmo atualmente, em tempos de multimídias, a importância da mesa /suporte para o escritor, apesar de parecer anacrônica está ainda presente e justificada nesse surpreendente poema contemporâneo que rende homenagem à tábua de salvação:

“*mesa*

mais importante que ter uma memória é ter uma mesa
 mais importante que já ter amado um dia é ter uma mesa sólida
 uma mesa que é como uma cama diurna
 com seu coração de árvore, de floresta
 é importante em matéria de amor não meter os pés pelas mãos

Em relação aos materiais usados em sua escrita, informa Renato Faria que Kafka usava cadernos de padrão ¼ (30cm x 25cm) no início de sua escrita, tanto para o trabalho literário, como para as notas dos *Diários*. A partir de novembro de 1916, Ottla aluga para o irmão uma pequena casa, perto do Castelo de Praga, para que ele se dedicasse ao seu trabalho literário. Kafka lá trabalhava até o início da madrugada, quando retornava para o apartamento da família na cidade velha. Com essa mudança, Kafka passa a usar exclusivamente para ambas as escritas, os cadernos in-oitavo, cadernetas de dimensões reduzidas (15cm x 10cm) que eram mais apropriados ao transporte de um lugar para outro. Nessa mesma época, Kafka começou a usar lápis em vez da tradicional pena de aço, que era seu instrumento até então. Segundo o crítico Roland Reuß, “a conjugação desses materiais tornaram possível uma escrita ainda mais experimental e que se punha menos em concordância com as convenções literárias do que aquela dos cadernos in-quarto”.³³¹ Certamente sabemos, com Guimarães Rosa, o valor da caderneta para um escritor em viagem ou em constante movimento.

1.8.9 A solidão suportada pela noite

Afundado na noite. Como alguém que às vezes baixa a cabeça para meditar, totalmente afundado na noite.³³²

Não precisas sair de teu quarto. Permanece sentado à tua mesa e escuta. Não, nem mesmo escutes, simplesmente espera. Não nem mesmo esperes. Fica imóvel e solitário. O mundo simplesmente se oferecerá a ti, para ser desmascarado. Ele não tem escolha, e acabará rolando em êxtase a teus pés.³³³

Anos depois, com Milena, usando a mesma metáfora de estar condenado a viver em uma obscura selvageria e isolamento, Kafka, muito claramente, alimenta toda desesperança e desengano quanto a se ver como homem possível para uma mulher solar:

Mas como isso é possível? perguntas. Que quero? Que faço?

É mais ou menos assim: eu, animal Da floresta, não estava então quase nunca na floresta, mas jazia em qualquer lugar, em minha fossa suja (suja somente por causa de minha presença, naturalmente), e desde que te vi à luz do sol, a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto; esqueci-me de tudo, esqueci-me inclusive de mim mesmo; ergui-me, cheguei mais perto, angustiado [temeroso], em meio a essa liberdade nova e

mas mais importante é ter uma mesa

porque uma mesa é uma espécie de chão que apoia

os que ainda não caíram de vez.” MARQUES, Ana M. In: *A vida submarina*, p. 39.

³³¹ Reuß *apud* FARIA. “Assalto contra o limite” – Forma danificada e História em Franz Kafka, p. 20.

³³² KAFKA. À noite. In: *Narrativas do espólio*, p.114.

³³³ KAFKA. *Contos, fábulas e aforismos*, p. 121.

contudo familiar, não obstante cheguei mais perto, cheguei a teu lado, como me fosse de direito, enterrei o rosto em tua mão, eu estava tão feliz, tão orgulhoso, tão livre, tão poderoso, tão em casa, e sempre o mesmo: tão em casa — mas no fundo continuava sendo apenas um animal, meu lugar estava na floresta, vivia ao ar livre somente pela tua graça, sem o saber (porque tinha me esquecido de tudo) lia meu destino em teus olhos. Isso não podia durar. Embora me acariciando com a mão mais gentil, tinhas que reconhecer as excentricidades que te falavam da floresta, desta origem, deste verdadeiro lar; surgiram as inevitáveis discussões sobre a “angústia” [temor], inevitavelmente repetidas, que me torturavam os nervos (e a ti, mas inocentemente); cada vez me dava conta melhor da peste imunda, do obstáculo que era para ti em todos os sentidos [...] Recordei quem sou, já não li em teus olhos nenhum engano, tinha sonhos de terror [*Traum-Schrecken*] (de portar-se como se estivesse em casa em um lugar ao qual tu não pertences), esse terror eu experimentei na realidade, tinha de voltar à obscuridade, não suportava a luz do sol, estava desesperado, realmente como um animal perdido, pus-me a correr o mais rápido que pude, e era constante o pensamento: “Se pudesse levá-la comigo!” e o pensamento oposto “Existe porventura obscuridade onde ela está?” Perguntas-me como vivo: assim vivo.³³⁴

Com os amigos, Kafka tampouco deixa de associar, mais de uma vez, a exigência absoluta da escrita com a loucura e a solidão:

Entretanto, depois de ter sido atormentado por períodos de loucura, comecei a escrever e, de uma maneira que a torna muito cruel para todas as pessoas que estão a minha volta (não a chamo inefavelmente cruel), esta atividade é para mim o mais importante que existe na terra, como pode ser seu delírio para aquele que está louco (se o perdesse, se tornaria “louco”) ou para a mulher sua gravidez. Isso nada tem a ver com o valor do escrito, valor que conheço demasiadamente, mas com o valor que possui para mim. Por isso com um estremecimento de angústia, velo a escrita de tudo que pode perturbá-la, não somente a escrita, mas também a solidão que lhe pertence.³³⁵

A solidão, então, também é sofregamente buscada como um suporte da escrita que visa também a autopreservação, porque sua intimidade está sempre ameaçada pela devastação, pela invasão. Comenta Milan Kundera, de modo muito pertinente, que todos os protagonistas de Kafka estão cercados de observadores, vigias e guardas. Isso traz à dimensão da solidão matizes insuspeitados: “Não a maldição da solidão, mas *solidão violada*, esta é a obsessão de Kafka.”³³⁶

Mas a solidão tem um preço:

Não tenho tempo nenhum. Mobilização geral. K. e P. foram chamados. Recebo agora a recompensa de viver sozinho. Mas quase não é uma recompensa; viver sozinho acaba apenas em castigo (*Strafen*). De qualquer modo, como consequência disso, afeta-me pouco toda a miséria e estou mais firme na minha decisão do que nunca estive [...] Mas vou escrever apesar de tudo, absolutamente; é a minha luta pela sobrevivência (*Selbsterhaltung*).³³⁷

³³⁴ KAFKA. *Lettres à Milena*, 14/09/1920, p. 233-234; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 292-293; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 172-173.

³³⁵ KAFKA. Carta a Klopstock *apud* BLANCHOT. La última palavra. In: *De Kafka a Kafka*, p. 272.

³³⁶ KUNDERA. *A arte do romance*, p. 101.

³³⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 31/06/1914, p. 267.

Em Kafka solidão e escritura estão tão estreitamente ligadas que parece tratar-se de sinonímia e não apenas o estar só como condição da escrita:

Faz dois dias e meio que estou completamente só, e se ainda não estou transformado (*verwandelt*), estou pelo menos a caminho disso. Estar só tem sobre mim um efeito que nunca falha. O meu íntimo dissolve-se (por ora só superficialmente) e fica pronto a libertar o que está mais profundo. Progressivamente meu íntimo se ordena um pouco, e de nada mais preciso, porque para um talento pequeno o pior é a desordem.³³⁸

A noite também não é uma noite de aconchego, mas uma “obscuridade sem o calor da obscuridade”:

Seguro, Milena, tú tienes aquí en Praga un patrimonio, nadie te lo discute, a excepción de la noche, que lucha por él, pero la noche lucha por todo. ¡Pero qué patrimonio es ése! No lo reduzco, es algo, es incluso tan grande que podría eclipsar a una luna llena, arriba, en tu habitación. ¿Y no vas a tener miedo de tanta oscuridad? Oscuridad sin el calor de la oscuridad.³³⁹

Ao mesmo tempo, essa solidão não lhe tirava sua humanidade nem sua consciência social. Na *Carta ao Pai*, Franz deixa registrado o quanto sofre empaticamente, com os empregados, a tirania do Pai – Patrão. Tinha desde a juventude ideias socialistas e as aplicava em seu trabalho tomando sempre partido dos oprimidos. Em carta ao amigo Pollak, ainda jovem, confessa que escuta uma voz baixa: “Você nada fará sem os outros.”³⁴⁰ Nos *Diários*, também lemos a anotação:

A uniformidade da humanidade – de que todos nós, mesmo os mais submissos e dóceis, ocasionalmente duvidamos, ainda que esta dúvida seja apenas sentimental – revela-se, em contrapartida, ou parece revelar-se, na semelhança total e sempre comprovável entre a evolução coletiva e a evolução individual. Mesmo no que diz respeito aos sentimentos mais secretos do indivíduo.³⁴¹

³³⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 26/12/1910, p. 26; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 88.

³³⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 301.

³⁴⁰ KAFKA. Carta a O. Pollak 06/09/1903. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 29.

³⁴¹ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), 04/14/1913, p. 372.

1.8.10 Fazer corpo com as palavras

As palavras fazem corpo. Isso não quer dizer que se compreenda alguma coisa delas.³⁴²

A definição de um escritor, desse escritor e a explicação de sua eficácia, até o ponto em que ele a possui: é o bode expiatório da humanidade. Ele torna possível aos homens gozar do pecado sem culpa, quase sem culpa (*schuldlos*).³⁴³

Kafka iniciara seu *Diários* em 1910, com esparsas anotações, nas quais, porém, podemos colher uma decisão de escrever:

Nunca mais vou abandonar este diário. É aqui que tenho de encontrar terra firme, pois só aqui posso encontrar. Gostaria de explicar o sentimento [sensação] de felicidade (*Glücksgefühl*) que, de vez em quando, sinto dentro de mim como acontece agora. É realmente algo efervescente, algo que me enche completamente com leves e agradáveis estremecimentos, e me convence de certas capacidades, de cuja inexistência posso em qualquer momento, e mesmo agora, convencer-me com certeza absoluta.³⁴⁴

“Mas por que a escrita?”, pergunta Pawel. “Todos os seus escritos, disse ele a Brod e repetiu, muito mais tarde, na famosa carta, foram uma tentativa de fugir do pai, o que, ainda que fosse verdade, nada nos diz sobre o porquê de ele ter escolhido esse caminho específico para a redenção.”³⁴⁵

Mas é na *Carta* mesma que Kafka, na mesma direção de Freud em seu texto “Escritores criativos e devaneios”, dá pistas de como chegou à escrita e à literatura como meio de proteção e busca de uma saída. Eis como se descreve na puberdade, provido da autonomia de um único recurso, a fantasia:

Ginásios judeus são muito estranhos entre nós, a gente encontra entre eles o que há de mais inverossímil; mas a minha indiferença fria, mal disfarçada, indestrutível, infantilmente desamparada, que adentrava o ridículo com facilidade e ademais selvagememente auto-satisfeita de criança fria, ainda que auto-suficiente no que diz respeito à fantasia, eu jamais voltei a encontrar em lugar nenhum, muito embora aqui ela fosse a única proteção contra a destruição dos nervos através do medo e da consciência de culpa (*die Nervenzerstörung durch Angst und Schuldbewusstsein*).³⁴⁶

³⁴² LACAN. Conferência de Bruxelas sobre a histeria, p. 10.

³⁴³ KAFKA. Em carta a Brod de 05/07/1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 154.

³⁴⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé) 16/12/1910, p. 22; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 82-83.

³⁴⁵ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 95.

³⁴⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 71-72.

E mais do que o melhor que Kafka pode fazer, muitas vezes “o dom de escrever surge para ele como a própria salvação”:³⁴⁷

É sempre incompreensível para mim, que quase para todos que sabem escrever seja possível objetivar a dor em meio à dor; que eu, por exemplo, em plena infelicidade, possa sentir embora no momento com a cabeça fervendo de infelicidade, e comunicar a alguém por escrito: Sou infeliz. Sim, posso fazer ainda mais que isso, e com os diversos adornos que me permite um talento que parece não tem nada a ver com a infelicidade, fantasiar sobre o tema, simplesmente, ou antiteticamente, ou com a orquestra inteira das associações. Na verdade não é uma mentira, nem me acalma a dor; é simples e generosamente um transbordamento de vigor, no momento em que, entretanto, a dor implacavelmente me atormentava até o fundo de meu ser, esgotando todas as minhas forças. Mas então, que transbordamento [excesso] é esse?³⁴⁸

Podemos dizer assim que a escrita poética para Kafka, de modo um pouco distinto de Fernando Pessoa, não chega a “fingir a dor”.³⁴⁹ O dom de escrever em meio “a dor que deveras sente” vem-lhe como uma força suplementar, “um transbordamento de vigor” que faz o trabalho exaustivo de desenhar, e até mesmo enfeitar, a verdadeira dor, que, mesmo adornada pela linguagem, não é outra, mas essa mesma que lemos. Portanto, ao excesso de sofrimento parece corresponder também um dom excedente que permite contemplá-lo e anotá-lo. Essa condição extra-ordinária do poder da escrita parece não cessar de surpreendê-lo, mas isso lhe toma ambas as mãos. Ocupa-o por inteiro:

Aquele que não chega vivo ao fim da vida precisa de uma das mãos para afugentar um pouco e sem grande resultado – o desespero com seu destino, mas com a outra pode registrar tudo o que vê entre as ruínas, pois ele vê mais do que os outros e diferentemente, afinal, está morto em tempo de vida, e é o único verdadeiro sobrevivente. Isto no pressuposto de que ele não precisará de mais do que duas mãos nem de mais do que tem, para lutar contra o desespero.³⁵⁰

Entretanto, em Carta a Brod, vemos o quanto a escrita não se exime de ter também uma função ambígua – de sustentação e escravidão – na vida de Kafka. Com a escrita ele se torna refém de ser algo: ser um escritor.

³⁴⁷ HELLER. *Kafka*, p. 62.

³⁴⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/09/1917, p. 366; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D'Água), p. 517.

³⁴⁹ Referência ao poema “Autopsicografia”, de PESSOA. In: Cancioneiro, *Obra poética*, p. 164.

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.”

³⁵⁰ KAFKA, *Diários – Diários de viagem* (Relógio D'Água), 18/10/1921, p. 539.

Escrever me sustém, mas não é mais acurado dizer que escrever sustém esta espécie de vida? Não quero dizer com isto, é claro, que minha vida é melhor quando não escrevo. Ao contrário é muito pior e absolutamente insuportável e só pode acabar em loucura. Mas concordo, isso só se segue ao postulado de que sou um escritor, o que é verdade mesmo quando não estou escrevendo – e um escritor que não escreve é um monstro que convida à loucura. E quanto a ser um escritor? Escrever é uma doce e maravilhosa recompensa, mas para que? A noite se me tornou claro, claro como o livro de lições de uma criança, que é a recompensa por servir ao diabo.³⁵¹

Muito raramente vemos Kafka satisfeito e em júbilo com o que lhe saiu das mãos, como sucede-lhe no parto da escrita *d'O veredicto*, mas quando acontece é uma rara felicidade. Nos *Diários*, também lemos uma anotação bastante significativa relativa à importância da escrita para alguém que se sente tão sem lastro e sem centro na vida:

Tenho de parar, ainda que não estando realmente sem fôlego. Nem sequer sinto o perigo de perder-me, entretanto me sinto desamparado (*hilflos*) e à margem (*außenstehend*). No entanto, que firmeza inegável e maravilhosa a mais insignificante escrita me proporciona! Com que olhar abarcava tudo ontem durante o passeio!³⁵²

Mas a maior parte dos registros é de franca decepção entre a escrita almejada e aquela alcançada. E assim, como seu corpo é um corpo insuficiente, o corpo da escrita sofre dos mesmos males: as metáforas são insuficientes, as frases são precárias, as palavras têm arestas e é preciso inventar palavras que possam tratar a carne ferida.

Nenhuma palavra, ou quase nenhuma, que eu escrevo conjuga-se com outra, ouço o barulho do ranger de lata das consoantes umas contra as outras, e o acompanhamento cantado das vogais, semelhante ao canto dos negros na feira. As minhas dúvidas envolvem em círculo cada palavra, vejo-as primeiro, antes de ver a palavra, mas quê! Não vejo palavra nenhuma, invento-a. Mas isso ainda não seria o pior, seria preciso poder inventar palavras que fossem capazes de levar o odor de cadáver em outra direção, para que não viesse dar à minha cara e à do leitor.³⁵³

Mas, além de precária, muitas vezes a linguagem é vivida ainda como perversamente enganosa: as letras, a palavra que com tão grande esforço se escreveu, retornam contra ele em ruínas, com todo seu poder de desintegração:

O núcleo de todo o meu sofrimento persiste: não consigo escrever. Não pude produzir uma só linha que me importasse reconhecer como própria; ao contrário, joguei fora tudo — não era muita coisa — [...] e cada palavra espia primeiro em todas as direções antes de se deixar escrever por mim. As frases literalmente se desintegram em minhas mãos; vejo-lhes as entranhas e tenho que parar depressa.³⁵⁴

³⁵¹ KAFKA. Em carta a Brod de 05/07/1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 152.

³⁵² KAFKA. *Diários* (Emecé), 27/11/1913, p. 230; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D'Água), p. 369-370.

³⁵³ KAFKA. *Diários* (Emecé), 15/12/1910, p. 21; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D'Água), p. 82.

³⁵⁴ KAFKA. Carta a Brod de 15/12/1910, *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 212.

Escrever, por pior que seja, ainda é o melhor de que pode lançar mão: “Escrever, eis o que meu médico mais íntimo me prescreve. Escrever, mesmo que a minha cabeça seja tão pouco segura e mesmo que eu tenha tido ocasião nesse instante de constatar as insuficiências de meu trabalho literário.”³⁵⁵ Mas a escrita nem sempre está à mão. Kafka chega a passar longos períodos sem escrever nada. Na primeira crise com Felice, confessa à amiga Grete: “minha capacidade de escrever não é algo que está assim a minha mão (*Ich habe meine Fähigkeit des Schreibens gar nicht in der Hand*). Vai e vem como um fantasma (*Gespentst*). Faz um ano que não escrevo nada. Além disso sou incapaz de fazê-lo, que eu saiba.”³⁵⁶

O remédio da escrita, Kafka se prescreve o tempo todo e à exaustão. Este ser “desalmado” que escreve é o ser possível para Kafka, mas é apenas, a penas, literatura. Vemos que Kafka, como homem, era um epistológrafo compulsivo: por cartas noivava e se relacionava com suas eleitas. Também como filho, Kafka não passava de um escritor, para a infelicidade dos pais que certamente esperavam dele outros talentos. Kafka, ao entregar seus livros publicados ao pai, ouvia: “Coloca em cima no criado mudo.”³⁵⁷ Na *Carta* em que Kafka revela isso, faz também uma dedicatória: “Minha atividade de escritor tratava de ti”,³⁵⁸ declara Kafka na *Carta ao pai*. Sabemos que o pai aqui evocado não se restringia a Hermann Kafka. Mas ao menos uma vez isso se manifestou literalmente, em dedicatória explícita ao pai, quando foi publicado *Um médico rural*. “Este que provavelmente seja meu último livro”. Lemos em carta a Brod:

Desde que eu decidi dedicar o livro ao meu pai, estou profundamente interessado em vê-lo aparecer [publicado] muito em breve. Não que eu tranquilizaria meu pai dessa forma; as raízes do nosso antagonismo são por demais profundas, mas eu pelo menos terei feito alguma coisa; se não emigrei para a Palestina; terei de qualquer forma traçado com o dedo no mapa o caminho para lá (*mit dem Finger auf der Landkarte hingefahren*).³⁵⁹

Kafka, o agrimensor, o topógrafo faz de sua escritura o projeto cartográfico daquilo que nunca foi, fez ou fará, traçando por escrito um testamento do que lhe foi impossível viver. “[A] Carta ao pai é a conjuração de Édipo e da família, pela máquina da escritura, como as cartas a Felícia são a conjuração da conjugalidade. *Fazer um mapa de Tebas em vez de representar*

³⁵⁵ KAFKA. *Cartas à Felice* (Alianza), 01/05/1913, p. 369.

³⁵⁶ KAFKA. Carta a Grete Block 18/04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 556.

³⁵⁷ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 69.

³⁵⁸ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 69.

³⁵⁹ KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 45. Fins de março de 1918.

Sófocles, fazer uma topografia dos obstáculos em vez de lutar contra um destino.”³⁶⁰ Herdar algo do pai, buscar alguma filiação traçando com o dedo o caminho no mapa para a Palestina.

Como já foi dito, é de escrita que consiste sua vida. Portanto, mais que as duas mãos que fazem um manuscrito, é todo o corpo que está envolvido na escrita, tomado pela escrita, que faz um *corpoescrito*, uma *vidaescrita*.

Com Kafka, não temos apenas um escritor em exercício, mas um corpo a escrever. “Na verdade literatura para ele não era apenas literatura”, diz-nos Heller. E, apesar das suspeitas diabólicas que a maldiziam,

A literatura foi o único meio pelo qual ele tentou dar forma e cor perfeitos a uma vida que, afinal de contas, não rejeitou completamente o pedido de significado, ou, pelo menos, permitiu que o significado brilhasse de leve desde a profundidade, através de camadas e camadas do não-significante, que a encobriam quase por completo. Ele escreveu para assegurar esta vaga e fugidia promessa. Na verdade Kafka não está de todo errado ao dizer a Felice que ele não passa de literatura — a verdadeira literatura.³⁶¹

E “a verdadeira literatura”, porque não é somente belas-letras, pode carregar a deformação, a sujeira, o suplício e as secreções da experiência de um corpo que se faz e se desfaz ao se escrever.³⁶²

1.8.11 Kafka e a voz

Tenho sempre uma intimação [invocação] no ouvido (*eine Anrufung im Ohr*): “pudesses tu chegar, tribunal invisível! (*Kämeest du, unsichtbares Gericht!*)”³⁶³

O efeito de um rosto sereno, de uma conversa tranquila, sobretudo de uma pessoa desconhecida, que ainda mantém o mistério. A voz de Deus numa boca humana.³⁶⁴

Na *Carta ao pai*, em vários momentos, Kafka faz referência à “voz de trovão” do pai. Comenta Françoise Samson³⁶⁵ que, na *Carta*, Kafka localiza a voz sempre do lado do pai: como orador, nas injúrias, nas reprimendas, nas ameaças, nas gargalhadas e, acrescentaríamos, fundamentalmente no imperativo: “Tu és nada”. E ao terminar a *Carta* dando ao pai, por sua

³⁶⁰ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 48, itálicos dos autores.

³⁶¹ HELLER. *Kafka*, p. 72.

³⁶² Renato Faria, em sua tese, trabalha à luz do tema insistente das “Feridas”: “A própria escrita como um corpo danificado” (“Assalto contra o limite”..., p. 32).

³⁶³ KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 20/12/1910, p. 85; *Diários (Emecé)*, p. 24.

³⁶⁴ KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 20/12/1913, p. 380.

³⁶⁵ SAMSON. *Carta ao pai*. In: *A prática da letra*, p. 160.

vez, o poder de réplica, ouvimos mais uma vez a voz do filho que aí se imiscui declaradamente com a do pai, em um unísono imperativo e definitivo: “tu és incapaz, inseto, verme, parasita”: “Tu não me provaste nada a não ser que todas as minhas censuras foram legítimas e que faltou entre elas uma censura especialmente legitimada, a censura da insinceridade, da bajulação, do parasitismo. Ou muito me engano, ou tu ainda parasitas em mim com esta carta.”³⁶⁶

A dificuldade da construção de uma imagem de si, do eu em Kafka, teve, como vimos, vastas consequências em sua vida, atingindo seu corpo em todas as suas manifestações e expressões. Sua voz não escapou da censura, da repressão e da consequente inibição:

A impossibilidade da relação tranquila teve uma outra consequência, muito natural no fundo: eu desaprendi a falar. Por certo eu não teria sido, sendo outro o contexto, um grande orador, mas sem dúvida teria dominado a linguagem humana corrente e comum. Mas tu me proibiste a fala desde cedo, tua ameaça: “nenhuma palavra de contestação!” e a mão erguida para sublinhá-la me acompanham desde então. Adquiri junto de ti – és, quando se trata de tuas coisas, um orador excelente – um modo de falar entrecortado, gaguejante, e também isso era demais para ti. De modo que por fim calei, primeiro por teimosia talvez, mais tarde porque diante de ti eu não conseguia pensar nem falar.³⁶⁷

Backes, em sua tradução da *Carta ao pai*, comenta, em nota a respeito do trecho acima, que Brod observou que Franz gaguejava apenas diante do pai. Ainda na nota o tradutor lembra que, n’*O veredito*, Georg Bendemann também fica confuso e não consegue se articular direito diante do pai. Mas é no conto “O mundo citadino”, conto que prepara *O veredito*, que lemos com clareza: “Cala-te! – gritou o pai, levantando-se, e a janela desapareceu atrás dele; ordeno que te cales.”³⁶⁸

De volta à *Carta*: “Tu dizias: ‘Nenhuma palavra de contestação!’ e querias com isso fechar a boca das desagradáveis forças opostas a ti que existiam em mim, mas essa influência era demasiado forte para mim, eu era demasiado obediente e calava de todo.”³⁶⁹

De acordo com Lacan, a voz de comando, imperativa, sempre se refere à força da lei, ou melhor, à enunciação obscena do lugar de exceção de onde essa lei provém. A voz do pai de Kafka provém deste lugar superegoico que em vez de fazer falar emudece o filho. Observa Lacan que, mesmo para a voz de Deus se fazer ouvir pelo povo aglomerado em torno do Monte Sinai, foram necessárias as “Tábuas da Lei” para dar a conhecer seu enunciado, foi preciso uma escritura. Em Kafka, ouvimos a voz desacompanhada da lei que pode sustentá-la de modo

³⁶⁶ KAFKA, *Carta ao pai*, p. 95-96.

³⁶⁷ KAFKA, *Carta ao pai*, p. 35-36.

³⁶⁸ KAFKA. O mundo citadino. In: KAFKA. *O covil*, p. 151.

³⁶⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 37.

legítimo. O Supereu, em sua injunção íntima, é de fato “a voz da consciência, isto é, antes de mais nada uma voz, bastante vocal, e sem maior autoridade senão a de ser uma voz grossa”.³⁷⁰

Kafka deixa-nos marcada sua escuta e sensibilidade auditiva em muitos momentos. O mundo para ele é muito barulhento. Ele não sofre apenas a invasão da voz tonitroante do Pai, pois outras vozes atuam em Kafka, destacadas de outros corpos: seus ouvidos são também acariciados pelas vozes femininas. Encontramos nos *Diários*, vivendo uma paixão platônica por uma atriz, um dos primeiros testemunhos dos efeitos da voz sobre ele, na admiração narrada da atuação limitada, mas singular, da Senhora Tschissik, partícipe do grupo de teatro judeu que Kafka tanto prestigiava: “Sentia um tremor que lhe percorria a face sempre que ouvia sua voz.”³⁷¹ Kafka demora-se nos gestos da atriz, no olhar, mas é na voz que principalmente se detém:

A sua maneira de representar não é variada: o olhar amedrontado que lança ao seu rival, a procura de uma saída no pequeno palco, a voz suave que, sem se elevar, sobe heroicamente em pequenos e leves degraus, apenas com a ajuda de uma ressonância interna maior, a alegria que se lhe espalha pelo rosto, lhe atravessa a fronte e penetra no cabelo; a autossuficiência e a independência de todos os outros meios quando canta solos, a sua posição ereta quando resiste, que obriga o espectador a dar toda a sua atenção ao corpo dela – mas não há muito mais.³⁷²

Kafka não deixa sem menção a voz curadora da mãe: “a voz é clara, demasiado alta para a conversa normal, mas tem um efeito positivo quando se está triste e de repente se ouve aquela voz durante um tempo”.³⁷³ Ele escuta a voz que vem das letras do livro e tenta partilhar a experiência com Felice: “Sem dúvida terás recebido já, depois de tanto tempo, a novela de Weiss. Leia-a com atenção, procura perceber a voz do ser humano.”³⁷⁴

As vozes das amadas também são notadas e anotadas. Em carta a Felice, em uma fantasia de fusão com sua fala: “quase quero crer que sua voz, naqueles momentos, tinha um ligeiro acento da minha.”³⁷⁵ Apesar de ficar muito aflito ao telefone, Kafka recorreu a ele algumas vezes quando as cartas de Felice escasseavam: “No entanto, o que eu queria era telefonar. Ouvir sua voz inesperadamente, uma tarde qualquer!”³⁷⁶

³⁷⁰ LACAN. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: LACAN. *Escritos*, p. 691.

³⁷¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 28/10/1911, p. 80.

³⁷² KAFKA. *Diários* (Difel), 22/10/1911, p. 72.

³⁷³ KAFKA. *Diários* (Difel), 24/10/1911, p. 75.

³⁷⁴ KAFKA. *Carta à Felice* (Alianza), 11/05/1916, p. 666.

³⁷⁵ KAFKA, *Cartas a Felice* (Alianza) 5-6/01/1913, p. 229.

³⁷⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 28/04/1913, p. 366.

Por sua vez, a voz de Milena soa poderosa em meio ao barulho do mundo. “Voz que penetra com a mesma força na mente e no coração.”³⁷⁷ “Voz dotada de uma força irresistível (*unwiderstehlich starke Stimme, förmlich Deine Stimme*)”³⁷⁸

Kafka tinha, portanto, ouvidos para outras vozes. E, apesar de creditar ao pai esse poder de emudecê-lo, Kafka nunca se calou de todo, e fez mesmo muito mais do que não se calar. Em sua última anotação nos *Diários*, lemos: “Mais do que consolação: também tu tens armas”.³⁷⁹ Kafka fez da voz uma arma com muitas modulações e matizes: uma delas é a expressão do riso que, em Kafka, como em todos os outros aspectos, precisamos entender como uma manifestação complexa.

1.8.12 Excrições I ³⁸⁰ – O riso

Sobrevalorização do riso, pois a seriedade ignorante está mais distante do riso do que a seriedade do iniciado.³⁸¹

De imediato, é preciso questionar serem o riso e as gargalhadas uma conclusão apressada de que estamos diante da manifestação de alegria em Kafka, na trilha talvez inaugurada por Brod, com o perigo de se tornar uma chave de leitura absoluta e definitiva por meio do comentário de Deleuze e Guattari: “Há o riso de Kafka, riso muito alegre, que se compreende tão mal [...] é um autor que ri, profundamente alegre, de uma alegria de viver, apesar e com suas declarações de *clown*, que ele estende como uma armadilha ou como um circo”.³⁸² A justificativa dos que defendem esse ponto de vista baseia-se nas declarações do amigo Brod,³⁸³ que relata que, “quando Kafka lia para seus amigos mais íntimos algumas de suas histórias, os amigos ‘estouravam de rir’.”³⁸⁴

Em Kafka, encontramos muitos desses momentos de explosões de riso, principalmente durante a leitura de seus próprios relatos. É o próprio Kafka que nos dá notícias dessas leituras. Uma leitura d’*A metamorfose* em voz alta ocorreu entre amigos na casa de O. Baum e depois na casa de Max Brod, em 24/11/1912, quando, segundo o último, Kafka leu toda a narrativa que, curiosamente, de acordo com Carone “representa de fato a perda da voz que comunica”.³⁸⁵

³⁷⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 02/06/1920, p. 62.

³⁷⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), novembro/1920, p. 331.

³⁷⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 12/06/1923, p. 376. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’água), p. 578.

³⁸⁰ Neologismo de Nancy, “*A escrição do nosso corpo, [...] sua inscrição fora*” (In: *Corpus*, p. 12).

³⁸¹ KAFKA. *Diários e Diários de viagem* (Relógio D’Água), 01/09/1911, p. 607.

³⁸² DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 62.

³⁸³ BROD. *Franz Kafka*, p. 162.

³⁸⁴ KONDER. *Kafka vida e obra*, p. 123.

³⁸⁵ CARONE. *Kafka Essencial*, p.219.

Também em carta a Felice ficamos sabendo dos destinos imediatos d'A *metamorfose*, após vir ao mundo em novembro de 1912: sábado, às 2 horas da madrugada, Kafka escreve:

Só umas linhas, meu amor. Uma linda tarde na casa de Max. Estive frenético lendo meu relato [provavelmente a parte final d'A *Metamorfose*]. Depois relaxamos e rimos muito. Quando nos isolamos deste mundo fechando portas e janelas surge aqui e ali como um clarão e quase como um começo de uma existência real e bela.³⁸⁶

Ainda segundo Brod, a leitura em voz alta de Kafka do primeiro capítulo do *Processo* provocou gargalhadas nos ouvintes, arrancando lágrimas em Kafka, que entrou em paroxismo: “Todos foram tomados de um irresistível acesso de riso e o próprio Kafka ria tanto que, por alguns instantes, não pode continuar a leitura.”³⁸⁷

Se Kafka, nessas leituras, não é explícito, também não esconde o tanto que essa descarga do corpo pode ser um “Riso nervoso”, como retifica Philippe Sollers, em sua crítica à chave de leitura cujo segredo seria a alegria.³⁸⁸

Um riso dessa ordem comparece também na sempre constrangedora iniciativa de namorar, noivar e contrair matrimônio. Kafka anuncia a sua mãe sua primeira visita a Felice e novamente não é o bom humor que se faz presente:

Meu riso estúpido quando hoje disse à minha mãe que na Páscoa parto para Berlim. ‘Por que você ri?’, perguntou (a par de outras observações entre elas o adágio ‘pense duas vezes quem vai unir-se para sempre, que eu enjeitei respondendo ‘não é nada’, etc.) ‘Por embaraço’, respondi, contente por finalmente dizer qualquer coisa de verdadeiro sobre esse assunto.³⁸⁹

Contando em carta destinada àquela que teria sido sua futura cunhada suas razões para não casar com Julie, sua segunda noiva, Kafka deixa claro como via a manifestação desses ataques de riso:

O início da nossa amizade foi extremamente curioso e para o supersticioso não augurou felicidade. Durante vários dias ríamos continuamente sempre que nos encontrávamos; nas refeições, caminhando e sentados um diante do outro. De um modo geral o riso não era agradável; não tinha razão aparente, era doloroso e vergonhoso.³⁹⁰

³⁸⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/03/1913, p. 315.

³⁸⁷ KONDER. *Kafka vida e obra*, p. 123. Ver também em CARONE. *Lição de Kafka*, p. 70.

³⁸⁸ SOLLERS. *Kafka solitário*. (Tradução inédita de Cleonice P. Barreto Mourão do original “Kafka, tout seul”). KAFKA tout Seul. Disponível em: <<http://www.philippesollers.net/kafka.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

³⁸⁹ KAFKA. *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’Água), 02/05/1913, p. 342; *Diários* (Difel), p. 194.

³⁹⁰ KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 51.

O riso é também um revanchismo, uma vingança que revelava amiúde sua violência: “o ridículo é uma arma que Kafka utiliza com frequência”.³⁹¹ Seu primeiro registro do projeto de um romance a quatro mãos com Brod também leva a marca do riso nos encontros entre amigos quando o alvo das críticas era o trabalho. Kafka, nessa anotação, inclui seus duplos respectivos, os personagens *Robert e Samuel* (depois *Richard e Samuel*) na reunião de Franz e Max:

Mas os quatro riam-se tanto nessas noites que Max, no caminho de regresso a casa, dizia que esse riso eterno era na verdade lamentável, pois com isso se esqueciam de todas as coisas sérias, de que no entanto, cada um sentia suficiente o peso. Enquanto riam pensavam que tinham muito tempo para serem sérios. Mas isso era falso, pois a seriedade impunha naturalmente um maior desafio ao homem e era afinal claro que somos mais capazes de fazer face a grandes desafios na companhia de amigos do que sozinhos. O riso deveria ser reservado para o escritório, já que aí não é possível singrar.

E Kafka acrescenta ainda na anotação: sobretudo Max e Franz riam-se “com tão grande abandono”.³⁹²

Lembra Lacan que o riso, provocando uma redução da tensão, toca em tudo o que é da ordem da imitação e da máscara, mas no sentido de um “desmascaramento”.³⁹³ “Trata-se sempre de uma liberação da imagem”.³⁹⁴ Com relação a isso, digna de nota é a pequena história da evolução de um acesso de riso, na reunião com o Presidente da companhia na qual Kafka trabalhava, e que merece ser citada quase na íntegra, para transmitir o essencial da crônica que Kafka escreve se esmerando nos detalhes, em carta longa a Felice, mostrando sua sensibilidade para o ridículo, em seu apreço pelo caso:

Eu também posso rir (*Ich kann auch lachen*), Felice, não duvide, inclusive me conhecem como grande ridente, (*großer Lacher*), embora tenha sido mais bobo [louco] (*närrischer*) em outros tempos do que agora. Ocorreu-me até ao longo de uma solene conversação com nosso presidente —[...]— desatei a rir, e de que maneira! [...]. O mais distinguido de nós três —eu era o mais jovem— pronunciou as palavras de agradecimento de um modo breve, sensato e elegante, como é próprio de seu carácter. O presidente escutava em sua postura costumeira, que reserva para as ocasiões solenes, uma postura que lembra um pouco a atitude que nosso imperador adota nas audiências, atitude [...] extremadamente cómica. [...]. Aquele dia devia eu me encontrar em um humor totalmente incontrolável, pois conhecia por demais a dita postura e não devia ser pego, mesmo que de modo intermitente, por breves ataques de riso, os quais, no entanto, não eram difíceis de justificar como acesso de tosse, toda vez que o presidente não levantava a vista. [...]. No início ri somente das pequenas e

³⁹¹ KONDER. *Kafka vida e obra*, p. 123.

³⁹² KAFKA. *Diários – Diários de Viagem (Relógio D’Água)*, 26/03/1911, p. 102.

³⁹³ LACAN. *Livro 5 – O seminário: as formações do inconsciente (1957-58)*, p. 136. Quanto ao fenômeno do riso, segundo Lacan, há muita coisa deplorável, mas considera o que diz Kant: “o riso é um movimento espasmódico com uma certa oscilação mental, que seria a da passagem de uma tensão à sua redução a zero, uma oscilação entre uma tensão despertada e sua queda brusca diante da ausência de algo que supostamente deveria lhe opor resistência” (*ibidem*, p. 135).

³⁹⁴ LACAN. *Livro 5 – O seminário: as formações do inconsciente (1957-58)*, p. 137.

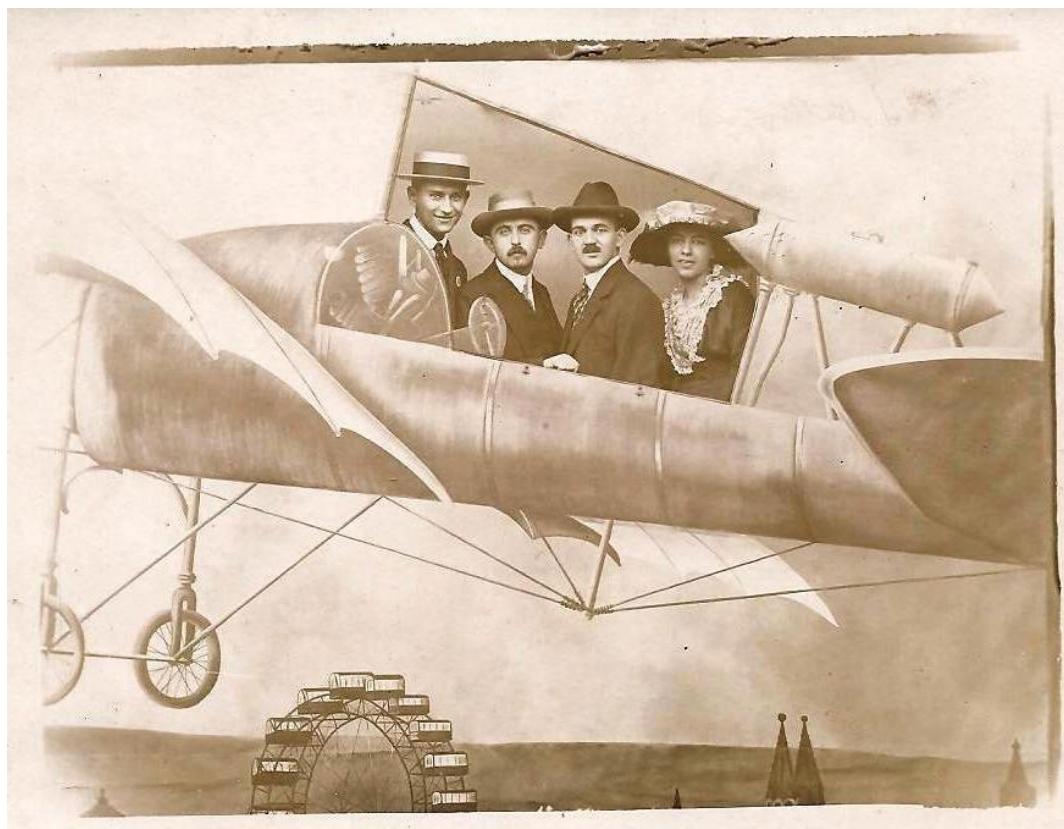
delicadas piadinhas (*Späßchen*) que o presidente salpicava aqui e ali em seu discurso; mas enquanto segundo os cânones, o único que se deve fazer diante de tais piadinhas é franzir respeitosamente os lábios, eu ria a bom rir e me dava conta de que meus colegas se viam tomados pelo terror do contágio (*Furcht vor Ansteckung*); [...] Naturalmente, uma vez que a coisa anda, não só ria das piadinhas atuais, mas também das passadas, das futuras, de uns e outras conjuntamente, já não havia quem soubesse o que era que realmente me fazia rir; propagou-se um constrangimento geral, só o presidente permanecia ainda relativamente alheio aos acontecimentos, em sua qualidade de grande homem acostumado a todo tipo de coisas no mundo, e, por outro lado, em sua qualidade de pessoa absolutamente incapaz de imaginar a possibilidade de que alguém lhe desrespeite. [...] Mas, desgraçadamente, um de meus colegas, [...] começou um discursinho completamente inesperado. [...] De maneira que, quando então começou, balançando as mãos exageradamente, sei lá que conversa mole [...] foi demais para mim, perdi por completo a noção do mundo circundante, que até o momento tinha conseguido conservar, e soltei uma gargalhada tão alta, (*ich stimmte ein so lautes rücksichtsloses Lachen*) tão franca e tão espontânea como talvez só possa acontecer aos alunos em bancos de escola pública. Fez-se um silêncio geral, e eu com meu riso converti-me no centro das atenções (*meinem Lachen anerkannter Mittelpunkt*). Claro, enquanto eu ria, meus joelhos tremiam de medo (*Angst*), meus colegas podiam, por sua parte, rir discretamente sem alcançar a atrocidade que eu havia cometido com meu riso tanto tempo preparado e praticado; em comparação comigo eles passavam despercebidos. Batendo no peito com a mão direita, em parte por consciência de meu pecado (*Bewußtsein meiner Sünde*) (recordo do Dia da Expição), e em parte por expulsar do meu peito todo aquele riso reprimido, fui apresentando todo tipo de desculpas, que eram talvez muito convincentes, mas como consequência do riso, que me vinha em novas ondas recorrentes, resultavam totalmente ininteligíveis. É claro que, a essas alturas, até o próprio Presidente encontrava-se desconcertado; somente graças às ferramentas, aos recursos inatos a essa classe de gente, e que lhes permite limar dentro do possível as arestas de todas as coisas, conseguiu encontrar uma frase que dava a meus uivos [ganidos] (*Heulen*) não sei que explicação humana, relacionando-os, creio, com uma piada (*Spaß*), que ele havia contado há mais tempo. Apressadamente nos deu permissão para nos retirarmos. Invicto, dando grandes gargalhadas, ao mesmo tempo, mortalmente desgraçado (*mit großem Lachen, aber totunglücklich*), e tropeçando fui o primeiro a sair da sala. [...] talvez, naquela ocasião, agi assim só para, mais tarde, poder mostrar-lhe que sei rir (*ich lachen kann*).³⁹⁵

Uma crônica como esta não atesta nem comprova nenhuma alegria, mas é um registro literário surpreendente da evolução de um ataque de riso, em que cabe toda sorte de sofrimentos imiscuídos na convulsão do corpo, que o autor não esconde na narração. De todo modo, no trabalho com Kafka é melhor evitar conclusões apressadas, mesmo quando ele ri. Como alerta Calasso: “Há motivos para desconfiar, em todo caso, cada vez que Kafka sorri nas fotografias, como naquela graciosa pose no *Prater* com três amigos, acoplados a um avião pintado. Ali

³⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Felice*, 8-9/01/1912 [13] (Alianza), p. 232-234. O trecho extraído da carta é uma cena que narra a evolução de um ataque de riso, ocorrido em 1910, quando Kafka foi promovido pelo Presidente Otto Přibram de 65 anos, professor e conselheiro. Kafka foi admitido na Companhia de Seguros em julho de 1908. O presidente do Instituto era então o pai do amigo de escola de Franz, Ewald Přibram, e apenas por essa relação pessoal, a interferência de Přibram, possibilitou a Kafka, como candidato judaico, ter uma chance. O incidente foi apresentado recentemente como “Kafka ri do Presidente. Uma performance kafkiana”, por Susana Kampff Lages, no encontro *Kafkianas I*, 13/11/17, ocorrido na UFRJ.

Kafka é o único que sorri, enquanto sabemos que nessas mesmas horas sofria de um desesperança aguda (1913).”³⁹⁶

Figura 34 – No Prater vienense (1913): da esquerda para a direita: Franz Kafka, Albert Ehrenstein, Otto Pick, Lise Kaznelson



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 66.

Lacan, tratando o fenômeno do riso, evoca algumas de suas variantes:

Existe a simples comunicação do riso, o riso do riso. Há o riso ligado ao fato de que não convém rir. O riso incontido das crianças [...]. Há ainda um riso de angústia e até o da ameaça iminente, o riso nervoso da vítima que de repente se sente ameaçada por algo que ultrapassa até mesmo os limites de sua expectativa, o riso do desespero. E há até o riso do luto do qual se é bruscamente informado.³⁹⁷

Nos testemunhos do próprio Kafka e sobre este, aparecem essas manifestações de descarga, desespero e angústia mediante o riso e, ainda, uma outra variante. Não podemos nos esquecer da perplexidade a que nos lança o riso seco de “Odradek”, que soa como “farfalar de

³⁹⁶CALASSO. Disponível em: <La%20foto%20m%20bell%20pero%20m%20mutilada%20de%20Franz%20Kafka.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

³⁹⁷ LACAN. *Livro 5 – O seminário: as formações do inconsciente (1957-58)*, p. 135.

folhas caídas”,³⁹⁸ que não brota de pulmões, o riso inumano que ameaça sobreviver a tudo e a todos.

1.8.13 *Excrições II – Kafka orador, recitador: a leitura em voz alta (Vorlesung)*³⁹⁹

Leio em voz alta as novelas de Wilhelm Schäfer com o prazer atento com que passaria um fio pela língua.⁴⁰⁰

O corpo é a voz que fala, a mão que escreve. É o ar nos pulmões, a língua na boca, os músculos do braço, os nervos, a circulação do sangue e, sobretudo, é precisamente o lugar, o lugar onde tudo isso acontece, de onde a palavra sai e se dirige aos outros, se envia com todas as particularidades de tensão, de pulsação, de força e debilidade, com as entonações, com as profundidades da garganta e as harmonias da cabeça...⁴⁰¹

Uma prática exercida com fascínio por Kafka: a leitura em voz alta. A leitura em voz alta também fazia parte da escrita: “Primeiro anotar um pensamento, só depois lê-lo em voz alta, (*vorlesen*) não escrevê-lo enquanto se lê em voz alta, (*nicht vorlesend schreiben*) pois nesse caso só sai bem o impulso mental que conduz à escritura, e o que se está por escrever se dissipa.”⁴⁰²

“Li agora algumas páginas de *A vida de Karl Stauffers*. Uma crônica da Paixão de W. Schäfer, e sinto-me extremamente confuso e imobilizado por esta grande impressão que penetra o meu interior, a que só dou ouvidos por instantes”.⁴⁰³ No mesmo dia, lemos outra anotação:

Li recentemente às minhas irmãs a autobiografia de Mörike, comeci bem mas continuei melhor e, por fim, com as pontas dos dedos juntas, a voz sempre tranquila, derrubei obstáculos interiores, criei para minha voz uma paisagem cada vez mais vasta, e, por fim, o quarto inteiro à minha volta já nada admitia além dela. Até que meus pais, que voltavam da loja, tocaram à campainha.⁴⁰⁴

A participação das irmãs na arte da leitura em voz alta tem poder sobre sua relação com elas: “A princípio não gostei muito de Valli ontem à tarde, mas depois emprestei-lhe *Os*

³⁹⁸ KAFKA, A preocupação do pai de família. In: *O médico rural*, p. 44.

³⁹⁹ “Kafka, segundo Lothar Müller sem seu texto ‘*Kafkas zweite Stimme – der Vorleser und Redner*,’ (A segunda voz de Kafka: O leitor e o orador) teria se encantado pela prática da leitura em voz alta, construindo para si uma nova persona: a de recitador”. In SETTE. Kafka, autor performático: análise de elementos da performance em três narrativas breves, p. 31.

⁴⁰⁰ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 31/10/1911, p. 132.

⁴⁰¹ NANCY. Entrevista em 14/01/2017. Disponível em: <<http://www.eldeber.com.bo/brujuja/Jean-Luc-Nancy-El-cuerpo-es-la-voz-que-habla-20170113-0077.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

⁴⁰² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 01/09/1911, p. 608.

⁴⁰³ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 03/12/11, p. 172.

⁴⁰⁴ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 03/12/11, p. 173.

fracassados (Die Missgeschiten), ela lia um bocado e já devia estar sob a influência da história, e eu amei-a por causa dessa influência e acariciei-a.”⁴⁰⁵

A leitura em voz alta para as irmãs parece ser um momento muito especial pelo sentimento de unidade com o livro que a leitura com elas promove:

É só por vaidade que gosto de ler para as minhas irmãs (a ponto de hoje, por exemplo, já ser tarde demais para escrever). Não creio que vá alcançar qualquer coisa de importante com estas leituras em voz alta, domina-me sobretudo a obsessão de entrar nos bons livros que leio até me fundir com eles – não por mérito meu, mas graças à atenção das minhas irmãs, estimulada pelo que leio e indiferente ao que não é essencial –, e deste modo participo igualmente, sob o efeito encobridor da verdade, em toda a influência que a obra exerceu. Também por isso leio para as minhas irmãs de maneira realmente admirável, atribuo a certas entoações uma precisão a meu ver extrema, porque em seguida serei lautamente recompensado não apenas por mim, mas também por elas.⁴⁰⁶

Leitura que Kafka distingue de outra que, sem a presença feminina, não tem para ele o mesmo valor:

Mas se leio diante de Brod ou do Baum ou de outros, porque estou à espera de elogios, a minha leitura parecerá forçosamente má, mesmo que eles não saibam como costume ler bem, pois aqui consigo ver quem me ouve traça uma separação clara entre mim e a obra, não posso unir-me inteiramente ao que leio sem me tornar risível [ridículo] diante dos ouvintes, de quem não posso esperar nenhum apoio, plano com a minha voz sobre as páginas a ler, aqui e ali tento entrar na obra, porque é isso que querem, mas o esforço não é sério, porque não é isso que esperam de mim; o que realmente esperam de mim, que eu leia sem vaidade, com calma e distanciamento, com paixão apenas quando a minha paixão o exige, disso eu não sou capaz; embora julgue ter-me resignado e me contente assim em ler mal diante de todos salvo diante das minhas irmãs, a minha vaidade, que não deveria desta vez ter qualquer prerrogativa, não obstante revela-se, pois sinto-me ofendido se alguém faz um reparo ao que li, coro e tento apressadamente retomar a leitura, do mesmo modo como, uma vez que comecei a ler, tento continuar infinitamente (*endlos vorzulesen*), no desejo inconsciente (*unbewußten Sehnsucht*) de, no curso de uma longa leitura, se gerar dentro de mim o sentimento de unidade vaidoso e falso com aquilo que leio (*Gefühl der Einheit mit dem Vorgelesenen*), esquecendo então que nunca terei a repentina força necessária para influenciar com o meu sentimento a clara visão de conjunto do ouvinte e esquecendo também que em casa são sempre as minhas irmãs as que dão início a essa desejada confusão (*erwünschten Verwechslung*).⁴⁰⁷

Fazemos nossa a afirmação de Flora Sette, em dissertação recente, de que “Kafka enfatizava a sonoridade das palavras de uma forma única, reforçando a musicalidade das orações.”⁴⁰⁸ Kafka, em seu “Discurso sobre a língua iídiche”, já mencionado, deixa-nos um

⁴⁰⁵ KAFKA. *Diários* (Difel), 31/10/1911, p. 85-86.

⁴⁰⁶ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 04/01/1911(1912), p. 213.

⁴⁰⁷ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 04/01/ 1911(1912), p. 213-214.

⁴⁰⁸ SETTE. Kafka, autor performático: análise de elementos da performance em três narrativas breves, p. 31.

registro minucioso em três tempos de sua leitura musical, no que foi para ele o anúncio, a preparação da conferência e a leitura pública:

Em 08/02/1912 recebe um postal de Baum que não poderá fazer a conferência sobre os judeus orientais. Kafka deduz ter que ser ele a assumir o encargo:

fui tomado de tremores incontroláveis, como pequenos fogachos sentia as veias a latejar em todo o corpo; se me sentava, os joelhos tremiam-me debaixo da mesa e tinha de agarrar as mãos uma com a outra. Darei uma boa conferência, isso é certo, além disso, na própria noite estarei tão contraído por este paroxismo de desassossego e o discurso será disparado de mim como do cano de uma caçadeira. É, no entanto, possível que a seguir soçobre e demore muito tempo a recuperar. Tão pouca força física! Mesmo essas poucas palavras foram escritas sob a influência da fraqueza.⁴⁰⁹

Em 13/02/1912, temos o ensaio nos *Diários*:

Não terei muito mais tempo para me preparar e, no entanto, aqui estou eu a entoar um recitativo (*Rezitativ*) como na ópera. E isso apenas porque desde há dias sou assediado por uma agitação incessante e porque, antes de começar a sério, quero escrever umas poucas palavras só para mim, em algum recolhimento, para assim ganhar ímpeto antes de me expor ao público. Frio e calor alternam em mim como alterna a palavra no interior da frase, sonho com subidas e descidas melódicas, leio frases de Goethe como se percorresse a sua entonação com o corpo inteiro.⁴¹⁰

E, depois, os frutos colhidos da experiência de poder, em 25/02/1912:

Benefícios: alegria por Löwy e confiança nele, consciência transcendente durante a minha conferência (frieza perante o público, só a falta de prática me impede de alcançar a liberdade do gesto entusiasmado), voz forte (*starke Stimme*), memória pronta, reconhecimento, mas acima de tudo, a autoridade (*die Macht*) [o poder], com que cerceei, a bom som, preciso, resoluto, sem falhas, sem detença, de olhos claros, quase de passagem, a insolência dos três funcionários da Câmara e lhes dei 6 coroas em vez das 12 que pediam, e mesmo as 6 coroas com ar de grande senhor. Revelam-se aqui forças com as quais gostaria de poder contar se elas quisessem permanecer. (Os meus pais não estavam presentes).⁴¹¹

Mais de um ano depois, 11/12/1913, em uma época de crise com Felice, vemos anotado um fracasso na sala de leitura de um centro educativo e de entretenimento:

Na sala *Toynbee* fiz uma leitura do início de *Michael Kohlhaas* (Kleist). Um fracasso completo. Mal escolhido, mal apresentado. Por fim até andei absurdamente perdido no texto. Um público exemplar. Rapazes muito novos na primeira fila. [...] Leitura selvagem e má e imprudente e incompreensível. E à tarde já tremia de vontade de ler, mal conseguia manter a boca fechada.⁴¹²

⁴⁰⁹ KAFKA *Diários* – Diários de viagem (Relógio D'Água), 13/02/1912, p. 231.

⁴¹⁰ KAFKA *Diários* – Diários de viagem (Relógio D'Água), 25/02/1912, p. 231-232.

⁴¹¹ KAFKA *Diários* – Diários de viagem (Relógio D'Água), 25/02/1912, p. 233.

⁴¹² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D'Água), 11/12/1913, p. 375.

Em carta à irmã de Julie, desfiando os inúmeros defeitos que o desrecomendam como noivo, Kafka também destaca o poder da leitura em voz alta, mas agora como um capricho seu, que pode assustar o ouvinte: “Além do mais minha natureza, minhas leituras em voz alta, minhas ansiedades que parecem tão incompreensíveis para ela com sua disposição feliz, devem inicialmente tê-la impressionado como excepcionalmente estranhas.”⁴¹³

Mas outras declarações atestam que Kafka era um grande leitor como outros grandes escritores do século XIX que praticavam a leitura em voz alta: Oskar Baum era impressionado com a qualidade e intensidade de suas leituras:

Quando ele lia em voz alta – era sua grande paixão –, a desgraça da palavra violada se submetia inteiramente, apesar da nitidez de cada som, à ampliação da frase musical, em um ritmo às vezes vertiginoso, e sustentados por um fôlego indefinido, os crescendo escalonavam poderosamente seus planos dinâmicos. São esse os planos que encontramos na prosa: obras tão notáveis quanto “A dançarina de circo” estão encerradas no maravilhoso edifício de uma única frase.⁴¹⁴

A convite de Willy Hass, editor conhecido de Kafka e que mais tarde será o responsável pela publicação das *Cartas a Milena*, Kafka faz uma leitura pública no antigo hotel *Sroubek*, que realizava um encontro de escritores praguenses. Estava na audiência Rudolf Fuchs, que fica impressionado com a atuação de Kafka: “Kafka leu nessa ocasião sua novela *O veredicto*: Ele leu com tal magia, com tal tom de desespero contido que, mais ou menos vinte anos mais tarde, eu ainda o revejo de pé na pequena sala mergulhada na penumbra.”⁴¹⁵

Mas sua leitura mais marcante foi depois de receber o prêmio *Fontane* de literatura, quando leu *Na colônia penal*, na sala de conferências da antiga livraria Goltz, em 10/11/1916, em Munique. Max Pulver, amigo de Rilke, dá-nos o testemunho de ter ficado literalmente transtornado:

esqueci a maneira como ele leu. Desde suas primeiras palavras, pareceu-me que um leve cheiro de sangue começou a se propagar, e um gosto estranhamente insípido e vago se depositou sobre meus lábios. Sua voz tinha sem querer um ar de levemente desculpar-se, suas imagens penetravam em mim como facas, como agulhas de vidro provocando dores vertiginosas. Não era apenas a descrição de um suplício e de um aparelho de tortura por meio das palavras do carrasco executando a sentença e mergulhado em um doce êxtase. O ouvinte também era lançado nesses sofrimentos infernais, como a vítima, estendido sobre a cama de tortura, e cada nova palavra, como uma nova agulha, gravava lentamente em suas costas os termos da execução.⁴¹⁶

⁴¹³ KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 51.

⁴¹⁴ Baum *apud* LEMAIRE. *Kafka, biografia*, p. 189-190.

⁴¹⁵ Fuchs *apud* LEMAIRE. *Kafka, biografia*, p. 190; Fuchs *apud* BROD. *Franz Kafka*, p. 249.

⁴¹⁶ Pulver *apud* LEMAIRE. *Kafka, biografia*, p. 191.

E os ouvintes puderam constatar que houve outras vítimas atingidas pela leitura memorável. Durante a leitura, várias mulheres deixaram o recinto: “Depois, houve um barulho surdo de uma queda, a confusão encheu a sala, e levaram uma senhora que desmaiara. A descrição continuou. Suas palavras provocaram mais dois desmaios.”⁴¹⁷ Mas Kafka, que estava há dois anos sem escrever, tratou esse evento em carta a Felice chamando-o de um “fracasso grandioso” (*großartigen Mißerfolg*). Acusou-se então de ter cometido uma “Fantástica arrogância (*phantastischen Übermut*)”: “fazer uma leitura pública (*öffentlich vorzulesen*), quando já há 1 ano e 1/2 nada li nem a meus amigos mais íntimos”.⁴¹⁸

Em 24 de maio de 1913, Kafka tinha acabado de receber exemplares editados d’*O fogueira*. Acha o livro bom e por isso está de bom humor. Faz uma leitura em voz alta para seus pais: “Esta noite li-o para meus pais; não há melhor crítico que eu quando leio para meu pai, que ouve com a maior das relutâncias. Muitas passagens superficiais seguidas de profundidades impensáveis.”⁴¹⁹

Mas a leitura em voz alta para Ottilia, sua irmã preferida, é uma lembrança única que Kafka registra com júbilo inigualável em carta a Grete:

Es bonito *Der arme Spielmann*, ¿verdad? Recuerdo que una vez se lo leí en voz alta a mi hermana la menor como jamás en mi vida había leído otra cosa. Me sentía tan henchido de aquel texto que no quedaba lugar para error alguno de entonación, de respiración, de sonoridad, de simpatía, de comprensión, las palabras me salían con una naturalidad no humana, cada una de ellas me hacía feliz al pronunciarla. Es algo que no se volverá a repetir jamás, jamás me atrevería a leer de nuevo ese texto en voz alta.⁴²⁰

A leitura em voz alta tem a propriedade nodal de articular corpo e escrita na oralidade da transmissão.

1.8.14 A voz letrada

11- Os dentes são as grades da janela da prisão. A alma escapa através da boca, em palavras. Mas as palavras ainda são eflúvios do corpo, emanações, leves dobraduras do ar que vem dos pulmões e é aquecido pelo corpo.⁴²¹
 Todo o som é o invisível na forma do perfurador de envelopes⁴²²

⁴¹⁷ Mondt *apud* LEMAIRE. *Kafka, biografia*, p. 191.

⁴¹⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 07/12/1916, p. 763.

⁴¹⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), p. 195. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 344.

⁴²⁰ KAFKA. Carta a Grete Bloch 15/ 04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 552.

⁴²¹ NANCY. 58 indícios sobre o Corpo, p. 44.

⁴²² QUIGNARD. *Ódio à música*, p. 63.

O que é a voz? Pergunta Lacan, em seu Seminário XXI,⁴²³ “a voz não é o dizer”, não pode se confundir o fonético com o fonema. Se a voz é uma manifestação do objeto *a* é porque ela pode ser algo destacado do corpo, como vimos com as cartas e as fotos que Kafka beijava, guardava e manuseava. A voz nasce, como todo objeto *a*, de uma fenda no corpo, orifício de entrada e saída do corpo, topos de perda e de dom. Mas a voz é um objeto singular.⁴²⁴ Se os lábios se beijam, se os esfíncteres se contraem, e se as pálpebras cerram o olhar com sua borda ciliar, “Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar.”⁴²⁵ Pascal Quignard ressentiu-se disso em seu *Ódio à música*, realçando do sonoro o lado violento e diabólico:

O som ignora a pele, não sabe o que é um limite: ele não é nem interno nem externo. [...] O que é orelha não conhece nem pálpebras, nem paraventos, nem reposteiros, nem muralhas. Indelimitável, dele ninguém pode se proteger. [...] O som penetra. Ele é o estrupador. O ouvido é a percepção mais arcaica ao longo da história pessoal, antes mesmo do cheiro, bem antes da visão, ele se alia à noite.⁴²⁶

Desde a voz de trovão imperiosa até a mais doce e quase inaudível, as vozes penetram nos ouvidos e vibram, ressoam no corpo de Franz. Temos disso a ressonância: a presença, o tom e a flexão da voz, o sotaque ou o acento, surgem constantemente modulando a *performance* dos escritos, dos relatos e romances, quase como um personagem que sofre amplas variações, assim como a postura corporal já notada por Deleuze e Guattari: voz humana, voz feminina, voz masculina, voz de senhor, voz de moça, voz infantil, voz alta, muito alta, mais ou menos alta, voz baixa, mais ou menos baixa, muito baixa, voz ostensivamente baixa, voz grave, voz abafada, de dentro, voz profunda, do fundo da terra, voz rouca, voz de canário, cantante, voz de falsete, voz lacônica, voz distante, cochichada, voz tímida e encolhida, voz sibilante, sussurrante, murmurante, estremecida, voz suave, ofegante, meia voz, várias vozes, voz lacrimosa, chorosa, queixosa, voz afogada, ofegante, voz cava e crestada, voz firme, forte, voz débil, terna, voz conhecida, voz animada, viva, voz estridente, esganiçada, voz cantante, sonora, voz desafinada, voz pedinte, voz de dicção pura, clara, cordial, voz potente, voz poderosa e educada, voz queixosa e reprovadora, voz de comando, imperiosa, voz irada, colérica, voz baixa e categórica, voz severa e altiva, voz de Deus, de relâmpago, voz gritada, vozeirão, vozerio, balbúrdia, voz interior...

⁴²³ LACAN. *Le non-dupes errent*, lição 09/04/1974.

⁴²⁴ “Confrontado com a voz do Outro não é possível se escapar. Talvez seja essa particularidade que dê à voz este lugar preponderante no fenômeno da alucinação.” VIVÈS. O silêncio das sereias de Kafka: Uma aproximação literária da voz como objeto pulsional. In: *O Marrare*, p. 71.

⁴²⁵ LACAN. *Livro 11 – O seminário*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p. 184.

⁴²⁶ QUIGNARD. *Ódio à música*, p. 63.

Se o ser falante é, desde sua infância, tomado pela linguagem em uma alienação fundamental e necessária para sua constituição humana, as palavras, a articulação das letras domam o gozo gritante da voz do corpo. O sujeito responde, por sua vez, contaminando a língua com a impureza de seu desejo, de sua vivência e de seu sotaque próprio; nesse revide do corpo, a linguagem perde regra e ganha lógica vital na forma de exprimir, no gesto com que cada um toma e modula a palavra, em seu dizer sempre singular; é o que chamamos com Lacan, *lalíngua*.⁴²⁷ É *lalíngua* o efeito do corpo na linguagem, efeito da matéria sonora da voz presente nas cartas/letras, música que faz Kafka pedir a Milena para escrever em tcheco, porque a língua faz parte dela “porque o tcheco é parte de você, porque só nele está Milena toda ela”⁴²⁸

1.8.15 Kafka amusical?⁴²⁹

Mas experimentamos na leitura de Kafka uma relação profunda com a música.⁴³⁰

É preciso que o canto fale, ou melhor ainda, *escreva*”.⁴³¹

Kafka, que tantas vezes se diz sem dons musicais, ou não musical, tem uma relação singular com a música, na qual não se espera nada de especialmente musical. “Segundo Brod, Kafka não foi nada músico de acordo com o senso comum. [...] Ao despreziar todo efeito musical sua prosa áspera procede como a música mesma.”⁴³²

Apaixonado por uma canção, Kafka envia por carta o poema a Felice, lastimando não poder cantar sua melodia por carecer “completamente de memória musical”.⁴³³ Comenta Deleuze que “Certamente não é a música organizada, a forma musical que interessa a Kafka,

⁴²⁷ Tradução de *Lalangue* proposta por CAMPOS. O Afreudisíaco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Lacan e a Escritura) (1990). In: CESAROTTO (Org.). *Idéias de Lacan*.

⁴²⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. fins de abril/1920, p. 34.

⁴²⁹ Manuela Ribeiro Barbosa questiona a amusicalidade de Kafka de modo amplo em sua dissertação de 2008: *Dichterliebe: A poética de Kafka nas Cartas a Milena*: “Ora, diz Aulo Gélío, nas Noites Áticas, que ‘é velho o adágio: a gralha nada tem com a lira’. Será assim? É disto que agora passamos a tratar, lembrando que a musicalidade está presente não só nas cartas, como assunto, mas também no ritmo do envio e recebimentos do correio, com seus silêncios e pausas, na música de câmara exercida pelos dois correspondentes.” (p. 99). Em muitos momentos Barbosa defende a musicalidade mesma: “Michael Muller, no posfácio às narrativas curtas (*Contemplação*), anota como elementos poéticos na prosa lírica de Kafka ‘repetições, assonâncias, aliterações, ritmicidades, evocações, alusões, polissemias, metaforizações’ que colocariam em funcionamento ‘orquestras inteiras de associações.’ ” (p. 107). A expressão última é do próprio Kafka nos *Diários* (Relógio D’Água), em 19/09/1917, p. 517.

⁴³⁰ ADORNO. Anotações sobre Kafka. In: *Prismas*, p. 284.

⁴³¹ BARTHES. O grão da voz. In: *O óbvio e o obtuso*, p. 221.

⁴³² ADORNO. Anotações sobre Kafka. In: *Prismas*, p. 284. Brod observa em Kafka “o dom especial da sua arte musical da linguagem.” *Kafka*, p. 101.

⁴³³ KAFKA. *Cartas a Felice*, p. 101.

[...]. Não é a música composta, semioticamente formada que interessa a Kafka, mas uma pura matéria sonora.⁴³⁴ [...] Em “Investigações de um cão”, os cães músicos produzem uma grande algazarra, mas não se sabe como, já que não falam, não cantam e não latem, fazendo a música surgir do nada. Em “Josefina a cantora ou a cidade [povo] dos ratos, é improvável que Josefina cante, ela apenas assobia, e não melhor do que um outro rato, até mesmo pior, de tal maneira que o mistério de sua arte inexistente se torna ainda maior”. Assim como o nadador que não sabe nadar, Josefina é uma cantora que não sabe cantar. “Em América Karl Rossman toca muito rápido ou muito lentamente, ridículo, e ‘sentindo um outro canto subir nele’”, constatando que não sabe tocar nada. “Na *Metamorfose* o som intervém inicialmente como um gemido que arrasta a voz de Gregor e mistura a ressonância das palavras; e depois a irmã, no entanto musicista, consegue apenas fazer um violino gemer.”⁴³⁵ Esses estranhos efeitos sonoros Deleuze descreve como “matéria sonora intensa, sempre em relação *com a sua abolição*, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, ao canto, à fala, sonoridade em ruptura”,⁴³⁶ como o que temos no “Silêncio das sereias”.

Há um jogo de forças em Kafka entre a voz e o silêncio. A voz do Outro por vezes não convida ao laço, ao mundo, como a voz trovejante do pai que emudece Kafka. Em “O silêncio das sereias”, a sedução de gozo absoluto que viria do canto é vertida para o silêncio. No conto, uma variação pelo avesso do mito de Homero, Ulisses, de ouvidos cheios de cera, acredita que se defende do canto mortal impondo o silêncio, mas eis que o silêncio é a pior arma de sedução. Entretanto, considera que o conto talvez seja apenas “um jogo de aparências”⁴³⁷ que Ulisses encena, essa “raposa tão ladina”, sabendo que as sereias não cantam, mas silenciam; mas como está surdo escapa a ambos: da voz e do silêncio. (Porém há em Kafka uma outra dimensão do silêncio: Atitude mais invencível – e mais triste – que precisar defender-se das sereias é não ser por elas seduzido, porque não há canto que possa convocar o desejo, atrair... E o artista da fome jejua sem esforço porque nada lhe apetece.) Diante da determinação de Ulisses que se distancia, as sereias desistem de seduzir, mas visam agora ao brilho dos grandes olhos do viajante. Interessante notar que no conto estão presentes as duas vias privilegiadas dos objetos de captura do desejo: a voz e o olhar.

Retomando os comentários de Deleuze e Guattari, “No som, conta apenas a intensidade, geralmente monótona, sempre assignificante, “como n’*O processo* em que o grito contínuo e

⁴³⁴ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 10.

⁴³⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 11.

⁴³⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 11.

⁴³⁷ KAFKA. O silêncio das sereias. In: *Narrativas do Espólio*, p. 106.

imutável (*ungeteilt und unveränderlich*) de Franz parecia vir não de um ser humano, mas de um instrumento martirizado (*gemarterten Instrument.*),⁴³⁸ “o som não aparece aqui como uma forma de expressão, mas como uma matéria não formada de expressão, que vai reagir sobre os outros termos.”⁴³⁹ As aparições múltiplas do grito (*Schrei*), principalmente n’*O processo* e em *Comtemplação*, quase competem em frequência com os gritos (*cris*) dos escritos (*écrits*) na obra de Marguerite Duras.

Ameaçado pelo silêncio, com a tuberculose alcançando rapidamente a laringe, Kafka termina sua vida com menos que o fio da voz assobiante de Josefina, a cantora, seu último conto escrito. Mas como nos diz Duras, “Escrever é também não falar. É se calar. É berrar sem fazer barulho”.⁴⁴⁰ Kafka tem outras armas. Resta-lhe a voz *excrita* que percorre os séculos e que ele continua a produzir em cada leitor, a cada nova leitura: “quem sabe, quanto mais eu escreva e mais me libere, mais digno de você talvez chegue a ser, se bem que desde já, ainda há muitas coisas em mim que é preciso jogar fora, e as noites não poderão ser suficiente longas para um exercício, em mais alto grau tão voluptuoso”.⁴⁴¹

1.8.16 Fazer penetrar a voz: a força pulsional de um órgão volátil

Que fizeste tu com a dádiva do sexo (*Was hast du mit dem Geschenk des Geschlechtes getan*)?⁴⁴²

há um vínculo, trata-se de saber qual, entre o sexo e a palavra.⁴⁴³

Se um corpo é algo que não se é, e que em Kafka sempre aparece de um modo precário e pouco apropriado, aqui vemos Kafka ser tomado pelo movimento pulsional da própria voz dirigida ao outro, que faz um retorno de prazer e bem-estar sobre si próprio. Kafka descreve a Felice uma rara experiência em que celebra a potência em sua função de penetração:

Pois veja você, querida, extraio um gosto diabólico (*höllisch* [infernal]) de ler em público, gritar nos ouvidos preparados e atentos de uma platéia (*in vorbereitete und aufmerksame Ohren der Zuhörer zu brüllen*) faz muito bem a meu pobre coração. Aliás anulei magistralmente (*tüchtig angebrüllt*) [aos gritos] a música das salas vizinhas que penetrava na nossa para me despojar da satisfação de ler em voz alta; (*Vorlesen*), eu simplesmente a abafei com a potência da minha voz. Você sabe que impor-se às pessoas ou, no mínimo, acreditar no seu domínio sobre elas, (*Menschen*

⁴³⁸ KAFKA. *O processo* (Carone), cap. V: O espancador, p. 84.

⁴³⁹ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 11-12.

⁴⁴⁰ DURAS. *Escrever*, p. 26.

⁴⁴¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/11/1912, p. 114.

⁴⁴² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 18/01/1922, p. 546-547.

⁴⁴³ LACAN. *Livro 21 – O Seminário*: Les non-dupes errent, lição de 21/05/1974.

kommandieren oder wenigstens an sein Kommando zu glauben) não há nada melhor para o corpo. (*es gibt kein größeres Wohlbehagen für den Körper.*)⁴⁴⁴

Como grande sonhador que é com tudo que lhe toca fundamentalmente, a leitura em voz alta, essa prática que aciona seu desejo e gozo, frequenta também seus sonhos e devaneios. Continua seu relato a Felice:

Quando era criança — faz poucos anos que ainda o era— gostava de sonhar (*träumte*) que me encontrava em uma sala repleta de gente a quem lia em voz alta (*vorzulesen*) —certamente com uma maior potência cardio-vocal e espiritual (*größern Herz-Stimm- und Geisteskraft*) da que tinha naquela época— *la Éducation sentimentale* inteira e sem interrupção, durante quantos dias e noites se fizessem necessários, naturalmente que em francês (oh!, minha encantadora pronúncia!), e minha voz retumbava nas paredes.

Sempre que falei em público (o que aconteceu raramente), senti essa exaltação; falar é francamente melhor que ler, (*reden ist wohl noch besser als vorlesen*) coisa da qual nunca me arrependi até hoje. Há três meses —aí está o que me perdoa — é quase o único prazer público que me permito.⁴⁴⁵

Para Kafka, que emudecia e gaguejava diante do pai, a leitura de suas obras em voz alta, não era um gozo que só dizia respeito ao seu próprio corpo, mas incluía um prazer de se sentir penetrando e jaculando aos berros nas orelhas da audiência. Corpo a corpo. “O som nunca se emancipa totalmente de um movimento do corpo que o causa e o amplifica. Nunca a música se dissociará integralmente da dança que ela anima ritmicamente. Do mesmo modo a audição do sonoro nunca se separa do coito sexual.”⁴⁴⁶

Nesse ponto surge a hipótese que todo esse construto de um corpo pode ter conquistado a potência de fazer da voz pulsional – oral e literal – um órgão de penetração; revelando-se, com isso, o que de melhor Kafka conseguiu fazer com seu sexo, por meio de seu corpo de letras.

Kafka, o assintótico, o homem da carta desviada, “*en souffrance*”, da mensagem que nunca chega, do castelo que nunca penetra, da lei que nunca acessa, da mulher que nunca alcança, lança na órbita do tempo uma carta que não cessa de chegar a seu destino, fecundando e despertando o século XX, com a força kafkiana – ou seja, que vai além dos Kafka – de uma infinita repercussão no contemporâneo de temas que não perdem a atualidade, de tal forma carregam a marca do mais humano.

⁴⁴⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite entre 4 e 5/12/1912, p. 151; *Lettres à Felice*, p. 177; *Cartas a Felice* (Anima), p. 149-150.

⁴⁴⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite entre 4 e 5/12/1912, p. 151; *Lettres à Felice*, p. 177.

⁴⁴⁶ QUIGNARD. *Ódio à música*, p. 64.

Podemos dizer que se tornar voz é sua última metamorfose. “Seu nome se impôs como o único escritor moderno conhecido não apenas por leitores ilustrados e pelo grande público, o que já é raro, mas também pela massa de todos aqueles que não o leram.”⁴⁴⁷

É essa a estranha inscrição poética de Kafka, a de escrever e “discursar disparando uma espingarda”; a de “lançar palavras como pedras”;⁴⁴⁸ de tratar a pena como um órgão;⁴⁴⁹ de ser essa lâmina de aço que fere pela voz e pela letra, que se escreve com e no corpo, atingindo quem o lê, quem o ouve. “É bom quando a consciência recebe ferimentos graves porque isso a torna mais sensível”⁴⁵⁰ (*Gewissen breite Wunden bekommt*).

[...] penso que só devemos escrever livros que nos mordam, nos agulhoem (*beißen und stechen*). Se o livro que estamos lendo não nos desperta numa sacudidela com uma pancada na cabeça (*Wenn das Buch, das wir lesen, uns nicht mit einem Faustschlag auf den Schädel weckt*), para que perder tempo em lê-lo, em primeiro lugar? Para que nos faça felizes, como diz você? Deus meu, ficaríamos igualmente felizes (*glücklich*) se não tivéssemos livro algum. Os livros que nos tornam felizes (*glücklich*), nós mesmos poderíamos escrevê-los, numa emergência. Precisamos é de livros que nos atinjam como um infortúnio (*Unglück*) extremamente doloroso, como a morte (*Tod*) de alguém que amássemos mais que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido desterrados para os bosques, para longe de qualquer presença humana, como um suicídio (*Selbstmord*). Um livro deve ser um machado que rompe o mar congelado dentro de nós (*ein Buch muß die Axt sein für das gefrorene Meer in uns*). É nisso que acredito.⁴⁵¹

Kafka dizia que só podia escrever livros que fossem como aqueles que gostava de ler. Livros que ferem. A leitura como um despertar da anestesia da consciência alienada. Uma voz ética que trova um alerta, mas não um mandamento: “tocar no corpo, tocar o corpo, *tocar*, enfim – está sempre a acontecer na escrita.”⁴⁵² Mas as escritas não tocam da mesma maneira. A escrita de Kafka é uma escrita pulsional que carrega sabidamente o objeto voz em sua carta/letra. A sua estranha escrita repele e seduz, mas, sendo um enigma que penetra, revela-se assim um ato erótico. Evocamos Duras para comentar o sexo da escrita:

O corpo dos escritores participa de seus escritos. Os escritores provocam sexualidade a seu respeito. Como os príncipes e os poderosos. Os homens, é como se tivessem ido para a cama com a nossa cabeça, penetrado nossa cabeça juntamente com nosso corpo. [...] Eles (os escritores) são objetos sexuais por excelência.⁴⁵³

⁴⁴⁷ MOREL; ASHOLT. Avant-propos. In: *Franz Kafka...*, p. 11.

⁴⁴⁸ É com essa expressão que Janouch liga a linguagem angulosa de Kafka à dureza de um violento desejo de medida e precisão, determinada por caracteres pessoais e ativos. *Conversas com Kafka*, p. 19.

⁴⁴⁹ “A pena não é um instrumento para o escritor, mas um órgão.” Afirmação de Kafka segundo Janouch. *Conversas com Kafka*, p. 115.

⁴⁵⁰ KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 09.

⁴⁵¹ Kafka em carta a Oscar Pollak de 27/01/1904 *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 156; KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 9.

⁴⁵² NANCY. *Corpus*, p. 11.

⁴⁵³ DURAS. O corpo dos escritores. In: *A vida material*, p. 69.

Do outro lado da escrita, temos a erótica da leitura. Evocamos aqui Llansol, que nos fala em entrevista sobre o sexo de ler:

Eu penso que a leitura cria uma relação extremamente íntima com alguém. Alguém que lê profundamente é penetrado pelo que lê. E, digamos, essa penetração é expansiva, não é uma penetração que fique ali para utilidade própria. [...] E é assim que eu compreendo o amor e as relações de sexualidade, que não estão só centradas em órgãos determinados, mas que abrangem a totalidade do corpo e que existem para que o belo se perpetue, o prazer de estar, etc. Por isso é que eu considero a leitura uma espécie de sexo, porque de facto penetra profundamente, penetra profundamente e reproduz.⁴⁵⁴

⁴⁵⁴ LLANSOL. Um texto que é um rio.... Entrevista com Graça Vasconcelos, 18 fev. 1977. In: *Entrevistas*, p. 57-58.

CAPÍTULO 2 – KAFKA, TROVADOR (?)⁴⁵⁵

2.1 Kafka, o epistológrafo

Sempre achamos do outro lado o interlocutor mais propício para a obra que se está fazendo, como se este fosse um lugar necessário para cada escritura.⁴⁵⁶

Se Kafka é um escritor, é antes de tudo e principalmente um escritor de cartas, um epistológrafo. Sua correspondência supera⁴⁵⁷ em volume o de toda sua obra. No dizer de Deleuze e Guattari, a escrita de Kafka surge como uma “máquina literária nova”, uma “máquina de escrever cartas”.⁴⁵⁸ Inseparável dos escritos de ficção, Reiner Stach chega a chamar o conjunto das cartas de “contos epistolares”.⁴⁵⁹ Claude Le Manchec⁴⁶⁰ entende o conjunto das cartas como um retrato de um homem que emana do epistolar, mesmo considerando o inacabamento, a descontinuação e a fragmentação. Para Blanchot, sobre cada aspecto da vida de Kafka “as cartas nos oferecem, se não luzes, pelo menos a possibilidade de uma compreensão mais matizada” presentificando melhor o movimento de toda uma vida que, com afirmações extremas e permanentes desde a juventude, não deixam de se transformar ao longo do tempo.

Esse movimento na imobilidade é rico e enigmático. As palavras da adolescência, as da maturidade talvez pareçam sobrepor-se, são as mesmas, são muito distintas e, no entanto, não diferentes, ainda que como eco de si mesmas em níveis de entendimento mais ou menos profundos.⁴⁶¹

Para Deleuze e Guattari, se as cartas de Kafka fazem parte de sua obra, é porque o móvel epistolar constitui “[...] uma engrenagem indispensável, uma peça motriz da máquina literária”,⁴⁶² na qual a realidade e a ficção se mesclam, se entretecem como também acontece com os *Diários*. Mas não se pode esquecer que a máquina literária é antes uma máquina de leitura. Kafka desde muito novo era um leitor voraz de gêneros muito variados e frequentava um vasto epistolário. Era fascinado pelas biografias, autobiografias, diários e cartas, desde os

⁴⁵⁵ Com o ponto de interrogação questionamos aqui se o termo trovador nominaria de todo o canto de Kafka.

⁴⁵⁶ THONIS. Prólogo das *Cartas de Joyce a Nora*, p. 4.

⁴⁵⁷ Kafka consumia os escritos íntimos de Flaubert, Goethe, Grillparzer, Kleist, Hebbel e outros.

⁴⁵⁸ DELEUZE; GUATTARI. *O anti-Édipo*, p. 518.

⁴⁵⁹ STACH. ¿Nos estan destinadas las cartas de Kafka?

⁴⁶⁰ LE MANCHEC. Kafka epistoler. In: *Franz Kafka en tout, je n'ai pás fait mes preuves*, p. 7.

⁴⁶¹ BLANCHOT. La última palabra. In: *De Kafka a Kafka*, p. 271.

⁴⁶² DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 44.

menores aos grandes escritores. Certamente essa leitura não era para Kafka uma mera curiosidade e forjou sua formação como escritor e como homem.

Supõe Pawel que Kafka, tão confiante na palavra, talvez buscasse nessas leituras constatar “que havia pessoas capazes de pôr um pé adiante do outro e, dessa forma, progredir em seu próprio ritmo do nascimento até a morte. Para alguém que, vez após outra, descobria-se paralisado pelo medo e pela indecisão, isso devia trazer algum consolo”.⁴⁶³

De modo mais assertivo, Deleuze sustenta que “Não há lugar para perguntar se as cartas fazem ou não parte da obra, nem se são fonte de certos temas da obra; fazem parte integrante da máquina de escritura ou de expressão”. E justifica indo mais além da escrita de Kafka: “É dessa maneira que é preciso pensar as cartas em geral como pertencendo plenamente à escritura, fora da obra ou não, e compreender também porque certos gêneros, tais como o romance, tomaram naturalmente emprestada a forma epistolar”.⁴⁶⁴

Michel Foucault, trabalhando as escritas de si, lembra com Sêneca que a correspondência faz às vezes de uma espécie de diário quando, “ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz. A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”.⁴⁶⁵

Silvina Lopes faz uma importante ressalva quanto ao estudo da correspondência de grandes autores. Segundo a autora, a pesquisa deveria ir muito além do interesse, um tanto suspeito, em buscar a verdade do autor devassando as escritas do íntimo. Essa curiosidade pode ser mesquinha, conduzindo a desvios de leitura que reduzem a grandeza de um autor e sua obra a mexericos e banalidades. Ao contrário, para Lopes, o estudo da correspondência implica em uma “rede complexa de referências”, um “espaço múltiplo, que não devemos pretender confinar a um só mundo”, uma “zona de risco”⁴⁶⁶ que pede à leitura fôlego de explorador, para não correr o perigo de se ver reduzida a bisbilhotagem. É o que nossa orientação adotará, circunscrita pelo recorte da temática proposta, mas não evitando enfrentar o imenso corpo escrito da correspondência de nosso autor.

Tratando-se de cartas, e de cartas salvas do fogo como as de Kafka, não podemos nos esquecer de que a psicanálise tem uma relação de origem com a troca epistolar. Foi por meio de uma longa correspondência de Freud com Fliess, entre 1887 e 1902, que emergiu a

⁴⁶³ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 157.

⁴⁶⁴ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 48-49.

⁴⁶⁵ FOUCAULT. A escrita de si. In: *Ditos e Escritos V*, p. 153.

⁴⁶⁶ LOPES. Na margem do desaparecimento. In: *Em defesa do atrito*, p. 102.

psicanálise. A troca epistolar precipitou a escrita d'*A interpretação dos sonhos* e fez Freud elaborar muitos conceitos que desenvolveria mais tarde em toda sua obra. Essa correspondência, que ficou engavetada por anos, inclui o “Projeto para uma psicologia científica”, também enviado a Fliess, e nos revela a importância que teve o destinatário para acolher o jorro criativo que em Freud fervilhava. Toda essa correspondência, salva da destruição por Maria Bonaparte, hoje está publicada.⁴⁶⁷

Se a busca editorial pelo acesso à intimidade não nos espanta entre os grandes nomes da literatura, isso nos surpreende menos ainda em um homem que dizia “ser literatura”. Sua vida, suas dores e amores, seus diários e anotações, tudo em Kafka é literatura, e com as cartas não poderia ser diferente. Assim como a epístola mais extensa, a *Carta ao pai*, a quase totalidade das outras cartas escritas por Kafka, como frequentemente acontece com os grandes escritores, recusaram-se a se limitar ao trajeto entre o remetente e o destinatário, ganhando o alcance de obras literárias, pedindo sempre reedições e novas leituras.

2.2 O amor pelas cartas – o corpo da carta

Não diga que duas simples horas de vida valem mais que duas páginas escritas; a escritura é mais pobre, porém mais clara.⁴⁶⁸

Cartas aos amigos, Carta ao Pai, Cartas a Felice, Cartas a Milena, Cartas a Ottilia e a família... Para este “trovador (*Minnesänger*) desconhecido da primeira metade do século XX”,⁴⁶⁹ é principalmente por meio das cartas que acontece sua experiência com o outro: seja familiar, amigável ou amorosa. Mas, para Deleuze, no que diz respeito à correspondência de Kafka, há uma invariante:

Cartas a tal ou tal mulher, cartas aos amigos, carta ao pai; no entanto, há sempre uma mulher no horizonte das cartas, é ela a verdadeira destinatária, aquela que se supõe que o pai tenha feito com que ele não a tivesse, aquela com quem os amigos desejam que ele rompa, etc. Substituir o amor pelas cartas de amor (?)⁴⁷⁰

A cada Dante, sua Beatriz. Dante Alighieri não precisou ver a musa de sua vida inteira mais de uma vez, e aos nove anos de idade, para eternizá-la em mais de um canto. O mundo de

⁴⁶⁷ “[...] as ideias nele (projeto) contidas persistiram e, eventualmente, se metamorfosearam nas teorias da psicanálise”. STRACHEY, James. Introdução do Editor inglês para o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Edição Standard brasileira das obras completas de S. Freud. Vol. I, p. 384.

⁴⁶⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 06/06/1920, p. 73; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 39.

⁴⁶⁹ HELLER. Le vrai testament de Kafka. Essai liminaire. In: *Lettres à Felice*, p. 9 ; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 11.

⁴⁷⁰ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 44.

Kafka se não é dantesco é também muito peculiar, kafkiano. Kafka conhece “A moça F.B”, Felice Bauer, na casa dos Brod em 13/08/1912. Descreve-a uma semana depois em seus *Diários*, com poucas e breves palavras um tanto depreciativas, se não realçando defeitos, riscando traços que desenham bem mais uma caricatura desfavorável: “Rosto ossudo e insignificante que suportava francamente sua insignificância. Pescoço descoberto”, “Nariz quase quebrado. Cabelos loiros um pouco escorridos e sem charme, queixo forte”. “Parecia uma criada”⁴⁷¹ [...]. E com essas e outras observações teve de sua futura noiva “um juízo inabalável (*ein unerschütterliches Urteil*)”.⁴⁷² Mas depois dessa impressão definitiva, saber que Felice era copista atingiu Kafka de tal maneira que produziu um acontecimento. Kafka dá um soco sobre a mesa marcando o momento em que Felice entra em sua fantasia, gesto que decide uma relação: “guardo ainda na memória algo que ocorreu no outro cômodo, e que me deixou de tal modo assombrado que dei um golpe sobre a mesa. Disse você então, que gosta de copiar manuscritos”.⁴⁷³ Felice era uma a leitora/escriva profissional e começou a trabalhar cedo para ajudar a família. Em 1908 trabalhou como estenógrafa em Berlim, na Odeon, e a partir de 1909 como estenodatilógrafa na Companhia Carl Lindstöm, onde, em poucos anos, chega a ocupar um alto cargo.⁴⁷⁴ Uma copista pode ser também uma leitora apaixonada. Essa relação não prepara Felice para ser uma escrava da correspondência? Parece ser essa a lógica que acompanha o pensamento de Deleuze e Guattari: “Desterritorializar o amor. Substituir o *contrato conjugal* tão temido por um pacto diabólico. As cartas são inseparáveis desse pacto, são esse próprio pacto”.⁴⁷⁵ Deleuze comenta que Kafka, no horror da conjugalidade, substitui “o destino por uma destinatária”.⁴⁷⁶ Um único encontro com Felice Bauer acaba encadeando uma intensa correspondência de cinco anos, somando mais de quinhentas cartas, dedicatória no conto *O veredicto* e dois noivados insólitos. Um fragmento mínimo bastava para toda uma construção particular. Kafka mal a conhecia, mas à sua eleita destina centenas de cartas, com frequência, mais de uma ao dia. Comenta Piglia: “Felice é quase uma desconhecida, em muitos sentidos, um personagem inventado pelas próprias cartas”.⁴⁷⁷ Isso torna a correspondência

⁴⁷¹ Kafka *apud* LEMAIRE. *Kafka*, p. 150.

⁴⁷² KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’água)*, 20/08/1912, p. 268; *Diários (Difel)*, p. 182.

⁴⁷³ KAFKA. *Lettres à Felice*, 27/10/1912, p. 68; *Cartas a Felice (Alianza)*, p. 57.

⁴⁷⁴ Comenta Pawel que isso para uma jovem de sua época e lugar era uma realização notável. Esse feito corrobora o testemunho de todas as fontes “que a descrevem como altamente eficiente, sensata, expansiva e dotada de uma grande dose de senso de equilíbrio e senso prático. Kafka muito admirava essas qualidades que por sua vez sentia faltar em si”. *O pesadelo da razão*, p. 259.

⁴⁷⁵ DELEUZE; GUATARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 44.

⁴⁷⁶ DELEUZE; GUATARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 48.

⁴⁷⁷ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 39.

inseparável de uma escrita de ficção e faz do amor um ato de invenção. Isso é uma das maneiras de ouvir aquele que afirma “ser literatura”.

Conta Stach que no dia que Kafka conheceu Felice, um equívoco revelou seu desejo epistolar: “Quando ela lhe perguntou onde ele morava – por pura cortesia, para saber se ele não teria de fazer um trajeto muito longo –, Kafka pensou que ela estava pedindo seu endereço postal para escrever-lhe uma carta”.⁴⁷⁸

Uma vez na rua caí em um de meus estados crepusculares, estados que não são precisamente raros e nos quais não reconheço mais nada com clareza, a não ser minha própria inutilidade. Na *Perlgasse* a senhorita me perguntou onde morava, talvez para me ajudar a sair do meu embaraçoso mutismo, querendo, evidentemente, saber se o caminho para minha casa coincidia ou não com o caminho para o hotel; mas para mim, infeliz idiota, não me ocorreu outra coisa que responder perguntando-lhe, em contrapartida, se queria saber meu endereço supondo provavelmente que, mal chegando a Berlim, a senhorita gostaria, com um desejo ainda ardente, de escrever-me sobre a nossa viagem à Palestina e, consequentemente, não se aventurar a me enviar uma carta, sem ter meu endereço nas mãos.⁴⁷⁹

O início do namoro é o começo de uma correspondência. Mas, de todo modo, se a carta vinha no lugar do contato, nada parecia substituir a escrita: “A escrita é a única forma de expressão que me convém, e ela permanecerá mesmo quando estivermos juntos”.⁴⁸⁰

Kafka, com a escrita das cartas, inclui o encontro com uma mulher em sua vida de “apenas literatura”, pois o encontro com Felice é principalmente uma invenção literária: “Um homem se apaixona por uma mulher que ele viu apenas uma vez; toneladas de cartas; [...]. A correspondência com Felícia é preenchida por essa impossibilidade de vir. É o fluxo das cartas que substitui a visão, a vinda”.⁴⁸¹ A ação é adiada pela intenção escrita e percorre lugares sem nunca se decidir.

Piglia nos dá a receita kafkiana de como escravizar uma mulher pela escrita: “Para Kafka, Felice se transformará basicamente numa leitora, e ocupará diversas posições de espera. Tem de ler as cartas, os manuscritos”.⁴⁸² Kafka pergunta em carta ao amigo Brod: “é verdade que se pode prender as jovens escrevendo a elas?”⁴⁸³ Continua Piglia: “Para fazê-la fazer o quê? Ler... Antes de mais nada é preciso pô-la à prova com as cartas: depois submete-a a uma leitura interminável,

⁴⁷⁸ Stach *apud* PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 60.

⁴⁷⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 27/10/1912, p. 58-59; *Lettres à Felice*, p. 70.

⁴⁸⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 20/08/1913, p. 510; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 443.

⁴⁸¹ DELEUZE; GUATARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 47.

⁴⁸² PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 59.

⁴⁸³ “Wenn es wahr wäre, daß man Mädchen mit der Schrift binden kann?”. KAFKA. Carta a Brod, 13/07/1912. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 122.

uma exigência contínua”.⁴⁸⁴ Felice, que confessa ser capaz de passar a madrugada lendo,⁴⁸⁵ deve ser uma leitora obediente, mantendo-se presa entre a escrita e a leitura em um mecanismo de controle e sedução. Sabendo da função das criadas na vida e na obra de Kafka, não é insignificante o fato de descrevê-la como uma “empregada”. Kafka fora criado por elas na ausência da mãe que ajudava o marido Hermann no trabalho com a loja. Sobre o modo como incide o olhar de Franz para Felice, comenta ainda Piglia: “Digamos que esse modo de descrevê-la, de defini-la, é um sinal de que se deteve nela, ou melhor, de que a levou para seu mundo. Assim vê Kafka, e assim narra: captura alguma coisa do mundo real e a leva para a caverna”.⁴⁸⁶ A escolha por Felice, no mundo kafkiano, é como uma transformação que sofre Kafka/Drácula diante da leitora/escriva, mutação vampiresca que Deleuze vê operar-se em Kafka: “trata-se de uma maneira de narrar e de uma maneira de ver; sempre há uma transformação, sempre há uma metamorfose”.⁴⁸⁷ Na passagem que segue, Kafka justifica os detalhes com os quais se esmera em descrever o primeiro encontro com Felice:

Eu os anotei para responder à sua observação de que a senhorita teria passado quase despercebida naquela noite; também os anotei porque eu já tinha resistido demais ao desejo de descrever essas lembranças para que elas sobrevivessem. E agora a senhorita olha com horror (*Schrecken*) para essa massa de papel escrito (*Masse beschriebenen Papiers*); primeiro amaldiçoa a sua observação, que é causa da mesma; em seguida a senhorita amaldiçoa a si mesma, por ter que ler tudo isso, depois, talvez movida por uma leve curiosidade, lerá até o fim enquanto seu chá esfria completamente (*gänzlich*) e, finalmente, a senhorita se sente tão mal-humorada que jura por tudo o que lhe é mais caro que, de modo nenhum, desejará completar (*ergänzen*) minhas lembranças com as suas, esquecendo-se, em seu enfado, que completar (*Ergänzen*) não dá tanto trabalho quanto ser o primeiro a escrever, e que ao completar (*Ergänzen*) a senhorita me daria uma alegria muito maior que a que eu consegui com esta primeira coleta do material (*Sammlung des Materials*).⁴⁸⁸

Um dia depois, na carta seguinte, Kafka, em franca denegação, nos revela todas as boas intenções que nutre ao escrever uma carta tão extensa à senhorita Felice:

Não creia que com outra interminável carta (*endlosen Brief*) como a de anteontem, pela qual já me censurei bastante, queira tirar-lhe, não apenas o tempo de leitura (*Zeit des Lesens*) necessário, mas também suas horas de descanso comprometendo a senhorita a respostas longas e regulares. Deveria ao menos me envergonhar (*schämen*) se me convertesse na praga (*Plage*) de suas noites, e ainda mais após duras horas de trabalho. Minhas cartas não querem ser isso, não mesmo, mas, ao fim e ao cabo, quem decide sobre isso é a senhorita e certamente a senhorita não pode ter compreendido de

⁴⁸⁴ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 59.

⁴⁸⁵ “O fato de ainda não ter feito sua bagagem e de ainda querer ler na cama deixaram-me inquieto em relação a você. Na noite anterior você leu até as 4 horas da madrugada”. KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 27/10/1912, p. 59; *Lettres à Felice*, p. 71.

⁴⁸⁶ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 58.

⁴⁸⁷ PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*, p. 58-59.

⁴⁸⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 27/10/1912, p. 60; *Lettres à Felice*, p. 72.

outra maneira. Somente é preciso – e isso é o importante (*Wichtige*) – e isso é o importante (*Wichtige*) (tão importante [*wichtig*] que, com a pressa, se converte em uma ladainha) que a senhorita não passe muito tempo me escrevendo pela noite, mesmo quando, independente de minhas cartas, sinta um desejo espontâneo de fazê-lo.⁴⁸⁹

Dito isso, logo em seguida, declara a culpa que sempre o acompanha: “– Não quero ter a sensação de que a retenho até tarde da noite”. Mas sabemos que é mesmo o fato de Felice ser uma leitora insone que a faz sua namorada. A mulher leitora torna-se, assim, conectora entre a escrita e a vida. Quando se desentende com Felice, ao fim do primeiro noivado, é a presença de uma amiga da noiva, Grete Bloch, que faz a conexão não só com Felice, mas com o mundo ou com aquilo que ele não tem acesso. No trecho da carta a Grete citado abaixo, Franz sente-se transferido ao corpo do outro:

Foi encantador de sua parte ter ido ao museu. Não pensava em inteirar-me de coisas novas (ainda que isso se produza também), tinha somente a necessidade de que você tivesse estado no quarto de Grillparzer, e que por obra e graça disso se estabelecesse entre o quarto e eu uma espécie de vínculo corporal.⁴⁹⁰

2.3 Kafka vampiro: o “fluxo sanguíneo” (*Blutkreis*) das cartas no corpo

As cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha.⁴⁹¹

Na correspondência com Felice, no afã de estar próximo, junto à noiva, demanda a escrita feita à mão e não à máquina, pede minúcias de sua vida cotidiana, da família, descrição do ambiente de trabalho, de seu quarto, a lista de seus livros, fotos e cartas de familiares, cartas, cartas e mais cartas. Kafka exige a marca da presença de Felice, mesmo a distância. Ele busca uma espécie de “letransporte” que nos remete ao que Foucault lembra com Sêneca, o fato de que a carta aproxima os correspondentes construindo uma presença concreta e quase física:

Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos de nossos amigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar.⁴⁹²

Com a finalidade declarada de saber de todos os aspectos e movimentos da vida da amada, Kafka pede, ou antes, exige, que ela lhe escreva mesmo um diário.

⁴⁸⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 29/10/1912, p. 61; *Lettres à Felice*, p. 72-73.

⁴⁹⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 12/05/1914, p. 576; *Lettres à Felice*, p. 657.

⁴⁹¹ DELEUZE; GUATARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 45.

⁴⁹² Sêneca *apud* FOUCAULT. A Escrita de si. In: *Ditos e Escritos V*, p. 156.

redija então, um pequeno diário para mim, é pedir menos e dar mais. Naturalmente, como não a conheço de todo, será preciso anotar mais coisas que o suficiente para a senhorita mesma. Um dia deverá anotar a que horas chegou do trabalho, o que tomou no café da manhã, o que se vê da janela do seu escritório, que espécie de trabalho se faz neste lugar, como se chamam seus amigos e amigas, porque lhe enchem de presentes, quem quer estragar-lhe a saúde dando-lhe guloseimas, assim como mil outras coisas das quais ignoro a existência e a possibilidade de descobri-las. Sim quando será nossa viagem a Palestina? Será logo, com certeza na primavera ou no próximo outono.⁴⁹³

Com Milena, acompanhando os preparativos de uma viagem de seu amor, não será diferente. Kafka quer ir junto, mas via caixa postal.

Envíame, por supuesto, tu lista de deseos, cuanto mayor, mejor; me meteré en cada libro, en cada cosa que quieras para viajar en ella a Viena (contra eso no tiene nada el director), dame así, en lo posible, muchas ocasiones de viajar. [...]. Por lo demás casi me alegro de que lleguen tus vacaciones, salvo por el mal servicio postal. Me describirás brevemente, verdad, cómo es aquello, tu vida, tu alojamiento, tus caminos, la vista desde la ventana, la comida: para que yo pueda vivir un poco contigo.⁴⁹⁴

Retomando a troca epistolar com Felice, Kafka não quer assustá-la com sua demanda imperativa de cartas, mas não deixa de pedir-lhe ainda, no início da correspondência, a um só tempo tímida e avidamente, a frequência de algumas linhas.

Cinco linhas, sim, a senhorita poderia escrevê-las à noite de vez em quando, a propósito do que não posso, apesar de todos os meus esforços contrários, impedir-me de fazer a observação um tanto brutal de que 5 linhas podem ser escritas com mais frequência que longas cartas. A visão de suas cartas sob a porta (*Der Anblick Ihrer Briefe in der Türe*) – agora chegam até o meio dia – é algo que poderia fazer-me esquecer todo escrúpulo em relação à senhorita, mas, por outro lado é-me igualmente intolerável ler a hora de expedição, ou a suspeita de que eu a esteja privando de um passeio. Será que tenho o direito de desaconselhar-lhe o Piramidon se sou em parte responsável por suas dores de cabeça?⁴⁹⁵

Mas essa demanda comedida de poucas linhas é somente inicial. O tempo irá revelar o que há de monstro no médico. A avidez pelas cartas evoca em Deleuze e Guattari uma imagem bem de acordo com aquele que se achava o “parasita da família”. Lembrando Kafka falando pela voz do pai: “inseto daninho que não apenas pica, mas ainda suga o sangue para conservar a vida. Este é o verdadeiro soldado profissional, e tu o és”.⁴⁹⁶

⁴⁹³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza) 28/09/1912, p. 46; *Lettres à Felice*, p. 54-55; *Cartas a Felice* (Anima), p. 15.

⁴⁹⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 06/08/1920, p. 218.

⁴⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 23/10/1912, p. 62; *Lettres à Felice*, p. 73.

⁴⁹⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 94.

Retomando Deleuze e Guattari, “Há algo de Drácula em Kafka”. Os autores então narram de modo fascinante o que poderia ser o roteiro de um filme cômico de terror.

Há um vampirismo das cartas, um vampirismo propriamente epistolar. Drácula, o vegetariano, o jejuador que suga o sangue dos humanos carnívoros, não tem seu castelo muito longe. [...] um Drácula por cartas, e as cartas são da mesma forma morcegos. Ele vigia a noite, e de dia se encerra em seu escritório-ataúde. “A noite não é bastante noturna...”.⁴⁹⁷

E Deleuze brinca, explora e leva adiante a comparação metamórfica: “Kafka-Drácula tem a sua linha de fuga no quarto, sobre sua cama e sua fonte de força longínqua naquilo que as cartas lhe trarão. Só teme duas coisas: a cruz da família e o alho da conjugalidade. As cartas devem trazer-lhe sangue, e o sangue dar-lhe a força de criar”.⁴⁹⁸ Criação essa que é para ele “a recompensa por servir ao diabo”.⁴⁹⁹ E para isso é preciso sangue: “Um fluxo de cartas por um fluxo sanguíneo”.⁵⁰⁰ Sobre a correspondência com Felice, comenta ainda Costa Lima: “A relação amorosa entre Kafka e Felice poderia ser comparada a um sistema de tráfego com duas mãos. Na direção Kafka → Felice, circulam dejetos, o processo físico da descarga; na direção oposta, Kafka recebe de Felice alimentos, o processo químico do fortalecimento”.⁵⁰¹

Diferente de muitos autores e biógrafos, como Canetti,⁵⁰² que veem Kafka como alguém que se envergonha de seu corpo e se sente por isso humilhado e desprotegido, para Deleuze e Guattari, Kafka usa sua fragilidade, sua magreza, de modo conveniente e manipulador para arrancar as cartas/sangue de Felice. Na “caça ao vampiro”, continuam os autores, “Kafka não para de escrever a Felícia, só a tendo visto uma vez. Com todas as suas forças quer impor-lhe um pacto: que ela escreva duas vezes por dia. É isso o pacto diabólico”.⁵⁰³

Nas cartas a Felice, a exigência da escrita é sempre acompanhada de muitos remorsos, por se sentir um detestável suplicante: “Cinco linhas, sim, você poderia escrevê-las à noite, de tempo em tempo [...] cinco linhas podem ser escritas com mais frequência que longas cartas”.⁵⁰⁴ E em outra carta, dois dias depois, “Posso ousar fazer um pedido como já o fiz, para escrever-me apenas cinco linhas?”.⁵⁰⁵

⁴⁹⁷ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 45.

⁴⁹⁸ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 45.

⁴⁹⁹ BLANCHOT. La última palabra. In: BLANCHOT. *De Kafka a Kafka*, p. 275, citando carta a Brod de 05/07/1922. (Ver também *Cartas aos meus amigos*, p. 152.)

⁵⁰⁰ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 45.

⁵⁰¹ LIMA. *Os limites da voz*, p. 25.

⁵⁰² CANETTI. *O outro processo*: as cartas à Felice.

⁵⁰³ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 47.

⁵⁰⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 29/10/1912, p. 62.

⁵⁰⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 31/10/1912, p. 62.

Pouco tempo depois pede a Felice o inverso, que escreva menos, uma vez por semana, porque se não fica tomado por ela e pelas cartas.

Escreva-me somente uma vez por semana, e de tal maneira que eu receba a carta no domingo. Devo dizer-lhe que não suporto suas cartas diárias, não estou em condições de suportá-las. Respondo, por exemplo, a sua carta e fico aparentemente tranqüilo na cama, mas meu corpo inteiro se vê atravessado por palpitações e meu coração nada mais reconhece exceto a senhorita.⁵⁰⁶

Quando se sente mal por exigir muito de Felice, “Que difícil é ficar desacostumado das duas cartas diárias”,⁵⁰⁷ de se sentir um pedinte de cartas insuportável, um carrasco sem escrúpulos, se prescreve o pior dos castigos, ou seja, ficar sem as cartas.

aquel que hace infundados reproches a su amada y perturba su sueño matinal de un día de fiesta con sus estúpidas peroratas se merece no ya una buena reprimenda, se merece (por nombrar algo horrible, casi insoportable) no recibir carta alguna durante dos días. No te inquietes pues, mi amor, no volveré a ser tan pusilánime, perdóname, todo el daño que te hago proviene solo de una fuente, mi amor por tí.⁵⁰⁸

Em meados de novembro de 1912, ainda no ano em que os futuros noivos se conheceram, Franz fica sabendo que Brod, em visita a Felice e junto a ela, referiu-se ao que ele acreditava ser, da parte de Kafka, um amor doentio. Felice havia ruborizado. Ao saber disso, Kafka não se furta a uma dura análise, mas, sem renunciar a seu lado “diabólico”, se põe empaticamente na pele de Felice.

Y puesto que ruborizarse equivale a responder afirmativamente, tu rubor significaba en este caso –incluso sin tú saberlo– lo siguiente: «Sí, él me quiere, pero eso es una gran desgracia para mí. Pues cree que el hecho de amarme le da derecho a atormentarme, y está haciendo uso al máximo de este imaginario derecho. Casi todos los días llega una carta en la que soy torturada hasta sangrar, si bien luego llega una segunda que pretende hacer olvidar la primera, pero ¿cómo olvidarla?

Continuamente habla de un modo enigmático, no hay manera de conseguir que lo haga abiertamente. Puede que lo que tenga que decir no se preste a ser escrito, pero, por el amor de Dios, entonces lo que debería hacer es poner fin de una vez a todo ello y escribir como una persona razonable. Desde luego él no desea torturarme, porque me ama, eso yo siento que es así, desmesuradamente, pero debería no torturarme más de ese modo, e impedir que su amor me haga desdichada». ¡Mi queridísima oradora! Daría mi vida por ti, pero no puedo dejar de torturarte. Tu Franz.⁵⁰⁹

⁵⁰⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11/11/1912, p. 102; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 86.

⁵⁰⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 03/12/1912, p. 148.

⁵⁰⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26-27/12/1912, p. 207.

⁵⁰⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/12/1912, p. 144-145; *Lettres à Felice*, p. 170.

No dia seguinte, admirando uma foto enviada por Felice em uma excursão quando era mais jovem, novamente predestina: “Com quanta cautela e desconfiança você me olha, como se tivesse um vislumbre desse espírito atormentador (*Plagegeistes*) que quatro anos mais tarde ia rondar-lhe”.⁵¹⁰ E ainda mais tarde nas cartas à futura noiva: “quero ser para você seu anjo bom, não seu demônio torturador”.⁵¹¹

Uma fraqueza, que surge como diabólica, volta muitas vezes nos escritos de Kafka, como no conto “Onze filhos”. “Meu décimo primeiro filho é delicado, sem dúvida o mais fraco dos meus filhos; mas engana com a sua fraqueza”.⁵¹² “Diabólico em sua inocência”, é a acusação do pai a Georg n’*O veredicto*: “Na verdade você era uma criança inocente, mas mais verdadeiramente ainda você era uma pessoa diabólica! (*Ein unschuldiges Kind warst du ja eigentlich, aber noch eigentlicher warst du ein teuflischer Mensch!*)”. Novela cuja trama toda gira também em torno de cartas (a correspondência com o amigo na Rússia que divide Georg e o pai). “Diabólico!” Kafka sabe o quanto isso se aplica a ele. “Diabólico com toda a inocência (*Teuflisch in aller Unschuld*)”, surge ainda em suas anotações nos *Diários* quando do “tribunal no hotel” (*Der Gerichtshof im Hotel*),⁵¹³ onde se interrompe seu primeiro noivado com Felice em meio a um terrível mal-estar entre os pretendentes e as duas famílias envolvidas. “O pacto faustiano diabólico é haurido em uma fonte de força longínqua, contra a proximidade do contrato conjugal”.⁵¹⁴

Em carta a Grete Bloch, que entrou na vida de Kafka como correspondente no momento da ruptura do primeiro noivado com Felice, Kafka confessa o que um impasse conjugal pode criar de infernal – a burocratização da correspondência.

Y lo peor de todo esto es que por ambas partes siguen llegando cartas que no tratan de otra cosa que de nuestra correspondencia, cartas vacías, cartas que hacen perder el tiempo, cartas – permítame la confianza – que no son sino ilustraciones del tormento que representa mantener una correspondencia o, mejor dicho, que puede representar. Desde luego, el anhelo de tales cartas no significa otra cosa que miedo y angustia⁵¹⁵

O vampirismo é de tal modo inerente ao movimento da libido epistolar que vemos a amiga Grete, depois de algum tempo, ser alvo das mesmas seduções sofridas por Felice. “Cara senhorita Grete, seria tão melhor se entre minhas mãos tivesse a sua, ao invés de seu

⁵¹⁰ KAFKA, *Lettres à Felice*, 03/12/1912, p. 170; *Cartas a Felice* (Anima) p. 142; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 145.

⁵¹¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30-31/01/1913, p. 271.

⁵¹² KAFKA, Onze filhos. In: *O médico rural*, p. 52.

⁵¹³ KAFKA. *Diários* (Difel), 23/07/1914, p. 260.

⁵¹⁴ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 47.

⁵¹⁵ KAFKA. Carta a Grete Bloch 18/11/1913. In: *Cartas a Felice* (Alianza) p. 475.

telegrama”.⁵¹⁶ E sentindo um recuo por parte de Grete: “Não tem você direito de me abandonar”.⁵¹⁷ Grete parece se assustar e pede, de volta, as cartas que escreveu a Kafka. Ante essa resistência, a metamorfose se dá e o Kafka/Drácula surge na escrita da carta seguinte.

Naturalmente, sabia exatamente o que você iria escrever, você o indicou muitas vezes, você muitas vezes tentou sair desse nó (*Schlinge* [laço]) corredio, que no entanto não é um nó (*Schlinge*) corredio, mas somente – deixemos isso; em todo caso, se você quiser desfazer esse nó (*Schlinge*), eu tratarei de mantê-lo no lugar com todas as minhas forças. (*mit allen Zähnen festzuhalten versuchen*) [con toda la fuerza de mis dientes.].⁵¹⁸

Também com Milena, preocupa Kafka muitíssimo as escritas diárias que “ela se exige”. “Sua terrível automortificação – é a única aflição que você me causa – consiste em que me escreva todos os dias. Escreva com menos frequência, eu seguirei lhe escrevendo, se quiser, uma folha a cada dia. Terá mais tranquilidade para trabalhar no que você gosta”.⁵¹⁹ A generosidade altruísta que opera pela manhã dura apenas algumas horas, e já a escrita vespertina do dia seguinte, que segue na mesma carta, desdiz a recomendação pedindo “mil vezes perdão” pela demanda de cartas.

Ayer te aconsejé que no me escribieras cada día, eso sigue siendo hoy mi opinión y sería muy bueno para los dos, y hoy te lo aconsejo otra vez y con más insistencia..., pero por favor, Milena, no me obedezcas y escríbeme a diario, puedes ser muy breve, más breve que en las cartas de hoy, sólo dos líneas, sólo una, sólo una palabra, pero prescindir de esa palabra sería para mí un sufrimiento horrible.⁵²⁰

Voltando a constatar que a correspondência diária não faz bem a nenhum dos dois, Milena começa a espaçar as cartas com a concordância de Kafka. Mas a providência, em vez de promover uma boa distância e o alívio de alguma separação, provoca, ao contrário, uma espécie de estado de fusão com “mãe” Milena, mesmo que isso fique na fantasia.

Esta mañana no ha habido nada; con este hecho me habría conformado muy fácilmente; lo de recibir cartas es ahora muy distinto, pero en lo de escribir cartas no ha cambiado casi nada; la necesidad y la dicha de tener que escribir persisten, por tanto me habría conformado con la realidad; para qué necesito una carta si ayer, por ejemplo, pasé todo el día y toda la tarde y la mitad de la noche conversando contigo, una conversación en la que yo era tan sincero y tan serio como un niño y tú tan receptiva y seria como una madre (jamás he visto en la realidad tal niño ni tal madre) [...] No me aventuro a dar una respuesta al primer párrafo de tu carta, ni siquiera

⁵¹⁶ KAFKA. Carta a Grete Bloch 14/ 04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 550.

⁵¹⁷ KAFKA. Carta a Grete Bloch 15/ 04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 551.

⁵¹⁸ Kafka *apud* LEMAIRE. *Kafka*, p. 163; KAFKA. Carta a Grete Bloch 15/ 04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 552-553.

⁵¹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 19/07/1920, p. 157-158.

⁵²⁰ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 20/07/1920, p. 162.

conozco el tan temido primer párrafo de la carta anterior. Son cosas enormemente intrincadas, que sólo pueden solucionarse en una conversación entre madre e hijo, solucionables ahí quizás sólo porque ahí no pueden darse.⁵²¹

Apesar de Deleuze não apontar em Kafka o mesmo “pacto diabólico” em relação à Milena, com ela esse aspecto do vampirismo também está presente. Em carta a Milena, Kafka recorda a declaração feita por um funcionário de seu escritório que associa claramente sua magreza ao cadavérico morto-vivo.

Há alguns anos eu costumava passear com frequência pelo Moldava, em canoa, remava contra a correnteza e depois me deixava levar pela correnteza, deitado, sob a ponte. Considerando minha delgadeza, deve ter sido um espetáculo bastante cômico para aqueles que estavam na ponte. Esse empregado que justamente me viu ali uma vez, sintetizou deste modo sua impressão, depois de fazer ressaltar uma cena prévia do Juízo Final (*Jüngsten Gericht*): o momento em que já erguiam as lápides dos túmulos, mas os mortos continuavam deitados e imóveis.⁵²²

Vampirismo que, pelo menos em parte, surge disfarçado em uma fragilidade que parece convencer Elias Canetti. Ele comenta mencionando o trecho da carta acima: “A figura do magro e a do morto unem-se na visão. Da combinação com a ideia do Juízo Final, resulta um quadro do físico de Kafka, dos mais desoladores e fatais que se possa imaginar. É como se o magro ou o morto, que, no caso, convertem-se em um só, tivessem em si apenas bastante vida para deixarem-se levar pela correnteza e apresentarem-se ao juiz supremo”.⁵²³

Mas se optarmos pela interpretação deleuziana do “pacto diabólico”, podemos entender que “Kafka encontrou na correspondência com Milena – como já havia ocorrido com Felice – o perfeito substituto do contato real”.⁵²⁴ Entretanto, como um *pharmacón*, o sangue doador de vida pode também ser tóxico: salvador, inocente e diabólico.

A correspondência com Milena, que acontece entre 1920 e 1923, é considerada por muitos não como um conjunto de cartas, mas a novela de uma paixão a uma só voz, um amor recíproco e desesperado. Kafka escreve depois de um mês do início da troca compulsiva de cartas: “É insensato este desejo imoderado de cartas. Uma não basta?... Basta, mas mesmo assim recosta-se comodamente e absorve as cartas e, então, só se sabe que não quer deixar de absorver. Explique isso, Milena, mestra”!⁵²⁵ Comenta Carmem Gauger em sua nota da tradução para o espanhol que “As cartas são para ele quase uma droga”.⁵²⁶ Kafka não esconde esse efeito

⁵²¹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 28/08/1920, p. 263-264.

⁵²² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 29/05/1920, p. 27.

⁵²³ CANETTI. *O outro processo*: as cartas à Felice, p. 31.

⁵²⁴ GAUGER. Nota da tradutora. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 13.

⁵²⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), de 29/05/1920, p. 48.

⁵²⁶ GAUGER. Nota da tradutora. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 13.

sobre o corpo: “Não é você consciente do efeito de suas cartas, Milena [...] mesmo sob a noite quase insone devido à carta de segunda-feira, tranqüiliza-me bastante e me devolve os ânimos. A carta de terça-feira tem também, não há dúvida, seu aguilhão, e este abre caminho através do corpo”.⁵²⁷ E em outro momento, ainda com Milena:

Olhe, o que há de cruel em receber cartas é..., mas você o sabe. Na medida em que isto é possível, em meio a tanta insegurança, hoje há entre sua carta e a minha uma vinculação sã e límpida, que deixa respirar livremente; e agora hei de esperar as respostas às minhas cartas anteriores, e delas tenho medo.⁵²⁸

Na febre da correspondência, por vezes fica muito claro a Kafka o quanto elas podem fazê-lo desesperar-se de um lado e fazê-lo regozijar-se por outro: “esta carta é um alívio, pois estava enterrado vivo debaixo das anteriores e acreditava ter que seguir jazendo em silêncio porque talvez, com efeito, estava morto”.⁵²⁹

A paixão por Milena o deixa vulnerável e por isso é melhor receber por telegramas e cartas, e não pessoalmente, tanto o alento consolador como o que pode chegar de devastador:

Luego llegó su queridísimo telegrama, un remedio consolador contra la noche, la vieja enemiga (si el remedio no es del todo suficiente, no es, en verdad, culpa suya sino de las noches. Esas breves noches terrenales casi podrían inculcarle a uno el miedo a la noche eterna); la carta también contiene mucho y maravilloso consuelo, pero es una unidad en la que están también esas dos páginas devastadoras; el telegrama sin embargo es autónomo y no sabe nada de eso.⁵³⁰

Em outro momento: “Não me atrevo apenas a ler as cartas; só posso lê-las em intervalos, não suporto a dor de ler suas cartas”.⁵³¹ A troca de cartas com Milena, assim como acontecera com Felice, vai se tornando uma prática infernal. Não importa mais se apaziguantes ou inquietantes, as cartas, de objeto de amor, vão se tornando atemorizantes e Kafka passa a fugir de algumas como o diabo da cruz. “Frequentemente, temidas passagens evito, como o demônio evita, a água benta (*der Teufel dem geweihten Ort*)”.⁵³²

Kafka brinca com o medo do que as cartas podem trazer. O inseto que frequenta suas metáforas surge novamente:

Não quero falar agora senão disto: tampouco li ainda suas cartas detalhadamente, só por cima, dando voltas em torno delas como a mosca ao redor da luz, e assim me

⁵²⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/06/1920, p. 79-80.

⁵²⁸ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 28/08/1920, p. 209.

⁵²⁹ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 07/08/1920, p. 220.

⁵³⁰ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 06/06/1920, p. 73.

⁵³¹ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 14/09/1920, p. 291.

⁵³² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 331.

queimeí várias vezes a cabecinha; são, certamente, como já pude ver, duas cartas muito diferentes, uma para esgotar até o final, a outra para ficar consternado.⁵³³

E chega a dramatizar o efeito sobre ele da chegada de dois tipos de cartas.

feliz me hacen las cartas apacibles, podría sentarme al pie de esas cartas, con una felicidad desmedida, son lluvia sobre la cabeza ardiente. Pero cuando llegan esas otras cartas, Milena, [...] comienzo en efecto a temblar como si tocaran a rebato, no puedo leer eso y sin embargo lo leo, claro, como bebe un animal que muere de sed, pero a la vez miedo y más miedo, busco un mueble bajo el que pueda esconderme; tembloroso y casi sin sentido rezo en un rincón para que, lo mismo que has entrado en tromba con esa carta, salgas volando otra vez por la ventana pues yo no puedo mantener un huracán en mi habitación; en esas cartas debes de tener la grandiosa cabeza de la Medusa, hasta tal punto se agitan convulsivamente las serpientes del horror en torno a tu cabeza, y en torno a la mía, pero aún con más frenesí, las serpientes del miedo.⁵³⁴

Kafka graceja vitimizandose em carta a Milena dizendo que seu corpo não faz diferença na “balança do mundo”, a qual seguramente não se moveria sob o peso dos seus imperceptíveis 55 kg sem roupa⁵³⁵ e a figura do vampiro magérrimo invade novamente a cena epistolar. A correspondência com Milena é também um alimento praticamente diário. As cartas que recebe e que das quais não abre mão dão forças para enfrentar e superar o dia... “e de superá-lo tão bem que não gostaria de renunciar a nenhuma só (dessas cartas, evidentemente, mas também a nenhum só desses dias). E essas cartas que estão sobre a mesa não me contradizem e a possibilidade de escrever e depor aí essas cartas é algo”.⁵³⁶

Por vezes, não é o que a missiva descreve ou narra que faz a proximidade com a destinatária, mas a escrita mesma da carta que evoca uma real intimidade, como Kafka esclarece a Milena.

usted se queja de algunas cartas: que les da vueltas y vueltas y que no sale nada de ellas; pero, si no me equivoco, precisamente en ésas yo estaba tan cerca de usted, refrenaba tan bien mi sangre y asimismo la suya, me hallaba tan en lo hondo del bosque, reposaba tanto en el reposo, que sólo se quiere decir realmente que, por ejemplo, a través de los árboles se ve el cielo, eso es todo, y una hora después se repite lo mismo y, sin embargo, allí *ani jediné slovo které by nebylo velmi dobře uváženo* [No hay una sola palabra que no esté muy bien meditada]. Tampoco dura mucho tiempo, un instante todo lo más, pronto suenan las trompetas de la noche insomne.⁵³⁷

2.4 A materialidade das Cartas/Letras: função corpo

⁵³³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 10/06/1920, p. 74.

⁵³⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/06/1920, p. 86-87.

⁵³⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 29/07/1920, p. 187.

⁵³⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), de 23/07/1920, p. 167.

⁵³⁷ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 03/06/1920, p. 65-66.

Recebo o telegrama como um beijo e enquanto tal ele tem um gosto delicioso e o enche de alegria, de nobreza, de orgulho.⁵³⁸

Sim, querida Carlota, cuidarei de tudo e tudo farei; [...]. Peço-vos uma coisa: nada de areia nas cartas que me escreverdes! A de hoje eu levei aos lábios e logo os meus dentes rangiam.⁵³⁹

As cartas ou telegramas para Kafka não são apenas mensagens epistolares, mas letras de volume vivo que enlaçam o corpo familiar, social, amoroso e erótico de Kafka. Ao responder a uma carta da irmã Valli, que incluía em seu envelope as cartas das duas sobrinhas, despede-se assim: “Mas agora é hora de ir para a cama. Passei uma noite quase toda com você e sua família”.⁵⁴⁰

Muitas vezes as cartas são a possibilidade única do convívio com outro, da troca, da comunicação e também do contato físico. “Meu amor, hoje você me deu um presente maravilhoso, e sua carta da manhã me atraiu para você como se tivesse mãos”.⁵⁴¹ Se Kafka quase não se desloca no mundo, se prefere manter-se nas garras de Praga, em sua caverna ou agarrado à sua escrivãzinha, as cartas viajam, percorrem caminhos não ousados pelo corpo de carne mais óbvia.

Cariño, ayer por la noche al regresar a casa en un estado de ánimo tan bonito y encontrar tu telegrama encima de la mesa, oh tú, querido y compasivo corazón, no me asusté en absoluto, al contrario, enseguida supe que no podía contener otra cosa que consuelo, y acto seguido, al comprobar que era así, me puse a besar largamente este papel ajeno, con los ojos cerrados, hasta que esto ya no me bastó y entonces lo apreté contra mi cara.⁵⁴²

Pois são as letras que visitam, beijam, cartas grávidas, cegonhas que carregam dentro delas outras cartas, imagens vivas embrulhadas em papel, presença de outros corpos.

Logo no início da correspondência com aquela que será por cinco anos sua principal correspondente, Kafka deixa claro o papel do corpo das cartas, sua materialidade.

Peço-lhe que preste atenção no que confere a importância que aquela carta tomou para mim. É que a senhorita a respondeu com uma outra que agora tenho a meu lado, com

⁵³⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), da noite entre 4 e 5/12/1912, p. 150; *Cartas a Felice* (Anima), p. 149-150; *Lettres à Felice*, p. 177.

⁵³⁹ GOETHE. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Carta a Carlota de 24/07, p. 29.

⁵⁴⁰ KAFKA. Carta a Valli Pollack de 11/1923. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 174.

⁵⁴¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 03/12/1912, p. 172; *Cartas a Felice* (Anima) p. 143; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 148.

⁵⁴² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 22-23/12/1912, p. 198.

esta carta que me causa uma alegria ridícula e sobre a qual neste instante ponho a mão para sentir que a possuo. Escreva-me rapidamente uma outra.⁵⁴³

No fim do primeiro noivado com Felice, Kafka está há dois dias sem carta, triste, ninguém pode ajudá-lo, mas ainda pede à noiva: “Pelo menos Felice, mostra carinho por este papel (como o F precipitou-se na minha pluma [*wie sich mir das F in die Feder drängte*]), acarícia-o um pouco, quero sentir-me melhor pensando isso”.⁵⁴⁴

Assim como tomava posse de Felice pelas cartas, vemos Milena sequestrada já no início da correspondência.

Querida senhora Milena: o dia é curtíssimo; com você e em seguida algumas coisas sem importância, já se passou e já se acabou. Apenas fica um momentinho para escrever à Milena verdadeira, porque a mais ainda verdadeira esteve aqui todo o dia, na casa, na varanda, nas nuvens”.⁵⁴⁵

Com Milena, além das cartas/letras, há a materialidade da língua e o modo como o alemão se curva ao uso que a tradutora faz do idioma de Kafka. Entretanto, Kafka pede a ela que escreva em sua língua materna, a língua tcheca:

Ya he querido preguntarle varias veces por qué no me escribe alguna vez en checo. Desde luego no porque usted no domine el alemán. Casi siempre lo maneja admirablemente, y cuando alguna vez no lo domina, el alemán se dobla ante usted por propia voluntad, eso es entonces lo más grato; eso, un alemán no se atreve a esperarlo de su idioma; no se atreve a escribir de un modo tan personal. Pero yo quería leer el checo que usted escribe porque es parte de usted, porque sólo en él está Milena toda ella (la traducción lo confirma) [...]. Así que en tcheco, por favor.⁵⁴⁶

Para Kafka, o tcheco era também a língua de sua infância com as criadas e de sua juventude com os amigos do gueto judeu. No início da correspondência, a língua concorre para fazer corpo.

nunca vivi entre alemães, o alemão é minha língua materna e, portanto, é-me muito natural, mas, por outro lado, o tcheco está bem mais perto do meu coração, por esse motivo sua carta destrói muitas incertezas, vejo-a com mais clareza, os movimentos do corpo, das mãos, tão rápidos, tão decididos, é quase como um encontro físico; no entanto, quando tento levantar os olhos para seu rosto, em seguida, irrompe em pleno

⁵⁴³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Anima), 28/09/1912, p. 14 ; *Cartas a Felice* (Alianza), 28/09/1912, p. 46; *Lettres à Felice*, p. 54.

⁵⁴⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 28/06/1913, p. 410; *Lettres à Felice*, p. 474.

⁵⁴⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 29/05/1920, p. 45.

⁵⁴⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 29/05/1920, p. 34.

curso da carta – que história! Fogo e não vejo nada além de fogo. (*Feuer aus und ich sehe nichts als Feuer*).⁵⁴⁷

Com Milena, apesar de acontecer alguma intimidade física, não há a menor renúncia ao romance epistolar e a paixão novamente incendeia o papel. “Sou na realidade amável e paciente? Em verdade não o sei, apenas que um telegrama como esse faz bem, por assim dizer, a todo corpo, isso sim eu o sei; e, contudo, é apenas um telegrama, não uma mão estendida”.⁵⁴⁸

A grande felicidade é a chegada das cartas.

Llevo leyendo cosa de media hora las dos cartas y la tarjeta (sin olvidar el sobre, me asombro de que no suba toda la sección de llegada del correo y pida perdón en tu nombre) y sólo ahora me doy cuenta de que llevo todo el tiempo riendo. ¿Le ha ido mejor a algún emperador en la historia universal? Entra en su habitación y allí están ya las tres cartas, y él no tiene que hacer otra cosa que abrirlas – ¡esos dedos tan lentos! –, recostarse y... no poder creer que es a él a quien le ocurre tal ventura.⁵⁴⁹

Essa divisão que surge na correspondência, esse “gênero menor”,⁵⁵⁰ que por si conserva “a dualidade de dois sujeitos”, faz Deleuze ver aí um desdobramento diabólico, uma das figuras do duplo em Kafka: temos um sujeito da enunciação que escreve a carta e que anuncia sua própria vinda, e um sujeito do enunciado, ao qual a carta se refere, “que vai assumir todo um movimento fictício ou aparente”. O desejo de cartas funciona assim: “Ele transfere o movimento para o sujeito do enunciado, ele confere ao sujeito do enunciado um movimento aparente, um movimento de papel, que poupa ao sujeito da enunciação todo movimento real”.⁵⁵¹

É, de modo exemplar, a estratégia do grande escaravelho, do devir inseto, no exercício de uma de suas funções que já surge em “Preparativos para uma boda no campo”, conto de 1906-7 já mencionado. Um eu fica descansando, “estendido na cama coberto com uma manta marrom clara” com a “aparência de um grande escaravelho, de um verme, de um besouro”⁵⁵² e envia ao campo apenas o corpo vestido, vacilante em sua vacuidade [nulidade] (*Nichtigkeit*).

E se a Felice Kafka manifesta o desejo de ser o carteiro de sua rua que lhe entrega a carta em mão,⁵⁵³ não parece ser para ir pessoalmente ao encontro de sua escolhida, mas antes para gozar da certeza de que a carta lhe foi entregue e poder assim exigir-lhe a resposta. Kafka-

⁵⁴⁷ KAFKA. *Lettres à Milena*, maio/1920, p. 23; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 42; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 23.

⁵⁴⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 07/08/1920, p. 218-219; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 136.

⁵⁴⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 24/07/1920, p. 171.

⁵⁵⁰ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 48.

⁵⁵¹ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 47.

⁵⁵² KAFKA. Preparativos para una boda en el campo (1906-7). In: KAFKA. *Franz Kafka obras completas* [em pdf], p. 45. Há três versões iniciadas da narrativa. O trecho citado se encontra apenas em uma delas. Ver KAFKA. *Os contos*, v. 2, p. 25.

⁵⁵³ KAFKA. *Lettres à Felice*, 13/10/1912, p. 56.

carteiro, Kafka-Drácula, Kafka-inseto, Kafka-letra. Os duplos proliferam e fazem série na vida e na obra.

Inúmeras são as vezes que Kafka trata os objetos trocados (cartas, postais, fotos e outros objetos), pequenas efígies, como extensão dos corpos em jogo na correspondência.

A função intermediária das cartas e objetos que pode conectar as pessoas distantes ou fazer um elo que supera os obstáculos que dificultam o encontro é muito evidente e conhecido nas cartas de amor. Não temos dúvidas de que Kafka leu de Goethe, “autor emulado e adorado por Kafka como pessoa e *persona* literária”,⁵⁵⁴ o seu primeiro livro: *Os sofrimentos do jovem Werther*, romance epistolar em que lemos, na última carta a Carlota, as consequências da distância sobre a letra, antecipando a dor da perda, na decisão pelo suicídio.

Tu não me esperas! Pensas que te obedeço e que apenas voltarei a ver-te na véspera do Natal. Oh, Carlota! Hoje ou nunca. Na véspera de Natal terás este papel nas mãos, estremecerás e molhá-lo-ás com as tuas lágrimas. Eu quero ir, eu tenho de ir! Oh, como estou bem depois que me decidi!⁵⁵⁵

Diferente do jovem Werther, a particularidade da correspondência amorosa de Kafka releva-se por ser praticamente o único meio pelo qual ele se aproximava das mulheres de sua eleição. Kafka, por meio dos objetos de intercâmbio, mantém sua ligação com Felice e seu domínio sobre ela. Algumas vezes, em suas cartas à noiva, fala de uma corda que os une. Nessa passagem a corda servirá como um cabo de guerra para influenciar Felice quanto a seu gosto literário.

Pues el caso es que por mucha que sea la distancia que nos separa, y por poco que los demás puedan notarlo o quieran creerlo, lo cierto es que nos une una sólida cuerda, ya que a Dios no le place que se convierta en cadena que nos envuelva. Por lo tanto, querida, si vas a ver Profesor Bernhardi, me arrastras contigo al tirar de dicha incontestable cuerda, corriendo ambos el peligro de caer en la mala literatura, mayormente representada, en mi opinión, por Schnitzler. Con objeto de protegernos contra dicho peligro, mi deber era no ceder del todo al tirón de la cuerda, y en cambio ir a ver Hidalla, para así tenerte un poco apartada del Profesor Bernhardi, hacer que lleguen a ti por él palpitante corazón unas cuantas frases wedekindianas, bien construidas y veraces, y así soportar sin daño para el alma las impresiones schnitzlerianas que esta tarde soplan hacia mí, y que yo acojo ávidamente, puesto que vienen, mi amor, de ti.⁵⁵⁶

Com Milena escreve o quanto receber uma carta pode fazer parte de uma brincadeira: “E então chegou a carta pouco antes do almoço; pude levá-la comigo, tirá-la do bolsinho, pô-la sobre a

⁵⁵⁴ KAMPPFF LAGES. Os desdobramentos do duplo, p. 115.

⁵⁵⁵ GOETHE. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Carta de 20/12, p. 162.

⁵⁵⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14-15/02/1913, p. 292-295; *Lettres à Felice*, p. 337.

mesa, voltar a metê-la no bolsinho; as mãos gostam de brincar com uma carta e então as olho e contemplo com alegria seu jogo infantil”.⁵⁵⁷

2.5 O corpo das fotografias

O “punctum” de uma fotografia é esse acaso que nela me fere (mas também me mortifica, me apunhala).⁵⁵⁸

Na relação de Kafka com Felice, as fotos têm um lugar especial. No primeiro encontro com Felice, em silêncio, as mãos de ambos se ocupam cruzando entre eles fotos e cartões da passagem de Kafka com Brod pela casa de Goethe⁵⁵⁹ em Weimar. A promessa da viagem para a Palestina nasce daí. As fotografias também comparecem no modo de cada um se apresentar e dar-se a conhecer ao outro. “Segue junto uma fotografia minha, tinha talvez cinco anos, a expressão maligna era então divertida (*das böse Gesicht war damals Spaß*), agora a considero secreta seriedade (*geheimen Ernst*). Mas tens que me devolvê-la, pertence a meus pais, que possuem tudo e em tudo querem se intrometer”.⁵⁶⁰

Nos anos que se seguem ao primeiro encontro, no vai e vem das cartas, vão e vêm também as imagens em papel que substituem os corpos dos amantes. Durante uma entediante viagem de trabalho e em meio a um inverno horrível, Kafka carrega com ele uma foto de Felice: “Para me consolar olhava de vez em quando sua foto ao longo da viagem, e também como consolo mantive-a toda a noite em cima de uma cadeira junto a minha cama”.⁵⁶¹

A época da correspondência com sua noiva foi ainda um período bastante produtivo da escrita de Kafka, como veremos mais adiante. Uma grande parte de sua obra foi escrita em meio às suas *Cartas a Felice* “sob a provocação da estranheza feminina”.⁵⁶² E como não podia deixar de ser, quando se trata de Kafka, a importância da fotografia também está presente em sua produção dita ficcional. O conto *A Metamorfose* é do primeiro ano de sua relação epistolar com Felice e carrega em sua narrativa a presença significativa de uma foto: o retrato recortado de uma revista em moldura entalhada pelo próprio Gregor Samsa. O caixeiro viajante pendurou em uma parede de seu quarto a figura de uma dama sentada, envolta em peles e pela madeira

⁵⁵⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 03/06/1920, p. 67.

⁵⁵⁸ BARTHES. *A câmara clara*, p. 47.

⁵⁵⁹ Em 1912, pouco antes de conhecer Felice. Na época da visita, Kafka travou uma correspondência incipiente com a filha do porteiro da casa de Goethe, Margarete Kirchner, por quem se apaixonou perdida e repentinamente. PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 251-252.

⁵⁶⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 21/11/1912, p. 110; KAFKA. *Lettre à Felice*, p. 130.

⁵⁶¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26/11/1912, p. 126; KAFKA. *Lettre à Felice*, p. 149.

⁵⁶² BLANCHOT. La palabra postrera. In: *De Kafka a Kafka*, p. 294.

dourada. Por duas vezes na narrativa é mencionado esse retrato da senhorita das peles: uma, na descrição do que consistia o quarto de Gregor Samsa, onde ele acorda depois de “sonhos intranquilos”; outra, na descrição da desocupação de seu quarto por sua mãe e por sua irmã. Aprisionado em seu quarto, Gregor, já tratado como coisa (*es* [isso] e não *er* [ele]), se aferra ao que não quer se desprender e envolve com seu grande corpo de inseto o retrato que quer preservar ainda na parede que o cerca:

realmente não sabia o que salvar primeiro, então viu, saliente na parede de resto vazia, a imagem pendurada da dama toda vestida de peles, rastejou às pressas para o alto e comprimiu-se contra o vidro, que o reteve e fez bem à sua barriga quente. Pelo menos essa imagem, que Gregor agora cobria por completo, ninguém certamente levaria embora.⁵⁶³

No romance *O Processo*, as fotografias no quarto da Senhorita Bürstner, observadas e remexidas pelos três funcionários que trazem a Joseph K. a sentença de prisão, protagonizam uma espécie de ponto de gravidade e ao mesmo tempo de fuga que chama a atenção na narrativa: ressalta para além de qualquer objeto no quarto da senhorita o valor atrativo inequívoco das fotos que pedem manipulação. “De fato minhas fotos estão bem desarrumadas. Que coisa feia!. Alguém portanto esteve sem autorização no meu quarto”.⁵⁶⁴

O tema da fotografia insiste também em *Amerika ou O desaparecido*. Em franco exílio no continente novo, Karl Rossmann carrega em sua mala uma fotografia dos pais. O “único retrato” que possuía deles. Quando a descobre em sua mala detém-se; e vemos aqui, diante da figura do pai, a mesma busca angustiada de um olhar, busca já uma vez empreendida diante da foto de Felice.

Tanto maior foi a atenção com que escrutinou aquela fotografia que tinha diante dos olhos, tentando captar o olhar do pai dos mais diferentes ângulos. Mas por mais que modificasse sua visão, alterando a posição da vela, o pai permanecia sem vida: seus bigodes retos e densos não correspondiam em nada à realidade, não era um bom retrato.⁵⁶⁵

Já a mãe tinha sido mais bem retratada, deixando uma forte impressão com seu sorriso forçado. Karl sente bem perto a sua presença: “Como era possível que se obtivesse de um retrato uma convicção irrefutável a respeito do sentimento secreto do retratado!”⁵⁶⁶ Karl é vencido pelo cansaço durante essa contemplação e dorme sobre a foto. “O retrato tombou de sua mão; a seguir apoiou o rosto sobre aquele retrato cujo frescor acariciava sua face, adormecendo assim

⁵⁶³ KAFKA. A metamorfose. In: *Kafka essencial*, p. 264.

⁵⁶⁴ KAFKA. *O processo* (Carone), p. 28.

⁵⁶⁵ KAFKA. *O desaparecido ou Amerika*, p. 93.

⁵⁶⁶ KAFKA. *O desaparecido ou Amerika*, p. 93.

com uma agradável sensação”.⁵⁶⁷ Essa foto não conta uma história, não serve para nada, não exerce qualquer função na narrativa, a não ser pelo fato de que Karl tem absoluta necessidade dela. O filho exilado marca isso insistentemente nas linhas de algumas páginas de *Amerika*: é uma foto “insubstituível” e, uma vez perdida, Karl daria toda sua bagagem, todos os seus poucos pertences para tê-la de volta. Talvez essa foto seja o que Barthes destacaria como um “efeito de real” na narrativa, a marca do exílio.⁵⁶⁸

Em *O castelo*, obra mais tardia, cuja escrita está sob a sombra da correspondência com Milena, temos uma passagem na qual uma foto, entre outras duas lembranças, faz parte das recordações da senhora do albergue quando ela fora amante de Klamm, o senhor do castelo. A foto é do “mensageiro pelo qual Klamm me chamou pela primeira vez. [...] – Este xale também é de Klamm. A touca também. A fotografia, o xale e a touca são as três lembranças que tenho dele”.⁵⁶⁹ Relíquias cuidadosamente guardadas debaixo de um travesseiro.

Nas cartas a Felice, as fotografias, esquadrihadas, analisadas, embolsadas e acariciadas, tornavam-se suas “bonecas”, efígies ambulantes da mulher amada que, recebidas pelo correio, andavam em sua companhia, estreitadas no bolso do paletó. Eis a carta em que Kafka comenta uma foto de infância recebida de Felice.

Tal como te decía ayer, hoy salgo de viaje, solo, de noche, hacia la montaña, y sin saberlo formalmente tú vas y me envías esta pequeña y encantadora acompañante. ¡Qué muchachita deliciosa! ¡Sus estrechos hombros! ¡Tan frágil y fácil de coger! Modesta, pero tranquila. En aquellos tiempos todavía no la había atormentado nadie, ni hecho llorar, su corazón late con naturalidad. ¿Sabes que las lágrimas afloran a mis ojos cuando estoy un rato contemplando la foto? ¿Tengo que devolvértela en cualquier momento? Bien, así se hará. Pero entre tanto en este maldito bolsillo interior de la chaqueta va a hacer un viajecito incómodo, en trenes y de una en otra habitación de hotel, [...]. Sí, se ve la cadenita del reloj, el broche es bonito, el pelo bien ondulado y el peinado casi demasiado serio.⁵⁷⁰

E retorna a Kafka a recordação do primeiro dia em que viu Felice e com ela se demorou detendo seu olhar através da mediação das fotos. Diante da fotografia de Felice menina, reconhece o mesmo gesto de cabeça que o encantou na moça quando a conheceu ...

Y a pesar de todo se te reconoce muy fácilmente, una expresión no muy lejana a la que tienes en esta foto es la que tenías entonces cuando estabas sentada a la mesa, en un momento que conservo en la memoria más marcadamente que ningún otro. Estabas sosteniendo una de las fotografías de Talía en tu mano, primero me has mirado al tiempo que decía no sé ya qué estúpido comentario, después has dejado vagar tu mirada alrededor de la mesa un cuarto de círculo y no la has detenido hasta llegar a

⁵⁶⁷ KAFKA, *O desaparecido ou Amerika*, p. 93.

⁵⁶⁸ BARTHES. O efeito de real. In: *O rumor da língua*, p. 160.

⁵⁶⁹ KAFKA. *O Castelo*, p. 94.

⁵⁷⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 25/11/1912, p. 123; *Cartas a Felice* (Itatiaia), p. 113.

Otto Brod, que es quien, antes que nadie, dio la explicación correcta de la fotografía. Este lento movimiento de la cabeza y, naturalmente, los cambios que esto comportaba en el aspecto que ofrecía tu cara es algo que se me ha quedado grabado imperecederamente. Y he aquí que la muchachita, para la cual yo soy, claro está, un completo desconocido, viene y me corrobora la verdad de este recuerdo al que tanto cariño tengo.⁵⁷¹

Dois dias depois Kafka recebe uma nova foto. Uma foto de Felice já adulta. A dificuldade de estar diante da mulher feita fica clara e Kafka, dividido entre a menina e a moça, rende-se aos encantos da criança esperando que ela o recomende à mulher:

Es curioso lo que me pasa con la nueva fotografía. Me siento más cerca de la muchachita, a ella se lo podría decir todo, la dama me inspira más respeto; pese a ser también Felice – pienso– es toda una señorita, y sin embargo no es señorita de modo accesorio únicamente. Ella es alegre, la muchachita no estaba triste, pero sí terriblemente seria; ella tiene mofletes (lo que quizá no es sino el efecto de La luz de la tarde), la muchachita era pálida. Si tuviera que escoger entre ambas en la vida, no diré que fuera a correr hacia la muchachita sin reflexión alguna, pero es hacia ella, no obstante, hacia quien iría solamente, aunque muy lentamente, y volviéndome de modo continuo hacia la señorita y no quitándole ojo. Lo mejor sería, claro, que la muchachita me condujera hasta la señorita y me recomendara a ella.⁵⁷²

E como se tivesse lido antes de sua escrita *A câmara clara* de R. Barthes, Kafka teoriza sobre a diferença de afetos que gera a contemplação das fotos. Nesse comentário lemos a certeza de uma perda. A foto registra “aquilo que foi”.⁵⁷³ “Tenho um carinho infinito pela sua primeira fotografia, porque essa menininha já não existe, e a fotografia é tudo. Em troca a outra fotografia é a representação de uma amada presença, e o desejo conduz o olhar mais além dessa pequena imagem inquietante”.⁵⁷⁴

Trocando fotos e sempre as comentando, Kafka, sem ter uma boa foto para enviar a Felice, envia uma foto “tirada com fins administrativos”, que pode ser a seguir, com a favorita “gravata de Paris” tirada uns poucos anos atrás (1910). Kafka, que adorava as coincidências, acrescenta na carta ao seu amor: “Casualmente é a gravata que uso justamente neste momento em que lhe escrevo”.⁵⁷⁵

Figura 35 – Foto de Kafka em 1910

⁵⁷¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 25/11/1912, p. 123; *Cartas a Felice* (Itatiaia), p. 113.

⁵⁷² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 27/11/1912, p. 129; *Cartas a Felice* (Itatiaia), p. 121.

⁵⁷³ BARTHES. *A câmara clara*, p. 120.

⁵⁷⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 29/11/1912, p. 137; *Cartas a Felice* (Anima), p. 130. Como observa Duttlinger, na correspondência com Felice, “Kafka emerge como um dos mais originais e provocantes comentaristas sobre fotografia do Século XX”. *Kafka and photography*, p. 125.

⁵⁷⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 02-03/12/1912, p. 146.



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka 1883-1924*, p. 62.

Kafka pede desculpas, como sempre, por não parecer apresentável como gostaria e de passagem teoriza sobre o que é uma boa foto: uma boa foto é aquela que mostra o ar que se gostaria de ter, que mostra o que se deseja... e ele deseja estar nas mãos da mulher amada.

Lo único que te pido, en suma, es que no sientas espanto ante la foto. Foto reciente mía solo hay una que sea buena (buena es solamente aquella fotografía que le muestra a uno bajo el aspecto, a falta de otra cosa, que quiere uno tener), pero está enmarcada junto con otras fotos familiares. Pero si es posible me haré una para ti, tanto me importa el que, al menos en imagen, me tengas en tus manos, en tus manos reales, quiero decir, pues entre tus manos imaginarias hace ya mucho que estoy.⁵⁷⁶

Kafka chega a se satisfazer no contato com o corpo da carta ao qual se estreita, se apega e é capaz de se desesperar com sua falta.

[...] sua carta ou cartão dão-me um sentimento de segurança, eu não tenho necessidade de pensar em você, tenho apenas que colocar a mão no meu bolso para tocar o papel escrito e saber que você pensa em mim, que você vive para minha felicidade. Mas quando meu bolso está vazio e minha cabeça, onde os pensamentos que lhe concernem apenas se perseguem, pois deve estar pronta para o trabalho de escritório, o contraste é desastroso, e creia-me, querida, é duro, excessivamente duro vencer os obstáculos.⁵⁷⁷

Mas nem sempre as fotos cumprem a função de presença do amor e da segurança. Como na já mencionada imagem fotográfica do pai de Karl em *Amerika*, Kafka persegue um olhar

⁵⁷⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, 03/12/1912, p. 172; *Cartas a Felice* (Anima), p. 143; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 146.

⁵⁷⁷ KAFKA. *Lettres à Felice*, 24/12/1912, p. 233.

que não encontra, um olhar que a fotografia não devolve, não responde. Lemos na passagem que segue a decepção de Franz diante do retrato de Felice, imagem implorada e enfim recebida, na qual busca, em vão, o retorno, o reflexo de um reconhecimento.

Teu olhar recusa-se a me encarar, ele me foge sempre, por mais que eu vire a fotografia em todos os sentidos, tu encontras sempre um meio de desviar o olhar, e desvia-o friamente, como se fosse de propósito. Certamente me é permitido tomar todo o rosto para mim, abraçando-o, e é isso que eu faço e o farei no momento em que for me deitar, e ainda o farei quando despertar.⁵⁷⁸

A foto da amada, além de receber beijos, ainda tem o poder mágico de dar notícias frescas de quem a possui à pessoa fotografada. Kafka, percebendo que pouco escreveu de como tem passado os dias, recomenda a Felice consultar sua própria foto em tom brincalhão. “Enfim, uma vez mais não disse nada, absolutamente nada, nem sequer de como passei esses dias. Bem, sua foto sabe tudo. Se passar pelo estúdio do fotógrafo, diga a ele que nenhuma de suas fotografias recebe tantos beijos como esta”.⁵⁷⁹

Kafka logo destina uma importante função ao presente que ganhou da noiva, a boa bolsinha! Ela permite “suportar por muito tempo as enormes exigências impostas”⁵⁸⁰ por ele. “Às vezes meu desejo por você me dá um nó na garganta. Abro então a bolsinha e você aparece, amiga e encantadora, mostrando-se ao meu insaciável olhar”.⁵⁸¹

Kafka chega mesmo a forjar um cenário para o encontro diário a distância. Para tal montagem, não bastam apenas os retratos dos amantes. Kafka pensa então em enviar, pelo envelope, a sequência dos dias em imagens escolhidas para que se possa vivê-la a dois.

Vou comprar um calendário com belas imagens, uma para cada dia; você receberá a cada manhã, junto com minha carta a folha correspondente ao dia de sua chegada e você a colocará sobre sua mesa. Evidentemente eu avançarei um pouco no tempo e, do ponto de vista da cronologia, já terei vivido o dia que você se prepara para começar a viver; mas apesar de tudo viveremos diante das mesmas folhas de calendário e a vida se me tornará mais agradável.⁵⁸²

Na correspondência de Kafka com Grete Block, amiga de Felice e intermediária dos noivos entre o primeiro e o segundo noivado, a presença da foto é também importante e vivifica a correspondência.

⁵⁷⁸ KAFKA. *Lettres à Felice*, 25 a 26/12/1912, p. 235-236.

⁵⁷⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26-27/12/12, p. 207; *Cartas A Felice* (Anima), p. 219.

⁵⁸⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 26-27/12/12, p. 208; *Cartas a Felice* (Anima), p. 219.

⁵⁸¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 26-27/12/12, p. 208; *Cartas A Felice* (Anima), p. 219.

⁵⁸² KAFKA. *Lettres à Felice*, 30-31/12/1912, p. 251; *Cartas a Felice* (Anima), p. 232.

Entre todas las cosas encantadoras y bonitas que ha enviado usted, lo más encantador y lo más bonito es su fotografía. Me he dado cuenta de que había olvidado por completo su cara; desde aquella vez se me había borrado enteramente de la memoria, y aquello que poco a poco, en el transcurso del tiempo, iba cobrando nueva figura humana era un ser cuya importancia para mí es tan grande que creí que su cara podría no importarme nada. Lo que, naturalmente, ahora al contemplar la foto se demuestra que no es verdad. Me daría mucha alegría el recibir una pequeña fotografía suya.⁵⁸³

Já em 1916, na tentativa do segundo noivado com Felice, as cartas e também as fotos ficam mais espaçadas. Já não produzem em Kafka a emoção e os comentários apaixonados de antes. Os cartões postais são preferidos por contornar os entraves causados pela censura dos correios durante a I Guerra. “Em sua última carta se diz que há uma fotografia junto. Mas não havia nada. Isso para mim significa uma privação”.⁵⁸⁴

A decepção com as fotos, as cartas e cartões que não fazem ponte para o corpo real desejado produz em Kafka uma insatisfação quase diária. Essa rotina de frustração vai apontando um limite na relação epistolar, tornando-a insuportável, “infernai”.

O tema da fotografia em Kafka é tão importante que mereceu um livro publicado em 2008, elaborado por Carolin Duttlinger e todo dedicado a essa temática. A autora defende que Kafka é fetichista *avant la lettre* em relação a Freud⁵⁸⁵ nas cartas a Felice. Duttlinger segue em sua tese demonstrando a fixação excessiva e apego a detalhes nas fotos que visam substituir a presença material da parceira, suprindo a ausência que subjaz nas imagens de papel. Mas, como sempre, tudo em Kafka é muito complexo, escapando a uma fácil interpretação e a autora logo se vê na necessidade de descobrir que há mais de um tipo de fetichismo em Kafka.⁵⁸⁶ Com a bolsinha que passa a abrigar as fotos e transportá-las é acionado uma espécie de jogo do *fort-da*,⁵⁸⁷ a invenção de infância do neto de Freud que, ao sofrer o trauma da ausência da mãe, descobrindo-se dela separado, lança um carretel e, brincando com a dor e a falta, usa do objeto rolante em seu vai e vem, não só para agenciar e dominar a ida e a volta da mãe, mas para simbolizar o desamparo humano nesse movimento de presença/ausência, de posse e perda. Jogo

⁵⁸³ KAFKA. Carta a Grete Block, 03/05/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 571.

⁵⁸⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 18/01/1916, p. 658.

⁵⁸⁵ DUTTLINGER. *Kafka and photography*, p. 133. O artigo sobre “Fetichismo” de Freud é de 1927, mas Freud já havia trabalhado o tema desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905).

⁵⁸⁶ DUTTLINGER. *Kafka and photography*, p. 146.

⁵⁸⁷ Jogo que instaura um “momento que podemos considerar teoricamente primero no que se refere à introdução do sujeito no simbólico. O *Fort-da* reside na alternância de um par significante [...] Esse momento situa-se antes do momento de aparecimento do eu (*moi*), ou seja, antes do momento em que o sujeito se interroga sobre o outro como presente ou ausente. [...] Esse é, portanto, o lugar, o nível por onde o sujeito entra no simbólico. Essa entrada faz surgir logo de cara isso que o Sr. Winnicott, designou pela expressão ‘objeto transicional’ que ele introduziu. No pensamento dele, completamente centrado nas experiências primárias da frustração, a presença dessa expressão é necessária em qualquer gênese possível do desenvolvimento humano. O objeto transicional é o pequeno carretel do *Fort-Da*.” LACAN. *O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação* (Lição de 03/06/1959), p. 445.

no qual, para Lacan, não se responde apenas à falta da mãe, mas é a criança mesmo que, nesse movimento de perder e reaver o objeto, se vê atingida no corpo, dividida como sujeito e objeto, no exercício de uma automutilação.⁵⁸⁸ Veremos que é exatamente esta função de entre-lugar, recortado e objetalizado no corpo das fotos e cartas/letras, o papel desse espaço de união e separação, que nos faz distinguir a função presente do objeto transicional da infância que entendemos persistir em Kafka, daquele do objeto fetiche denegador da castração, teorizado por Freud como mecanismo da perversão.

2.6 O mensageiro, o ajudante e o carteiro

Mister postman look and see
 Is there a letter in your bag for me
 I've been waiting a long long time
 Since I heard from that girl of mine
 [...]
 Please Mister postman look and see
 If there's a letter, a letter for me
 I've been standing here waiting Mister postman
 So patiently
 For just a card or just a letter⁵⁸⁹

Quem já nasceu na era da internet dificilmente imagina as dificuldades e os obstáculos que as mensagens trocadas entre os correspondentes encontravam para chegar aos seus destinos até o século XX. Ainda não é tão antigo o tempo em que o carteiro era o mensageiro responsável pelo recebimento de todas as cartas, daí seu enorme poder entre os missivistas. Kafka muitas vezes atribui aos correios e aos carteiros, os intermediários de sua correspondência, toda a responsabilidade pelos desencontros com seus destinatários. Para eles Kafka transfere suas impaciências e expectativas, sua ira e sua esperança.

Em uma das primeiras cartas de Kafka a Felice, já aparece a figura do carteiro, um dos duplos de Kafka, enviado para resolver o problema da lentidão no recebimento do correio.

Se fosse eu o carteiro da *Immanuelkirchstrasse* que lhe levasse esta carta a sua casa, não se deixando reter por nenhum membro espantado de sua família, atravessaria todos os cômodos até alcançar a senhorita e entregar-lhe a carta em mãos; ou melhor ainda, que fosse eu mesmo diante de sua porta, e para meu próprio prazer, com um prazer capaz de dissipar toda tensão, apertasse sem parar a campainha.⁵⁹⁰

⁵⁸⁸ Em que se destaca o carretel, objeto “a”, causa de desejo, com o qual nesse momento a criança se confunde. LACAN, *Livro 11, O seminário*, Os quatro conceitos fundamentais, p. 63.

⁵⁸⁹ THE BEATLES. Please Mr. Postman. In: *With The Beatles*, 1963.

⁵⁹⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 13/10/1912, p. 56; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 47-48; *Cartas a Felice* (Anima), p. 16-17.

No excerto acima Kafka, anunciando o desejo de recuperar do mensageiro sua própria iniciativa, tomando de volta o lugar de seu duplo, o carteiro, vai concordar com Deleuze no sentido de que “É o envio da carta, o trajeto da carta, o percurso e os gestos do carteiro, que substituem o vir (daí a importância do carteiro e do mensageiro, que se desdobra, como os dois mensageiros d’*O Castelo*, com roupas colantes como papel)”.⁵⁹¹ O mensageiro chega a se confundir com as cartas, como Barnabás ainda n’*O castelo*. Ele é um carteiro envelopado pela função que passa a incorporar radicalmente. “Sem dúvida ele era só um mensageiro, não tinha conhecimento do conteúdo das cartas que devia entregar, mas seu olhar, seu sorriso, seu andar pareciam também uma mensagem, mesmo que não soubesse nada acerca dela”.⁵⁹²

Se a liberdade de ir e vir de Kafka sofre inibição e coartamento, a carta, ao contrário, precisa escoar livre e de modo certo, carregando o remetente até seu destinatário. Kafka chega então a aplicar um método para driblar a ineficiência dos correios quanto a impedir os extravios das cartas, mas o método, por sua vez, também é falho e não garante que não haja perdas.

Con astucia poco común –y para distinguirme por mi astucia ante mi amada– envió cada cuartilla de esta carta dominical (son cinco) en sobre separado, lo hago así a causa de la persecución de que somos objeto por parte del Correo, el cual no irá, sin embargo, a ser capaz de perder todas las cartas (incluso si, por ser hoy domingo, no pueden ser certificadas). Cierto que con este método es mayor el peligro de que una u otra cuartilla se pierda, pero yo hago lo que puedo, y no quiero atraer el peligro expresando más temores.⁵⁹³

De toda importância é também o endereço correto e Kafka mais de uma vez corrige Felice. “Eu que estou tão nervoso pensando que as cartas podem se perder, e você que não põe minhas coordenadas corretas de todo: é preciso escrevê-las assim, *Pořič 7*, com dois acentos sobre o *r* e o *c*, também para maior segurança conviria colocar a referência ‘Companhia de Seguros Contra Acidentes de Trabalho’”.⁵⁹⁴ Para Kafka, “nada mais triste que enviar uma carta a um endereço incerto, já não é uma carta, bem mais um suspiro”.⁵⁹⁵

E até em sonhos Kafka se ocupa do envio das cartas, interferindo as figuras intermediárias do porteiro, carteiro e mensageiros que no encargo da entrega interceptam, extraviam a carta. No cartão postal, já do fim do noivado, Franz relata um sonho, mas o sonho é de angústia.

⁵⁹¹ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 47.

⁵⁹² KAFKA. *O castelo* (Carone), p. 35.

⁵⁹³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/11/1912, p. 120.

⁵⁹⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 23/10/1912, p. 51.

⁵⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 28/09/1912, p. 45.

Mi amor, de nuevo sin noticias hoy. Mala, mala noche, de la que en parte tienes tú la culpa, culpa onírica. El siguiente sueño angustioso: desde la portería del instituto me telefonean que hay allí una carta para mí. Bajo a toda prisa. Pero allí no encuentro al portero sino al jefe del departamento de recepción del correo, al que por lo regular llegan las cartas con primera providencia. Pido la carta. El hombre se pone a buscar encima de una mesita donde se supone que hace un momento había sido depositada tu carta, pero no la encuentra, dice que la culpa la tiene el portero, el cual indebidamente ha hecho que el cartero le entregue directamente la carta, en lugar de dejar que pasara al departamento de recogida. Ahora no tengo otro remedio que aguardar a que llegue el portero, mucho rato. Al fin llega, un gigante tanto por la talla como por su simplicidad. No sabe dónde está la carta. Yo, desesperado, iré a quejarme al director, exigiré una confrontación del cartero y el portero en la que este se comprometa a no volver a hacerse cargo de las cartas. Me pongo a recorrer pasillos y escaleras semiinconscientemente, buscando en vano al director. Franz.⁵⁹⁶

Na correspondência travada com Milena, a angústia relativa ao endereço retorna. Pois endereçar faz parte da dádiva que traz a carta. O gesto de endereçar é “Um tocar, um tato”.⁵⁹⁷

Por favor, escriba un poco más claramente la dirección; cuando su carta está metida en el sobre ya casi es propiedad mía, y usted debe tratar la propiedad ajena con más cuidado, con más sentido de la responsabilidad. Tak [Bueno]. Por cierto, tengo también la impresión, sin poder precisar más, de que se ha perdido una carta mía. Miedos de judío. ¡En lugar de temer que las cartas lleguen bien a su destino!⁵⁹⁸

Mais de uma vez nos sonhos o endereço correto que o atormenta não lhe vem à lembrança, a entrega é incerta. O sonho é de angústia e, ao lado do nome de Milena, causa da escrita, vem-lhe o nome *Schreiber*, “Escritor”.

Hace poco he vuelto a soñar con usted, fue un gran sueño, pero no recuerdo casi nada. Estaba en Viena, no recuerdo nada de eso, pero después llegaba a Praga y había olvidado su dirección, no sólo la calle, también la ciudad, todo, sólo de alguna manera surgía el apellido *Schreiber* (escritor), pero no sabía qué hacer con eso. Así pues, usted me había desaparecido por completo. En mi desesperación hacía varios intentos de lo más astutos, que sin embargo, no sé por qué, no podía poner en práctica y de los cuales sólo recuerdo uno. Escribía en un sobre: M. Jesenská, y debajo «Ruego entregar esta carta, de lo contrario la administración de Hacienda sufrirá una inmensa pérdida». Mediante esa amenaza esperaba poner en movimiento todos los recursos del Estado para encontrarla. ¿Ladino? No deje que esto la predisponga contra mí. Sólo en sueños soy tan inquietante.⁵⁹⁹

A preocupação em torno do endereço diz de uma aflição maior que o atormenta, que é a possibilidade do extravio; o perigo das cartas se perderem (“meu amor, há sim, há cartas que

⁵⁹⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/10/1916, p. 731.

⁵⁹⁷ NANCY. *Corpus*, p. 18.

⁵⁹⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 30/05/1920, p. 52.

⁵⁹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/06/1920, p. 80-81.

se perdem, ou bem então sofro de delírio de perseguição”).⁶⁰⁰ Essa angústia espectante, que percorre toda a correspondência, projeta-se ambigualmente na figura do carteiro que também faz às vezes de monstro e médico, pois, como ocorre com as cartas, a presença do carteiro pode ser um elo perdido ou o elo do encontro: “e eis que me acho ao lado do carteiro da companhia, sua carta se encontra em cima das outras e eu me apodero dela com tal violência que toda a pilha de cartas ameaça cair”.⁶⁰¹

Essa cena se repete relatada de diversos modos. Novamente, na carta a seguir, importa a Kafka assegurar-se a todo custo de que a carta não se extravie, que chegue a seu destino, se não a dúvida sobre o recebimento se instala juntamente com a angústia da espera da resposta, que gera, para ele, a incerteza do amor. A objetividade decidida que Kafka não tem é transferida a todos os intermediários: aos correios, ao carteiro e também a Felice.

Minha espera por sua carta no domingo se explica facilmente: fui ao escritório, mas naquele momento ainda não estava decepcionado, vasculhei o correio que já tinha chegado, mas de um modo maquinal, não com esperanças de encontrar nada. Meu endereço particular é *Niklasstrasse 36*. Qual é o seu, por favor? No verso de suas cartas já li três endereços diferentes; será mesmo o 29? A senhorita se importaria de receber cartas registradas? Não as envio só por nervosismo – ainda que esse motivo exista também acessoriamente –, mas porque tenho a sensação de que uma carta registrada chega mais diretamente em suas mãos, sem passar pela oscilação a que são submetidas essas tristes e errantes cartas simples condenadas a se extraviarem, e quando penso nisso sempre imagino a mão estendida de um robusto carteiro berlinense que, em caso necessário, a forçaria a receber a carta mesmo se a senhorita não quisesse. Sempre serão poucos os ajudantes quando se é dependente. Adeus. Estou orgulhoso de que nesta carta não haja nenhuma queixa, por maravilhoso que seja queixar-me à senhorita.⁶⁰²

Mais de uma vez é Felice quem recebe a reprimenda pelo perigo do extravio das cartas, por conta de alguma possível negligência na escrita correta do endereço: “Os cartões de Hamburgo não me chegaram, será que você colocou o endereço de forma clara e totalmente legível? No cartão de hoje lê-se, por exemplo, *Niklasstr. N.º 6*, e um erro como este é suscetível de causar-me, eventualmente, um grande sofrimento”.⁶⁰³

Em outra missiva, vemos o desdobramento do Kafka/carteiro se triplicar em mais três interceptadores. Aguardando a carta, Kafka é tomado por uma agitação.

Corro em todos os sentidos pelo corredor, olho na mão de todos os mensageiros, dou ordens inúteis só para poder enviar alguém ao correio que está embaixo. (é que estou

⁶⁰⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 30/11/1912, p. 163-164; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 139.

⁶⁰¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 30/11/1912, p. 164; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 139.

⁶⁰² KAFKA. *Lettres à Felice*, 06/11/1912, p. 90; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 76.

⁶⁰³ As coordenadas de Kafka eram *Niklasstr. N.º 36*. KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06/08/1913, p. 431; *Lettres à Felice*, p. 497.

no 4º piso e é embaixo que se efetua a triagem da correspondência, nossos carteiros não são pontuais, além disso temos eleições diretoriais, o correio que se recebe é enorme, e antes de que tirem sua carta desse montão idiota, eu aqui no alto já teria tempo de morrer de impaciência).⁶⁰⁴

Kafka se rende à inutilidade que seria descer e procurar a carta, porque ele mesmo já ordenou três pessoas para adiantar-lhe a entrega das cartas de Felice antes de qualquer outra correspondência. Então vemos o escritor em ação que, com muito humor e ironia, relata uma espécie de crônica das vicissitudes que podem sofrer as cartas, e emerge uma crônica literária em meio a uma carta de amor, como tantas vezes acontece. Temos então uma variante da “*Lettre en souffrance*”⁶⁰⁵ no melhor estilo kafkiano (lembrando o conto “Meus onze filhos”), em que o autor descreve os funcionários/interceptadores eleitos em plena ação e que, em vez de promoverem a entrega da missiva tão esperada, burocratizam seu destino complicando sua chegada.

Por causa da tarefa que lhes compete os 3 merecem ser nomeados:

O primeiro é o serviçal Mergl, humilde e complacente, mas tenho por ele uma insuportável aversão, porque observei que quando minhas esperanças recaem principalmente sobre ele, sua carta raramente chega. Em tais casos o ar involuntariamente cruel desse homem penetra-me até a medula. É o que aconteceu hoje, tive vontade de bater-lhe, pelo menos em suas mãos vazias. No entanto ele parece tomar meu partido. Não tenho vergonha de confessar que em alguns desses dias vazios pedia a opinião dele quanto a se chegaria uma carta sua na manhã do dia seguinte, e curvando-se em reverências, ele sempre se dizia convencido de que viria. Uma vez – recordo-me agora –, estava eu esperando com insensata certeza a chegada de sua carta, devia ser ainda durante aquele terrível primeiro mês, quando o serviçal me avisou no corredor que a coisa tinha chegado e que a tinha posto em cima de minha mesa. Corri para lá, mas na minha mesa não encontro nada além de um cartão postal de Max, que vinha de Veneza, com um quadro de Bellini que representava *O amor, soberano do mundo*. De que nos serve generalidades diante de seu caso particular e pessoalmente doloroso! O segundo mensageiro é o Sr Wottawa, chefe da Seção de Expedições, um velhinho solteirão com a cara enrugada, coberta por manchas das mais diversas e uma barba hirsuta, sempre chupando um Virginia com seus úmidos lábios, e no entanto, este homem é de uma beleza sobrenatural quando, de pé no marco da porta, tira do bolso interno sua carta e ma entrega, o que, bem entendido, não está dentro de suas atribuições. Ele deve suspeitar de alguma coisa, pois quando tem tempo sempre procura adiantar-se aos outros dois, sem lamentar a subida de 4 andares. Por outro lado, a verdade é que me dói pensar que, para poder me entregá-la ele mesmo, por vezes, a esconda do serviçal, quem, em algumas ocasiões, poderia me trazê-la mais cedo. Sim, mas as coisas não acontecem sem transtornos. Minha terceira esperança é a senhorita Böhm. Ela pelo menos converte a entrega da carta em um acontecimento muito feliz. Ela se aproxima com um ar radioso e estende-me a carta como se, aparentemente, ela viesse de qualquer outra pessoa, mas que na realidade concerne somente a nós dois, a ela e a mim (*sie und mich*). Caso aconteça que a carta seja trazida por alguns dos dois outros, ela só falta chorar quando lhe digo, e toma a firme resolução de no próximo dia estar mais alerta. Mas o prédio é muito grande,

⁶⁰⁴ KAFKA. *Lettres à Felice*, 15/11/1912, p. 108-109; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 91-92.

⁶⁰⁵ Modo como Lacan renomeia *A Carta roubada* (de E. Alan Poe, *The Purloined Letter*). Em francês: *La lettre volée*.

temos mais de 250 empregados, e alguém pode facilmente arrancar a carta de passagem. Hoje, nenhum dos três trabalhou.⁶⁰⁶

A pergunta e a investigação pelo que e/ou quem impede a chegada das cartas é constante, podendo incriminar até mesmo as colegas de trabalho de Felice.

Me hubiera gustado saber si habías recibido al fin mis cartas. En el día de hoy ha habido momentos en los que me parecía que no sería capaz de soportar el instante siguiente si este no te traía a mi lado. Ayer por la noche, sin ir más lejos, se me ocurrió estando en la cama, después de haber escrito y cerrado ya la carta anterior, que toda la historia de mis cartas que no han llegado a su destino solo puede explicarse por el hecho de que alguna de las damitas de tu oficina, movida por la curiosidad y la codicia, ha escondido las cartas y no te las ha entregado hasta última hora de la tarde. Tengo curiosidad por saber si mi conjetura es acertada.⁶⁰⁷

Mas os grandes suspeitos são os correios e seus funcionários, a ponto de Felice chamar a atenção dele pelas constantes acusações: “Não devo eu dizer nada mais contra os correios?” E brinca paranoicamente: “Tudo isso não foi senão por causa de suas pequenas fotos, que provocaram ciúmes nos empregados dos correios”.⁶⁰⁸ A culpa é sempre do carteiro. Mas eles também podem conspirar a favor do encontro.

Tenemos que arreglárnoslas de tal manera que en el instante mismo en que uno de nosotros pida algo al otro el cartero entre a todo correr sea cual sea la hora del día o de la noche. Por otro lado, Correos quiere reconciliarse con nosotros. Hoy ha traído el cartero el primer ejemplar encuadernado de mi libro [Contemplación] (mañana te lo mando), y en señal de que tú y yo nos pertenecemos metió el rollo que contenía tu foto dentro de la solapa del libro. Pero también en esto mis deseos van más allá, irrealizables.⁶⁰⁹

No entanto é claro que Kafka tem consciência de sua tirania e preocupa-se em não aprisionar e atormentar Felice com seu desejo de cartas e tenta amenizar sua ânsia pelo retorno da correspondência.

Tenho curiosidade em saber por quantas vezes vou ainda repetir isso, já que hoje estava completamente excluída a possibilidade de que chegasse a mim alguma carta. Por outro lado, foi somente hoje que fiquei nervoso, neste dia de transição, se você não escreve, depois da carta de amanhã não voltarei a preocupar-me absolutamente. Antes me dizia: “ela não escreve” e isso era horrível, de agora em diante direi: “E então querida, você foi passear?”, e só poderei me alegrar. A que hora exatamente você recebeu minha carta noturna? Seu, Franz.⁶¹⁰

⁶⁰⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, 15/11/1912, p. 108-109; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 92-93.

⁶⁰⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 3-4/01/1913, p. 224; *Lettres à Felice*, p. 257.

⁶⁰⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 7/01/1913, p. 231; *Lettres à Felice*, p. 265-266.

⁶⁰⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 10-11/12/1912, p. 199; *Cartas a Felice* (Anima), p. 173.

⁶¹⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 15/11/1912, p. 109; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 92-93.

Mas na carta que segue Kafka entra na escrita em um corpo a corpo com Felice. Ele a sacode, a aperta, tentando fazer cair cartas.

Puesto que al fin he escrito un poco para mí, me entran nuevos ánimos, te tomo en mis brazos (nada he tenido en ellos, hasta el momento, con más ternura que a ti, durante este interrogatorio que va a tener lugar seguidamente) y te pregunto mirándote al fondo de tus queridos ojos: «¿Ha habido algún día, Felice, en el transcurso del último trimestre, en que no hayas recibido noticias más?». Fíjate bien, ¿ves que no hubo ninguno? En cambio tú a mí me dejas hoy, martes, sin ninguna noticia⁶¹¹

Para, na carta seguinte, descrever a chegada da correspondência como um presente de Natal depois de uma longa espera.

Para no escribirte ahora, te escribo, mi amor, estas líneas que en todo caso recibirás al mismo tiempo que una carta ulterior y más detallada; te escribo para sentir de nuevo mi vinculación a ti, para haber hecho algo real por esta vinculación, ese es el motivo. He revuelto todo el correo navideño que traía el cartero, al tiempo que, furioso, le exigía el mío; yo estaba ya en la escalera, me disponía a marcharme dando por perdida toda esperanza, eran ya las 12 y cuarto del mediodía. ¡Y al fin, al final, oh correo maravilloso, comienzo de las vacaciones de Navidad, dos cartas, una tarjeta, una foto, flores! ¡Querida, querida mía digna de ser cubierta locamente de besos!, ¿cómo puedo expresarte mi gratitud con esta débil mano?⁶¹²

2.7 A carta infinita

Sobretudo tinha seu telegrama no bolso, e com ele caminha-se de modo diferente. Existe uma bondade humana especial, da qual os seres humanos não sabem nada. Por exemplo, aproxima-se da ponte, a Cechbrücke, tira-se o telegrama e o lê (sempre é novo; quando se absorveu todo seu conteúdo, o papel fica vazio, mas uma vez no bolso, em um instante torna a se escrever outra vez).⁶¹³

Kafka não é só temeroso e minucioso ao delongar o recebimento e leitura de uma carta. Ele se demora porque quer torná-la infinita.

Se não tivesse acima de qualquer dúvida que a razão para deixar tanto tempo por abrir uma carta (mesmo aquelas cujo conteúdo é previsivelmente insignificante) é apenas fraqueza e covardia, que me levam a hesitar tanto em abrir uma carta como hesitaria em abrir a porta de um quarto onde alguém me esperasse talvez com alguma impaciência, seria então possível explicar muito melhor esta demora como uma tendência para a minúcia (*Gründlichkeit*). Admitindo que sou minucioso (*ein gründlicher Mensch*), então tentarei necessariamente prolongar tudo o que diga respeito à carta, e assim abri-la-ei lentamente, lerei devagar e muitas vezes refletirei longo tempo, só passarei a limpo a resposta depois de muitos esboços e por fim hesitarei ainda em enviá-la. Tudo isto está em meu poder, só não se pode evitar a chegada súbita da carta. Pois bem, prolongo artificialmente também a sua chegada,

⁶¹¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/12/1912, p. 202; *Cartas a Felice* (Itatiaia), p. 212.

⁶¹² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 25/12/1912, p. 203-204; *Cartas a Felice*, p. 212, 213.

⁶¹³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 30/06/1920, p. 189; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 102.

durante muito tempo não a abro, está na mesa à minha frente, oferece-se a mim a cada momento, recebo-a constantemente, mas não pego nela.⁶¹⁴

Kafka ainda sem muita intimidade, no início da longa correspondência, mais ávido do que nunca, em um “sofrimento insano”,⁶¹⁵ embora constrangido por sua urgência epistolar, pede ainda a Felice a permissão para escrever quantas cartas quiser, com falso desprendimento quanto ao recebimento de retorno.

de todas as cosas bonitas que contém sua carta, a mais bonita é a permissão (*Erlaubnis*) da senhorita, para que eu lhe escreva quando quiser, pois tinha pensado afinal que talvez fosse o tempo de pôr fim à repetição diária de minhas cartas, a este respeito não a conheço e talvez à senhorita seja desagradável a aparição cotidiana da carta, e eu, apesar da falta de pontualidade que se estende por todo meu ser, empenho-me em escrever-lhe sem resistência, precisamente à senhorita. Mas agora tenho minha permissão (*Erlaubnis*), posso fazer o que quero, e do mesmo modo que me está permitido continuar a escrever sem ter resposta, espero também que, caso estivesse impossibilitado de escrever, receberia por graça uma carta, já que então eu teria uma dupla necessidade de recebê-la.⁶¹⁶

Com esse “desejo demente de escrever e de arrancar cartas do destinatário”,⁶¹⁷ o noivo insaciável confessa a Felice que transfinitiza suas cartas. “Para mim cada uma de suas cartas é infinita, mesmo que sejam curtas”.⁶¹⁸

Mas Kafka, desolado, tem que reconhecer definitivamente que a carta tem um ponto final. Diante disso ele conta a Felice como sua ânsia produz a infinitização das cartas: “[...] eu a li até a assinatura, depois recomecei e tornei a fazê-lo novamente e assim sigo formando o mais lindo círculo”.⁶¹⁹ Vemos isso claramente vertido em um sonho que Kafka afirma ser “um verdadeiro sonho de desejo”. Segue, na mesma carta, o relato do sonho em que o sem fim se realiza.

Um carteiro trazia-me duas cartas suas registradas, uma em cada mão, estendi-as a mim com um movimento de uma precisão maravilhosa que fazia saltar seus braços como as bielas de uma máquina a vapor. “Senhor, são cartas encantadas!” Eu podia tirar do envelope tantas folhas escritas quisesse, elas nunca se esvaziavam. Encontrava-me no meio de uma escada e se eu quisesse tirar tudo o que restava nos envelopes, era-me preciso, desculpe-me, jogar sobre os degraus aquelas que eu já havia lido. Toda a escada estava coberta de alto a baixo, com uma espessa camada de páginas lidas, e o papel elástico das folhas volantes empilhadas rangiam

⁶¹⁴ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’água), 18/12/1910, p. 84.

⁶¹⁵ KAFKA. *Lettres à Felice*, 18/11/1912, p. 120; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 102.

⁶¹⁶ KAFKA. *Lettres à Felice*, 15(16)/11/1912, p. 114; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 96.

⁶¹⁷ DELEUZE; GUATARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 47.

⁶¹⁸ KAFKA. *Lettres à Felice*, 17/11/1912, p. 116; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 98.

⁶¹⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Anima), 17/11/1912, p. 81; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 98; *Lettres à Felice*, 17/11/1912, p. 116.

poderosamente. Era um verdadeiro sonho de desejo (*Es war ein richtiger Wunschtraum*).⁶²⁰

As fotos que recebe parecem dar mais volume, consistência e vida ao corpo epistolar e também fazem parte da infinitização. As imagens cumprem sua função também na correspondência com Milena: “[...] quando me levantava entrou uma ordenança e me trouxe tua carta, abri-a na escada; santo céu, dentro há um retrato, quer dizer, algo absolutamente inesgotável, uma carta para um ano, uma carta para a eternidade”.⁶²¹

A carta tornada infinita é um desejo revivido na correspondência com Milena: “[...] basta, esse papel branco, que não quer terminar, queima os olhos a uma pessoa, e por isso ela escreve”.⁶²²

2.8 O corpo de papel: amuletos/a mulher guia

Felice, meu amor. Seu Franz (como os dois nomes, por falta de lugar, se acham apertados um contra o outro, Kafka acrescentou à margem) Ao menos aqui estamos juntos.⁶²³

Quando morre Blaise Pascal, um serviçal encontrou costurado no forro interno de seu casaco preferido, bem perto de seu corpo e ao lado de seu coração, seu louvor a Deus e a Jesus datado na “noite de fogo” de sua conversão.⁶²⁴

Figura 36 – Louvor a Deus escrito por Blaise Pascal (fac-símile)

⁶²⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 17/11/1912, p. 116-117; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 99; *Cartas a Felice* (Anima) p. 82.

⁶²¹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 16/07/1920, p. 148.

⁶²² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/05/1920, p. 58; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 46.

⁶²³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 22-23/12/1912, p. 199.

⁶²⁴ O louvor chamado “Memorial” foi datado de 23/11/1654, o dia da “graça” de uma revelação. Quando Pascal, aos 31 anos, escapou milagrosamente com vida de um acidente com sua carruagem. Todos os cavalos morreram e ele entendeu como uma mensagem de Deus sua boa sorte (*Pascal’s Recovery of Man’s Wholeness*) Albert N. Wells, p. 94-95).



Fonte: Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A9morial_de_Pascal_autographe_\(Brunswick\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A9morial_de_Pascal_autographe_(Brunswick).jpg)>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Freud, que também era um grande missivista, ao longo de quatro anos escreveu mil e quinhentas cartas a sua noiva, Martha Bernay, antes de poderem, finalmente, se casar. Freud apaixonado e com poucos recursos econômicos mostra-se ciumento e possessivo nas cartas. Quando ingressa no Hospital Geral de Viena (1883), pede a Martha que lhe borde três bandeirolas nas quais figurariam três frases edificantes, “Na aspiração de tê-la presente através dessas telas bordadas por ela”.⁶²⁵ Das cartas trocadas entre os noivos, conservaram-se apenas aquelas dos quatro últimos meses do noivado. Nessas cartas descobrimos um Freud apaixonado e que, longe de seu amor, chegava mesmo a fechar a porta do quarto para ficar a sós com uma fotografia que guardava a chave em uma caixinha presenteada por Martha. Quando a saudade apertava, Freud recorria, por inúmeras vezes, ao retrato da noiva, que descansava em sua lâmpada como um gênio aprisionado. Mas, diferentemente de Kafka, a imagem, para Freud, é um símbolo, não se confunde nem substitui a verdadeira amada.

Seu adorável retrato. A princípio, quando tinha o original na minha frente, não lhe dava muita atenção; mas agora, quanto mais olho para ela, mais se assemelha ao ser amado e fico esperando que as faces pálidas correm até ficarem como as nossas rosas

⁶²⁵ FREUD. *Cartas de amor*, prólogo, p. 8.

e parece que os braços delicados vão sair da superfície para acariciar minha mão. Mas o retrato amado não se move, parecendo apenas dizer: paciência, paciência, sou apenas um símbolo, uma sombra lançada no papel; a pessoa verdadeira logo volta e então pode deixar-me de lado novamente.⁶²⁶

Em Kafka, vê-se muitas vezes as cartas, fotos e outros objetos trocados tornarem-se uma relíquia alvissareira. Levar a foto da amada para a cama garante uma noite feliz. “E como estava bom ficar na cama com sua fotografia! Todas as coisas tristes ficavam longe de mim, e deveriam esperar frente a minha cama, enquanto permaneci deitado me preservava de tudo”.⁶²⁷

Com Milena o telegrama é um remédio para enfrentar a noite. “Então chegou seu queridíssimo telegrama, um remédio consolador contra a noite, a velha inimiga (se o remédio não é de todo suficiente, não é, na verdade, culpa sua, mas das noites. Essas breves noites terrenas quase poderiam inculcar em alguém o medo da noite eterna)”.⁶²⁸

Em meio à febre de posse das fotos, Franz ganha uma bolsinha de Felice e não tem dúvidas quanto ao uso que fará do presente. Entretanto, a necessidade do contato imediato por vezes dispensa mesmo a mais feliz mediação e, então, manter a foto nas mãos ainda é mais eficaz do que guardá-la no bolso.

Acabo de besarte, y acto seguido tu sonrisa se ha vuelto una pizca más amistosa que antes. ¿Qué dices tú, querida, niña mía querida, respecto a la conducta de tu imagen fotográfica? Durante los próximos días, al menos, no llevaré la carterita con tu foto en el bolsillo, la llevaré en la mano para que me confiera su apoyo, su protección y su fuerza. Resultaría algo verdaderamente extraño si el poseedor de semejante fotografía no fuera capaz de resistir cualquier cosa.⁶²⁹

Em carta seguinte, mais calmo, Kafka considera o que é melhor fazer com a bolsinha, e mesmo dizendo que “se perde totalmente na contemplação da foto”, a ponto de não conseguir continuar com a carta, comemora a posse da fotografia como sendo a de um talismã que, acompanhando-o, ajudará em tudo.

Esta carterita que me enviaste es prodigiosa. Gracias a ella me convierto en un ser distinto, más sosegado y mejor. La posibilidad de mirar tu foto allí donde me encuentre, o por lo menos de sacar la carterita (el procedimiento de llevarla constantemente en la mano no ha dado resultado), es una nueva dicha que te debo. Cuando contemplo esta pequeña fotografía –la tengo delante de mí– no deja nunca de asombrarme la fuerza de nuestra unión. Detrás de todo lo visible, detrás del rostro amado, de los serenos ojos, de la sonrisa, de los (estrechos, a decir verdad) hombros, que se precipitaría uno a abrazar, detrás de todo esto operan fuerzas que me son muy

⁶²⁶ FREUD. *Cartas de amor*, prólogo, p. 28.

⁶²⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 15/12/12, p. 180; *Cartas A Felice* (Anima), p. 182.

⁶²⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 06/06/1920, p. 73.

⁶²⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26/12/12, p. 206; *Cartas A Felice* (Anima), p. 216; *Lettres à Felice*, p. 236-237.

afines e indispensables, todo esto es un misterio cuya contemplación, miserable criatura que es uno, debería estarle vedada, teniendo únicamente derecho a sumergirse en él devotamente.⁶³⁰

2.8.1 A mulher-guia

Digo-me por vezes que por ter um tal poder sobre mim, possa você, Felice, transformar-me em um homem capaz de seguir naturalmente por si. (*Manchmal denke ich, Du hast doch, Felice, eine solche Macht über mich, verwandle mich doch zu einem Menschen, der des Selbstverständlichen fähig ist*).⁶³¹

Sempre M., ou melhor, não é M., mas um princípio, uma luz nas trevas.⁶³²

Considerando que a morte levou por doença seus primeiros dois irmãos mais velhos em tenra idade, Kafka cresceu entre mulheres. Se isso o deixou único no amor da mãe, também acresceu solidão àquele que viveu em um mundo quase totalmente feminino. Mundo da mãe, das três irmãs, das cozinheiras, de governantas e prostitutas; mundo do qual emergia a figura gigantesca de exceção do pai, que sem introduzir Kafka em um mundo masculino, excluía-o em sua posição de poder absoluto.

Pelas anotações nos *Diários*, sabemos que o desespero já rondava Kafka quando conheceu Felice. O encontro é uma injeção de força, fato que não passa despercebido a nenhum comentarista. Já noivo, em meados de 1913, faz uma enumeração de todos os argumentos a favor e contra o casamento. Inicialmente confessa ser incapaz de suportar a vida sozinho. “Sozinho não consigo aguentar o assalto da minha própria vida, as exigências da minha pessoa, os ataques do tempo e da idade, a vaga pressão do desejo de escrever, a insônia, a proximidade da loucura”. E quase ao mesmo tempo percebe ser improvável que saiba viver com alguém. Finaliza o primeiro ponto de suas notas declarando: “A relação com F. vai dar a minha existência mais força para resistir”.⁶³³ Lembrando nessa mesma nota o quanto o contato feminino lhe era benéfico na juventude.

À Felice lemos constantes pedidos de cuidados que chegam até mesmo quanto ao uso das palavras. “Logo, querida, proteja-me contra essas palavras repugnantes (*widerlichen Worten*) que deixo sair de mim nesses últimos tempos. Diga-me que você compreende tudo e que me conserva sua ternura”.⁶³⁴

⁶³⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 26-27/12/12, p. 207; *Cartas a Felice* (Anima), p. 217.

⁶³¹ KAFKA. *Lettres a Felice*, de 17 a 18/02/1913, p. 344; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 300.

⁶³² KAFKA. *Diários* (Difel), 02/12/192, p. 352.

⁶³³ KAFKA. *Diários* (Difel), 21/07/1913, p. 198-199.

⁶³⁴ KAFKA. *Lettres à Felice*, 18-19/02/1913, p. 345; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 302.

Quando a doença é constatada, inventariando a relação dos dois, Kafka escreve à noiva sublinhando o efeito de orientação que Felice tem sobre ele. “Que em meu interior há dois seres que combatem, é coisa que você já sabe. Que o melhor dos dois lhe pertence, é algo que nestes últimos dias nunca duvidei menos”.⁶³⁵

E, como poucas vezes esteve presencialmente com Felice, para Kafka, sua companheira mais real e verdadeira era o pedacinho de papel que ele podia agarrar entre os dedos.

Houve dias em que esperei tuas cartas com calma, eu as recebia calmamente, eu as lia uma vez, colocava-as no bolso do paletó, relia-as e colocava-as novamente no bolso, mas tudo isso com uma imensa calma. Depois vieram outros dias e hoje é exatamente um desses dias, em que a intolerável espera de tua carta basta para me fazer tremer e eu a pego como algo que tem vida e minhas mãos não a soltam mais.⁶³⁶

Kafka beija as cartas como um amante apaixonado e carrega as fotos da amada junto ao peito no bolso interno do paletó, bem perto do corpo, como Pascal carregava sua prece a Deus. Se Pascal queria talvez ficar com Deus quando costura seu memorial no forro de seu sobretudo, Kafka queria se proteger ficando perto do amor de uma mulher e carregá-la bem perto de si. Quanto a isso cabe lembrar o quanto Deus e “A” mulher estão próximos, figurando a função de um Outro a quem se dirige o apelo amoroso de proteção e salvação, tanto de Pascal como de Kafka.⁶³⁷

Entristecido e desconsolado com o fato de ter que participar dos festejos do casamento de sua irmã Valli, festa que para ele sempre foi um tanto fúnebre, recebe notícias de Felice como um bálsamo de efeito poderoso. “Recibi sua carta, o cartão e as fotos em plena reunião de convidados para a boda, justo no momento em que nos dispúnhamos a formar o cortejo, foi como se me pegasse pela mão”.⁶³⁸

Tendo em mãos um cartão de Felice, Kafka confessa-lhe como o agarrara como uma tábua de salvação durante sua primeira leitura em voz alta entre amigos da novela *O veredicto*, a ela dedicada.

Con el fin de tener sin falta algo tuyo a mano, pero que no llamase la atención, me llevé la tarjeta del festival con la intención de dejar mi mano descansar plácidamente sobre Ella durante la lectura y, de esa manera, por medio de la más simple de las

⁶³⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09 ou 01/10/1917, p. 777.

⁶³⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Itatiaia), 25/11/1912, p. 112; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 122.

⁶³⁷ “A maior necessidade da espécie humana é que haja um Outro do Outro. É aquele a quem chamamos geralmente de Deus, mas a análise o desvela como pura e simplesmente A mulher”. LACAN. *Livro 23 – O seminário: o sinthoma*, p. 124.

⁶³⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 12-13/01/1913, p. 243; *Lettres à Felice*, p. 279.

magias, verme sostenido por ti. Pero en cuanto el relato se me metió en la sangre, primero empecé a jugar con la tarjeta, y luego la estrujé y la doblé sin reparar en lo que hacía, menos mal que en el lugar de la tarjeta no estaba tu deliciosa mano, de lo contrario seguro que mañana no hubieras podido escribirme ninguna carta, y la velada me hubiese salido excesivamente cara.⁶³⁹

Já com Milena, que provavelmente reclamava mais a presença real do amante, Kafka lhe escreve duplicando-a e confessando que a verdadeira remetente lhe chega em folhas escritas. “Sem dúvida há de ser bastante melancólico encontrar-se sozinha, uma linda tarde de domingo, sentada diante de um ‘desconhecido’, cujo rosto apenas consiste em ‘folhas escritas’. Quão melhor é minha sorte! É verdade que meu quarto é pequeno, mas aqui tenho a verdadeira Milena, que, ao que parece, abandonou-a no domingo e, creia-o, é maravilhoso estar a seu lado”.⁶⁴⁰

A correspondência com Milena não é tão extensa como a travada com Felice, mas bem mais intensa e ardente. Kafka já está doente, presente que não tem muito tempo de vida. Esperava o anjo da morte, mas, diferentemente, lhe vem Milena, 13 anos mais jovem, da qual tinha uma vaga lembrança de um único encontro (traços do rosto, o movimento, o andar de um vestido).

A correspondência entre os dois mal começa e já tem efeitos sobre Kafka, mesmo esgotado e insone. “No sei o que escrever, limito-me a me mover aqui entre as linhas, sob a luz de seus olhos, no hálito de sua boca como num dia lindo e feliz (*einem schönen glücklichen Tag*), que segue sendo lindo e feliz (*schön und glücklich*) ainda que a cabeça esteja doente, cansada”.⁶⁴¹

Chama Milena de sua “salvadora”, salva-vidas de um naufrago. “Por mais que revire a carta de hoje, a carta querida e fiel, a carta alegre e portadora de felicidade, é de todos os modos uma carta ‘salvadora’”.⁶⁴² E deixa claro na mesma carta que tipo de ajuda espera de Milena:

Milena entre os salvadores (*Milena unter den Rettern!*) [...] Milena entre os salvadores (*Milena unter den Rettern*), ela que constantemente experimenta no próprio corpo que o outro somente se salva mediante a própria existência (*Dasein*) e, afora isso, mediante nada mais. E a mim salvou-me mediante sua existência (*Dasein*) e agora, posteriormente, o exerce com outros meios infinitamente menores. Quando salvamos o outro do afogamento é, naturalmente, uma grande façanha; mas se depois presenteia-se o salvado com um crédito para aulas de natação, que significa isso? Por que quer o salvador deixar as coisas tão fáceis? Por que não quer seguir salvando o outro constantemente somente com sua presença, com sua presença sempre disponível? Por

⁶³⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 4-5/12/1912, p. 151; *Cartas a Felice* (Anima), p. 150.

⁶⁴⁰ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 04/06/1920, p. 69; *Lettres à Milena*, 04/06/1920, p. 45; *Cartas a Milena*, (Itatiaia) p. 25.

⁶⁴¹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 01/06/1920, p. 59; *Lettres à Milena*, p. 36.

⁶⁴² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 194; *Lettres à Milena*, p. 151.

que quer livrar-se dessa tarefa e passá-la a professores de natação? [...] E, além disso, peso 55 kg 400! Como posso voar se nos tomamos pela mão? E se voamos os dois, o que acontece então? E também – esta é, no fundo, a ideia básica do precedente – nunca me distanciarei tanto de ti.⁶⁴³

Depois de dois dias sem receber nenhuma notícia envelopada, Kafka recebe em uma segunda-feira quatro cartas. Ele está feliz, mas exausto da expectativa e da angústia da espera, a ponto de lhe custar escrever em meio a essas quatro cartas,

[...] entre essa montanha de desespero, dor, amor, amor recíproco. (*Verzweiflung, Leid, Liebe, Gegenliebe gleich herauszufinden*) [...] durante dois dias e duas noites estive consumido imaginando as coisas mais atrozes. Mas, entretanto – e isto é parte outra vez de tua força portadora-de-vida (*leben-gebenden Kraft*), mãe (*Mutter*) Milena –, entretanto estou, no fundo, menos desmoronado que nos últimos 7 anos, a exceção do ano que estive naquela aldeia. (no campo com Otla).⁶⁴⁴

Milena menina, mãe Milena, Milena libertadora, industriosa, anjo da guarda, a salvas de um naufrago... são as palavras que Kafka dedica àquela a quem sente guiá-lo. A voz e a presença de Milena concorrem com o vozerio que o atormenta.

Estou em um caminho tão perigoso, Milena. Você está em pé, firme, junto a uma árvore, jovem, formosa, seus olhos subjagam com seu brilho a dor do mundo. Estamos jogando um jogo infantil, eu me arrasto pela sombra, de uma árvore à outra, estou em pleno caminho, você me chama, aponta-me os perigos, quer dar-me ânimo, desespera-se por ver meu passo vacilante, recorda-me (a mim!) a seriedade do jogo... não posso, desfaleço, já caí no chão. Não posso ouvir ao mesmo tempo as vozes terríveis do meu interior e a sua, mas em troca posso ouvir apenas a sua e confiar em você, em você como em ninguém mais no mundo.⁶⁴⁵

A Milena ele diz amar, não só como uma mulher, mas como um destino, uma destinatária que é uma destinação.⁶⁴⁶ Vislumbrar a possibilidade de perdê-la é, pois, sentir-se “pesado”; pesado como um barco que “perdeu o timão”.⁶⁴⁷

Perder Milena é perder uma orientação. Eis como Kafka, em sua leitura de Robinson Crusoe, romance de sucesso mundial absoluto no fim do século XIX, curva-se ao enamoramento que o dominava.

Veja, Robinson teve que alistar-se na tripulação, teve que fazer essa travessia perigosa, sofrer um naufrágio e muitas outras coisas; a mim me bastaria somente

⁶⁴³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 195.

⁶⁴⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 12/07/1920, p. 132-133.

⁶⁴⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 03/06/1920, p. 66-67; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 38.

⁶⁴⁶ “E, no entanto, não é você quem amo, é mais que isso, amo minha existência que me foi presenteada através de você”. KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/07/1920, p. 136; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 81.

⁶⁴⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/08/1920, p. 243; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 175. Expressão que surge também em carta de 20/09/1920, (Alianza) p. 299.

perder você e já seria Robinson. Mas seria mais Robison do que ele. A ele lhe restavam a ilha, e Sexta-feira, e muitas coisas, e especialmente o barco que o levou de retorno e converteu tudo o mais quase em um sonho; eu em troca não teria absolutamente nada, nem sequer o nome, porque também o dei a você. E por isso, de certo modo, sou independente de você, exatamente porque a dependência supera todas as fronteiras. [...] Ou você é minha, e nesse caso tudo está bem, ou perco você, e nesse caso não se pode dizer que tudo esteja mais ou menos mal, porque não existe nada, já não restam nem ciúmes nem padecimento nem ansiedade, nada de nada. E na verdade é até certo ponto uma blasfêmia construir tanto sobre uma pessoa; por isso mesmo ronda o medo nos ciumentos, mas não é medo por você, porém o medo de ter-se atrevido a construir desse modo. E por isso, para combater esse medo (seguramente foi assim desde o início), há tanto de divino acrescido a seu querido rosto terreno.⁶⁴⁸

Kafka, na armadilha labiríntica das cartas, fixa, desvia e conjura seu desejo, deixando o amor em padecimento, em gozo no sofrimento, e o objeto precioso acaba revelando seu ser de papel, a precariedade do laço e se desfaz. Apenas com Dora Diamant, com quem Kafka viveu no fim de sua vida, a relação foi além das cartas, mas certamente não foi sem elas que se perderam, com outros manuscritos, confiscados pela Gestapo durante a Segunda Guerra.⁶⁴⁹

Mas a história de uma outra correspondência amorosa ainda sobreviveu graças a Dora, que, atenta a seu companheiro, pôde deixar-nos o testemunho dessa última e póstuma narrativa em que atua o próprio escritor, como veremos a seguir.

2.9 As cartas como separação e luto

Minha atividade de escritor tratava de ti, nela eu apenas me queixava daquilo que não podia me queixar junto ao teu peito. Era uma despedida de ti, intencionalmente prolongada.

(KAFKA. Carta ao pai, p. 7).

Já no fim da vida, Kafka, vivendo com Dora em Berlim, protagoniza uma história vivida entre ele e uma menina que deixa claro o quanto o valor das cartas em sua vida permaneceu intacto até o fim. As cartas, no relato que segue, mostram-se em seu fundamento infantil de objeto de apego e possessão diante de uma experiência de luto e separação. Se na *Carta ao pai*

⁶⁴⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 05/09/1920, p. 283; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 168-169.

⁶⁴⁹ Desde 1998 pesquisadores do *Kafka Project* (cuja Diretora é Kathi Diamant,) escoltados por duas universidades alemãs, estão em busca desses documentos do último ano de vida de Kafka, em posse de Dora até 1933. Depois da morte de Kafka, Dora escondeu estas cartas inclusive de Brod, considerando ser um tesouro íntimo que lhe pertencia, até quando a relíquia que guardava lhe foi tirada por soldados nazistas, na época uma perda irrecoverável. Mais recentemente (2013), em Berlim, foram encontrados arquivos do III Reich ainda não catalogados, que retornaram da Rússia (onde foram parar no fim da guerra) e que podem conter os manuscritos perdidos. Estima-se que ainda existem 20 cadernos e 35 cartas da época de Dora e Kafka a serem resgatadas do esquecimento. Fonte: <<http://www.kafkaproject.com/pdf/Found-%20A%20Clue%20to%20Missing%20Treasure.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

vemos explicitamente a carta/letra na função de declaração, separação e despedida, é em um episódio contado por Dora, ocorrido no último ano de vida de Kafka, que esse tratamento nos chega na contingência poética do acontecimento.

Quando moramos em Berlim, Kafka ia frequentemente passear no parque de *Steglitz*. Eu o acompanhava algumas vezes. Certo dia, encontramos uma garotinha que chorava e que parecia completamente desesperada. Nós lhe dirigimos a palavra e Kafka lhe perguntou o motivo de sua aflição; foi quando descobrimos que ela havia perdido sua boneca. Para explicar esse desaparecimento, Kafka logo inventou uma história completamente verossímil: “Sua boneca acabou de fazer uma pequena viagem. Eu bem o sei, pois ela me enviou uma carta”. Mas a garotinha olhou para ele com olhar desconfiado: “Você tem ela aqui com você?”, perguntou-lhe ela. “Não, eu a deixei em casa, mas vou trazê-la para você amanhã”. A garotinha, que ficou logo com um olhar bastante curioso, já havia quase esquecido sua dor, e Franz imediatamente voltou para casa para escrever a carta.⁶⁵⁰

E vemos, confirmado por Dora, como Kafka, sabendo o que fazia, levou a sério o tratamento.

Ele trabalhou com a mesma seriedade caso tivesse de escrever uma verdadeira obra literária. Tinha o mesmo estado de tensão nervosa que o agitava quando se instalava em seu escritório, mesmo que fosse apenas para escrever uma carta ou um cartão postal. Além do mais, era uma verdadeira tarefa, tão essencial como as outras, pois era preciso a todo custo agradar a garota e evitar-lhe uma decepção ainda maior. A mentira deveria se tornar verdade, graças à verdade da ficção. No dia seguinte, levou a carta à garotinha que esperava por ele no parque. Como a garotinha não sabia ler, Franz leu a carta para ela. A boneca explicava que estava cansada de viver na mesma família, exprimia-lhe o desejo de mudar de ar. Resumindo, que queria, por algum tempo, separar-se da garotinha, mesmo amando-a tanto. Ela prometia escrever todos os dias, e, assim, Kafka escrevia a cada dia uma carta, contando sempre novas aventuras que muito rapidamente se desenvolveram conforme o ritmo de vida próprio das bonecas. Dias depois, a criança havia esquecido a perda de seu brinquedo e só pensava na ficção que ele havia lhe presenteado como compensação. Kafka escrevia cada frase da história com tamanha precisão e humor que a situação da boneca ficou muito fácil de compreender: ela havia crescido, frequentado a escola, conhecido outras pessoas. Não deixava nunca de assegurar à criança o seu amor, mas mencionava as complicações da vida, outros interesses e outras obrigações que, no momento, não lhe permitiam retomar sua vida comum. Ela pedia à garotinha que refletisse a respeito de tudo isso, de tal maneira que estaria pouco a pouco preparada para a perda definitiva de seu brinquedo.⁶⁵¹

⁶⁵⁰ DIAMANT. Minha vida com Franz Kafka – Parte II, p. 14; Mi vida com Franz Kafka. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 226.

⁶⁵¹ DIAMANT. Minha vida com Franz Kafka – Parte II, p. 14; Mi vida com Franz Kafka. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 227.

E, certamente, um feliz processo de separação, de autonomia, o máximo de realização que se pode almejar na passagem de um mundo infantil ao mundo adulto é o que vemos Kafka imaginar de melhor para a boneca: um *gran finale* – como em um conto de fadas.⁶⁵²

A brincadeira durou pelo menos três semanas. Franz temia a conclusão que ele havia de dar a tudo isso, pois devia ser uma conclusão verdadeira, criando uma nova ordem que substituísse a desordem provocada pela perda do brinquedo. Ele esperou durante muito tempo, antes de decidir-se finalmente por casar a boneca. Primeiro, ele descreveu um belo rapaz, a festa do noivado, os preparativos do casamento e, depois, com muitos detalhes, a casa do jovem casal. “Você mesma se dará conta de que devemos renunciar a rever-nos no futuro”. Franz havia resolvido, assim, o pequeno conflito de uma criança graças à arte, graças ao meio mais eficaz que ele dispunha para restabelecer um pouco de ordem no mundo.⁶⁵³

Essa história cativante, ficção epistolar feita de cartas reais jamais encontradas, e que transformou Kafka por algumas semanas em um “carteiro de bonecas”, ganhou formato de história na pena de Jordi Sierra i Fabra, autor do livro premiado na Espanha: *Kafka e a boneca viajante* (2008).⁶⁵⁴ Um filme consagrado parece-nos beber também nessa fonte da dedicação de Kafka para aplacar a dor da menina. No filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, surpreendente filme francês de 2001,⁶⁵⁵ vemos Amélie tratar a melancolização de seu pai de um modo semelhante a Kafka. Amélie, vendo que seu pai não saía da tristeza pela perda da esposa, traçou um plano de ação terapêutica pelo absurdo. Raptou o anão do jardim que fazia parte do santuário da incurável viuvez paterna e, com a ajuda de uma amiga aeromoça, o anão foi fotografado viajando ao redor do mundo, como se tivesse se arrancado do jardim-santuário, cansado daquela vida de velório. O pai recebe seguidamente as fotos do anão viajante pelo correio, de todo lugar do mundo e, na sequência da fita, a partir da aplicação de Amélie em deslocar seu pai de uma posição depressiva, apreciamos os efeitos da correspondência inverossímil sobre o pai. Assistimos divertidamente a consequência que produz sobre o sujeito, a recusa de parte mesma do santuário, a se conformar a um luto eterno.

A história d’A *boneca viajante* coincide para Kafka com o arrancar-se de Praga, com seu próprio movimento de separação e independência. Em setembro de 1923, com a saúde já

⁶⁵² Kafka tinha uma verdadeira paixão pelos contos de fadas e os leu até o fim da vida.

⁶⁵³ DIAMANT. Minha vida com Franz Kafka – Parte II, p. 14; Mi vida com Franz Kafka. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 227-228.

⁶⁵⁴ Fabra esclarece em seu livro que ele tomou a liberdade de criar as cartas e recriar o fim da história fazendo a boneca viajante, que está recém-casada e feliz, enviar para a menina uma nova boneca por meio do “carteiro” Franz. A nova boneca, esclarece uma carta vinda das bodas, chama-se “Dora”. *Kafka e a boneca viajante*, p. 120.

⁶⁵⁵ “*Le fabuleux destin d’Amélie Poulain*, é uma improvável produção de Jean-Pierre Jeunet”, [...] cineasta mais conhecido por seus filmes sombrios de ficção. Crítica de Érico Borgo em 27/02/2002. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/o-fabuloso-destino-de-amelie-poulain/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

muito abalada, uma mudança para Berlim, onde o frio e uma inflação galopante eram nem um pouco convidativos, parecia a Kafka um empreendimento tão irrealizável como a acalentada viagem à Palestina, que ficou nos planos. Mas ele não estava só. Ele confessa em carta a Milena que recebeu uma “ajuda inesperada”. Uma mulher, Dora, representou uma solução “de caráter bastante inverossímil (*unwahrscheinliche*) [improvável, inesperado]”.⁶⁵⁶

2.10 O Amor: fazer corpo com

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo.⁶⁵⁷

Kafka vive a maior parte das vezes o amor de modo epistolar, mas nunca se resigna a esse fato. “Às vezes me parece que essa relação epistolar, que aspiro continuamente a deixar para trás com o único fim de passar aos fatos reais, é a única relação adequada a minha miséria (minha miséria que, naturalmente, não sinto sempre como tal).”⁶⁵⁸

Ele vive intensamente suas relações com as suas correspondentes sempre visando ao encontro real... todavia, no futuro eterno que se estende no infinito. A esse respeito Piglia escreve que

a correspondência em si mesma já é uma forma de utopia. Escrever uma carta é enviar uma mensagem ao futuro; falar desde o presente com um destinatário que não está lá, do que não se sabe como tem de ser (em que ânimo, com quem) enquanto escrevemos e, acima de tudo, depois: ao ler. A correspondência é a forma utópica da conversa porque anula o presente e faz do futuro o único lugar possível do diálogo.⁶⁵⁹

Recebendo um cartão com flores de Felice, fica especialmente tocado, mas confessa que o afeto que deve às flores pode ser creditado ao fato de estas serem mera extensão dos corpos: do corpo dela e do corpo dele.

Antes, na verdade, eu não tinha nenhum interesse pelas flores, e mesmo agora, no fundo, tampouco as aprecio, exceto pelo fato de que vêm de você, e mais, as aprecio através de teu amor pelas flores. [...] Minha mãe, por exemplo, me tem por um amante das flores porque as ofereço com gosto como presente e porque quase sinto estremecimentos ao ver flores atadas com arame. Mas na verdade, o arame não me

⁶⁵⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 204; *Lettres à Milena*, 11/1923, p. 281; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 350.

⁶⁵⁷ BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.

⁶⁵⁸ KAFKA. *Lettres a Felice*, de 17 a 18/02/1913, p. 344; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 300.

⁶⁵⁹ PIGLIA. *Respiração artificial*, p. 77.

incomoda pelas flores, mas sim porque penso em mim e nesse troço de ferro que se enrola e corta a carne viva, essa é a razão pela qual isso me aflige.⁶⁶⁰

Não só as flores, mas as coisas e também as pessoas ganham importância ou merecem atenção na medida da proximidade com a amada.

Esta tarde he estado, pues, incesantemente tras de ti, me apresuro a decir que en vano. Aunque no del todo en vano, estrictamente hablando, pues permanecí todo el tiempo lo más cerca posible de la señora Friedmann, porque ella había estado también cierto tiempo a tu lado, y porque os tuteáis y porque es poseedora de cartas tuyas que, sencillamente, envidio. ¿Pero por qué no dijo ni una palabra sobre ti, cuando yo no hacía otra cosa que mirar sus labios con el fin de atrapar al vuelo la primera que pronunciara? ¿Acaso ya no os escribís más? ¿Tal vez no sabe nada nuevo acerca de ti? ¡Pero cómo es posible! Y si no sabe nada nuevo, ¿por qué no cuenta algo viejo? Y si no quiere decir nada de ti, ¿por qué al menos no pronuncia tu nombre, como hizo de vez en cuando en anteriores ocasiones? [...] Pero al final la cosa no me basta como resultado de toda una tarde, pues en mi cabeza vibra hora tras hora la demanda de oír Felice. Acabo forzando el que la conversación se refiera a las comunicaciones ferroviarias entre Berlín y Breslau, al tiempo que le lanzo miradas amenazadoras – nada.⁶⁶¹

A intimidade epistolar com Felice é tal que acontecem coincidências envolvendo as trocas de cartas e fotos: um envio responde a uma carta ainda não enviada, uma carta reflete, adivinha a outra que ainda está a caminho, deixando os correspondentes em contato permanente durante anos até o impasse repetido fazer a conexão arrefecer.

Mi amor, ¿has observado qué increíbles concordancias se dan entre nuestras cartas? Pide una alguna cosa y ya la próxima se lo ha concedido al día siguiente, así por ejemplo tú el otro día deseabas que te dijera que te quiero, y yo sentí el impulso de escribirte la respuesta en la carta que se cruzaba en la noche con la tuya sobre la vía férrea a Berlín, respuesta que, bien es verdad, se encontraba ya quizás en las primeras palabras de mi primera carta o incluso en la primera mirada indiferente con que te contemplé aquella nuestra tarde. Ha habido ya tantas concordancias de esta clase que he perdido la cuenta. Pero la más bonita se ha producido hoy. Tal como te decía ayer, hoy salgo de viaje, solo, de noche, hacia la montaña, y sin saberlo formalmente tú vas y me envías esta pequeña y encantadora acompañante (A foto de Felice menina).⁶⁶²

Kafka não só está absolutamente atento às coincidências, mas quer provocá-las:

Dime siempre en tus cartas, mi amor, lo que aproximadamente estabas haciendo en el momento aproximado en que yo te escribía las mías. Así podré controlar mis intuiciones, y tú, dentro de lo posible, acercarás los hechos a la idea que de ellos aventuro, y de este modo ¿resultaría tan increíble el que hechos y presentimientos, tras muchos ensayos, acaben por encontrarse y se conviertan en una única y gran

⁶⁶⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 10 a 11/03/1913, p. 375-376; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 327.

⁶⁶¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 15-16/12/1912, p. 193.

⁶⁶² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 24/11/1912, p. 122-123.

realidad, de la que esté uno siempre seguro? En la torre está sonando en estos momentos la una en punto, hora de Praga.⁶⁶³

Em outra carta, depois de pedir detalhes a Felice sobre suas conversas com os pais dela e do que dizem sobre ele, Kafka explica que assim busca o máximo de intimidade, mas sabe que isso não é tudo entre um homem e uma mulher.

Em tais momentos estou completamente a seu lado, sou interpelado por seus pais ao mesmo tempo em que você o é, e me vejo integrado no mesmo círculo de sangue (*in den Blutkreis einbezogen*) de que você provém. Uma maior intimidade é possível que não exista, o grau imediatamente superior seria já penetração[invasão] (*Durchdringung*).⁶⁶⁴

Com Milena, Kafka tenta pela escrita recuperar sua presença material, o que lhe propicia uma “tranquila intranquilidade”, da qual fala muitas vezes.

Talvez tenha percebido que desde algumas noites não durmo. É simplesmente o “medo” (Angst). É algo que realmente me deixa sem vontade que joga comigo como quer, eu não sei mais onde estou, nem se no alto ou embaixo, à direita ou à esquerda [...]. Além do mais, em suas últimas cartas interpolei 2 ou 3 observações que me fizeram feliz, mas com uma felicidade desesperada, porque o que ali você diz convence por igual a mente, o coração e o corpo, mas além disso existe uma persuasão mais profunda, não sei onde localizá-la, que evidentemente não se deixa convencer. Por fim, o que muito contribuiu para enfraquecer-me, a maravilhosa ação tranquilizadora e intranquilizadora de sua proximidade material se evapora com o tempo. Se já estivesse comigo! Em troca, não tenho ninguém, ninguém salvo o medo; abraçados e convulsivamente nos debatemos as noites inteiras. Existe algo, contudo, muito sério neste medo [...] não se pode esquecer que este medo não é afinal de contas meu medo privado – ainda que faça parte dele, uma parte terrível –, porém também o medo de toda fé desde que existe o mundo. Já o fato de ter-lhe escrito isto me refrescou a cabeça.⁶⁶⁵

Mesmo com a grande aflição que envolve o envio e a espera das cartas, Kafka confessa o feliz cansaço.

Estou muito cansado na realidade para escrever, muito fatigado para descobrir facilmente nessas quatro cartas, nessa montanha de desespero, de sofrimento, de amor e de amor correspondido, o que resta para mim; tão egoísta se é quando se está cansado e quando se passou dois dias e duas noites roído pelos mais horríveis pressentimentos. Mas apesar de tudo – e isso também se deve a seu poder vitalizador, mãe Milena (*leben-gebenden Kraft, Mutter Milena*) –, apesar de tudo me sinto, no fundo, menos desfeito que em qualquer outro momento destes últimos sete anos, excetuando o ano que passei na aldeia (em Zürau com Otta).⁶⁶⁶

⁶⁶³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14/11/1912, p. 90.

⁶⁶⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 5-6/01/1913, p. 228.

⁶⁶⁵ KAFKA. *Lettres à Milena*, 15/07/1920, p. 108-109; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 84-85; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 143-144.

⁶⁶⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 12/07/1920, p. 132-133; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 79.

Falando com Max sobre Milena e da troca de cartas entre eles, escrevendo no dia 05/07/1920, conta como Milena se faz corporalmente presente.

No conjunto hoje as coisas pareciam mais tranquilas, forcei-me a falar-lhe (a Max) sem temor de Merano, a atmosfera me pareceu menos ameaçadora. Mas no regresso voltamos a mencionar o tema fundamental – durante longos minutos todo o corpo da jovem estremeceu junto a mim na Karlsplatz – só pude dizer que a seu lado tudo o mais, mesmo que as coisas não tenham sido alteradas, tudo desaparece e se reduz a nada.⁶⁶⁷

Entretanto as cartas não são tudo para Kafka, elas não são a relação amorosa elas mesmas. Kafka, ainda assim, por muito tempo, se alimenta do encontro real que houve com Milena e que retorna em sua ausência ocupando-o completamente: “Assim, só escrevi meia página e estou outra vez com você, estou estendido sobre a carta como então estive estendido no bosque a seu lado”.⁶⁶⁸ E ainda em outra carta: “Umás cartinhas alegres ou ao menos tão naturais como as duas de hoje são quase (quase, quase, quase, quase) bosque e vento em suas mangas e panorama de Viena. Milena, que bom é estar a seu lado!”⁶⁶⁹

Kafka é antes de tudo escritor. Ele experimenta o poder das palavras e sabe da materialidade do corpo sutil da linguagem. Ele vive a pulsão da escrita. Portanto, Kafka lê nas cartas muito mais que o escrito expõe e enuncia. Na escuta da enunciação é todo o estado de espírito de quem escreve que parece se transmitir pelas cartas. Na troca de cartas, há uma troca de olhares: o remetente olha e se dá a ver pelo destinatário. “A carta prepara de certa forma um face a face”.⁶⁷⁰ Kafka escreve preparando um encontro no horizonte. Em 13/07/1920 percebe Milena cansada; ele próprio o está. Então escreve a ela presencialmente conversando como se por meio da missiva a presença física da amada se materializasse em futuro, em devir.

Não digo nada a você, reduzo-me a sentar-te na poltrona (diz que não foi suficiente boa para comigo, mas existe porventura uma prova de amor e uma honra maior que estar ali sentada, e permitir-me estar aqui, ao seu lado?), bem, sento-a na poltrona e não sei como captar com as palavras, os olhos, as mãos, e o pobre coração esta felicidade de você estar ali e de além do mais me pertencer. E nesse momento não é a você talvez a quem amo, porém a esse destino que você me ofereceu.⁶⁷¹

⁶⁶⁷ KAFKA. *Lettres à Milena*, 05/07/1920, p. 87 ; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 118; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 61.

⁶⁶⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 16/07/1920, p. 147.

⁶⁶⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 20/07/1920, p. 159.

⁶⁷⁰ FOUCAULT. A escrita de si. In: *Ditos e Escritos*, p. 156.

⁶⁷¹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 135-136; *Cartas a Milena*, p. 81.

Essa atualização da presença nos faz lembrar de Freud, que, ao fundar um método de investigação que se dá por meio da fala e da linguagem, não pode subestimar o poder das palavras.

As palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens.⁶⁷²

Em relação às mulheres, Kafka apostou tudo nas palavras e nas cartas/letras, mas elas não podem tudo. Segundo Freud, a sublimação é a vicissitude das pulsões mais feliz e a mais importante, implicada como está no processo civilizatório e artístico, mas também ela não pode tudo. É preciso dar ao corpo o que ele reclama de necessidade, prazer e gozo imediatos ao preço do adoecimento e da eclosão violenta de processos primários pulsionais. Ao perceber que apenas o corpo das cartas não o satisfaz, que elas não substituem o corpo a corpo sexual, que o corpo de papel não é para ele um objeto fetiche estabilizador, e que, para ele, para ser satisfatório, teria de ser um meio de se chegar até uma mulher, Kafka está diante do maior fracasso de sua vida.

2.11 O fracasso do encontro epistolar: “Já não creio nas cartas, até na mais bonita há algo que não convence”⁶⁷³

Todas estas cartas me parecem carentes de valor, e o são. O melhor seria sem dúvida que eu viajasse a Viena trazendo você comigo, ainda que não queiras.⁶⁷⁴

As fotos enviadas, como as cartas, não excluem o mal-estar da difícil união amorosa. Geneviève H-Bouzinac em seu livro *O epistolar* constrói todo um capítulo sobre o tema nomeado “Apagar a distância ou manter à distância”. Citando o conflito que se instala em Kafka com a correspondência, a autora dá relevo à ambiguidade fundamental, na qual gira o intercâmbio epistolar: “A dimensão problemática do que Vincent Kaufmann intitula ‘L’equivoque épistolaire’ está aqui concernido nesse duplo movimento que opera a carta mantendo, ao mesmo tempo, a distância e imitando a proximidade: ‘Ele desqualifica toda forma

⁶⁷² FREUD. Sobre as parapraxias. In: *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1915- 1916), p. 29.

⁶⁷³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 3-4/09/1920, p. 282.

⁶⁷⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/07/1920, p. 128.

de partilha”⁶⁷⁵. Deleuze, guardando as devidas e grandes diferenças, compara Kafka a Proust nesse aspecto do enredamento ardiloso das cartas, do pacto epistolar diabólico, que rege a burocratização da intimidade em ambos os escritores. “As cartas de Proust são antes de tudo topografias de obstáculos, sociais, psíquicos, físicos e geográficos; e os obstáculos são maiores na medida em que o correspondente está próximo”⁶⁷⁶.

Trata-se para ambos de evitar, por carta, a proximidade específica que caracteriza a relação conjugal, e constitui a situação de ver e de ser visto (cf. o pavor de Kafka no momento em que Felice lhe diz que gostaria de estar perto dele enquanto ele trabalha). [...] A este respeito, pouco importa que a “conjugalidade” seja oficial ou não, que seja heterossexual ou homossexual. Mas, para esconjurar a proximidade, Kafka mantém e conserva a distância espacial, a posição longínqua do ente querido: também é ele que se admite como prisioneiro (prisioneiro do corpo, do quarto, da família, da obra), e multiplica os obstáculos que o impedem de ver ou de encontrar o ente querido.⁶⁷⁷

Facas de dois gumes, as cartas são fontes de alegria e tristeza, de aproximação e afastamento. “O fato de que esta pequena foto seja tão inesgotável provoca, essa é a verdade, tanto felicidade como aflição. A foto não morre, não se dissolve, como se dissolve o que vive, pelo contrário, mantém-se e se preserva como constante consolo, não quer me penetrar, mas tampouco me abandona”⁶⁷⁸.

Estando na presença de Felice em uma visita mais demorada a Berlim, o corpo em sua materialidade compete com a imagem em papel e não é fácil retomar o namoro com as fotos.

He estado en tu presencia demasiado tiempo (en eso al menos he empleado bien el tiempo) como para que ahora puedan servirme de algo tus fotografías. No quiero miraras. En las fotografías apareces intachable y relegada a lo general, en cambio yo he contemplado tu rostro real, humano, necesariamente imperfecto, y me he perdido en él. ¿¿Cómo poder salir de esto y conformarse otra vez con meras fotografías?!⁶⁷⁹

E também o corpo das cartas se desfaz e pode se reduzir a nada. “Meu amor, por que só terminar as cartas com beijos, já que as cartas são por si tão pouco importantes, e que diante de sua presença desejada e no entanto inconcebível, papel e pena se reduziriam rapidamente ao nada que de fato já são?”⁶⁸⁰

Kafka pensa em como aprimorar a mediação do encontro pela fotografia; diante do desencontro suas demandas de fotos e cartas proliferam, mas logo em seguida percebe que é preciso conter-se e tentar ficar satisfeito.

⁶⁷⁵ HAROCHE-BOUZINAC. *L'épistolaire*, p. 72.

⁶⁷⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, nota em p. 51.

⁶⁷⁷ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: para uma literatura Menor (Asírio e Alvim), p. 67.

⁶⁷⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 26-27/12/1912, p. 208; *Cartas a Felice* (Anima), p. 219.

⁶⁷⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 28/03/1913, p. 343; *Lettres à Felice*, p. 394.

⁶⁸⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Anima), 27/11/1912, p. 123; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 130-131.

una vez constatado el efecto prodigioso que obran las fotografías, es absolutamente preciso que tú tengas también la mía en tu casa. He corrido al fotógrafo inmediatamente con el fin de mandarme hacer una foto en el mismo formato, pero nuestros fotógrafos rápidos son más lentos que los vuestros, antes de una semana no estará lista. Pero además esa idea que has tenido me apasiona de tal manera que te propongo el que cada mes intercambiamos esas fotos. Pues tú te transformas, la estación del año avanza, te pones otros vestidos, no, mi amor, estoy exigiendo demasiado, me extravió. Debo darme por satisfecho con poseer esta foto, por la que tendría que darte las gracias de nuevo en cada carta.⁶⁸¹

Na percepção de Kafka, era preciso se conformar com a imagem de papel, até porque o encontro presencial entre ele e Felice quase sempre aumentava o desentendimento entre eles. O mal-entendido dos corpos era pior que o mal entendido da linguagem.

¿Realmente confías, Felice, en que nuestro encuentro nos aportará claridad? Yo también creo que el vernos nos es absolutamente necesario, pero ¿que vaya a traernos claridad? Allí donde yo me hallo no hay claridad. ¿Acaso no recuerdas que después de cada una de las veces que nos hemos visto te has sentido más insegura que antes, y que solo hemos llegado a estar en claro más allá de toda duda en determinadas cartas, en las que contenían la mejor parte de mi yo?⁶⁸²

Ao receber de Felice uma fotografia dela rodeada da família, de novo a ambiguidade diante da imagem assalta Kafka.

Mi amor, ¡qué fuerte se siente uno ante las fotos, y qué impotente en la realidad! Me resulta fácil imaginar que toda la familia se aparta y se aleja, de forma que solo quedas tú, y yo me inclino hacia ti por encima de la gran mesa, en busca de tu mirada, para recibirla y morirme de felicidad. Querida, las fotos son una cosa bonita, indispensable, pero también son un tormento.⁶⁸³

Sabendo que Felice carrega em um medalhão a foto de Franz por ele enviada, para estar dia e noite perto dele, “Quer dizer que você pôs minha foto em seu coraçãozinho (nada de coraçãozinho, pretensioso que sou!), em seu medalhão”, Kafka brinca mostrando ciúmes do seu duplo, sua imagem de papel e, de novo, surge a ambiguidade das trocas a distância.

Pensar que mi imagen está en tu medallón y en cambio yo estoy aquí solo en mi gélida habitación [...]. Pero aguarda, se lo digo a mi foto, llegará un momento –momento bendito– en que me acercaré y te sacaré del medallón con mi propia mano. No te tiraré por ahí, pero solo a causa de las miradas que Felice tal vez habrá prodigado sobre ti. Termino, ya es tarde, no acabaría nunca, menuda ocupación para mis manos, esta de

⁶⁸¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 26-27/12/1912, p. 208; *Cartas a Felice* (Anima), p. 219.

⁶⁸² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06/11/1913, p. 467-468; *Lettres à Felice*, p. 537.

⁶⁸³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06-7/12/1912, p. 159.

escribir cartas, cuando para lo único que están hechas y lo único que desean es tenerte a ti.⁶⁸⁴

Mas Kafka já percebia na relação quase exclusivamente epistolar com Felice que sustentar um casamento estava acima de suas forças.

Não quero saber se você tem simpatias por mim, pois então por que me mantenho sentado, oh demente, no escritório ou aqui em casa, em vez de me lançar de olhos fechados no trem e só abri-los quando você estivesse contigo? Ah, há uma triste razão para que não o faça. Em poucas palavras: minha saúde basta apenas para mim, mas não para o casamento e menos ainda para a paternidade.⁶⁸⁵

Tentando estar próximo, chegar mais perto, encontrar Felice na intimidade, e sempre encontrando obstáculos, Kafka produz sonhos angustiados e, por vezes, desesperados. Na noite entre 6 e 7 de dezembro de 1912, tem dois sonhos que ele não pode deixar de considerar e de relatar a Felice.

Amor mío, hoy habré soñado contigo todo el tiempo que he estado durmiendo, pero solo me acuerdo de dos sueños. Inmediatamente después de despertarme, y pese a la fuerte resistencia encontrada, me he esforzado en olvidarlos, pues en ellos había verdades terribles, cuyo descaro y extrema nitidez nunca pueden abrirse paso en la mayor opacidad de la vida cotidiana. Te los voy a contar, pero solo de un modo resumido y muy superficial, pese a que eran muy complicados y estaban llenos de detalles cuya amenaza todavía siento en mi interior.⁶⁸⁶

No primeiro sonho que conta em carta à noiva, dormindo sobre o desejo “insano” de receber letras de sua amada, Kafka, inventor de máquinas, chega a fazer uma espécie de protótipo de um aparelho de fax para conseguir maior rapidez, quase um teletransporte, na correspondência.

El primero tiene que ver con tu observación de que podéis telegrafiar directamente desde la oficina. Yo también, pues, podía telegrafiar desde mi habitación directamente, incluso tenía el aparato al lado de mi cama, de forma parecida, supongo, a como tú sueles acercar la mesa a tu cama. Era un aparato particularmente espinoso, y al igual que el telefonar es algo que me inspira temor, el telegrafiar me daba miedo. Pero una desmesurada inquietud por ti y un loco deseo – un deseo acuciante hasta hacerme saltar de la cama– por tener noticias de ti inmediatamente, provocaba en mí la absoluta necesidad de telegrafiar. [...]. Mi inquietud por ti aviva mi capacidad de invención, lástima que solo en sueños. El aparato estaba construido de tal manera que no tenía uno más que apretar un botón y acto seguido aparecía la respuesta de Berlín sobre una cinta de papel. Recuerdo que, paralizado por la ansiedad, observaba la salida de la cinta, que al principio lo hacía en blanco, lo que no cabía esperar fuese de otro modo, pues en tanto no te hubieran llamado al aparato en Berlín, no podía llegar

⁶⁸⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 06-07/01/1913, p. 230; *Lettres à Felice*, p. 265.

⁶⁸⁵ KAFKA. *Carta a Felice* de 11/11/ 1912 *apud* LIMA. *Limites da voz*: Kafka, p. 38.

⁶⁸⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 06-07/12/1912, p. 160.

respuesta alguna. Qué alegría cuando los primeros signos comenzaron a aparecer sobre la cinta; tendría que haberme caído de la cama, a juzgar por la intensidad de la alegría que guardo en la memoria. Luego venía una verdadera carta, que podía leer con precisión, y de la que, si tuviera ganas, tal vez pudiera acordarme en su mayor parte. Diré únicamente que en la carta se me reprendía por mi inquietud con cariño y de un modo que me hacía feliz. Se me llamaba «insaciable», y se enumeraban las cartas y las tarjetas postales que había recibido en los últimos tiempos, o que estaban en camino.⁶⁸⁷

No segundo sonho, escreve a Felice “você estava cega” e passa a narrar as aflições por que passa, em meio às peripécias que faz para conseguir chegar até Felice, que estava em uma excursão da instituição para cegos que a acolhia.

Mi mano sostenía de pronto un gigantesco código austríaco, el cual me resultaba pesado e incómodo de llevar, pero que de algún modo debía ayudarme a encontrarte y a hablarte correctamente. Sin embargo, por el camino se me ocurrió que puesto que estabas ciega mi aspecto y mis maneras no podrían, afortunadamente, tener influencia alguna sobre la impresión que yo te causara. Tras esta reflexión de buena gana hubiese tirado el código, por considerarlo ya una carga innecesaria. Por fin llegué a lo alto y, en efecto, quedaba tiempo de sobra, la primera pareja aún no había dejado atrás el portal de entrada. Me preparé, pues; en la imaginación te veía entre la muchedumbre de las muchachas acercándote con los párpados bajados, rígida y callada. En ese momento me desperté, febril y desesperado de que estés tan lejos de mí.⁶⁸⁸

Kafka, apesar de lamentar desesperadamente a distância que o afasta de Felice, percebe que o noivado não sairá nunca do papel e tenta inúmeras vezes alertar Felice.

¿Y con qué mano, en qué sueño has escrito que te he conquistado enteramente? Mi amor, tal cosa la crees momentáneamente, desde lejos. Pero el conquistar de cerca, de forma duradera, es algo que requiere otras fuerzas que las del juego muscular que hace avanzar mi pluma. ¿No lo crees tú misma así, si te paras a pensarlo? A veces me parece que esta relación epistolar, que aspiro casi continuamente a dejar atrás con el solo fin de pasar a los hechos reales, es la única relación que cuadra con mi miseria (mi miseria, que, naturalmente, no siempre la siento como tal), y que la transgresión de esta frontera que me está fijada nos conduce a una desdicha común, a ti y a mí. Amor mío, tengo la suficiente imaginación para decirme que, de igual modo que si pienso en mí me es preciso permanecer a tu lado, apretado contra ti y sin soltarte jamás, si, en cambio, es en ti en quien pienso (qué mezclados estamos en mi mente, pero de una manera indiferente, eso es lo malo) debería mantenerme alejado de ti con todas mis fuerzas. ¡Dios mío, ¿cómo terminará todo esto?!⁶⁸⁹

Todos os obstáculos que Franz enfaticamente maximizava, Felice parece tentar minimizar, mas ele não consegue ver futuro para os dois. Na carta mesma em que decide pedi-la em noivado lemos o presságio.

⁶⁸⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), noite de 06-07/12/1912, p. 160-161.

⁶⁸⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), p. 162.

⁶⁸⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 17-18/02/1913, p. 300; *Lettres à Felice*, p. 343.

te diré que nuestro futuro me inspira un miedo insensato, miedo ante la desgracia que, por mi modo de ser y por mi culpa, puede brotar y crecer de nuestra convivencia, desgracia que, en primer lugar, y por entero, habría de hacer blanco en ti, pues yo en el fondo soy un ser frío, egoísta e insensible, a pesar de toda mi debilidad, la cual, más que atenuar, disimula esto que te digo.⁶⁹⁰

Mesmo quando se mostra desenganado em relação a Felice, que lhe escreve cartas que não lhe satisfazem, “mesmo pondo em jogo minhas maiores capacidades de auto engano”, ou seja, mesmo quando as cartas falham em trazer-lhe a presença do amor, causando-lhe mesmo sofrimento, as fotos ainda lhe atendem. “Entretanto devo confessar que ao ver a foto que acabo de encontrar em casa senti-me unido a você com uma força infinita”.⁶⁹¹

Mas a evidência que se decanta é que, mesmo prometidas, encomendadas, exigidas e reclamadas, as cartas não mentem, não negam a ambiguidade que encerra uma relação puramente epistolar. Na carta a Felice que segue, Kafka, no apelo em terceira pessoa, entabula um diálogo com “Ele”, forçando-o a se explicar.

Querida Felice, he hablado con él tal como tú querías, con toda franqueza, y él me ha contestado con la misma franqueza. Le he dicho: «¿Por qué no escribes? ¿Por qué atormentas a F.? (*Warum quälst Du F.?*) Que la atormentas es cosa que se ve claramente por sus tarjetas (*Daß Du sie quälst, ist doch aus ihren Karten offensichtlich*). Prometes escribir, y no lo haces. Telegrafías diciendo “carta en camino”, pero no hay ninguna carta en camino, por el contrario no la escribes hasta dos días más tarde. Una cosa así tal vez tengan derecho a hacerla, excepcionalmente, las muchachas jóvenes, puede ser inocente si forma parte de su carácter. Pero en ti no es inocente, pues tu mutismo no puede significar otra cosa que una ocultación, y por lo tanto no puede ser disculpado». Y él me ha contestado más o menos lo siguiente: «Sí que puede ser disculpado, pues hay situaciones en las que el decir se diferencia poco del callar».⁶⁹²

Kafka continua a carta justificando-se diante do interrogatório, para logo em seguida encetar um diálogo imaginário com Felice ao modo daquele forjado na *Carta ao pai*, (na verdade um monólogo) na qual Kafka deixa claro já saber o que sua noiva vai dizer; pois ela já conhece as razões que para ele resulta impossível fazer de Felice sua mulher. “Além disso, poder-se-ia dizer a F. em uma carta. O que ela responderia – resumindo – seria o seguinte: ‘Você mesmo tem a culpa’. Dar lugar a tal resposta é algo desnecessário, por isso não escrevo”.⁶⁹³ E termina a carta constatando o impasse sem saída de sua situação com Felice.

En estos momentos parece que solo hay dos remedios que puedan curarle, remedios no en el sentido de que den el pasado por no sucedido, sino en el de que le preserven

⁶⁹⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/07/1913, p. 412; *Lettres à Felice*, p. 476.

⁶⁹¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09/08/1913, p. 436; *Lettres à Felice*, p. 503.

⁶⁹² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09/08/1915, p. 650.

⁶⁹³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09/08/1915, p. 651.

de otras cosas que le puedan suceder. Uno de ellos sería F., el otro el servicio militar. Ambos le han sido negados. Al fin y al cabo me era imposible quitarle la razón, si no escribe. ¿Acaso no origina más penas y disgustos escribiendo que sin escribir? Afectuosamente. Franz.⁶⁹⁴

E o impasse de Kafka com as mulheres se repetia nas relações que se seguiram. No início de sua correspondência com Milena e ainda comprometido com Julie Wohryzek, noivado que foi alvo do embargo de Hermann Kafka e precipitou a *Carta ao pai*, Kafka parece dividido entre duas escolhas e dois destinos. Não sabe se viaja até Kalrsbad a convite de Julie Wohryzek, a noiva da *Carta ao Pai*, ou se atende ao chamado de Milena em Viena, mas ele mesmo desmente essa divisão. “Quando considero essas viagens e as comparo com o estado de minha cabeça, encontro-me mais ou menos na situação em que teria estado Napoleão se, ao desenhar os planos para a campanha russa, soubesse ao mesmo tempo, com toda precisão, qual viria a ser seu final”.⁶⁹⁵

Com Milena faz uma retrospectiva do que foi o tormento epistolar de seu noivado com Felice contrapondo ao alívio de estar descomprometido, no detalhe da enunciação pela terceira pessoa, que promove a distância para melhor compreender.

quizás la mejor época de tu vida, de la que en realidad no has hablado a fondo con nadie, fueron, hace cosa de dos años, aquellos ocho meses en un pueblecito[con Otlá en Zúrau] en el que creíste haber terminado con todo y con todos, en el que sólo te limitabas a lo que era indudable en ti, eras libre, sin cartas, sin la comunicación postal con Berlín que ya duraba cinco años, protegido por tu enfermedad, y al mismo tiempo sin tener que cambiar mucho en ti sino sólo ajustar más los antiguos y angostos contornos de tu modo de ser (en la cara, bajo los cabellos grises, no has cambiado apenas desde los seis años).⁶⁹⁶

Mas com Milena a correspondência retoma seu aspecto infinito e infernal e volta a torturar a vida de Kafka. Até o telefone, a nova tecnologia da época, cujo uso Kafka não apreciava muito por deixá-lo irritado e mesmo temeroso, pode ser bem-vinda diante do excesso epistolar.

Sinto um frêmito. O telefone! Para o diretor! Pela primeira vez desde que estou em Praga me chamam por questões de serviço. Agora sai finalmente à luz toda a tensão. Há dezoito dias não fiz outra coisa que escrever cartas, ler cartas, sobretudo olhar pela janela, ter cartas na mão, deixá-las, pegá-las de novo, em seguida também receber visitas e nada mais.⁶⁹⁷

⁶⁹⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09/08/1915, p. 651-652.

⁶⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/05/1920, p. 57.

⁶⁹⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 02/07/1920, p. 61.

⁶⁹⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 21/07/1920, p. 165.

Apesar da falta de contato, Kafka diz saber de sua relação com Milena, mas desconhece o que lhe vem de Milena, recusa sua familiaridade, e isso acaba coincidindo com “um medo incomensurável”.

Este cruce de cartas tiene que terminar, Milena, nos está volviendo locos, uno no sabe lo que ha escrito, ni a lo que tiene que responder, y, como quiera que sea, siempre está uno temblando. Tu checo lo entiendo muy bien, oigo también la risa, pero en tus cartas me muevo entre la palabra y la risa, luego sólo oigo la palabra y, por lo demás, todo mi ser no es sino miedo. No puedo calcular si aún quieres verme, después de mis cartas del miércoles y del jueves; mi relación contigo sí la conozco (formas parte de mí, aunque no vuelva a verte nunca). [...] La conozco, en la medida en que no pertenece al terreno inabarcable del miedo, pero tu relación conmigo no la conozco, toda ella pertenece al miedo. Tú no me conoces tampoco, Milena, lo repito.⁶⁹⁸

Depois de uma carta de Milena, que é um chamado a Viena, Kafka escreve sob o signo do medo. É um “simples empregado”, não é um “homem livre”, para se ausentar, “não pode mentir” para um escritório que é “sua vida mesma”. Não pode viajar atendendo “nenhuma outra coisa que a batida natural do coração”. E a cobrança do desejo coartado se faz ouvir.

Estoy aquí sentado con la deplorable tarea de demostrarte que no puedo ir. Bueno, dices que no estoy débil, entonces tal vez lo consiga; pero sobre todo quizás consiga superar las semanas próximas cada una de cuyas horas ya me sonrío sarcásticamente con la pregunta: “¿Así que de verdad no has estado en Viena? ¿Recibiste esa carta y no estuviste en Viena? ¿No estuviste en Viena? ¿No estuviste en Viena?”. De música no entiendo, pero esa música la entiendo por desgracia mejor que todos los que entienden de música. (*Ich verstehe nicht Musik aber diese Musik verstehe ich leider besser als alle Musikalischen*).⁶⁹⁹

Diante do “fracasso completo” de unir-se efetivamente às suas eleitas, no esforço de anos a fio, de três noivados desfeitos, na busca do matrimônio no padrão burguês que nunca conseguiu contrair, o eterno nubente, o tantas vezes prometido, vai inaugurar o maior noivado epistolar da história literária com Felice e a “novela de um amor apaixonado”⁷⁰⁰ com Milena. Se ao modo do adorado Flaubert, Kafka chegou a dizer “Meus romances, sou eu, minhas histórias, sou eu”,⁷⁰¹ a afirmação “Sou apenas literatura” tem uma contundência mais radical. Se viver era escrever, porque com o verbo amar seria diferente? Suas relações amorosas são basicamente correspondências literárias. Mas as pulsões que nascem do corpo pedem escoamento. Kafka, premido como um animal selvagem, escuta a erupção de um vulcão que vem do corpo e ameaça o corpo.

⁶⁹⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 12/06/1920, p. 83.

⁶⁹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 197.

⁷⁰⁰ Citando novamente a expressão de C. Gauger, in *Cartas a Milena* (Alianza), p. 9.

⁷⁰¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 02-03/01/1913, p. 256 ; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 223.

He pasado el día entero ocupado con tus cartas, torturado, enamorado, preocupado y con un miedo muy impreciso de algo impreciso, cuya imprecisión (*in Qual, in Liebe, in Sorge und in ganz unbestimmter Angst vor Unbestimmtem, dessen Unbestimmtheit*) consiste sobre todo en que es infinitamente superior a mis fuerzas. Sin embargo no me he atrevido aún a leer las cartas por segunda vez, y media página ni siquiera por primera vez. ¿Por qué no puedo resignarme a que lo correcto es vivir en esta tensión tan especial, de suicidio aplazado (una vez tú mencionaste algo parecido, yo entonces intenté reírme de ti), y en lugar de eso uno la afloja con toda la intención, sale de ella como un animal irracional (y encima ama esa irracionalidad como un animal) {*ein unvernünftiges Tier [und liebt gar noch wie ein Tier diese Unvernunft]*} y de esa manera conduce al interior del cuerpo toda la electricidad (*Elektricität in den Leib*) trastornada y sin freno, que lo deja casi aniquilado por la descarga?⁷⁰²

Pois, para nosso escritor, quando a intimidade e a proximidade propiciada pelas letras incitavam o corpo exigindo a satisfação do contato físico, os castelos de letras e torres de papéis ruíam deixando desnuda uma triste e dolorosa impotência.

O que você é para mim, Milena, o que tu és para mim além de todo mundo em que ambos vivemos, isso não encontrarás nos papelinhos diários que lhe escrevi. Essas cartas, tais como são, apenas servem para torturar, e quando não torturam é pior ainda (*Diese Briefe, so wie sie sind, helfen zu nichts, als zu quälen und quälen sie nicht, ist es noch schlimmer*). Não servem senão para produzir um dia de Gmünd,⁷⁰³ para produzir mal-entendidos, degradação [vergonha], degradação quase permanente (*Schande, fast unvergängliche Schande hervorzubringen*). [...] o decisivo é minha impotência, uma impotência que as cartas aumentam; a impotência de superar essas cartas, impotência tanto no que se refere a você como no que se refere a mim – mil cartas suas e mil desejos meus (*1000 Briefe von Dir und 1000 Wünsche von mir*) não poderiam negá-lo.⁷⁰⁴

Ninguém como Kafka sabe o inferno que uma correspondência pode se tornar. Ele pôde constatar esse “tormento” nos cinco anos de noivado epistolar como Felice. Ele podia alertar Milena com conhecimento de causa:

¿cómo puedo creer que necesites las cartas ahora, si lo que necesitas es únicamente sosiego, como tú misma lo has dicho casi sin darte cuenta? Y estas cartas son sólo un tormento, provienen de un tormento incurable, sólo causan un tormento incurable; (*Und diese Briefe sind doch nur Qual, kommen aus Qual, unheilbarer, machen nur Qual, unheilbare*) ¿adónde nos va a llevar esto (y hasta puede empeorar) en este invierno? Guardar silencio, ésa es la única manera de vivir, aquí y ahí. Con tristeza, bueno, ¿qué importa?⁷⁰⁵

⁷⁰² Aqui curiosamente Kafka usa o termo *Leib* (corpo vivo, carne) e não *Körper* (corpo físico). KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 26-27/08/1920, p. 259.

⁷⁰³ Cidade fronteiriça entre a Áustria e a República Tcheca, quando se encontraram, algumas semanas depois dos seis dias em Viena.

⁷⁰⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), novembro/1920, p. 330; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 192-193.

⁷⁰⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 332, grifos no original.

Em uma das últimas cartas para Milena, Kafka, em uma construção admirável, revela como se é pego nas armadilhas fantasmáticas das cartas. Segue um trecho:

Há muito que não lhe escrevo, senhora Milena [...]. Na realidade não tenho que me desculpar pelo silêncio, você já sabe como odeio as cartas. Toda a desgraça da minha vida – não quero com isto me queixar, porém fazer uma observação de interesse geral – provém por assim dizer das cartas ou da possibilidade de escrevê-las. As pessoas quase nunca me atraíram, porém as cartas sempre; e na verdade não as alheias, porém exatamente minhas cartas. Em meu caso é um infortúnio muito especial, do qual não quero continuar falando, porém ao mesmo tempo é também uma desgraça geral. A simples possibilidade de escrever cartas deve ter provocado – sob um ponto de vista meramente teórico – uma terrível desintegração de almas no mundo. E, com efeito, uma conversação com fantasmas (*Gespensstern*) (e para piorar não somente com o fantasma do destinatário, porém também com o do remetente) que se desenvolve nas entrelinhas da carta que se escreve, ou ainda em uma série de cartas, onde cada uma corrobora a outra e pode referir-se a ela como testemunha (*Zeugen*).⁷⁰⁶

Vemos aqui Kafka execrando sua prática epistolar ao declarar a Milena o equívoco que é acreditar que as cartas poderiam favorecer o encontro entre pessoas. Os fantasmas são mais fortes e mais espertos; “eles” vencem impedindo o encontro:

De onde terá surgido a ideia de que as pessoas podiam comunicar-se mediante cartas? Pode-se pensar em uma pessoa distante, pode-se agarrar em uma pessoa próxima, tudo o mais fica mais além das forças humanas. Escrever cartas, contudo, significa desnudar-se diante dos fantasmas, que esperam isso avidamente. Os beijos por escrito não chegam a seu destino, são bebidos pelo caminho pelos fantasmas. Com este abundante alimento se multiplicam, com efeito, enormemente. A humanidade percebe-o e luta por evitar isso; e para eliminar no mais possível o fantasmagórico entre as pessoas e conseguir uma comunicação natural, que é a paz das almas, inventou a estrada de ferro, o automóvel, o avião, mas já não servem, são evidentemente descobertas feitas no momento do desastre, o bando oposto é tanto mais calmo e poderoso, depois do correio inventou o telégrafo, o telefone, a telegrafia sem fios. Os fantasmas não morrerão de fome, e nós em troca pereceremos. [...] A “eles” (os fantasmas) também pode-se-lhes reconhecer, na realidade, por suas exceções, porque às vezes deixam passar uma carta sem intrometer-se, e a carta chega como uma mão amiga, que suave e bondosamente se apoia na nossa. Bem provavelmente isto seja apenas uma aparência, e talvez esses casos sejam os mais perigosos, diante deles é preciso precaver-se ainda mais do que diante dos outros, mas mesmo que se trate de uma ilusão é, em todo caso, uma ilusão completa.⁷⁰⁷

Da mesma maneira que atualmente as redes sociais são acusadas de promover paradoxalmente o afastamento com o fácil acesso via internet, com poder de contruir o muro virtual entre as pessoas, do mesmo modo as cartas, ao pretenderem fazer a relação acontecer ou preencher o espaço do desencontro físico entre os correspondentes, voltam-se contra os protagonistas. O romance com Milena “quase” se realiza. “No entanto [apesar disso]”...

⁷⁰⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), fins de março/1922, p. 332-334; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 197-198.

⁷⁰⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), finais de março/1922, p. 332-334; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 197-199.

*Trotzdem...*⁷⁰⁸ A correspondência com Milena foi marcada sob o signo dessa “bonita palavra” que toda vez que surgia enunciava o impasse em que se detinha a relação. A troca de cartas com Milena nos mostra que foram ensaiados muitos encontros; encontros que não saíam do plano, abortados às vezes por Milena, e por Kafka na maioria das vezes.

Me torturé (*Ich quälte mich*) toda una tarde tendido en el canapé, por la noche te escribí una carta pero no la envié, aún creía que podría superarlo, pero por la noche, de total insomnio, me retorció como en el potro de tormento (*ich mich geradezu unter Qualen*). Los dos que hay en mí; el que quiere viajar y el que tiene miedo de viajar, partes de mí los dos probablemente infames los dos luchaban en mi interior. Me levanté temprano como en mis peores tiempos. No tengo la fuerza de ponerme en camino; la idea de estar delante de ti no puedo soportarla ya por anticipado, no soporto la presión en el cerebro.⁷⁰⁹

Tal como o homem *Diante da lei* e do porteiro, Kafka e Milena quase se cruzam, quase se enlaçam, não obstante no fim da correspondência Kafka não queria mais alimentar ilusões:

Que nos veremos antes do que acredito? (Agora escrevo “ver”, você escreve “viver juntos”. [*Nun schreibe ich “seh’n”, Du schreibst “zusammenleben”*]). Eu creio, no entanto (e o vejo confirmado por todos os lados, por todos os lados, em coisas que não tem relação com isso, todas as coisas falam disso), que nunca viveremos juntos nem poderemos viver juntos, e “antes” que “nunca” é somente, outra vez, nunca. (*wir niemals zusammenleben werden und können, und “früher” als “niemals” ist doch wieder nur niemals.*)⁷¹⁰

Ao fim da correspondência com Milena, as cartas não trazem mais alívio e alegria; passam a representar o fracasso de se unir a uma mulher e começam a fazer muito mal a Kafka, alimentando-lhe a insônia:

não posso seguir escrevendo estas cartas, nem sequer estas cartas importantes. Começa o feitiço maligno de escrever cartas e me destrói ainda mais as noites, que já se destroem por si mesmas. Tenho que parar, não posso escrever mais. Ah, sua insônia é distinta da minha. Por favor não escreva mais.⁷¹¹

Essas queixas de Kafka confirmam a objeção proposta por V. Kaufmann n’*O equívoco epistolar*. “Parte-se geralmente da idéia que ele (O epistológrafo, O missivista [*L’épistolier*]) quer bem àqueles a quem ele se endereça, mas nada é menos certo. Há, em certas

⁷⁰⁸ “No *trotz* há um choque, ainda há ‘mundo’ nela, mas no ‘*dem*’ se produz o afundamento, logo já não há nada”.

KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 28/07/1920, p. 183.

⁷⁰⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), novembro/1920, p. 329.

⁷¹⁰ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 309.

⁷¹¹ KAFKA, *Cartas a Milena* (Alianza), 01-02/1923, p. 348.

correspondências, alguma coisa de extraordinariamente cruel que os põem do lado de uma atividade sacrificial”.⁷¹²

Kafka via perfeitamente que, a partir do momento que a relação não avançava, a correspondência tornava-se cruelmente sadomasoquista, dominada por uma demanda insaciável. A “tortura” que Kafka claramente passava a denunciar, sem poupar-se, era a pervertida exigência, desesperada e compulsiva das trocas epistolares, diante do fracasso do encontro. Mas em nenhum momento há uma busca de puro prazer na tortura missivista. Se há em Kafka, como vimos com Deleuze e Guattari, um desejo louco de “arrancar cartas do destinatário”, no afã de obter a presença do outro, não podemos dizer que há um mergulho gozoso nesse “Inferno” da vontade de cartas. Ao contrário, quando Kafka vê que a relação com suas destinatárias não pode evoluir por limitações de sua parte, passa a ter verdadeiro horror da correspondência, tornada “infernai”; horror dessa atividade com a qual se engana e que só serve para torturar os envolvidos. E vemos que a função das cartas, desejável e suportável para ele, só podia ser aquela função intermediária e preliminar que, no seu caso, fracassava quando exigia a passagem ao ato de amor. Sem conseguir na sequência da relação passar ao ato amoroso, atuava retroativamente na direção da correspondência, destruindo as cartas de amor.

Se para Kafka, temporariamente, a materialidade das cartas vinha no lugar do contato físico e sexual, não podemos deixar de evocar André Gide, que viveu não um noivado, mas anos de matrimônio epistolar, um “casamento branco” com sua prima Madeleine, romance que o próprio Gide aproxima do que houve entre Dante e Beatriz. Entretanto, para Gide, as cartas pareciam ter claramente a função de um fetiche,⁷¹³ ou seja, de serem investidas e amadas elas mesmas, substituindo, assim, o encontro com o corpo de Madeleine. Já em Kafka, as missivas e as fotos trocadas sugerem mais a função objetualizante de fazer corpo entre ele e o outro, constituindo um espaço “entre” separação e também de possível união. A especificidade dessa função remete-nos ao conceito de espaço/objeto transicional de Winnicott,⁷¹⁴ espaço terceiro, o da primeira possessão (não – eu) entre a mãe e o bebê, em que inicialmente e a partir das primeiras atividades autoeróticas se dá o apego ao que Winnicott chamou de “objetos

⁷¹² Kaufmann *apud* HAROCHE-BOUZINAC. *L'épistolaire*, p. 72.

⁷¹³ LACAN. A juventude de Gide ou a Letra e o desejo. In: *Escritos*, p. 772.

⁷¹⁴ WINNICOTT. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar & a realidade*, p. 14. A teorização dessa zona intermediária entre o subjetivo e o objetivamente percebido serviu de base para Lacan construir o conceito do pequeno outro, objeto *a* (*petit a*), segundo Lacan, sua única invenção. O objeto *a*, na herança do objeto transicional, é objeto recortado do corpo, objeto de desejo, ou um lugar que pode ser ocupado por diversos objetos, desde que satisfaçam agalmaticamente a fantasia do sujeito. Esses objetos são suportes episódicos, reais e/ou imaginários que revelam a estrutura de vazio, ou seja, de causa de desejo que está em jogo quando o objeto *a* tem lugar. “foi a partir dele (do objeto transicional) que formulamos inicialmente o objeto *a*.” LACAN. O ato psicanalítico – resumo do seminário de (1967-1968). In *Outros escritos*, p. 376.

transicionais”, como o paninho, a chupeta, as pelúcias, uma palavra, uma melodia, que aplacam angústias, ajudam a dormir e que Lacan chamará “Objetos cedíveis”:

Esse objeto que ele (Winnicott) chama de transicional, vê-se com clareza o que o constitui na função de objeto que chamo de objeto cedível. Trata-se de um pedacinho arrancado de alguma coisa, quase sempre uma fralda, e é bem visível o suporte que o sujeito encontra nele. O sujeito não se desfaz nesse objeto, fortifica-se nele. [...] A função do objeto cedível como pedaço separável veicula, primitivamente, algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito.⁷¹⁵

Essa zona fundamental para a subjetividade tem a substância da ilusão e, mais tarde, se amplia na vida do sujeito: é o espaço da experiência dos “fenômenos transicionais”, como o pensar, o fantasiar, criar e inventar. Os objetos transicionais não substituem as relações do sujeito com a realidade dos objetos do mundo, mas antecede e prepara futuros laços e criações. Para entendermos melhor a função das cartas-fotos-corpo⁷¹⁶ para Kafka, é interessante precisarmos um pouco mais a diferença específica dessa relação, a partir do destino dado a esses objetos no desejo distinto dos dois escritores. De Gide sabemos por ele mesmo da dor lancinante e visceral que foi a destruição por Madeleine de vinte anos da extensa correspondência amorosa. Sentindo-se mortalmente traída quando revelada a paixão de Gide por um rapaz, Madeleine nunca se arrependeu de ter posto fogo nas muitas páginas literárias, cuja perda fez Gide chorar como uma “fêmea ferida no ventre”,⁷¹⁷ pranteando as cartas como se fosse a morte de um filho que jamais teve. Vemos então, e em contraponto, que as cartas nunca decepcionaram Gide. “Talvez nunca tenha havido correspondência mais bela”.⁷¹⁸ Curiosamente é a esse ato incendiário⁷¹⁹ que Kafka, como uma Madeleine inconformada, recorre em certo momento-limite, com o fim de dar um destino sumário às cartas recebidas e com a mesma prescrição futura às enviadas, ao constatar que, para ele, era impossível não ir além do epistolográfico, não querer mais do amor: o calor do corpo amante. Todas as cartas de suas amadas a ele endereçadas têm como destino final a fogueira.

Na Carta ao amigo e médico Klopstock que segue, vemos Kafka lucidamente conseguir separar a realidade concreta dos papéis escritos, do seu desejo como homem, fazendo uma retificação importante quanto à função das cartas. Nessa carta Kafka percebe a transmutação

⁷¹⁵ LACAN. *O seminário, livro 10*, A angústia, p. 341.

⁷¹⁶ Lacan lembra que as fotografias permitem “a possibilidade de desligar do corpo a imagem, isto é, sua imagem especular, a imagem do corpo, e de reduzi-la ao estado cedível”. *O seminário, livro 10*, A angústia, p. 343.

⁷¹⁷ LACAN. A juventude de Gide ou a Letra e o desejo. In: *Escritos*, p. 772.

⁷¹⁸ LACAN. A juventude de Gide ou a Letra e o desejo. In: *Escritos*, p. 773.

⁷¹⁹ Kafka fez planos “incendiários” por toda a vida. Já na juventude, quando dizia ao amigo O. Pollak que “Praga, a ‘mãezinha’, tem garras” acrescenta: “deveríamos nos submeter ou bem... deveríamos colocar fogo nos dois extremos, em Vysehrad e em Hradschim, e então talvez poderíamos sair”. KAFKA. Carta a Oscar Pollak, 20/12/1902. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 25-26.

imaginária que a correspondência sofreu em suas mãos e ainda traz uma informação sobre a metamorfose que posteriormente se operou nas cartas/letras trocadas. Essa declaração poética e literal de um fato objetivo pode esclarecer porque não temos acesso às cartas recebidas por Kafka, mas somente as enviadas por ele.

[...] estou tão ocupado à procura de uma briga imaginária no naufrágio perpétuo e verdadeiro que provavelmente eu só posso ser amargo com tudo o mais. Especialmente no que diz respeito a cartas, cartas de homens e mulheres. As cartas podem me alegrar, podem me comover, podem parecer dignas de admiração, mas são muito importantes para mim. Nunca fui enganado pelas cartas, mas me enganei a mim mesmo com elas. Literalmente me aqueci durante anos de antemão ao calor que finalmente se propagou quando toda a pilha de cartas foi atirada ao fogo.⁷²⁰

Lembramos que o destino mais saudável do objeto transicional é perder o sentido e desaparecer como um ursinho esquecido no canto do quarto pela criança que cresceu.⁷²¹ Se inicialmente a possibilidade da troca de cartas/letras seduz Kafka, vemos que a decepção tarda, mas não falha. Em sua revolta com as cartas, com as quais se ilude e se enrola na armadilha de suas teias, Kafka força pelo fogo sua destinação futura como desaparecimento e esquecimento.

Se compararmos ainda, a partir dos contrastes, o que está em jogo nas cartas de amor, podemos ainda evocar a diferença que introduz a correspondência amorosa entre Joyce e Nora no que tange às trocas epistolares tratadas. Diferentemente de Kafka e Gide, as cartas que se escrevem o escritor irlandês e sua mulher, sem substituir, preparar ou antever a relação familiar, amorosa e carnal intensa que mantinham, parecem *ad continuum* na missiva realizá-la ainda mais, fazendo da distância que os separa um prolongamento íntimo de suas carícias sexuais e ocasião para as declarações de amor. Nessa correspondência mais que performática, ao se passar à letra, passa-se ao ato: escrever é gozar, fazer gozar, é fazer o amor... literalmente, estreitando ao máximo, pela letra/carta, a impossível fusão entre os corpos.⁷²²

Minha querida Talvez eu devesse começar pedindo perdão pela carta extraordinária que te escrevi na noite passada. Enquanto eu a escrevia a tua carta estava pousada diante de mim e os meus olhos estavam fixos, como ainda estão, numa certa palavra escrita nela. Há algo de obsceno e lúbrico na própria aparência das letras. O seu som

⁷²⁰ KAFKA. Carta a Robert Klopstock, janeiro de 1922. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 142; *Correspondance 1902-1924*, p. 430.

⁷²¹ Para Winnicott “O objeto transicional pode acabar por se transformar num objeto fetiche e assim persistir como uma característica da vida sexual adulta” (Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar & a realidade*, p. 34).

⁷²² HOURDEBINE. À propôs des lettres dublinoises. In: *Lettres d'Amour*, p. 120. “Os corpos dos amantes [...] tocam-se e renovam infinitamente o seu espaçamento, apartando-se um do outro, endereçando-se um ao outro.” NANCY. *Corpus*, p. 19-20.

é também como o próprio ato, breve, brutal, irresistível e perverso. (*The sound of it too is like the act itself, brief, brutal, irresistible and devilish*. [diabólico]).⁷²³

2.12 O corpo da obra no corpo das cartas de amor

Pensei muito em – que embaraço sinto em escrever nomes – F. B.⁷²⁴

Como já foi dito, as cartas e os *Diários* estão imiscuídos e inseparáveis do restante da obra de Kafka e ele mesmo nos diz disso quando, por algumas vezes, oferecia seus escritos íntimos às suas pretendentes e aos amigos, da mesma maneira como lhes ofertava a leitura de suas narrativas e de outros autores. Sabemos pelo próprio Kafka que, já na seleção do seu primeiro livro que preparava para publicação: *Meditação [Contemplação] (Betrachtung)*, Felice esteve presente não na escrita dos textos, anterior ao seu encontro com ela, mas em seus pensamentos. Organizando os fragmentos para o volume, Kafka escreve a Brod pedindo e agradecendo de antemão uma revisão. “Caro Max, estava eu ontem sob a influência da Senhorita quando coloquei em ordem os pequenos textos. É bem possível que isso possa ter engendrado alguma estupidez, talvez alguma coisa de secretamente cômica na sucessão das peças”.⁷²⁵

Já no início da correspondência, respondendo a Felice sobre seu modo de viver, Kafka adianta-lhe: “Minha maneira de corresponder não é assim extravagante em si mesma, mas exatamente tão extravagante como minha atual forma de viver, que eu também poderei descrevê-la algum dia”.⁷²⁶ Alerta Felice que sua vida “no fundo consiste e consistiu sempre em tentativas de escrever (*Versuche zu schreiben*), em sua maioria fracassadas”.⁷²⁷ E explica como vai incluir Felice em seu projeto literário: “Minha maneira de viver está organizada unicamente em função de escrever (*Schreiben*), e se sofre modificações, estas não tem outro objeto que uma melhor adequação, dentro do possível, na minha atividade literária (*Schreiben*)”.⁷²⁸ Kafka sente imediatamente os efeitos que o primeiro encontro com Felice tem sobre seu trabalho de escrita e explicita claramente como vive essa inspiração.

⁷²³ JOYCE. *Cartas a Nora*, 02/12/1909, p. 92.

⁷²⁴ KAFKA. *Diários* (Difel), 15/08/1912, p. 181. Entre o encontro com Felice e a escrita d’*O veredicto*.

⁷²⁵ KAFKA. Carta a Brod 14/08/1912. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 127. Kafka *apud* CANETTI. *O outro processo*: as cartas à Felice, p. 9.

⁷²⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 23/10/1912, p. 51; *Lettres à Felice*, p. 60.

⁷²⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/11/1912, p. 64; *Lettres à Felice*, p. 76; *Cartas a Felice* (Anima), p. 38.

⁷²⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/11/1912, p. 65-66; *Lettres à Felice*, p. 78; *Cartas a Felice* (Anima), p. 39-40.

Agora minha vida ampliou-se com os pensamentos que lhe dedico, não há quarto de hora da minha vigília em que eu não pense na senhorita, e há muitos quartos de hora, durante as quais eu não faço outra coisa. Mas inclusive isso mesmo está em relação com minha literatura, estou determinado unicamente pelas oscilações da minha atividade literária (*Schreibens*) e pode estar certa de que em uma época de baixa no que se refere à escrita (*Schreibens*), não teria tido a coragem de me dirigir à senhorita. Isto é tão verdade como é verdade (*Das ist so wahr, wie es wahr ist*) que, a partir daquela tarde, tenho a sensação (*Gefühl*) de ter um buraco no peito através do qual uma sucção faz as coisas entrarem e saírem sem nenhuma consideração, até que uma noite, na cama, a lembrança de uma história bíblica mostrou-me a um só tempo a necessidade daquela sensação (*Gefühl*) como a veracidade (*Wahrheit*) da história bíblica. Ultimamente constatei com assombro de que maneira a senhorita se encontra ligada fraternalmente [intimamente] (*verschwistert*) a minha escrita (*Schreiben*), embora até aqui eu acreditasse que escrevendo (*Schreibens*) pensava o mínimo na senhorita.⁷²⁹

A presença distante e silenciosa da Senhorita, que lhe vem por meio das letras das cartas, cria um “Um buraco no peito”, uma surpresa que aciona uma respiração, uma pulsação no coração do escritor. Logo depois do primeiro encontro com Felice, Kafka sofre o parto de *O veredicto* (1912), “ponto de virada” do que ele tinha escrito até então.⁷³⁰ Fazendo a leitura das provas de *O veredicto*, só a mão de Kafka e a força de seu desejo podem chegar ao corpo do rebento. Lemos Kafka descrevendo como um escritor, com lágrimas nos olhos, nasce do conto, em um “parto genuíno”, um filho coberto de “imundice e muco”.⁷³¹ Não só no reconhecimento pela dedicatória, “Para a Senhorita Felice Bauer”, Kafka sabe muito bem o quanto deve a novela à namorada e o demonstra. A associação com Felice da obra que lhe nasce como um filho, não só não lhe escapou, mas mostra-se ainda interessado em decifrar o conto, intrigado com sua própria criação:

Georg tem o mesmo número de letras de Franz. Bendemann é composto por “Bende” e por “Mann”. “Bende” tem tantas letras quanto Kafka, sendo que a vogal *e* repete-se nos mesmos lugares da vogal *a* em Kafka. “Mann” esta aí por piedade para reforçar o pobre “Bende” em seus combates [lutas] (*für seine Kämpfe*).⁷³²

As associações, que Franz só descobre *a posteriori*, prosseguem, estendendo à influência de Felice a escolha da cidade de Berlim e ao nome “Frieda”, noiva de Georg.

Frieda tem tantas letras quanto Felice e a mesma inicial; paz (*Friede*) e felicidade (*Glück*) (Felice) estão estreitamente ligadas; “Brandelfeld” relaciona-se através do *Feld* [campo], com *Bauer* [camponês] e tem também a mesma inicial. [...] Consegue descobrir algum tipo de significado em “*O veredicto* [*A condenação*]”, isto é, algum

⁷²⁹ KAFKA. *Cartas a Felice*, (Alianza), 01/11/1912, p. 65; *Lettres à Felice*, p. 77; *Cartas a Felice* (Anima), p. 39.

⁷³⁰ CARONE. *Kafka essencial*, p. 20.

⁷³¹ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio d’Água), 11/11/1913 p. 301.

⁷³² KAFKA. *Lettres à Felice*, 02/06/1913, p. 450; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 389; e também *Diários* (Emecé), 11/02/1913, p. 203.

sentido direto e coerente que se possa apontar? Eu não consigo, nem tampouco sei explicar nada dele.⁷³³

Não podemos deixar de acrescentar, juntando-nos a Kafka nesse jogo com as palavras e letras buscando conexões inconscientes, que o nome Franz tem a mesma inicial que Felice; que a mulher perturbadora que surge pouco tempo depois d'*O Verdicto* em *O processo*, a personagem senhorita Bürstner, aparece grafada nos manuscritos como Frl. B. ou simplesmente F. B.

Kafka mais tarde, a respeito do mesmo *Verdicto*, desiste de decifrá-lo.

“La condena” no tiene explicación. Tal vez algún día te enseñe algunos pasajes de mi diario sobre esa cuestión. La historia está repleta de abstracciones no declaradas. El amigo apenas si es un personaje real, más bien es lo que el padre y Georg tienen en común. La historia es quizás una pesquisa en torno al padre y al hijo, y la cambiante figura del amigo puede que sea el cambio de perspectiva de las relaciones entre padre e hijo. Pero no estoy seguro de eso tampoco.⁷³⁴

E na mesma carta citada envia-lhe *O fogueira* novamente como a um filho: “Hoje enviar-lhe-ei *O fogueira*. Veja se o acolhe com carinho, senta ao seu lado e o elogia, como ele deseja”.⁷³⁵

O momento é de grande fecundidade e alguns meses depois d'*O verdicto* vem-lhe o assédio, a pressão d'*A metamorfose*. A escrita toma Kafka como uma febre e ele prossegue desassossegado. Terminando uma carta a Felice, Franz está inquieto e lhe escreve a mensagem final: “hoje é certo que lhe escreverei ainda outra vez, mesmo tendo que escrever muitas mensagens e tendo que escrever um conto (*kleine Geschichte*) que me veio a mente na cama, em plena aflição, e que me assedia desde o mais fundo de mim mesmo. (*innerlichst bedrängt*)”.⁷³⁶

Em 23/11/1912 Felice recebera uma carta sobre a finalização d'*A metamorfose* e vemos que Kafka, o mais temeroso dos seres, não esconde o quanto lhe apraz meter medo.

¡Querida, Dios mío, cómo te quiero! Es ya muy de noche, he dejado el cuento, en el que, por otro lado, hace ya dos noches que no trabajo nada, y que calladamente está empezando a crecer y convertirse en una historia de más envergadura. ¿Dártela a leer? ¿Cómo hacerlo? Ni aunque estuviera terminada. Está escrita de un modo sencillamente ilegible, y aunque eso no fuera de por sí un impedimento, puesto que, ciertamente, hasta el momento no es que te haya enviado a base de buena letra, no

⁷³³ KAFKA. *Carta a Felice* de 02/06/1913, apud PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 265.

⁷³⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 10/06/1913, p. 391-392.

⁷³⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 10/06/1913, p. 392.

⁷³⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 17/11/12, p. 99.

obstante, no quiero enviarte nada para que tú te lo leas. Lo que quiero es leértelo yo. Sí, eso sería lo bonito, leerte el cuento y, al mismo tiempo, verme obligado a tener tu mano en la mía, pues la historia es un poco terrorífica. Se llama La metamorfosis, te daría un miedo espeluznante, pero tú a lo mejor sentías agradecimiento, pues miedo es, por desgracia, lo que te debo de estar dando todos los días con mis cartas. Querida, inauguremos una vida mejor junto con este papel de cartas de mejor calidad. Acabo de sorprenderme en el acto de mirar hacia lo alto mientras escribía la última frase, como si tú estuvieras allí.⁷³⁷

Mais tarde, em 24/11/1912, Felice tem notícias d’A *metamorfose* por carta no anúncio daquela (já citada nessa tese) leitura em voz alta feita por Franz entre amigos na casa de O. Baum e depois na de M. Brod. Ainda com Felice sobre a *Metamorfose*, a duplicidade novamente se mostra em nosso autor dividido entre o amor e a náusea:

Mi amor, pero qué extremadamente repulsiva es la historia que acabo de apartar a un lado para recuperarme pensando en tí. Ha avanzado ya hasta un poco más de la mitad, y en conjunto no estoy descontento con ella, pero en cuanto a nauseabunda, lo es de un modo ilimitado, y cosas como esas, te das cuenta, provienen del mismo corazón en el que tú habitas y toleras como morada.⁷³⁸

Um pouco mais tarde, em sua correspondência com a mediadora Grete Bloch, na primeira crise e ruptura de Kafka com Felice, a novela “nauseabunda ou repulsiva” se faz novamente presente.

¿Que si puede usted permitirse gozar con mi «historia» [La metamorfosis]? No lo sé, no le gustó. En cualquier caso, la «historia» goza con usted, de eso no cabe duda alguna. Por otro lado, la heroína se llama Grete y no la deshonra a usted, al menos en la primera parte. Cierto que luego, cuando el tormento se hace demasiado grande, ella cede en sus esfuerzos y comienza a llevar una vida autónoma, abandonando a quien la necesita. Una vieja historia, por lo demás: tiene ya más de un año, en aquel entonces aún no sabía apreciar en todo su valor el nombre de Grete, solo he aprendido a hacerlo en el transcurso de la historia.⁷³⁹

Ainda em 1912, além d’*O fogueira* (conto que Kafka em vida publicará a parte, mas que é também o primeiro capítulo d’*O desaparecido*), é praticamente todo o projeto do romance *O desaparecido* ou *Amerika* que também segue para Felice, pois também “pertence-lhe”. Sabemos por carta o quanto Kafka está empenhado nesse primeiro e infinito “trabalho de maior envergadura”:

quiero emplear hasta la última gota de mis energías en mi novela, la cual le pertenece también a usted, [...]. Para que se haga una idea provisional, le diré que la historia que estoy escribiendo, y que, por cierto, está concebida para extenderse hasta el infinito,

⁷³⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 23/11/12, p. 113.

⁷³⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 23-24/11/12, p. 114.

⁷³⁹ KAFKA. Carta a Grete Bloch, 21/04/1914. In: *Cartas a Felice* (Alianza), p. 563.

se titula El dado por desaparecido, y se desarrolla exclusivamente en los Estados Unidos de Norteamérica. De momento están terminados cinco capítulos, el sexto está casi acabado. Cada capítulo individualmente se titula: I. «El fogonero», II. «El tío», III. «Una quinta en las afueras de Nueva York», IV. «Camino a Ramsés», V. «Hotel Occidental», VI. «El caso Robinsón». Le he nombrado estos títulos como si de ellos pudiera sacar una alguna idea, lo cual, por supuesto, no es así, pero en tanto sea posible, quiero que estos títulos queden bajo su custodia. Es el primer trabajo mío de una mayor envergadura en el que, tras quince años de tormento y de momentos de desesperación, desde hace mes y medio me siento seguro. Es preciso, pues, que lo termine, seguramente que usted también opina así, de modo que, con su bendición, el poco tiempo que pudiera emplear en no otra cosa que imprecisas, plagadas de horribles lagunas, imprudentes, peligrosas cartas, lo transferiré a este trabajo en el que todo, por lo menos hasta el momento, y venga de donde venga, se apacigua y ha emprendido el camino justo. ¿Está usted de acuerdo? ¿Y va usted a no abandonarme a mí, pese a todo, espantosa soledad?⁷⁴⁰

Alguns meses depois de anunciar essa escrita de maior envergadura, encontramos essa passagem em uma carta a Felice que pode estar se referindo à batalha da escrita que Kafka travava com seu romance *O desaparecido*.

Meu romance (*Mein Roman*)! Antes de ontem à noite declarei-me totalmente vencido por ele. Ele desliza entre as minhas mãos, não posso mais detê-lo; sem dúvida não escrevo nada que seja de todo despojado de relações comigo, mas nos últimos tempos isso tem sido mais relaxado, as falsidades parecem não querer mais sair, a coisa corre maior perigo se continuo trabalhando nela do que se a abandono provisoriamente.⁷⁴¹

E no fim da relação, já na segunda tentativa de enlace (1916), pensando em ir ver o namorado em Praga, Felice recebe uma carta em que o noivo anuncia um novo conto. “Quando chegaria? em que hotel fica hospedada? quando teria que regressar? se chegar a vir, leria um relato que você ainda não conhece. ‘Na colônia penal’, assim se intitula”.⁷⁴² Além do conto *Na colônia penal*, publicado posteriormente (1919), nasce em seguida e também na companhia de Felice, “O mestre-escola da aldeia”, “Blumfeld” (1915) e os contos de *O médico rural* (1916). Em 1917, ano da ruptura definitiva com a noiva, Kafka escreve “O caçador Gracchus” e “A construção da muralha da China”.

Em 1914, ainda com Felice, no tempo d’A *Metamorfose*, Kafka inicia a escrita d’O *processo*, romance inconcluso que coincide com os anos de correspondência com a noiva e, mais exatamente, com o fim do primeiro noivado epistolar (1914) e com a eclosão da I Guerra Mundial. No impasse a que o noivado conduziu e do qual Kafka não conseguia se desenlaçar, instala-se um terrível “tribunal”.

⁷⁴⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 11/11/12, p. 84-85.

⁷⁴¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 26/01/1913, p. 305; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 265.

⁷⁴² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 10/10/1916, p. 740.

“tribunal” – doravante, Kafka nunca usou outro termo a esse respeito –, exerceu sobre ele um efeito arrasador. [...] . O processo, que até então, no curso de dois anos, acontecera nas cartas trocadas entre ele e Felice, transformou-se em seguida naquele outro Processo, que todos conhecem. Trata-se do mesmo processo. Kafka ensaiara-o. O fato de ele ter incluído no livro infinitamente mais do que poderíamos deduzir das cartas não nos deve iludir quanto à identidade dos dois processos. A força que antes procurara obter de Felice, ele a hauria agora do choque causado pelo “tribunal”.⁷⁴³

Um tribunal⁷⁴⁴ em que correm paralelamente dois processos sem fim, com testemunhas e uma amiga de Felice eleita juíza, Grete Bloch. Esse será o argumento que Elias Canetti defende em seu impressionante livro *O outro processo: as cartas a Felice*.

Não deixa de ser surpreendente esse inventário da obra levantado de dentro da correspondência: a maior parte da obra de Kafka, incluindo a maior parte dos *Diários*, será escrita entremeadada com a sua correspondência de cinco anos com Felice.

Kafka termina o noivado com Felice cuspiendo sangue com o diagnóstico confirmado de tuberculose e, em 1919, depois de mais uma tentativa frustrada de noivar-se, desta vez com Julie Wohryzek, temos a precipitação da *Carta ao pai* e de os “Aforismos” (1920).

“As investigações de um cão”, “O artista da fome” e *O Castelo*⁷⁴⁵ Kafka escreve no ano de 1922 sob a inquietação de sua relação com Milena iniciada em 1920. “Frieda”, nome que ressurgiu de *O veredicto* e que muitos associam a Milena é, por sua vez, a mulher que inspira amor ao personagem K. em *O Castelo*. O romance colossal permanecerá inconcluso como seu romance com Milena. Diferentemente de Felice, que parecia receber os escritos e livros que Kafka lhe enviava de sua autoria com certo desdém, mesmo indiferença, quando não estranheza, Milena não somente foi uma leitora apaixonada de todas as obras de Kafka então publicadas como também sua primeira tradutora.

Na companhia de Dora (1923), a última companheira, perderam-se as cartas trocadas, diários e outros manuscritos da época, confiscados na II Grande Guerra pela Gestapo, mas salvaram-se o que Kafka ainda escreveu junto a ela antes de morrer: “A construção” e “Josefina a cantora”.

Falando ainda de amor, não podemos esquecer o quanto a amizade foi importante para Kafka, destacando-se a presença incomparável de Max Brod na vida escrita daquele, desde

⁷⁴³ CANETTI. *O outro processo: as cartas à Felice*, p. 67-68.

⁷⁴⁴ “O tribunal no hotel (*Der Gerichtshof im Hotel*)”. Em 15/06/1914 no “*Hotel Askanischer*” em Berlim, o noivado de Felice Kafka foi oficialmente anulado. KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’água)* 23/07/1914, p. 404.

⁷⁴⁵ Há um pequeno relato anotado nos *Diários* cujo tema parece preceder o tema de *O castelo*. Um homem procura uma hospedaria em uma aldeia. KAFKA. *Diários (Difel)*, 11/06/1914, intitulado “Tentação na aldeia”, p. 248; *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 21/06/1914, “Cena de sedução na aldeia”, p. 398.

1902, quando se conheceram. Brod, que não tinha dúvidas quanto à genialidade de Kafka, incentivou-o e acompanhou-o desde seus primeiros escritos: “Descrição de uma luta” (1904), “Preparativos de uma boda no campo” (1907), “Os Aeroplanos em Brescia” (1909), “O mundo Cíatino” (1911). O amigo também teve presença marcante na escrita dos pequenos textos que compuseram o primeiro volume de Kafka, *Contemplação*, editado sob a pressão de Brod, que o indicou a Kurt Wolf. Além de ser o responsável por termos acesso à literatura do amigo, sabendo ler pelo avesso o testamento de Kafka, Brod era certamente seu grande interlocutor. Além das viagens que faziam juntos, das cartas trocadas desde a juventude, os dois amigos chegaram a arriscar um romance a quatro mãos que ficou interrompido. “Richard e Samuel” ou “Uma pequena viagem pelas regiões do centro da Europa” (1911). Só temos desse projeto de romance um primeiro capítulo que pretendia ser um diálogo dos diários de dois amigos muito diferentes, duas escritas que se intercalam ao longo de uma viagem. O projeto do romance, que parecia exigir muito da parte de Franz, não teve prosseguimento, mas a correspondência com o amigo Max segue até o fim de sua vida e é a ele que Kafka dedica suas últimas linhas. Mas como percebe Deleuze, cartas aos amigos, cartas a Brod, *Carta ao pai*, não importa a quem, “há sempre uma mulher no horizonte das cartas, é ela a verdadeira destinatária”.⁷⁴⁶ Se Brod salvou o espólio da destruição, isso não o impediu de interferir na obra de Kafka, por vezes corrompendo-a e deturpando-a, fazendo o mesmo que ele tanto criticou em Gide e Barrault⁷⁴⁷ em suas intervenções n’*O processo*, adaptado por eles para o teatro.⁷⁴⁸ As mulheres de Kafka, no entanto, preservaram tudo e nos deixaram como estava o que ele destinou a elas.⁷⁴⁹

2.13 Kafka, casamenteiro, santo (e sexuado)

Sinto como parentes consanguíneos meus Grillparzer, Dostoyevski, Kleist e Flaubert [...] somente Dostoyevski se casou e talvez somente Kleist, quando, sob a pressão de aflições externas e internas, suicidou-se com um tiro em Wannsee, encontrando a saída que necessitava”.⁷⁵⁰

⁷⁴⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura menor*, p. 44.

⁷⁴⁷ Brod censurou partes dos *Diários* e dramatizou *O Castelo*, descaracterizando, segundo Blanchot, a errância e o exílio singular de Kafka. Ver “Kafka e Brod”, in *De Kafka a Kafka*, p. 182-201.

⁷⁴⁸ GIDE; BARRAULT. *O processo*. Peça adaptada do romance de Kafka.

⁷⁴⁹ O volume e a peculiaridade da correspondência amorosa de Kafka, ao lado do epistolário amoroso de grandes escritores, surgem neste trabalho como tema para outro, pedindo estudo, dedicação e cotejamentos a que a presente tese não visa no momento e está longe de pretender esgotar. Mas uma distinção podemos já acentuar: nosso trovador (?) seguido de interrogação para Kafka se refere ao fato de que o “trovadorismo” de nosso autor se distancia em alguns pontos radicalmente de outros poetas desse movimento. O amor louvado nas cartas sofre da distância e da idealização da amada, no entanto isso não o torna vassalo, mas sim imperativo no que exige de suas amadas. Kafka se descobre um tirano-tiranzado, em nome de um amor que se mostra inalcançável. Constatamos ainda que a impossibilidade da relação amorosa não está na falta de reciprocidade do afeto, mas na experiência de um impedimento que Kafka desesperadamente situa nele mesmo.

⁷⁵⁰ KAFKA. *Lettre à Felice*, 02/09/1913, p. 524 ; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 455.

As mulheres na vida e obra de Kafka, como vamos constatando, são figuras imprescindíveis. Ele não podia se ver sem referência do mundo feminino e ela surge inúmeras vezes, não apenas como obrigação talmúdica, pois “Um homem sem mulher não é um homem [ser humano, pessoa] (*Ein Mann ohne Weib ist kein Mensch.*)”,⁷⁵¹ mas como uma via de libertação ambígua, pois as mulheres também pertencem a sua prisão: “Pela manhã pensei: ‘Afinal talvez consigas viver desta maneira; mas agora, protege essa vida das mulheres’. Protege-a das mulheres; mas aquele ‘desta maneira’ já as continha”.⁷⁵²

Em muitas de suas obras, as mulheres são como mediadoras de uma saída, esperança que também imediatamente o enlaça a elas. Mas se o enlace é amoroso e até mesmo apaixonado, a aproximação do sexo é uma ameaça vivida com nojo e uma angústia que beira o pânico. Kafka, segundo ele mesmo e muitos outros, sofria de uma insegurança desmedida que o fazia se ensimesmar, condenando-o a viver a sexualidade com um misto de asco, inibição e paixão.

⁷⁵¹ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d’água), p.162; *Diários* (Itatiaia), 24/11/1911, p. 84.

⁷⁵² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d’água), p. 555. Outra versão: “Pela manhã pensei: ‘Talvez possas seguir vivendo deste modo; tenha cuidado apenas de proteger-te das mulheres’. Proteger-te das mulheres; mas no ‘deste modo’ elas aí já estão”. *Diários* (Emecé), 24/01/1922, p. 392.

2.13.1 Felice, duas vezes perdida

No drama do casto noivado vivido com Felice, na iminência da proximidade sexual, escreve: “O coito (*Der coitus*) como castigo pela felicidade de estar junto Viver o mais asceticamente que se possa, mais asceticamente que um solteiro (*Möglichst asketisch leben, asketischer als ein Jungeselle*).; para mim é a única maneira de suportar o matrimônio. Mas, e ela?”⁷⁵³ Em seu longo noivado com Felice, Franz garante à prometida que não vai abusar da condição de nubente. No entanto, Felice, como lhe escreve Franz, não apenas “retrocederia rindo diante de uma vida monacal”,⁷⁵⁴ mas teria dito a Kafka depois de uma pequena temporada em Marienbad, depois do momento de maior intimidade que houve entre os dois: “Como somos bem comportados!”⁷⁵⁵. Kafka escuta essa exclamação em silêncio, como se “o ouvido tivesse deixado de funcionar”.⁷⁵⁶ Como bem observa Erich Heller, “Este perito em inventar razões para a autocensura – nem uma vez sequer no segredo de seu diário – se acusa de falta de contenção sexual em seu relacionamento com F. B.; o que lhe causa certo desconforto moral é que, quando ela está presente, não a ama nem a deseja o bastante”.⁷⁵⁷

A correspondência com F. B. cumpria pelo menos duas funções: se a troca de missivas evitava convenientemente o encontro sexual, ao mesmo tempo mantinha os corpos mediados pelas cartas em um evidente controle das distâncias, pois também não queria perder de vista a destinatária. Com Felice ele se aproxima e se afasta, mantendo-a ligada pela hesitação constante. Se ela mostra o desejo fazendo-se mais presente, ele a desestimula; se ela desanimada se afasta entrando em silêncio, a ameaça de perdê-la faz Kafka chamar por Felice novamente. Esse movimento oscilatório não escapa a Kafka. Logo no início da longa correspondência, há um recuo dessa ordem de sua parte. Depois de uma troca intensa de cartas por parte de ambos, ele declara sem rodeios: “tenho saúde o suficiente para mim, mas não para o matrimônio e menos ainda para ter filhos”.⁷⁵⁸ Franz se retira claramente no modo como encerra a missiva, afirmando um “eu” ameaçado:

Teria eu a intenção de nomear-me “seu” ao assinar (*Wollte ich mich mit Dein unterschreiben*)? Nada seria mais falso. Não, eu sou “meu”, e eternamente ligado a mim, isso é o que sou, e a isso é preciso tentar acomodar-me, Franz. (*Nein, mein und*

⁷⁵³ KAFKA. *Diários* (Emecé), 14/08/1913, p. 216; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 353.

⁷⁵⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/08/1913, p. 446.

⁷⁵⁵ KAFKA. *Diários* (Emecé), 24/01/1915, p. 315; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 446.

⁷⁵⁶ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 446.

⁷⁵⁷ HELLER. *Kafka*, p. 91.

⁷⁵⁸ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11/11/1912, p. 103; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 86.

*ewig an mich gebunden, das bin ich und damit muß ich auszukommen suchen. Franz).*⁷⁵⁹

Felice estranhou e pediu explicações a Brod sobre o comportamento do instável pretendente, o que em contrapartida gerou em Kafka o medo da separação e a imediata entrega de um buquê (sempre os mensageiros) de rosas por parte do namorado, juntamente com um bilhete. “Miserável tentativa de enviar inocentes rosas depois de palavras criminosas!”⁷⁶⁰ Não temos acesso às cartas de Felice, mas podemos deduzir pela resposta de Kafka e pelo caráter da “*Liebes Fräulein Felice*” que ela responde decidida na relação e avança mudando o tratamento cerimonioso em alemão, pelo (*Du*) “você”. A querida ex “*Fräulein Felice*” recebe em retorno a seguinte carta do “seu” em que jorra o júbilo de fazer “um” com as palavras: a fusão dos seres.

Seu (*Dein*) envelope (não é uma falsidade, é preciso dizer o envelope, mas o “seu” e o “você” querem continuamente se mostrar (aber *das Du und Dein will sich immerfort sehen lassen*) O envelope em que você escreveu algumas linhas tranquilizadoras (*Beruhigungszeilen*), não pode ter surtido esse efeito, pois não as li senão mais tarde, e o que a carta continha era suficiente para me sacudir (*schütteln*), porque quanto mais se recebe, mais é preciso se ter medo (*fürchten*) sobre essa terra que gira; portanto foi apenas esse “você” (*Du*) o que me deu esta firmeza, esse “você” (*Du*) pelo qual te agradeço de joelhos, porque me foi arrancado pela apreensão que eu estava por sua causa, e agora você (*Du*) me o devolve com serenidade (*ruhig*). Você (*Du*) querida! Posso agora ser seu, seguro de você? (*Kann ich jetzt Deiner sicher sein*). O “Senhorita” (*Sie*) desliza como sobre patins, pode desaparecer no buraco entre 2 letras/cartas (*2 Briefen*), é preciso persegui-lo com cartas e pensamentos pela manhã, à tarde, à noite, enquanto o “você” (*Du*) se sustenta, está aí como sua (*Dein*) carta, imóvel, deixando-se beijar e beijar por mim (*küssen und wieder küssen*). Que palavra é esta! Nada funde dois seres tão completamente, mesmo quando, como nós dois, eles não têm nada, a não ser palavras.⁷⁶¹

Para logo depois, na carta seguinte, mudar o tom, pois a fusão de dois evidentemente dura pouco, deixando uma vaga esperança de que um dia possa acontecer: “Você (*Du*), saiba que o ‘você’ (*Du*), não resultou ser o remédio que eu pensava. E hoje, quer dizer, no segundo dia, ele não teve efeito”.⁷⁶²

No entanto, em muitas outras ocasiões, vemos Kafka apostar que o amor pode se fazer pela língua: “eu me lembrei que em uma de suas últimas cartas, você escreveu “a você” no lugar

⁷⁵⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11/11/1912, p. 103; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 87; *Cartas a Felice* (Anima), p. 66.

⁷⁶⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11/11/1912, p. 103; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 87; *Cartas a Felice* (Anima), p. 67.

⁷⁶¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 14/11/1912, p. 104; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 88; *Cartas a Felice* (Anima), p. 68.

⁷⁶² KAFKA. *Lettres à Felice*, 15/11/1912, p. 108; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 91; *Cartas a Felice* (Anima), p. 72.

de “a mim” (*‘Dir’ statt ‘mir’*), possa esse lapso se tornar um dia realidade! (*Schreibfehler einmal Wirklichkeit werden könnte!*) (tenha calma, tenha calma, calo-me)”.⁷⁶³

Com Milena, na intensidade da paixão dessa correspondência, Kafka chegará quase a implorar pelo tratamento da intimidade. “Tiro outra vez a carta do envelope; aqui está: por favor, trata-me por tu outra vez – não sempre, não, tanto não peço –, trata-me outra vez por tu (*sag mir einmal Du*)”.⁷⁶⁴

Não se atinge a proximidade apenas pela retórica da linguagem, mas a questão do tratamento revela a oscilação e a dificuldade de Kafka em relação à intimidade. Na mesma carta a Felice citada, Kafka se ressentido do tempo perdido com as cartas, chega a criticar sua própria dedicação ao namoro por meio da escrita para logo em seguida retomar a intimidade epistolar.

Si hubiera juntado todo el tiempo que he empleado en escribirte y lo hubiera utilizado para hacer un viaje a Berlín, haría ya mucho que estaría a tu lado y podría mirarte a los ojos. En cambio aquí me tienes llenando cartas con tonterías, como si la vida durase eternamente y ni un minuto menos que eternamente. No, ya no escribo más, se me han quitado por completo las ganas, voy a acostarme pronunciando tu nombre, Felice, Felice, tu nombre que lo puede todo, tanto inquietar como serenar. Que tengas una buena noche y dulces sueños, como decimos nosotros. Solo una pregunta más. ¿Cómo escribes en la cama? ¿Dónde tienes el tintero? El papel, ¿te lo colocas encima de las rodillas? Yo no podría, y por cierto que tu letra es mejor que la mía aun cuando yo escriba sobre mi mesa. ¿Y la colcha no se lleva su racioncita de manchas de tinta? ¡Y tu pobrecita espalda, pobrecita ella! Y tus preciosos ojos te los hechas a perder sin remedio.⁷⁶⁵

Um dos conflitos que assola Kafka se instala entre o amor e a literatura. Em alguns momentos, o amor tem lugar privilegiado e parece excluir a literatura. “Oxalá tivesse eu escrito a você, ao invés de trabalhar na novela, tal como desejava fazer. Tinha enorme vontade em começar a carta, de prepará-la, cobrindo o papel com meus beijos, já que estará entre suas mãos”.⁷⁶⁶ Mas quando o casamento com Felice parece inevitável, ao perceber o quanto é inapto para o compromisso, inverte o lugar da literatura: “A realidade é que me acredito perdido para o trato com os demais seres humanos. [...] a verdade é que não me entendo comigo mesmo, salvo quando escrevo”.⁷⁶⁷ Mas depois do primeiro rompimento com Felice, refletindo nos *Diários*, desconfia da exigência da condição de solteiro para abraçar a literatura:

Mas podias ter casado, não podias? Não podia casar nessa altura; tudo dentro de mim se revoltava contra isso, por muito que eu sempre amasse F. Foi principalmente a preocupação com minha obra literária que me impediu, porque assim pensei que o

⁷⁶³ KAFKA. *Lettres à Felice*, 04 e 05/12/1912, p. 179; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 152; *Cartas a Felice* (Anima), p. 151.

⁷⁶⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/06/1920, p. 80.

⁷⁶⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 4-5/12/1912, p. 152-153; *Cartas a Felice* (Anima), p. 152.

⁷⁶⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 25-26/12/1912, p. 205; *Cartas a Felice* (Anima), p. 215.

⁷⁶⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 16/06/1913, p. 397.

casamento iria pôr em risco esse trabalho. Posso ter tido razão, mas de qualquer maneira ele está a ser destruído pela minha atual vida de solteiro. Há um ano que não escrevo nada, nem serei capaz de escrever qualquer coisa no futuro.⁷⁶⁸

Em vários sentidos, Kafka percebe bem o quanto é ele contraditório e paradoxal. Em relação à prática da correspondência, ao mesmo tempo em que quer poupar Felice de varar a noite escrevendo, confessa a ela o quanto essa dedicação lhe é preciosa, a fome que isso lhe desperta: “não é querer que sua amada escreva cartas noite adentro, mas isso não o impede de arrebatá-las das mãos do carteiro, ansiosamente, essas mesmas cartas noturnas. E agora adeus, meu amor, um último beijo. Ponho aqui minha firma Franz”.⁷⁶⁹

Durante o noivado, além da correspondência assídua pela escrita, temos as fotos trocadas que se encontram, mas não os corpos. Isso não escapa a Kafka.

De novo aconteceu uma coincidência [concordância, estar conforme, em harmonia] (*Übereinstimmung*). Em sua última carta você me lembra de minha fotografia, e ao mesmo tempo em que a recebia, pelo visto, entregavam a você minha carta de ontem com a pequena foto. Mas também há coisas que não coincidem. Em nossas duas cartas desejamos nos ver e isto não acontece.⁷⁷⁰

Um ano depois do início da correspondência a hesitação de Kafka se mostra mais acentuada, Felice escreve com maiores intervalos e Kafka percebe que o mal-estar se interpõe entre eles.

O que separa você de mim? Por acaso é a enorme distância que nos separa? Por acaso um sentimento seu autêntico, às vezes silenciado por mim. Entretanto você é constante, seus olhos sabem ver bastante claro, não se descontrola, mas é isso mesmo o que confere a essas pausas, que retornam continuamente, uma maior e mais grave significação.⁷⁷¹

Na carta do dia seguinte, Kafka continua tentando dissuadir Felice de insistir em um matrimônio que o noivo prevê ser uma “desgraça sem fim”:

se vai tomar sobre você Felice o sacrifício de se converter em minha esposa – que isto seja um sacrifício é algo que estou me esforçando, de acordo com a verdade, por demonstrar até o último detalhe –, você não tem, no caso, direito – se não quiser que tanto você como eu caiamos prisioneiros de uma desgraça sem fim.⁷⁷²

⁷⁶⁸ KAFKA. *Diários* (Difel), 09/03/1914, p. 233. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’água) p. 308-309.

⁷⁶⁹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 04 e 05/12/1912, p. 179-180; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 152; *Cartas a Felice* (Anima), p. 152-153.

⁷⁷⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 29/11/1912, p. 137.

⁷⁷¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 10/08/1913, p. 436-437.

⁷⁷² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 11/08/1913, p. 437.

Felice insiste no compromisso e parece não ter nenhuma empatia para compreender o desengano que se apossa de Kafka. “Diante de seus olhos serenos tenho estado dançando como um fogo fátuo”.⁷⁷³ Apesar de Felice parecer insistir em suas afinidades e semelhanças com o noivo, Kafka só realça suas diferenças, ressaltando em carta a ela suas “faculdades ascéticas”. E recorre mesmo à opinião de um crítico literário que, ao fazer uma resenha dos fragmentos da *Contemplação*, teria dito: “Uma arte de solteirão, essa de Kafka... Que diz disso Felice?”⁷⁷⁴ Ao lado desse trabalho de convencimento quanto a sua misoginia, ele não se cansa de enviar-lhe por carta alertas do seu mundo de solidão, angústias e desespero por ver-se aí aprisionado.

Lo que te aguarda no es la vida de esa feliz pareja a la que ves pasar por delante de tus ojos en Westerland, no es la animada charla a la que se entregan dos seres que marchan cogidos del brazo, es una vida claustral al lado de un hombre malhumorado, triste, taciturno, insatisfecho, enfermizo, el cual –cosa que te parecerá un desvarío– se halla encadenado por cadenas invisibles a una invisible literatura; un hombre que grita cuando alguien se le acerca porque, como él afirma, le toca las cadenas.⁷⁷⁵

Kafka, alarmado, chega a pedir, sempre intermediado por Felice, em carta ao pai da noiva, que este interceda nessa “arriscada aventura”⁷⁷⁶ do matrimônio, mas suspeita que, em sua farsa, também o enganou. “Felice, seja honrada com seu pai, já que eu não fui. Diga a ele quem sou, mostra-lhe cartas, sai, com sua ajuda, desse círculo maldito em que eu, cego como estava e como sigo estando, por amor, fiz-lhe cair a força de cartas, rogos e conjuros”.⁷⁷⁷

E vemos, na novela matrimonial de Kafka invocar novamente o pai, escrever uma outra “carta ao pai” que nunca foi entregue.⁷⁷⁸

No te exijo en absoluto que le entregues a tu padre mi carta. La escribí en un estado de excitación, y solo por si acaso. La decisión final no puede venir ni de tu padre ni de mí, sino solamente de ti. El derecho a decidir no corresponde quizás a tu padre, y en cuanto a mí, estoy uncido a las contradicciones y no puedo moverme, desde el mismísimo comienzo me he visto metido en ellas.⁷⁷⁹

Kafka, já em franco desespero, pede ao pai, com quem tinha tantas reservas e dificuldades, que intervenha contra o casamento. Ele conversa com Hermann, que parece disposto a ir a Berlim e objetar contra o matrimônio.

⁷⁷³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/09/1913, p. 456.

⁷⁷⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 14/08/1913, p. 439.

⁷⁷⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 22/08/1913, p. 445.

⁷⁷⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 22/08/1913, p. 450.

⁷⁷⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/08/1913, p. 447.

⁷⁷⁸ Carta já citada no Cap.1 “Um corpo a se escrever” 1.8.6: “Sou apenas literatura”. “Eu consisto em escrever”.

⁷⁷⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/09/1913, p. 456.

O sea que al final dijo [...] que está dispuesto, si así lo deseo, a trasladarse a Berlín, haceros una visita, exponer las en su opinión irrefutables objeciones existentes y, en caso de que por encima de dichas objeciones fuera acordado el matrimonio, no presentar ni una sola más por su parte. Ahora eres tú, Felice, la que ha de mezclarse en mi conversación con mi padre. Tienes que ayudarme un poco a resistir.⁷⁸⁰

Como ocorre a Josef K., a culpa e a vergonha ameaçam sobreviver-lhe. O desejo de morrer é constante. Diante do mau presságio pelo porvir da união, concentra em sua imaginação todo o sacrifício para si.

Hace poco anoté el siguiente deseo para mí: “Al pasar junto a la ventana del entresuelo de una casa, que tiren de una cuerda previamente colocada alrededor de mi cuello y me levanten sin el menor miramiento, que me vea arrastrado violentamente, como por alguien que no para mientes en lo que está haciendo, ensangrentado y reducido a harapos, a través de todos los techos, de los muebles, de las paredes, de los desvanes, hasta que arriba en el tejado aparezca la soga vacía, que acaba de perder mis últimos restos justo al abrir la brecha entre las tejas”. Pero en realidad no soy capaz de nada, estoy completamente encerrado en mí mismo y solo en la lejanía oigo tu querida voz.⁷⁸¹

Repetidamente nas cartas Kafka invoca suas dificuldades para fazer laços de todo tipo: familiares, sociais e, conseqüentemente, amorosos. “É-me dado gozar das relações humanas, mas não vivê-las. É algo que pude verificar constantemente, ontem durante uma festa popular em Verona, anteriormente em Veneza contemplando um par de recém-casados em viagem de núpcias.”⁷⁸² Rebatendo argumentos e “teorizações” de Felice sobre o que viabiliza um casamento, ele insiste que para que se possa contrair matrimônio é preciso uma necessidade *básica* que esteja *acima* de tudo. Escreve a ela:

O que um matrimônio exige é uma concordância humana (*menschliche Übereinstimmung*), uma concordância (*Übereinstimmung*) profunda sob toda e qualquer opinião, quer dizer, uma concordância (*Übereinstimmung*) que não tenha que ser verificada, apenas sentida, ou seja, uma necessidade de convivência humana (*Notwendigkeit menschlichen Beisammenseins*).⁷⁸³

E alguns meses depois, Kafka, ao escrever uma carta que pretende ser de rompimento, propõe a interrupção do intercuro epistolar.

Voy a renunciar por completo a las cartas, en aras de tu sosiego; no me escribas durante esta temporada más que en caso extremo. Yo tampoco te escribiré ninguna carta propiamente dicha. Lo que sí haré es anotar en un cuaderno, a lo largo del viaje, observaciones y apuntes que te enviaré, reunidos, dos o tres veces a la semana. De esa

⁷⁸⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 24/08/1913, p. 448.

⁷⁸¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/09/1913, p. 455.

⁷⁸² KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 21/09/1913, p. 468.

⁷⁸³ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 16/06/1913, p. 396.

manera no habrá entre nosotros un contacto personal que, por mi culpa, sea agotador para ti, sin que por ello dejemos de estar en comunicación.⁷⁸⁴

Mas somente uma última carta não é suficiente para interromper o volumoso epistolário desse noivado que parece não ter fim: “você, Felice, não pensou que era o justo e o certo, que era unicamente o justo e certo, que era eu que teria a obrigação de arrancar-me de seu lado, já que você não queria me deixar?”⁷⁸⁵ Kafka não cansa de dar suas razões para se retirar do enlace matrimonial, apesar de a todo o momento dizer querer Felice intensamente.

cómo voy a entrar en una nueva familia, y luego fundar otra, cuando dentro de la mía propia me siento tan falto de todo arraigo que, se mire por donde se mire, creo hallarme desconectado de todo el mundo? ¿Cómo voy a hacer tal cosa yo, que tal vez sea capaz de gozar con los demás pero que soy incapaz de vivir con ellos, por mucho que me esfuerce? ¿Yo, que desconfío de mí mismo en cuanto a mantener la verdad en la convivencia de un modo duradero, y que al mismo tiempo no podría soportar dicha convivencia si no está presidida por la verdad!⁷⁸⁶

A mediação da amiga de Felice, G. Bloch, entre um noivado e outro, se por um lado tentava ser uma ponte entre o casal, é também um desvio do problema do casamento a se enfrentar e, se com ela não chega a mais um romance epistolar, por volta de um ano, Grete é mais uma companheira da noite, a eleita a quem transfere a destinação das cartas, das queixas e dos relatos dos sonhos. A necessidade de escrever parece ser uma compulsão e o que menos importa é a pessoa em si, desde que cumpra a função específica de um destinatário que possa acolher suas letras.

Jamais sería capaz de comportar-me na realidade de um modo tão vergonhoso como me comporto em minhas cartas. Sinto-me como que desfalecido e já não posso seguir escrevendo, mesmo tendo a mente desocupada e o corpo tranquilo. Porém se me escapa a noção de para quem estou escrevendo, é como se estivesse envolto na névoa.⁷⁸⁷

Apesar de haverem rompido o noivado em julho de 1914, Kafka e Felice decidem continuar se escrevendo, mas eles sentem que sem a sustentação dos corpos a correspondência sofre um abalo.

Pero ocurre también que tú no tomas totalmente en serio el mantenimiento de nuestra correspondencia. ¿Resultado? El tormento de la espera y las cuartillas repletas de quejas. Todo quedaría reducido a esto. De forma que las cosas se irían resquebrajando

⁷⁸⁴ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/09/1913, p. 456.

⁷⁸⁵ KAFKA, *Cartas a Felice* (Alianza), 29/10/1913, p. 463.

⁷⁸⁶ KAFKA, *Cartas a Felice* (Alianza), 29/10/1913, p. 463.

⁷⁸⁷ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 18/11/1913, p. 473.

y el dolor último sería aún mucho mayor y mucho más impuro. No haremos tal cosa, sería superior a nuestras fuerzas y a nadie beneficiaría. No tienes más que fijarte en el efecto que el tiempo está obrando ya sobre esta relación puramente epistolar, apenas han pasado dos meses desde la última vez que me escribiste y, sin que te des cuenta de ello, en algunos breves pasajes de tu carta se cuelan frases prácticamente hostiles. No, Felice, así no podemos seguir viviendo.⁷⁸⁸

Diante do impasse do casamento com Felice, Kafka imagina a cena de um suicídio que parece uma variação do desenlace d'*O veredicto*.

Se eu me matasse, a culpa (*Schuld*), sem dúvida, não seria de ninguém, mesmo que, por exemplo, o motivo manifesto e mais próximo fosse o comportamento de F. Já imaginei certa vez, entre o sono e a vigília, a cena que resultaria se eu, presentindo o fim, levando no bolso a carta de despedida, entrasse em casa dela, fosse rechaçado enquanto pretendente, pousasse a carta sobre a mesa, me dirigisse à varanda, libertando-me de todos os que corresse a agarrar-me e, largando uma mão a seguir à outra, saltasse o parapeito. A carta, porém, diria que salto por causa de F., é certo [...]⁷⁸⁹

Mas essa encenação não convence Kafka, tem lucidez e honestidade o bastante para saber que não é Werther:

[...] mas que a minha situação não mudaria no essencial mesmo que meu pedido de casamento fosse aceite. O meu lugar é lá em baixo, não vejo nenhum outro desfecho, F. é, por mero acaso, o instrumento do meu destino, sou incapaz de viver sem ela e tenho de saltar; no entanto – e F. presente-o – seria igualmente incapaz de viver com ela. Porque não usar a noite de hoje para este fim?⁷⁹⁰

Sem enlace nem desenlace possíveis, o compromisso é reatado.

É certo que acordamos em seguir nos escrevendo como antes, sem voltar a pensar no casamento. Você propôs isso e eu aceitei, posto que não me ocorria nada melhor. Hoje sim me ocorre, façamos o que é melhor! O matrimônio é a única forma sob a qual nossa relação – que tanta falta me faz – pode se manter”.⁷⁹¹

Mas Kafka percebe que, para decidir-se em favor do casamento, só poderia ser uma escolha forçada: no auge do dilema, no impasse do primeiro término do noivado, escreve em seu Diário: “Se F. {Felice} sente a mesma relutância que eu, o casamento é impossível. Um príncipe pode casar com uma Bela Adormecida e com (algo) pior ainda, mas a Bela Adormecida não pode ser um príncipe”.⁷⁹² É nessa mesma época que, vendo Felice confusa e na esquiwa,

⁷⁸⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/01/1914, p. 486.

⁷⁸⁹ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d'Água), 14/02/1914, p. 391-392; *Diários* (Difel), p. 230.

⁷⁹⁰ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d'Água), 14/02/1914, p. 392; *Diários* (Difel) p. 230.

⁷⁹¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/01/1914, p. 486.

⁷⁹² KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d'Água), 8/03/1914, p. 306.

imagina o suicídio que não terá forças para cometer: “– mas atendo-me a fantasias, vivo enredadíssimo na vida, não o farei, sou completamente frio, sinto-me triste por que a camisa me aperta o pescoço, estou condenado, tateio no nevoeiro”.⁷⁹³ O segundo noivado não ajuda a resolver as pendências entre eles e só faz prolongar o sofrimento. No fim de 1917, Kafka percebe com frieza o sofrimento de Felice, pelo qual se sente o único culpado: “ela é uma inocente condenada a torturas pesadas (*schwerer Folter Verurteilte*); eu cometi a injustiça pela qual ela está a ser torturada e sou além disso o instrumento de tortura (*Folterinstrument*)”.⁷⁹⁴ Kafka sente que “representa uma farsa” e nesse momento anota nos *Diários* um sonho com o pai também encenando uma farsa. Este segundo noivado Kafka consegue interromper, a duras penas, vendo-se, aos olhos de Felice, não como um homem, mas como “uma caricatura de suas aspirações”, agarrando-se à tuberculose “como um menino à barra da saia de sua mãe”, doença que é tomada nesse momento como uma arma “uma arma ao lado da qual, as quase inumeráveis empregadas anteriormente, desde a ‘incapacidade física’, até o ‘trabalho’, por cima, a ‘avareza’ por baixo, deixam ver sua precária eficácia e seu primitivismo”.⁷⁹⁵ Kafka se sente sob a “marca de Caim”⁷⁹⁶ e segue a vida como exilado (e protegido?) do mundo.

O romance epistolar entre Felice Bauer e Kafka atestou que a relação não passava de literatura e era mesmo a única forma de se aproximar das mulheres que amava, pois deitar-se com elas, na pureza que a conjugalidade do amor exigia, não parecia ser uma real alternativa, mas muito mais uma punição.⁷⁹⁷

⁷⁹³ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d’Água), 14/02/1914, p. 391-392; *Diários* (Difel), p. 230.

⁷⁹⁴ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio d’Água), p. 518; *Diários* (Difel), 21/09/1917, p. 340.

⁷⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09 ou 01/10/1917, p. 778.

⁷⁹⁶ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), última Carta de Kafka a Felice em 16/10/1917, p. 780.

⁷⁹⁷ Kafka a respeito de uma atriz da qual estava enamorado: “Eu tinha desejado acalmar, com o ramo de flores, um pouco o meu amor, mas não valeu de nada. Só é talvez possível com literatura ou com o dormir juntos”. KAFKA. *Diários* (Difel), 05/11/1911, p. 94.

2.13.2 Julie: “um casamento por interesse no mais alto sentido”

O noivado da querida irmã Ottla certamente influi no contexto do compromisso de Kafka com Julie Wohryzek, a quem conheceu em um sanatório de Schelsen, na Boêmia, para tratamento de tuberculose, em janeiro de 1919. Como havia sido com Felice, Julie pareceu-lhe a princípio “esquiva e claramente sem atrativos”. Com o mesmo nome da mãe de Franz, nascida Julie Löwy, Julie Wohryzek acirra a contenda entre filho e pai. A interdição de Hermann incide de modo infeliz, como sempre vemos acontecer no caso de Kafka. O veto paterno, em vez de viabilizar a escolha por uma mulher, a possibilidade de uma nova família e a independência da família de origem, ocorre negativamente no terceiro noivado de Franz, impedindo-lhe o ato do matrimônio.⁷⁹⁸ Kafka explicita na *Carta* o que, mais de uma vez, o feriu vindo do pai.

Quero referir com isso um pequeno pronunciamento da tua parte num dos dias agitados depois da comunicação do meu último projeto de casamento. Tu me disseste mais ou menos o seguinte: “Provavelmente ela usou alguma blusa escolhida com cuidado, assunto do qual as judias de Praga entendem muito, e tu naturalmente logo decidiste casar com ela. E, claro, o mais rápido possível, em uma semana, amanhã, hoje. Não consigo te entender, és um homem maduro, vives na cidade, e não te ocorre coisa melhor do que te casar imediatamente com qualquer uma que aparece. Será que não existem outras possibilidades? Se tu tens medo, eu te acompanho pessoalmente”. Tu foste mais minucioso e mais claro, mas já não consigo me lembrar dos pormenores, talvez a minha vista tenha se nublado um pouco, [...]. Dificilmente tenhas me humilhado mais fundo com palavras do que dessa vez, e jamais o teu desprezo se mostrou tão nítido para mim.⁷⁹⁹

O pai parece ter desferido dois golpes que incidem de maneira fatal sobre a dignidade viril de Kafka. Fulmina simultaneamente tanto seu porvir como homem quanto a base de sua precária filiação. Essa sentença “horrível” cai sobre Kafka perfazendo os dois tempos de um trauma.

Quando falaste comigo de maneira semelhante vinte anos antes, seria possível ver naquilo, até mesmo com os teus olhos, um pouco de respeito pelo jovem precoce da cidade que, em tua opinião, já podia ser introduzido na vida sem rodeios. Hoje essa consideração poderia aumentar mais ainda o desprezo, pois o jovem, que na época tomava impulso, ficou empacado nele, e hoje em dia, não te parece mais rico em experiência, mas apenas vinte anos mais deplorável. O fato de eu ter me decidido por uma moça não significou nada para ti. [...] Das minhas tentativas de salvação em

⁷⁹⁸ KAFKA, em “descrição esnobe” *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 367.

⁷⁹⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 83-84. Comenta o tradutor Marcelo Backes, em nota na p. 84, que há n’*O Verdicto (Das Urteil)* uma passagem bem semelhante. “O pai de Georg se expressa de modo análogo quando fica sabendo das intenções casamenteiras do filho”: “Mas olhe para mim! – exclamou o pai, e Georg correu, quase distraído, até a cama, a fim de entender tudo melhor; mas estacou no meio do caminho. – Só porque ela levantou a saia – começou o pai a flautear –, só porque ela levantou a saia, essa anta nojenta – e ele levantou, a fim de representar a cena, seu próprio roupão, e tão alto que se pôde ver a cicatriz de seus anos de guerra na coxa – só porque ela levantou a saia assim e assim, tu te grudaste a ela”. KAFKA. *O verdicto*. Tradução M. Backes, p. 129.

outras direções tu não sabias nada, por isso também não podias saber nada dos raciocínios que haviam me levado a essa tentativa de casamento; tinhas de tentar adivinhá-los e me aconselhaste do modo mais abominável, grosseiro e mais ridículo, de acordo com o veredicto geral (*Gesamturteil*) que tinhas a meu respeito. E não hesitaste um só instante em me dizê-lo exatamente daquela maneira. A vergonha que me impingiste não era nada em comparação com a vergonha que, na tua opinião, eu iria causar ao teu nome através do casamento.⁸⁰⁰

Entre Julie e Kafka parece não ter havido correspondência amorosa significativa, e os registros escritos na época escassearam ou se perderam. O fato é que depois dos dois primeiros noivados com Felice, com a doença diagnosticada em 1917, na proximidade da morte – como acontece muitas vezes –, podemos dizer que algo fundamental em Kafka foi resignificado, pressionando-o no sentido de uma certa urgência de viver. O ano de 1918 não existe nos *Diários*, não há produção escrita. No tempo de Julie, não vemos mais Kafka em constantes conflitos com o trabalho no escritório, o amor de uma mulher e a literatura. Esse silêncio das letras/cartas pode ter uma ligação com o que afirma Kafka na *Carta ao pai* quando fala do noivado com Julie, depois do compromisso com Felice: “os dois casos eram totalmente diferentes e justo as experiências do passado poderiam ter me dado esperanças no segundo caso, que prometia chances muito maiores de êxito. Não quero aqui entrar em detalhes”.⁸⁰¹ Para Kafka, esse “segundo caso” se lhe parecia uma iniciativa positiva só pelo fato de ter sofrido a oposição do pai, pois “dado o infeliz relacionamento que mantenho com ele, só me servia de prova muito forte da correção do que eu pretendia fazer”.⁸⁰² Temos alguns registros das impressões deixadas por mais essa tentativa de enlace. Kafka descreve, sempre se enredando com a culpa, o que foi para ele esse noivado em carta a Milena.

lo segundo (compromiso) está aún vivo, pero sin perspectiva de casamiento; por tanto no está vivo, en el fondo, o, mejor dicho, vive una vida propia a expensas de los seres humanos. En su conjunto he llegado a la conclusión, en este caso y en otros, de que los hombres tal vez sufran más, o, si uno quiere verlo así, tienen menos capacidad de resistencia, pero las mujeres siempre sufren sin culpa, y no en el sentido de que «no tuvo la culpa» sino en el sentido más propio, que por otra parte aboca quizás al «no tener la culpa». Pero es inútil reflexionar sobre estas cosas. Es como si uno se empeñara en destruir una sola caldera del infierno; en primer lugar, no se consigue, y, en segundo lugar, si se consigue, uno se quema en la masa ardiente que se derrama, y el infierno sigue existiendo en todo su esplendor. Hay que atacarlo de otro modo.⁸⁰³

O rompimento com Julie, que muitos consideram o ato mais cruel de Kafka, como sempre acontece quando é o caso do nosso escritor, tem dimensões muito paradoxais. Ele é

⁸⁰⁰ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 84-85.

⁸⁰¹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 86.

⁸⁰² KAFKA. Carta a uma irmã de Julie, 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 54.

⁸⁰³ KAFKA. Fins de abril/1920. In: *Cartas a Milena* (Alianza), p. 35.

capaz de dizer friamente ao amigo Brod que a moça tem “uma aparência comum e, não obstante, surpreendente – nem judia, nem não judia, nem alemã, nem não alemã, louca por cinema, musicais e comédias, usa maquiagem e véus... grosso modo, bem ignorante, mais alegre do que triste” e que “eticamente pertence à raça das balconistas de loja”.⁸⁰⁴ E, na sequência da descrição, é ainda capaz de dizer honestamente da moça de 29 anos que, em pouco tempo, se lhe tornou completamente devotada:

E, apesar disso, no fundo do coração, é corajosa, sincera, desprendida – grandes qualidades numa criatura que não é fisicamente desprovida de beleza, mas que é mais ou menos tão insignificante quanto os mosquitos que esbarram em minha lâmpada. Semelhante, nesse aspecto como em outros, à Srta. Bl. (Grete Bloch?), de que talvez você se recorde com certa aversão.⁸⁰⁵

A mesma Julie ainda receberá um tratamento muito mais delicado em *Carta a Milena*,⁸⁰⁶ tratamento que Kafka repete quase nos mesmos termos em carta à irmã de Julie, quando ele, novamente, depois de tantas cartas a Felice e aos pais, explica porque insistiu no casamento com Julie e em seguida abandonou o matrimônio.

Aquele tempo havia apenas duas possibilidades para mim: ou abordar o assunto muito seriamente e a única seriedade possível entre o homem e a mulher me parece ser o casamento, ou então nos separarmos violentamente [...] Fui eu que insisti no casamento, unicamente eu; eu deliberadamente destruí uma vida absolutamente pacífica e nem sequer me arrependo disso; ou melhor, estou muito infeliz (*I am very unhappy*) pelos transtornos que causei, mas não sei se poderia ter agido diferente. Eu tinha que insistir no casamento.⁸⁰⁷

Mas, juntamente com a decisão pelo casamento, logo se fazem sentir os obstáculos que emergem com força e nitidez para Kafka: “posso na verdade falar deles como se fossem algo estranho para mim, pois eles superam de longe a minha força pessoal e me entrego inteiramente à sua mercê”.⁸⁰⁸ E segue em sua análise desmontando os obstáculos que poderiam ser transpostos. “Em primeiro lugar, os problemas financeiros podem ser excluídos quase

⁸⁰⁴ Curiosamente é com uma balconista de loja que Kafka tem a sua primeira experiência sexual. Ver seção neste capítulo: “O sexual insiste: Kafka, santo e felliniano.”

⁸⁰⁵ Kafka em carta a Brod *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 367.

⁸⁰⁶ KAFKA. *Carta a Milena* (Alianza), 31/05/1920, citada a seguir na parte 2.12.3: “Milena: o fogo da paixão.”

⁸⁰⁷ Letter to a sister of Julie Wohryzek, in: KAFKA, *Letters to friends, family and editors*, p. 218. Na mesma carta in *Cartas aos meus amigos*, a passagem foi traduzida erradamente por “estou muito feliz”, p. 53-54. O segundo noivado com Felice também foi decidido e argumentado desta maneira por Kafka: “Façamos o que é melhor! O matrimônio é a única forma sob a qual nossa relação – que tanta falta me faz – pode conservar-se”. KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 02/01/1914, p. 486. E ainda em 27-28/12/1912: “Você tem razão em entediá-la por minhas cartas (talvez também por esta, mesmo a que lhe dá razão), talvez nesses momentos no máximo em sonhos poderia eu convencê-la da necessidade destas cartas, em fim, você tem razão – e em que medida! – ao considerar absurda entre homem e mulher qualquer outra forma de vida que não seja o matrimônio” (p. 209).

⁸⁰⁸ KAFKA. Carta a uma irmã de Julie, 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 55.

inteiramente; nunca os tive [...]. É outra coisa”. Sempre com a honestidade que lhe é característica continua:

Uma vez que os problemas financeiros têm muito pouco sentido para mim, o obstáculo íntimo manifesta uma inteligência diabólica em misturá-los com outros problemas e se dirigem a mim mais ou menos nestes termos: você que precisa lutar incessantemente para manter sua estabilidade interior, utilizando toda a sua força e essa ainda é insuficiente – agora quer encontrar um lar próprio, talvez o ato mais necessário, mas de qualquer maneira o mais ousado e afirmativo que possa haver? Você que mal pode suportar a responsabilidade por você mesmo de um momento para outro, agora deseja acrescentar a responsabilidade por uma família? De que reserva de forças você espera lançar mão? E você também quer tantos filhos quantos aparecer, uma vez que afinal de contas você está se casando para se tornar melhor do que é e a ideia de qualquer limitação de filhos em casamento o aterroriza. Mas você não é um camponês cujas terras alimentam seus filhos e descendo até o último degrau da escada, você não é sequer um homem de negócios, em sua disposição íntima, quero dizer, mas (provavelmente um rejeitado das classes profissionais europeias) um funcionário público (*civil servant*), além do mais excessivamente nervoso, uma pessoa que há muito tempo atrás caiu presa de todos os perigos da literatura; com pulmões fracos, exausto de tanto rabiscar papéis no escritório. Dadas essas pré-condições (embora se admita sem qualquer reserva que o casamento é essencial), você quer se casar? E dadas tais intenções você ainda tem o desprante de querer dormir à noite e depois durante o dia não perambular meio louco com dores de cabeça como se tivessem posto fogo nela? E é com este amanhecer que você espera tornar feliz uma garota confiante, maleável, absolutamente nada egoísta?⁸⁰⁹

Kafka, nessa carta, além de dar as razões de seu fracasso como casamenteiro de maneira semelhante à *Carta ao pai*, ao modo dessa mesma *Carta*, interpola uma objeção a guisa de diálogo com a ex-futura cunhada.

Você interporá, cara Frau, que eu obviamente sabia de tudo isso antes e, portanto, não tinha razão de levar a coisa assim tão adiante, para a angústia de todas as pessoas envolvidas. Tenho diversas respostas para isso. Em primeiro lugar a gente nunca sabe essas coisas, mesmo que tenha tido experiências semelhantes; é preciso passar por todas elas repetidamente com todas as suas terríveis novidades. Em segundo lugar, eu não tinha alternativa, pois como minha natureza tendia para o casamento eu considerava a felicidade calma e relativa desse estado injustificável e achava que podia pelo menos provê-la com uma justificação subsequente pelo casamento ou, pelo menos, por um esforço extremo e magnânimo para chegar ao casamento. Era uma situação psicológica. Em terceiro lugar, sob todos os outros aspectos a situação era, como eu já disse, excessivamente favorável e eu tinha o direito de esperar, se eu não fosse enganado acerca das forças contrárias dentro de mim, que podia alcançar o que desejava. Os escrúpulos mais fortes a princípio se afastam e se escondem quando confrontados com uma decisão firme, mas então eles tentam desbaratar tudo com os tormentos da insônia, embora por muito tempo não ousem aparecer em sua própria forma. Foi nisso que fundamentei minha esperança. Tudo foi uma corrida entre as circunstâncias externas e minha fraqueza interna (*a race between outward circumstances and my inner weakness*).⁸¹⁰

⁸⁰⁹ KAFKA. Carta a uma irmã de Julie, 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 55-56; *Letters to friends, family and editors*, p. 218.

⁸¹⁰ KAFKA. Carta a uma irmã de Julie, 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 57; *Letters to friends, family and editors*, p. 219.

Kafka se desdobra em esclarecer que a desgraça não foi ter insistido no casamento, pois desgraça pior teria sido realizá-lo.

Houve várias fases, primeiro uma demora do exame médico porque o Dr. Pick estava em férias – isso foi mau; depois a oposição do meu pai, que durou pouco – isso foi bom em parte, porque isso proporcionava distração e desvio dos meus pensamentos dos perigos reais; depois veio a possibilidade de um apartamento próximo e decente para uso imediato. Tudo estava pronto – os proclamas já haviam sido publicados, mais uma rápida semana e já estaríamos casados. Mas na sexta-feira aconteceu, pelo fato de termos perdido o apartamento, que não podíamos casar no sábado. Com isso não quero dizer que isso foi uma desgraça; talvez uma desgraça pior teria se seguido e enterrado um casal recém-casado em suas ruínas. Estou apenas dizendo que minha esperança de poder chegar ao casamento não era injustificável e que, confrontado aos fatos, eu sou apenas um pobre ser humano e em vista da minha pobreza depender da sorte, mas eu não era um mentiroso. Foi o ponto crítico, depois o desenlace não pôde ser mais adiado. O adiamento que me foi dado desta vez de esgotou; as advertências que até então tinham sido ruídos longínquos agora trovejavam dia e noite em meus ouvidos. Do meu comportamento J. pôde facilmente deduzir o que estava acontecendo. Finalmente eu não podia continuar e tive que falar com ela. Afora ela, não falei com mais ninguém a respeito, exceto com minha irmã.⁸¹¹

Nessa mesma época, e também em Schelesen, Kafka conhece Minze Eisner, uma adolescente de 18 anos que, a partir do encontro, mantém com Kafka uma animada correspondência até o ano de 1923, quando ela se casa. Kafka com Minze, diferente do inferno epistolar com Felice, consegue estabelecer uma correspondência leve, da parte dele cheia de conselhos sobre temas judaicos, da vida, literatura e outros que ela, por seu lado, recebe de bom grado.⁸¹² Com Minze não houve paixão nem proposta de casamento e a troca de cartas fluiu como nunca.

No entanto, além do “obstáculo íntimo” que Kafka convoca em sua defesa foi decisivo para o desenlace desse último noivado com Julie, o encontro, não com uma menina, mas com uma outra mulher. Milena chegou à vida de Kafka interferindo claramente no compromisso dele com sua terceira noiva. Ele chega mesmo a dizer em carta a Milena que ela “fez um enorme favor a essa jovem”,⁸¹³ interrompendo uma proposta insistente de casamento que tinha partido em princípio apenas de Kafka, à qual a jovem tinha finalmente cedido, mas que ele reconhecia

⁸¹¹ KAFKA. Carta a uma irmã de Julie, 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 57.

⁸¹² Sua impressão de Minze como escreve a Ottla: “Em si ela me agrada em tudo; de resto ela tem toda a histeria de uma juventude infeliz, mas apesar disso é perfeita; aparentemente, elas são todas perfeitas, alegra-te por ser uma menina”. KAFKA. *Lettres à Ottla et à la famille*, 10/11/1919, p. 83.

⁸¹³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 10/06/1920, p. 76.

ter sido somente uma obnubilação, um “ofuscamento humano” aliado a considerações que faziam do enlace “um matrimônio de conveniência no melhor sentido da palavra”.⁸¹⁴

2.13.3 Milena: o fogo da paixão

Vem-me à mente algo que li uma vez não sei onde: ‘Minha amada é uma coluna de fogo que avança sobre a terra. Agora me tem abrasado. Mas não guia a quem abrasa, mas àqueles que vêm’. Seu (Agora perco também o nome, tornou-se cada vez mais curto e agora é: Seu.)⁸¹⁵

Milena é, para muitos comentaristas, o verdadeiro amor da vida de Kafka. A escritora entra em contato com ele por carta no intuito de traduzir suas obras. Poderia ser mais uma correspondente em sua vida, mas, ao longo da troca de cartas, crescem as afinidades e Kafka se apaixona desesperadamente. Nos primeiros meses já confessa que já não esperava um olhar sequer dele mesmo e dos outros e

de súbito obtenho nada menos que suas cartas, Milena. Como exprimir-lhe a diferença? Um homem jaz na sujeira e no fedor de seu leito de morte, e de súbito chega o Anjo da Morte, o mais divino dos anjos e olha-o. Atrever-se-á sequer esse homem a morrer? Volta-se, entrincheira-se bem em sua cama, é-lhe impossível decidir-se a morrer.⁸¹⁶

Milena morava em Viena com o marido também judeu, Ernest Pollack, que lhe era ostensivamente infiel e cruel. Kafka, no dia do aniversário de Milena, vivendo um momento de felicidade, chega a fantasiar que ela lhe fora dada de presente no *Bar Mitzvah*.

Eu nasci no ano 83, de modo que tinha 13 anos, quando tu nasceste. O décimo-terceiro aniversário é uma festa muito especial, tive de recitar no templo um fragmento laboriosamente aprendido de cor, em cima, junto ao altar, e depois pronunciar em casa um pequeno discurso (também aprendido de memória). Além disso me fizeram muitos presentes. Mas suponho que não estava de acordo, faltava-me ainda certo presente, e eu pedi-o ao céu; o céu hesitou até o dia 10 de agosto.⁸¹⁷

Com a querida Milena, uma “coluna de fogo”, a grande paixão e o desejo físico despertam antigas feridas e acionam em Kafka um medo descomunal, que já existia antes dela.

⁸¹⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 10/06/1920, p. 77. Palavras que Kafka repete em carta à irmã de Julie: “Ia ser um casamento por amor (*to be a love-marriage*), mas ainda mais um casamento de prudência no mais alto sentido (*but even more a marriage of prudence in the higher sense*)”. KAFKA. *Letters to friends, family and editors*, p. 218; *Cartas aos meus amigos*, p. 54.

⁸¹⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 15/06/1920, p. 94.

⁸¹⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), 10/06/1920, p. 29; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 75.

⁸¹⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 147-148; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 235-236.

Milena confessa a Brod: “Sei até a última fibra o que é seu medo. Existiu sempre nele, antes de conhecer-me”.⁸¹⁸

Milena soube por Kafka mesmo de toda traumática luta pelo casamento que já listava três noivados com duas noivas.

No quiero desplegar ante usted esa larga historia, con sus verdaderos bosques de detalles de los que aún tengo miedo como un niño, pero sin la capacidad de olvido del niño. Común a los tres noviazgos fue que yo tuve la culpa de todo, sin duda alguna fui culpable, hice desgraciadas a las dos jóvenes y además –aquí hablo sólo de la primera, de la segunda no puedo hablar, es susceptible, cada palabra, hasta la más amable, sería la más monstruosa ofensa para ella, yo lo comprendo–, y además sólo porque con ella (que, si yo lo hubiera querido, quizás se habría sacrificado) no pude tener una alegría duradera, ni sosiego, ni energía para tomar decisiones ni para afrontar el matrimonio, aunque así se lo aseguré a ella repetidas veces y de modo totalmente voluntario, aunque a veces la quería desesperadamente, aunque yo no conocía nada más deseable que el matrimonio. Me ensañé con ella (o, si usted quiere, conmigo) a lo largo de casi cinco años, pero, por suerte, ella era indestructible, una mezcla judeoprusiana, mezcla sólida y victoriosa. Yo no era tan fuerte, ella sin embargo sólo sufría, mientras que yo golpeaba y sufría.⁸¹⁹

Com Milena Kafka viveu quatro dias de intimidade que o sustentaram por meses em sua recordação e fantasia como os melhores dias de sua vida. Com ela, nos arredores de Viena, embora já doente, sentiu-se como nunca são e corajoso. Milena descreve esses dias em carta a Brod. “Caminhava todo o dia, subia, baixava, andava a pleno sol, não tossiu uma só vez, comia muitíssimo e dormia como uma pedra, gozava simplesmente de boa saúde, e sua enfermidade, por esses dias, foi para nós como um pequeno resfriado.”⁸²⁰

Nos quatro dias em que Frank esteve comigo, perdeu o medo. Nós o enganamos. Sei com segurança que nenhum sanatório conseguirá curá-lo. Nunca recobrará a saúde, Max, enquanto esse medo o acompanhar. E nenhum fortalecimento psíquico pode fazê-lo superar esse medo, porque o medo impede o fortalecimento. Esse medo se refere não só a mim, mas ainda a tudo o que vive sem pudor, também, por exemplo, à carne. A carne está demasiadamente descoberta, não suporta vê-la. Quando sentia esse medo, olhava-me nos olhos, esperávamos um pouco, como se não conseguíssemos respirar ou como se nos doessem os pés, e ao cabo de um instante havia passado. Não tinha que fazer o menor esforço, tudo era simples e claro”.⁸²¹

Milena lutou contra o medo que acoitava Kafka, mas mesmo sendo uma fortaleza, mulher que, além de delicada e inteligente, era como um “fogo vivo”, ela sabia da força desse medo e dizia saber ainda que seguir com Franz na função de compreendê-lo e ajudá-lo seria sacrificar-se em uma vida muito distinta daquela que almejava. “Estava eu com ambos os pés,

⁸¹⁸ MILENA. Em carta a Brod de janeiro/fevereiro de 1921. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 365.

⁸¹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/05/1920, p. 54-55.

⁸²⁰ MILENA. Em carta a Brod de janeiro/fevereiro de 1921. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 366.

⁸²¹ MILENA. Em carta a Brod de janeiro/fevereiro de 1921. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 365.

firmissimamente enraizada nessa terra, não era capaz de abandonar meu marido e talvez era demasiado mulher para ter a força de aceitar essa vida que seria, isso sabia, perpetuamente no mais rigoroso ascetismo”.⁸²²

Então, assim como uma andorinha não faz o verão, esses dias de idílio com Milena não exorcizaram para sempre um medo tão fundamental e enraizado, medo que dá, não só a partida, mas sim, todo o tom da *Carta ao pai*, *Carta* que Kafka prometeu mandar-lhe insistindo que a lesse, mas que, de novo, nunca enviou. “Se alguma vez quiser saber como foi antes minha vida, enviar-lhe-ei desde Praga a longuíssima carta que escrevi a meu pai já faz coisa de seis meses, mas que, entretanto, não lhe entreguei”.⁸²³

Milena era de uma família tradicional ligada ao nacionalismo tcheco. Tinha 24 anos quando conheceu Kafka, uma jovem mulher corajosa, independente, jornalista, professora e escritora. Com o consentimento de Kafka, passa ao trabalho de tradução para o tcheco de algumas de suas novelas já publicadas. Desencadeia-se assim uma nova e ardente paixão recíproca, que ao longo de pouco mais de um ano foi minada por avanços e recuos de ambos os lados. Contudo, a impossibilidade do conjugo já se colocava de saída, não só pelo fato de Milena ser casada, porém bem mais pelo que Kafka já sabia de si nesses assuntos. Kafka, sempre pródigo em sua autodepreciação, tratava o marido de Milena como alguém muito superior a ele. Milena tinha descido de seu nível aproximando-se de Pollack, mas aproximar-se dele seria “saltar ao abismo”.⁸²⁴

Tentou deixar-lhe claro, e mais de uma vez, que tipo de obstáculo o afastava da união amorosa, contou a história de sua primeira relação e a de seus noivados e, pelo menos por cinco vezes, na correspondência trocada, anuncia-lhe que seria interessante (talvez instrutiva) a leitura da *Carta ao pai* que guardava consigo: “– você não conhece, certamente, a carta que escrevi ao meu pai –, o debater-se da mosca no visgo”.⁸²⁵ Milena talvez não tenha precisado ler a *Carta* para hesitar diante de sua separação (mesmo já anunciada) e de uma vida futura com Kafka. “Afinal de contas também você pensa assim, Milena, e não de outro modo, quando se examina e me examina e examina o ‘mar’ entre ‘Viena’ e ‘Praga’, com suas insuperáveis imensas ondas”.⁸²⁶ Ou quando dizia que além de ela estar comprometida com o marido ele também estava ligado em matrimônio... à angústia? “não sei exatamente a que, mas o olhar dessa terrível

⁸²² MILENA. Em carta a Brod de janeiro/fevereiro de 1921. In: KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 366.

⁸²³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 21/06/1920, p. 99.

⁸²⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/06/1920, p. 87; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 49.

⁸²⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 31/07/1920, p. 193.

⁸²⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), setembro/1920, p. 307; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 180.

esposa com frequência cai sobre mim, sinto-o”.⁸²⁷ Ele mesmo, muito claramente, alimentava toda desesperança e desengano quanto a se ver como homem possível para uma mulher.

Mas como isso é possível? perguntas. Que quero? Que faço?

É mais ou menos assim: eu, animal da floresta, naquela época não vivia quase nunca na floresta, mas jazia em qualquer lugar, em minha fossa suja (suja somente por causa de minha presença, é claro) Desde que vi você no claro aberto, a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto; esqueci-me de tudo, esqueci-me completamente; ergui-me, cheguei mais perto, angustiado (*ängstlich*) [medroso], em meio a essa liberdade nova e contudo familiar, não obstante cheguei mais perto, cheguei a seu lado, como me fosse de direito, enterrei o rosto em sua mão, eu estava tão feliz, tão orgulhoso, tão livre, tão poderoso, tão em casa, e sempre o mesmo: tão em casa (*ich war so glücklich, so stolz, so frei, so mächtig, so zuhause, immer wieder dieses: so zuhause*) – mas no fundo continuava sendo apenas um animal, meu lugar estava na floresta, vivia ao ar livre somente pela sua graça, sem o saber (porque tinha me esquecido de tudo) lia meu destino em seus olhos (*mein Schicksal von Deinen Augen ab*). Isso não podia durar. Embora me acariciando com a mão mais gentil, tinha que reconhecer as excentricidades que lhe falavam da floresta, desta origem, deste verdadeiro lar; surgiram as inevitáveis discussões sobre a “angústia” (“*Angust*”) [medo], inevitavelmente repetidas, que me torturavam os nervos (e a você, mas inocentemente [*unschuldig*]); cada vez me dava conta melhor da praga imunda (*unsaubere Plage*), do obstáculo que era eu para você em todos os sentidos [...] Recordei quem sou, já não li em seus olhos nenhum engano, tinha sonhos de terror [*Traum-Schrecken*] (de portar-se como se estivesse em casa em um lugar ao qual você não pertence), esse terror eu experimentei na realidade (*Schrecken hatte ich in Wirklichkeit*), tinha de voltar à obscuridade, não suportava o sol, estava desesperado, realmente como um animal perdido, pus-me a correr o mais rápido que pude, e era constante o pensamento: “Se pudesse levá-la comigo!” e o pensamento oposto “Existe porventura obscuridade onde ela está?” Pergunta-me como vivo: assim vivo (*Du fragst wie ich lebe; so also lebe ich*).⁸²⁸

Não é de balde que, na correspondência com Milena, retorna-lhe recorrentemente a lembrança da *Carta ao pai*. Toda vez que a problemática questão do casamento é evocada, ronda-o a mesma imagem torturante já presente na *Carta*: as forças negativas como “a fraqueza, a falta de autoconfiança, a consciência de culpa”, literalmente estendem “um cordão de isolamento”⁸²⁹ entre Kafka e a união legítima:

Porque saberá que quando procuro escrever algo como o que segue, se aproximam lentamente de meu corpo as espadas cujas pontas me rodeiam em círculo; é a tortura mais completa (*vollkommenste Folter*) quando começam a roçar-me, não falo de pungir-me, não, quando começam simplesmente a roçar-me, já é tão terrível que imediatamente com o primeiro grito traio tudo, traio você, traio a mim, a todos. (*ist es*

⁸²⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/08/1920, p. 243; KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 152: “Talvez o que acontece é que ambos estamos casados, você em Viena e eu com a angústia em Praga” (p. 91). *Cartas a Milena* (Alianza), p. 163.

⁸²⁸ KAFKA. *Lettres à Milena*, 14/09/1920, p. 233-234; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 292-293. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 172-173.

⁸²⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 77.

schon so schrecklich daß ich sofort, im ersten Schrei, alles verrate, Dich, mich, alles.)”⁸³⁰

Essa imagem reencontramos também no fragmento “Cenas da defesa de uma granja”, no trecho que segue:

Desejo-a e não posso falar com ela, vigio-a para não me encontrar com ela.

Amava uma moça que me amava também, mas tive que deixá-la.

Por quê?

Não sei. Era como se estivesse rodeada de um círculo de homens armados, que apontassem suas lanças para fora. Sempre que me aproximava, dava contra as pontas, ficava ferido e tinha que retroceder. Sofri muito.

Não era culpa da moça?

Creio que não, ou melhor, sei. O símile anterior não se completou, eu também estava rodeado de homens armados, que apontavam as lanças para o interior, ou seja, contra mim. Quando queria dirigir-me até a moça, logo ficava enganchado entre as lanças de meus homens e não passava dali. Talvez eu não tenha chegado nunca até aos homens que rodavam a moça, e, se por acaso consegui chegar, o fiz ensanguentado pelas minhas lanças e sem conhecimento disso.

A moça ficou sozinha?

Não, outro chegou até ela, facilmente e sem travas. Exausto pelos meus esforços fui testemunho disso com tanta indiferença como se eu fosse o ar através do qual seus rostos se juntaram no primeiro beijo.⁸³¹

Corrigindo Milena pela compreensão equivocada de uma frase em carta anterior: “Você deve sair de Viena” (*Du mußt aus Wien fort*),⁸³² Kafka tem oportunidade de explicar-lhe o que significa para ele a decisão de uma frase que sugere claramente um convite para morarem juntos. “Não escrevi essa frase frivolamente e tampouco temia a carga material evidente, (não ganho muito, porém mais do que o suficiente para nós dois, claro, desde que não interfira a doença)”. A frase que Milena não entende bem é, pois, um convite de casamento, evidentemente, com todo o desmesurado temor que isso implica. É um “Medo” poderoso, a palavra aparece repetida e inúmeras vezes, que não se distingue de uma angústia maior vivida no corpo:

Lo que temo (*fürchte*), y lo temo (*fürchte*) con los ojos bien abiertos e inmerso absurdamente en el miedo (*Angst*) (si pudiera dormir como me hundo en el miedo (*Angst*), ya no estaría vivo), es sólo esa conspiración interior contra mi (*innere*

⁸³⁰ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 13/08/1920, p. 244; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 153.

⁸³¹ KAFKA. Fragmentos de cuadernos y hojas soltas, 20/08/1916. In: *Carta al padre y otros escritos*, p. 49-50. E em “Anotações colhidas em outros diários” (In: KAFKA. *Diários* (Itatiaia), p. 166-167.

⁸³² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 23/06/1920, p. 101. Na tradução Brasileira, lemos exatamente o contrário: “Tens de ir a Viena”. O que espanta pela falta de lógica, pois Milena morava e estava em Viena. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 61.

Verschwörung gegen mich) (que comprenderás mejor leyendo la carta a mi padre, aunque no del todo, porque la carta está demasiado construida con vistas a su especial objetivo), una conspiración que se basa más o menos en que yo, que en el gran tablero de ajedrez no soy ni siquiera peón de un peón, (Bauer eines Bauern) ahora, contra las reglas del juego y para confusión de todo el juego, quiero además ocupar el puesto de la reina –yo, el peón del peón, o sea, una figura que no existe siquiera, que ni siquiera interviene en el juego–, y luego a lo mejor también el puesto del rey o incluso todo el tablero, y en que, si yo quisiera esto realmente, habría de tener lugar de un modo distinto y más inhumano. Por eso, la propuesta que te he hecho tiene un significado (*Bedeutung*) mucho mayor para mí que para ti. Es en este momento lo indudable, lo viable, lo que llena de felicidad. (*unbedingt Beglückende*)⁸³³

Para Kafka, o casamento é poder no amor fazer corpo com o outro e imediatamente, ou seja, sem necessidade de mediações. Algumas vezes isso lhe parece simples e fácil, pois é o que mais deseja. Na correspondência com Milena pode pelo menos uma vez exclamar: “Santo céu, se eu estivesse casado, se chegasse a casa e não encontrasse o mensageiro, mas a cama; meter-me nela inacessível a todos, sem nenhuma galeria subterrânea a Viena. Digo isto a mim mesmo para fazer-me ver quão fácil é a tarefa tão difícil que me espera”.⁸³⁴

À medida que a correspondência avança, a urgência dos corpos pressiona, mas o medo, por sua vez, cresce em proporções maiores e sobrepuja o desejo. Diante da insistência de Milena em se encontrarem e ainda na esperança de viverem juntos, ela recebe a resposta taxativa. “Há poucas coisas seguras, mas esta é uma delas: que nunca viveremos juntos, em uma casa comum, corpo com corpo e mesa comum, nunca, nem sequer na mesma cidade. (*gemeinsamer Wohnung, Körper an Körper, bei gemeinsamem Tisch, niemals, nicht einmal in der gleichen Stadt.*)”.⁸³⁵ E aposta que Milena pensa do mesmo modo quando examina ambos e “o ‘mar’ que há entre ‘Viena’ e ‘Praga’, com suas ondas altíssimas e intransponíveis (*unüberblickbar*)”.⁸³⁶ Ainda na mesma carta ele se repete: “Jamais viveremos juntos, nem poderemos fazê-lo”.⁸³⁷ E novamente isso é declarado em uma carta posterior, na qual surge novamente a “queda” que sempre o arrasta depois de cada levante na vida:

Não, Milena, a possibilidade de compartilhar nossa vida, que acreditávamos ter em Viena, já não existe, esfumou-se; tampouco existia nessa oportunidade, eu aparecera “por cima de minha cerca”, mantinha-me ali em cima, sustentado somente pelas mãos, mas depois, naturalmente, caí, com as mãos laceradas. Por certo existem ainda possibilidades de compartilhar outras coisas; o mundo está cheio de possibilidades, mas eu não as conheço.⁸³⁸

⁸³³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 23/06/1920, p. 101-102. Em carta de 05/07/1920: “O que posso fazer se em lugar do coração me bate esse medo no corpo?” (p. 119).

⁸³⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 04/07/1920, p. 109-110.

⁸³⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 306; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 179, 181.

⁸³⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 307; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 180.

⁸³⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 309; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 180.

⁸³⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), meados de novembro/1920, p. 320; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 186.

A frase que Brod atribui a Kafka – “Há Esperança suficiente, esperança infinita, mas não para nós”.⁸³⁹ ressoa nesse momento. Mesmo sabedor da impossibilidade de se configurar qualquer relação mais próxima e assumida com Milena, mesmo se a relação carnal plena entre eles estava afastada, mesmo Milena não tendo chegado a ser sua terceira noiva, Kafka sofria com ela mais um fracasso.

O casamento é o maior impasse na vida de Kafka e também, para ele, o patrimônio de maior valia. Unir no amor, lei, o desejo e o gozo sexual é o efeito da função paterna sobre o pulsional do sujeito, dando-lhe um lugar valorado na filiação parental, principalmente um lugar geracional na linhagem dos Kafka,⁸⁴⁰ lugar de um filho reconhecido e desejado entre a ascendência e a descendência. “Sem ascendentes, sem casamento, sem descendentes, com um desejo selvagem de ascendentes, casamento, de descendentes.”⁸⁴¹

Conseguir casar-se significava muito mais do que uma união com uma mulher. Casar era conquistar a vida plena digna de um homem, de um ser social, era reconciliar-se com o mundo do qual se sentia expulso pelo pai, do mundo do qual se sentia irremediavelmente exilado. Casar seria também ganhar corpo próprio: sexual e social. Mas o que seus escritos e os fracassos da experiência diziam todo o tempo é que o casamento está “vetado” para ele. Em toda a *Carta ao pai* (1919), Kafka se dedica a explicar seu insucesso em todos os âmbitos, mas principalmente na esfera do casamento. A referência ao casamento aparece inúmeras vezes nessa *Carta* e é declaradamente o tema que a motivou, a partir, como vimos, do noivado com Julie (na carta/documento por 41 vezes lemos a palavra casamento [*Heirat*]). Se o medo, a angústia (*Furcht, Angst*), é uma invariante constante na *Carta*, Kafka reserva a palavra terror (*Schrecken*) para o casamento: “esse, até agora, o maior terror da minha vida”.⁸⁴² De todos os fracassos computados por Kafka, o mais notório e evidente, fora da série dos outros, motivador e catalisador da *Carta*, é aquele fruto do “esforço sobre-humano de querer casar”,⁸⁴³ visto como a possibilidade mais bem-sucedida de outra escrita na vida para além da literatura. Talvez a escritura do matrimônio, fosse para Kafka, ainda mais importante do que qualquer outra,

⁸³⁹ Kafka em conversa com Brod *apud* BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 142. “Muita esperança para Deus – infinita esperança – mas não para nós”. BROD, Franz Kafka, p. 65.

⁸⁴⁰ Pois na linhagem materna dos Löwy havia dois tios celibatários. PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 10.

⁸⁴¹ “Todos me estendem a mão: ascendentes, casamento e descendentes, mas longe demais para mim.” KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 21/01/1922, p. 550.

⁸⁴² KAFKA. *Carta ao pai*, p. 76.

⁸⁴³ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 72.

considerando a sua insatisfação com sua produção literária de até então. Por isso mesmo, o fracasso nesse empreendimento só pode ser catastrófico. É o que a *Carta* testemunha.

a partir do momento em que decido me casar, não consigo dormir, a cabeça arde dia e noite, isso já não é vida, e eu vagueio desesperado por aí.⁸⁴⁴ [E o que segue é uma escolha forçada:] [...] Diante disso (do casamento) eu até posso oscilar, mas a saída final é certa: preciso renunciar.⁸⁴⁵

São várias as passagens em que Kafka trata do tema causal e principal dessa carta terrível: o casamento, “o máximo entre todas as coisas que um homem pode alcançar”.⁸⁴⁶ É com a imagem nos *Diários* de ascensão dos degraus de uma escada, uma imagem também presente na *Carta ao pai* quando trata a impossibilidade de ascender ao casamento, que aborda novamente o tema da retroação diante do decisivo e desafio maior.

O negativo (*das Negative*), unicamente, por mais forte que possa ser, não é suficiente, como eu acredito nos momentos mais infelizes. Porque quando subo o menor degrau (*kleinste Stufe*), e sinto alguma segurança, ainda que seja a mais duvidosa das seguranças, fico em suspenso e espero que o negativo me atraia e me faça descer desse pequeno degrau (*kleine Stufe*), em vez de esperar que suba até a mim. É um instinto defensivo que não suporta em mim o menor bem-estar duradouro e destrói o leito conjugal, por exemplo, antes mesmo de estar feito.⁸⁴⁷

É como se alguém tivesse cinco lances de escada a subir e o outro apenas um lance [degrau] de escadas (*Treppenstufen*), mas que é tão alto quanto os cinco do anterior juntos; o primeiro não apenas superará os cinco lances (*Treppenstufe*), mas ainda cem e mil outros, ele haverá de ter levado uma vida grandiosa e bem extenuante, mas nenhum dos lances (*Stufen*) que ele subiu haverá de ter tanta importância [significado] (*Bedeutung*) para ele quanto para o segundo aquele lance (*Stufe*) único, primeiro, alto (*jene eine, erste, hohe*), impossível de ser escalado mesmo na reunião de todas as suas forças, o qual ele não conseguirá alcançar e além do qual ele naturalmente não irá subir.⁸⁴⁸

No ano de 1922, Kafka faz levantamentos do que conseguiu em sua vida e o resultado é doloroso.

Era como se me tivessem dado, como a todo mundo, o centro de um círculo, a partir do qual percorresse, como todo mundo, o raio correspondente para então traçar uma bela circunferência. Em vez disso, me restringi a começar constantemente novos raios, para interrompê-los logo, também constantemente. (exemplos: o piano, o violino, os idiomas, a germanística, o antisionismo, o sionismo, o hebraico, a jardinagem, a carpintaria, a literatura, as tentativas de casamento, a casa própria). O centro do círculo imaginário está repleto de raios sem terminar, já não há mais lugar para outra tentativa; essa falta de lugar se chama velhice, debilidade nervosa, e a impossibilidade de uma

⁸⁴⁴ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 87.

⁸⁴⁵ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 91.

⁸⁴⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 78.

⁸⁴⁷ KAFKA. *Diários* (Emecé), 31/01/1922, p. 396; *Diários* (Relógio D'Água), p. 559.

⁸⁴⁸ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 78.

nova tentativa significa o fim. Mas se alguma vez prolonguei o raio um pouquinho mais do que de costume, por exemplo, em meus estudos de direito ou em meus compromissos matrimoniais, bastava esse pouquinho para tudo piorar em vez de melhorar.⁸⁴⁹

Kafka pressente que seu tempo e suas oportunidades na vida estão se acabando. Entretanto, vemos que a preocupação com o celibato está presente muito cedo em Kafka e será uma constante até o fim de sua vida. O tema também comparece no conto “Blumfeld, um solteirão de mais idade (1915)”.⁸⁵⁰ Anotações do ano de 1910, início dos *Diários*, ocupam muitas linhas já prenunciando um futuro solitário e sem filhos. “Este (celibatário) já ficaria satisfeito se pudesse manter o seu físico, se bem que mesquinho, assegurar as refeições, evitar a influência de outras pessoas, em resumo preservar o que é possível em um mundo que está a desintegrar”.⁸⁵¹

Trabalhando e já escrevendo sobre esse tema que o obseda, a vida do celibatário, vemos desde as notas dos *Diários* o quanto ele percebe a lógica do vampirismo que vimos praticada com as mulheres, por meio de uma outra imagem contígua: a do parasitismo do afogado tentando salvar-se.

Assim estou eu diante do meu celibatário, e ele ama-me por isso, muito provavelmente, mas sem perceber por quê. Uma vez por outra, o que ele diz parece indicar que tem noção disso, que sabe o que tem à sua frente e que, por essa razão, se permite tudo. Mas não, não é assim. Na verdade, ele agiria assim como qualquer outro, pois só sabe viver ou como eremita ou como parasita. É eremita apenas por a isso ser obrigado, se esta obrigação for superada por forças que desconhece, como no presente caso, logo se torna parasita com uma insolência de que só ele é capaz. Não obstante, já nada no mundo o pode salvar, e assim sua conduta pode fazer lembrar o cadáver de um afogado, que, levado à superfície por uma corrente, bate num nadador cansado, lhe deita as mãos e tenta agarrar-se. O cadáver não voltará à vida, não pode sequer ser levado à costa, mas pode arrastar o nadador para o fundo.⁸⁵²

Antes de seus trinta anos, em 14/11/1911, Kafka já redigia a primeira versão de “A infelicidade do celibatário” (*Das Unglück des Jungesellen*).⁸⁵³ Mais tarde, nos *Diários*, em 22 de janeiro de 1922, ele se referirá ao fragmento como uma “clarividência” (*Hellseherei*). Mas a questão do destino de solteiro sempre retorna em lamentações. Algum tempo depois, nos *Diários*, lemos variações sobre o tema, em 03/12/1911.

A infelicidade do celibatário, pretensa ou verdadeira, é tão fácil de adivinhar pelo mundo que o rodeia que ele maldiz a decisão [...]. Anda por aí com o casaco abotoado, as mãos nos bolsos do casaco, os braços flectidos, o chapéu bem enterrado na cara,

⁸⁴⁹ KAFKA. *Diários* (Emecé), 23/01/1922, p. 390-391; *Diários* (Relógio D'Água), p. 552.

⁸⁵⁰ Como recentemente traduziu M. Backes, in KAFKA. *Blumfeld, um Solteirão de mais Idade e Outras Histórias*.

⁸⁵¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 19/07/1910, p. 15.

⁸⁵² KAFKA. *Diários* (Relógio D'Água), 07/11/1910, p. 79.

⁸⁵³ KAFKA. *Diários* (Difel), 14/11/1911, p. 116; *Diários* (Relógio D'Água), p. 152-153.

um sorriso falso, que se tornou natural nele, pretende esconder-lhe a boca como os óculos lhe escondem os olhos, as calças demasiado apertadas para parecerem bem nas pernas. Mas toda a gente sabe da sua situação, pode pormenorizar os sofrimentos. Uma brisa fria sopra sobre ele vinda de dentro e ele olha lá para dentro com a metade ainda mais triste da sua dupla cara. Muda-se incessantemente, mas com regularidade previsível, de um apartamento para outro. Quanto mais foge dos vivos, para quem, contudo, e é este o ponto mais cruel, ele tem de trabalhar como um escravo consciente, que não pode revelar sua consciência, tanto menor é o espaço que consideram bastar-lhe. Enquanto é a morte que irá tombar os outros, mesmo que tenham passado a vida num leito de doente, porque embora eles já há muito tivessem sucumbido por si próprios devido à sua fraqueza, agarram-se contudo às pessoas que amam, parentes muito saudáveis por sangue ou casamento, ele, o celibatário, ainda a meio da vida, aparentemente de sua própria vontade, resigna-se de boa vontade a um espaço cada vez mais pequeno e quando morre o caixão tem o tamanho exato do seu corpo.⁸⁵⁴

O lamento em sua versão final foi publicado entre os contos do primeiro livro *Contemplação [Meditação, Observação, Consideração, Reflexão] (Betrachtung)* (1913).

Parece tão ruim permanecer solteiro e já velho pedir acolhida – mantendo com dificuldade a própria dignidade – quando se quer passar uma noite em companhia das pessoas, estar doente e do canto da sua cama fitar semanas a fio o quarto vazio, despedir-se sempre na porta do prédio, nunca abrir caminho para o alto da escada ao lado da esposa, ter no quarto apenas portas laterais que dão para apartamentos de estranhos, trazer numa das mãos o jantar para casa, ter de admirar os filhos alheios e não poder continuar repetindo “não tenho nenhum”, tomar por modelo, no aspecto físico e no comportamento, um ou dois celibatários das lembranças de juventude. Assim vai ser, só que na realidade, hoje como mais tarde, ali estará o mesmo de sempre, com um corpo e uma cabeça real – ou seja, com uma testa também – para bater nela com a mão.⁸⁵⁵

Em 22/01/1922 ele ainda escreverá nos *Diários* que “A felicidade dos homens casados no escritório, novos e velhos. Não me é acessível, e se fosse ser-me-ia insuportável, e no entanto é a única coisa que por predisposição minha, me saciaria”.⁸⁵⁶ Com tantas repetições e fracassos em conjugar-se a alguém, a conclusão parece óbvia: “Sísifo era solteiro”.⁸⁵⁷

2.13.4 Dora: um encontro “improvável”

Essas últimas notas parecem ser um balanço final de uma vida de fracassos, mas em 1923 acontece-lhe o encontro “improvável”. Viajando com Ottla, a querida irmã sempre presente, ele conhece Dora: uma mulher fora da série. “Quando eu vi Kafka pela primeira vez,

⁸⁵⁴ KAFKA. *Diários* (Difel), 03/12/1911, p. 116.

⁸⁵⁵ KAFKA. A infelicidade do celibatário. In: KAFKA. *Contemplação e O fogueira*, p. 25. Nos *Diários* (Emecé), 14/11/1910, p. 110; *Diários* (Difel), p. 103.

⁸⁵⁶ KAFKA. *Diários* (Relógio d'Água), 22/01/1922, p. 553.

⁸⁵⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 19/01/1922, p. 356.

sua imagem correspondeu logo à ideia que eu fazia de um homem. Mas Kafka, ele também me olhou com muita atenção, como se esperasse de mim alguma coisa”.⁸⁵⁸

Encontrar uma mulher não era qualquer coisa para Franz, mas algo próximo de uma redenção. “Por mais insignificante que eu seja, não há, contudo, aqui ninguém que me compreenda inteiramente. Ter alguém com uma tal compreensão, talvez uma esposa, significaria ter apoios de todos os lados, ter Deus”.⁸⁵⁹ E a mulher como salvadora retorna aqui nesse encontro inesperado.

Os biógrafos comentam a preferência de Kafka por moças mais jovens associando isso à sua estima especial por Ottla, sua irmã mais nova (em suas palavras: mãe, irmã, esposa). Mas não podemos esquecer que Kafka, mesmo com 40 anos, a idade de um senhor, sentia-se doente, fraco, imaturo, mal-acabado como homem e que, portanto, as bem mais jovens podiam estar muito mais próximas dele e da pureza que prezava no amor do que as já então mulheres feitas. Em sua relação com Felice tivemos um exemplo⁸⁶⁰ disso quando ele compara via correspondência uma foto de criança da noiva com outra foto dela adulta, mostrando nitidamente sua preferência pela criança ao lado de sua dificuldade com a imagem da mulher. A última companheira de Kafka, Dora Diamant, tinha dezenove anos quando o conheceu em 1923. Franz tinha o dobro de sua idade. Ela assim o descreve:

Ele era alto e magro, caminhava a passos largos, tinha a pele escura, tanto que pensei, primeiro, que ele não fosse europeu, mas que tivesse sangue indiano. Tinha por vezes o andar um pouco vacilante, mas permanecia com a postura sempre muito correta [ereta]. Apenas costumava inclinar ligeiramente a cabeça, semelhante àquela atitude que o solitário constantemente tem em relação a qualquer coisa de misterioso que lhe seja exterior. Dava a impressão de estar à espreita, mas acrescentava também nesse gesto uma grande ternura que eu interpretei mesmo como sendo um desejo de ir em direção aos outros, como se quisesse dizer: “Só. Eu não sou nada. Existo somente se me encontro em relação com o mundo exterior”.⁸⁶¹

Na companhia de Dora, filha de judeus poloneses, Kafka conseguiu fazer o que até então não fizera com mulher alguma: “desligou-se da família, desligou-se de Praga e foi viver com ela em Berlim. Viveram juntos, em precárias condições econômicas, mas num clima de tranquilidade íntima e felicidade. Franz diz a Brod que havia escapado de seus fantasmas com a ida para Berlim”.⁸⁶² “Eu escapei por entre os dedos deles. Essa partida para Berlim foi

⁸⁵⁸ DIAMANT. *Minha vida com Kafka*: parte I, [s.p.]; Mi vida con Franz Kafka. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 224.

⁸⁵⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 04/05/1915, p. 304.

⁸⁶⁰ Capítulo 2 “Kafka trovador (?)”, 2.5: “O corpo das fotografias”.

⁸⁶¹ DIAMANT. *Minha vida com Franz Kafka*: parte I, [s.p.]; Mi vida con Franz Kafka. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 223- 224.

⁸⁶² KONDER. *Kafka vida e obra*, p. 80.

magnífica, eles agora me procuram, mas não me encontram, pelo menos por enquanto”.⁸⁶³ Dora também foi testemunha desse desejo de nascer de novo para a vida e para a literatura.

Ele não cessava de dizer: “Como eu gostaria de saber se escapei dos fantasmas!”. Com esse apelo, resumia tudo aquilo que lhe havia atormentado antes de sua chegada a Berlim. Parecia obcecado por esta ideia, que exprimia também certo sentimento de revolta. Para libertar sua alma desses “fantasmas”, ele queria queimar tudo aquilo que havia escrito. Eu respeitei sua vontade e, debaixo dos seus olhos, enquanto ele repousava, doente, em seu leito, queimei alguns de seus textos. Aquilo que verdadeiramente gostaria de escrever, Franz faria somente depois de conquistada sua “liberdade”. A literatura era qualquer coisa de sagrado para ele, de absoluto, de intocável. [...] quando se tratava de literatura, ele se tornava intransigente e não fazia concessões, pois era toda a sua existência que estava envolvida.⁸⁶⁴

Segundo Puah Ben-Tovim, professora de hebraico de Franz, Dora, que era fluente em hebraico e em ídiche, encontrou um homem descrito pela mestra como “um afogado a debater-se, pronto a pendurar-se em quem quer que se aproximasse o bastante para que ele o agarrasse”.⁸⁶⁵ E acredita que a atração de Kafka por Dora

foi em grande parte alimentada pelo fato de ela pertencer a uma família hassidim ultraconservadora. Ele queria tudo saber sobre a vida dos pioneiros judeus lá, ele queria se familiarizar com as técnicas agrícolas, pois falava em trabalhar a terra. Por causa de sua fraqueza física e de suas contradições pessoais, o estudo do hebraico acabou tornando-se seu laço simbólico com a Palestina.⁸⁶⁶

Para Pawel, “a presença silenciosa de Kafka, sua aparência sofrida e sua conduta grave comoveram a menina e a mãe que havia nela”. E Dora “não apenas se apaixonou por Kafka, como também passou a idolatrá-lo como seu professor e mestre”. Por sua vez Dora, apesar de sua pouca idade, era uma mulher muito especial. Descrita como solitária, “Estrangeira em uma terra estranha”, era “intransigentemente apaixonada em tudo que fazia, com uma energia equiparável à tempestuosa intensidade de suas emoções”.⁸⁶⁷ Seja o que for que concorreu para a parceria que Dora e Franz sustentaram, o fato de que era Ele e era Ela fez a real diferença. Pawel decide, em última análise, que

deve ter sido a franqueza límpida de Dora, sua total falta de artificialismo ou de reserva estudada, que sobrepujou a ambivalência constitucional de Kafka, derrotou a

⁸⁶³ Kafka *apud* LEMAIRE. *Kafka*, p. 222.

⁸⁶⁴ DIAMANT. *Minha vida com Franz Kafka*: parte III, [s.p.] ; *Mi vida con Franz Kafka*. In: *Cuando Kafka vino hacía mí...*, p. 229.

⁸⁶⁵ Ben-Tovim citada por PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 418.

⁸⁶⁶ Ben-Tovim citada por LEMAIRE. *Kafka*, p. 224.

⁸⁶⁷ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 418.

conspiração das ambiguidades e permitiu que ele – com o ardoroso apoio de Ottla – arriscasse um passo de coragem literalmente desafiadora da morte.⁸⁶⁸

Um passo que se faz ato, antecipado de muita angústia da qual arrancou, com todas as forças, uma certeza. Descreve em cartão postal a Ottla, ainda um tanto “atordoad”, como foi a noite que antecedeu sua partida para a Alemanha.

a noite anterior havia sido uma das piores que jamais tive, dividida mais ou menos em três partes: primeiro, um ataque de todas as minhas angústias, e tão fortes quanto essas angústias nenhum exército da história mundial jamais foi. [...] fui buscar um Froligan, engoli-o avidamente e dormitei por um quarto de hora.⁸⁶⁹

Em seguida vacilou em levar adiante os planos: “passei o resto da noite redigindo um telegrama anulando a locação de meu quarto em Berlim e a me desesperar por fazê-lo. Pela manhã, no entanto, não caí ao me levantar (graças a ti e a Schelesen)”.⁸⁷⁰ E, enfim, conseguiu, com ajuda da empregada, fazer as malas e afinal partir, “Consolado pela empregada, assustado por Pepa (seu cunhado Josef David), afetuosamente criticado por papai, tristemente olhado por mamãe”,⁸⁷¹ despedindo-se dos seus pais no dia 24/09/1923. Três anos antes, entre seus aforismos, encontramos uma legenda que pode acompanhar seu ato. “A partir de certo ponto não há mais qualquer possibilidade de retorno. É exatamente esse o ponto que devemos alcançar”.⁸⁷² No mesmo ano, em uma carta a sua amiga Minze, chega a dizer algo que, três anos depois, cabe-lhe como nunca. “Talvez paz e lar não chegam como um presente, mas têm que ser conquistados, devem ser algo de que você possa dizer: isto é obra minha”.⁸⁷³

Porém nessa altura dos acontecimentos, como escreve Lemaire, o fim é o começo: “Tudo parece começar para Franz Kafka durante o verão de 1923, quando na realidade tudo está a ponto de terminar”.⁸⁷⁴

Podemos ainda considerar que Kafka não desconhecia a gravidade de sua situação. Em 1922, já encontramos no *Diário*: “Na escrita da minha vida ainda se fazem as contas como se a minha vida só começasse amanhã. E, entretanto, chego ao fim”.⁸⁷⁵ O ato na direção da qual seu

⁸⁶⁸ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 418-419.

⁸⁶⁹ Cartão a Ottla 26/09/1923. In: KAFKA. *Lettres à Ottla et à la famille*, p. 140.

⁸⁷⁰ Cartão a Ottla 26/09/1923. In: KAFKA. *Lettres à Ottla et à la famille*, p. 140.

⁸⁷¹ Kafka *apud* LEMAIRE. *Kafka*, p. 220.

⁸⁷² KAFKA. *Franz Kafka: contos, fábulas e aforismos*, p. 92.

⁸⁷³ Kafka, em Carta a Minze, março de 1920. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 69.

⁸⁷⁴ LEMAIRE. *Kafka*, p. 217.

⁸⁷⁵ KAFKA. *Diários* (Difel), 12/02/1922, p. 368.

desejo sempre apontou, desde o encontro com Felice, que também o chamara a Berlim, não podia ser mais procrastinado. “Berlim é o antídoto contra Praga”.⁸⁷⁶

Comenta Pawel que “àquela altura, a doença havia despojado a vida das ambiguidades e a reduzia aos elementos essenciais”.⁸⁷⁷ Acontecia a ascensão de Hitler em Munique e Berlim, que já se preparava para ser o palco de uma grande bancarrota econômica, e estava longe de ser a cidade mais indicada para se apostar na realização do desejo de uma vida em paz. Mas com a ajuda da doença, como vimos,⁸⁷⁸ e do acaso do encontro com Dora, o momento era único para Kafka: agora ou nunca.

Segundo Blanchot, Kafka, em seu vínculo com Dora, mais uma vez segue repetindo, insistindo em mais um dos noivados impossíveis, no qual se reproduz sua impotência infinita de casar-se e constituir família, de ser mais um sócio na comunidade dos homens. Pelas respostas de não autorização que recebe, parece haver uma designação pelo negativo de sua condição, no fato de estar em exclusão com relação à lei, na qual paradoxalmente ele aí se reconhece, mais de uma vez, como fora da lei. O limite intransponível acaba então por se revelar na própria transgressão. Para Blanchot, Kafka, “em seu jogo trágico com a lei [...] provoca as provocações”, insufla a não autorização; ele “se delata por alterar ou adiantar-se a toda lei”,⁸⁷⁹ o seu próprio passo revela-lhe o infranqueável. E com isso, no fim, mais uma vez, com o passo transgressivo de sua fuga com Dora, ele chama pela interdição, pela lei, com seu quarto pedido de casamento, resposta que lhe vem, dias antes de morrer, pelo “não” do pai de Dora, por meio do Rabino Gerer, que é, da (não) autorização, o mensageiro. Eis a pergunta que orienta as reflexões de Blanchot, que parece entender aqui a lei em um sentido moral:⁸⁸⁰ “Não deixa de surpreender-nos que, inclusive antes de que o matrimônio com Dora Diamant seja recusado pelo conselho supremo, Kafka faça caso omissis e, opondo-se às conveniências sociais, ajeite com a adolescente uma espécie de vida comum”.⁸⁸¹

No entanto é aí que está a novidade desse relacionamento que não espera “O casamento” para ganhar o status de um compromisso legítimo e respeitado por todos. Pois, é exatamente por Kafka se sentir à parte da lei, das regras e do ideal paternos, que a dita e suposta “transgressão” pede também a leitura a partir de considerações específicas: o tipo de relação de

⁸⁷⁶ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 419.

⁸⁷⁷ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 424.

⁸⁷⁸ No capítulo. “Kafka e a saída pela doença”.

⁸⁷⁹ BLANCHOT. La palabra postrera. In: BLANCHOT. *De Kafka a Kafka*, p. 324.

⁸⁸⁰ Para entender o que aqui está em jogo, é preciso distinguir moral e ética como faz Lacan. Logo no início de seu *Livro 7* lemos: “Falando de ética da psicanálise escolhi uma palavra que não me parece por acaso. *Moral*, poderia ainda ter dito. Se digo *ética*, verão por quê, não é pelo prazer de utilizar um termo mais raro”. LACAN, *O seminário- A ética da psicanálise*, p. 10.

⁸⁸¹ BLANCHOT. La palabra postrera. In: BLANCHOT. *De Kafka a Kafka*, p. 324.

Kafka com a lei (leis), o Outro (outros) e a autoridade. Kafka se via fora da lei do pai e, por isso mesmo, precisava obedecer tanto, esperando do outro não só autorização de seus atos, mas até mesmo a confirmação de sua existência.

Mas depois de tanto testemunhar sua dor, investigar e tratar seus impasses por escrito, alguma coisa da ordem de um trabalho analítico parece ter se processado em Kafka. Em 1923, aos 40 anos, Franz Kafka ainda carrega o “mérito” de ser um funcionário padrão e exemplar; Franz, o obedientíssimo, aposenta-se e pela primeira vez em toda sua vida, arrancando do íntimo a justeza e justiça de outra lei, a lei ética do desejo, se faz homem e escolhe uma mulher. Para fazer valer seu ato, não somente não pede autorização aos pais, como também resiste a todas as objeções da família, partindo com convicção ao encontro de sua companheira. Dora, por sua vez, apesar de não ter rompido com os pais, tinha abandonado a Polônia e a vida tradicional que a constrangia, em busca de liberdade e independência. Aportara inicialmente em Breslau, depois em Müritz, onde estava como empregada no “Lar do povo judeu”, decidindo, ao conhecer Kafka, ir com ele para uma nova vida em Berlim. Com a ajuda dessa ousadia, por uma única vez Kafka não esperou do Outro a autorização para unir-se a uma mulher e agir como homem em nome próprio.

Em Berlim, Kafka, levando uma vida espartana para não cair novamente na dependência familiar, passa a escrever com mais frequência e entusiasmo, chegando mesmo a vender alguns contos para publicação. Pensava também em liquidar com isso “dívidas familiares”.⁸⁸² Entre esses contos, estão “Josefina, a cantora” e “A construção” (A toca, O covil):

“A construção”, foi escrita em uma única noite, durante o inverno; ele começou no início da noite e terminou ao amanhecer, antes de retrabalhá-la por completo. Ele me contou a história, alternando o tom de gracejo com um tom mais sério. [...] O sentimento de medo e pânico presente nela talvez tenha sido provocado por um pressentimento de retorno aos seus familiares bem como do fim de sua liberdade. Ele me explicou que, em sua “construção”, eu seria o “coração da cidadela”.⁸⁸³

Apesar do clima da vida tranquila, sem insônia e quase feliz, a doença se agrava e a ameaça dos fantasmas permanece. Kafka, quando mais jovem, imaginava morrer com satisfação e, depois do fracasso do terceiro noivado com Julie Whoryzek, já esperava impacientemente pela morte. “Por que tantas paradas na estrada para a morte? Por que leva tanto tempo?”⁸⁸⁴ Com uma tuberculose que avançava de forma galopante do pulmão até a

⁸⁸² KAFKA *apud* BROD. *Franz Kafka*, p. 184.

⁸⁸³ DIAMANT. *Minha vida com Franz Kafka*: parte III, [s.p.]; *Mi vida con Franz Kafka*. In: *Cuando Kafka vino hacia mí...*, p. 229.

⁸⁸⁴ Kafka em lamento a Brod *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 370.

laringe, tardiamente, descobre, com Dora, uma razão para buscar a saúde e luta ardentemente pela vida. Poderíamos dizer com Lacan que Dora é para Kafka uma mulher sinthoma, aquela que lhe cai bem e em boa hora. Kafka, no último ano de vida, sem poder beber ou se alimentar, corrige ainda e incansavelmente as provas d’*O artista da fome*, pouco antes de sustar a pena definitivamente. Kafka, com todo fracasso que carregava, nunca desistiu de amar e de escrever. Sempre esperou e lutou pelo amor de uma mulher e pela literatura.

2.14 O sexual insiste: Kafka, santo e felliniano

Em rapaz, era tão inocente e desinteressado a respeito de questões sexuais (e assim teria continuado por longo tempo, não tivesse eu sido violentamente confrontado com as coisas do sexo) como hoje sou a respeito, por exemplo, da teoria da relatividade. Só me ocorriam pormenores insignificantes (e mesmo esses só depois de uma explicação exata), por exemplo, que as mulheres que na rua me pareciam as mais bonitas e bem vestidas, precisamente essas eram tomadas por más.⁸⁸⁵

Algo demasiado ocultado ou menos falado é que Kafka, com toda a sua dificuldade do contato físico, de forma alguma era sexualmente indiferente às mulheres e ao sexo. Como sempre, para nosso escritor, a questão do sexo e do desejo é complexa e paradoxal. Um levantamento dos testemunhos e de análises mostra as muitas contradições envolvidas. O biógrafo Stach, pesquisando publicações da época sobre orientação sexual, verificou que se cobria o sexo menos de moral do que de higienismos e que, por isso, uma atitude antisssexual ou misógina não era incomum mesmo entre os mulherengos (como Brod) e afetava milhões de jovens (homens e mulheres) da classe média de então.⁸⁸⁶ Nesse contexto desfavorável ao prazer do sexo, acrescido das dificuldades pessoais de Kafka com seu corpo e sua imagem, intimidado por seus ideais de pureza no amor, abordar o outro sexo só podia ser algo muito problemático. Segundo Pawel, “Kafka cresceu odiando seu corpo. Tinha horror à intimidade física. O sexo era para ele a quintessência da imundice, a antítese do amor”⁸⁸⁷ e, realmente, Kafka deixa vários registros de seu asco.

Descrevendo a Milena sua residência temporária no apartamento da irmã que estava viajando, Kafka evoca a felicidade da solidão e nos dá as razões de sua felicidade:

estar só em uma casa é talvez a condição necessária da vida, estar só em um apartamento – [...] uma condição necessária da felicidade [...], mas assim o

⁸⁸⁵ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’ Água), p. 570-571.

⁸⁸⁶ Stach em entrevista. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/dec/05/kafkas-sexual-terrors-were-absolutely-normal-says-biographer>>. Acesso em: 24 fev. 2018; STACH. *Kafka – The early years*, p. 239.

⁸⁸⁷ PAWEL, *O pesadelo da razão*, p. 81.

apartamento faz parte da minha felicidade, tudo em silêncio [calmo], o quarto de banho, a cozinha, o vestíbulo, as três peças, sem esse ruído das casas de apartamentos, esse ambiente de bordel, esse incesto dos corpos; os pensamentos e desejos irrefreáveis perderam há pouco o domínio de si mesmos, que em todos os cantos, entre todos os móveis surgem relações ilícitas, coisas impróprias, fortuitas, crianças ilegítimas, e que em nada se parece nunca a teus silenciosos subúrbios vazios de domingo, porém aos selvagens subúrbios abarrotados e sufocantes de um ininterrupto sábado à tarde.⁸⁸⁸

Certamente, imerso nessa solidão ascética, Kafka não sabe muito bem o que fazer com os desejos sexuais, mas ele nunca os nega. Porque ao mesmo tempo, por vezes, a despeito de todo esse esforço de silenciar o corpo, a força das pulsões se impõe violentamente. Kafka, sem desmentir o real do sexo, não deixa de reconhecê-lo.

A loucura em que tenho andado com raparigas apesar de todas as minhas dores de cabeça, insônias, cabelo grisalho, desespero. Vou contá-las pelo menos seis desde o verão. Não consigo resistir, se não cedo fico literalmente com a língua de fora, e admiro todas as que são admiráveis, e amo-as até acabar a admiração.⁸⁸⁹

E mais tarde na vida ainda trata a presença do sexo como um ataque do qual é preciso livrar-se:

Novo ataque do s. {sexo}. É mais claro do que nunca que atacado pela esquerda e pela direita por inimigos mais fortes, não me posso desviar nem para a esquerda nem para a direita; só seguindo em frente, animal esfaimado, o caminho te levará a alimentos comestíveis, ar respirável, uma vida livre, mesmo que para lá da vida.⁸⁹⁰

Quando estive com sua noiva Julie no sanatório de *Schelesen*, confessa à sua ex-futura cunhada que teve de se conter em seus impulsos sexuais.

No entanto nós dois – seja esta a única vez que cumprimento a mim mesmo; mais tarde não terei mais razões para isso – permanecemos magnificamente bravos (*magnificently brave*). Talvez isso foi mais fácil para J., não só por ser uma moça, mas porque ela é uma mistura maravilhosa, difícil de ser estragada por estranhos, de calor e frieza. Mas eu realmente sofri ao máximo a angústia de toda natureza animal; mas o que significa isso? Comparado aos sofrimentos deste último período, foi uma brincadeira de crianças.⁸⁹¹

Mas entre sentir o desejo sexual e exercê-lo há um salto que pede o ato e exige a presença do corpo. Kafka, alguns meses depois do rompimento com Julie, responde a Milena em carta

⁸⁸⁸ KAFKA. *Lettres a Milena*, 08/07/1920, p. 92-93; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 125-126.

⁸⁸⁹ KAFKA. *Diários* (Difel), 02/06/1916.

⁸⁹⁰ KAFKA, *Diários* -Diários de viagem (Relógio d'Água), 10/02/1922, p. 562.

⁸⁹¹ KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 52; *Letters to my Friens, Family and Editors*, p. 216.

de 8-9/08/1920, a uma pergunta dela sobre o “medo-desejo” (*strach-touha/Angst-Sehnsucht*).⁸⁹² O tema não era novo para Kafka e ele logo se refere mais uma vez à *Carta ao pai*, “Seria uma grande ajuda, por outro lado, que pudesses ler minha carta ao meu pai. [...] Quando se põe limites ao ‘medo’ ou ao ‘desejo’, como você o faz em sua última carta, a pergunta deixa de ser fácil; mas sim, simples, respondê-la. Nesse caso apenas sinto ‘medo’”⁸⁹³ Vemos então que antes de sua realização erótica o desejo apaga-se sob o medo.

Nesse sentido pergunta Gauger em sua nota introdutória:

¿De qué tenía miedo Kafka? De lo que no cabe duda es de que ese miedo era de naturaleza sexual. [...] Kafka tenía miedo de la impotencia (aunque no era impotente, como se sabe), precisamente frente a la mujer que fue la única pasión de su vida. Pero el miedo era más complejo: como explica a Milena en una carta posterior, para él entre la felicidad perfecta y tranquila con la mujer que ama, durante el día, y la «media hora en la cama», por la noche, media un abismo que es incapaz de superar.⁸⁹⁴

A carta que segue merece ser mais extensamente citada porque esclarece um pouco mais o que entra em jogo para Kafka na iminência da conjugalidade, ao retomar o sábado feliz no bosque com Milena e o salto intransponível que há, dessa felicidade, para o deleite sexual.

Me preguntaste una vez cómo podía considerar «bueno» aquel sábado, con el miedo en el corazón: es fácil de explicar. Como yo te quiero (y te quiero –qué difícil te resulta entenderlo–, como ama el mar un diminuto guijarro que tiene en el fondo, exactamente así te anega mi amor; y que yo sea para ti ese guijarro, si lo permiten los cielos), quiero al mundo entero, y a él pertenece también tu hombro izquierdo, no, era primero el derecho y por eso lo cubro de besos cuando me apetece (y si tú tienes la bondad de retirar un poco la blusa), y a él pertenece también el hombro izquierdo y tu rostro sobre el mío en el bosque y tu rostro bajo el mío en el bosque y el descansar junto a tu pecho casi descubierto. Y por eso tienes razón cuando dices que ya hemos estado unidos y yo no tengo ningún miedo de eso, antes bien, es mi única felicidad y mi único orgullo y no lo limito al bosque. Pero precisamente entre ese mundo diurno y aquella «media hora en la cama» de la que me escribiste una vez con menosprecio como de una cosa de hombres hay para mí un abismo que no puedo superar, probablemente porque no quiero. Aquello es un asunto de la noche, en todos los sentidos asunto de la noche; aquí está el mundo y yo lo poseo, ¿y ahora he de pasar de un salto a La noche para tomar otra vez posesión de ella? ¿Se puede tomar posesión otra vez de algo? ¿No significa eso perderlo? Aquí está el mundo que yo poseo, ¿y he de dar el salto al otro por un misterioso sortilegio, por arte de birlibirloque, por una piedra filosofal, una alquimia, un anillo mágico? No, ni hablar, eso me causa un miedo terrible. ¿Querer atrapar por arte de magia en una noche, con apresuramiento, respirando con dificultad, desvalido, obsesionado, querer atrapar por arte de magia lo que cada día está ofreciendo a los ojos abiertos! («Quizás» no se pueda tener hijos de otra manera, «quizás» también sean magia los hijos. Dejemos de momento esta cuestión.) Por eso estoy tan agradecido (a ti y a todo) y es por tanto samozřejmý [evidente] que yo, a tu lado, esté muy tranquilo y muy intranquilo, muy coaccionado y muy libre, debido a

⁸⁹² Em tcheco e alemão respectivamente. KAFKA. *Briefe a Milena*, p. 80; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 225.

⁸⁹³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia) p. 140; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 225.

⁸⁹⁴ MILENA. Em carta a Brod de janeiro/fevereiro de 1921. In: *Cartas a Milena* (Alianza), p. 365.

lo cual, después de haber visto esto, he renunciado a cualquier otra vida. ¡Mírame a los ojos!⁸⁹⁵

A sexualidade humana é bastante complexa e não precisa de muitos obstáculos para ser zona conflituosa, mas certamente, no início do século XX, uma vida erótica satisfatória não era algo muito facilitado pelos costumes. Sabemos que Kafka frequentava prostitutas, na época uma saída considerada sadia para os males atribuídos à masturbação. A essas duas alternativas e, para alguns, a possibilidade de uma amante eventual se restringia à vida sexual fora do casamento. Entretanto, esses desvios da conduta austera eram vividos por Kafka com extremo nojo e culpa. Para ele, que tinha um senso de justiça aguçado, e que incentivava a emancipação das mulheres, não deixava de ser uma violência esse uso degradado das garotas complacentes, tão comum na época, que se refletia ainda nos comentários do pai Hermann.

Kundera reafirma essa situação constrangedora comentando que “para um homem solteiro sobravam duas possibilidades: as mulheres casadas de boa família ou as mulheres fáceis das classes inferiores: vendedoras, empregadas e, claro, prostitutas”.⁸⁹⁶ Se Brod flertava com as primeiras, Kafka se entretinha com as segundas: “passava em frente do bordel como diante da casa de minha bem-amada”.⁸⁹⁷ Em sua vida abreviada em quatro décadas, sabe-se que Kafka frequentou bordéis na juventude e deixou registros de seus encontros com prostitutas que o amigo Brod cuidadosamente censurou nas primeiras versões dos *Diários*, como sabemos pelas investigações subsequentes de outros biógrafos.

Segue então a seguir o relato a Milena de sua primeira experiência sexual com uma balconista de loja, que parece mais um autoflagelo. Aos vinte anos e evitando o contato sexual, com o corpo em chamas de excitação, com um imenso asco da sujeira e obscenidade que envolvem o sexo, reconhece, nesse testemunho, que é precisamente essa impureza, intrínseca à sexualidade, que o tentara.

Se se delimita medo e desejo (*strach*, *touha*) como você faz na última carta, então a pergunta não é fácil, mas de simplíssima resposta. Então eu só tenho medo (*strach*). E isso é assim: recordo a primeira noite. Vivíamos na *Zeltnergasse*, em frente havia uma venda de confecções, à porta costumava aparecer uma vendedora, eu tinha mais ou menos vinte anos e passeava incessantemente em meu quarto, acima, ia e vinha estudando nervosamente todas estas coisas, para mim sem sentido, que exigia o programa do primeiro ano. Era no verão, fazia muito calor, um tempo realmente insuportável, me detinha a cada instante junto à janela, com o repugnante direito romano entre os dentes, por fim começamos a entender-nos por sinais. Eu tinha de ir buscá-la ao anoitecer, às oito, mas quando descí já havia outro, isso não mudava muito

⁸⁹⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/08/1920, p. 230-232.

⁸⁹⁶ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 40.

⁸⁹⁷ “Frase censurada por Brod, Diários 1910”. KAFKA *apud* KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 41; *Diários* -Diários de viagem (Relógio d’Água), 1910, p.13.

as coisas; eu tinha medo do mundo inteiro, também desse homem; se não tivesse estado ali, também teria tido medo dele. Embora a jovem lhe desse o braço, fez-me sinal de que os seguisse. Chegamos assim à *Schützeninsel*, onde bebemos cerveja, eles em uma mesa, eu em uma mesa próxima; depois fomo-nos, eu seguindo-os, lentamente, até à casa da jovem, mais ou menos pelo *Fleischmarkt*; ali o homem se despediu, a jovem entra rapidamente; espero um instante, depois ela sai para me encontrar e fomos para um hotel da *Kleinseite*. Tudo isso, mesmo antes de chegar ao hotel, era excitante, encantador e horrível, do mesmo modo no hotel. E, pela manhã, estava ainda quente e belo, enquanto voltávamos para casa, passando pela *Karlsbrücke*, me sentia, não obstante, feliz; mas essa felicidade consistia apenas em que por fim se tivesse acalmado meu corpo sempre atormentado, e mais, a felicidade consistia fundamentalmente em que tudo isso poderia ter sido ainda mais repugnante, ainda mais imundo. Tornei encontrar-me com a jovem uma vez mais, creio que duas noites depois, tudo saiu tão bem como da primeira vez, mas como saí logo depois em férias, em cujo transcurso me interessei um pouco por outra moça, quando voltei a Praga já não queria ver mais a vendedora, nunca mais voltei a dirigir-lhe a palavra, tinha-se convertido (para mim) em minha pior inimiga; contudo era uma jovem amável e de bom caráter; constantemente me seguia com o olhar, sem compreender. Não direi que o único motivo da minha inimizade (com certeza não foi este) tenha sido o fato de que no hotel, com toda a inocência, a jovem tivesse realizado uma pequeníssima coisa repugnante (que não vale a pena mencionar), tivesse dito uma mínima obscenidade, embora exteriormente desnecessárias, no fundo formavam uma parte muito necessária do todo, e que justamente essa repugnância e essa obscenidade (cujo diminuto sintoma havia sido o pequeno gesto a pequena palavra) era o que me havia levado com tão demente poder a esse hotel, que de outro modo eu teria evitado com minhas derradeiras forças. E como foi dessa vez, continuou sendo-o sempre. Meu corpo, às vezes silencioso durante anos se sentia de repente agitado até não poder dormir de noite, por esse desejo de uma pequena, de uma bem definida abominação, de algo levemente repugnante, penoso, imundo; mesmo no que para mim era o melhor que o mundo podia dar-me, havia sempre algo disso, certo mau odor leve, algo sulfuroso, algo infernal. Esse impulso tinha algo do eterno judeu, insensatamente arrastado, insensatamente vagando por um mundo insensatamente imundo.⁸⁹⁸

Mas o ideal que Kafka anseia parece ser o amor purificado de todo desejo; é ver-se livre de toda a sujeira do sexo, mesmo (e principalmente) diante da mulher amada. Na mesma carta lemos:

Mas também havia épocas em que o corpo não permanecia quieto, em que nada estava quieto e, que, contudo, não estava sob pressão; era uma vida boa, tranquila, apenas perturbada pela esperança (conheces melhor perturbação?). Nesses períodos, durassem quanto durassem, eu sempre estava *só*. Pela primeira vez na minha vida há períodos *desse gênero*, nas quais *não estou só*. Por isso, não somente sua proximidade física, mas você mesma é tranquilizadora-intranquilizadora. Por isso, não tenho nenhum desejo de imundices (durante a primeira metade de minha permanência em Merano, dia e noite, contra minha própria e declarada vontade, fazia planos para seduzir – algo pior – a camareira, para o final de Merano, caiu-me nas mãos uma jovem muito disposta a se entregar a mim, mas, por assim dizer, – tive de traduzir primeiro suas palavras para o meu idioma para chegar a entendê-la), realmente não vejo nenhuma imundice, nada desse gênero existe para mim que me atraia exteriormente, apenas o que suscita a vida interior, enfim, há algo do ar que se respirava no Paraíso antes da Queda. Apenas um pouco desse ar, por isso falta “desejo” (*touha* – em tcheco), nem todo aquele ar, por isso existe “medo” (*Angst*). Assim já fica sabendo. E por isso, ainda que tivesse “medo” de uma noite em Gmünd,

⁸⁹⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 8-9/08/1920, p. 225-227; Kafka *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 83-84; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 140-142.

era apenas o “medo” (*Angst*) comum – aí, basta o comum – que sinto também em Praga, não era um medo especial de Gmünd.⁸⁹⁹

Essa não é uma missiva qualquer. Kafka considera o valor desse registro e ainda acrescenta na mesma carta: “Hoje não remeterei nada anexo, amanhã sim. Esta carta é, afinal de contas, *importante*, quero que a receba sem perigo de que se perca”.⁹⁰⁰

Com Felice, assim como com seus amores da juventude, a vertente terna e amorosa conseguia afastar sua noiva com maior êxito dos desejos sexuais a ponto de impedir Kafka de fazê-la sua. Com Julie, a promessa e a espera pelo casamento pareciam colocar barreiras ao sexo. Já com Milena, sua amada tradutora, parece que se trava uma luta mais acirrada entre o amor e o desejo sexual. Acompanhando a correspondência com Milena, vemos Kafka, por amor a uma mulher, no afã de preservar o afeto em sua pureza, por um tempo afastar do corpo os desejos baixos, as “ordens do diabo”. Porém, muito lucidamente, Kafka não tarda a perceber o quanto sua ânsia de pureza está comprometida na origem: “Sou impuro, Milena, infinitamente impuro, eis porque falo tanto de pureza. Ninguém canta com tanta pureza como aqueles que estão no inferno mais profundo; são deles os cantos que tomamos como o canto dos anjos”.⁹⁰¹ E ainda declara algumas cartas depois:

yo vivo en mi impureza, eso es asunto mío. Pero querer mezclarte a ti también en ello, eso es otra cosa, no sólo como desconsideración hacia ti, eso es lo menos importante, no creo que una falta de consideración hacia otro, en la medida en que sólo concierne al otro, pudiera quitarme el sueño. Así que no es eso. Lo horrible es, por el contrario, que, a tu lado, soy mucho más consciente de mi suciedad y –sobre todo– que así la salvación se vuelve mucho más difícil para mí, no, mucho más imposible (imposible lo es de todos modos, pero aquí lo imposible se intensifica). Eso me hace sudar de angustia; no se trata en absoluto de que tú, Milena, tengas culpa alguna.⁹⁰²

Kafka, tão atento e sensível ao que lhe ocorre, não pode negar o quanto o apetite sexual, queimando o corpo, está presente: “Aquele ‘um pouco mais tranquilo’, ao qual se contrapõe o s. {sexo}. Libertação ou agravamento, como se queira”.⁹⁰³ Abordando a questão do sexo, cabe retomarmos o diálogo imaginário de Kafka com Milena em sua escrita testemunhada pelos *Diários*. “O s. {sexo} me persegue, me atormenta dia e noite; para satisfazê-lo teria que vencer o temor e a vergonha e talvez também a tristeza”.⁹⁰⁴ E ainda a anotação nos *Diários* dois anos

⁸⁹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 8-9/08/1920, p. 227-228; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 142.

⁹⁰⁰ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 8-9/08/1920, p. 228; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 142.

⁹⁰¹ KAFKA. *Lettres à Milena*, 26/08/1920, p. 203; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 257.

⁹⁰² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 20/09/1920, p. 300-301.

⁹⁰³ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), 18/01/1922, p. 546. A palavra “sexo”, por vezes aparece abreviada nos *Diários*.

⁹⁰⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé), 18/01/1922, p. 386; *Diários* (Relógio D’Água), p. 547.

mais tarde. “Que fizeste com o dom (dádiva) do teu sexo? É um fracasso, no fim é tudo o que vão dizer. Mas poderia ter sido facilmente um sucesso”.⁹⁰⁵ Como já lembramos com Foucault, se todo corpo sofre necessariamente de alguma utopia, o corpo estranho e sem lugar de Kafka parece estar mergulhado nela e, por não conseguir erotizar a carne de seu corpo a ponto de fazer o amor em sua tatibilidade, somente o amor incorpóreo não pode aliviá-lo dessa infinita utopia. Foucault nos diz em seguida como o ato de amor dá lugar ao corpo tornando-o presente.

fazer amor é sentir o corpo refluir sobre si, é existir, enfim, fora de toda utopia, com toda densidade, entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir, contra os lábios do outro os nossos se tornam sensíveis, diante de seus olhos semicerrados, nosso rosto adquire uma certeza, existe um olhar, enfim, para ver nossas pálpebras fechadas. O amor, também ele, como o espelho e como a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a como se numa caixa, tranca-a e a sela. [...] se amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está aqui.⁹⁰⁶

Entrementes, se o encontro erótico resta utópico para Franz, lembra Daniel Desmarquest que, por outro lado, em seus romances e narrativas, “Kafka, o moderno, dá à sexualidade seu devido lugar, sem mascarar”.⁹⁰⁷ Ele vive o encontro sexual na terceira pessoa dos personagens, no corpo de seus romances. Essa é a hipótese de mais de um comentarista, como Stach⁹⁰⁸ e Robert.

O manuscrito d’*O castelo* constitui uma prova material de que, para Kafka, “eu”, “ele” e “K” são personagens intercambiáveis; ali se encontra uma primeira versão em “eu” que vai mais ou menos até a metade do segundo capítulo. K. só aparece nesse momento, quando a ação conseqüentemente, já está bem avançada. Mas, como na realidade as duas pessoas são uma mesma, Kafka não tem que fazer muita coisa para unificar as duas versões: Basta-lhe por na primeira um K em lugar do “eu” e fazer que os verbos concordem com esse leve arranjo.⁹⁰⁹

Segundo alguns autores como Milan Kundera, Brod, seguido de alguns biógrafos, se dedicou a fazer uma espécie de canonização da Kafka, “Um santo do nosso tempo, um verdadeiro santo”.⁹¹⁰ Uma linhagem biográfica que mistifica sua “pureza” silenciosa e se aferra

⁹⁰⁵ KAFKA. *Diários* (Difel), 18/01/1922, p. 355; *Diários* (Relógio D’Água), p.546-547. Citado também no cap. 3: A saída pela doença, em “A ferida do sexo”.

⁹⁰⁶ FOUCAULT. *O corpo utópico, as heterotopias*, p. 16.

⁹⁰⁷ DESMARQUEST. *Kafka et les Jeunes filles*, p. 16.

⁹⁰⁸ “A pesquisa trouxe nova vida ao *Castelo* de Kafka, disse Stach. No manuscrito de Kafka para o romance, publicado postumamente em 1926, é visível que Kafka escreveu originalmente em primeira pessoa até chegar na primeira cena de sexo – a partir de então ele muda para terceira pessoa”. Stach, em entrevista. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/dec/05/kafkas-sexual-terrors-were-absolutely-normal-says-biographer>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

⁹⁰⁹ ROBERT. *Franz Kafka o la soledad*, nota 12, p. 21.

⁹¹⁰ Brod *apud* KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 34.

em desconhecer a sexualidade nada romântica com que Kafka , assim como Joyce, arrasta a literatura também em suas narrativas.

Os romances do século XIX, apesar de saberem analisar magistralmente todas as estratégias amorosas, deixavam ocultas a sexualidade e o próprio ato sexual. Nas primeiras décadas do século XX, a sexualidade sai das brumas da paixão romântica. Kafka foi um dos primeiros (certamente com Joyce) a descobri-la em seus romances. Ele não nos revela a sexualidade como território de jogos destinados a um pequeno círculo de libertinos (à maneira do século XVIII), mas como uma realidade banal e fundamental da vida de cada um de nós.⁹¹¹

Nos *Diários*, Kafka não poupa nem os pais da sujeira conjugal. Em um rascunho de uma carta a Felice, vemos o quanto a intimidade do casal, o fato de ter nascido do encontro sexual o perturba.

A visão da cama de casal na casa de meus pais, a roupa de cama usada, os camisolões cuidadosamente preparados para a noite, podem exasperar-me até a náusea, podem virar-me do avesso. É como se eu não tivesse nascido definitivamente, como se viesse ao mundo incessantemente a partir dessa vida torpe, desse quarto torpe, como se devesse buscar constantemente a confirmação de minha existência, como se estivesse indissolúvelmente ligado a essas coisas repugnantes, em parte senão totalmente; pelo menos isso ainda se agarra a meus pés que só querem correr e que, no entanto, estão ainda bem presos a esse caldo original [polpa primitiva]. (*ersten formlosen Brei*).⁹¹²

Na trilha de Kundera, reconhecemos que “Kafka revela os aspectos existenciais da sexualidade: a sexualidade opondo-se ao amor”, pois essa não conciliação era algo que muito o afligia (lembramos aqui o assalto de J. K. à Srta. Bürstner em *O processo*); “as diferenças do outro como condição, como exigência da sexualidade” (encontro com Leni n’*O Processo*); “a ambigüidade da sexualidade: seus aspectos excitantes e ao mesmo tempo repugnantes”; (A cozinheira Johanna Brummer e Brunelda em *Amerika*); “sua terrível insignificância que não diminui absolutamente seu poder assustador”⁹¹³ (o arrebatamento vivido com Frieda em *O castelo*).

Seguem ainda alguns trechos nos quais a sexualidade dos corpos brota mais explicitamente nos relatos. Na cena final do primeiro capítulo d’*O Processo*, K busca conversar com sua vizinha a Srta. Bürstner, datilógrafa, que segundo a dona da pensão tinha hábitos noturnos suspeitos. O quarto da senhorita tinha sido vasculhado pelos dois homens, na manhã em que K. foi vítima da acusação. K. não tinha nenhuma atração especial pela senhorita

⁹¹¹ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 41.

⁹¹² KAFKA. *Diários* (Emecé), 18/10/1916, p. 353-354; *Diários* (Difel), p. 329.

⁹¹³ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 41 (as referências entre parênteses são da autora).

Bürstner, mas sentiu-se próximo dela. Esperando-a chegar à noite em seu quarto, chamou-a para uma conversa. Depois de um diálogo tenso, K. ainda está muito aflito, mas a senhorita está cansada e preocupada em não acordar o capitão, que dorme no aposento próximo, e pede para K. ir embora.

– Já vou – disse K.; correu para frente, agarrou-a, beijou-a na boca e depois no rosto inteiro, como um animal sedento que passa a língua sobre a fonte de água finalmente encontrada. Beijou-a por fim no pescoço, bem na garganta, e deixou os lábios ficarem ali longo tempo. Um ruído vindo do quarto do capitão fez com que ele erguesse os olhos. – Agora vou embora – disse, querendo chamar a senhorita Bürstner pelo primeiro nome, mas não o conhecia.⁹¹⁴

Em outro momento, ainda n’O *Processo*, com a ajuda de um tio (a frequente figura de um tio), K. procura ajuda jurídica e encontra Leni, enfermeira/amante, que cuida do advogado enfermo que lhe é indicado. Em particular, Leni mostra a K sua deformidade: tem dois dedos unidos por uma membrana. K brinca com seus dedos e beija sua “bonita garra”. Dessa vez é Leni, que o assalta: “– Oh! – bradou ela imediatamente – O senhor me bejhou! Rápida, com a boca aberta, ela escalou com os joelhos o colo de K. Ele a olhava quase aterrado; agora que estava tão perto dele, saía dela um cheiro acre, excitante, como se fosse de pimenta; ela pegou sua cabeça, vergou-se por cima dela, mordendo e beijando o pescoço de K., até mesmo os cabelos”.⁹¹⁵

Do romance *Amerika* surge mais uma vez o erotismo com traços cada vez mais grotescos. O poder atrativo do repugnante aparece ainda mais explicitamente na personagem Brunelda, cantora obesa e cheia de caprichos que, em sua fartura de corpo e outros excessos, a um só tempo repulsiva e sedutora, aproximará Kafka de Federico Fellini. O grande cineasta italiano não deixou de ver a afinidade dessa figura kafkiana com a sexualidade felliniana das mulheres fartas e poderosas, ícones consagrados de seus filmes. É Kundera que realça esse encontro. “A jóia erótica de *América* é Brunelda. Ela fascinou Federico Fellini. Há muito tempo, ele sonha em fazer um filme de *América*”. Em seu filme *Entrevista*, “ele nos mostrou a cena da seleção para o elenco desse filme sonhado [...] com aquele exuberante prazer que conhecemos”.

⁹¹⁶

Nesse mesmo romance, que também carrega o nome de *O desaparecido*, lembramos que toda a saga do exílio de Karl Rossmann começa com a cena tragicômica do roubo sexual

⁹¹⁴ KAFKA. *O processo* (Carone, ed. Globo), p. 32.

⁹¹⁵ KAFKA. *O processo* (Carone, ed. Gobo), p. 107.

⁹¹⁶ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *os testamentos traídos*, p. 42.

que Karl sofre aos 16 anos de uma criada de 35 anos de idade pela qual não nutria nenhum afeto.

às vezes ela fechava a porta depois de Karl ter entrado e segurava a maçaneta com a mão até ele exigir que o deixasse sair. Às vezes ela lhe trazia coisas que ele nem sequer desejava e, sem dizer nada, enfiava por entre suas mãos. Mas uma vez ela disse “Karl!” e, enquanto ele ainda permanecia admirado com a abordagem inesperada, ela o levou, fazendo caras e bocas, ao seu quartinho, e trancou a porta. Abraçou-o, agarrando-o pelo pescoço, quase o estrangulando; e enquanto pedia que a despisse, na realidade era ela quem o despia e o deitava na cama, como se a partir de então não quisesse deixá-lo para mais ninguém e quisesse acariciá-lo e cuidar dele até o fim dos tempos. “Karl, oh meu Karl!”, exclamou ela, como se ao vê-lo se certificasse de sua propriedade, ao passo que ele não via absolutamente nada e se sentia desconfortável em meio à roupa de cama quente, que ela parecia ter amontoado única e exclusivamente para ele. Em seguida ela também se deitou a seu lado e queria saber de algum dos seus segredos, mas ele não conseguiu contar nenhum e, de brincadeira ou a sério, ela ficou zangada e sacudiu-o, auscultando seu coração, oferecendo seu próprio peito para que ele escutasse também, coisa que não conseguiu que ele fizesse; apertou a barriga nua contra o corpo dele, procurou com a mão de uma maneira tão repulsiva entre as suas pernas, que Karl esticou a cabeça e o pescoço para fora dos travesseiros; ela então empurrou algumas vezes sua barriga contra ele mesmo – ele teve a sensação de que ela fosse parte de si mesmo, e talvez por esse motivo foi tomado por uma terrível sensação de desamparo. Chorando, ele chegou finalmente até sua própria cama, depois dos muitos pedidos da parte dela para voltarem a se ver.⁹¹⁷

Observa Kundera que “Esta modesta cópula é a causa de tudo que vai se seguir no romance”.⁹¹⁸ E acompanhando Kundera na leitura do Kafka felliniano, essa cena evoca por demais o episódio da sedução opressiva das carnes femininas que sofre o adolescente em *Amarcord*, ao iniciar sua vida sexual.

Entretanto, ainda na companhia de Kundera, podemos dizer que

A mais bela cena erótica que Kafka escreveu está no terceiro capítulo d’*O Castelo*, no qual, até então, escrevendo na primeira pessoa, Kafka introduz a terceira: o ato de amor entre K. e Frieda. Logo na apresentação da moça, temos a ambiguidade: Suas mãos eram, com efeito, pequenas e delicadas, mas poderiam igualmente ser descritas como frágeis e insignificantes.⁹¹⁹

Uma moça que não atraía a atenção, pequena e loira, de traços tristes e maçãs magras”. Uma empregada, “mas que surpreendia pelo olhar, um olhar de especial superioridade”.⁹²⁰

– Querido, meu querido! – ela sussurrou, mas não tocou K.; como que desmaiada de amor, ela ficou deitada de costas e estendeu os braços, sem dúvida o tempo era infundável diante do seu amor feliz, ela suspirava – mais do que cantava – alguma pequena canção. [...]. Eles se abraçaram, o pequeno corpo ardia nas mãos de K., eles

⁹¹⁷ KAFKA. *O desaparecido ou Amerika*, p. 35.

⁹¹⁸ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In *Os testamentos traídos*, p. 42.

⁹¹⁹ KAFKA. *O castelo*, p. 48.

⁹²⁰ KAFKA. *O castelo*, p. 45.

rolaram, num estado de esquecimento do qual K. tentava contínua mas inutilmente se livrar;[...] depois ficaram deitados nas pequenas poças de cerveja e outras sujeiras que cobriam o chão. Ali passaram-se as horas, horas de respiração confundida, de batidas comuns do coração, horas nas quais K. tinha sem parar o sentimento de que se perdia ou estivesse numa terra estranha como ninguém antes dele, uma terra estranha na qual até o ar não tinha nada de familiar e em cujas tentações sem sentido não era possível fazer nada senão ir em frente e continuar se perdendo.⁹²¹

O amor de um lado e o sexo, apartado, de outro. Enquanto Kafka vivia uma paixão recíproca e não consumada com Milena, escrevia essa cena com Frieda, a empregada. Depois desse encontro, Frieda, a amante de Klamm, não quer mais responder ao chamado deste e está com K., o agrimensor. Como comenta Kundera, algumas linhas adiante lemos: “– Não pense que eu vou, nunca mais irei para ele. K. quis contradizê-la, queria forçá-la a ir para Klamm, começou a recolher os restos da sua blusa, mas não conseguia dizer nada, estava extremamente feliz em conservar Frieda consigo, bastante receoso e feliz ao mesmo tempo, pois parecia-lhe que, se Frieda o deixasse, tudo o que ele tinha o abandonaria”.⁹²²

A cena de sexo é essa temida e desejada perdição em que K. se perde, e tudo pode se perder. Não poderia ser mesmo esse o grande “medo” de Kafka, o de se abandonar sem resgate possível, de diluir sua existência, em algo muito diferente do amor? Porque “Afinal, isso é amor? Não, não é amor; se estamos banidos de tudo, desprovidos de tudo, uma mulherzinha que mal se conhece, possuída no meio das poças de cerveja, torna-se um universo inteiro – sem nenhuma intervenção do amor”.⁹²³

Mas não é apenas Brod que pretendeu cristalizar a imagem de Kafka em um ideal de pureza. Depois do grande amigo, outros biógrafos dedicaram-se a manter uma sacralização da suposta pureza. A seguir temos uma foto de Kafka que é divulgada muito comumente de forma mutilada, ou fora do contexto, como aponta Calasso. Curioso isso acontecer logo com Kafka, que achava um “pecado” recortar fotos.⁹²⁴ A fotografia original mostra bem que quem o acompanha é a “Artista” ou “Modista”, como se apresentava a adorável Hansi Julie Szokoll (chamada *liebe H* nos *Diários*), garçone de uma taberna. Brod revela que Kafka teve com ela uma relação infeliz que o fez sofrer e que durou alguns meses. Em carta ao amigo de 1908,⁹²⁵ Franz conta ainda que gostou de ver seu “corpo de menino” (*Bubenkörper*) no sofá sob a coberta

⁹²¹ KAFKA. *O castelo*, p. 52.

⁹²² KAFKA. *O castelo*, p. 53.

⁹²³ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 44.

⁹²⁴ Kafka. *Cartas a Felice* (Alianza), 27/11/1912, p. 129.

⁹²⁵ KAFKA. Carta a Max Brod, 09/06/1908. In: *Correspondance, 1902-1924*, p. 75.

vermelha. Corpo, segundo Kafka, pelo qual “havia passado regimentos inteiros de cavalaria”.⁹²⁶

Figura 37 – Foto de Kafka (detalhe da foto seguinte) que é divulgada muito comumente de forma mutilada, ou fora do contexto.



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 44.

⁹²⁶ CALASSO. Disponível em: <La%20foto%20más%20bella%20pero%20más%20mutilada%20de%20Franz%20Kafka.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Figura 38 – Foto original de Kafka com Hansi



Fonte: CALASSO. La%20foto%20m%C3%A1s%20bella%20pero%20m%C3%A1s%20mutilada%20de%20Franz%20Kafka.htm. Acesso em: 24 fev. 2018.

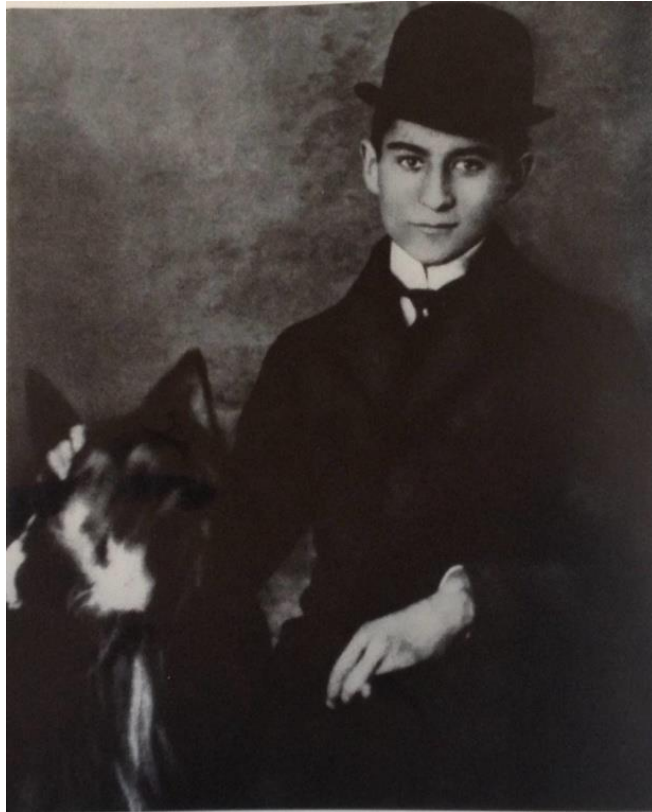
A foto a seguir, além de recortada para eliminar a imagem da amiga (Figura 39), chegou ainda a ser retocada, aparecendo adulterada no catálogo da exposição feita pela Academia das Artes de Berlim em 1968. A maior parte das fotos expostas foi colecionada durante quinze anos por um dos grandes e primeiros biógrafos de Kafka, Klaus Wagenbach. Entre as fotos compiladas e organizadas por ele do seu arquivo particular, encontramos a mesma foto anterior (Figura 38), porém não só mutilada, mas recomposta como está a seguir. Temos a legenda para a foto: Kafka (sexual).

Apesar de a tendência à mitificação dos primeiros biógrafos ir no sentido de transformar Kafka em um santo, essa imagem, como vimos, não se mantém. Além do ensaio de Kundera, um estudo mais recente de James Hawes descobre que Kafka, paralelamente às visitas a bordéis, assinava duas revistas pornográficas.⁹²⁷ Mas o trabalho de Hawes, como acontece frequentemente com Kafka, cai no extremo oposto, considerando as biografias de grandes estudiosos alemães de tom sombrio “um lixo”,⁹²⁸ obras de quem não soube ler Kafka. Estes extremismos, em que vemos oscilar a imagem do nosso autor, recordam-nos a pergunta de Kafka a Felice: “Afinal, quem sou eu?”

⁹²⁷ Lembramos que n’*O processo* K. descobre desenhos obscenos de um homem e uma mulher nus quando abre um dos livros das leis que pertenciam ao juiz e comenta: “– Estes são, pois, os códigos estudados por aqui – disse K. –, e é por homens assim que devo ser julgado.” KAFKA, *O processo*, p. 70.

⁹²⁸ “Unfortunately, they are all rubbish.” HAWES. *Excavating Kafka*, p. 7.

Figura 39 – Foto de Kafka mutilada e retocada



Fonte: WAGENBACH. *Catálogo da exposição Franz Kafka (1883-1924)*, p. 44.

CAPÍTULO 3 – KAFKA E A SAÍDA PELA DOENÇA

Mas de todo esse drama cotidiano do corpo não há registro algum.⁹²⁹

O mundo de Franz Kafka é considerado por ele e por seus inúmeros leitores e comentadores, sobretudo depois de Adorno, um “mundo sem saída”, mas como entre eles encontramos a sensibilidade singular de escritores consagrados, estes nos ensinam que Kafka não só denuncia o cárcere, mas faz a arte dos encurralados. Borges chega a trazer isso como uma vantagem: sua homenagem é dizer que “a mais indiscutível virtude de Kafka é a invenção de situações intoleráveis”.⁹³⁰ Aos 34 anos, quando Kafka recebeu o diagnóstico de tuberculose, o que de início era, na época, endêmico e preocupante, revela-se fatal na forma como a tísica avança sobre ele e no modo como ele abraça a doença em sua vida. Kafka, contemporâneo e leitor de Freud, vai se indagar sobre o sentido e a função da tuberculose. É com lucidez apaixonada que empreende a investigação sobre seu adoecimento, no que se revela como um bem, uma saída ao mesmo tempo triste e poética, mas não única.

Comentaristas alertam que quem se dedica a escrever sobre o escritor tcheco Franz Kafka, só repete uma evidência “dizendo que não se pode separar sua obra nem do contexto histórico, nem da vida do autor”.⁹³¹ Mas, por ser o óbvio aquilo que tão frequentemente não se vê, vamos insistir nessa evidência e acrescentar que, em Kafka, há ainda uma particular intensidade com que o homem faz corpo com a sua escrita. Sua famosa já citada frase “Sou apenas literatura”⁹³² é de uma literalidade radical: tudo parece se escrever em Kafka. Sua expressão é também sua secreção escrita. Seu adoecimento não tem outro destino: a pena. O corpo, “deserto de gozo”⁹³³ desafetado, pano de fundo em condições normais, ao entrar em sofrimento, ganha primeiro plano; no desejo, na angústia, na dor, na doença, o corpo destaca-se: “Há incontestavelmente gozo no nível em que começa a aparecer a dor e nós sabemos que somente neste nível da dor que pode se experimentar toda uma dimensão do organismo que de outra forma fica velada.”⁹³⁴ Freud vê o quanto a sensação dolorosa pode ter uma função na percepção do próprio corpo: “a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela

⁹²⁹ WOOLF. Sobre estar doente. In: *O sol e o peixe*, p. 68.

⁹³⁰ BORGES. Franz Kafka: a metamorfose. In: *Prólogos com um prólogo dos prólogos*, p. 122.

⁹³¹ MOREL; ASHOLT. Avant Propos. In: Franz Kafka, *L’Herne*, p. 12.

⁹³² “Porque não sou mais que literatura, e porque não posso nem quero ser mais do que literatura”. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 18/10/1921, p. 356; *Diários (Emecé)*, p. 219; *Cartas a Felice (Alianza)*, p. 439.

⁹³³ LACAN. Da psicanálise em suas relações com a realidade (1967). In: *Novos escritos*, p. 357.

⁹³⁴ LACAN. O lugar da psicanálise na medicina, p. 12.

qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à ideia de nosso corpo.”⁹³⁵ Sobre a condição de estar sob alguma enfermidade nos diz Virginia Woolf, em seu ensaio “Sobre estar doente”: “O dia todo e a noite inteira o corpo interfere.” O sujeito se mostra não apenas dividido, mas em luta com seu corpo: “A criatura que vai dentro [...] não pode nem por um instante separar-se do corpo como a bainha da faca ou a vagem do grão.”⁹³⁶

Entretanto o sentir-se mal pode ter uma gama variada de sentidos e funções.

O mal-estar físico tem uma função precoce na vida de Kafka. Neste trecho vemos o quanto ela lhe serve para obter cuidados de sua mãe, uma clara demanda de amor: “Há bastante tempo já que eu me lastimo de me sentir sempre mal sem jamais sofrer de uma doença concreta que me force a permanecer na cama. Este desejo vem indubitavelmente em grande parte de conhecer quanto à presença de minha mãe pode consolar.”⁹³⁷

Em carta a Felice, vivendo um resfriado, não deixa de ver ainda outros benefícios:

Padecer uma enfermidade pequena, fugaz e passageira é algo que constitui para mim um prazer a que aspiro desde minha infância, e que raramente alcancei. É uma interrupção do impiedoso curso das coisas, e que ajuda a este ser desgastado e devidamente carregado pelo tempo a conseguir um pequeno renascimento, coisa que almejo há muito e verdadeiramente. E mesmo que não fosse para isso, Felice, para que a pessoa com quem você se corresponde seja mais digna de ser amada, para que aprendesse a se dar conta de uma vez por todas de que você é por demais preciosa para atormentá-la continuamente com lamentações.⁹³⁸

Eis como Kafka conta o surgimento de sua doença para Milena, que se diz golpeada pelo mesmo mal, espelhando o sofrimento dele nas cartas. Consolando a querida amiga, Kafka trata a tuberculose claramente como uma enfermidade não muito assustadora, pois ela

mostra-se benigna com você, e mesmo uma verdadeira afecção pulmonar (meia Europa ocidental tem os pulmões mais ou menos afetados), que eu venho sofrendo há três anos, me fez mais bem do que mal. Há uns três anos começou com um vômito de sangue. Ergui-me desconcertado, como sempre nos desconcerta uma novidade (em vez de permanecer deitado como depois me receitaram) e, naturalmente também um pouco assustado; ia à janela, debruçava-me, voltava ao lavatório, dava voltas pelo quarto, deitava-me; o sangue não cessava. Não me sentia muito infeliz, porque pouco a pouco percebia, por razões muito definidas, que depois de três anos, quase quatro, de insônia, poderia pela primeira vez dormir, supondo que cessasse a hemorragia. Cessou (não se repetiu nunca mais por outro lado), e pude dormir durante toda a noite. Pela manhã entrou a criada (nessa época eu vivia no Schönborn Palais) uma boa moça muito sacrificada, mas notavelmente realista; viu o sangue e me disse: “Senhor doutor,

⁹³⁵ FREUD. O Ego (Eu) e o id (Isso), p. 40.

⁹³⁶ WOOLF. Sobre estar doente. In: *O sol e o peixe*, p. 68.

⁹³⁷ KAFKA. *Diários* (Itatiaia), 24/10/1911, p. 77; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 65.

⁹³⁸ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 7/01/1913, p. 231; *Lettres à Felice*, p. 266.

o senhor não vai durar muito.” Mas eu me sentia melhor que antes, fui para o escritório e não consultei o médico até à tarde.⁹³⁹

Em carta a Felice de 9 de setembro de 1917, de Zürau, seu refúgio no campo com sua irmã Ottla, comunica à noiva sua doença diagnosticada depois de uma hemoptise noturna, descrevendo-a com serenidade:

Como complemento, e para que não creias que me encontro particularmente mal: nada disso, pelo contrário. Certamente tusso desde aquela noite, mas não muito. De vez em quando tenho um pouco de febre, algumas vezes transpiro um pouco durante a noite, sinto a respiração um pouco curta, mas em geral me encontro muito melhor que a média dos últimos anos. As enxaquecas desapareceram, e desde às 4:00 daquela madrugada durmo quase melhor que antes. Até agora, as dores de cabeça e a insônia são as piores coisas que conheço.⁹⁴⁰

É assim que Kafka se descobre tuberculoso, contraindo, ao mesmo tempo, um alibi para romper pela segunda e última vez com Felice Bauer. Estamos em 1917. Não foram poucas as mortes ocasionadas pela doença em todo o mundo na virada do século XIX para o XX. Mas o mal tem em Kafka uma virulência específica. Com a lucidez que lhe é característica, ele percebe que sua doença tem uma função e busca entendê-la e decifrá-la. Neste capítulo pretende-se acompanhá-lo nessa investigação.

3.1 Cair doente: a ferida aberta

ler é emprestar sua ferida para receber a ferida do outro⁹⁴¹

‘ferida’ é um dos motivos mais frequentes de Kafka⁹⁴²

No texto já mencionado, Woolf comenta com pertinência que “parece estranho que a doença não tenha encontrado o seu lugar, junto com o amor, o ciúme e a batalha, entre os temas primais da literatura”⁹⁴³. Entre os raros escritores que se dedicam à doença ou que não negligenciaram o sofrimento do corpo, temos Proust, mas entre eles está também Kafka, que se dedica a escrever tudo o que lhe ocorre, da superfície às entranhas.

Mesmo dedicado em construir um corpo próprio, Kafka, em seu sofrimento, parece distante da subversão do “corpo sem órgãos”, prática de rebeldia, potência de existir em devir que propõe Deleuze,⁹⁴⁴ contrária à máquina de produção utilitária na qual um corpo pode se

⁹³⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 15-16; *Cartas a Milena* (Alianza), 04/1920, p. 31.

⁹⁴⁰ KAFKA. *Lettres à Felice*, p. 870; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 776.

⁹⁴¹ PESSANHA *apud* BAETA. *Novo Dicionário de Migalhas da Psicanálise Literária*, p. 17.

⁹⁴² HELLER. *Kafka*, p. 19.

⁹⁴³ WOOLF. Sobre estar doente. In: *O sol e o peixe*, p. 185-185.

⁹⁴⁴ No *Anti-Édipo* e em *Mil platôs*.

transformar. Diferentemente, Kafka parece estar quase todo o tempo submetido ao organismo, em seu bom e em seu mau funcionamento. Seu corpo parece mais um inferno repleto de órgãos que não se entendem, ou que funcionam e não funcionam à revelia. Nos *Diários*, na tormenta da decisão de se casar ou não com Felice, lemos:

Não tens a menor ideia do que pode ser bom para ti. Hoje, por exemplo, dois pensamentos de igual força e valor confrontaram-se dentro de ti à custa do teu coração e da tua cabeça, estavas igualmente preocupado com os dois; daí a impossibilidade de fazer especulações. Que ficou? Nunca mais te degrades ao ponto de te tornares em campo de batalha de uma luta que se desenrola sem se importar contigo e da qual apenas sentes as terríveis estocadas dos guerreiros.⁹⁴⁵

Em carta a Milena, apaixonado, evitando tocar na questão da relação entre eles, tem a seguinte saída: “Não entro nisso porque a dor nas têmporas está à espreita. Dispararam-me a flecha do amor nas têmporas, não no coração?”⁹⁴⁶

Nos *Diários*, e também na extensa correspondência de Kafka, encontramos muitas referências à sua condição física, ao funcionamento do corpo e dos órgãos, como se estivesse sempre prestes a entrar em colapso, justificando então uma vigilância constante. Conta-nos Pawel que

fora principalmente em estado de hostilidade taciturna em que Kafka observava a si mesmo com aquela apreensão hipocondríaca que, ao menos para Brod, ainda se afigurava “imaginativa e divertida”, enquanto o corpo reagia como reagem todos os corpos mal-amados. Além da histeria adolescente transitória e mais ou menos normal sobre a digestão, a compleição física, a potência, a queda dos cabelos, a curvatura da espinha e os bíceps subdesenvolvidos, Kafka já era morbidamente sensível ao barulho e desenvolvera um medo fóbico de ratos.⁹⁴⁷

Saindo da adolescência e das ilusões, a realidade o deixa só com um corpo de poucas opções. Entrando na idade adulta, as primeiras queixas se referiam ao sistema digestivo: queixa-se de problemas estomacais, indigestão e constipação.

Estou provavelmente doente, desde ontem sinto uma comichão em todo o corpo. De tarde tinha a cara tão quente, cheia de manchas, que ao cortar o cabelo tive receio de que o ajudante de barbeiro, que podia ver perfeitamente a mim e à minha imagem no espelho, dissesse que eu estava gravemente doente. Também a conexão entre o estômago à boca está parcialmente perturbada, uma tampinha do tamanho de um florim me sobe e desce, ou fica embaixo e irradia para cima uma espécie de leve pressão que se expande e sobe-me até o peito.⁹⁴⁸

⁹⁴⁵ KAFKA. *Diários* (Difel), 27/08/1916, p. 327.

⁹⁴⁶ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 28/08/1920, p. 264.

⁹⁴⁷ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 201.

⁹⁴⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 20/10/1911, p. 74; *Diários*– Diários de viagem (Relógio D’Água), p. 59.

Um ano depois desse depoimento, Kafka conhece Felice Bauer. Como vimos, o primeiro encontro com aquela que seria sua noiva por cinco anos foi na casa dos Brod, em Berlim. Ela era parente do melhor amigo de Kafka, Max Brod, e isso pode tê-lo encorajado na abordagem. Porém, no início de sua relação com Felice, Kafka já confessa:

Pode-se dizer que meu coração goza de uma relativa boa saúde, mas não é nada fácil, para um coração humano, resistir à tristeza que produz o escrever mal e a felicidade que produz o escrever bem. Estive nos sanatórios por causa do meu estômago, de uma debilidade geral, e, não a esqueçamos, por causa de uma hipocondria apaixonada por si mesma (*selbst verliebten Hypochondrie*). Mas um dia será necessário que lhe conte tudo com maiores detalhes. Não, eu não confio em médicos famosos; acredito apenas neles quando dizem que não sabem de nada e, mesmo assim, eu os odeio (espero que você não ame nenhum).⁹⁴⁹

No entanto parece que, pelo menos, o amor inicial com Felice apaziguou um pouco seus queixumes. A relação epistolar, antes de se tornar um noivado torturante, parece ter feito muito bem a Kafka. No primeiro ano de namoro, Julie, a mãe de Kafka, lê uma carta de Felice destinada ao filho e, por sua vez, escreve à moça contando um pouco a respeito dele, pedindo ajuda em seus cuidados para com a saúde, mas minimizando consideravelmente seus problemas e idiossincrasias. Brod achou por bem intervir e, em carta de 22 de novembro de 1912, vemos que o amigo tenta fazer um retrato mais fiel de Franz:

A mãe de Franz o ama muito, mas ela não tem a menor ideia do que seja seu filho nem conhece suas necessidades. A literatura é um “passatempo”! Meu Deus! É como se ela nos devorasse o coração; mas é voluntariamente que nós nos sacrificamos. [...] Após anos de tentativas Franz encontrou enfim a alimentação que lhe convém, é o regime vegetariano. Durante anos ele sofreu de dores no estômago, agora ele está melhor de saúde e bem mais alerta do que jamais o vi desde que eu o conheço. Mas naturalmente os pais vêm se envolver até nisso, com um amor banal, eles querem reconduzi-lo à força à carne e com isso fazê-lo recair em suas dores. Acontece o mesmo no que toca as horas de sono. Enfim, Franz encontrou o que precisava, ele pode dormir, cumprir seus deveres nesse escritório absurdo e dedocar-se à criação literária. Mas seus pais... Só posso mostrar-me inflexível nesse particular. Graças a Deus, Franz é dotado de uma feliz obstinação e se mantém aferrado ao que lhe resulta proveitoso. Pois seus pais não querem ver que para um *ser excepcional* (*Ausnahmemenschen*) como é Franz, são necessárias *condições igualmente excepcionais* (*Ausnahmebedingungen*) a fim de que sua delicadeza espiritual não se debilite.⁹⁵⁰

“Ser excepcional” é um tanto ou quanto ambíguo. Isso não escapa a Kafka, que confessa à Felice “essa triste maneira de sair do comum [ser extraordinário] (*Außergewöhnlichkeit*) que é a minha”:

⁹⁴⁹ KAFKA. *Cartas a Felice*, (Alianza), 05/11/1912, p.73; *Cartas a Felice* (Anima), p. 50.

⁹⁵⁰ Carta de Max Brod a Felice Bauer, 22/11/1912. In: KAFKA. *Cartas a Felice*, (Alianza), p. 112; *Cartas a Felice* (Anima), p. 99.

Sem você ao meu lado sou um ser muito miserável e infeliz (*armer und unglücklicher Mensch*); o que há de extraordinário (*außergewöhnlich*) em mim, se é que há, é em grande parte relativo ao sentido ruim e triste da palavra. Você decidiu-o perfeitamente no início de sua carta, mas não se permitiu pensá-lo até as últimas consequências. O que há de extraordinário se ao invés de ir inutilmente a Leimeritz, eu não fui capaz de ir a Berlim.⁹⁵¹

Quando aconteceu a primeira crise em sua relação com Felice, Kafka recorreu a uma amiga da noiva, Grete Bloch, em busca de ajuda. “Almejava ele a presença de Grete Bloch nos esponsais.”⁹⁵² Para Elias Canetti, Kafka, por um tempo, transferiu para ela seu afeto por Felice e com essa amiga manteve também uma não tão longa, mas significativa, correspondência. Antes da viagem de Kafka a Berlim, para que as famílias dos futuros noivos se encontrassem, ele escreve a Grete pedindo a presença dela e faz, da sua própria, uma não muito animadora imagem que chega com a noite: “Minha bagagem estará composta de insônia, peso no estômago, enxaquecas e dores no pé esquerdo, mas ao lado da alegria que terei ao revê-la não pesará demasiado.”⁹⁵³

Em grande parte de sua correspondência com Felice, vemos Kafka constantemente desestimulando a pretendente à vida conjugal, depreciando sua aparência e sua saúde:

Quanto às minhas enxaquecas, nos últimos tempos geralmente são variáveis, e portanto suportáveis, o que não impede que em alguns dias isolados sejam tão horríveis que beiram o martírio. O médico que consultei e que me examinou como o podem fazer os médicos em geral, foi muito agradável. É um homem calmo, um pouco bizarro, mas que inspira confiança por sua idade, sua corpulência (*Körpermasse*) (que você tenha dado sua confiança a uma coisa assim tão comprida e tão magra como eu é algo que para mim ficará sempre incompreensível), então, por sua corpulência (*Körpermasse*) [...], por sua simpatia sem excessos, mas tampouco fingida, por sua modéstia médica, dentre outras coisas mais. Ele declarou não encontrar nada a não ser uma extraordinária excitação nervosa. De todo jeito seus conselhos são muito bizarros: fumar pouco, beber pouco, (mas beber de vez em quando), comer mais vegetais do que carne, de preferência não comer carne à noite, frequentar a escola de natação etc., e à noite recolher-me tranquilamente e dormir. Sobretudo este último conselho soube dá-lo de uma tal maneira que incitava extremamente a segui-lo. Isso foi tudo.⁹⁵⁴

Na *Carta ao pai*, texto que contabiliza uma espécie de acerto de contas com a instância paterna, a preocupação com a saúde também está presente:

Eu me ocupava apenas da preocupação comigo mesmo, mas essa assumia as mais variadas formas. Por exemplo, a preocupação com minha saúde; ela começou de leve, aqui e ali se manifestava um pequeno temor por causa da digestão, da queda do cabelo, de algum desvio na espinha e assim por diante, e isso aumentava em gradações

⁹⁵¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 09 a 10/12/1912, p. 166; *Cartas a Felice* (Anima), p. 169.

⁹⁵² CANETTI. *O outro processo*: as cartas à Felice, p. 73.

⁹⁵³ KAFKA. Carta a Grete Bloch de 29/05/1914. In: KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), p. 597; *Lettres à Felice*, p. 678.

⁹⁵⁴ KAFKA. *Lettres à Felice*, 11/09/1916, p. 801; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 711.

imensuráveis para ao fim terminar em uma doença de verdade. O que significava tudo isso? Não uma doença física na verdade.⁹⁵⁵

Ainda lemos na *Carta*: “[...] Tudo aquilo de que dispunha me espantava como um milagre, por exemplo, minha boa digestão; isso bastava para perdê-la, e logo o caminho para todo tipo de hipocondria estava livre, até que, com o esforço sobre humano de querer casar (ainda vou falar sobre isso), o sangue me saiu dos pulmões.”⁹⁵⁶

Mais tarde, na correspondência com Milena, encontramos outra descrição desse processo nos termos de uma tortura punitiva:

Mencionas mis compromisos matrimoniales y cosas parecidas; fue muy fácil, seguro, el dolor no fue sencillo, pero sí sus secuelas. Era como si hubiera llevado una vida licenciosa y de pronto me hubieran apresado en castigo por toda mi depravación y me metieran la cabeza en un torno, un tornillo en la sien derecha, otro en la izquierda y, mientras me van apretando los tornillos, tuviera que decir: «Sí, continúo con mi vida licenciosa», o «No, la dejo». Claro, vociferaría El «no» hasta reventárseme los pulmones.⁹⁵⁷

Em setembro de 1917, depois de sofrer em fins de agosto uma forte “hemorragia pulmonar”, a tuberculose é diagnosticada. É o amigo Max Brod que insiste com Franz na necessidade de ir ao médico, anotando em seu diário:

24 de agosto. Medidas contra a doença de Kafka. Ele explica-a como psíquica, como salvação do casamento. Chama-lhe sua derrota final! Mas desde então dorme bem. Liberto? – Alma torturada! [...] Só em 4 de setembro convenci finalmente Franz a consultar um médico. Em casos destes, ele era imensamente teimoso, era necessária muita paciência e tenacidade para lidar com ele como devia ser. [...] Sente-se simultaneamente liberto e vencido. Por um lado, em oposição, considero o casamento como um afastamento da sua aspiração ao absoluto. Por outro lado deseja o casamento como o estado natural. Esta luta minara-o. Considera a doença como castigo de ter desejado muitas vezes uma solução forçada. Mas esta é violenta demais para ele.⁹⁵⁸

Consciente de ter desejado a morte, Kafka percebe que a doença o consome, “O próprio germe da morte”.⁹⁵⁹ A seu amigo Felix Weltsch na mesma época confessa:

Não estou obstinado no que concerne às causas da minha doença; mas como estou, por assim dizer, em posse dos documentos originais sobre o “caso”, eu mantenho a minha opinião e escuto mesmo o pulmão, o mais diretamente interessado, chiar positivamente em sinal de aquiescência. Para recuperar, certamente você tem razão, é preciso, antes de tudo, ter a vontade necessária de recuperação (*Gesundungswille nötig*). Eu tenho essa vontade, mas, se isso pode ser dito sem afetação, tenho também a vontade contrária (*Gegenwillen*). É uma doença singular, concedida (*verliehene*

⁹⁵⁵ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 72.

⁹⁵⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 72.

⁹⁵⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 18/09/1920, p. 289.

⁹⁵⁸ BROD. *Franz Kafka*, p. 147-148. BROD *apud* ROBERT. *Franz Kafka*, p. 37.

⁹⁵⁹ Kafka, em carta a Brod do início de outubro de 1917. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 34. Citado ainda por SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 26.

Krankheit) diferente de qualquer uma que eu tenha lidado até agora. Como um amante feliz (*glücklicher Liebhaber*) poderia dizer: “Tudo o que eu tinha conhecido antes não era senão ilusão, é agora que eu amo”.⁹⁶⁰

Responde, ante a falta de saída em sua vida, como uma solução derradeira e por ela sente-se responsável. Essa é a posição que Susan Sontag aborda e critica em seu livro *A doença como metáfora*⁹⁶¹. Diríamos, ainda com Sontag, que a doença, e para a autora não é a melhor forma de encará-la, pode ser tomada como uma metáfora, um símbolo carregado de mitos e fantasias. A tuberculose, por exemplo, compõe esteticamente a imagem de um corpo com todo um cortejo de significações de elevação e nobreza que a tísica ganhou no século XIX.⁹⁶² Um homem “sensível”, “apaixonado”, “ardente”, “interessante”, “atraente”, entre outros adjetivos, Kafka, sem coragem para o suicídio, sabia, com seu humor negro, que a tuberculose era um sobretudo que lhe caía bem. Sabemos pelos depoimentos que Kafka se vestia com esmero e cuidava muito de sua imagem e em momento algum se achou pouco atraente diante das mulheres. Acreditaria ele que os condenados são os mais belos? “Os acusados são precisamente os mais belos (*Die Angeklagten sind eben die Schönsten*)”,⁹⁶³ lemos n’*O processo*. Sabemos que há uma beleza que se cultua e que exala da tristeza e da melancolia. Julia Kristeva, apesar de não mencionar Kafka, explora em seu livro *Sol negro*, com Nerval, Duras, Celine e outros, a presença congelada da perda e da morte na depressão e na melancolia. Sua reflexão incide de modo preciso ao mesmo tempo na condição contrastante de uma efemeridade eternizada em uma beleza condenada. “Como as indumentárias femininas que escondem depressões tenazes, a beleza se manifesta como o rosto admirável da perda, ele se metamorfoseia para fazê-la viver.”⁹⁶⁴ Também comentando o texto *Antígona*, de Sófocles, Lacan dedicará um capítulo à barreira do esplendor, do brilho e do belo refletidos, que encobrem o desejo de morte invadindo a vida, destacando a figura trágica de Antígona ao ser emparedada viva, “essa vítima tão terrivelmente voluntária”,⁹⁶⁵ essa menina que é pura perda irradiando beleza, provocando o fascínio e a comoção.

⁹⁶⁰ KAFKA. Carta a Felix Weltsch, Zúrau, início de outubro/1917. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 218.

⁹⁶¹ “Não pretendo abordar a doença física em si, mas o uso da doença como um símbolo ou metáfora.” SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 7.

⁹⁶² “A ideia que se fazia do corpo, influenciada pela tuberculose, era um novo modelo de aparência aristocrática, num momento em que a aristocracia deixa de ser uma condição de poder e começa a constituir principalmente um problema de imagem.” SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 39-40.

⁹⁶³ KAFKA. *O processo* (Carone), p. 172.

⁹⁶⁴ KRISTEVA. *Sol Negro – Depressão e Melancolia*, p. 97.

⁹⁶⁵ LACAN. *Livro 7 – O seminário: a ética da psicanálise*, p. 300.

3.2 O sintoma falante

A doença está falando por mim porque eu lhe pedi que o fizesse.⁹⁶⁶

Kafka certamente não estava imune ao contágio da ideologia que cercava a “peste branca”. A doença dos românticos, daqueles de alma sensível e dos artistas, atravessou o século XIX como uma espécie de “apoteose” que revelava a espiritualidade, a delicadeza e o refinamento de quem a contraía. A tuberculose era ainda a consunção das paixões ocultas, e a morte podia ser vivida como redenção. Doença da paixão e da repressão, era uma enfermidade carregada de elementos paradoxais, pois fazia arder em febre pela intensidade do desejo e ao mesmo tempo conduzia à elevação e à sublimação. Escreveu Wiliam Blake: “Aquele que deseja mas não age cria a pestilência.”⁹⁶⁷ Esse adoecimento promovia também um realce, uma distinção do indivíduo, isolando-o da comunidade. Conquanto já se soubesse, no tempo de Kafka, que a tuberculose pulmonar tem como causa original comprovada a infecção bacteriana pelo bacilo de Koch, demorou muito tempo “para que as velhas noções sobre a doença perdessem a credibilidade”.⁹⁶⁸ Portanto Kafka nasceu e viveu mergulhado nesse ideário.

No entanto, é preciso nos acostumar ao fato de que, seguindo Kafka, estamos sempre acompanhados da complexidade: não é possível reduzir sua enfermidade a um sintoma cultural. Kafka, sempre muito preocupado com a aparência, como já dissemos, talvez tenha feito com que a doença entrasse na composição de sua figura dando-lhe a beleza trágica dos condenados. Mas a tísica não apenas lhe reveste com a palidez esquelética ao gosto da época, e embora a peste branca poetize e embeleze a morte, não podemos dizer que Kafka a cultua como Lord Byron. “O tratamento romântico da morte afirma que as pessoas se tornam singulares e mais interessantes por sua doença.” Justificando isso, Sontag nos conta o que tão bem ilustra esta visão narrando o seguinte diálogo: “‘Estou pálido’, disse Byron olhando no espelho, ‘gostaria de morrer de uma consunção’. Por quê?, perguntou seu amigo tuberculoso Tom Moore, que estava visitando Byron em Patras em fevereiro de 1828. ‘Porque todas as mulheres diriam: ‘Olhem o pobre Byron, como ele está interessante assim morrendo’.’”⁹⁶⁹

É de outro modo que Kafka atravessa o romantismo, atingindo, no século XX, o coração do sofrimento do homem moderno. Assim nos conduz em sua investigação a razões subjetivas que implicam o real do corpo, teorizando, desde sua experiência, a dimensão do fenômeno

⁹⁶⁶ Kafka em carta a Brod, *apud* SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 58.

⁹⁶⁷ Blake *apud* SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 59.

⁹⁶⁸ SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 70.

⁹⁶⁹ SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 42.

psicossomático,⁹⁷⁰ mesmo sem ser assim por ele nomeado, buscando sempre escutar com o corpo e a alma o que lhe acontece, mesmo sem se submeter à psicanálise.

O diagnóstico da tuberculose para Kafka lhe vem como o anúncio de uma consequência fatal de um ato que ele não pode fazer. “A sua natureza tende para o suicídio, tem dentes apenas para a própria carne e carne apenas para os próprios dentes.”⁹⁷¹

Se, para muitos, a tuberculose era uma doença contingencial, contrair a doença foi, para ele, um acontecimento abraçado como destinação mortal. Embora a tísica fosse a causa de muitas mortes no século XIX e início do XX, “durante toda a guerra e por muitos anos depois dela, a tuberculose respondeu por trinta por cento de todas as mortes em Praga”, a maior parte dos comentaristas deixa escapar uma grande surpresa pelo caráter galopante com que a tuberculose avançou sobre Kafka. Apesar da inoperância do remédio da época, a “tuberculina”, a infecção não era um fator letal decisivo.

A maioria dos moradores das cidades de sua época exibia, de fato, indícios de um ataque passageiro de tuberculose em algum momento na vida, em geral com manifestações clínicas mínimas ou inexistentes. Todavia, num número de casos relativamente pequeno, mas significativo, alguns fatores adicionais, como o desgaste excessivo, a predisposição genética ou a baixa resistência, levavam a uma infecção que justificava as preocupações.⁹⁷²

Kafka, com seu modo de vida, adicionou mais alguns fatores que pioraram o quadro da doença. Seu vegetarianismo, além de impor ao organismo uma dieta pobre em proteínas, o fazia consumir grandes quantidades de leite de vacas tuberculosas, em sua crença, herdada dos gregos antigos, na cura pelo leite fresco que tinha que ser bebido cru, não pasteurizado e sem fervura, na obsessão pela “virtude natural”. Em sua busca fanática por uma vida saudável, fazia mais para arruiná-la do que para mantê-la: “A doença é abandonada por quem tem hábitos saudáveis ou quem tem hábitos saudáveis é abandonado pela doença.”⁹⁷³

Em Kafka, os “hábitos saudáveis” chegaram a ser insalubres. A extensão e a rapidez com que a moléstia se instalou, sua gravidade fatal que nenhum de todos os cuidados atenuou, chamam a atenção de vários biógrafos. Sobre a análise dos sintomas de Kafka, conta-nos Pawel que

⁹⁷⁰ Os fenômenos psicossomáticos, diferentemente de outras doenças e somatizações, “apresentam surgimento e desaparecimento em função de acontecimentos exatos e datas específicas, sendo capazes de uma indução ou causalidade significante. Eles colocam-se diferentemente de uma lesão puramente orgânica que não é objeto de tal mobilização.” ABREU. *Psicanálise e psicossomática*. In: GUIR. *A psicossomática na clínica lacaniana*, p. 22.

⁹⁷¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 19/07/1910, p. 15.

⁹⁷² PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 349.

⁹⁷³ KAFKA. *Lettres à Milena*, 06/08/1920, p. 169 ; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 216.

muitas de suas ideias sobre saúde e doença eram apenas superstições primitivas, enquanto outras eram verdades elementares que a medicina mecanicista da época perdera de vista – notadamente a unidade entre mente e corpo. Kafka nunca duvidou, nem jamais deixou de acreditar que o que o fazia adoecer era a maneira como vivia.⁹⁷⁴

O modo como vivia que Kafka crescia com tudo o que sofreu na infância e juventude que merecem longos registros nos *Diários*, na *Carta ao pai* e também em outras correspondências. Depois de contar à Milena a tortura diária que sofria pelas ameaças da cozinheira que o levava à escola, conclui: “Milena, quantas loucuras e como lhe pertencem, com todas as cozinheiras e as ameaças e com toda essa poeira formidável que 38 anos levantaram e que se deposita nos pulmões.”⁹⁷⁵

3.3 A fuga para a doença e os benefícios

A maravilha é que, de seu órgão, o organismo pode fazer qualquer coisa.⁹⁷⁶

Os meus pulmões conspiraram com a minha cabeça nas minhas costas.⁹⁷⁷

Evidentemente aqui não pretendemos levantar todas as considerações em jogo na doença de Kafka. Na busca de entender seu adoecimento por ele mesmo e a implicação de sua literatura, vamos seguindo suas associações, elaborações e conclusões, mas também tirando novas consequências de suas investigações e reflexões, insistindo ainda no debate de seus impasses.

Quando Kafka recebe o diagnóstico da tuberculose, intriga o fato de que não é a doença que o surpreende, mas sua natureza sem precedentes. Percebemos, pela forma como a comenta, que ele busca uma causa prévia, uma contaminação antecedente, ou uma transmissão hereditária.⁹⁷⁸

Franz escreve para Felice a respeito do diagnóstico. O tom no qual é dada a notícia sugere alívio:

⁹⁷⁴ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 202.

⁹⁷⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 21/06/1920, p. 99; *Lettres à Milena*, p. 70.

⁹⁷⁶ LACAN. *Livro II – O Seminário: os quatro conceitos fundamentais*, p. 100.

⁹⁷⁷ Kafka (frase registrada por Brod) *apud* ROBERT. *Franz Kafka*, p. 38.

⁹⁷⁸ “Em 1881, um ano antes da publicação por Robert Koch, de seu relatório em que anunciava a descoberta do bacilo da tuberculose e demonstrava que ele era causa primária da doença, um livro didático de medicina citava como causa da tuberculose: disposição hereditária, clima desfavorável, vida sedentária dentro de casa, ventilação imperfeita, deficiência de luz e ‘emoções deprimentes’.” SONTAG. *A doença como metáfora*, p. 70. Ver também p. 50.

Não me surpreendi que uma enfermidade tenha se declarado, que tenha saído sangue, não me surpreendeu, tampouco; a verdade é que há anos estou atraindo a grande enfermidade à custa de insônias e enxaquecas e meu maltratado sangue simplesmente saltou para fora, mas o que me surpreende, é claro, é que se trate de tuberculose, e que venha aos meus 34 anos, da noite para o dia, sem que exista um único caso precedente em toda minha família. Enfim é preciso aceitá-la, por outro lado parece que junto com o sangue a enfermidade varreu as dores de cabeça.⁹⁷⁹

De como uma enfermidade pode varrer outras, Freud acabara de tratar poucos anos antes em seu texto sobre o narcisismo. Avaliando a influência da doença orgânica e da hipocondria sobre a distribuição da libido, Freud constata que uma pessoa atormentada pela dor ou mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo, retira seu interesse libidinal de seus objetos amorosos. “Quem sofre, deixa de amar.”⁹⁸⁰ Obedecendo a uma espécie de economia da dor, o homem enfermo retira seu investimento dos objetos e o traz de volta ao eu. A hipocondria, da qual Kafka sofria desde jovem, diferentemente da doença orgânica, também promove a retirada do investimento nos objetos, deslocando o interesse do eu, podendo dessa forma erogeneizar e excitar outras partes e órgãos do corpo, com chances de produzir também alterações e até afecções nele.⁹⁸¹ Obter satisfação em estar doente pode ser uma estratégia masoquista de se aferrar a doença para manter essa condição de sofrimento, na economia de uma necessidade inconsciente de punição. Freud chega a relatar o tratamento de um caso de uma senhora com sintomas terríveis que a excluía de qualquer participação na vida. Essa paciente de Freud, durante o tratamento, começou a usar seus talentos com algum reconhecimento, prazer e êxito. No entanto, diante de qualquer coisa que a desestimulava, não conseguindo mais recair em seus sintomas neuróticos, envolvia-se em acidentes que a tiravam de circulação. “Quando tomou consciência de quão grande podia ser sua participação nesses aparentes acidentes, ela, por assim dizer, mudou de técnica. Em vez de acidentes, surgiram indisposições com as mesmas causas – resfriados, amigdalites, estados gripais, afecções reumáticas.”⁹⁸²

Ainda sobre a “necessidade de estar doente ou de sofrer”, Freud remonta sua origem a dois fatores aparentados: ao “sentimento de culpa ou consciência de culpa, como é chamado, embora o paciente não o sinta e não se dê conta dele”, que também contribui com um “superego particularmente severo e cruel. O paciente não deve ficar bom, mas tem de permanecer doente,

⁹⁷⁹ KAFKA. *Cartas a Felice*, (Alianza), 09/09/1917, p.775.

⁹⁸⁰ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 98.

⁹⁸¹ “Torna-se agora evidente uma diferença entre a hipocondria e a doença orgânica: na segunda, as sensações aflitivas baseiam-se em doenças demonstráveis (orgânicas); na primeira isso não ocorre. Mas [...] a hipocondria deve estar certa: deve-se supor que as modificações orgânicas também estão presentes nela.” FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 99.

⁹⁸² FREUD. Conferência XXXII. In: *Novas conferências introdutórias*, p. 135.

pois não parece melhorar.” Essa resistência que se evidencia durante o tratamento torna o trabalho analítico inoperante. O paciente, na verdade,

com frequência nos permite remover determinada forma de sofrimento neurótico, mas está imediatamente pronta a substituí-la por outra, ou, talvez, por alguma doença somática. O sentimento de culpa explica também a cura ou melhora de graves neuroses que ocasionalmente observamos depois de infortúnios reais: tudo o que importa é que o paciente seja desgraçado – de que maneira, não tem importância. A resignação sem queixas com que essas pessoas frequentemente se acomodam à sua árdua sorte é muito notável, mas também reveladora. Para desviar essa resistência, somos obrigados a restringir-nos a torná-la consciente e a tentar promover a lenta demolição do superego hostil.⁹⁸³

A outra resistência é menos fácil de demonstrar e um desafio para o tratamento: a pulsão de morte.

Existem alguns neuróticos em quem, a julgar por todas as suas reações, o instinto [pulsão] de autopreservação na realidade foi invertido. Eles parecem visar a nada mais que à autolesão e à autodestruição. É possível também que as pessoas que, de fato, terminam por cometer suicídio pertençam a esse grupo. É de se presumir que, em tais pessoas, efetuaram-se disfusões de instinto (de vida e de morte) de grandes consequências, em consequência do que houve uma liberação de quantidades excessivas do instinto destrutivo voltado para dentro. Os pacientes dessa espécie não podem tolerar o restabelecimento mediante o nosso tratamento e lutam contra ele com todas as suas forças. Mas temos de confessar que se trata de caso que ainda não conseguimos explicar completamente.⁹⁸⁴

Além do superego e do sentimento de culpa que atuam para manter a necessidade de punição, Freud tratará essa resistência suprema ao restabelecimento que envolve a desfunção pulsional como uma força masoquista que atua para além do princípio da busca de prazer que nos rege:

Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de instinto (pulsão) de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos ao instinto (pulsão) de morte original da matéria viva. Não se trata de uma antítese entre uma teoria pessimista da vida e outra otimista. Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos (das duas pulsões) primevos – Eros e o instinto de morte –, e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida.⁹⁸⁵

Em 15 de outubro de 1913, Kafka já escreve em seus *Diários* o que foi vivido em sonho:

Desesperado. Hoje meio dormindo à tarde: esta dor terminará por arrebentar a minha cabeça. E justamente nas ténporas. Ao imaginar a cena o que realmente vi foi uma ferida de bala (*Schußwunde*), só que em torno do buraco as bordas estavam abertas

⁹⁸³ FREUD. Esboço de psicanálise, p. 208.

⁹⁸⁴ FREUD. Esboço de psicanálise, p. 208.

⁹⁸⁵ FREUD. Análise terminável e interminável, p. 157.

para fora, com arestas cortantes, como quando se rompe violentamente (*wild aufgerissenen*) uma lata.⁹⁸⁶

Uma dor que faz doer, uma ferida que fere. Uma ferida aberta em bordas ferinas não serve também, por sua vez, para afastar o outro?

Podemos dizer, concordando com as impressões que o próprio Kafka nos deixou, que as cartas e o amor epistolar que Kafka cultivou por toda a vida não são suficientes para transferir a libido para o campo do Outro. A sublimação é um destino pulsional que não visa, em sua satisfação, ao objeto sexual imediato, mas tem seus limites e não é uma solução compensatória que recobre de modo absoluto uma escolha monástica e asséptica. Depois de um tempo, na busca de uma conjugalidade, o corpo cobra sua cota e a doença vem quase com um resultado lógico, esperado e literalmente sonhado. Kafka bem sabe que Felice e o noivado de cinco anos simbolizam o que o levou a uma espécie de *deadline*. Após o diagnóstico, preparando a separação de Felice, retira-se para o campo com a querida e sempre presente irmã Ottla. Ao alívio sucede o alento:

Tu tens agora a possibilidade (*Möglichkeit*), na medida em que isso ainda é uma oportunidade (*Möglichkeit*) de começar de novo. Não a desperdices. Se penetras dentro de ti mesmo, não poderás evitar a imundice que transbordará. Mas não remexas nela. Se a ferida pulmonar (*Lungenwunde*) é apenas um símbolo como tu dizes, um símbolo da ferida (*Sinnbild der Wunde*) cuja inflamação se chama F., e cuja profundidade se chama justificação; se assim é, então todos os conselhos dos médicos (ar, sol, luz, repouso) também são símbolos. Não descuides desses símbolos.⁹⁸⁷

No mesmo mês Kafka escreve a Brod fazendo uma análise de seu adoecimento que vai muito além da restrita “linguagem de órgãos” típica da hipocondria:

Em todo caso, me relaciono hoje com a tuberculose do mesmo modo que uma criança que se agarra nas saias da mãe. Se a doença vem de minha mãe, a imagem é ainda mais justa, e, em seu infinito desvelo, muito abaixo de sua compreensão da coisa, ainda me teria prestado este serviço. Busco constantemente uma explicação da doença, pois eu mesmo andei à sua procura. Parece-me às vezes que, independente de mim, o cérebro e os pulmões (*Gehirn und Lunge*) realizaram um pacto (*hätten sich ohne mein Wissen verständigt*). “Assim não pode continuar”, disse o cérebro e, ao fim de cinco anos, os pulmões se dispuseram a ajudar.⁹⁸⁸

Kafka, em carta a Felice, descreve a luta íntima encenando uma batalha sangrenta e inglória onde o sangue Bom (*Gute*) acaba se derramando em proveito do Mal (*Böse*):

⁹⁸⁶ KAFKA. *Diários* (Emecé), 15/10/1913, p. 221; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 359.

⁹⁸⁷ KAFKA. *Diários* (Emecé), 15/09/1917, p. 365. *Diários – Diários de viagem*, (Relógio D’Água), p. 517.

⁹⁸⁸ KAFKA. Carta a Brod, meados de setembro de 1917, *apud* LIMA. *Os limites da voz*, p. 44-45.

Ali onde o Mal provável ou possivelmente foi incapaz – por seus próprios recursos – de encontrar alguma coisa nova e decisiva para sua defesa, resulta que é o Bom que oferece tal coisa. O caso é que em meu foro íntimo, não tomo esta enfermidade por uma tuberculose, ou ao menos não a considero tal primordialmente, senão que a tomo por uma falência geral (*meinen allgemeinen Bankrott*). Acreditei que as coisas ainda seguiriam marchando adiante, mas não foi assim. O sangue não provém do pulmão, senão da estocada (*Stich*) [ferrada, picada], ou de uma estocada definitiva, de um dos combatentes (*Kämpfers*). Este encontra atualmente na tuberculose uma ajuda tão grande como a de uma criança na barra da saia de sua mãe. Mas o que é que o outro ainda quer? Acaso o duelo não foi brilhantemente levado a cabo até o fim? Trata-se de uma tuberculose e ponto final.⁹⁸⁹

Nessa carta, Kafka, decaído do que poderia ter sido como homem, confessa que a tuberculose é para ele um último alibi entre os tantos anteriormente usados e mais ainda, literalmente, guarda uma função bélica, ou de tábua de salvação, com a qual se defende de possíveis “humilhações” que possam vir de Felice:

Não me humilhes assim. Diante de palavras como estas cairei de novo a teus pés. Só que em seguida à tuberculose real, ou melhor, muito antes dessa, a pretensa tuberculose me salta aos olhos e não tenho outro remédio senão abandonar. É uma arma ao lado da qual as quase inumeráveis empregadas anteriormente, desde a “incapacidade física” até o “trabalho” por cima e a “avareza” por baixo, deixam ver sua escassa eficácia e seu primitivismo.⁹⁹⁰

Ainda nessa carta, nesse julgamento que Felice representa, “Meu tribunal humano eras tu”, Kafka não pode deixar de encerrar a missiva segredando a Felice, junto com o descrédito de um dia fazê-la sua mulher, a sentença final:

Jamais recobrarei a saúde. Nem mais nem menos porque não se trata de uma tuberculose que se coloca em uma espreguiçadeira e que se cuida até sua cura, mas trata-se de uma arma cuja necessidade prosseguirá extremada enquanto esteja eu com vida. E ambas não podem continuar com vida.⁹⁹¹

Kafka não mais se permitia prolongar seu sofrimento e o de Felice mantendo uma relação que, depois de anos de vacilação de sua parte, mostrava-se sem nenhum futuro. O desencadeamento de sua doença e seu apego a ela parecia ligar o fim de sua vida ao término do noivado. Mas um encontro inesperado faz renascer a paixão e vemos que, surpreendentemente, a vida e o amor ainda persistem em Kafka, ainda movem sua pena.

Para Freud, a incapacidade de amar está fortemente ligada à doença: “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a

⁹⁸⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09 ou 01/10/1917, p. 778.

⁹⁹⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09 ou 01/10/1917, p. 778.

⁹⁹¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09 ou 01/10/1917, p. 778-779.

fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração (*Versagung*), formos incapazes de amar.”⁹⁹²

Como vimos, em 1920, Kafka conhece Milena Jesenská, sua tradutora para o tcheco e que se torna, por mais de um ano, a destinatária de sua paixão epistolar. Na correspondência com Milena, ao longo dos comentários sobre a doença, fica cada vez mais claro que a enfermidade veio-lhe como uma solução, uma localização e circunscrição de gozo, um limite para o sofrimento. Kafka retoma com Milena sua explicação para a doença:

vou ocupar-me da explicação que naquela época consegui dar a mim mesmo sobre a enfermidade, em meu caso, ainda que se possa aplicar a outros casos. Era como se o cérebro já não pudesse suportar a acumulação de preocupações e de desgostos. Como se tivesse dito: “Não dou mais; se existe ainda aqui alguém que se interessa pela conservação do todo, que faça algo para aliviar-me de minha carga, e assim poderemos durar um pouco mais.” Então responderam os pulmões, na realidade sabiam que não havia muito que perder. Essas negociações, entre a cabeça e os pulmões, das quais eu não me inteirava, podem ter sido espantosas.⁹⁹³

Mais tarde, ainda com Milena, retoma a doença sugerindo que o alento do encontro com uma mulher compete com a entrega apaixonada do chamado à enfermidade:

Acontece-me algo notável com as cartas; – tenha – quando não? – paciência comigo. Há anos já que não escrevo a ninguém; nesse sentido estava como morto, uma carência absoluta de todo desejo de comunicação, como se não pertencesse a esse mundo, mas tampouco a nenhum outro; como se durante todos os anos transcorridos até esse momento apenas tivesse feito mecanicamente o que se desejava de mim, esperando na realidade uma voz que me chamasse, até que a enfermidade me chamou da sala ao lado, e corri para ela e me entreguei a ela cada vez mais intensamente.⁹⁹⁴

Vimos com Freud, além da presença da pulsão de morte, o quanto a culpa e a vergonha, tão caras a Kafka, estão presentes nessa entrega à doença. No que segue, Freud articula a doença com a culpa e a punição: “percebemos que estamos tratando com o que pode ser chamado de fator ‘moral’, um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento.”⁹⁹⁵

Tira-se uma vantagem, há um ganho no infortúnio. Agarrar-se a esse sofrimento é o que Lacan chamará de gozo. Nesse caso, juntamente com Freud, podemos chamar de gozo masoquista na doença. “A satisfação desse sentimento inconsciente de culpa é talvez o mais poderoso bastião do indivíduo no lucro (geralmente composto) que auferir da doença – na soma

⁹⁹² FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução, p. 101. “incapazes de amar ou criar”. Porque nesse ponto Freud cita Heine: “A doença foi sem dúvida a causa final de todo o anseio de criação. Criando pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável.” (p. 102).

⁹⁹³ KAFKA. *Lettres à Milena*, (Abril/1920), p. 13. *Cartas a Milena* (Alianza), p. 32.

⁹⁹⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Itatiaia), janeiro/fevereiro/1923, p. 199-200; *Cartas a Milena* (Alianza), p. 344.

⁹⁹⁵ FREUD. O ego (eu) e o id (isso), p. 66.

de forças que lutam contra o restabelecimento e se recusam a ceder seu estado de enfermidade.”⁹⁹⁶

Mas Kafka vai além em sua análise: ele não apenas se agarra à sua doença, mas, pelo que podemos ouvi-lo enquanto se explica, ele entende sua enfermidade como tendo a função de produzir uma resposta no corpo para seus impasses na vida, localizando e justificando assim sua incapacidade para casar-se e realizando o desejo de morte que essa principal impotência gerou, a frustração maior do matrimônio não contraído confessada na *Carta ao pai*.⁹⁹⁷

Com Milena ele revive seus impasses conjugais com as mulheres. Não é nada confortável para ele estar com elas, mas nunca deixa de se prescrevê-las: “Sei demasiado, contra a opinião do médico, que para recuperar medianamente a saúde só necessito tranquilidade, (*Ruhe*) e mais que isso, uma forma especial de tranquilidade (*Art von Ruhe*) ou, visto de outra maneira, uma forma especial de intranquilidade (*Art von Unruhe*).”⁹⁹⁸

Apesar de dizer que estar com Milena fazia-o sentir essa “tranquila intranquilidade”. Assim se justifica porque não segue viagem para encontrá-la em Viena:

Não quero (Milena ajude-me! Compreenda ainda além do que lhe digo!) não quero (isto não é gagueira) ir à Viena porque não poderia suportar a tensão mental (*ich die Anstrengung geistig nicht aushalten würde*). Estou mentalmente enfermo, a enfermidade dos pulmões não é mais do que um extravasamento da enfermidade mental (*Ich bin geistig krank, die Lungenkrankheit ist nur ein Aus-den-Ufern-treten der geistigen Krankheit*). Estou assim doente desde os quatro ou cinco anos de meus dois primeiros noivados.⁹⁹⁹

“Estou mentalmente enfermo.” Como entender essa afirmação reiterada de Kafka que desloca, em suas palavras, a doença do corpo orgânico para o corpo mental? Luiz Costa Lima vai localizar o que parece ser o cerne da questão em uma passagem do *Diário* de 11 de dezembro de 1913: “Não é de fato necessário nenhum empurrão; apenas a retirada da última força aplicada sobre mim e chegarei a um desespero que me despedaçará.”¹⁰⁰⁰ O corpo sofre, portanto, uma tensão entre força externa e interna, com o detalhe significativo de que, pelo menos nessa anotação, a força externa concorre para manter o corpo vivo e a força interna, se não sofrer oposição, despedaça-o. Claramente uma luta entre pulsões opostas, em que o *élan* vital vem de fora, do campo do Outro, e a morte o acossa por dentro. Kafka não só contrai uma doença bacteriana, mas está contaminado com a “semente da morte”. Se a pulsão de morte revelada por

⁹⁹⁶ FREUD. O problema econômico do masoquismo, p. 207.

⁹⁹⁷ “O casamento está vedado para mim”. KAFKA. *Carta ao pai*, p. 88.

⁹⁹⁸ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 15/07/1920, p. 141.

⁹⁹⁹ KAFKA. *Cartas a Milena* 31/05/1920, (Alianza), p. 54; *Cartas a Milena* (Itatiaia), p. 43.

¹⁰⁰⁰ Kafka *apud* LIMA. *Os limites da voz*, p. 43.

Freud foi um conceito que encontrou resistência entre os psicanalistas e na cultura, Kafka o traz a nós como uma evidência.

Observada com olhar primitivo. A verdade incontestável, real, uma verdade que não está maculada por circunstâncias exteriores (martírio, sacrifício de si próprio pelo bem de outrem), é apenas a dor física. Estranho o Deus da dor não ser o principal deus das religiões primitivas [...]. Para cada inválido o deus de sua casa, para cada tuberculoso o deus da sufocação. Como se pode suportar a sua aproximação se não se partilhar com ele antecipadamente e terrível união?¹⁰⁰¹

Em carta a Brod, pouco depois do diagnóstico, escreve:

Você pergunta sobre minha doença. Confidencialmente vou lhe contar que mal a sinto. [...] Cheguei a pensar que a tuberculose, ou a espécie de tuberculose que eu tenho, não é uma doença especial, doença que mereça um nome especial, mas o próprio germe da morte (*Todeskeim*), intensificado, embora a que ponto não podemos determinar, por enquanto.¹⁰⁰²

É esse ataque visceral que Franz evoca delicadamente em carta a Minze, uma jovem que conhecera em uma das suas viagens para repouso na Boêmia: “É simplesmente o ‘inimigo íntimo’ (*innere Feind*) que me desgasta e não me permite uma recuperação verdadeira. Se ao menos a gente pudesse pôr isso no colo como um porquinho, mas quem pode tirá-lo de sua toca?”¹⁰⁰³ Nesse jogo de forças, Kafka, mesmo sem nomear, distingue a pulsão de morte,¹⁰⁰⁴ que o ataca desde o íntimo, vitoriosa, se não sofrer transferência ou oposição das moções de vida, a “ação psíquica”¹⁰⁰⁵ que provém das interferências eróticas do Outro e do mundo. “Que assombroso, que inexplicável o fato de não haver perecido, e o que silenciosamente me guia! Obriga-me a este absurdo: ‘Entregue aos meus próprios recursos, já há muito estaria perdido’. Meus próprios recursos.”¹⁰⁰⁶

Essa ação específica chega salvando a pessoa do desamparo absoluto, que a deixa entregue às forças destrutivas, intercedendo e ativando a função de barreira e proteção do Eu, ao tomá-lo como objeto de amor. Mas mesmo podendo contar com os recursos do outro contra o ataque do “inimigo íntimo”, a força da pulsão de morte pode ser maior e dar solução mais rápida. E o que vemos acontecer na parábola de “O abutre”: o narrador em primeira pessoa sofre ataque de um abutre que o circunda e bica ferozmente seus pés. Um homem que passa

¹⁰⁰¹ KAFKA. *Diários* (Difel), 01/02/1922, p. 365.

¹⁰⁰² KAFKA. Em carta a Brod do início de outubro de 1917. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 34.

¹⁰⁰³ KAFKA. Carta a Minze, verão de 1920. In: *Carta aos meus amigos*, p. 79.

¹⁰⁰⁴ Isso no mesmo ano em que Freud a formula em “Além do princípio do prazer” [1920].

¹⁰⁰⁵ “é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.” FREUD. Introdução ao narcisismo, p. 13.

¹⁰⁰⁶ KAFKA. *Diários* (Emecé), 30/10/1921, p. 382; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 542.

oferece ajuda e pergunta ao torturado por que suporta aquilo. O narrador tentou afastá-lo, enforcá-lo, oferece os pés, tenta ser Édipo, mas em vão. Diz não ter forças diante da ave poderosa que sugere mais uma ave de rapina. “Ele também queria saltar no meu rosto, aí eu preferi sacrificar-lhe os pés.”¹⁰⁰⁷ O cavaleiro se oferece para pegar uma arma e matar o abutre. Mas o abutre ouve e compreende tudo:

Levantou voo, fez a curva da volta bem longe para ganhar ímpeto suficiente e depois, como um lançador de dardos, arremessou até o fundo de mim o bico pela minha boca. Ao cair para trás senti, liberto, como ele se afogava sem salvação no meu sangue, que enchia todas as profundezas e inundava todas as margens.¹⁰⁰⁸

Como observa Costa Lima: “Sem ser particularmente entusiasta da interpretação psicanalítica, Kafka era entretanto um atento e arguto leitor de Freud e o emprega para iluminar seu próprio caso.”¹⁰⁰⁹ Kafka escreve sobre a causa da sua doença de várias maneiras, mas são variações sobre um mesmo tema: o desejo de desaparecer, o desejo de morte interferindo na vida. Em carta a Brod, refere-se a ela nestes termos: “A tuberculose tem seu lugar nos pulmões tanto quanto, por exemplo, a guerra mundial teria sua causa no ultimato. Há apenas uma doença, não mais, e esta é cegamente perseguida pelos médicos como um animal pelas florestas sem fim.”¹⁰¹⁰ Benjamin comenta esta metáfora: “em nosso corpo o mais esquecido dos países estrangeiros é nosso próprio corpo, e, por isso, compreendemos a razão pela qual Kafka chamava ‘o animal’ à tosse que irrompia das suas entranhas. Era o posto avançado da grande horda.”¹⁰¹¹

3.4 A direção do tratamento

O inesperado é que o próprio sujeito confesse sua verdade, e a confesse sem sabê-lo.¹⁰¹²

Contra todas as minhas resistências interiores, tenho de escrever.¹⁰¹³

¹⁰⁰⁷ KAFKA. O abutre. In: *Narrativas do espólio*, p. 132. Segundo Carone e comentaristas a parábola em uma imagem da tuberculose ou da hemoptise, descoberta em 1917.

¹⁰⁰⁸ KAFKA. O abutre. In: *Narrativas do espólio*, p. 133.

¹⁰⁰⁹ LIMA. *Os limites da voz*, p. 44. Interessante notar que autores vindos da medicina, como Felisati D. e Sperati G. (otorrinolaringologistas), fazem um comentário bastante semelhante ao escrever sobre a relação de Kafka com a sua doença. “Kafka, like Freud, sees the disease from a psychoanalytical viewpoint, with the only difference that Freud, in his analysis, made use of instruments of a scientific nature, whilst Kafka uses instruments only of a poetic kind.” In: Franz Kafka (1983-1924). Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2639911/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹⁰¹⁰ KAFKA. Carta a Brod de 21/04/1921 *apud* LIMA. *Limites da voz*, p. 44.

¹⁰¹¹ BENJAMIN. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: *Magia e técnica, arte e política*, p. 158.

¹⁰¹² LACAN. O lugar da psicanálise na Medicina. *Opção Lacaniana*, n. 32, p. 13.

¹⁰¹³ KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, p. 173.

Kafka não apenas investiga as causas de sua doença, mas também especula sobre a cura. De acordo com as análises de Franz, para tratar a doença, seria preciso reorientá-la para a cabeça, seu lugar de origem, mas para isso seria necessária uma enorme força de transferência (*Übertragen*). Certamente é com a transferência que a psicanálise conta para extrair o sofrimento do corpo. “A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia [investimento] narcísica para a catexia de objeto.”¹⁰¹⁴ Em carta ao amigo Oskar Baum, esclarece a dificuldade da operação:

Eu devia ter escrito há muito tempo atrás se houvesse alguma boa notícia sobre minha recuperação. Em termos médicos o meu é simplesmente um caso perdido, tanto por brincadeira como a sério. Você gostaria de conhecer um diagnóstico cru? A doença física (*körperliche Krankheit*) é apenas o transbordamento da doença espiritual [mental] (*geistigen Krankheit*). Se eu quiser canalizá-la mais uma vez, então a cabeça (*der Kopf*) naturalmente se defende. Pois a cabeça (quando houve necessidade gerou a doença pulmonar e agora estão tentando forçá-la de volta para a cabeça (*Kopf*), exatamente no momento em que ela sente o mais forte anseio (*die größte Lust*) de gerar outras doenças. Além do mais para começar com a cabeça e curá-la seria preciso a força de um transportador de móveis (*Möbelpackers*), o que pelas razões acima jamais poderei conseguir. Assim tudo permanece como antes.¹⁰¹⁵

Já que Kafka chega a pensar na cura que lhe conviria, podemos nos perguntar o que diria Lacan quanto a isso. Em um diálogo, na “Conferência em Genebra”, respondendo a uma pergunta do Sr. Vauthier, Lacan nos esclarece uma face da via de tratamento da doença psicossomática.¹⁰¹⁶ Parece-nos que Kafka, na crueza de seu diagnóstico, segue abordagem semelhante ao se prescrever como tratamento, esse retorno da doença física à cabeça, ou à doença mental, movimento que nos parece buscar o sentido, a razão, ou ainda a função, a causa do adoecimento:

Sr. Vauthier – *Há algo paradoxal. Quando se tem a impressão de que a palavra gozo recupera um sentido com um psicossomático, este já não é um psicossomático.*

Lacan – Totalmente de acordo. É por esse viés, pela revelação do gozo específico que há na sua fixação, que é preciso sempre visar abordar o psicossomático. Nisto podemos esperar que o inconsciente, a invenção do inconsciente possa servir para alguma coisa. O que esperamos é dar-lhe o sentido do que se trata. O psicossomático é algo que, de todo modo, está, no seu fundamento, profundamente arraigado no imaginário.¹⁰¹⁷

¹⁰¹⁴ FREUD. Inibição, sintoma e ansiedade (angústia). Adendo C, Ansiedade (angústia), dor e luto, p. 197.

¹⁰¹⁵ KAFKA. Carta a Oskar Baum de junho/1918. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 77.

¹⁰¹⁶ O termo ‘psicossomático’ é forjado em 1818 pelo clínico e psiquiatra Heinrot para expressar ‘a influência das paixões sexuais sobre a tuberculose, a epilepsia e o câncer.’” ABREU. *Psicanálise e Psicossomática – Preâmbulo*. In: GUIR. *Psicanálise e Psicossomática*, p. 10.

¹⁰¹⁷ LACAN. Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: *Intervenciones y Textos 2*, p. 139.

“Profundamente arraigado no imaginário” é uma frase que sugere ser preciso buscar o enodamento escamoteado ou escondido, onde o imaginário parece estar perdido em meio à pobreza narrativa do sujeito. Temos aí um trabalho que pode ser o de uma restituição pelo significante do sentido que a holófrase, frase condensada, congelou no real do corpo, através do fenômeno psicossomático. Ou seja, transformar o sem sentido de uma lesão em um sintoma a partir do qual o sujeito pode, pela demanda à escuta do Outro, fazer sua queixa no deslizamento significante. Sintoma que, por sua estrutura de metáfora, dá condições ao sujeito de contar uma história em mais de uma versão. Mesmo achando muito difícil e mesmo impossível reconduzir a doença à cabeça, ou ao discurso, já que ele chama sua doença de “mental” ou “espiritual” (*geistigen Krankheit*), tomar a palavra é o que Kafka não deixa de fazer em muitas oportunidades:

– Sinto agora, e tenho sentido desde essa tarde, um violento desejo (*ein großes Verlangen*) de tirar de dentro de mim, escrevendo-o, todo esse estado ansioso no papel, e assim como ele emerge das profundezas, mergulhá-lo na profundidade do papel ou então transcrevê-lo de maneira a que posso interiorizar todas as palavras escritas. Não se trata de um desejo artístico. (*Das ist kein künstlerisches Verlangen*).¹⁰¹⁸

Vemos que o desejo aqui expresso é mais um desejo topológico (moebiano) de fazer um desdobramento dos estados interiores para a superfície das palavras no espaço do papel. Falando sobre o poder terapêutico da literatura, Moacyr Scliar comenta: “Kafka dizia que era um absurdo trocar a vida pela escrita. Mas ele também reconhecia que sua própria vida era absurda e, nesse sentido, estava optando por uma alternativa com potencial para redimi-lo.”¹⁰¹⁹ Como observa Deleuze, “o escritor como tal não é doente, mas médico, médico de si próprio e do mundo. [...] A literatura aparece então como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.”¹⁰²⁰

Voltando à análise da doença por Kafka, vemo-lo no que segue desculpando-se com Minze, e então estamos diante da complexidade da análise cheia de humor com que Kafka aborda novamente o surgimento de sua doença.

¹⁰¹⁸ KAFKA. *Diários* (Emecé), 08/12/1911, p. 127; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 176.

¹⁰¹⁹ SCLIAR. A literatura como tratamento. In: *Território da emoção – crônicas de medicina e saúde*, p. 30.

¹⁰²⁰ DELEUZE. Literatura e vida. In: *Crítica e clínica*, p. 13-14.

Minha doença me fez demorar a carta. Não é, a propósito, uma doença verdadeira, mas certamente também não pode ser chamada de saúde. Pertence àquela categoria de doenças que não se originam no lugar em que parecem estar alojadas e que os médicos se desesperam ao lidar com elas. Evidentemente que é nos pulmões, mas também não é nos pulmões.¹⁰²¹

Na dúvida de qual estância ir tratar-se, aborda o tema da viagem (não sem ironia), pois achava os sanatórios insalubres¹⁰²² – escreve ao amigo Félix Weltsch que “Sanatorium” é uma palavra grande, mas não quer entrar nela – e brinca com a amiga em outra carta da mesma época como se ele fosse um brinquedo ao bel sabor dos órgãos: “Creio que a minha cabeça prefere o norte e meus pulmões, o sul. Como de hábito os pulmões se sacrificam quando as coisas se tornam muito graves para a cabeça; assim a cabeça, por uma espécie de gratidão, pouco a pouco veio a também desejar o sul.”¹⁰²³

Como bem diz Costa Lima, Kafka, ao descrever a insurgência de seu mal, monta uma cena em que “cérebro e pulmão são os protagonistas”, compondo uma “equação inesperada”.¹⁰²⁴ O eu está submetido, comandado, o sujeito sabotado. Nessa inversão, em que o sujeito está objetalizado, o corpo entra tragicamente como suporte do drama. “A tuberculose é apenas o efeito da decisão doutros protagonistas. A doença é o precipitado físico de uma causação simbólica.”¹⁰²⁵

Se lembrarmos do conceito do médico François Bichat,¹⁰²⁶ que “saúde é a vida no silêncio dos órgãos”, essa conversação entre o cérebro e pulmões não deixa de ser suspeita. Aqui estamos diante de uma espécie de pacto pulsional que ocorre sob a economia da libido narcísica, economia em curto-circuito na qual um terceiro não interfere, não intercede.¹⁰²⁷ O corpo é palco de uma interação erótica silenciosa em que o outro, a única plateia, é um eu

¹⁰²¹ KAFKA. Carta a Minze, fevereiro de 1920. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 67.

¹⁰²² “Agora que estou realmente começando a adoecer, nunca voltarei a passar perto de um sanatório. tudo está errado neles”. Em carta ao amigo Weltsch (1918). In: *Correspondance*, p. 288. Kafka *apud* PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 348. Em carta a Milena de 31/08/1920, Kafka detalha mais sua opinião: “Son establecimientos exclusivamente antituberculosos, son casas que en su totalidad tosen y tienen fiebre día y noche, donde hay que comer carne, donde antiguos verdugos le dislocan a uno el brazo si rechaza las inyecciones y donde todo lo observan, acariciándose la barba, médicos judíos que son inflexibles con judíos y cristianos” (p. 213-214).

¹⁰²³ KAFKA. Carta a Minze de fevereiro de 1920 *apud* LIMA, *Os limites da voz*, p. 44; *Cartas aos meus amigos*, p. 64.

¹⁰²⁴ LIMA. *Os limites da voz*, p. 45. Groddeck, pioneiro na aplicação da psicanálise às doenças orgânicas, concebia algumas doenças como um drama encenado no corpo pelo inconsciente.

¹⁰²⁵ LIMA. *Os limites da voz*, p. 45.

¹⁰²⁶ (1771-1802). Maior representante da medicina dos órgãos a partir do olhar clínico e analítico das superfícies dos tecidos, de acordo com Foucault, in *O nascimento da clínica*, p. 139.

¹⁰²⁷ “Em qualquer relação narcísica, o eu é, com efeito, o outro, e o outro é o eu”. LACAN. *Livro 2 – O Seminário*, p. 127. Como já havia proposto o poeta Arthur Rimbaud “Je est un autre”, em carta a Georges Izambard em 13 de maio de 1871.

objetalizado que passivamente assiste e observa.¹⁰²⁸ O eu parece transferir sua função de instância mediadora aos órgãos que ganham vontade própria e autonomia entrando em um acordo sobre o destino do sujeito.

Isso nos remete à condição falante do sintoma na psicanálise e a do seu emudecimento quando abafado e tratado como objeto de eliminação pela medicina ocidental tradicional. Para a psicanálise, diante de um sujeito, estamos diante de um corpo falante; tratamos do sujeito ouvindo o que a voz/corpo tem para falar. Contando com a escuta do analista, muitas vezes conseguimos o que Kafka se prescreve como tratamento, ou seja, tratar o real pelo simbólico, pela via da letra que, ao mesmo tempo, cifra e decifra: o apelo imaginário da transferência amorosa pode transportar uma dor que trabalha na mudez do real, para tomar a palavra e nesse convite à fala dizer a que veio. A psicanálise convida à fala o mutismo da dor para esta tornar-se, por sua vez, sintoma que ganha voz e pede escuta, para que, enfim, a dor antes só doída possa expressar-se, ser ouvida e então tratada, na transferência, por meio do imaginário e simbólico. Certamente isso não se dá tão facilmente, nem absolutamente, pois o real resiste à tradução da linguagem; esta não pode apreendê-lo de todo. Todavia, podemos dizer que serve para Kafka a homenagem de Lacan a Marguerite Duras: “a prática da letra converge com o uso do inconsciente.” A força da transferência evocada por Kafka como tratamento pretende ir contra a fixidez do real no corpo, mas também a partir deste.

Como aponta Lacan: “É na medida em que uma necessidade venha estar interessada na função do desejo que a psicossomática pode ser concebida como outra coisa que não essa simples bravata que consiste em dizer que há um duplo psíquico para tudo o que se passa de somático. Sabe-se disso há muito tempo. Se falamos de psicossomática é na medida em que deve aí intervir o desejo.”¹⁰²⁹ E, como podemos ler em Kafka, em sua doença, o desejo do Outro mas também o gozo estão concernidos. Pois, diferente de outras somatizações, “as relações psicossomáticas estão no nível do real”.¹⁰³⁰

Não pretendemos aqui nos embrenhar em todos os territórios nos quais a pesquisa psicossomática,¹⁰³¹ na psicanálise, e para além desta, pode nos levar. Em um sentido bem

¹⁰²⁸ “Os investimentos propriamente intraorgânicos que na análise se denominam autoeróticos, desempenham certamente um papel muito importante nos fenômenos psicossomáticos.” LACAN. *Livro 2 – O Seminário*, p. 126.

¹⁰²⁹ LACAN. *Livro 11 – O Seminário*, p. 215.

¹⁰³⁰ LACAN. *Livro 2 – O Seminário*: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, p. 127.

¹⁰³¹ Para a psicanálise, a psicossomática é uma palavra polêmica na medida em que une dois termos que a primeira não separa. Entretanto, mais polêmico seria, nessa elaboração, propor outra melhor. Mas se isso fosse feito, não seria repetindo essa redundância da união óbvia entre a psique-soma, mas forjando uma palavra que pudesse dizer de uma vicissitude particular da incidência direta do Outro, traumática, no organismo do sujeito, ação que indica a especificidade do fenômeno psicossomático. Por exemplo, a ação do reconhecimento.

preciso, buscando acompanhar Kafka sempre muito de perto, esperamos fazer com que o recorte desse campo da psique-soma que de antemão consideramos estar presente em todo sofrimento e em toda dimensão humanos, nos dê alguma luz sobre o trabalho que o próprio Kafka empreendeu. Seguindo Kafka, podemos chamar ao debate psicanalistas que teceram considerações a respeito do fenômeno ou que nos podem dizer algo sobre o adoecimento do escritor. Alguns autores, como Juan David-Nasio, aproximam os fenômenos psicossomáticos da forclusão e da psicose. Em recente colóquio de Cerisy sobre Kafka (2014), Paul Rauchs, chega a dizer que Kafka irá acolher a tuberculose para se salvar da psicose. “É próprio do psicótico tomar a palavra pela coisa, ser incapaz de fazer metáforas e eis também a razão pela qual o psicótico constrói seu delírio, a menos que ele tenha a oportunidade de desenvolver uma doença orgânica.”¹⁰³² Rauchs considera que, ao falar com uma precisão cirúrgica de sua doença, sem imaginarizá-la, Kafka acaba caindo em uma linguagem e pensamento operatórios, que carecem de metáfora e simbolização.

No psicossomático a doença é real, ela não significa nada a não ser ela mesma. Como na obra de Kafka, ela não diz nada, ela não significa nada além dela mesma. [...] A verdadeira doença psicossomática não é criada por nenhum problema psicológico, mas é uma lesão bem real que é recuperada pelo inconsciente para fazer o papel do delírio.¹⁰³³

Entretanto, pelo que pudemos ler em Kafka podemos dizer quase o oposto dessas afirmações,¹⁰³⁴ por isso temos muitas reservas quanto a esse tipo de conclusão diagnóstica. Kafka tem uma escrita poética e faz inúmeras metáforas. Apesar da literalidade e crueza com que aborda os órgãos, eles fazem “pacto” simbólico, conspirando paranoica e ironicamente contra o autor. Kafka não deixa de perguntar pelo sentido e a função de sua doença que lhe exige decifração, fabula sobre seu tratamento... e isso pelo menos até certo ponto. Temos vários exemplos de como ele faz versões de seu mal considerado repetidamente por ele como uma doença mental/espiritual, ou seja, da psique. É-nos muito claro, algo dito de muitas maneiras pelo próprio Kafka, que, para ele, a função do pai simbólico é precária, e simbolicamente precária. Mas, por outro lado, não queremos nos precipitar chegando à conclusão rápida sobre uma psicose que a doença psicossomática impediu de desencadear. Essa visão costuma desconsiderar os recursos do sujeito para além do complexo de Édipo padrão e limitar negativamente, estreitando os horizontes da abordagem de um sujeito que não nos chega

¹⁰³² RAUCHS. Kafka e les psychanalystes. In: *Franz Kafka l'Herne*, 108, p. 192.

¹⁰³³ RAUCHS. Kafka e les psychanalystes. In: *Franz Kafka l'Herne*, 108, p. 193.

¹⁰³⁴ O fato de Kafka e sua escrita gerarem opiniões a seu respeito completamente opostas é algo que foi notado mais de uma vez por ele mesmo. Ver Cap. 1, subtítulo “De que espécie é Kafka?”.

presencialmente, mas em seu corpo de letras. Optamos, portanto, mas perto de como Lacan trabalhou, considerarmos a doença ou lesão psicossomática como um fenômeno que tem sua especificidade e não como uma estrutura clínica. Além disso, sabemos que o simbólico, a castração simbólica, nunca é completamente realizada. O “não todo” submetido à dimensão simbólica dos sujeitos deixa sintomas e rastros de real no corpo em qualquer estrutura clínica. E já que entramos no nível do real, avizinhamo-nos do conceito de trauma e, de novo, só podemos avançar evocando as associações de Kafka: “É difícil avaliar o que faz traumatismo para cada um. Somente o sujeito pode dizer qualquer coisa, e não os acontecimentos ou fatos.”¹⁰³⁵

3.5 A dimensão psicossomática: a morte anunciada

Essa ferida, meu bem,
às vezes não sara nunca
às vezes sara amanhã.¹⁰³⁶

Até aqui seguimos Kafka em sua leitura da doença, agora, ainda o acompanhando em sua prescrição de fazer a doença “retornar à cabeça” para tomar outro rumo, seguimos tentando ler também a escrita que a ele não foi possível e na qual, talvez, caiba localizar onde recai mais especificamente o fenômeno psicossomático. Para isso, vamos então até a sua grande carta-análise, à *Carta ao pai*.

Lá nos deparamos com as primeiras experiências de Kafka diante da materialidade do corpo (*Körperlichkeit*) do pai. Kafka nos conta da devastação que era se ver no espelho junto ao pai. Relata com detalhes de sofrimento como era terrível, no exercício da natação, o “pequeno esqueleto” ter que se defrontar com o corpanzil do pai. Em conversa com Dora Diamant, sua última companheira, Kafka também descreve assim essas visitas à piscina: “Tu tens de imaginar a coisa com precisão; aquele homem monstruoso como o pequeno e medroso pacote de ossos na mão, e como nós por exemplo nos despíamos no escuro, dentro da pequena cabine, como ele me puxava para fora porque eu sentia vergonha.”¹⁰³⁷

No estágio do espelho, como já vimos (capítulo “A construção de um corpo”), o filhote humano vive inicialmente a insuficiência corporal, sua prematuração diante de uma imagem totalizante do Outro. O *infans* vê o adulto como seu devir e é impulsionada pela imagem articulada do Outro, que a convoca a crescer nesse sentido, mas pode acontecer o contrário.

¹⁰³⁵ JULLIAN. Traumatisme et passage a l’acte. In: *Deux notes sur le traumatisme*. Disponível em: <<http://www.causefreudienne.net/deux-notes-sur-le-traumatisme/>>. Acesso em 24 mar. 2018.

¹⁰³⁶ ANDRADE. O amor bate na aorta (Brejo das almas). In: *Poesia e Prosa*, p. 105.

¹⁰³⁷ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 28. (N. do T.)

Sobre esse ponto, Nasio se pergunta se esse impacto no espelho com a imagem articulada do Outro não poderia ter um duplo sentido: ao invés de impulsionado, o sujeito incipiente poderia se ver acachapado pelo que vê diante de si, ou seja: “uma imagem antecipadora ultrapassando as possibilidades receptivas do sujeito pode provocar uma insuficiência orgânica, seja uma paralisia, uma descoordenação motora, uma lesão ulcerosa ou uma hipertensão?” Não se trata, para Nasio, somente de reafirmar o quanto os fenômenos psicossomáticos se dão no nível do narcisismo, portanto, ele detalha mais e vai além: “não se trata de qualquer imagem: é preciso uma imagem maciça, antecipadora, e isso não quer dizer que o sujeito seja um bebê, ela pode ser antecipadora mesmo para um adulto.”¹⁰³⁸

Entretanto Lacan, no *Seminário 3*, sobre as psicoses, já tinha levantado a possibilidade desse sentido inverso que a experiência do espelho pode ter para o sujeito em constituição, principalmente se não pode contar com o pai como referência simbólica. Do pai, além da ferocidade da voz que intimidava, Kafka parece apenas poder contar com o recurso imaginário de um modelo agigantado, uma imagem que domina a ponto de impedir o jogo de rivalidade, pois Kafka nunca está à altura do pai:

Suponhamos que essa situação comporte precisamente para o sujeito a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico. O que lhe resta? Resta-lhe a imagem a que se reduz a função paterna. É uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas cuja função de modelo, de alienação especular, dá ainda assim ao sujeito um ponto de engajamento e lhe permite apreender-se no plano imaginário. Se a imagem captadora é desmedida, se a personagem em questão se manifesta na ordem da potência, e não na do pacto, é uma relação de rivalidade que aparece, a agressividade, o temor etc. Na medida em que a relação permanece no plano imaginário, dual e desmedido, ele não tem a significação de exclusão recíproca que o afrontamento especular comporta, mas a outra função que é aquela da captura imaginária. A imagem adquire em si mesma e logo de saída a função sexualizada, sem ter necessidade de nenhum intermediário, de nenhuma identificação com a mãe nem com qualquer que seja. O sujeito adota então essa posição intimidada que observamos no peixe ou no lagarto. A relação imaginária se instaura sozinha, num plano que não tem nada de típico, que é desumanizante, porque não deixa lugar para a relação de exclusão recíproca que permite fundar a imagem do eu na órbita que dá o modelo do outro, mais acabado.¹⁰³⁹

A imagem monstruosa do modelo é, de saída, a de um Outro abusivo, que não inclui o sujeito no jogo familiar, não convidando, conseqüentemente, à humanização e ao laço social. Ainda na leitura da *Carta*, é sob as vozes tonitruantes do pai, imagem acústica também desmedida, que Kafka associa os perigos que espreitam seu corpo sempre ameaçado de arrebentar, sucumbir. Mas, com a perspicácia que nunca o abandona, percebe bem que o que

¹⁰³⁸ NASIO. *Psicossomática* – As formações do objeto *a*, p. 63.

¹⁰³⁹ LACAN. *Livro 3 – Seminário: as psicoses*, p. 233.

parecia vir do pai dirigido a outras pessoas, aos empregados de sua loja, ressoa bem mais perto de si: “Reforçavas os praguejos com ameaças e então isso já valia para mim. Era terrível para mim, por exemplo, aquele: ‘Vou fazer picadinho de ti’ (*ich zerresse Dich wie einem Fisch*)”¹⁰⁴⁰, que, ao pé da letra, segundo os tradutores Carone e Backes, é: “Vou te arrebentar como a um peixe.” Kafka ainda tem uma lembrança dolorosa que lhe toca particularmente: “a tua constante maneira de falar de um caixeiro doente do pulmão: ‘Que morra de uma vez, esse cão sarnento!’”¹⁰⁴¹

Em Kafka, a ameaça tem muitas *nuances*. Via-se frequentemente encurralado entre dois mundos, entre duas paredes, entre o deserto e a terra prometida, entre o sul e o norte, entre a vida e a morte, entre o mal e o bem, entre duas mãos, entre duas mós, entre o mal e o mal:

Se eu tivesse de morrer muito breve ou tornar-me incapaz de viver – e existem grandes possibilidades de isto acontecer – pois há duas noites seguidas que escarro sangue – diria que a mim mesmo me dilacerei. A ameaça violenta porém inócua que meu pai costumava proferir: ‘Cortar-te-ei como ao peixe’ – na realidade não me tocava sequer com a ponta do dedo – esta ameaça está se realizando agora apesar dele mesmo. O mundo (F. é que o representa) – e o meu ser, comprometidos em conflito insolúvel, estão quase para dilacerarem o meu corpo.¹⁰⁴²

Kafka pensava que a psicanálise tinha uma pretensão terapêutica equivocada a partir do erro em dar o nome de enfermidade ao que lhe parecia intrínseco ao indivíduo, à crença e às religiões: “Todas esas supuestas enfermedades, por tristes que parezcan, son hechos de fe, arraigo del hombre angustiado en algún suelo materno.”¹⁰⁴³ Em conversa com Milena, que era uma grande ouvinte, continua:

Pero las sujeciones que agarran en el suelo real no son un bien recambiable del individuo, sino que están prefiguradas en su naturaleza y después la siguen configurando (y también su cuerpo) en esa dirección. ¿Y eso pretenden curarlo? En mi caso uno puede imaginar tres círculos, uno, el interior, A, luego B, luego C. El núcleo, A, explica a B por qué esa persona tiene que atormentarse y desconfiar de sí misma, por qué tiene que renunciar (no es una renuncia, eso sería muy difícil, es sólo un tener-que-renunciar), por qué no debe vivir. [...] A C el hombre activo ya no le explica nada, a él sólo le da órdenes B. C actúa bajo intensísima presión, sudando de miedo (¿existe en otros casos ese sudor angustioso que brota en la frente, la mejilla, la sien, la raíz del pelo, por toda la cabeza? Eso le ocurre a C). C actúa, pues, más por miedo que por convicción, él confía, él cree que A se lo explica todo a B y que B lo ha comprendido todo y sabe transmitirlo.¹⁰⁴⁴

¹⁰⁴⁰ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 37-38.

¹⁰⁴¹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 49.

¹⁰⁴² KAFKA. Anotações colhidas em outros diários. In: *Diários* (Itatiaia), p. 165.

¹⁰⁴³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 323.

¹⁰⁴⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 11/1920, p. 324.

É como se a vida estivesse do lado do mundo, dos outros, da família, do casamento, enfim, do pai; e Kafka, sem conseguir participar disso, entre a vida e a morte, excluído da vida, ficasse inevitavelmente com a morte. Kafka parece usar o pai como divisor de águas, novamente uma referência às avessas e veículo agenciador desse movimento que o condena à morte. Dos impropérios que ouvia do pai, não há como não relacionar com a força que Franz atribui aos insultos em geral, como teria dito a Janouch:

Os insultos tem algo de aterrorizante. [...] Todo insulto dismantela a maior invenção do homem: a língua. Aquele que profere um insulto... insulta a alma. É uma tentativa de assassinato, perpetrada contra a Graça. Torna-se disso igualmente culpado aquele que não pesa as palavras com seu peso justo. Pois falar é pesar e delimitar. A palavra é uma escolha entre a vida e a morte.¹⁰⁴⁵

O trauma de não se sentir digno de ser um filho, um Kafka, Franz irá exemplificar nas humilhações que ouve do pai: “Estou pensando em certas observações que literalmente devem ter lavrado sulcos (*förmlich Furchen*) em meu cérebro, como: ‘[...] ficávamos felizes quando tínhamos batatas’; ‘Durante anos tive feridas abertas (*offene Wunden*) nas pernas por falta de roupa de inverno suficiente’.”¹⁰⁴⁶

Essas observações vindas do pai que ressurgem na *Carta ao pai* em 1919 já tinham sido registradas no *Diário*, na data de 26 de dezembro de 1911, dando rédeas a uma mágoa ainda mais ampla e explícita:

É desagradável ouvir meu pai falar, sempre cheio de insinuações, da boa sorte das pessoas de hoje e especialmente dos filhos dele, dos sofrimentos por que teve de passar quando era novo. Ninguém nega que, durante anos, por não ter roupa de inverno suficiente, ele teve feridas (*offene Wunden*) nas pernas, que andou muitas vezes com fome, que quando só tinha ainda dez anos empurrava uma carroça pelas aldeias, até no inverno e de manhã muito cedo – mas, e isto é uma coisa que ele não compreende, esses fatos, juntamente com o de eu não ter tido de passar por tudo isto, não levam a concluir que eu sou mais feliz do que ele, que ele se pode orgulhar das feridas que teve nas pernas, que é uma coisa que se arroga e que afirma desde o princípio, que eu não posso avaliar os seus sofrimentos e que, finalmente, só porque não passei pelos mesmos sofrimentos, tenho de lhe estar eternamente grato. O prazer que eu não teria de ouvi-lo falar da sua juventude e dos pais, mas ouvir tudo isto naquele tom de orgulho e de agressividade é um tormento. Está constantemente a erguer as mãos: “Quem é capaz de compreender isso hoje! Que sabem os filhos! Não houve ninguém que tivesse passado por isto! Será que um filho percebe isto hoje?”. Hoje voltou a falar nesse mesmo tom diante da Tia Julie que veio visitar-nos. Ela também tem a cara grande que tem todos os parentes do lado do meu pai. [...] Aos dez anos se empregou como cozinheira. Em meio ao frio mais atroz, tinha que sair para buscar qualquer coisa com um vestidinho molhado; se lhe abria a pele das pernas, o vestidinho se congelava e somente à noite se secava na cama.¹⁰⁴⁷

¹⁰⁴⁵ JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 47.

¹⁰⁴⁶ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 45.

¹⁰⁴⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), p. 137-138; *Diários* (Emecé), p. 146-147.

Essa história contada e repetida mais de uma vez, ouvida e registrada mais de uma vez merece algumas perguntas: não conseguindo gozar do êxito, da aposta e da admiração do pai, teria a Kafka restado como herança, as feridas inesquecíveis do antepassado, feridas abertas que lhe são cobradas, principalmente por ele mesmo? As feridas abertas do pai seriam mais uma dívida – dívida última a ser paga para dar cabo a um juízo final permanente que assola Kafka? Ou seriam esses cortes a escrita da marca do pai que, nesse caso, só pôde se dar como talhe na carne do corpo? Marcas do pai que reconhecemos também no uso que Kafka faz da doença, por vezes explicitamente, como álibi, autocomiseração e mesmo chantagem. Desculpando-se com Brod por não ter escrito ao Amigo Felix: “Espero que ele não esteja zangado comigo. Se está vou covardemente lembrá-lo da minha doença e dizer-lhe que não é justo ficar zangado com um pobre inválido.”¹⁰⁴⁸

Kafka chega a denunciar essa estratégia chantagista do pai na *Carta*: “posso concordar no máximo que o nervosismo cardíaco é um meio para o exercício mais estrito da dominação, já que a lembrança da doença deve sufocar nos outros a última réplica.”¹⁰⁴⁹ Pawell, por sua vez, não deixa de pontuar que o uso da doença é uma herança:

O uso da doença pela criança, como meio de obter atenção, conforto e amor, é universal, e Kafka, desamado e indesejado, aprendeu a usá-la com uma habilidade requintada, que estabeleceu o padrão dos modos pelos quais o homem adulto continuaria, pelo resto da vida, a manipular aqueles que lhe eram próximos. Nesse aspecto, ademais, ele tinha um exemplo cristalino em que modelar-se: ninguém era mais hábil em extorquir solidariedade através da doença do que o pai de Kafka.¹⁰⁵⁰

Na impossibilidade de unir-se conjugalmente a Felice, retornando de uma visita à noiva em Berlim, encontramos um Kafka sofrendo de insônia, terrivelmente fatigado que nos dá em carta à noiva de 28 de março 1913, o seguinte depoimento:

A janela estava aberta e, em meus pensamentos confusos, passei muitos quartos de hora a saltar ininterruptamente pela janela, depois do que foi a vez dos trens; eles cortavam (*Schnitte*) um depois do outro meu corpo estendido sobre os trilhos alargando e aprofundando os talhos que eu já tinha no pescoço e nas pernas. Mas por que escrevo isso?

Unicamente para atrair você uma vez mais para mim através de sua piedade, e para gozar ainda dessa felicidade antes que tudo seja destruído pela minha verdadeira confissão.¹⁰⁵¹

¹⁰⁴⁸ KAFKA. Carta a Max Brod, Zürich, início de outubro/1917. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 35.

¹⁰⁴⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 35.

¹⁰⁵⁰ PAWEL. *O pesadelo da razão*, p. 218.

¹⁰⁵¹ KAFKA. *Lettres à Felice*, 28/03/1913, p. 393; *Cartas a Felice* (Alianza), p. 342.

Não deixa de nos intrigar o fato de Kafka nos dar a ler tantas vezes essas cenas de feridas, de cortes e de talhos no corpo. O que essas fendas no corpo nos escrevem da relação do sujeito ao Outro? Em seu seminário de 1964, Lacan atribui à libido a função de um órgão, uma lâmina amebiana, um instrumento da pulsão.¹⁰⁵² Um órgão irreal (de modo algum imaginário, mas se articulando ao real de uma forma que nos escapa e que representamos como mítica), mas que não impede de se encarnar:

Uma das formas mais antigas de encarnar, no corpo, esse órgão irreal, é a tatuagem, a escarificação. O entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros. E, ao mesmo tempo, ela tem, de maneira evidente, uma função erótica, de que todos aqueles que abordaram sua realidade se aperceberam.¹⁰⁵³

Entretanto, não podemos negar, no que tange às relações do sujeito ao Outro, mesmo que isso pareça surpreendente, é que a linguagem mesma é o órgão-mor, mas não como um membro intrínseco que cresce junto com o desenvolvimento do ser humano, como seria para Chomsky. Para Lacan, a linguagem é um órgão fora do corpo, que atinge o corpo, instrumento do qual cada ser falante se serve, de maneira singular, e através do qual, inclusive, nomeia os outros. “É a partir do fato de que o ser falante é afetado pelo órgão linguagem que ele deve achar que seu corpo não é sem outros órgãos, que o órgão linguagem não é o único.”¹⁰⁵⁴ A linguagem é o órgão que faz o sujeito falar e nomear o corpo e seus órgãos. Para Kafka, podemos dizer que a linguagem é seu órgão vital e usa-a a tal ponto que se confunde com ela ao afirmar ser “apenas literatura”. Desenvolveremos nas considerações finais o uso do órgão da linguagem em Kafka.

Voltando à questão psicossomática, Lacan a aborda algumas vezes em seu ensino, reconhecendo que é um domínio pouco explorado. No entanto, nos dá algumas indicações preciosas. A que se segue é a mais tardia no seu ensino:

Finalmente é, de todo modo, algo da ordem do escrito. Em muitos casos não sabemos lê-lo. Teria de dizer aqui alguma coisa que introduzisse a noção do escrito. Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que nos é dado como um enigma. [...] Há algo para ler ante o qual, frequentemente boiamos.¹⁰⁵⁵

¹⁰⁵² LACAN. *Livro 11 – O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. “Essa lamina, esse órgão, que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos um órgão” (p. 186).

¹⁰⁵³ LACAN. *Livro 11 – O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 195.

¹⁰⁵⁴ MILLER. A invenção psicótica. *Opção lacaniana*, n. 36, p. 10.

¹⁰⁵⁵ LACAN. Conferência em Genebra sobre o sintoma, p. 14; Conferência em Genebra, p. 137.

O corpo é então tomado como suporte do nome, considerado como um rótulo (cartucho), como portando o nome próprio. “Um doente psicossomático é muito complicado e isso se assemelha mais a um hieróglifo do que a um grito.”¹⁰⁵⁶ Lacan se surpreende como há sobre isso, sobre a forma escrita, a ortografia, uma grande hiância nas elaborações, há um vazio:

Como existe uma ortografia? É a coisa no mundo que deixa a gente mais estupefato e, além disso, que seja manifestamente mediante o escrito que a palavra faça sua brecha, pelo escrito e unicamente pelo escrito, o escrito que chamamos cifras, porque não queremos falar de números. Há alguma coisa aí que é da ordem do que se colocava a pouco como pergunta – da ordem da imanência. O corpo no significante faz traço e traço que é um Um. Eu traduzi o *einzigster Zug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como *traço unário*. Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito. A este respeito, se o hieroglífico é egípcio ou chinês dá no mesmo. Trata-se sempre de uma configuração do traço. Não é por acaso que a numeração binária somente se escreve com 1 e 0. A questão deveria ser julgada ao nível de – qual é a espécie de gozo que encontramos no psicossomático? Se eu evoquei uma metáfora como a do *congelado*, é porque existe efetivamente essa espécie de fixação. Freud também não emprega por acaso o termo *Fixierung* – é porque o corpo se deixa levar a escrever algo da ordem do número.¹⁰⁵⁷

Parece-nos importante que pensemos esse traço, essa ordem do número, no sentido antigo, da pré-história da contabilidade. O número aqui como uma cifra não ordinal, como um corte entalhado: talhe, marca escavada de gozo, que promove uma fixação diferente de uma impressão memorial das letras. Pois diferentemente dessa terrível herança do pai que vemos lavrada em Kafka por sulcos e feridas, vemos como Julio Cortázar fala de outro modo de suas marcas “paternas”, marcas registradas não no cérebro, mas na memória, patrimônio simbólico: ele nos diz de “versos de Federico García Lorca, que ficaram assim como certas coisas que ficam como uma tatuagem no corpo. Eu tenho alguns versos tatuados na memória”.¹⁰⁵⁸

Diferentemente, em Kafka, o que opera é o poder atribuído ao pai aliado à força de inscrição com que o filho teria tomado as palavras: “Pois as palavras são fórmulas mágicas. Elas deixam no cérebro impressões digitais, capazes de se transformar num gesto de mão, em pegadas, as da História. É preciso atentar para cada palavra.”¹⁰⁵⁹

Retomando a *Carta*, essas observações do pai que, segundo Kafka, literalmente lavraram sulcos no cérebro, têm ressonância com o que teoriza Jean Guir a respeito da doença

¹⁰⁵⁶ LACAN. Conferência em Genebra sobre o sintoma, p. 15; Conferencia en Ginebra, p. 138. No entanto, para a holófrase Lacan propõe algo perto do grito no *Seminário 6*, O desejo e sua interpretação: “Não há dúvida; a holófrase tem um nome: é a interjeição.” Lição de 3/12/1958.

¹⁰⁵⁷ LACAN. Conferência em Genebra sobre o sintoma, p. 15; Conferencia en Ginebra. In: *Intervenciones y Textos 2*, p. 139.

¹⁰⁵⁸ CORTÁZAR. Entrevista realizada por Joaquin Soler Solano, Programa da televisão Espanhola *A fondo* (20/03/1977) 0:40:32min. Disponível em: <<http://www.rtve.es/alacarta/videos/a-fondo/entrevista-julio-cortazar-programa-fondo/1051583/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹⁰⁵⁹ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 70.

psicossomática, que ele toma como uma nomeação do real bruto, um brasão orgânico que convoca em silêncio os laços de parentesco, compensando uma deficiência na filiação simbólica. Diferente de Lacan, mas com ele, Nasio pensa na lesão como efeito, por um lado, de uma injunção significativa que é como um grito e, do lado do corpo, a resposta de uma lesão-objeto que é, por sua vez, um grito mudo onde o que apela, o que convoca é a ulceração, a ferida. “[...] trata-se de *enunciações puras*, quero dizer, sem sujeito do enunciado. O exemplo mais claro de uma enunciação pura é um *grito*, e particularmente um grito de dor”.¹⁰⁶⁰

Lacan lembra que um significante pode ter uma ação direta sobre a fisiologia do organismo lembrando a pouco explorada experiência do reflexo condicionado de Pavlov, como uma experiência de linguagem incidindo em uma necessidade orgânica. Em poucas linhas, o experimento consistia no reforço repetido da apresentação do alimento junto a um toque sonoro para um cão, com a resposta orgânica de salivação. A repetição do procedimento provocava, depois de um tempo, o desencadeamento da secreção gástrica, a salivação do animal, através dos mesmos sons emitidos, sem a oferta da refeição. Constata-se uma alteração no organismo animal em que o sujeito cientista que aplica o procedimento parece não estar implicado. Mas sabemos que é o desejo do experimentador que faz um corte na organização orgânica de uma necessidade. Certamente, lembra-nos Lacan, o animal não aprende a falar por essa via. “A experiência pode provocar nele toda a sorte de desordem, toda sorte de problema, mas, não sendo até o presente um ser falante, ele não é chamado a pôr em questão o desejo do experimentador”, e Lacan chega a se perguntar: aliás se o interrogássemos, ficaria bem embaraçado para responder.”¹⁰⁶¹ Mesmo sem saber, Pavlov encontra por acidente em sua experiência “estruturas análogas às que descobrimos na experiência analítica [...] a determinação do sujeito como fundada sobre essa ligação de significante a significante”.¹⁰⁶² Entendemos que os fenômenos psicossomáticos se justificam, pedem um lugar na práxis psicanalítica por serem vicissitudes do desejo, do significante e da letra, do gozo, elementos já implicados na estrutura mesma da constituição do sujeito. Lacan observa que se pode renovar o termo “psicossomática” atentando para a “falha epistemo-somática”¹⁰⁶³ da qual padecem

¹⁰⁶⁰ NASIO. *Psicossomática – As formações do objeto a*, p. 62.

¹⁰⁶¹ LACAN. *Livro 11 – O seminário*, p. 224. N.º *O seminário – livro 10*: a Angústia, Lacan trabalhando sobre aquilo que engana o corpo ou o organismo, também lembra o experimento como sendo a neurotização do animal na presença da demanda, do desejo e do gozo do Outro. “Dimensão do Outro está presente na experiência” (p. 69). No *Seminário 15*, Lacan, distinguindo o ato psicanalítico de outras ações, retoma a experiência pavloviana que, segundo ele, prova o quanto o organismo pode ser enganado, subvertido e adulterado pelo significante. Lição de 15/11/1967.

¹⁰⁶² LACAN. *O Seminário – Livro 15*, O ato psicanalítico, lição de 22/11/1967.

¹⁰⁶³ LACAN. O lugar da psicanálise na medicina. (1966). *Opção Lacaniana*, n. 32, p. 11.

tanto a ciência médica quanto o sujeito do saber sobre o gozo. Gozo insabido que está sempre implicado no adoecimento.

Distintamente do cão, que não questiona o que quer o cientista com sua sineta, é o corte do desejo do pai que Kafka invoca quando registra mais de uma vez essas lembranças, não encontrando no genitor seu lugar de filho na linhagem paterna. Ele encontra, ao contrário do corte desejante, um ferimento (*Wundkanal*): o trauma do gozo de um sofrimento (*offene Wunden*) a altura do qual o filho não está. Nesse gozo/sofrimento do pai, Kafka não é digno de ser reconhecido como filho. Seria a lesão da tuberculose, essa sua ferida interna, a carta, o cartucho, a escritura de sua filiação? “Traço do real, a lesão psicossomática é um selo corporal da história familiar. Ela transforma, para um sujeito, sua pertinência simbólica na linhagem em uma espécie de filiação quase-orgânica.”¹⁰⁶⁴

Nasio observa que “Freud concebia a fantasia constituída justamente de coisas ouvidas e o sonho de coisas vistas. Eu diria que o que acontece aqui é da mesma ordem, salvo que estas coisas ouvidas ou vistas não são elementos recortados, mas elementos maciços, estranhos”. São expressões que Lacan chama de holófrases: frases onde não há intervalo entre os significantes, o que os deixa solidificados.¹⁰⁶⁵ Nasio acrescenta “que essas holófrases são ligadas à necessidade, ao corpo. Foi por isso que dei o exemplo do grito.”¹⁰⁶⁶

Ainda com Nasio, para ele não basta considerar os apelos que podem provocar lesões de órgão como intimidantes ou ameaçadores, “é preciso dizer, sobretudo, que são apelos *fascinantes*, capazes de estupefazer, paralisar o sujeito”¹⁰⁶⁷. É exatamente de paralisia e emudecimento que se queixa Kafka, quando está diante do pai em sua *Carta* a ele dedicada:

A impossibilidade do intercâmbio tranquilo teve uma outra consequência na verdade muito natural: desaprendi a falar. Certamente eu não teria sido, em outro contexto, um grande orador, mas sem dúvida teria dominado a linguagem humana fluente e comum. No entanto, logo cedo você me interditou a palavra, sua ameaça: “Nenhuma palavra de contestação!” e a mão erguida no ato me acompanharam desde sempre. Na sua presença – quando se trata das suas coisas você é um excelente orador – adquiri um modo de falar entrecortado, gaguejante, para você também isso era demais, finalmente silencieei, a princípio talvez por teimosia, mais tarde porque já não podia pensar nem falar. E como você era meu verdadeiro educador, isso repercutiu em todos os aspectos da minha vida.¹⁰⁶⁸

E um pouco mais adiante ainda lemos:

¹⁰⁶⁴ GUIR. Fenômenos psicossomáticos. In: *A psicossomática na clínica lacaniana*, p. 41-42.

¹⁰⁶⁵ LACAN. *O seminário - Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais*, p. 225.

¹⁰⁶⁶ NASIO. *Psicossomática – As formações do objeto a*, p. 62.

¹⁰⁶⁷ NASIO. *Psicossomática – As formações do objeto a*, p. 62.

¹⁰⁶⁸ KAFKA. *Carta ao pai*, p.35-36.

Você dizia: “Nenhuma palavra de contestação!” e com isso queria silenciar em mim as forças contrárias que lhe eram tão desagradáveis, mas essa influência era muito forte para mim, eu era dócil demais, emudecia por completo, me escondia de você e só ousava me mexer quando estava tão distante que o seu poder não me alcançava mais, pelo menos diretamente.¹⁰⁶⁹

Se o desejo paterno está obstaculizado na transmissão de sua função, sabemos que o sujeito pode lançar mão de outros meios para obter a filiação: por exemplo, a identificação a algum sofrimento, a algo de sintomático, a algo da fantasia parental, que aqui, à luz do discurso paterno, pode bem ser uma identificação às feridas do pai. Uma “compaixão” com as dores que o pai recusa em reconhecer no filho e que Kafka produz com o corpo. É preciso lembrar que a tuberculose provocou em Kafka uma lesão interna de tal extensão que no final de sua enfermidade ficou impossibilitado de comer e falar. Com Guir podemos dizer que o mimetismo buscado no gozo, no sofrimento das feridas, pode fazer uma presentificação carnal que faz as vezes do traço unário, no retorno literal daquilo que não foi transmitido simbolicamente pelo pai. As feridas então brotam como “um efeito orgânico da imagem do semelhante em relação com a perda, abandono, ou separação da pessoa amada”¹⁰⁷⁰. Em numerosos casos, as localizações anatômicas atingidas remetem, em um encadeamento mimético, ao corpo de um membro da família, do cônjuge ou de alguém que lhe confira linhagem. Ainda com Guir, citando Nasio em outro momento: “Algumas vezes há um polimimetismo: o sujeito se faz representante orgânico da história dos corpos da sua linhagem em eco à inscrição aberrante dos significantes de sua filiação.”¹⁰⁷¹

Desse modo:

Não há mais filiação dos nomes-do-pai, e sim filiação por si mesma. Então, o órgão atingido pelos fenômenos psicossomáticos funciona como um órgão roubado de um outro e tenta gozar como se pertencesse àquele outro. É um enxerto imaginário cuja implantação forçada cria lesões que exprimem a impossibilidade de penetrar no gozo do corpo do outro.¹⁰⁷²

Porque, para casos como esses, para alguns como Kafka, resta insistir nessa filiação pelo sofrimento, resta tentar penetrar no gozo do corpo do outro, porque não encontra lugar no desejo do outro.

¹⁰⁶⁹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 37.

¹⁰⁷⁰ GUIR. Fenômenos psicossomáticos e função paterna. In: *Psicossomática e psicanálise*, p. 55. No final desse artigo, o autor presta homenagem a Alain Merlet, que apontou em sua tese de medicina o traço de mimetismo nas afecções psicossomáticas.

¹⁰⁷¹ Nasio *apud* GUIR. *Psicossomática: as formações do objeto a*, p. 83.

¹⁰⁷² GUIR. *Psicossomática: as formações do objeto a*, p. 83.

3.6 Costurando as feridas

Entre outras coisas, escrevo para que não suceda o que temo; para que o que me fere não aconteça; para afastar o Mal (cf. Kafka). Diz-se que o poeta é o grande terapeuta. Neste sentido, o fazer poético implicaria exorcizar, conjurar e, mais além, reparar. Escrever um poema é reparar a ferida fundamental, a ruptura. Porque todos estamos feridos.¹⁰⁷³

Continuando nesse rastreamento das feridas, podemos pensar ainda na extensão literária dessa atividade mimética, desta vez presente na ficção das narrativas de Kafka. Não há como deixar de evocar a descrição minuciosa da inscrição na carne do corpo que produz a máquina de execução no conto da *Colônia Penal*. Máquina que escreve sulcando a pele com agulhas as letras da sentença aplicada ao condenado. Uma sentença prévia e desconhecida pelo condenado: “seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne.”¹⁰⁷⁴ Ele “a decifra com os seus ferimentos”.¹⁰⁷⁵ Um veredicto que se sabe, que se lê, somente na medida em que é escrito no próprio corpo, e na medida em que a condenação coincide com a execução, quando e onde não há apelo possível. Em Kafka, a máquina que tortura até a morte é curiosamente uma enorme e monstruosa máquina de escrever no corpo.

¹⁰⁷³ PIZARNIK. Entrevista a Alejandra Pizarnik por Marta Izabel Moia. In: *El deseo de La palabra, ou Prosa completa*, p. 311/315.

¹⁰⁷⁴ KAFKA. Na colônia penal. In: *O veredicto/Na colônia penal*, p. 36.

¹⁰⁷⁵ KAFKA. Na colônia penal. In: *O veredicto/Na colônia penal*, p. 44.

Figura 40 – Brasão da cidade de Praga¹⁰⁷⁶



Fonte: Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Prague_CoA_CZ.svg>. Acesso em: 24 mar. 2018.

No conto “O brasão da cidade”, Kafka fabula sobre o forte desejo da construção de uma Torre de Babel que pretende ir até ao fim dos céus.¹⁰⁷⁷ Tudo ao redor seria secundário. O trabalho envolve gerações e gerações e, durante batalhas e disputas entre as nacionalidades, acontece a construção da cidade dos trabalhadores. Nos intervalos fazia-se o embelezamento da cidade e com destreza seguia a construção. Isso provocava a inveja e novas lutas se intensificavam.

a segunda ou terceira geração reconheceu o sem-sentido da construção da torre do céu, mas já estavam todos muito ligados entre si para abandonar a cidade. Tudo o que nela surgiu de lendas e canções está repleto de nostalgia pelo dia profetizado em que a cidade será destroçada por um punho gigantesco com cinco golpes em rápida sucessão. Por isso a cidade também tem um punho no seu brasão.¹⁰⁷⁸

Comenta Modesto Carone, em “Nas garras de Praga”, que “a associação com a cidade de Praga no plano subjetivo não é forçada”¹⁰⁷⁹ e que Kafka não deixou de exprimir seus sentimentos pela sua cidade natal, resumidos na frase conhecida e que se lê na placa comemorativa colocada no portal da casa em que nasceu: “Praga não solta, a mãezinha tem garras”. Carone finaliza seu texto com esta observação: “Difícilmente a obra de Kafka teria sido

¹⁰⁷⁶ Lembramos que em *Amerika*, primeiro romance esboçado por Kafka, vemos-lo descrever (erradamente?) a estátua da liberdade bradando uma espada no ar.

¹⁰⁷⁷ Lembramos que há três línguas e três culturas sob o céu de Kafka: a judaica, a alemã e a tcheca.

¹⁰⁷⁸ KAFKA. O brasão da cidade. In: *Narrativas do espólio*, p. 109.

¹⁰⁷⁹ CARONE. Nas garras de praga. In: *Lição de Kafka*, p. 99.

o que foi sem as feridas que ele recebeu dessa bela cidade.”¹⁰⁸⁰ Nos volta a expressão da atitude de Kafka em relação à sua doença: “comporto-me com relação à tuberculose, como uma criança se agarra à saia da mãe”.¹⁰⁸¹

A repetição dos fracassos para Kafka é como uma escariação que impede a cicatriz de se fechar, renovando assim o ferimento e, por fim, perfaz um trilhamento, em um leito que serve ao e amor e à morte, um leito de dor: “O doloroso é a idade da ferida (*Alter der Wunde*), mais que sua profundidade e proliferação. Lacerar uma e outra vez o mesmo ferimento [canal da ferida] (*Wundkanal*), assistir outra vez ao tratamento dessa ferida, inúmeras vezes operada, (*operierte Wunde*) isso é o que dói.”¹⁰⁸² No breve noivado de seis meses com Julie, fracasso que detonou a escrita da *Carta ao pai*, sentiu novamente as feridas confessando-se em carta à irmã de Julie:

atirado a sua pior dor anterior como se as velhas experiências voltassem a ser revividas – pois elas são e permanecem parte do passado. Há literalmente o canal de uma velha ferida (*literally the channel of an old wound*) e qualquer dor nova imediatamente corre para cima e para baixo. Terrível como no primeiro dia e mais terrível ainda por a gente já estar tão enfraquecido.¹⁰⁸³

Kafka na correspondência com Milena comenta sua tradução para o tcheco de uma de suas novelas que suspeitamos ser “O veredicto”: “A tradução da frase final é muito boa. Nessa história cada frase, cada palavra, cada – se se me permite a expressão – música está relacionada com o ‘medo’ (*Angst*) então se abriu a ferida (*Wunde*) pela primeira vez em uma longa noite e, em minha opinião, a tradução reproduz exatamente tal relação com essa mão de fada que é a sua.”¹⁰⁸⁴

Esse fantasma da figura do pai que tanto intimida Kafka, essa separação sempre ensaiada, essa ferida sempre renovada, esse homem que não se viriliza, nos conduz, nesse percurso, a essa dor produzida pela sombra do objeto caindo sobre o sujeito, a dor da melancolia: já no Rascunho G, parte VI, Freud, ainda em termos de uma economia neurológica, associaria a melancolia a uma ferida:

Podemos imaginar que, quando o ps. G. [grupo sexual psíquico] se defronta com uma grande perda da quantidade de sua excitação, pode acontecer uma *retração para dentro* (por assim dizer) *na esfera psíquica*, que produz um efeito de sucção sobre as quantidades de excitação contíguas. Os neurônios associados são obrigados a

¹⁰⁸⁰ CARONE. Nas garras de praga. In: *Lição de Kafka*, p. 99.

¹⁰⁸¹ Kafka *apud* CANETTI. *O outro processo*: as cartas a Felice, p. 125.

¹⁰⁸² KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/09/1917, p. 365; *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), p. 516.

¹⁰⁸³ KAFKA. Carta a uma irmã de Julie Wohryzek, 24/11/1919. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 51.

¹⁰⁸⁴ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 28/08/1920, p. 209.

desfazer-se de sua excitação, *o que produz sofrimento*. [...] Desfazer associações é sempre doloroso. Com isso, instala-se um empobrecimento da excitação (no seu depósito livre) – uma *hemorragia interna*, por assim dizer – que se manifesta nas outras pulsões e funções. Essa retração para dentro atua de forma inibidora, como uma *ferida*, num modo análogo ao da dor.¹⁰⁸⁵

Muitos anos depois, em “Luto e melancolia”, Freud, curiosamente e, talvez, não por mera coincidência, utiliza-se da mesma imagem: “O complexo de melancolia se comporta como uma ferida aberta (*offene Wunde*).”¹⁰⁸⁶

3.7 “O gérmem da morte”

é muito possível que a determinação de curar-se ou a vontade de morrer não sejam desprovidas de importância nem mesmo para o desfecho dos casos mais graves e mais duvidosos de doença.¹⁰⁸⁷

Mas é o mal, o mal em absoluto: uma chaga aberta sobre si mesma [...] chaga sem remédio, sem cicatrizes, chaga que não se fecha.¹⁰⁸⁸

Já com a doença em um estado avançado e preparando-se para viajar mais uma vez para um sanatório, em conversa com o poeta e amigo Gustav Janouch, recebe deste uma mensagem otimista: “O senhor vai descansar e voltar curado. O futuro vai ajeitar tudo. Tudo vai mudar.” Mas Kafka, sorrindo, apontou com o dedo o peito e disse: “O futuro já está aqui, em mim. A mudança será a manifestação de meus ferimentos escondidos.” Diante disso, pergunta o interlocutor impaciente: “Se não acredita nessa cura, por que vai para o sanatório?” E recebe uma resposta como que extraída do romance *O processo*: “Todos os acusados se esforçam para que o veredicto seja adiado.”¹⁰⁸⁹ No conto “O veredicto”, também ressurgem ferimentos ou, pelo menos, suas cicatrizes. Georg, o filho, em um determinado momento, é duramente atacado pelo pai em sua intenção de se casar: “Só porque ela levantou a saia – começou o pai em voz de falsete –, só porque a nojenta idiota levantou a saia – e para fazer a mímica suspendeu tão alto o camisolão, que dava para ver na parte superior da coxa a cicatriz dos seus anos de guerra.”¹⁰⁹⁰

Percorrendo ainda as ficções, em *A metamorfose*, o protagonista Gregor Samsa é alvo de uma série de ataques injuriosos e físicos do pai. Ao final do primeiro capítulo já vemos Gregor, ao tentar passar pela abertura da porta de seu quarto, ser quase esmagado nessa travessia

¹⁰⁸⁵ FREUD. Rascunho G, p. 281-282.

¹⁰⁸⁶ FREUD. Luto e melancolia, p. 285-286.

¹⁰⁸⁷ FREUD. Tratamento psíquico (ou anímico), v. VII, p. 303.

¹⁰⁸⁸ NANCY. *Corpus*, p. 79.

¹⁰⁸⁹ JANOUCH. *Conversas com Kafka*, p. 215-216.

¹⁰⁹⁰ KAFKA. O veredicto. In: *Kafka essencial*, p. 39.

e acaba sofrendo um golpe violento do pai que o atira quarto adentro, sangrando abundantemente.

Seu lado esquerdo parecia uma única e longa cicatriz, desagradavelmente esticada, e ele tinha de capengar com cuidado sobre as duas fileiras de pernas. Uma das perninhas, aliás, fora ferida com gravidade no curso dos acontecimentos matutinos – era quase um milagre que apenas uma tenha sido ferida (*verletzt worden war*) – e era arrastada inerte atrás das outras.¹⁰⁹¹

É com uma ferida aberta pela maçã atirada pelo pai que Gregor Samsa começa sua lenta e solitária agonia:

Era uma maçã; logo uma segunda voou em sua direção; Gregor ficou paralisado de susto (*Schrecken*); correr adiante era inútil, pois o pai havia se decidido bombardeá-lo. [...] uma maçã atirada sem força roçou as costas de Gregor (*Gregors Rücken*), resvalando sem lhe causar dano. Outra, que foi atirada logo a seguir, pelo contrário, literalmente penetrou nas costas de Gregor; Gregor quis se arrastar adiante, como se a dor surpreendente e incrível pudesse passar com a mudança de lugar; mas ele se sentia como se estivesse pregado ao chão e espichou (*festgenagelt und streckte*) seu corpo em completa confusão de todos os sentidos.¹⁰⁹²

Novamente vemos uma condenação operada diretamente sobre o corpo:

O grave ferimento (*Verwundung*) de Gregor, que o fez sofrer por mais de um mês – a maçã ficou, uma vez que ninguém teve coragem de retirá-la, alojada na carne (*im Fleische sitzen*) como recordação visível – pareceu lembrar inclusive ao pai que Gregor, apesar de sua atual figura tristonha e repulsiva, era um membro da família, que não devia ser tratado como um inimigo.¹⁰⁹³

É a lesão operada pela maçã que, em decomposição, fica grudada no dorso inflamado do grande escaravelho, que se torna a ferida (*Wunde*) fatal que conduz Gregor, finalmente, à morte:

“E agora?”, Gregor perguntou a si mesmo e olhou a escuridão à sua volta. Logo descobriu que não podia mais se mexer nem um pouco. [...] Quanto ao resto, ele até se sentia relativamente confortável. Ainda tinha dores pelo corpo todo, mas parecia-lhe que elas pouco a pouco iam se tornando mais fracas e ao final desapareceriam por completo. A maçã podre em suas costas, assim como a região inflamada em volta dela, que estava inteiramente coberta por uma poeira leve, quase não o incomodava mais.¹⁰⁹⁴

¹⁰⁹¹ KAFKA. *A metamorfose*, p. 43.

¹⁰⁹² KAFKA. *A metamorfose*, p. 71-72.

¹⁰⁹³ KAFKA. *A metamorfose*, p. 73.

¹⁰⁹⁴ KAFKA. *A metamorfose*, p. 95.

Nesse conto, as feridas abertas pelos ataques do pai acabam condenando Gregor à morte. Gregor, primeiro transformado em inseto, morre reduzido à coisa, literalmente varrido do seu quarto.

3.8 A ferida do sexo

Pensem nas feridas como rosas cálidas.¹⁰⁹⁵

Mas a ferida aberta em Kafka também tem ainda uma outra face, conta ainda uma outra história, guarda em segredo ainda um outro sentido.

No início dos *Diários* há uma descoberta da juventude. Em suas longas comparações com seu duplo “o celibatário”, a ferida entra em cena como uma herança encarnada, até então desconsiderada que vai se revelando uma marca fundamental, única, e ainda mais antiga:

Naquele tempo, que hoje já ninguém recorda, porque nada pode estar mais aniquilado que aquele tempo, naquele tempo em que sentiu o fundo de si, o celibatário socobrou , como de repente se descobre uma úlcera [ferida] (*an seinem Leib ein Geschwür bemerkt*) em nosso corpo que, até então era a última coisa no nosso corpo (*Körper*), nem sequer a última, pois parecia não existir ainda, e que agora é o mais do que tudo o que nosso corpo possuiu desde o nascimento. Se todo o nosso ser até agora se orientava para o trabalho de nossas mãos, para o que nossos olhos vêem, para o que nossos ouvidos ouvem, para os passos de nossos pés dão, subitamente voltamos-nos para a direção oposta, como um cata-vento nas montanhas.¹⁰⁹⁶

Publicado em vida (1920), o livro *Um médico rural (Ein Landarzt)* dá o nome à coletânea com 14 narrativas e é dedicado ao pai. No conto homônimo, dentro da atmosfera de seu onirismo, um doutor é chamado a atender um caso de urgência, deixando sua empregada Rosa em apuros, perseguida por um rude cavaleiro. Um doente grave o aguarda. Diante dos olhos vazios do jovem paciente, o médico escuta-o dizer: “Doutor deixe-me morrer.” Ao médico, o rapaz parece estar são, mas já se preparando para ir embora descobre no jovem a doença (*Krank*):

Na região dos quadris, abriu-se uma ferida grande como a palma da mão (*handtellergröße Wunde*). Cor-de-rosa (*Rosa*), em vários matizes, escura no fundo, tornando-se clara nas bordas, delicadamente granulada, com o sangue coagulado de forma irregular, aberta como a boca de uma mina à luz do dia. Assim parece à distância. De perto mostra mais uma complicação. Quem pode olhar para isso sem dar um breve assobio? Vermes da grossura e comprimento do meu dedo mínimo, rosados por natureza e além disso salpicados de sangue, reviram-se para a luz, presos no interior da ferida, com cabecinhas brancas e muitas perninhas. Pobre rapaz, não é possível ajudá-lo. Descobri sua grande ferida (*Wunde*); essa flor no seu flanco vai

¹⁰⁹⁵ MORAES. Rosa de Hiroxima.

¹⁰⁹⁶ KAFKA. *Diários* (Emecé), 19/07/1910, p. 16-17; *Diários- Diários de viagem (Relógio D'Água)*, p. 73.

arruiná-lo. [...] – Você vai me salvar? – Sussurra o jovem soluçando, totalmente ofuscado pela vida na sua ferida (*Leben in seiner Wunde*).¹⁰⁹⁷

O médico percebe que a cura é impossível. Despem-no e deitam-no ao lado da ferida. Escuta acusações de descrédito e desconfiança. Tenta se justificar. Também não é fácil para ele. Retruca o jovem paciente:

“Devo me contentar com essa desculpa? Ah, certamente que sim. Tenho sempre de me contentar. Vim ao mundo com uma bela ferida; foi esse todo o meu dote.” O médico consola o rapaz: “Sua ferida não é assim tão má. Aberta com dois golpes de machado em ângulo agudo. Muitos oferecem o flanco e quase não ouvem o machado na mata, muito menos que ele se aproxima.”¹⁰⁹⁸

No sonho de angústia que o conto escreve, a grande ferida aberta em flor é o dote de nascença. E essa herança pode traçar com precisão um destino. Em carta de 1917, finalizando definitivamente o noivado com Felice, Kafka agradece a Brod a insistência que fez com que ele se consultasse com um médico, diagnosticando assim a tuberculose. Mas, contrapondo-se ao amigo que o considerou imprudente [leviano] (*leichtsinnig*), retruca certo: “ao contrário, sou um calculista (*rechnerisch*) [...] pois também previ isso. Você se lembra da ferida sangrenta no ‘Médico rural’? (*Erinnerst Du Dich an die Blutwunde im ‘Landarzt’?*)¹⁰⁹⁹

Mas a herança aqui, a herança maldita, não poderia ser também a flor do sexo, ferida pulsante que tanto atormentava Kafka? A sexualidade nos humanos não se dá como dado natural anatômico. Como diz Lacan, “poder-se-ia propor que se Freud demonstra algo, é que a sexualidade faz buraco, mas o ser humano não tem a menor ideia do que isso é”. A inscrição do sexo se dá pela extração da necessidade instintual. O dom do sexo, ferida narcísica que se abre para o outro, opera-se a partir de uma secção, divisão dos seres hermafroditas do mito do Banquete de Platão, castração – trauma fundamental – que para a psicanálise insere a falta incurável nos sujeitos homens e mulheres. Uma ferida incurável e viva; uma ferida mais viva que o corpo que parasita e consome, pois guarda o gérmen, a semente de outra vida. Uma ferida *Rosa* como a mulher que, no conto, desejada, lhe escapa, perseguida por outro.

No término do noivado com Felice, encontramos Kafka mortalmente ferido “– Pobre e querida Felice... escrevi há pouco; serão estas palavras o eterno epílogo de minhas cartas? Não é uma faca que apenas fira de frente. Ela dá giros e também fere por trás.”¹¹⁰⁰ Como aponta Canetti, os processos, o longo noivado e a construção do romance são desdobramentos de uma

¹⁰⁹⁷ KAFKA. Um Médico rural. In: *Um médico rural*, p. 18-19.

¹⁰⁹⁸ KAFKA. Um Médico rural. In: *Um médico rural*, p. 20.

¹⁰⁹⁹ KAFKA. Carta a Brod e F. Weltsch, 05/09/1917. In: *Correspondance 1902-1924*, p. 195-196.

¹¹⁰⁰ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 30/09/1917, p. 776.

experiência de condenação e parecem coincidir. No romance *O processo*, temos também a cena final em que uma faca é cravada profundamente no coração de J. K. com dois giros. No romance com Milena a chaga é reaberta: “Por outra parte, talvez não seja na realidade amor quando digo que você é para mim o mais caro; amor é quando digo que você é para mim o punhal com que remexo minhas feridas.”¹¹⁰¹ No mesmo ano em que publica *O médico rural*, seu último livro-canto em vida, está em febril correspondência com Milena e o tema da ferida se presentifica na correspondência:

Estoy leyendo un libro chino, “livro dos fantasmas”, por eso me acuerdo, sólo trata de la muerte. Hay uno que yace en el lecho de muerte y, con la independencia que da la proximidad de la muerte, dice: «He pasado mi vida luchando contra las ganas de darle fin». Luego un discípulo se burla de un maestro que sólo habla de la muerte: «Constantemente hablas de la muerte pero no te mueres». «Y sin embargo moriré. Estoy diciendo justamente mi canto final. El canto de uno es más largo, el de otro es más corto. Pero la diferencia sólo puede consistir siempre en unas pocas palabras». Eso es cierto, y es injusto reírse del héroe que yace en el escenario con la herida mortal (*Todeswunde*) y canta un aria. Nosotros yacemos y cantamos durante años.¹¹⁰²

O tema da ferida está presente em toda sua extrema ambivalência como vemos em seguida na mesma carta: “También he leído ‘El hombre del espejo’, (*‘Spiegel Mensch’* novela de Franz Werfel) ¡Qué profusión de vida y de energía! Sólo hay un pasaje un poco lánguido, pero, a cambio de eso, por todas partes hay exuberancia, y hasta la enfermedad es exuberante. Lo he leído ávidamente, del principio al fin, en una tarde.”¹¹⁰³

Retomamos de seus *Diários* seu diálogo imaginário com Milena, em que Kafka escreve: “O sexo me persegue, me atormenta dia e noite; para satisfazê-lo teria que vencer o temor e a vergonha e talvez também a tristeza.”¹¹⁰⁴ Tristeza que faz com que seu corpo tão leve e magro revele seu lastro melancólico: “probablemente en el mundo entero no hay pesos suficientes para alzar mi pobre y pequeño peso.”¹¹⁰⁵

Dois anos mais tarde, como já mencionado, perguntará no *Diário*: “Que fizeste com o dom do teu sexo? É um fracasso, no fim é tudo o que vão dizer. Mas poderia ter sido facilmente um sucesso.” Acrescenta Kafka que “a questão foi decidida por uma insignificância [ninharia]. Imperceptível de tão pequena. [...] foi assim nas grandes batalhas da história mundial.”¹¹⁰⁶ De que ninharia se trata? Pressupomos que o dom do sexo precisa se instalar no corpo com algum

¹¹⁰¹ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 14/09/1920, p. 294.

¹¹⁰² KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 313.

¹¹⁰³ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 313-314.

¹¹⁰⁴ KAFKA. *Diários* (Emecé), 18/01/1922, p. 386; *Diários*- Diários de viagem (Relógio D’Água), p. 547.

¹¹⁰⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), 09/1920, p. 309.

¹¹⁰⁶ KAFKA. *Diários* (Difel), 18/01/1922, p. 355; *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), p. 546-547.

conforto para se realizar satisfatoriamente; e, novamente, na falta da lei da castração, a carência de sustentação, de chão, de contorno, parece decidir pelo fracasso. Ainda pensando em Milena, escreve: “A vida por causa do seu simples poder de convicção, não tem em si lugar para o ‘ter razão’ e o ‘não ter razão’. Tal como na desesperante hora da morte não podemos meditar sobre o ‘ter razão’ e o ‘não ter razão’, também isso nos é impossível na desesperante hora da vida. Basta que as setas caibam perfeitamente nas feridas (*die Wunden*) que abriram.”¹¹⁰⁷

No final da vida, mantendo as setas nas feridas abertas, sua escrita fica mais ligada à dor e ao corpo que sofre. Comenta Luis Guzmán apresentando sua seleção dos *Sonhos* de Kafka:

Com o passar dos anos, os sonhos fluem como uma escritura autobiográfica, até que, por volta de 1922, vão se apagando e se condensam, situados numa fronteira cada vez mais próxima do seu corpo. Assim em fevereiro de 1922, quando a insônia é quase total, o sonho é algo quase escrito na carne: “Perseguido pelos sonhos como se os tivessem gravado dentro de mim com arranhões numa matéria dura”. Em fins de março desse mesmo ano, o limite entre a vigília, a realidade e o sonho se esfuma, se desvanece, é só uma dor no corpo: “À tarde sonhei com um abscesso no rosto. As fronteiras constantemente mutáveis entre a vida ordinária e o terror que se mostra mais real”. Talvez a mesma dificuldade que se tem, ao tentar classificações literárias, de separar o relato de um sonho do pouco de realidade que é a realidade.¹¹⁰⁸

Os sonhos, fantasias e ficções pouco a pouco se enredam ao corpo e se confundem com suas feridas. Ao fim da vida, com a tuberculose atingindo-lhe a laringe, só pode sibilar como “Josefina, a cantora” ratinha “que se crê dotada de um dom excepcional para piar e silvar, porque não dispõe dos meios de expressão que se usam em seu povo”¹¹⁰⁹. Kafka, com dificuldade de falar e se alimentar, percebe a conveniência do momento e diz ao amigo e médico Robert Klopstock que o acompanhou até o fim: “Creio que empreendo em boa hora minha investigação sobre o piado dos animais.”¹¹¹⁰ Pergunta Blanchot: “Como não recordar aqui sua observação sobre o descobrimento angustiante do escritor, quando a este, no último momento, a realidade toma-lhe a palavra?”¹¹¹¹

Se para Kafka, nesse momento de dor e desesperança, só nos compete constatar as feridas ou no máximo explicá-las, resta fazer com que a ferida não seja tão ruim assim. Fazer como Bucéfalo, o novo advogado, aliviar-lhe a carga do dorso, aliviar-lhe a dor, no intuito de ver que a ferida mesma pode ser um alívio. Em uma das anotações derradeiras dos *Diários*, lemos: “O trabalho se fecha como se fechasse uma ferida mal curada (*ungeheilte Wunde*).”¹¹¹²

¹¹⁰⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 20/01/1922, p. 357.

¹¹⁰⁸ GUSMÁN. Prefácio. In: KAFKA. *Sonhos*, p. 14.

¹¹⁰⁹ BLANCHOT. La última palabra. In: *De Kafka a Kafka*, p. 284.

¹¹¹⁰ BLANCHOT. La última palabra. In: *De Kafka a Kafka*, p. 284.

¹¹¹¹ BLANCHOT. La última palabra. In: *De Kafka a Kafka*, p. 284.

¹¹¹² KAFKA. *Diários* (Emecé), 08/05/1922, p. 404; *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), p. 573.

Kafka morre na véspera de completar 41 anos, mas não tão solteiro como previa no espelhamento com seu duplo, o celibatário. Uma saída intempestiva lhe aconteceu a partir de mais um encontro inesperado. Passou seu último ano de vida junto a sua última companheira em Berlim, a jovem Dora Diamant, longe das garras da Praga familiar. Franz Kafka, o eterno nubente, mesmo tendo novamente seu quarto noivado interditado pelos seus pais e, dessa vez, também pelo pai da moça, não ficou sozinho. Sabe-se que a busca da morte em Ofélia, uma mulher, produz em Hamlet o efeito do amor declarado. Talvez a doença e uma mulher, ameaçando literalmente a vida de Kafka, puderam nele fazer as vezes da castração, dando forças para sustentar o desejo, a separação e a nova união. Kafka chega a afirmar: “A doença é uma advertência.”¹¹¹³ “A doença está aí para me redemonstrar até que ponto sou frágil e, ao mesmo tempo, a que ponto a existência é maravilhosa.”¹¹¹⁴ E sua ferida sempre aberta, apesar de incurável, foi acompanhada de uma Rosa em flor.

Kafka vive com Dora o que não foi possível com Milena, depois de fracassar no terceiro noivado com Julie: “Mas, antes de mais nada, é urgente deitar-se em um jardim e tirar dessa doença, principalmente porque não é propriamente uma doença, a maior doçura possível. Há muita doçura nela”.¹¹¹⁵ Um casal improvável de judeus, morando precariamente na Alemanha pré-nazista, não parece ser um final de contos de fadas. Entretanto, como comenta Leandro Konder, “surpreendentemente, não foi a literatura que lhe proporcionou a alegria vivida no último ano e sim o amor. Até sua morte, Franz teve dúvidas quanto a validade do que havia escrito.”¹¹¹⁶

¹¹¹³ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 132.

¹¹¹⁴ JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 133.

¹¹¹⁵ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), fins de abril/1920, p. 35.

¹¹¹⁶ KONDER. *Kafka*, p. 19.

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS, AMARRAÇÕES E CONSIDERAÇÕES

a) O corpo na *vidaescrita*

O poeta é na verdade sempre menor e mais fraco que a média da sociedade. Por isso ele sente o peso da existência terrestre muito mais intensa e fortemente que os outros homens.¹¹¹⁷

Vimos que Kafka, por demais crítico, sempre se compara a outras pessoas, a outros homens e, em primeiro lugar ao seu pai, “medida de todas as coisas”, constatando a triste realidade de seu corpo.¹¹¹⁸ Muito provavelmente as inúmeras queixas e autocensuras em relação ao próprio corpo e a tudo que lhe diz respeito têm mais de um sentido. Em carta ao amigo Brod, chega a confessar que a excessiva autocondenação é também uma estratégia: “Minha autocondenação tem dois aspectos: de um lado ela é verdade [...] – mas de um outro lado ela é inevitavelmente também método. (*die Selbstverurteilung unvermeidlich auch Methode*)”.¹¹¹⁹ Mas se o método pode desestimular grandes expectativas em outras pessoas, arrancar do outro (amigos, namoradas, familiares, editores) estímulos e/ou pareceres contrários à sua baixa autoestima, o que mais confirmava uma opinião desfavorável a seu próprio respeito era o resultado do pôr-se à prova na vida. E, na experiência, na grande maioria das vezes, via-se diante da insuficiência e precariedade de seu corpo que não respondia à altura de suas ambições, não podendo contar com ele. Lembrando Lacan, Colette Soler formula: “Todos os sujeitos têm um organismo, mas nem todos têm um corpo, pois ter um corpo é poder fazer algo com ele.”¹¹²⁰ Dos fracassos, mais de uma vez inventariados por ele mesmo nos *Diários*, o maior deles foi não conseguir chegar ao ato do casamento... até seu último ano de vida quando o mais “improvável”

¹¹¹⁷ Kafka *apud* JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 17.

¹¹¹⁸ Diferente do que pensa Starobinski, ao declarar que Kafka sofria de um atípico “complexo de inferioridade corporal”: “Para ele é totalmente indiferente se comparar a outros homens. Seu complexo não é de inferioridade relativa, mas de inferioridade absoluta.” *Le mystère du corp*. In: *Kafka, L’Herne*, p. 120. Acrescentamos, entre as muitas comparações já mencionadas, a anotação de Kafka nos *Diários* de 18/12/1911: “Odeio W. (Werfel), não porque o inveje, mas também o invejo. Ele tem saúde, é jovem e rico, eu sou o seu oposto em tudo. Além do mais, começou a escrever cedo e facilmente e com sensibilidade musical, tem à sua frente e atrás de si uma vida o mais feliz possível, eu trabalho com pesos de que não posso me livrar e estou completamente separado da música.” (Relógio D’Água), p. 184.

¹¹¹⁹ KAFKA. Carta a Brod, 26/06/1922. In: *correspondance 1902-1924*, p. 438. “Teus recursos oratórios, eficazes ao extremo e jamais falhos, pelo menos no que diz respeito a mim, eram: insultar, ameaçar, ironia, riso malvado e – curiosamente – autoacusação. (*Schimpfen, Drohen, Ironie, böses Lachen und - merkwürdigerweise Selbstbeklagung.*)”. KAFKA. *Carta ao pai*, p. 37.

¹¹²⁰ SOLER. Sintoma, acontecimento de corpo, p. 41.

acontece. Voltaremos a esse tema recorrente e fundamental que atua como um veio central na vida/obra de Kafka.

b) Vampiro pai, vampiro filho

Sou o resultado da tua educação e da minha obediência.¹¹²¹

Um Drácula tem sempre uma linhagem real. Como todo vampiro, Kafka também sofreu o vampirismo. Calasso percebe o quanto, precedentemente, Kafka já fora vampirizado pelo pai. Kafka, comentando *O veredicto* observa que a história começa em clima inicialmente calmo e apaziguado. É Kafka mesmo que ao tomar alguma distância do “rebento” que lhe aconteceu, corrigindo as provas para publicação, faz em seu *Diário* uma análise do conto, colocando ênfase no “círculo de sangue” que se dá entre pai e filho:

O amigo é o elo de ligação entre o pai e o filho, é o vínculo mais forte que há entre eles. Sentado sozinho à janela, Georg remexe com prazer na consciência do que eles têm em comum, pensa que tem o pai dentro de si, e estaria perfeitamente em paz se não fosse um estado de espírito pensativo, triste e fugaz. O desenvolvimento da história revela que o pai emerge deste vínculo e do amigo para se pôr em oposição a Georg, fortalecido por outros vínculos menores, como sejam o amor, a devoção à mãe pela lealdade à sua memória e pela clientela que o pai foi o primeiro a adquirir para a firma. Georg fica sem nada: a noiva, que vive na história apenas em relação ao amigo, ou seja, em relação ao que o pai e o filho têm em comum, é facilmente afastada pelo pai, uma vez que ainda não houve casamento, e por isso ela não consegue penetrar o círculo de sangue (*den Blutkreis*) que se estabelece em volta do pai e do filho.¹¹²²

A anotação prossegue agora em outra tradução:

O fundo comum acumula-se por inteiro à volta do pai; para Georg é algo estranho, algo que se tornou autônomo, nunca suficientemente à sua guarda, exposto a revoluções na Rússia, e se a sentença (*Das Urteil*) que o isola completamente do pai surte um efeito tão forte é porque ele próprio já não tem nada além da visão do pai (*den Blick auf den Vater*).¹¹²³

Comentando *O veredicto*, a argumentação de Calasso sofre uma metamorfose interessante. Inicia seu comentário declarando que “A trama é de um absurdo insolente”;¹¹²⁴ segue constatando, com Kafka, que da história do filho, sua noiva e do amigo resta apenas “a visão do pai”. Evidentemente este “olhar” (*Blick*), que ultrapassa Herman Kafka, é a super-

¹¹²¹ KAFKA. *Carta ao pai*, p. 36.

¹¹²² KAFKA. *Diários* (Difel), 11/02/1913, p. 189.

¹¹²³ KAFKA. *Diários – Diários de Viagem* (Relógio D’Água), 11/02/1913, p. 301.

¹¹²⁴ CALASSO. *K*, p. 126.

visão do supereu. (*Über-ich*). “Kafka define assim o olho que vê a cena que sua mão está escrevendo n’*O Veredicto*. E, se no relato, a conclusão, com a condenação e suicídio parece monstruosamente irracional, ela não deixa por isso de ser a última passagem, consequente e tácita do desenvolvimento de uma equação.”¹¹²⁵

Sabemos que muitas vezes, mesmo com variações que não excluem uma precisão lógica, tende-se a reproduzir aquilo que se viveu, ou a fazer sofrer aquilo que foi sofrido. O vampirizado torna-se assim vampiro. Na sequência dessa linhagem, podemos pensar que uma resposta dessa natureza emergindo, em contrapartida à posição apassivada, explica um pouco o vampirismo de Kafka que vimos – a partir de Deleuze e Guattari – dar-se com as mulheres por meio das cartas. Pois Kafka sabidamente não só envolvia e enredava as namoradas pela escrita, mas também tiranizava-as exigindo uma correspondência sem trégua, uma escravidão epistolar.

c) As mulheres, as cartas e o casamento

Não invejo um casal, invejo apenas todos os casais; mesmo quando invejo apenas um casal, no fundo invejo toda a felicidade conjugal na sua infinita variedade; a felicidade de um só casal, mesmo no caso mais favorável, levar-me-ia provavelmente ao desespero.¹¹²⁶

Eu também escrevi cartas, como Yann para mim, durante dois anos, a uma pessoa que jamais encontrara. Depois Yann chegou. Substituí as cartas.¹¹²⁷

Kafka é veemente quanto à importância do matrimônio e, diante de mais um fracasso com Julie, declara, mais uma vez, o quanto o casamento era o máximo que um homem poderia alcançar, sendo, ao mesmo tempo, algo impossível para ele:

Ficou estabelecido entre nós que eu considerava o casamento e os filhos como a coisa mais altamente desejável na terra em um certo sentido, mas que eu não poderia me casar. (A prova disso permaneceu, uma vez que tudo o mais se transformou numa tênue nuvem de fumaça – refiro-me aos meus dois compromissos rompidos).¹¹²⁸

Retomando a comparação que fizemos, não podemos dizer que, em Kafka, temos relações e noivados brancos com suas noivas e namoradas, do mesmo modo que acontece no matrimônio de Gide com sua prima e mulher Madeleine. A pureza ou a “brancura”, que se refere à ausência de sexo, seria por motivos muito diferentes. As cartas de amor de Gide

¹¹²⁵ CALASSO. K, p. 127.

¹¹²⁶ KAFKA. *Diários* – Diários de Viagem (Relógio D’Água), p. 537.

¹¹²⁷ DURAS. As cartas. In: *A vida material*, p. 130.

¹¹²⁸ KAFKA. Carta a irmã de Julie de 24/11/1919. In: *Cartas aos meus amigos*, p. 52.

louvavam um amor puro, provavelmente fiel ao seu primeiro amor incestuoso, e por isso proibido, a sua mãe/tia. Em Gide, a vertente terna e amorosa (e idealizada) dirigida à mulher é vivida separadamente do desejo sexual que, por seu lado, tendia à escolha homossexual de objeto. Os dois casos são bem diferentes. O destino das cartas foi também, curiosamente, muito diferente. As cartas trocadas em trinta anos entre Gide e Madeleine foram queimadas por ela como uma vingança pela traição de Gide ao se apaixonar por um rapaz, vingança de uma Medeia traída, aliada talvez a um repúdio ao casamento branco que ela teve de suportar. As cartas que Kafka trocou com suas amadas foram, em sua grande maioria, cuidadosamente preservadas por elas. Felice conservou-as, juntamente com as que estavam em sua posse endereçadas a Grete Bloch até adoecer, momento em que precisou vendê-las à editora Schocken em 1955, cinco anos antes de morrer. Milena entregou as cartas que Kafka endereçou-lhe ao amigo W. Haas em 1939,¹¹²⁹ seu primeiro editor e, mais tarde, ambos deixaram o que tinham aos cuidados de Brod, que as reuniu e publicou. O epistolário de Kafka, que inclui também as Cartas a Ottla, Cartas aos pais e familiares (aqui menos trabalhadas) é quase intacto e até mesmo, por esse motivo, ao menos no caso de Dora, de tão guardadas se perderam. Dora se recusou a entregar a Brod o que tinha em segredo, quando este perguntou com insistência se havia material escrito de Kafka em sua posse, na busca incessante pelos restos imortais do amigo. Dora mentiu a Brod e escondeu o que tinha dos escritos de Kafka, certa de que a herança dedicada a ela lhe pertencia. Alguns anos depois, todo esse material ficou em poder da Gestapo, que invadiu o apartamento de Dora e confiscou os papeis e manuscritos que ela guardava como a um tesouro. Ou seja, ainda há cartas inéditas que estão sendo procuradas pelo “Projeto Kafka”. Portanto, ainda aguardamos a investigação que resgatará as “Cartas a Dora”, último destino e última destinatária de Kafka em vida.

Voltando à comparação dos epistolários, as cartas não tinham também o mesmo significado para Gide e para Kafka. Se Gide tinha nas cartas uma substituição da relação ou mesmo a condição fetiche do seu casamento com Madeleine, para Kafka as cartas/fotos pareciam mais ser objetos transicionais que faziam as vezes de longos preâmbulos à intimidade sexual, que eram levados até ao insuportável, mas que, definitivamente, não substituíam o relacionamento erótico que sempre buscou com as mulheres de sua vida. Por um lado mais primário, as cartas-objeto tinham uma função infantil de dar corpo à relação e consequentemente a ele mesmo: anelo de fazer corpo com as cartas/fotos, de serem estas, como destacamos, suas “bonecas” com as quais ele brinca e se distrai a partir da ausência do outro,

¹¹²⁹ HAAS. Nota à edição alemã. In: *Cartas a Milena* (Alianza – trad. Wilcock), p. 263.

sentindo-se amado e protegido na espera de chegar a irmã encarnada, “a menina/mãe” verdadeira. Kafka, em suas relações epistolares, brincava como no jogo do *Fort da*, mas esse jogo muito sério e importante para todo sujeito quando se distingue do outro, o *play ground* da presença/ausência e que faz o sujeito suportar separar-se (e também vincular-se), exige o fio que vai e volta. Portanto, para ser jogo e não uma ameaça constante, exige fiar-se a um fio que a cada vez não se rompa. No entanto, é precisamente essa com-fiança que é precária em Kafka, pois, se não podia contar consigo, isso conseqüentemente o deixava nas mãos do outro. Daí seu desespero, acusações e suspeitas em relação aos carteiros, os correios e todos os intermediários que eram, ao mesmo tempo, exigidos e indispensáveis à correspondência.

De um lado, algo por Kafka muitas vezes declarado, vemos o anelo apaixonado, por vezes desesperado, de ganhar existência por meio do amor de uma mulher. De outro lado, mais desejanter e viril, os objetos de seu apreço tinham também o papel dos objetos destacados e privilegiados, suportes episódicos que amenizavam o fogo de seu corpo, mas deixando ainda o ato adiado e sempre por vir. As “bonecas” de papel, nesse sentido, funcionavam bem mais como jogo do erotismo preliminar, jogo da posse sexual. Ele sempre esperou o momento de ultrapassá-las, de deixar as cartas e conseguir dar o salto para uma relação responsável, marital e sexual com a mulher que cortejava. A estória que Kafka nos deixou como “carteiro de bonecas” no luto da menina pela boneca viajante que “se perde” de sua parceira, para abrir-se ao mundo e se casar é o roteiro de um desejo do que Kafka na vida se prescreveu e perseguiu até o final. Como acontece na estória dentro da história, se a menina não larga a boneca, é preciso que a boneca deseje partir, ousando ganhar o mundo e fazendo, ao mesmo tempo, a menina vislumbrar seu futuro de mulher. A boneca perdida torna-se, nesse gesto de Kafka, causa de desejo. As cartas/bonecas, assim, não impedem e nem substituem a vida, mas podem, deste modo, seguir juntas. Se isso não acontece, revela-se, para desespero de Franz, a ambigüidade epistolar: as cartas, que deveriam aproximar, tornam-se obstáculo ao encontro amoroso, um muro de proteção ao feminino, ao encontro com o outro sexo, fazendo surgir desse impasse todo o pânico e ódio pelas missivas, levando Kafka, com urgência, ao ato de “perdê-las”.

Na sutil declaração em carta a Brod, que revela a decisão pela incineração das cartas recebidas, vemos emergir um Kafka, não do lado do escritor Gide apegado a suas cartas/filhos, mas como uma Madeleine vingativa e incendiária. Daí, podemos ler também a importância para Kafka do ato de separar-se do seu “casamento com a angústia”, para realizar um matrimônio, mesmo não oficial, mesmo só acontecido no poente de seu último ano de vida. A ida para Berlim com Dora foi um ato, de um sonho longamente acalentado, como testemunha Dora:

“Desgarrar-se de Praga, embora tardiamente, foi a grande conquista de sua vida, sem a qual ninguém tem o direito de morrer.”¹¹³⁰ Com as cartas e a escrita – que sempre acompanhava suas insatisfações, elaborações e desejos – Kafka toca no limite do que poderia ser sublimação, se não fosse procrastinação. Quando já doente encontra Dora, ele sabe que com essa “ajuda inesperada” tem uma chance última e única de arrancar-se de seu maior impasse.

d) A sublimação e seus destinos

A vicissitude mais importante que uma pulsão pode experimentar parece ser a sublimação; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era uma pulsão sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior.¹¹³¹

Estou certa de que o Texto modificou o corpo dos homens.¹¹³²

Freud considerava a via sublimatória como uma vicissitude na qual a libido pode se satisfazer com alvos substitutos, não imediatos e, ainda, como a mais feliz saída social para as pulsões diante dos constrangimentos que nos impõe o mundo civilizado.¹¹³³

Uma das faces que Lacan explora do conceito multifacetado e complexo da sublimação é a lida amorosa e artística com o vazio inominável. Para designar esse real não simbolizado, Lacan vai recorrer a um termo alemão que possui ressonâncias para além de Freud,¹¹³⁴ nomeando *Das ding*, a “Coisa”, o objeto inesquecível, objeto desde sempre perdido, vazio inatingível. Para Lacan, o trovadorismo ou o amor cortês é o paradigma da relação sublimatória: o poeta em seu encanto pela Dama. Essa “Dama”, para Lacan, é evocada a partir do real dano inominável do qual padece o sujeito, real estrutural que resta como saldo e obstáculo irreduzíveis, a despeito de todo esforço humano em busca da satisfação e simbolização plenas. O amor, tomado aqui como uma das faces da sublimação, é assim uma saída, uma suplência ao que não se completa quando se dá o encontro dos corpos, mesmo quando mais se estreitam.¹¹³⁵

¹¹³⁰ DIAMANT, K. *apud* DORA. *O último amor de Kafka*, p. 43.

¹¹³¹ FREUD. Dois verbetes de enciclopédia (1922[23]). (B) A teoria da libido – Sublimação, p. 309.

¹¹³² LLANSOL. *Um falcão no punho*. Diário I, p. 126.

¹¹³³ FREUD. *O mal-estar na civilização*, p. 98-99.

¹¹³⁴ Para Freud, *Das Ding*, “A coisa”, o objeto primordial e mítico, é diferente de qualquer coisa “*die Sache*”, como Lacan explora em sua releitura de Freud em seu *Seminário 7- A ética da psicanálise*. *Das Ding*, “A coisa”, é uma expressão que frequenta a filosofia de Kant e de Heidegger com sentidos que é preciso contextualizar e extrapolar o presente trabalho.

¹¹³⁵ “O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor.” LACAN, *O Seminário, Livro 20*, Mais, ainda, p. 62.

O trovador ou poeta é aquele que, diante do objeto inatingível, da paixão impossível, diante da mulher amada faz poesia como quem faz o amor.¹¹³⁶ Mesmo se a amada lhe é próxima, mesmo se com ela o sexo não está ausente, o que o poeta canta na trova é o que dela lhe escapa, o que da Dama resta como dano impossível, e o que também fica a desejar... “O jogo sexual mais cru pode ser objeto de uma poesia sem que esta perca, no entanto, uma visada sublimadora”¹¹³⁷ O amor então vem como suplemento à falha do gozo pleno no sexo: “O amor cortês é, para o homem [...] a única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual.”¹¹³⁸ Na literatura trovadoresca, cantando a Dama inatingível, o poeta faz do impossível seu real objeto de amor. Com a Dama imaginária, mas sempre a mesma, o que atesta a presença do real, o trovador reveste o dano fundamental. A Dama é, para o poeta, um outro nome do real impossível e até mesmo cruel. Da prática amorosa e literária do amor cortês, Lacan extrairá a fórmula geral da sublimação. Sublimar é “elevar o objeto à dignidade de coisa”.¹¹³⁹

Como registra Deleuze atento às enunciações, “é muito importante uma carta de amor.”¹¹⁴⁰ Em Kafka, como pudemos ver no levantamento e leitura das missivas, a causa do amor visa a algo mais do que uma suplência a uma proporção sexual impossível; o amor que Franz forja, inventa, convoca e demanda, por vezes desesperadamente, é algo muito mais básico e fundamental. Ele espera ser, descobrir-se existindo com uma mulher. “A palavra ser (*sein*) significa duas coisas em alemão: *estar aí (Dasein)* e *pertencer-lhe (Ihmgehören)*.”¹¹⁴¹ Kafka visa no amor e em suas letras fazer suplência à não existência de seu eu, de seu corpo, carência de existir da qual Kafka sempre se queixa. Diante dessa ausência de si, a conjugalidade e a paternidade já muito cedo em sua vida parecem-lhe altamente improváveis e até mesmo impossíveis. Em Carta a Brod, Kafka, o celibatário, compara-se ao amigo casado que levava adiante um caso extraconjugal, como se fosse um outro casamento: “Você quer o impossível, enquanto para mim o possível é impossível.”¹¹⁴² E se o amor em Kafka tinha a função de suprir uma carência existencial, promessa de vida ainda maior seria o tão sonhado matrimônio; pois o amor oficializado, autorizado, traria com o reconhecimento parental uma possibilidade de vida familiar e social. Diante de um advogado, assinando um contrato que o fazia sócio da fábrica de amianto com seu cunhado Karl, Kafka está diante da lei:

¹¹³⁶ “Fazer o amor, como o nome o indica, é poesia.” LACAN. *O Seminário, Livro 20*, Mais, ainda, p. 98.

¹¹³⁷ LACAN. *O seminário, Livro 7*, A ética da psicanálise, p. 198.

¹¹³⁸ LACAN. *O Seminário, Livro 20*, Mais, ainda, p. 94.

¹¹³⁹ LACAN. *O seminário, Livro 7*, A ética da psicanálise, p. 163.

¹¹⁴⁰ DELEUZE; PARNET. *Diálogos*, p. 139.

¹¹⁴¹ KAFKA. Aforismos. In: *Kafka essencial*, p. 196.

¹¹⁴² KAFKA. Carta a Brod de 13/01/1921. In: KAFKA. *Cartas aos meus amigos*, p. 90.

Durante a leitura do contrato, quando o advogado chegou a uma passagem em que se falava da minha eventual futura mulher e futuros filhos, reparei numa mesa que estava a minha frente com dois cadeirões grandes e uma cadeira mais pequena. Ao pensar que nunca estaria em condições de ocupar estes três cadeirões, ou quaisquer outros, comigo minha mulher e o meu filho, senti logo ao início um desejo tão desesperado por esta felicidade e, por causa dele, um tal afã que dirigi ao advogado a única pergunta que me ocorreu durante a longa leitura, assim pondo de imediato a descoberto que não tinha percebido quase nada de uma parte substancial do que ele acabara de ler.¹¹⁴³

Em contrapartida, a aproximação do corpo e do desejo tem nele o efeito mortífero de uma ameaça de desintegração no contato com outro.¹¹⁴⁴ O abandono e a entrega sexual, ao exigir que a carne sob ação erótica se faça corpo, produz pânico em Kafka, faz com que ele se enoje diante do pouco corpo (próprio e o do outro) que ele consegue reunir com este nome. O real do sexo está fora da lei: “O coito como punição pela felicidade de viver com alguém”.¹¹⁴⁵ Kafka frequentemente explicita de muitas maneiras essa dificuldade de conjugar o desejo sexual com o amor e o casamento, articulação que sabemos ser tributária à operação da lei simbólica. Em diálogo imaginário com Milena vemos como ele se enrola e se confunde ao tentar articular Lei (*Gesetz*) e sexo (*Geschlecht*) que, em alemão, se pronunciam de modo consoante: “Apesar de sua coincidência ‘literal’ com a lei, é uma coisa repulsiva e a evitar a todo o custo. Claro que evitá-la implica uma compulsão, e com isso nunca consigo chegar ao fim.”¹¹⁴⁶

Recordemos a frase de Milena em Carta a Brod: “A carne está demasiadamente descoberta, não suporta vê-la.”¹¹⁴⁷ O que recobre o real da carne é a amarração desse real aos registros do simbólico e do imaginário, enodamento que, em Kafka, está comprometido como vimos no que levantamos nos capítulos “A busca de sustentação: construção de um corpo” e “Saída pela doença”. Mas Kafka, com seu corpo magro, frágil, fragmentado e desconjuntado, tem muitas armas e recursos. Para enodar é preciso articular. Vimos como o nosso autor tenta agir sobre a materialidade de seu “monte de ossos” para fazer um corpo articulando nervos, esqueleto e músculos por meio de ginástica, natação, jardinagem, remo, carpintaria e outros trabalhos manuais, sempre acionando sua disciplina “militar” e contando, para se orientar, até

¹¹⁴³ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 08/11/1911, p. 145.

¹¹⁴⁴ “Ninguém faz amor com amor sem constituir para si, sozinho, com outro ou com outros, um corpo sem órgãos”. DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, v. 1, p. 56.

¹¹⁴⁵ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 14/08/1913, p. 353.

¹¹⁴⁶ KAFKA. *Diários* – Diários de Viagem (Relógio D’Água), 18/01/1922, p. 547. “Em alemão a pronúncia de *Gesetz* (lei) e *Geschlecht* (sexo) é muito similar, daí o jogo sobre a coincidência entre os dois termos sobre os quais reflete Kafka nessa passagem.” *Franz Kafka – Diários e Carta al Padre*. Nota 727.

¹¹⁴⁷ KAFKA. *Cartas a Milena* (Alianza), janeiro/fevereiro/1921, p. 365.

mesmo com a hierarquia e a burocracia. Mas sua artilharia de ponta é, sem dúvida, a que conta com a articulação das letras – por escrito e em voz alta. Fortalecendo, disciplinando e articulando o corpo, uma voz deve ter soprado em seu íntimo o mesmo protesto de Maria Gabriela Llansol, protesto que em Kafka não apela pela inocência, para ele desde sempre perdida, mas que parte para o ataque engatilhando letras em uma *Winchester*: “Dobra a tua língua, articula./Dobra a tua língua, articula.”¹¹⁴⁸ Do seu contato epistolar e letrado com as mulheres, principalmente com Felice, nasce a maior parte de suas obras. Ele pouco escreveu sozinho e percebe isso: se não conseguiu possuí-las, o contato não foi estéril. O trabalho com as cartas foi tecendo um corpo de letras daquele que é literatura. “Ultimamente vi com assombro de que maneira você se acha ligada intimamente a meu trabalho literário”.¹¹⁴⁹

Constatamos que, apesar da exigência da solidão que Kafka se impunha, sua escrita não foi sem o outro. Todos os seus destinatários faziam parte do suporte e eram uma das condições de sua escrita, já que a correspondência invade os *Diários* e supera em volume toda sua produção literária. Mas o destino dessa escrita vai mais além de um destinatário. Como defende Lopes sobre as escritas de si e as correspondências de um artista, elas extrapolam o espaço da intimidade e expõem a “fragilidade da relação eu-outro”. E, avançando mais além, acrescenta que, em sua dimensão dita “autobiográfica”, “a literatura põe em causa a estrutura intersubjetiva da destinação epistolar. É nesse sentido que se pode dizer que todos os textos literários se constituem como ‘cartas’ para nada”, sendo que esse “para nada” é um impossível de atingir que faz do impulso do devir “um movimento de dissipação”¹¹⁵⁰ das formas de reconhecimento e intersubjetividade, para um campo insondável das intensidades do destino, que só contingências futuras podem, em parte, responder.

Como já foi dito, a sublimação não era, para Freud, apenas um meio de evitar a dor e obter prazer, mas tinha um lugar muito importante na economia pulsional e cultural dos seres falantes:

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos pulsionais de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação das pulsões. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades,

¹¹⁴⁸ LLANSOL. *Um falcão no punho* – Diário I, p. 10.

¹¹⁴⁹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Alianza), 01/11/12, p. 65; *Lettres à Felice*, p. 77; *Cartas a Felice* (Anima), 39.

¹¹⁵⁰ LOPES. Na margem do desaparecimento. In: *Literatura, Defesa do atrito*, p. 103.

possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais altas’. Contudo, sua intensidade se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos grosseiros e primários; ela não convulsiona o nosso ser físico (*sie erschüttern nicht unsere Leiblichkeit*).¹¹⁵¹

Diante do que agora tratamos, este ponto sobre o não convulsionamento do “ser físico” é controverso. Não podemos afirmar que não há afetação do corpo pela sublimação. Parece que Lacan nunca emitiu tal restrição ou algo parecido a respeito do ato de sublimar. Ao contrário, podemos ler no *Seminário 11* uma declaração que soa em oposição a essa limitação da satisfação:

Em outros termos – por enquanto, eu não estou trepando (*baise*), eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu estivesse trepando (*basais*). E isto que quer dizer. E isto que coloca, aliás, a questão de saber se efetivamente eu trepo (*baise*). Entre esses dois termos, estabelece-se uma extrema antinomia que nos lembra que o uso da função da pulsão não tem para nós outro valor senão o de pôr em questão o que é da satisfação.¹¹⁵²

A sublimação é portanto uma operação que participa intrinsecamente da complexidade da sexualidade humana e põe em questão o que é a satisfação para o ser falante. O fundamento da sublimação já está presente no *infans*, mesmo se estamos lidando com as mais básicas necessidades, pois estas já emergem transformadas nos sujeitos. As necessidades e demais instintos vêm ao mundo à luz dos desejos circundantes, da linguagem e da cultura; já fazem sua emergência como pulsões em sua perversão polimorfa.¹¹⁵³ Essa subversão do instintual suporta, em sua flexibilidade, substituições, invenções, construtos (montagens) e extrai, nessa metamorfose, uma satisfação (sempre parcial) que, mesmo passando pela alteridade do objeto, depende muito mais do circuito, da trajetória que parte do corpo do sujeito e a ele retorna, de como o ser falante contorna o objeto-outro eleito na contingência, do que de um objeto específico e predeterminado de satisfação. Podemos dizer, então, que a própria operação simbólica metáforo/metonímica, em sua função de nomear, de tomar uma palavra pela outra,

¹¹⁵¹ FREUD. O mal-estar na civilização, p. 98.

¹¹⁵² LACAN. *O Seminário, Livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p. 157-158; Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, p. 151.

¹¹⁵³ Como define Freud a sexualidade infantil nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). “Demostrei nêle que a disposição sexual constitucional da criança é incomparavelmente mais variada do que seria de esperar, que merece ser descrita como ‘polimorficamente perversa’.” FREUD. Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, v. VII, p. 289.

está no princípio da linguagem que desnatura a pulsão¹¹⁵⁴ e guarda em potência movimentos e efeitos sublimatórios que podem se manifestar em qualquer ser falante. Se o princípio da sublimação está na base do pulsional, não é portanto um mecanismo ideal, *asexual* ou “elevado” de impulsos “baixos”, como Freud, por vezes, sugere, de forma clara na epígrafe citada em [d) A sublimação e seus destinos]. Sem sofrer o destino do recalçamento, a pulsão sublimada é a libido (na qual comparecem *Eros* e *Thanatos*) que se dirige ao outro valendo-se em gestos, palavras, pensamentos, desse instrumento, desse *organon* da linguagem para se satisfazer e da qual nós, seres falantes, partilhamos.¹¹⁵⁵ A sublimação é uma operação que leva, às últimas consequências, o efeito da linguagem e do desejo sobre a “natureza” do corpo, mas carregando esse corpo. Com Barthes: “O ‘grão’ é o corpo na voz que canta, na mão que escreve, no membro que executa.”¹¹⁵⁶

e) Lacan com Deleuze: extrair os órgãos das funções

Essa lâmina, esse órgão, que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos um órgão [...] é a libido.¹¹⁵⁷

Qual a saúde que seria suficiente para libertar a vida em toda a parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros no interior deles?¹¹⁵⁸

Como observa Jacques Alain Miller, Lacan não segue o senso comum de que “o órgão cria a função”,¹¹⁵⁹ continuando o assunto com Lacan, “o órgão e a função são duas coisas diferentes. Tão diferentes que se pode dizer que retorna, de vez em quando, o problema de saber que função é preciso dar a cada órgão, e aí que está o verdadeiro problema da adaptação do vivo. Quanto mais há órgãos, mais ele fica atrapalhado. Mas, vamos interromper...”¹¹⁶⁰ O sujeito se atrapalha com seus órgãos, “a tese de Lacan é que há uma antinomia entre o órgão e

¹¹⁵⁴ Conceito que emerge na “fronteira entre o psíquico e o somático”, como define Freud.

¹¹⁵⁵ Lacan fala da libido como uma lâmina, um gérmen que se destaca nos seres sexuados, um órgão que não existe e que não se localiza como tal. A libido que cai no campo do outro, essa pulsão de vida irrepreensível, o cordão, a placenta, que se perde ao nascer; o que se secreta, se perde na sexualidade, e terá nos objetos *as* suas figurações, seus representantes. LACAN, *O seminário, livro 11*, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p. 186-7.

¹¹⁵⁶ BARTHES. O grão da voz. In: *O óbvio e o obtuso*, p. 223.

¹¹⁵⁷ LACAN. *O seminário, livro 11*, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p. 186.

¹¹⁵⁸ DELEUZE. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*, p. 14.

¹¹⁵⁹ MILLER. A invenção psicótica. *Opção Lacaniana*, n. 36, p. 8.

¹¹⁶⁰ LACAN, O Seminário O Ato psicanalítico- *Livro 15*. Lição de 17/01/68, p. 99.

a função. Temos órgãos e afinal para que isso serve, só descobrimos pouco a pouco, e isso é bastante problemático.”¹¹⁶¹

Podemos nessa trilha invocar também a sintomatologia da histeria¹¹⁶² que, diante do enigma do desejo, está sempre inventando novos sentidos para o corpo, deslocando ou pervertendo as funções ditas “naturais” dos órgãos chegando a fazer, tantas vezes, uma fisiologia e uma anatomia fantasiosas, que desobedecem completamente as leis orgânicas.¹¹⁶³ Com a sublimação podemos, por exemplo, comer com os olhos e mesmo devorar um livro. Refletindo analiticamente em seus *Diários*, Franz procura reunir tudo o que é nele indubitável, depois crível, possível e assim por diante. Kafka, o magérrimo, percebe ter uma fome escopofílica por livros:

Indubitável é em mim a avidez por livros. Não, na verdade, por os possuir ou ler, mas sobretudo de os ver, por me convencer da sua existência na vitrine de uma livraria. Se em algum lugar se encontram vários exemplares do mesmo livro, cada um deles me alegra. É como se essa avidez partisse do estômago, como se fosse um apetite mal guiado (*Es ist, als ob diese Gier vom Magen ausginge, als wäre sie ein irregeleiteter Appetit.*).¹¹⁶⁴

Em seu ensino mais tardio, Lacan chega a uma fórmula para o chiste que pode ser perfeitamente ampliada para abarcar a arte da sublimação, já anteriormente definida no *Seminário – Livro 7* como a atitude epifânica de “elevar o objeto à dignidade da Coisa”.¹¹⁶⁵ O chiste, diz ele, “consiste em se servir de uma palavra para outro uso que aquele para o qual ela foi feita”.¹¹⁶⁶ Essa formulação aplica-se aos equívocos, atos falhos, chistes e também para a palavra poética e ao gesto do artista (lembramos que é exatamente o que faz Marcel Duchamp com o urinol tornado fonte).

¹¹⁶¹ MILLER. A invenção psicótica. *Opção Lacaniana*, n. 36, p. 8.

¹¹⁶² Termo que vem de *hystera*, “útero”, em grego.

¹¹⁶³ Lacan também sugere a reinvenção dos órgãos na via institucional. Propõe repensar o “organismo” ou a organização de sua Escola pelas vias das funções: “Vocês veem que eu não apresso nada quanto aos órgãos que devem formar-se pela experiência. Já disse que eles devem formar-se por etapas. Na prática, podem parecer alguns inesperados. Tentando extrai-los da função, ponho vocês ao abrigo do embaraço que é o da vida, ao contrário do que afirma uma teoria muito difundida. Pois o problema do ser vivo é bem mais o de fazer função dos seus órgãos do que engendrá-los de funções, razão pela qual, no que se refere aos órgãos, sempre lhe bastam os que tem” (LACAN. *Um Procedimento para o Passe*, p. 24).

¹¹⁶⁴ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), 11/11/1911, p. 149.

¹¹⁶⁵ Notamos que a epifania, definida como atitude em que algo ou qualquer coisa banal e prosaica pode ser tomada de um modo especialmente elevado, extático ou entusiasta, requer em seu processo a extração de um contexto a outro, ou de uma função a outra, processo no qual, por definição, a operação da sublimação está presente.

¹¹⁶⁶ LACAN. *O seminário – livro 24*, L’insu que sait de l’une bévue s’aile à Mourre. Lição de 17/05/1977.

Retomamos a já citada anotação nos *Diários*: “Que fizeste com o dom do teu sexo?”¹¹⁶⁷ pergunta que angustia Kafka. “O ‘para que serve’ do órgão está presente desde o início, por excelência quando se trata dos órgãos sexuais. Esta é a questão do menino: como se servir dele?”¹¹⁶⁸ Retornamos a Lacan, insistindo nessa questão: “A coisa que nos parece mais clara, é que um ser vivo continua a não saber muito bem o que fazer com um de seus órgãos. Talvez esse seja um caso particular da evidenciação, pelo discurso analítico, do aspecto embaraçoso que tem o falo.”¹¹⁶⁹ A resposta embaraçosa para o ser falante, não apenas para os meninos, mas também para as meninas, é o tornar-se homem, o tornar-se mulher, o tornar-se sexuado que responde singularmente o que é, para cada um, sua sexuação, uma função que não se depreende naturalmente dos órgãos.

Essa pergunta sobre o que fazer com o “dom do sexo” somente cada um pode responder e as respostas podem ser muito diferentes quando se trata do ato erótico da escrita: para Adélia Prado, o ato criador é masculino, algo que também está na mulher. “Quer dizer, eu sou homem quando eu escrevo. Se eu fosse compositora, eu seria homem na hora em que eu estivesse compondo.”¹¹⁷⁰ Kafka, de modo ainda mais contundente, goza de sua potência viril com sua voz letrada, “penetrando nos ouvidos preparados da audiência”.¹¹⁷¹

Comer os livros com os olhos, penetrar com a voz os ouvidos são operações sublimatórias que estão na base dessa reinvenção dos órgãos pelas funções que pode se produzir no ser falante, subversão a qual, para o que nos interessa marcar aqui, nos vale mais do que acentuar propriamente a ausência do orgânico, o que seria delirante. O que importa na prática do “Corpo sem Órgãos” que propõem Deleuze e Guattari é a incidência do desejo produzindo no corpo intensidades, libertando-o de uma organização maquinal comandada por um conjunto de órgãos. “Um corpo sem órgãos não é um corpo vazio e desprovido de órgãos [...]. Ele se opõe menos aos órgãos do que a uma organização que compõe um organismo com eles. O corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização.”¹¹⁷²

Pensamos ser pertinente levantar essa questão do que fazer com os órgãos, já que Kafka revela ser espectador de um acordo ou pacto de morte que se encena, à sua revelia, “entre o

¹¹⁶⁷ KAFKA. *Diários* (Difel), 18/01/1922, p.355. Já citado no Cap. 3, “A saída pela doença”, em “A ferida do sexo”.

¹¹⁶⁸ MILLER, A invenção psicótica. In *Opção Lacaniana*, nº 36, p. 7.

¹¹⁶⁹ LACAN, *O seminário, livro 19, ... Ou pior*, p. 76.

¹¹⁷⁰ PRADO. Roda de conversa no Programa Roda Viva em 05/09/1994. In: *Memória Roda Viva*.

¹¹⁷¹ KAFKA. *Cartas a Felice* (Anima), p. 149-150; *Cartas a Felice* (Alianza), noite entre 4 e 5/12/1912, p. 151. *Lettres à Felice*, p. 177. Carta citada no capítulo 1, “A construção do corpo” em 1.8.16: “fazer penetrar a voz.”

¹¹⁷² DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, v. 1, p. 56.

cérebro e os pulmões” e que o condenará muito precocemente a uma saída de seus impasses pela doença, conduzindo-o à boca da morte, como na “Pequena fábula”.¹¹⁷³ Identificamos aí uma contrapartida mórbida à noção deleuziana do CsO,¹¹⁷⁴ construto de resistência que guarda em si a potência vital não domada e que combate a ideia do corpo como organismo alienado que obedece a palavras de ordem. Entendemos que Lacan se aproxima dessa prática do CsO ao propor, extraindo os órgãos das funções (e contando no fundamento de tal operação com a sublimação), de forma diferente, mas no mesmo espírito ético, não a eliminação dos órgãos, mas uma subversão deles, pela função poética do desejo. É ainda, nessa leitura, que a prática do CsO ou da reinvenção deles, permite a Arnaldo Antunes poetizar a intensidade de uma saudade encarnada: “Não tenho saudades do que vivi/ porque tudo está aqui/encorpado/ dentro de mim/como um fígado/ um pâncreas/ um rim.”¹¹⁷⁵

f) A voz *excrita*: “criei para minha voz uma paisagem cada vez mais vasta”¹¹⁷⁶

[...] a dimensão ética é aquela que se estende em direção ao gozo.¹¹⁷⁷

Não se pode escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita.¹¹⁷⁸

Trabalhando em três capítulos temas diferentes que envolvem o corpo, chegamos ao sexo pelas três vias como a um centro de gravidade.¹¹⁷⁹ O sexo, para Kafka, era algo traumático que literalmente o atacava. Kafka nunca negava a imensa excitação da qual se via tantas vezes tomado, mas isso era, ao mesmo tempo, vivido com repugnância e atenuado, por vezes, com a masturbação e no encontro com prostitutas. Acompanhando a construção de sua virilidade em torno do desejo carnal que o acossa, dessa sua ferida fundamental no corpo que é o sexo, vemos que nosso autor vai responder à pergunta sobre o sexo também, e de uma forma talvez mais

¹¹⁷³ “‘Ah’, disse o rato, ‘o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.’ ‘Você só precisa mudar de direção’, disse o gato e devorou-o.” KAFKA. Pequena fábula. In: *Narrativas do espólio*, p. 138.

¹¹⁷⁴ Como Deleuze designa a expressão: “Corpo sem órgãos”.

¹¹⁷⁵ ANTUNES, Saudades. Poema declamado por Arnaldo Antunes no encerramento das olimpíadas no Rio de Janeiro, 2016.

¹¹⁷⁶ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 03/12/11, p. 173.

¹¹⁷⁷ LACAN. O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, n. 32, p. 12.

¹¹⁷⁸ DURAS. *Escrever*, p. 23.

¹¹⁷⁹ Lembramos com Lacan que “o desejo sexual na psicanálise não é a imagem que devemos conceber a partir de um mito da tendência orgânica. Ele é algo infinitamente mais elevado e ligado, antes de mais nada, precisamente à linguagem na medida em que é a linguagem que lhe dá inicialmente seu lugar.” O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, n. 32, p. 12.

satisfatória e enodada para ele, tomando a letra na via da pulsão invocante, tanto em um sentido de um gozo fálico (penetração), de um gozo não todo fálico (feminino e amoroso) e, ainda, como objeto voz, causa de desejo (que cativa, convoca). A voz *excrita* (que escrevemos com Nancy) é esse gozo que se destaca do corpo, da letra, das palavras, da comunicação, e encontra uma outra satisfação, afetando os leitores/ouvintes. É esse extravasamento dos excessos, que podemos chamar com Vivèz o “lirismo” de Kafka, o uivo que extrapola as palavras.¹¹⁸⁰

Kafka, o mais temeroso dos seres, é também temerário. Diverte-se em perceber que as sobrinhas ficam amedrontadas em sua presença. Pinta calculadamente de si mesmo um retrato horripilante para as namoradas e adora causar medo com sua voz que se confunde com a potência de uma penetração auricular. É por meio da voz e da fala, do órgão da linguagem,¹¹⁸¹ como instrumento de secreção e de ex-tração, que outro corpo em Kafka se faz ouvir. Este *corpus* não é mais um organismo, monte de vísceras em guerrilha orgânica, mas uma orquestração reinventada a partir da função K., como identificam Deleuze e Guattari,¹¹⁸² que Kafka constrói e que só postumamente (D.K.) tem seu lugar maior na cultura, mesmo fazendo “literatura menor”. A força de impacto da obra é uma direção praticada e manifesta em Kafka, é mesmo uma orientação performática que ele injeta na obra. Em conversa com Janouch passeando pela cidade velha de Praga, acontece o seguinte diálogo em torno de uma cena de “Os falsários” de Brod que atesta essa intenção: “Chegamos no momento da peça em que a entrada de uma mulher modifica toda a situação. Eu queria que nessa entrada no palco os outros personagens recuassem lentamente, mas Kafka pensava diferente.” Kafka então explica ao amigo poeta como via a direção da peça: “Eles devem todos recuar como se tivessem sido atingidos pelo raio”. Janouch replicou: “Seria teatral demais”. Kafka discorda:

— Mas é o que é preciso. O ator deve ser teatral. Seus sentimentos e suas manifestações devem ser maiores que os sentimentos do espectador e que suas manifestações, se se quer produzir neste o efeito procurado. Se o teatro deve agir sobre a vida, é preciso que ele seja mais forte, mais intenso que a vida diária. É a lei da gravidade. Quando se atira é preciso visar mais alto, acima do alvo.¹¹⁸³

¹¹⁸⁰ Vivèz, a partir de Poizat, em *L'opéra ou le cri de l'ange* (1986), que define o Lirismo como “o que é capaz de embaralhar toda a dinâmica do enunciado, e podendo por isso incidir sobre qualquer cadeia significativa: sonora, gestual ou gráfica. A voz é o que se localiza em um excesso desse enunciado.” VIVÈS. O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional, 69.

¹¹⁸¹ Entramos em relação com o meio, com o outro, por meio de órgãos que se destacam para fora do corpo. Assim como cada ser falante precisa saber o que fazer com o sexo, “para cada um se coloca a questão de encontrar a função do órgão-linguagem, o que fazer dele.” MILLER. A invenção psicótica, p. 10.

¹¹⁸² DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*: por uma literatura menor, p. 127.

¹¹⁸³ Kafka *apud* JANOUGH. *Conversas com Kafka*, p. 87.

A complexidade e a duplicidade fáustica¹¹⁸⁴ que tantas vezes se fazem presentes em Kafka incidem também nesse ponto do corpo/voz e dividem destinos. Se, de um lado, sua luta é do eterno filho para conseguir o reconhecimento, podendo chegar mesmo a cultivar em seu próprio corpo o brasão da ferida que porta a filiação, o alcance de sua arte ultrapassa de modo irredutível o almejado reconhecimento familiar e segue muito além do pai, com a força de um raio.¹¹⁸⁵ Sentindo que pouco herdou da linhagem dos Kafka com o alcance de uma voz que, como uma “folha de aço”¹¹⁸⁶ atravessa séculos, Kafka se divide: ele sacrifica seu corpo orgânico em nome do pai, mas lança sua voz *escrita* de corpo torturado, um corpo de intensidades que é ferida aberta ao despertar dos homens. Ao fim dos *Diários*, lemos que “O trabalho se fecha como uma ferida não sarada se pode fechar”.¹¹⁸⁷ Ora, sabemos que uma ferida não curada não pode se fechar. Então, nem o trabalho, nem a ferida se fecham. Por isso, como tudo em Kafka padece dessa dubiedade, o trabalho de sua escritura em vida como também um trabalho sobre ele não pode fazer emergir uma síntese bem cicatrizada. Se a doença faz “parada no processo”¹¹⁸⁸ de criação, como diz Deleuze, o processo, por sua vez, continua com a força de voz que Kafka imprime à letra. Ainda com Deleuze: “o que é crescimento para uma parte do corpo pode ser diminuição para outra parte, o que é servidão de um é potência de outro, e uma ascensão pode ser seguida de uma queda e inversamente.”¹¹⁸⁹ Emendamos com Kafka uma constatação: “O poeta é na verdade sempre menor e mais fraco que a média da sociedade. Por isso ele sente o peso da existência terrestre muito mais intensa e fortemente que os outros homens.”¹¹⁹⁰ Surpreendente foi Kafka, mesmo em constante padecimento, conseguir transmitir, com tanta força, a enrascada da existência humana. Uma carta/letra bomba que lança suas consonantais angulosas por todos os cantos e tempos, criando sucessores, mas também

¹¹⁸⁴ Deleuze e Guattari apontam uma duplicidade subjetiva que faz parte de uma atitude mais ampla e que surge em toda a obra/vida de Kafka: a ambígua duplicidade dos movimentos. É o noivo Raban que fica deitado no canapé coberto com uma manta, aparentando um “besouro em hibernação” e envia somente um “Corpo vestido” para a boda (Preparativos para uma boda no campo. In *Os contos*, V.2, p.25.); é o avanço e o recuo dos noivados muito explicitado e explicado na *Carta ao pai*; é a indecisão das viagens para um encontro presencial que surgem nas cartas de amor; em suma, é sempre o impasse, o “imbrincamento entre movimento e a paralisia” (KAMPFF LAGES. Os desdobramentos do duplo, p. 115).

¹¹⁸⁵ Na *Carta ao pai*, Kafka, contrariamente ao pai, um “verdadeiro Kafka na força, na saúde, no apetite, na potência da voz, no dom de falar, na autossatisfação, na superioridade diante do mundo, na perseverança, na presença de espírito, no conhecimento dos homens, em certa generosidade” (p. 23), Kafka se diz “um Löwy com um certo fundo Kafkiano (*Kafka'schen*) mas que por certo não é acionado pela vontade de viver, de fazer negócios e de conquistas Kafkianas, mas por um aguilhão löwyano, que atua de maneira mais secreta, mais tímida, em outra direção, e muitas vezes inclusive cessa de todo” (p. 22-23).

¹¹⁸⁶ “A escrita de Kafka é fina e flexível como uma folha de aço”. CARONE. *Franz Kafka – Essencial*, p. 17.

¹¹⁸⁷ KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), 08/05/1922, p. 573.

¹¹⁸⁸ DELEUZE. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*, p. 13.

¹¹⁸⁹ DELEUZE. Spinoza e as três “éticas”. In: *Crítica e clínica*, p. 158.

¹¹⁹⁰ Kafka *apud* JANOUC. *Conversas com Kafka*, p. 17.

precursores como comenta Borges,¹¹⁹¹ inclusive distintos entre si, o que diz da riqueza e alcance da obra, pois nem todo escritor “cria seus precursores” pelo simples fato de que os que não são lidos nem promovem esta investigação no tempo.

A marca K de Kafka é também redução do nome do pai excessivo à efetividade de uma letra minimal, fundação inicial, mas que é sempre e ainda consequência.¹¹⁹² Kafka conquista com sua letra K um outro “brasão” forjado não como ferida, mas como estilete. Nessa sustentação operada por meio da função K, “quase um ideograma”¹¹⁹³ e pela escritura que ela urde, a letra K, ou melhor, “A função K”, presente em toda obra de Kafka, funciona como agenciamento e assinatura: uma letra função do que lhe é próprio (uma letra *Sinthoma*?),¹¹⁹⁴ de uma autoridade, uma marca impressiva, conquistada pela letra K em suas incisões literais e em suas metamorfoses. Essa voz que canta a letra, como diz Barthes contornando o “grão da voz”, “transporta *diretamente* o simbólico, por cima do inteligível, do expressivo: aí está lançado diante de nós, como um pacote, o Pai, a sua estatura fálica. O ‘grão’ seria isso: a materialidade do corpo falando a sua língua maternal: talvez a letra; quase seguramente a significância.”¹¹⁹⁵

Quase sempre vemos Kafka decepcionado pela transmissão precária que alcança a operação metafórica, “As metáforas (*Metaphern*) são uma das muitas coisas que me exasperam na escrita. A falta de autonomia da escrita (*Unselbständigkeit des Schreibens*) [...] só a escrita é desamparada, (*nur das Schreiben ist hilflos*) não vive em si mesma, é brincadeira e desespero. (*Spaß und Verzweiflung*).”¹¹⁹⁶ O que lemos aí e em outros momentos não é uma recusa da metáfora, nem abstinência de seu uso, mas uma insatisfação com a sua dependência associativa da cadeia significante, suas substituições e deslocamentos. “Ou seja, não é sobre a metáfora em si que o escritor se interessa, mas sobre o efeito artístico (e de conhecimento) que faz dela aquilo que é.”¹¹⁹⁷ Como n’A *Colônia penal* é preciso sentir a escrita “na própria pele” e assim Kafka vai além da metáfora em seu efeito de transmissão. Talvez por que sua *excrita* não se enquadra nas “Belas Letras” ou nas “Belas Artes”, podemos dizer que a arte de Kafka é uma sublimação

¹¹⁹¹ “O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, assim como há de modificar o futuro. Nessa correlação, não importa a identidade ou a pluralidade dos homens.” BORGES. Kafka e seus precursores. In: *Outras inquisições*, p. 78.

¹¹⁹² ...assim como a linguagem, “precisamente por eu dizer que esta é habitada por quem fala.” LACAN. Lição sobre lituraterra. In: *O seminário, Livro 18* – De um discurso que não fosse do semblante, p. 111.

¹¹⁹³ “Para literatos da cultura ocidental na metade do século XX, a letra maiúscula K é quase um ideograma, invocando a presença de Kafka, ou de seu duplo epônimo.” STEINER. *After Babel: Aspects of Language and Translation*, p. 179.

¹¹⁹⁴ Como cunha Jacques Lacan em seu *Livro 23, O Seminário: O sinthoma*.

¹¹⁹⁵ BARTHES. O grão da voz. In: *O óbvio e o obtuso*, p. 219.

¹¹⁹⁶ KAFKA. *Diários* – Diários de viagem (Relógio D’Água), 06/12/1921, p. 544.

¹¹⁹⁷ “Na realidade, nunca pôde prescindir dela (da metáfora). Primeiro porque a metáfora é vista não como um adorno da linguagem, mas como um elemento constitutivo dela (Ernst Cassirer). Ninguém fala ou escreve senão empregando metáforas.” CARONE. *Franz Kafka – Essencial*, p. 16-17.

que, diferente da limitação apontada por Freud, convulsiona o corpo: é uma letra/carta que carrega o objeto voz em sua materialidade visceral.¹¹⁹⁸ É possível sentir o efeito de sua letra ferindo como esses livros que ele mesmo prescrevia: leituras que são como uma punhalada no corpo. A função K agencia uma transmissão que dá passagem a algo do real: “O próprio Kafka queria que sua literatura *fizesse doer* como um estilete fincado no corpo.”¹¹⁹⁹ A metamorfose aqui não acontece apenas por meio da literalidade alusiva de sua escrita que prescinde quase sempre do “como se”, mas ocorre na própria letra tornada faca afiada, de uma voz que atravessa o corpo.

Uma prática da crueldade segundo Artaud? A ferida herdada, a ferida da doença, a ferida da guerra, da violência, a ferida do sexo, a ferida incurável do homem, tema tão recorrente em Kafka, em sua prática da letra, é devolvida ao mundo. Como diz Robert descanalizando, assim como Kundera, qualquer imagem santificada de Kafka, ele

sabia o que a maioria de seus intérpretes querem passar por alto, seja porque em sua obra vêm sobretudo a violência do masoquismo, seja porque sistematicamente adoçam seu pensamento. Por sua parte, ele não se equivoca; certo dia, considerando o caráter destrutivo de sua arte, escreve: “As vezes em seu orgulho, teme mais pelo mundo que por si mesmo.”¹²⁰⁰

Relembrando Barthes: “Que corpo? Temos vários”. A doença sacrifica em Kafka seu pulmão e boa parte dos órgãos do aparelho fonador, mas o desejo forja, ao mesmo tempo, um outro corpo; um corpo artístico e guerreiro; Kafka e seu exército têm mais de uma arma: a culpa, a vergonha, o medo, a tortura, a ferida, a solidão, o amor, o riso, a escrita, a letra/carta e a voz. São estes instrumentos-grãos que lhe vão sobreviver e que constroem o *corpus* kafkiano. (O *corpus*: uma bela ideia! Sob a condição que se leia no *corpus* o corpo.)¹²⁰¹

Kafka, sem nenhum pendor para a música, é compositor de uma estranha sonoridade, de um corpo orquestrado e composto de tanta intensidade, de tanto poder de *excrição*, que chega a inventar mesmo, mais além de um estilo, uma realidade: a kafkiana. Kafka, buscando sustentar-se, inventou uma realidade que se sustenta na experiência humana. Aquela que torna impossível a mais possível banalidade e que pode também tornar corriqueiro aquilo que é o mais improvável, ou o horror mais escabroso. A voz kafkiana chega mesmo àqueles que nunca o leram ou ouviram. Todos sabem o que quer dizer o kafkiano, essa voz de um desespero, de

¹¹⁹⁸ “a sublimação não exclui a verdade do gozo” LACAN. O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*, p.377.

¹¹⁹⁹ CARONE. *Franz Kafka – Essencial*, p. 17, grifos no original.

¹²⁰⁰ Kafka *apud* ROBERT. *Franz Kafka o La soledad*, p. 66. Ver também KAFKA. *Diários – Diários de viagem* (Relógio D’Água), 13/01/1920, p. 527.

¹²⁰¹ BARTHES. *Roland Barthes por roland Barthes*, p. 171.

um desejo, de um sem fim, vinda de um lugar absolutamente singular. A função dessa nomeação transmite a coisa “K” mesmo a quem não sabe de onde isso vem, nem o quê, ou quem é. Poucas vezes a força do próprio de um nome teve tanto alcance, ultrapassando inclusive, e muito além, não somente o próprio Franz, mas ainda o campo literário. Do mesmo modo, ou ao modo dos grandes, não é preciso ler ou conhecer Freud para saber da realidade do inconsciente.

Curiosamente, a invenção kafkiana não passa pela transformação formal e idiomática das palavras, como acontece, por exemplo, em Joyce e também em Guimarães Rosa. Sobre o uso da língua alemã em Kafka, comenta Robert que se nota em nosso autor uma

Ausência total de neologismos e de formações verbais originais [...] ao passo que a criação de novas palavras é quase automática em alemão e que todos os escritores modernos recorrem a isso, Kafka não se serve senão de vocábulos já existentes. Vai buscar os seus materiais ao fundo menos pitoresco e menos diferenciado da língua.¹²⁰²

Diz-nos Backes que ele reduz a riqueza da língua alemã a 300 palavras.¹²⁰³ Mas Kafka, nem por isso, se conforma a padrões; faz sua arte não inventando nomes novos, nem criando uma nova linguagem, mas explorando ambiguidades e mudando os nomes das coisas, “batizando-as com nomes antigos, com nomes desocupados, usados, sujos pelo uso e pelos preconceitos e que, ao deslocarem-se, reencontram pelo menos uma parte de sua verdade primeira.”¹²⁰⁴ Ou seja, emprestando novos usos a velhas palavras, ou tomando uma palavra “para outro uso que aquele para o qual ela foi feita”, à maneira de um chiste, ou de uma arte poética. Outro traço marcante na escrita de Kafka é a transfinitização das frases na narrativa – como percebeu Borges, comparando este traço de Kafka com o paradoxo de Zenão –, o que deixa a leitura tão sufocante como em Proust, apesar de suas diferenças: entre uma frase e outra, sempre cabe uma outra frase subordinada e entre as frases, cabe um aposto, e o aposto introduz uma nova subordinação ...ao infinito e, de repente, o infinito revela-se na concisão de um apólogo oriental. Kafka, o judeu tcheco que fala alemão, de francês, passa a chinês. Kafka é multifacetado. Mas eis o testemunho de um sucessor colombiano: “Foi Kafka quem me fez compreender que se podia escrever de outra maneira”.¹²⁰⁵ Comenta Kundera:

¹²⁰² ROBERT. *Franz Kafka*, nota 02, p. 128.

¹²⁰³ BACKES. Posfácio. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 287.

¹²⁰⁴ ROBERT. *Franz Kafka*, p. 129. Encontramos disso um exemplo interessante no uso do termo *Ungeziefer*, presente n’*A metamorfose* e frequente em Kafka: “Os tradutores geralmente traduzem a palavra *Ungeziefer* como ‘inseto’, ou ‘inseto monstruoso’; no alemão usado no meio coloquial de Kafka, entretanto, *Ungeziefer* significava literalmente ‘um animal insuficientemente limpo para o sacrifício’ (Corngold, Stanley -1973) no alemão moderno significa ‘verme’, ‘inseto’. Às vezes é usado coloquialmente como ‘bicho’.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Kafka>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹²⁰⁵ Garcia Marques *apud* KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 47.

Em outras palavras isso significava: atravessando a barreira do verossímil. Não para evadir-se do mundo real (à maneira dos românticos), mas para melhor apreendê-lo. [...] Como ser rigoroso na análise do mundo e ao mesmo tempo ser irresponsavelmente livre em seus sonhos lúdicos? Como unir esses dois extremos incompatíveis? Kafka soube resolver esse imenso enigma. Abriu uma brecha no muro do verossímil; a brecha pela qual muitos o seguiram, cada um a seu modo: Fellini, Márquez, Fuentes, Rudshdie. E outros, e outros.¹²⁰⁶

g) O corpo da voz *excrita* – Devir K no infinito

Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem.¹²⁰⁷

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.¹²⁰⁸

Para além da estrutura que o alicerça, o escritor é aquele que faz da linguagem seu órgão mais potente. O corpo de Kafka continua a se fazer na infinitude de sua transmissão, não mais um corpo próprio ao eu, pessoal, mas “uma singularidade no mais alto grau”,¹²⁰⁹ o corpo autor, aquele que é literatura e agulhão no horizonte aberto da destinação. “É necessário portanto escrever, a partir desse corpo que nós não temos, e que também não somos: mas onde o ser é *excrito*”.¹²¹⁰ Talvez por isso possa Backes dizer: “O que Kafka escreve é ele mesmo, o ser em si. Sua literatura é seu ‘eu’ feito letra; seu estilo é marcante, embora uma de suas maiores características seja a impessoalidade”,¹²¹¹ na *secura* e no uso da terceira pessoa. O que nos faz também afirmar que “O herói de Kafka é sempre o mesmo”, e mesmo quando se distancia a partir do neutro “Ele”, “‘Ele’ é sempre Kafka”.¹²¹²

Em certo momento, testemunhando a passagem metamórfica de psicanalisante a psicanalista, Lacan diz que, dessa experiência, que sempre tem consequências, o que temos por vezes são efeitos inesperados: “Esses efeitos são talvez estragos [danos] (*dégâts*)— afinal porque não? Todos sabem que tal como somos feitos, nós, da espécie humana, estragos é o que pode nos acontecer de melhor.”¹²¹³ Kafka, em sua escrita atormentada, errante e de uma lucidez

¹²⁰⁶ KUNDERA. A sombra castradora do santo Garta. In: *Os testamentos traídos*, p. 47.

¹²⁰⁷ LACAN. *O Seminário – Livro 3*, As psicoses, p. 284.

¹²⁰⁸ DELEUZE. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*, p. 11.

¹²⁰⁹ DELEUZE. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*, p. 13.

¹²¹⁰ NANCY. *Corpus*, p. 20.

¹²¹¹ BACKES. Prefácio. In: KAFKA. *Metamorfose*, p. 09.

¹²¹² BACKES. Posfácio. In: *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, p. 304.

¹²¹³ LACAN. Sobre a experiência do passe, p. 59. “tels que nous sommes foutus, nous autres de l’espèce humaine, les dégâts c’est ce qui peut nous arriver de mieux.” In *Intervention dans la séance de travail – LACAN. Sur la*

implacável, destinará seus estragos por meio da função K. Vivendo entre duas grandes guerras, ele percebe que não traz boas novas. Em um aforismo da série “Ele”, já parcialmente citado, lemos sua apreensão, com Robert, de portar um estrago em terceira pessoa:

Tudo o que ele faz parece-lhe, em verdade, extraordinariamente novo, mas sendo de tal ordem a enxurrada de coisas novas, também extraordinariamente amadorístico e bem pouco tolerável, incapaz de marcar a história, de abreviar a sequência das gerações, de pela primeira vez cortar fundo no âmagô da harmonia do mundo que, antes dele, podia ser pelo menos imaginada. Em sua arrogância, ele às vezes se sente mais ansioso quanto ao mundo do que quanto a si próprio.¹²¹⁴

E estamos aí ainda entre livros “machados”, lidando com as consequências de ter nascido não um certo Franz de filiação Kafka, F.K., mas de nos ter acontecido uma função K, f.(K), que em sua *excrição* insiste em fazer corpo e descendência, semeando grãos continuamente – um feliz estrago na alienação do mundo, revelando a monstruosidade do animal racional.

“Escrever é conjurar os espíritos, é talvez libertá-los contra nós, mas esse perigo pertence à própria essência do poder que liberta.”¹²¹⁵

Seguindo os caminhos de uma carta/letra K, chegamos até este ponto com a forte suspeita de que esta escritura parece ser um *sinthoma* assintótico, se enodando no infinito e que não cessará de se fazer ouvir. Buscamos, acompanhando um corpo em sua precariedade, a se construir e sempre a se escrever, rastrear um pouco o poder impressivo da literalidade de sua assinatura, voz letrada em sua chegada sem fim no campo e no corpo do outro.

passé. 03/11/1973. Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1973-11-03b.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹²¹⁴ KAFKA. Ele (anotações de 1920). In: *Contos, Fábulas e Aforismo*, p. 78. Ver também KAFKA. *Diários – Diários de viagem (Relógio D’Água)*, 13/01/1920, p. 526-527.

¹²¹⁵ BLANCHOT. Kafka e a exigência da obra. In: *O espaço literário*, p. 68.

REFERÊNCIAS

Referências dos textos de Kafka

KAFKA PROJECT. Disponível em: <<http://www.kafkaproject.com/pdf/Found-%20A%20Clue%20to%20Missing%20Treasure.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

KAFKA, Franz. A metamorfose. In: *Kafka essencial*. Tradução, seleção e comentários Modesto Carone. São Paulo: Penguin – Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. *A metamorfose/O veredicto*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução Dric Sada. Porto Alegre: L&PM Pocket Mangá, 2015.

KAFKA, Franz. *América*. Tradução Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*. Tradução Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

KAFKA, Franz. *Briefe an Felice*. Disponível em: <<http://www.odaha.com/sites/default/files/BriefeAnFelice.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Briefe an Milena*. Disponível em: <<http://www.odaha.com/sites/default/files/BriefeAnMilena.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Briefe an Ottla und die Familie*. Disponível em: <<http://www.odaha.com/sites/default/files/BriefeAnOttlaUndDieFamilie.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Briefe 1902-1924*. Disponível em: <<http://www.odaha.com/sites/default/files/Breife1902-1924.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Briefe an Felice Bauer: und andere Korrespondenzen aus der Verlobungszeit*. Fischer Klassik Plus. German Edition. FISCHER E-Books. Edição do Kindle.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai (1919)*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2004.

KAFKA, Franz. *Cartas a Felice I: (1912)*. Tradução Pabblo Zorozábal Serrano. Madrid: Alianza, 1978.

KAFKA, Franz. *Cartas a Felice II*: (1913). Tradução Pabblo Zorozábal Serrano. Madrid: Alianza, 1977.

KAFKA, Franz. *Cartas a Felice III*: (1914-1917). Tradução Pabblo Zorozábal Serrano. Madrid: Alianza, 1979.

KAFKA, Franz. *Cartas a Felice*. Tradução Robson Soares de Medeiros. Rio de Janeiro: Anima, 1985. v. 1.

KAFKA, Franz. *Cartas a Milena*. Tradução do alemão, introdução e notas Carmen Gauger. Madrid: Alianza, 2015.

KAFKA, Franz. *Cartas a Milena*. Tradução J. R. Wilcock. Madrid: Emecé; Alianza, 1981.

KAFKA, Franz. *Cartas a Milena*. Tradução Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. *Cartas a sus padres*. Traducción Susana Mayer. Buenos Aires: Imago Mundi, 1991.

KAFKA, Franz. *Cartas aos meus amigos*. Tradução Osvaldo da Purificação. São Paulo: Nova Época, [s.d.].

KAFKA, Franz. *Contemplação e o fogueira*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KAFKA, Franz. *Contos, fábulas e aforismos*. Tradução Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KAFKA, Franz. *Correspondance 1902-1924*. Tradução Marthe Robert. Paris: Gallimard, 1965.

KAFKA, Franz. *Der Prozess*. Disponível em: <http://www.digbib.org/Franz_Kafka_1883/Der_Prozess_.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

KAFKA, Franz. *Diários de viagem*. Tradução Marcelo Rouanet. São Paulo: Atalanta, 1998.

KAFKA, Franz. *Diários – Diários de viagem*. Tradução Izabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução Maria Adélia Silva Melo. Algés, Portugal: Difel, 2002.

KAFKA, Franz. *Diários*. Tradução Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

KAFKA, Franz. *Diarios*: (1910-1923). Tradução J. R. Wilcock. Buenos Aires: Emecé, 1953.

- KAFKA, Franz. *Dibujos*. Traducción Fruela Fernandez. Madrid: Sexto piso, 2011.
- KAFKA, Franz. Fragmentos de cuadernos y hojas soltas. In: *Carta al padre y otros escritos*. Tradução Carmen Gauger. Madrid: Alianza El libro de Bolsillo, 1999.
- KAFKA, Franz. *Diarios & Carta al padre*. Tradução Andrés Sánchez Pascual. Editor Digital: Trivillus, 1982.
- KAFKA, Franz. *Franz Kafka: obras completas*. Disponível em: <<http://www.todoebook.net/ebooks/CuentosUniversales/Franz%20Kafka%20-%20Obras%20Completas%20-%20v1.0.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- KAFKA, Franz. *Journal*. Tradução Marthe Robert. France: Grasset, 1954.
- KAFKA, Franz. *La transformación y otros relatos*. Tradución Ángeles Camargo y Bernd Kretschmar. Madrid: Cátedra, 2011.
- KAFKA, Franz. *Letters to friends, family and editors*. Tradução Richard e Clara Winston. New York: Schocken Books, 1977.
- KAFKA, Franz. *Lettres à Felice*. Tradução Marthe Robert. França: Gallimard, 1972. v. I (1912-1913), v. II (1913-1917).
- KAFKA, Franz. *Lettres à Milena*. Tradução Alexandre Vialatte. France: Gallimard, 1988.
- KAFKA, Franz. *Lettres à Otilia et à la famille*. Tradução Marthe Robert. Paris: Gallimard, 1978.
- KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio: (1914-1924)*. Tradução M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KAFKA, Franz. *O covil*. Tradução João Gaspar Simões. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- KAFKA, Franz. *O desaparecido ou Amerika*. Tradução notas e posfácio de Susana Kampff Lages. São Paulo: 34, 2003.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução e posfácio Modesto Carone. Rio de Janeiro: O globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- KAFKA, Franz. *O veredicto*. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001.

KAFKA, Franz. *O veredicto/Na colônia penal*. Tradução M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAFKA, Franz. *Os contos*: 1º volume. Textos publicados em vida do autor. Organização de José Maria Vieira Mendes. Tradução Álvaro Gonçalves; José Maria Vieira Mendes; Manuel Rezende. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

KAFKA, Franz. *Os contos*: 2º volume. Textos não publicados em vida do autor. Organização de Álvaro Gonçalves. Tradução Álvaro Gonçalves; José Maria Vieira Mendes; Manuel Rezende; Tereza Seruya. Porto: Assírio & Alvim, 2012.

KAFKA, Franz. *Sonhos*. Tradução Ricardo F. Henrique. São Paulo: Iluminuras, 2003.

KAFKA, Franz. *Tagebücher: 1910-1923*. Projekt Gutenberg-DE: Spiegel on line Kultur. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/162/1>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome seguido de Na colônia penal & outras histórias*. Tradução Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome/A construção*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAFKA, Franz. *Um médico rural* (1920). Tradução M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KAFKA, Franz. O afogamento do homem gordo (1907/8). In: _____. *Descrição de uma luta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Outras referências sobre Kafka e suplementares

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka (1953). In: ADORNO, Theodor. In: *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução A. Wernet e J. de Almeida. São Paulo: Ática, 1998. p. 239-270.

ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra*. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1969.

ANDRADE, Carlos Dummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v. único.

ANDRADE, Vania Maria Baeta (Org.). *Novo Dicionário de Migalhas da Psicanálise literária*. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2016.
Disponível:<http://issuu.com/novodicionariodemigalhasdapsicanali/docs/novodicionario_psicanalise>. Acesso em: 24 fev. 2018.

ANTUNES, Arnaldo. O corpo. Trilha do Balé O corpo, *Momento VIII*, 1999. Disponível em: <www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=93>. Acesso em: 24 fev. 2018

BARBOSA, Manuela. *Dichterliebe: A poética de Kafka nas Cartas a Milena*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura/ Poéticas da Modernidade. Faculdade de Letras (Fale) da UFMG, 2008.

BARTHES, Roland. *A Câmara clara*. Tradução Manuela Torres. Lisboa: 70, 1981.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BARTHES, Roland. *O Óbvio e o obtuso*. Tradução Isabel Pascoal. Lisboa: 70, 1984.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução Maria de Santa Cruz. Lisboa: 70, 1979.

BAUMANN, Zigmunt. *Modernidad y ambivalencia*. (1991). Tradução Henrique e Maya Aquiluz Ibarгүйen. Barcelona: Anthropos, 2005.

BAUMANN, Zygmunt. *Modernidad y ambivalência*. Trad. de M. Aguiluz. Barcelona: Anthropos, 2005.

BELÉM, Euler de França. Robert Walser: o escritor suíço que fez a cabeça de Kafka. *Jornal Opção*, ed. 1981, 23-29 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/robert-walser-o-escritor-suico-que-fez-a-cabeca-de-kafka>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BENJAMIN, Walter. *Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, Maurice. *De Kafka a Kafka*. Tradução Jorge Ferreiro. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

BLANCHOT, Maurice. Kafka e a exigência da obra. In: _____. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORGES, Jorge L. Franz Kafka: A metamorfose (1938). In: BORGES, Jorge L. *Prólogos com um prólogo dos prólogos*. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

BORGES, Jorge Luis. *Kafka e seus precursores*. In: BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. (1952-1972). Vários tradutores. São Paulo: Ed. Globo, 2000. v. II, p. 96-98.

BROD, Max. *Franz Kafka*. Tradução Susana Schnitzer da Silva. Lisboa: Odisseia, [s.d.].

CALASSO, Roberto. K. Disponível em:

<La%20foto%20más%20bella%20pero%20más%20mutilada%20de%20Franz%20Kafka.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

CALASSO, Roberto. K. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMPOS, Haroldo. O Afreudisiáco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Lacan e a Escritura) (1990). In: CESAROTTO, Oscar (Org.). *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo – Ensaio sobre o absurdo (1942). *PDF: Le Livros*. Acesso em: 24 fev. 2018.

CANETTI, Elias. *O outro processo: as cartas à Felice*. Tradução Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

CARONE, Modesto. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Tradução Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

CORTÁZAR. Entrevista realizada por Joaquin Soler Solano, Programa da televisão Espanhola *A fondo*, 20 mar. 1977, 0:40:32min. Disponível em: <<http://www.rtve.es/alacarta/videos/a-fondo/entrevista-julio-cortazar-programa-fondo/1051583/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução e prefácio de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34. 2010 [1972].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995. v. I.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos* (1977). Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DESMARQUEST, Daniel. *Kafka et les jeunes filles*. Paris: Pygmalion, 2002.

DIAMANT, Dora. Minha vida com Franz Kafka: parte I. Tradução de Francisco Merçon. *A Palavra*, Alegre, ES, n. 170, set. 2011. (Coluna Pensar por Escrito, p. 14). Disponível em: <<http://pensarpoescrito.tumblr.com/post/11672686294>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

DIAMANT, Dora. Minha vida com Franz Kafka: parte II. Tradução Francisco Merçon. *A Palavra*, Alegre – ES, n. 171, out. 2011. (Coluna Pensar por escrito, p. 14). Disponível em: <<http://pensarpoescrito.tumblr.com/post/12605838536>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

DIAMANT, Dora. Minha vida com Franz Kafka: parte III. Tradução de Francisco Merçon. *A Palavra*, Alegre, ES, n. 172, nov. 2011. (Coluna Pensar por Escrito, p. 14). Disponível em: <<http://pensarpoescrito.tumblr.com/post/14212743105>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

DIAMANT, Kathi. *O último amor de Kafka*. Tradução Eduardo Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2013.

DURAS, Marguerite. *A vida material*. Tradução Heloísa Jahan. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUTTLINGER, Carolin. *Kafka and Photography*. Oxford: Oxford University, 2007.

FABRA, Jordi Sierra. *Kafka e a boneca viajante*. Ilustrações de Pep Montsserat. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FARIA, Renato Oliveira de. “Assalto contra o limite”: forma danificada e história em Franz Kafka. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2011.

FELISATI, D.; SPERATI, G. Franz Kafka (1983-1924). *ACTA otorhinolaringológica Italica*, Roma, v. 25, 2005. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2639911/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si (1983). In: *Ditos e escritos V – Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos Manoel B. da Motta. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária LTDA, 2004.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir – Nascimento da prisão* (1975). Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895[1950]). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob Direção Geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. I.

FREUD, Sigmund. *Rascunho G* (1895). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.I.

FREUD, Sigmund. Tratamento psíquico (ou anímico) (1905), In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.

FREUD, Sigmund. Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses (1906). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago., 1974. v. XIV.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1915). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.

FREUD, Sigmund. Parapraxias. *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1915-1916). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XV.

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia (1922 [23]). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.

FREUD, Sigmund. O Ego e o id (1923). [*Das Ich und das Es*]. Disponível em: <<http://www.psychanalyse.lu/Freud/FreudIchEs.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

FREUD, Sigmund. O ego e o ID (1923). FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. XIX.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do Masoquismo (1924). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIX.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e ansiedade (1926). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XX.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.

FREUD. Conferência XXXII Ansiedade e vida pulsional (1933). *Novas conferências introdutórias*, In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. XXXIII.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1938). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. XXXIII.

FREUD, Sigmund. *Cartas de amor*. México: Coyoacán S.A, 1995.

FREUD, Sigmund. *Correspondência de amor e Outras cartas 1873-1939*. Tradução do inglês Agenor dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GIDE; BARRAULT. *O processo*. Peça adaptada do romance de Kafka. Tradução José Estêvão Sasportes. Lisboa: Presença, 1962.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. (1774). Edição comentada e traduzida por Marcelo Backes. Lelivros, L&PM Pocket. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/Johann-Wolfgang-von-Goethe-Os-Sofrimentos-do-Jovem-Werther.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.

GUATIMOSIM, Bárbara M^a Brandão. *Kafka e a escrita destinada ao pai: de uma Carta à letra*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GUATIMOSIM, Bárbara M^a Brandão. Kafka y la salida por la enfermedad. In *Nadie Duerma, Mártires del inconsciente – Revista del Foro Analítico del Rio de La plata*, n. 3, 2014.

Disponível em: <<http://nadeduerma.com.ar/2014/numero/3/m-rtires-del-inconsciente>>.
Acesso em: 24 fev. 2018.

GUIR, Jean. *A psicossomática na clínica lacaniana*. Tradução e apresentação de Cristina Rollo de Abreu. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'Épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.

HAWES, James. *Excavating Kafka*. London: Quercus, 2008.

HELLER, Erich. *Kafka*. Tradução James Amado. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1974.

HOURDEBINE. À propôs des lettres dublinoise. In: *Lettres d'Amour*. Paris: Textuel, Paris 7, 1992.

JANOUGH, Gustav. *Conversas com Kafka: (1968)*. Tradução Celina Luz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

JOYCE, James. *Cartas a Nora*. Tradução Mary Pedrosa. São Paulo: Massao Ohno, 1988.

JOYCE, James. *Cartas de amor a Nora Barnacle*. Traducido por Felipe Rua Nova. El Aleph, 2000.

JULLIAN, Bénédicte. Traumatisme et passage a l'acte. In: *Deux notes sur le traumatisme*. Disponível em: <<http://www.causefreudienne.net/deux-notes-sur-le-traumatisme/>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

KAMPPFF LAGES, Susana. Desdobramentos do duplo em Kafka. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-122, 2006.

KOCH, Hans-Gerd (Org.). *Cuando Kafka vino hacia mí...* Tadução de Berta Vias Mahou. Barcelona: Acantilado Quaderns Crema, S.A.U., 2009.

KONDER, Leandro. *Kafka vida e obra*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1966.

KRISTEVA, Julia. *Sol Negro – Depressão e Melancolia*. Tradução Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

KUNDERA, Milan. *Os testamentos traídos*. Tradução Teresa Bulhões C. da Fonseca e Maria Luiza N. Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LACAN, Jacques, *Intervenciones y Textos 2*. Tradução Diana Rabinovich. Buenos Aires: Manantial, 1888.

LACAN, Jacques. A juventude de Gide ou a Letra e o desejo (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Conferencias e charlas em universidades norte-americanas*. 1975. Disponível em:

<<https://www.lacanterafreudiana.com.ar/2.5.1.26%20%20%20%20CONFERENCIAS%20Y%20CHARLAS%20EN%20UNIVERSIDADES%20NORTEAMERICANAS,%201975.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

LACAN, Jacques. *Livro 1, O seminário – Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LACAN, Jacques. *Livro 2, O seminário– O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Tradução M. Christine Laznik. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Livro 3, O seminário – As psicoses (1955-1956)*. Tradução Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *Livro, 5 O seminário, – As formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *Livro 6, O seminário – O desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Tradução de Cláudia Berlinder. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. *Livro 7, O seminário, -A ética da psicanálise (1959-1960)*. Tradução A. Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *Livro 10, O seminário – A angústia (1962-1963)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *Livro 11, O seminário – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Versão de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *Livre XI, Le seminaire – Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964)*. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Livro 15, O ato psicanalítico*. (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. *Livro 18, O seminário – De um discurso que não fosse do semblante*. (1971). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. *Livro 19, O seminário – ...Ou pior (1971-1972)*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *Livro 20, O seminário – Mais, ainda*. Tradução e versão MD Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LACAN, Jacques. Conferência de Bruxelas sobre a histeria (1977). Disponível em: <<https://www.lacanerafreudiana.com.ar/2.5.1.32%20%20%20%20PALABRAS%20SOBRE%20LA%20HISTERIA,%201977.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

LACAN, Jacques. *Livro 21, O seminário – Le non-dupes errant*. (1973-1974) Inédito.

LACAN, Jaques. O lugar da psicanálise na medicina. Tradução Marcus Vieira. *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 32, p. 8-14, 2001.

LACAN, Jacques. *Livro 23, O seminário – O sinthoma* (1975-1976). Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *Livro 24, O seminário – L'insu que sait de l'une bévue s' aile à Mourre*. (1976-1977) Inédito.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico - resumo do seminário de 1967-1968. In *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. Sobre a experiência do passe (09/11/1973). *Revista Letra Freudiana*, Rio de Janeiro (circulação interna), ano XIV, n. 0, 1995.

LACAN, Jacques. Sur la passe. In *Intervention dans la séance de travail*. 03 nov. 1973. Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1973-11-03b.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

LE MANCHEC, Claude. Kafka epistoler. In: KAFKA, Franz. *En tout, je n'ai pás fait mes preuves*. Paris: l'éclat, 2012.

LEMAIRE, Gérard-Georges. *Kafka: biografia*. Tradução Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LLANSOL. *Um falcão no punho – Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LLANSOL, Maria Gabriela. Um texto que é um rio.... Entrevista com Graça Vasconcelos, 18 fev. 1977. In: _____. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Na margem do desaparecimento*. In: _____. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

LÖWY, Michael. *Sonhador insubmisso*. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

MANDELBAUM, Enrique. Das possibilidades de desaparecer na Amerika. *Revista USP*, São Paulo, n. 63, p. 241-248, set./nov. 2004.

MANN, T. Em homenagem ao poeta. In: MANN, T. *Travessia Marítima com Dom Quixote: ensaios sobre homens e artistas*. Tradução Kristina Michakkes e Samuel Titan. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

MILLER, J.-A. A invenção psicótica. Tradução Inês Autran-Dourado Barbosa. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 36, 2003.

MOREL, J.-P.; ASHOLT, W. *Franz Kafka – Colloque de Cerisy – Cahier de l’Herne*, 108. Paris: l’Herne, 2014.

NANCY, Jean-Luc. 58 indícios sobre o corpo. Tradução Sérgio Alcides. *Rev. UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 42-57, jan./dez. 2012.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Tradução Tomás Maia. Lisboa: Vega, Limitada, 2000.

NASIO, J.-D. *Psicossomática – As formações do objeto a*. Tradução Felipe Leclerq. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PAWEL, Ernest. *O pesadelo da razão: uma biografia de Franz Kafka*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PESSOA. Cancioneiro. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova aguilar S.A., 1977.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 1987.

PIGLIA. Uma narrativa sobre Kafka. In: _____. *O último leitor*. Tradução Heloisa Jhan. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIZARNIK, Alejandra. Entrevista a Alejandra Pizarnik por Marta Izabel Moia. In: *Prosa completa. Buenos Aires: Lumen*, 2003. p. 311/315.

PRADO, Adélia. Roda de conversa no Programa Roda Viva em 05/09/1994. In: *Memória Roda Viva*. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/716/entrevistados/adelia_prado_1994.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

QUIGNARD, Pascal. *Ódio à música*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RAUCHS. Kafka e les psychanalystes. In: *Franz Kafka – Colloque de Cerisy – Cahier de l’Herne*, 108. Paris: l’Herne, 2014.

ROBERT, Marthe. *Franz Kafka o la soledad*. Tradução Jorge ferreiro Santana. México: Fondo de Cultura Económico, 1993.

ROBERT, Marthe. *Franz Kafka*. Tradução José Manuel Simões. Lisboa: Presença, 1963.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SAMSON, Françoise. Carta ao pai. Tradução Analucia Teixeira Ribeiro. In: SAMSON, Françoise. *A prática da letra*. Rio de Janeiro: Publicação da Escola Letra Freudiana. Ano XIX, n. 26, 2000.

SANT’ANNA, Sérgio. O alegorista do absurdo. *Folhaonline*, Resenha, 14 set. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1409200201.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SCLIAR, Moacyr. *Território da emoção – Crônicas de medicina e saúde*. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. *Alea: Estudos Neolatinos*, 12, jul.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33019082002>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O último a sair apague a luz. Dossiê: Franz Kafka. *Revista Cult*, São Paulo, n. 194, p. 26-29, set. 2014.

SETTE, Flora Garcia. *Kafka, autor performático: análise de elementos da performance em três narrativas breves*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

SOLER, Colette. Sintoma, acontecimento de corpo. In: *Caderno de Stylus: O “Corpo Falante”*. Rio de Janeiro: EPFCL, 2010.

SOLLERS, Philippe. *Kafka tout seul, extrait de La Guerre du Goût*. France: Gallimard. Disponível em: <<http://www.philippesollers.net/kafka.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Tradução Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

STACH, Reiner. ¿Nos estan destinadas las cartas de Kafka?. Disponível em: <<http://www.revistadelibros.com/articulos/nos-estan-destinadas-las-cartas-de-kafka>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

STACH, Reiner. Kafka's sexual terrors were 'absolutely normal', says biographer. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/dec/05/kafkas-sexual-terrors-were-absolutely-normal-says-biographer>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

STACH, Reiner. *Kafka – The decisive Years*. Translated by Shelley Frisch. Orlando: Harcourt Inc., 2005.

STACH, Reiner. *Kafka – The early years*. Translated by Shelley Frisch. Princeton University, 2016.

STAROBINSKI, Le mystère du corp. In *Franz Kafka – Colloque de Cerisy – Cahier de l'Herne*, 108. Paris: l'Herne, 2014.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation* (1975). 3rd ed. New York: Oxford University, 1998.

THONIS, Luis. Prólogo. In: JOYCE, James. *Cartas de amor a Nora Barnacle*. Traducido por Felipe Rua Nova. El Aleph, 2000.

TROCOLI, Flavia. Kafka sem abrigo. In: PUCHEU, Alberto. *Kafka poeta*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

VIVÈS, Jean-Michel. O silêncio das sereias de Kafka: uma aproximação literária da voz como objeto pulsional. *O Marrare*, n. 11, p. 65-74, 2009. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero11/robson.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

VORCARO, Angela e LUCERO, Ariana. O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto a em Lacan. *Nat. hum.* [online]. 2015, vol.17, n.1, pp. 15-32. ISSN 1517-2430.

WAGENBACH, Klaus. *Catálogo da exposição Franz Kafka 1883-1924*. Berlim: Akademie der Künst, 1972.

WARTEL. Roger *et al.* *Psicossomática e psicanálise*. Tradução Luiz Forbes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WELLS, Albert N. *Pascal's Recovery of Man's Wholeness*. John Knox Press, 1965.

WIKIPEDIA. Rudolf Steiner. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Steiner>. Acesso em: 24 fev. 2018.

WINNICOTT, Donald. *O brincar & a realidade*. Tradução Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOLF, Virginia. *O sol e o peixe*. Seleção e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ZIZEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.